﻿The Project Gutenberg EBook of A Morgadinha dos Cannaviaes, by Júlio Dinis

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.net

Title: A Morgadinha dos Cannaviaes

Author: Júlio Dinis

Release Date: June 14, 2009 [EBook #29120]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK A MORGADINHA DOS CANNAVIAES \*\*\*

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was

produced from images generously made available by National

Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

\*Nota de editor:\* Devido à existência de erros tipográficos neste

texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em

caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original.

No final deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Jun. 2009)

BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

XXIII

ROMANCE

III

A MORGADINHA DOS CANNAVIAES

Vol. I

CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL

LARGO BORDALO PINHEIRO, 27 E 28

TELEPHONE 2337

JULIO DINIZ

A MORGADINHA DOS CANNAVIAES

(CHRONICA DA ALDEIA)

DECIMA-SETIMA EDIÇÃO

LISBOA

J. RODRIGUES & C.^a, EDITORES

186--Rua Aurea--188

\_1920\_

OBRAS DE JULIO DINIZ

A Morgadinha dos Cannaviaes

Os Fidalgos da Casa Mourisca

As Pupillas do Senhor Reitor

Uma Familia Ingleza

Ineditos e Esparsos

Poesias

Serões da Provincia

Agenda Julio Diniz (registo de anniversarios e lembranças)

\_Todos os direitos d'esta publicação estão reservados em conformidade

com a lei em Portugal e Brasil\_

J. Rodrigues & C.^a

A MORGADINHA DOS CANNAVIAES

I

Ao cair de uma tarde de dezembro, de sincero e genuino dezembro,

chuvoso, frio, açoutado do sul e sem contrafeitos sorrisos de primavera,

subiam dois viandantes a encosta de um monte por a estreita e sinuosa

vereda, que pretenciosamente gosava das honras de estrada, á falta de

competidora, em que melhor coubessem.

Era nos extremos do Minho e onde esta risonha e feracissima provincia

começa já a resentir-se, senão ainda nos valles e planuras, nos visos

dos outeiros pelo menos, da vizinhança de sua irmã, a alpestre e severa

Traz-os-Montes.

O sitio, n'aquelle ponto, tinha o aspecto solitario, melancolico, e,

n'essa tarde, quasi sinistro. D'alli a qualquer povoação importante, e

com nome em carta corographica, estendiam-se milhas de pouco

transitaveis caminhos. Vestigios de existencia humana raro se

encontravam. Só de longe em longe, a choça do pegureiro ou a cabana do

rachador, mas estas tão ermas e desamparadas, que mais entristeciam do

que a absoluta solidão.

Não se moviam em perfeita igualdade de condições os dois viandantes, que

dissemos.

Um, o mais moço e pela apparencia o de mais grada posição social, era

transportado n'um pouco esculptural, mas possante muar, de inquietas

orelhas, musculos de marmore e articulações fieis; o outro seguia a pé,

ao lado d'elle, competindo, nas grandes passadas que devoravam o

caminho, com a quadrupedante alimaria, cujos brios, além d'isso,

excitava por estimulos menos brandos do que os da simples e nobre

emulação.

Contra o que seria plausivel esperar d'este desigual processo de

transporte, dos dois o menos extenuado e impaciente com as longuras e

fadigas da jornada não se pode dizer que fôsse o cavalleiro.

A postura de abatimento que lhe tomára o corpo, o olhar melancolico,

fito nas orelhas do macho, a indifferença, a taciturnidade ou o

manifesto mau humor, que nem as bellezas e accidentes da paizagem

natural conseguiam já desvanecer, o obstinado silencio que apenas de

quando em quando interrompia com uma phrase curta mas energica, com uma

pergunta impaciente sobre o termo da jornada, contrastavam com a viveza

de gestos e desempenado jôgo de membros do pedestre, com a sua

torrencial verbosidade, a que não oppunha diques, e com as joviaes

cantigas e minuciosas informações a respeito de tudo, por meio das quaes

se encarregava de entreter e ao mesmo tempo instruir o seu sorumbatico

companheiro.

Explica-se bem esta differença, dizendo que o cavalleiro era um elegante

rapaz de Lisboa, que fazia então a sua primeira jornada, e o outro um

almocreve de profissão.

O leitor provavelmente ha de ter jornadeado alguma vez; sabe portanto

que o grato e quasi voluptuoso alvoroço, com que se concebe e planisa

qualquer projecto de viagem, assim como a suave recordação que d'ella

guardamos depois, são coisas de incomparavelmente muito maiores

delicias, do que as impressões experimentadas no proprio momento de nos

vermos errantes em plena estrada ou pernoitando nas estalagens, e

mórmente nas classicas estalagens das nossas provincias. As pequenas

impertinencias, em que se não pensa antes, que se esquecem depois, ou

que a saudade consegue até dourar e poetisar a seu modo; esses

microscopicos martyrios, que de longe não avultam, actuam-nos, na

occasião, a ponto de nos inhabilitar para o gôso do que é realmente

bello. A dureza do colchão, em que se dorme, do albardão ou selim sobre

que se monta, o tempêro ou destempêro do heteróclito cozinhado com que

se enche o estomago, a lama que nos encrusta até os cabellos, o pó que

se nos insinua até os pulmões, o frio que nos inteiriça os membros, o

sol que nos congestiona o cerebro, tudo então nos desafina o espirito,

que traziamos na tensão necessaria para vibrar perante as maravilhas da

natureza ou da arte.

Só pelo preço de muitas jornadas se compra o habito de ficar impassivel

no meio dos episodios d'estas pequenas odyssêas, que atormentam e

exhaurem o animo dos Ulysses novatos; mas ai, quando se adquire esse

habito, tambem nos achamos já com a sensibilidade mais embotada para as

commoções do bello.

Examina-se com mais minuciosidade, mas com menos enthusiasmo; analysa-se

mais e melhor; porém a propria analyse é a prova de que se sente menos.

Onde domina o sentimento e a imaginação, mal teem cabida a paciencia e

phleúgma, necessarias aos processos analyticos. O homem positivo e frio

recolhe de qualquer excursão á patria com a carteira cheia de

apontamentos; o enthusiasta e poeta nem uma data regista. Viu menos,

sentiu mais.

Mas Henrique de Souzellas--que era este o nome do cavalleiro--fôra

educado e passado da infancia á plena juventude, em Lisboa,

levantando-se por avançada manhã, frequentando o theatro, o Gremio, as

camaras, parolando no Chiado ou no Rocio, e indo alguns dias no anno a

Cintra, ou qualquer praia de banhos, desenfadar-se da monotonia da

capital.

Desde que fazia perfeito e consciente uso da razão, fôra esta jornada,

em que o encontramos, a primeira levada a effeito, e logo sob tão maus

auspicios, que era para suffocar-lhe á nascença os instinctos de

\_touriste\_, se porventura quizessem despertar n'elle.

Havia dois dias que cavalgava aquelle rocinante, unico vehiculo

accommodado aos caminhos por que passára. E então que dois dias!

D'aquelles, durante os quaes o céo, uniformemente pardo, parece

desfazer-se em agua, e a chuva cae sem interrupção e com uma teimosia e

constancia impacientadoras; d'aquelles em que a terra saciada rejeita já

a agua que recebe, a qual escorre nos declives, transborda dos algares,

e encharca-se nos terrenos baixos, transformando em brejos as lezirias;

em que as lufadas do sul vergam e torcem os ramos, melancolicamente

despidos, dos álamos e sobreiros, e emprestam aos pinheiraes a voz dos

mares; em que os campos se mostram desertos, a noite se anticipa, e tão

densas nuvens cobrem o firmamento, que parece tomar-nos a persuasão de

que nunca mais o veremos com as suas formosas vestes de azul.

Vejam se, n'estas circumstancias, o pobre rapaz podia deixar de ir

cabisbaixo, triste e dando ao diabo a viagem que commettera.

E para quê e por quê a commettera elle assim?

Em poucas palavras procuraremos satisfazer a natural interrogação, que é

de suppôr nos dirigissem os leitores, se podessem fazel-o.

Este Henrique de Souzellas attingira a idade dos vinte e sete annos,

vivendo, como dissémos, aquella enlanguescedora vida da capital, e

dividindo as attenções do espirito pela politica, pela litteratura e

pelos destinos do theatro de S. Carlos, do qual estava habilitado a

fazer circumstanciada chronica, que abrangesse os ultimos dez annos.

Não concebia vida fóra d'aquillo.

O mundo para elle era Lisboa. Não sentia desejos, nem imaginava

possibilidade de visitar a Europa, quanto mais a provincia; o que seria

maior façanha.

Não que lhe faltassem recursos para realisar qualquer projecto d'esta

natureza.

Henrique herdára dos paes rendimentos bastantes, dos quaes vivia

folgadamente e sem precisar de sacrificar nos altares da economia.

Mas a indolencia lisbonense manietava-o alli. A poucos ia tão direita a

apostrophe de Garrett aos seus «queridos alfacinhas», a qual se pode ler

no livro setimo das \_Viagens\_.

De certo tempo em deante começou, porém, a incommodal-o uma especie de

vácuo interior, um mal-estar, doença infallivel nos celibatarios sem

familia, quando chegam á idade a que chegou Henrique, e passam a vida

como elle.

Tudo lhe causava fastio. Bocejava em S. Carlos, bocejava nas camaras,

bocejava no Gremio, bocejava no Suisso, no Chiado e nos circulos dos

seus amigos, os quaes principiaram tambem a achal-o insupportavel de

insipidez; porque poucas coisas ha que mais perturbem o espirito, do que

o espectaculo d'um homem que boceja ou dorme, onde e quando os outros

forcejam por divertir-se.

O demonio da hypocondria, esse demonio negro e lugubre, implacavel

verdugo dos ociosos e egoistas, o qual havia muito o espiava,

apoderou-se d'elle em corpo e alma.

Ahi temos, desde esse instante, Henrique muito preoccupado com a sua

pessoa, imaginando-se victima de mil e uma molestias, as mais

disparatadas e incompativeis, suspeitando-se conjunctamente predestinado

para a apoplexia e para a phtisica, para o cancro e para a alienação,

para a cegueira e para as aneurismas, tremendo á leitura do obituario da

semana, folheando livros de medicina, construindo theorias

physiologicas, consultando todos os medicos da capital, experimentando

todo o arsenal pharmaceutico e todos os annuncios, em parangona, da

quarta pagina dos periodicos, e elevando as crenças do seu espirito

amedrontado até ás mysteriosas e nevoentas alturas do credo

homoepathico! Ao mesmo tempo manifestou-se n'elle uma progressiva

degeneração de gôsto; não podia ler uma pagina dos livros que lhe eram

predilectos; desfazia-se sem desgôsto de quadros, móveis, estatuas e

objectos curiosos que colleccionára com paixão; detestava a musica, o

theatro, n'uma palavra, tornára-se um dos maiores flagellos, que podem

pesar sobre a humanidade e que muito em especial causam o supplicio dos

medicos que os aturam.

Foram estes os que, em parte de boa fé, em parte com o desculpavel

intuito de sacudirem de si tal pesadelo, lhe deram um dia de conselho,

que fôsse viajar.

Henrique de Souzellas julgou ouvir uma heresia n'esta palavra: viajar.

Viajar? E as suas aneurismas? E as suas imminencias apopleticas? E as

suas disposições para tantas outras enfermidades? Pois um homem pode lá

viajar com esta bagagem pathologica?

E se lhe désse alguma coisa pelo caminho? Recusou com mau humor a

receita, e ficou na capital.

Exacerbaram-se os padecimentos, repetiram-se as consultas, e os medicos,

como se para isso apostados, a insistirem em que saisse de Lisboa.

--O senhor não tem nada--diziam alguns.

Henrique perdia a cabeça, ao ouvir isto.

Prolongou-se este estado de coisas, até que um dia o hypocondriaco rapaz

persuadiu-se muito sériamente de que estava chegada a sua hora extrema.

Um medico velho e grave, que por essa occasião o escutou, em vez de se

rir d'elle, disse-lhe, muito sisudo:

--Homem! O senhor está realmente mal. Esse estado de imaginação não pode

prolongar-se mais tempo, sem romper por ahi em alguma doença que o

sacrifique. Se quizer salvar-se, saia-me d'aqui, emquanto é tempo.

Quebre por todos os habitos, e escolha entre as fortes impressões de uma

grande capital, como Paris ou Londres, ou as mornas sensações de um

completo viver de aldeia. Os revulsivos e os emollientes curam por meios

oppostos ás vezes as mesmas molestias.

Ora succedeu que n'esse mesmo dia recebesse Henrique um presente de

fructa de uma sua tia, santa creatura que elle, desde creança, não

tornára a vêr.

Vivia regalada em uma aldeia sertaneja do Minho onde na idade de cinco

annos Henrique passára alguns mezes na companhia de sua mãe.

Aquelle presente frugal recordára-lhe esse tempo, já meio apagado na

memoria, e conseguira fazer-lhe saudades. D'ahi uns vagos desejos de

voltar a vêr aquelles sitios.

Por isso ao ouvir o conselho do doutor, Henrique nomeou-lhe a aldeia, em

que esta sua parenta vivia.

O velho facultativo applaudiu a ideia e instou para que fôsse abraçada.

O sobrinho escreveu então á tia, e, passados dias, punha-se a caminho.

Mil vezes se arrependeu, depois da resolução tomada; mil vezes mandou ao

diabo o conselho do medico e phantasiou horriveis exacerbações em todos

os seus males. Os inconvenientes de uma jornada, feita ainda segundo os

velhos processos, com malas, coldres e pistolas, botas de montar e

almocreve, ampliava-lh'os a proporções estupendas, o prisma da

hypocondria.

No momento em que nos associámos ao cavalleiro, caira elle n'um

desalento profundo, n'um quasi convencimento de proxima anniquilação, do

qual nem a loquacidade do almocreve, condimentada, como era, de pragas

eloquentes e de cantigas pouco edificantes, o conseguia arrancar.

Havia mais de uma hora que estavam luctando com as difficuldades da

ascensão do ingreme e escabroso caminho, que torneava o monte como as

voltas de uma helice.

Era este monte uma como irregular pyramide, levantada no meio da

amplissima bacia, onde tinha assento a aldeia que Henrique demandava;

por isso o estafado rapaz não podia atinar a razão de conveniencia pela

qual, tendo de procurar o valle, assim porfiavam em descrever as

fastidiosas curvas da quasi interminavel espiral, que os approximava do

vertice.

Não se concebe uma estrada menos logica do que aquella.

No nosso paiz são porém frequentes estas faltas de logica nas estradas.

O almocreve havia-se separado por momentos de Henrique com o fim de

encurtar distancias, seguindo por um atalho só franqueavel a gente de

pé.

Henrique nem desviára os olhos para o fundo valle, que se abria á

esquerda, velado pela densa nevoa d'aquella atmosphera saturada de

humidade, nem prestava attenção á agreste e selvatica paizagem, do lado

direito, toda encrespada de pinheiraes nascentes e de espinhosas

tojeiras.

Os olhos procuravam, em anciosa interrogação, o mais alto da flexuosa

ladeira que subia, no sitio em que ella, formando um cotovello, furtava

á vista o seguimento ulterior.

N'estas curvas das estradas sorri sempre de longe ao viajante, cançado e

aborrecido, que pela primeira vez as trilha, uma promettedora esperança.

--D'alli verei talvez o termo do caminho--pensa elle.

Mas quantas vezes, ao approximar-se, esta esperança lhe foge!

Assim aconteceu a Henrique, que, ao chegar á almejada inflexão e quando

esperava principiar emfim a descer para o valle e approximar-se da

aldeia, viu que o macho, pratico no caminho, e á disposição de cujo

instincto elle collocára a razão, dobrava ainda para a direita e

continuava a contornar e a subir o monte. A espiral não terminára ainda.

Henrique olhou em torno de si, profundou a vista nas sombras do valle,

nada pôde descobrir, que lhe promettesse a aldeia procurada. Muita

arvore, povoação nenhuma!

Teve um paroxismo de impaciencia!

--Isto não é estrada!--exclamou elle, exasperado.--São os nove circulos

do Inferno de Dante virados para fóra.

E a luz do dia a fugir cada vez mais, e a chuva a augmentar, a calar

através do grosso gabão de jornada que Henrique vestia! O desgraçado

vergava sob o pêso da sua consternação.

Ajuntou-se-lhe outra vez o almocreve, assobiando com fleugma

desesperadora.

--Com um milhão de demonios!--bradou-lhe Henrique, não podendo

conter-se.--Essa maldicta terra foge deante de nós, homem!

--Estamos quasi lá, meu patrão. É alli logo adeante--respondeu o

almocreve, sem se alterar. Vê aquella capellinha branca em cima

d'aquelle monte? pois fica já para além da povoação. É a ermida da

Senhora da Saude. É um instante.

--Desde as duas horas da tarde que me dizes que é um instante, e eu

estou acreditando que cada vez nos afastamos mais. Pois se a aldeia fica

alli em baixo, para que diabo subimos nós? Ás voltas que temos dado,

estou persuadido de que vamos tão adeantados como quando principiámos a

subir.

--Pois olha que dúvida! Se se fôsse a direito lá por baixo, era mais

perto, mas...

--Mas foi então pelo prazer de trepar, que me trouxeste por aqui?

--Não é isso, patrão; mas bem vê v. s.^a que o caminho lá por baixo é

todo cortado por quintas e campos, e é preciso dar taes voltas, que a

final fica mais longe. Depois, com a chuva que tem caído, faz lá ideia

de como estão os riachos por lá! Só o esteiro do almargeal é para uma

pessoa se afogar. Mas tenha o patrão paciencia, que pouco falta agora.

Vê v. s.^a aquelle tronco de sobreiro que parece, visto d'aqui, um frade

de capuz?

--É alli?

--Não, senhor--disse o homem, rindo;--mas vêem-se d'aquelle sitio as

primeiras casas da aldeia.

--As primeiras!--murmurou Henrique em tom lastimoso; e penderam-lhe os

braços com mais desalento e augmentou-se-lhe a flexão da columna

vertebral.

O almocreve proseguiu, para o distrair:

--Tenho passado por estes sitios muita vez com neve de se cortar á faca

e de noite. E olhe que nunca tive mêdo. Qual historia! Mêdo? Isso sim! E

vamos lá! o sitio não é dos mais seguros. Vê o senhor essa cruz preta,

ahi á sua mão direita, pregada no tronco d'esse pinheiro? Pois ahi mesmo

mataram um homem, que vinha com uns centos de mil réis da feira franca

de Vizeu, fez pelo S. Miguel um anno. E ainda hoje se está para saber

quem foi. N'um ermo d'estes só os santos podem valer a uma creatura.

Henrique sentiu-se pouco á vontade com as elucidações do cicerone; olhou

para elle com desconfiança e quasi julgou vêr moverem-se sombras

suspeitas por entre os troncos dos pinheiros. Apalpou nos coldres os

cabos das pistolas, e approximou as esporas dos ilhaes da cavalgadura.

Dentro em pouco attingiam o indicado tronco de sobreiro, de junto do

qual deviam avistar a aldeia.

Henrique olhou; viu lá no fundo do valle muitas arvores, mas continuou a

não enxergar vestigios de casas.

--Onde está a aldeia que dizias, homem?

--D'ahi já se vê--disse o almocreve, correndo para alcançar o

cavalleiro.--Não vê v. s.^a, além, além, aquelles pinheiraes mansos?

--Vejo, sim.

--Pois já são da freguezia. Se fôsse mais claro havia de avistar a casa

do guarda. É a tapada dos Bajuncos, que pertence á morgadinha dos

Cannaviaes.

Henrique não respondeu. A distancia a que ficava ainda a tal tapada

fel-o suspirar.

Emfim, passados minutos, principiaram a descer para o valle, costeando

sempre obliquamente o monte.

Cem passos andados, fez-lhe o almocreve notar um pequeno ponto branco,

que se divisava ao longe por entre a rama do arvoredo, mas já

indistinctamente, em virtude do adeantado da hora e da intensidade da

neblina.

--Lá está a capella da freguezia--dizia o homem.

--Alli? É um seculo para lá chegar!

--Qual! Estamos aqui, estamos lá. Eh, russo!

E applicou uma vigorosa vergastada nas ancas do macho, que accelerou o

passo.

O homem continuou:

--Até se fôsse mais dia podia-se vêr d'aqui a pedra, que está no

cemiterio novo, e que é da familia da morgadinha dos Cannaviaes. Foi a

mãe d'ella a primeira pessoa que lá se enterrou, e até hoje mais

ninguem. O povo, como o outro que diz, tem sua aquella em se enterrar

fóra da egreja. Elle, a falar a verdade... Eu bem sei que tudo vae do

costume... mas emfim a gente foi creada n'isto... Mas a pedra é coisa

asseada. É como as que estão na cidade.

Henrique, transido de frio, quebrado de desalento, já nem attendia ao

que o homem ia dizendo.

Cerrára-se a noite de todo, quando attingiram emfim o valle. O terreno

mudava agora de aspecto. Appareciam já, aqui e alli, alguns indicios de

cultura, annunciando a proximidade de um povoado. Os caminhos

estreitavam, internando-se no valle, e seguiam tortuosamente por entre

muros tôscos de pedra ensossa, silvados e sebes naturaes. A chuva, que

não cessára de cair, transformára estes caminhos, onde o declive não

dava escoamento ás aguas, em charcos e tremedaes.

Novos indicios da vizinhança da aldeia iam successivamente apparecendo.

Aqui era uma manada de bois soltos, em direcção do curral, guiados por

uma creança de palhoça e pernas nuas, os quaes paravam a olhar com

aquella expressão de composta curiosidade, que lhes é peculiar, para o

recem-chegado visitante da aldeia. Não faltou receio a Henrique, que

suppôz a estes bonacheirões quadrupedes a indole travêssa e bravia dos

touros, a cuja chegada tantas vezes fôra assistir em Lisboa.

Mais adeante passava por elles uma fileira de carros a vergarem sob o

pêso do matto e atroando os ares com o chiar incómmodo das rodas sob o

eixo, incómmodo para os ouvidos cidadãos de Henrique, cujos nervos se

irritavam com elle, mas apparentemente agradabilissimo para os

conductores aldeãos, que ou dormiam ou cantavam com aquelle

acompanhamento.

N'um e n'outro ponto deparavam-se-lhe já algumas casas de tectos de

colmo, de cujas innumeras fendas saía um fumo espêsso, que a atmosphera

humida mal deixava elevar nos ares. No olfacto deshabituado de Henrique

de Souzellas o cheiro resinoso e activo das pinhas e das agulhas sêccas

dos pinheiros, queimadas no lar, produziam sensações muito longe de

serem agradaveis.

Augmentava-se-lhe com tudo isto a funda melancolia que já lhe tomára o

animo.

--Tantas fadigas para este resultado!--pensava elle.--Sair de Lisboa

para me enterrar n'esta aldeia escura e suja! Enganou-se o parvo do

doutor. Cuidava que me salvava e matou-me. Eu morro por certo aqui. Deus

lhe perdôe o homicidio.

Os caminhos succediam-se aos caminhos, qual mais tortuoso e incómmodo de

trilhar; as curvas complicavam-se como as ruas de um labyrintho. Aqui

subiam; desciam mais além, para subir outra vez. Umas vezes caminhavam

em terreno descoberto, outras penetravam em tão estreitas quelhas,

apertadas entre paredes argilosas e humidas e toldadas de ramos

entrelaçados, que só o instincto do animal podia evitar-lhes os perigos.

Ora soavam as patas do macho como em chão lageado, ora amortecia-lhes o

som um terreno, que a chuva encharcava, e a agua lamacenta vinha

salpicar o rosto do cavalleiro.

As casas eram já frequentes, e algumas de menos humilde apparencia.

Os cães, que, pelo timbre de voz, mostravam ser gigantes, ladravam

raivosos por dentro dos portões ou de sobre os muros das quintas, ao

ouvirem os passos da cavalgadura ou a voz do almocreve, que falava ou

cantava sempre.

Outras vezes era um inharmonico grunhir suino que accusava a vizinhança

das córtes ou, partindo de um casebre rustico, o chorar de creanças,

entremeado com os ralhos das mães e com as pragas dos chefes de familia.

O almocreve não desistira das suas funcções de cicerone, que sómente

interrompia para saudar alguns conhecidos seus, a cuja porta passavam.

--Estes campos e lameiros--ia dizendo--são da morgadinha dos Cannaviaes;

andam arrendados a um compadre meu.

E exclamava para dentro de uma casa terrea, escassamente allumiada por

uma candeia:

--Boas noites, tia Escolastica. Como vae a pequenada?

--Ai, é vossemecê, sr. José? Então não entra?--respondia-lhe uma voz

feminina.

--Agora, não, ámanhã.

E proseguiu para Henrique:

--É uma santa creatura. A morgadinha...

Henrique interrompeu-o:

--Onde fica a final, a quinta de Alvapenha? onde mora minha tia? Não me

dirás?

--É logo ahi adeante, meu patrão. Em nós passando umas casas amarellas

que ha ahi... é logo ao pé. Essas casas que digo são tambem da

morgadinha, mas ha uma demanda pelos modos.

O almocreve falava pela decima ou undecima vez na morgadinha. Até esta

periodica referencia a uma personagem que elle não conhecia,

impacientava Henrique de Souzellas.

E continuavam a succeder-se em enredado dedalo as quelhas e azinhagas, a

ponto de fazer perder toda a orientação. Umas vezes ouviam o ruido das

levadas, que as ultimas chuvas tinham engrossado; adeante, transpunham

uma ponte rustica, escutando das profundezas do despenhadeiro, que ella

atravessava, o fragor das cascatas nos açudes ou o ranger das rodas dos

moinhos.

Henrique a cada momento imaginava cair n'um abysmo.

--São os açudes do Casal--dizia o almocreve berrando para se fazer ouvir

através do estrondo da torrente.--Pertencem á morgadinha dos Cannaviaes.

Henrique nem alento já tinha para falar.

Ao triste e quasi sinistro aspecto d'aquella aldeia tão cerrada lhe

envolveu o coração a nuvem de melancolia, que cedeu sem resistencia ao

crescente torpor que o invadia, como o que desespera da vida e da

salvação.

Mais adeante, excitou-lhe ainda as attenções uma toada plangente,

melancolica, monotona, que exacerbou estes effeitos.

--É uma fiada em casa do Tapadas--disse o almocreve.--É um dos maiores

amigos do pae da morgadinha. Vê aquelle muro acolá?

--Eu não vejo nada. Deixa-me!

--Pois pertence já á quinta dos Cannaviaes, que a morgadinha...

--Outra vez! Cala-te para ahi com essa morgadinha--exclamou Henrique.

Era evidente emfim que estavam em pleno coração do povoado. As casas

appareciam mais juntas. De algumas saía um surdo rumor de vozes que

tinha o que quer que era de lugubre. Era a corôa rezada em familia a

Nossa Senhora. A voz grave do lavrador casava-se com a voz quebrada e

trémula do avô, com a voz sonora e fresca da mãe, e a juvenil das

raparigas e creanças n'aquelle piedoso côro, produzindo um effeito que

acabou por levar ao auge a impaciencia do nosso spleenetico viajante.

--Sumiu-se essa endiabrada quinta de Alvapenha, que não a acabamos de

attingir?

O almocreve d'esta vez nem respondeu; sacudiu uma chicotada sibilante

junto ás orelhas do muar, o qual com desusada rapidez galgou uma ladeira

orlada de arvores, volveu á direita e, á voz do almocreve, estacou em

frente de um portão de quinta resguardado por um telheiro rustico.

--É aqui--disse o guia.

--Até que emfim!--exclamou Henrique, suspirando. Suspiro de conforto e

de tristeza ao mesmo tempo, como o do homem cançado da vida, quando

antevê o repouso do tumulo. Em Henrique era intima a convicção de que a

quinta de Alvapenha lhe havia de servir de cemiterio.

II

O almocreve assentou duas vigorosas pancadas no solido portão de

castanho, deante do qual tinham parado.

As primeiras vozes, a responderem-lhe, foram as de dois cães, que

acudiram de longe ao signal e vieram ladrar á porta com furia, que fez

agourar mal a Henrique da cordialidade da recepção que o esperava. De

facto as intenções dos quadrupedes não pareciam demasiado hospitaleiras.

O almocreve divertia-se excitando-os de fóra com uma vara de vime,

apesar de quantas recommendações de prudencia lhe fazia Henrique, não em

demasia socegado.

A final ouviu-se uma voz aspera e rouca, chamando os cães á ordem, se é

licito, sem irreverencia, empregar n'este caso a phrase consagrada para

outro genero de algazarra.

Henrique ouviu rodar a chave, correr os ferrolhos, levantar a aldraba,

gemerem os gonzos, e emfim um homem de lavoura alto e magro, trazendo em

punho um lampeão de frouxissima luz, appareceu-lhes á porta e saudou-os

com a fórmula do estylo:

--Ora Nosso Senhor lhes dê muito boas noites.

E, levantando a luz á altura do rosto de Henrique, poz-se a miral-o com

a menos ceremoniosa curiosidade.

--É o sobrinho cá da senhora, não é verdade?

--Sou eu mesmo.

--Está um tempo muito azêdo. Eu já julgava que não vinham. Entre.

Henrique não se resolvia a acceitar o convite, porque lhe continuavam a

impôr respeito os olhares ferinos e os rugidos surdos dos dois

façanhosos quadrupedes, cuja má vontade era a custo refreada.

--Entre, entre--insistia o homem.

--Mas esses animalejos?...

--Ah! isto não faz mal. Sae-te p'ra lá, Lobo: passa, Tyranno!

Lobo! Tyranno! Que nomes! E dizia o homem que não faziam mal!

--C'os diabos! ti'Manuel--disse o almocreve--em occasião de se esperarem

hospedes, não se soltam assim os cães. Os diabos não são nenhuns

cordeiros. Olhe no outro dia o sr. Joãosinho das Perdizes, que por pouco

lhes deixava nos dentes as barrigas das pernas.

--Forte perca!--resmoneou o outro.--Não trouxesse cá os d'elle. Não tem

dúvida; entre o senhor, que elles não lhe fazem mal.

--Não entro; assim é que não entro--teimou Henrique, a quem as palavras

do almocreve acabaram de fortificar na sua resolução.

O homem em vista d'isto encolheu os hombros e bradou:

--Ó Luiz!

Uma creança de cinco annos, e quasi nua, correu ao chamamento.

--Enxota para lá esses cães, que aqui o senhor tem mêdo.

A creança, á palavra mêdo, fitou Henrique com uns olhos espantados, e

tomando do chão um tronco de tojo, deu-se a zurzir desapiedadamente nas

feras, que, com todos os signaes de respeito, de orelha baixa e cauda

abatida, fugiram deante d'ella.

O orgulho de Henrique de Souzellas ficou um tanto maltratado com o

desfecho da scena; mas a prudencia consolava-o, dizendo-lhe que andára

ajuizadamente.

--Agora vossemecê--disse o camponez para o almocreve--arranje-se como

puder e mais a bêsta ahi pelas lojas, emquanto eu ensino o caminho ao

senhor.

--Vão, vão com Nossa Senhora, que eu cá me arranjarei. Muito boas

noites, sr. Henriquinho.

--Adeus, José--disse Henrique, passando para a mão do guia a esportula

da gorgeta, e após seguiu, com as pernas trôpegas de cavalgar, o homem

do lampeão.

Não era para dissipar a impressão penosa, que subjugava o espirito de

Henrique, o aspecto que lhe offerecia, áquella hora da noite, a parte da

quinta, por onde era conduzido para a casa de Alvapenha.

Primeiro, trilhou o pavimento molle de um quinteiro ou eido, estradado

de altas camadas de matto e embebido de chuva, d'onde se exhalava um

cheiro de cortumes, pouco de lisonjear o olfacto mal habituado a estes

aromas campezinos. A luz do lampeão a custo conseguiu evitar a Henrique

o tropeçar n'um carro desapparelhado, n'uma dorna, n'uma pia para

gallinhas, e em outros objectos que atrancavam o quinteiro. Transpondo a

cancella que terminava este, seguiram por uma rua de folhas;

atravessaram diagonalmente a horta, pelo carreiro que a dividia;

ladearam a eira e a casa do cabanal, e, effectuados mais alguns rodeios,

acharam-se finalmente junto da escadaria de pedra, por onde se subia

para uma especie de patamar ou varanda alpendrada, que servia de um

modesto portico á casa de Alvapenha.

A propriedade da tia de Henrique era um genuino typo de casa rustica, á

moda do Minho.

Ao subir as escadas, e apesar de mal poder divisar os objectos á escassa

luz que os allumiava, recebeu Henrique a primeira impressão agradavel de

toda aquella mal estreada excursão.

Estas escadas, esta varanda de pedra e este alpendre avivaram n'elle

memorias, quasi apagadas. Lembrava-se agora vagamente de ter brincado

alli, a cavallo n'esse mesmo parapeito, então, como agora, enfeitado de

uma formidavel cohorte de aboboras meninas, victimas votadas ás festas

do proximo Natal.

A um canto do patamar deparou-se-lhe ainda um grande vaso de louça, que

elle, havia vinte e tantos annos, conhecera, e ao qual tinha a ideia

vaga de haver quebrado uma aza; abaixou-se no intento de se certificar,

e viu que de facto ainda lhe faltava a aza, sendo este o unico estrago

que após tanto tempo o velho utensilio soffrêra.

--É admiravel!--não pôde deixar de exclamar Henrique ao fazer a

descoberta, vendo que em oito dias operava maior reforma nos seus

aposentos em Lisboa, do que n'um quarto de seculo se realisava em

Alvapenha.

O hortelão bateu á porta e disse para dentro que era o sobrinho da

senhora que chegava.

Seguiu-se um mexer de cadeiras, um trocar de vozes, um arrastar de

passos; moveu-se a chave na fechadura; abriram-se as portas e no limiar

appareceu de braços abertos a tia Dorothéa, e por traz d'ella, elevando

a luz acima do hombro da ama, a criada Maria de Jesus, a que, havia

trinta annos, lhe era companheira e interessada em lagrimas e pesares.

Já Henrique lhe andára ao collo no tempo em que estivera creança na

quinta.

Deante da figura esbelta, do typo varonil e do comprido bigode de

Henrique, a sr.^a Dorothéa reprimiu as suas expansões e quasi recuou.

Nunca mais vira Henrique desde que este, aos cinco annos, deixára

Alvapenha, e dir-se-hia que esperava ainda encontrar os mesmos cabellos

louros e annelados e o mesmo rosto menineiro da travêssa creança de

outros tempos, em vez do homem feito, em que os vinte e tantos annos

volvidos o tinham transformado.

Ha d'estas illusões na gente.

A mais segura razão não está precavida contra ellas; a infundada

surpreza invade-nos de subito, e os labios não podem prender a

exclamação que a denuncia.

--Pois na verdade tu és o Henriquinho?!--disse espantada a boa senhora.

--Eu julgo que sim, tia Dorothéa.

--Tu! Ai como estás um homem! Ó Maria de Jesus, você não quer vêr isto!?

--Parece mesmo um soldado!--disse a criada, igualmente estupefacta.

--Credo, mulher! Santissima Trindade! Você que está a dizer? Nossa

Senhora nos livre de tal!--exclamou a ama, em cujo conceito o soldado

estabelecia a transição do homem para o diabo.

No entretanto Henrique de Souzellas abraçava a tia, que havia tanto

tempo que não vira, e ella correspondia-lhe, beijando-o com todo o

carinho e chorando.

Chorando por quê? Por quê? Pela muita bondade que tinha n'aquella alma.

A bondade é um rico manancial, que brota lagrimas ao toque da menor

commoção.

Henrique não tinha ainda bem conseguido libertar-se dos roxeados

amplexos e mais provas de affecto de sua tia, quando se sentiu prêso em

novos laços. Era Maria de Jesus, que o abraçava tambem e lhe pespegava

nas faces dois beijos muito chiados, como aquelles que veem a ferver do

coração, e isto acompanhado de um--Ai o meu rico filho!--tão eloquente

como os beijos.

Henrique, habituado ás etiquetas da civilisação urbana, que estabelece

entre amos e criados distancias desconhecidas na aldeia, extranhou um

pouco a familiaridade, mas sujeitou-se a ella sem reflexões.

Maria de Jesus dizia, ainda admirada:

--Ó senhora! Não que uma coisa assim! Pois é este o menino que vinha á

cozinha limpar o tacho, em que se fazia a marmelada!

--É verdade! E que boa marmelada cá se fazia!

--Lambareiro!--disse a tia, sorrindo.--Se eu soubesse que eras assim,

não tinha mandado lavar o tacho do dôce, que ainda hoje serviu.

--Sim? Então ainda se faz dôce cá em casa, como d'antes?--perguntou

Henrique.

--Pois então? todos os annos. Mas valha-me Deus! E não querem vêr nós

aqui postas á palestra! Entra, menino, entra cá para dentro, que está

frio e tu deves vir cançado.

--Um pouco, um pouco, tia Dorothéa.

E Henrique entrou para a sala.

Demoremo-nos no limiar para informar o leitor sobre as pessoas, em cuja

casa se vae alojar com Henrique de Souzellas.

Não se imagina a santa paz de espirito, a placidez de paraiso, que estas

duas mulheres--D. Dorothéa e Maria de Jesus, ama e criada--gosavam na

quinta de Alvapenha, onde Henrique de Souzellas ia procurar allivio aos

seus muitos e variados males.

Ambas da mesma idade, ambas muito aferradas aos seus habitos, ambas

muito tementes a Deus e amigas do proximo, as duas celibatarias passavam

alli uma vida, rescendente a um suave perfume de santidade, como o da

alfazema e do rosmaninho, que lhes aromatizava as gavetas e de que se

repassava toda a roupa branca, objecto muito dos seus cuidados.

A inalteravel harmonia, mantida havia tantos annos entre as duas,

poderia ser exemplo á maior parte das familias d'este mundo. Entre

velhas, que nunca tiveram filhos, circumstancia que em geral faz o humor

mais acre e desabrido, era tanto mais para admirar o caso.

Tinham ellas porém a precisa tolerancia para fazerem mutuas concessões;

cada uma fechava os olhos aos pequenos caprichos da outra, e tudo corria

bem. Nunca a dentro d'aquellas paredes se ouviu uma só palavra, que, por

mais alto pronunciada ou por menos expressiva de paciencia, destoasse da

invariavel monotonia dos seus habituaes dialogos.

Eram um exemplo edificante para os vizinhos, que, pela maior parte,

devorados por demandas entre primos e irmãos, paes e filhos, marido e

mulher, mostravam infelizmente ser esta abençoada semente caída em

improductivo terreno.

As discordias intestinas nas familias do seu conhecimento affligiam as

duas sexagenarias e augmentavam o numero de Padre-Nossos com que todas

as noites se faziam lembrar dos santos, de quem eram validas,

pedindo-lhes a felicidade dos outros tanto ou mais do que a sua propria.

Ouvir rezar as duas santas velhas--e era essa a occupação dos seus

curtos serões--equivalia a escutar uma resenha das differentes

calamidades, que perseguem e apoquentam o genero humano, e que ellas,

d'esta maneira, pretendiam evitar.

--Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria a S. Marçal, para que nos livre do

fogo--dizia D. Dorothéa, e seguia-se o Padre-Nosso.--Outro a Santa Luzia

milagrosa, para que nos dê vista e claridade na alma e no corpo; outro a

S. Braz, para que nos proteja da garganta; outro a S. Vicente, por causa

das bexigas, etc. Seguia-se um Padre-Nosso por todos os que andam sobre

as aguas do mar; outro por os pobres sem abrigo nem alimento; outro por

os orphãos; outro pelos doentes; um pelos vivos; outro pelos mortos; um

pelos justos; outro pelas almas do purgatorio, não hesitando até a sua

caridade em transpôr as portas do inferno e pedir tambem a remissão dos

condemnados. E ainda depois d'esta minuciosa e longa enumeração, um

ultimo Padre-Nosso fechava a primeira serie, comprehendendo todos os não

contemplados por esquecidos, ou por não terem logar na classificação.

Compunha a segunda serie a menção especial de cada uma das pessoas

fallecidas das suas relações: parentes, amigos e conhecidos, por cujo

«eterno descanço entre os resplendores da luz perpetua» oravam com

verdadeira compunção. N'esta phalange ia tambem D. João VI, por quem,

havia quarenta annos, se costumára a rezar D. Dorothéa, e não era ella

mulher que rompesse com habitos semi-seculares. Era esse talvez o unico

Padre-Nosso que a alma do monarcha recebia no Céo, com procedencia do

seu antigo reino.

Quanto ás qualidades physicas, a imaginação dos leitores pintar-lh'as-ha

melhor do que a minha descripção. Forçosamente conheceram uma d'estas

boas velhas, para quem nos sentimos attrahidos; a quem se estima e com

quem se brinca ao mesmo tempo; que nos podem inspirar sacrificios e

simultaneamente nos tentam a travessura; a quem mystificamos agora e

logo beijamos respeitosamente a mão; contra quem não reprimimos

impaciencias, escutando depois submissos os seus nunca terminados

sermões.

Ora estas velhas assim teem quasi sempre um typo uniforme, que é o

reflexo exterior da bondade do coração; esse era o typo da tia Dorothéa

com o seu vestido rôxo, o seu lenço castamente cruzado no peito, a sua

touca de folhos alvissimos e de fitas escuras, o mólho de chaves á

cinta, o livro de orações na algibeira e os oculos a marcarem no livro a

reza habitual.

Maria de Jesus de igual maneira. Era apenas uma edição popular da mesma

alma. Succedêra de mais com ellas o que é sempre de esperar de uma longa

e intima convivencia; haviam reciprocamente adoptado maneiras e modos de

pensar e de vêr e de dizer as coisas uma da outra, a ponto de qualquer

d'ellas ser como que uma premissa d'onde a modo de conclusão, se deduzia

a outra facilmente.

Tudo isto percebeu logo Henrique de Souzellas ao primeiro exame que fez

das duas santas mulheres.

Entremos agora com elle para dentro da sala.

Quem, vinte annos antes, tivesse visitado a casa de Alvapenha e ahi

voltasse de novo com Henrique julgaria, á vista da uniforme disposição

de coisas mantida alli dentro em tão distantes épocas, que todo esse

tempo não fôra mais do que um sonho de momentos.

Encontraria os mesmos móveis, na mesma collocação; as mesmas cobertas

nos leitos, apenas mais desbotadas; as mesmas ou iguaes cortinas nas

janellas; o mesmo cheiro de feno e alfazema na atmosphera dos quartos,

os mesmos quadros na parede, as mesmas jarras nas cómmodas.

A memoria de Henrique, aquella inconstante e leviana memoria de rapaz

estouvado, sentia-se acordar, á vista d'aquillo tudo.

A sala tinha uma physionomia caracteristica.

Supponha-se uma não muito ampla quadra de pouca altura, toda pintada a

óca, e alumiada por duas mal rasgadas janellas de peitoril, com os seus

competentes assentos de pedra, um defronte do outro, com meias cortinas

de cambraia sempre corridas--pleonasmo de discrição que se não

justificava, visto que as janelas, abrindo para a quinta, não tinham

vizinhança de cujos olhares precisassem de recatar-se. O tecto era de

almofadas de castanho, em tempos pintado de azul, agora de uma côr

duvidosa. Havia quinze annos que D. Dorothéa falava em o mandar retocar,

mas o projecto, momentoso como era, ia sendo adiado de primavera para

primavera. Orlava a sala, no alto, um friso ou cornija saliente, onde

coroadas maçãs de inverno aguardavam, em vistosa fileira, a completa

maturação, e derramavam no aposento o mais agradavel aroma. O pavimento,

apesar de muito picado de caruncho, andava limpo e \_escafunado\_--termo

do vocabulario de casa--que mettia gôsto vêl-o. Cada parede era um museu

de estampas de devoção. Poucos santos e santas da côrte celestial não

estavam alli representados e com um colorido, que era o maior peccado, a

que estes bemaventurados haviam dado logar cá no mundo.

Cá se via Santa Quiteria e as suas sete companheiras; Santa Anna

ensinando Nossa Senhora a ler; o Senhor dos Passos, venerado em S. João

Novo, no Porto; o Bom Jesus de Bouças, representação da imagem, que,

segundo reza a respectiva chronica, é obra das mãos de José de

Nicodemus; os Santos Martyres de Marrocos, da igreja de S. Francisco,

etc., etc. Sobre a cómmoda de pau preto era devotamente venerado o mais

rubicundo, menineiro e bem disposto Santo Antonio, que ainda modelaram

as mãos de santeiro afamado. E seja dito de passagem que não sei por que

a tradição popular dá a este austero franciscano o aspecto chorudo de um

moderno reitor de farta abbadia de aldeia.

No interior da redoma onde se abrigava o santo estava estabelecido o

museu de raridades da tia Dorothéa. Eram flores artificiaes,

concharinhas e caramujos, um rosario de caroços de azeitonas, uns poucos

de vintens de prata, enfiados e pendentes do braço do menino Jesus, que

o santo sustentava ao collo, veronicas, escapularios, uma campainha

benta, uma medida do braço do Senhor de Mattosinhos, um pão do sacco de

Santa Isabel, que vae na procissão de Cinza, no Porto, e outros objectos

curiosos.

A mobilia da sala consistia em cadeiras de palhinha, que gemiam quando

entravam em serviço, como militar, cujas articulações o rheumatismo

invadiu; mesas cobertas com colchas de chita; bahús cravados de pregaria

amarella, disposta em lettras e arabescos; uma papeleira de pau santo, e

uma gaiola com um canario decrepito, objecto, havia muitos annos, das

tentações de um gato, mais decrepito do que elle e pertencente ás

classes inactivas.

Henrique, adivinhando por todo aquelle cheiro de beatitude e de

antiguidade que alli se respirava, os habitos da casa, sentia já certo

desconfôrto, como de quem é arrancado de subito ao ambiente, em que se

educou e vive, e engolfado n'um ambiente extranho; especie de asphyxia

moral, não menos angustiosa do que a do peixe fóra da agua.

A saudade que ao principio sentira, dissipára-se já. O perfume da

saudade é como o de certas flores, que só se percebe quando de longe o

recebemos. Se, illudidos, as tentamos aspirar de perto, dissipa-se.

Acontecera isto com Henrique.

Cada vez portanto se lhe radicava mais funda a crença de que não seria

por muito tempo que se demoraria alli.

--Os emollientes do doutor--pensava elle, emquanto sua tia falava--serão

efficazes para quem os pudér soffrer sem enjôo, mas para mim...

No entretanto sentou-se.

--Ora o Henriquinho!--dizia ainda D. Dorothéa, pondo-se de braços

cruzados em contemplação defronte d'elle.--Ó menino, onde foste tu

arranjar esses bigodes tamanhos? Então isso agora usa-se?

Pergunta que sobremaneira embaraçou Henrique.

--Quem quer usar, usa, tia. Não é obrigação--respondeu elle, com leve

mau humor.

--Em nome do Padre e do Filho!--dizia Maria de Jesus, benzendo-se e

tomando logar ao lado da ama.--Até nem sei que parece, lembrar-se a

gente que trouxe este marmanjão ao collo!

O termo «marmanjão» não soou bem a Henrique. Principiava tambem a

impaciental-o o vêr as duas embasbacadas deante d'elle; um homem sujeito

a uma exposição d'estas, por mais que faça, não atina com o modo de

arrostar com ella, que não seja ridiculo. Ora Henrique, como todo o

homem da sociedade, o que mais que tudo temia n'este mundo era o

ridiculo.

Felizmente acudiu-lhe a caridosa intervenção da tia Dorothéa, que fez

perceber á criada a conveniencia de ir preparando a ceia de Henrique,

que havia de querer recolher-se. Henrique, apesar de não costumar cear,

acceitou a ideia, porque o frio, as fadigas e a má alimentação dos

ultimos dias, haviam-lhe desafiado o appetite. Demais, o espanto de D.

Dorothéa, quando lhe ouviu dizer que as ceias não entravam nos seus

habitos, foi tal que lhe tirou o animo de rejeitar.

--Não ceias! Ó menino, que me dizes? então vaes-te deitar sem ceia? Ora

essa! Por isso vocês são uns pelens. Vejam lá que arranjo este! ficar

toda a santa noite sem alguma coisa que dê sustento ao estomago, que

aconchegue. Nada, nada; a ceinha em todo o caso. E tu has de tambem

querer mudar de fato?

--Eu venho bastante molhado.

--Ai, então depressa, menino, que não ha nada peor do que a roupa

molhada no corpo. Ó Maria... ou deixe estar, eu vou... Anda,

Henriquinho, anda lá, que eu guio-te ao teu quarto para te arranjares.

Meia hora depois, Henrique banhado, enxugado e commodamente vestido,

saboreava uma gorda gallinha de canja, sobre uma mesa coberta de toalha

lavada, e na melhor louça da copeira.

Elle que tinha sempre severidades de critica contra os mais afamados

cozinheiros de Lisboa, estava achando deliciosa aquella comida

primitiva, com que o regalava a tia.

Esta sentou-se a vêl-o comer, e com a mesma familiaridade, que Henrique

já anteriormente extranhára, Maria de Jesus sentou-se ao lado da ama.

Ambas tinham ceado já; pois que o faziam ao cerrar da noite.

Emquanto Henrique comia, ellas, sem deixarem de o observar com a natural

curiosidade de quem havia tanto tempo não tivera um hospede, faziam-lhe

perguntas, ás quaes elle ia respondendo conforme lhe era possivel.

--Tu dizias-me na tua carta que estavas doente; pois olha que na cara

não o parece.

--Não--concordou a criada--tem boas côres, e, vamos, a magreza inda não

é lá essas coisas.

Era este o ponto fraco de Henrique; respondeu logo ao reclamo.

--Não me digam isso! Então não vêem como estou? Pois isto é lá côr de

saude? de febre, será. Gordo? pois acham-me gordo?!

--Gordo, não digo, mas assim, assim... E depois como vieste de

jornada... Mas a final que molestia é a tua, menino?

--Eu sei lá, tia Dorothéa? Nem os medicos a conhecem bem. É, entre

outras coisas, uma tristeza, uma melancolia, que me não deixa, que me

persegue por toda a parte. Ás vezes parece-me que sinto apertar-se-me

dolorosamente o coração; outras, são palpitações, ancias... Tenho quasi

vontade de chorar, irrito-me, impaciento-me, não quero que me falem,

nada quero vêr, nada quero ouvir; não leio, não durmo, não como.

Finalmente todo eu sou doença e tristeza.

A boa tia Dorothéa olhava com sisudez e attenção para o sobrinho,

emquanto elle falava, e na physionomia iam-se-lhe desenhando, ao

ouvil-o, os mais expressivos signaes de espanto e consternação.

Assim que Henrique terminou a exposição, ella disse-lhe com uma adoravel

candura:

--Então é assim uma especie de mania!

Á palavra «mania» Henrique sobresaltou-se. Seria a consciencia que se

sentiu ferida?

--Mania? Ó tia Dorothéa! Mania! Veja bem, olhe que o termo é forte?

Mania!

--Sim, menino--insistiu ingenuamente a boa senhora--pois olha que não é

outra coisa. Pois isto de estar triste sem ter de quê... sim... porque

não te morrendo ninguem, nem te doendo nada...

Ó poetas devaneiadores, ó almas melancolicas, que percebeis no sussurrar

das brisas, no ciciar das folhas, no murmurar dos arroios, queixas

occultas de dryades e de nayades, sentidas vibrações das harpas de fadas

aereas, que vivem em palacios de nuvens; ó corações inoculados de

poesia, que vos confrangeis e gottejaes lagrimas sinceras ao desmaiar do

dia, ao desfolhar das arvores no outomno; poetas, que escutaes, com

Victor Hugo, as vozes interiores, os cantos do crepusculo, e com elle

adivinhaes os mysterios dos raios e das sombras, perdoae a involuntaria

blasphemia da tia Dorothéa, que não contem o menor fermento de malicia;

perdoae-lhe a dura expressão de que ella se serviu para caracterisar os

vossos arroubamentos, as vossas tristezas vagas, os vossos devaneios, e

crêde que, apesar da phrase, terieis n'ella uma alma mais afinada para

sympathisar comvosco, do que tantas que por ahi fazem gala de vos

comprehender melhor.

Henrique não podia porém digerir a expressão, de que se servira a tia,

para diagnosticar o seu mal.

--Mania!--repetia elle--essa agora! Sempre é forte de mais. Mania, não,

tia Dorothéa, lá isso não. Mania!

--Eu lhe digo--acudiu a criada.--Não vá sem resposta; que está quasi

como o cunhado da Rosa do Bacello. A senhora não se lembra? Andou

aquella alminha por ahi sempre triste, sempre a falar só, até que a

final lá foi parar...

--Aonde?--perguntou Henrique, erguendo os olhos interrogadoramente para

a criada.

--Lá foi parar a Rilhafolles--concluiu esta, espevitando a véla o mais

naturalmente d'este mundo.

Henrique de Souzellas pulou com a sinceridade.

Nem acabou de sorver a ultima colhér de caldo de arroz, que lhe estava

sabendo como nunca manjar lhe soubera.

--Então não comes mais?--perguntou a tia.

--Muito agradecido; eu o mais que tenho é somno.

--Pois sim, mas é preciso fazer por comer--insistiu ella.

--Ora vá mais este côxão--disse a criada.

--Não é possivel--teimou Henrique, e insistiu para se recolher ao

quarto.

--Tens razão, tens--concordou a tia Dorothéa--deves estar fatigado. Vae

com Nossa Senhora, menino. E deixa-te lá de pensar e estar triste, que

isso não é bom. É fazer por espairecer. Come, bebe, passeia, que é o que

dá saude. Nada de malucar.

--Sim--accrescentou a criada--e não queira estar doente, que não tem

graça nenhuma.

--E olha, Henriquinho, tu tens por ahi com quem te podes distrahir. O

brazileiro Seabra, que tem uma casa como um palacio; o Augustito do

doutor, que é um bom mocinho. E depois vae dar um passeio por ahi, um

dia até os moinhos outro dia até á ermida da Senhora da Saude. Agora me

lembra: a Lenita já mandou ahi outra vez saber se tinha chegado o

hospede--disse D. Dorothéa.

--Não foi só a morgadinha...

--Ahi está você a chamar-lhe tambem a morgadinha.

--Então, senhora?! isto é o costume. Mas todas as outras senhoras

mandaram tambem o Torquato saber do sr. Henrique. A sr.^a D. Victoria e

a Christininha.

--Ai, pois cuidadosas são ellas! Tu has de te entender com aquella

gente. É uma gente muito dada e sem ceremonia. É preciso lá ir. Olha,

ámanhã podes ir visital-as. É um passeio bonito.

Henrique, que tinha estado distrahido durante a conversa das duas, nem

se dava ao trabalho de intervir no dialogo em que ellas dispunham já do

seu tempo e traçavam-lhe planos de vida.

--Mas vae descançar, menino, vae e faze por dormir. Olha lá, tu costumas

dormir com luz?

--Não, tia, não costumo.

--É porque n'esse caso... Ó Maria, onde está aquella lamparina, que me

serviu quando eu estive doente, ha seis annos?

--Está lá dentro, senhora; se a senhora quer eu...

--Vê lá, menino...

--Não tia, não quero.

--Ha pessoas que não podem dormir ás escuras--dizia a criada.--Eu,

graças a Deus, durmo bem de qualquer fórma.

--Pois sim, mas nem todos são como você. Olha, ó Henriquinho, has de vêr

se queres o travesseiro mais alto ou...

--Muito agradecido, tia Dorothéa, tudo deve estar bom--disse Henrique,

procurando fugir ás muitas reflexões, perguntas e conselhos, com que as

duas o iam perseguindo até o quarto.

--Olha, ó menino, tu bebes agua de noite?

--Ás vezes.

--Você poz-lhe agua no quarto, Maria?

--Puz, sim, minha senhora; pois então? Já minha mãezinha dizia, que

antes sem luz do que sem agua.

--Bem, então está bom. Então muito boa noite, menino.

--Boa noite, tia.

--Ai, é verdade. Has de vêr se queres mais roupa na cama.

--Não hei de querer, não, tia.

--Olha que está muito frio. Você quantos cobertores lhe deitou, ó Maria?

--Cinco, senhora.

--Cinco!--exclamou Henrique, quasi horrorisado.--Cinco cobertores!

--É pouco?

--Pouco?--É de morrer esmagado debaixo d'elles.

--Ai, quer não! Olha que está muito frio.

--Bem, bem; eu cá me arranjarei.

--Então, muito boa noite.

--Muito boa noite, tia.

E Henrique ia a fechar a porta.

--Olha...--disse ainda a tia.

Henrique parou.

--Não sei o que é que me esquece...

--Não ha de ser nada, tia; boa noite.

--Não esquecerá?... Eu sei?... Emfim... boa noite. Ai, é verdade...

Sempre é bom ficar com lumes promptos.

--Ai, sim; lá isso sempre é bom.

--Vês? não que bem me parecia.

--Já lá estão, senhora--disse a criada de longe.

--Melhor; então muito boa noite nos dê Nosso Senhor, menino.

--Muito boa noite, tia.

E Henrique conseguiu fechar a porta.

Estava finalmente só.

--Que desastrada lembrança a minha!--disse o pobre rapaz, ao fechar a

porta sobre si.--Como posso eu viver com esta santa e virtuosa gente,

que chama manias aos meus padecimentos? Que futuro de impertinencias me

espera! Ai, Lisboa, Lisboa, e pensar eu que só posso voltar para ti á

custa de outra jornada!

O quarto de Henrique era arranjado com simplicidade. Um alto leito de

almofadas na cabeceira e rodapé de chita, tão alto que se não dispensava

o auxilio de cadeira para trepar acima d'elle, uma commoda com um

pequeno espelho, um bahú, um lavatorio e duas cadeiras mais, constituiam

a mobilia toda.

Henrique de Souzellas sentiu a falta de mil pequenos objectos de

toucador, a que estava habituado. Aquelle estrictamente necessario não

lhe promettia grandes confortos.

Deitou-se. A roupa da cama era de linho alvissimo e respirava um asseio

e frescura convidativos: os travesseiros, de largos folhos engommados,

possuiam uma molleza agradavel ás faces; o colchão de pennas abatia-se

suavemente sob o peso do corpo fatigado.

Henrique conchegou a roupa a si; á falta de velador, pousou o castiçal

no travesseiro, e, abrindo um livro que trouxera de Lisboa, poz-se a

ler, para obedecer a um habito adquirido.

Não teria ainda lido um quarto de pagina, quando ouviu a voz da tia

Dorothéa, que lhe dizia de fóra da porta:

--Ó menino, tu já te deitaste?

--Já, sim, tia Dorothéa.

--Olha se tens cautela com a luz. Eu tenho um mêdo de fogos!

--Esteja descançada, tia. Eu apago já.

--Então será melhor. S. Marçal nos acuda.

E afastou-se, rezando ao santo.

Henrique continuou a ler.

D'ahi a pouco a mesma voz:

--Tu já dormes, Henriquinho?

--Não, tia, ainda não durmo.

--Olha que não vás adormecer sem apagar a luz. Eu tenho um mêdo de

fogos! Não descanço, emquanto não vejo tudo apagado em casa.

Henrique perdeu a paciencia.

--Pois pode socegar, olhe.

E apagou a véla, meio zangado.

--Fizeste bem, fizeste bem; isto já é tarde, e é melhor fazer por

dormir. Então, muito boas noites.

--Muito boas noites--respondeu Henrique quasi amuado; e ageitando-se na

cama, dizia comsigo:--E esta! Já vejo que nem ler me é permittido aqui.

Olhem que vida me espera! É isto o que me devia curar? Que fatalidade!

Dentro em pouco, os dois felpudos cobertores de papa, unicos que

conservava dos cinco primitivos, começaram a fazer o seu effeito,

insinuando nos membros cançados da jornada um agradavel calor.

Convidavam ao somno o som da agua n'um tanque que ficava por debaixo das

janellas do quarto e as gottas da chuva, que dos beiraes do telhado

caíam compassadas na taboa do peitoril.

A noite socegára. De quando em quando apenas algumas lufadas de vento,

já menos impetuosas, faziam bater as vidraças.

Eram como estes estados, que succedem a um choro aberto. Correm ainda

algumas lagrimas nas faces, mas já não brotam novas dos olhos: saem

ainda do peito os soluços, porém mais espaçados; dentro em pouco será

completa a serenidade.

Henrique começou a experimentar uma languidez, um delicioso bem-estar

n'aquelle confortavel leito e no meio d'aquelle socego; fecharam-se-lhe

enfraquecidos os olhos, e deslisou suave, insensivelmente, no mais

profundo, tranquillo e restaurador somno, que, havia muito tempo, tinha

dormido.

III

Ao romper da manhã, quando a consciencia principia, pouco a pouco, a

acudir aos sentidos, até então tomados pelo torpôr de um somno profundo,

Henrique de Souzellas sonhava-se commodamente sentado em uma cadeira de

S. Carlos, disposto a assistir ao desempenho de uma opera favorita.

Moviam-se os arcos nas cordas dos violinos, violoncellos e contrabassos;

sopravam, a plena bôca, os tocadores dos instrumentos de vento; agitavam

descompostamente os braços os ruidosos timbaleiros; dedos amestrados

faziam vibrar as cordas da harpa; a batuta do mestre fendia airosamente

os ares, e comtudo não chegava aos ouvidos de Henrique, de toda esta

riqueza de instrumentação, mais do que uma nota unica, arrastada,

continua, plangente, baixando e subindo na escala dos tons, e sem formar

uma só phrase musical.

Era de desesperar um \_dilettante\_ como elle; torcia-se na cadeira,

inclinava convenientemente a cabeça, fazia das mãos cornetas acusticas,

e sempre o mesmo resultado!

Este violento estado de attenção, este esforço do sensorio, principiou

n'elle a obra de despertar; principiou pois pelos ouvidos, mas cêdo se

transmittiu a todos os outros orgãos.

Antes de dar a si proprio conta do que era aquelle som, e quasi

esquecido ainda do logar em que estava, Henrique abriu os olhos.

A luz do dia penetrava já pelas frestas mal vedadas das janellas e

espalhava no aposento uma tenue claridade.

Veio então a Henrique a consciencia do logar em que estava, e uma

alegria profunda lhe dilatou o coração.

O leitor se ainda não padeceu de insomnias, de pesadêlos, ou de somnos

febris, não avalia por certo o contentamento intimo, que se apossa das

desgraçadas victimas d'esses demonios nocturnos, quando por excepção

elles as deixam em paz, e lhes respeitam o somno de uma noite completa.

Acordar só aos raios da aurora é um dos mais ineffaveis prazeres, a que

elles aspiram na vida.

Penetra-lhes então nos membros um insolito vigor; a arca do peito

expande-se-lhes mais livre e as sombras do espirito dissipam-se-lhes com

aquelle clarão matinal.

Foi o que succedeu a Henrique. Pela primeira vez depois de muitos mezes,

dormira de um somno a noite inteira.

Sentia-se com isto tão bom, tão vigoroso, tão contente que teve vontade

de cantar.

Mas o som, que o acordára, aquella nota unica, em que se confundiam

todas as notas da sonhada orchestra, ainda lhe soava aos ouvidos.

Prestando-lhe a attenção de acordado, conheceu que era o chiar dos

carros--o mesmo som, que na vespera o irritára, agora assim a distancia,

estava-lhe agradando, como nota extrahida por mão habil das cordas de um

violino.

Não resistiu mais tempo ao impulso que n'aquella manhã o incitava ao

exercicio, rara disposição no indolente filho da capital, que tinha por

habito ouvir o meio dia na cama.

Ergueu-se e abriu as janellas.

Não é licita a comparação entre a mais surprehendente transmutação de

uma d'essas apparatosas magicas, que tanto extasiam as multidões

embasbacadas nas plateias e camarotes de um theatro, e as que de

instante para instante, realisa a natureza. Descerrando o véo de nuvens

que encobre o fulgor do sol, elevando, acima do horizonte, esse

magestoso lampadario do mundo, ou o brilhante reflectidor que illumina

as noites desanuviadas, a natureza opéra, a cada momento, as mais

admiraveis e completas metamorphoses.

Durante o somno de Henrique realisára-se um d'esses effeitos magicos.

Abrandára gradualmente a violencia do sul; o vento, mudando, voltou em

sentido opposto a grimpa do campanario; dispersaram-se as nuvens;

luziram trémulas por momentos as estrellas, empallideceram perante o

alvor do dia, e quando o sol assomou por sobre a crista das serras,

estendia-se-lhe deante um vasto manto azul, tapetando a estrada, que

tinha a percorrer. Só, muito para o occidente, ainda algumas nuvens

amontoadas formavam uma como franja, que o astro nascente em breve

tingiu de carmim e de ouro.

Foi pois a luz de um dia esplendido e a brisa, cheia de aromas, que vem

dos campos nas alvoradas serenas que penetraram no quarto de Henrique,

quando elle abriu as janellas.

A inesperada surpreza quasi lhe soltava do peito uma exclamação de

prazer!

A aldeia, aquella mesma aldeia, escura e triste que, com o coração

apertado, atravessára na vespera, parecia outra.

O sol da manhã baixára sobre ella, dissipára-lhe as sombras,

colorira-lhe as verduras, reflectira-se-lhe nas presas, dispersára-se em

iris cambiantes na espuma das torrentes e cascatas naturaes, perfumára-a

de aromas, animára-a de cantos, transformára-a emfim na mais risonha

paizagem, em que os olhos de Henrique, pouco habituados ás esplendidas

galas do Minho, tinham nunca repousado.

O inverno despojára parte d'essas galas; embora! Até da propria nudez de

algumas arvores resultavam encantos. As folhas crestadas, os ramos

despidos, as moitas sem flores infundem tristeza; mas não tem a tristeza

poesia tambem? Pode haver completa paizagem onde não haja uns tons

escuros de melancolia?

Henrique de Souzellas, debruçado na varanda de pedra do quarto, não se

cançava de admirar aquella scena.

Parecia-lhe estar assistindo a um milagre de fadas, que, n'um momento,

elevam, nos ermos, jardins e paços, como os de Armida e Alcina.

Pois era esta a mesma aldeia, através da qual elle cavalgára de noite?

Os accidentes do terreno, aquelles accidentes, que tão do fundo da alma

amaldiçoára na vespera, produziam, vistos então d'alli, os mais

pittorescos effeitos. Abatia-se-lhe aos pés um não muito profundo valle,

opulento em vegetação, e que a certa distancia se continuava insensivel

e gradualmente com uma amenissima collina.

Além, um bello bosque de carvalhos seculares, que o inverno, privando-os

de folhas, tingira quasi da côr da violeta, contrastava com a fronde

sempre verde das laranjeiras nos pomares vizinhos, fronde por entre a

qual se divisavam abundantes os dourados fructos, poupados pela mão do

lavrador. As copas, como umbelladas dos pinheiros mansos, desenhavam nas

encostas e eminencias fronteiras as mais suaves ondulações. Dispersos

aqui e alli, e entremeiados com a verdura, grupos de casas campestres,

alvejantes á luz do sol, moinhos e azenhas, noras toldadas de ramadas

conicas, eiras, pontes rusticas, as mesmas talvez que com mau humor

trilhára na vespera, tão sinistras então, como graciosas agora; extensas

e virentes campinas e lameiros, onde pastavam numerosas manadas de gado.

Mais longe a igreja com a sua alameda á entrada e o cemiterio, onde um

só mausoléo avultava ainda; uma ou outra casa apalaçada, ennegrecida

pelo tempo; algumas ruinas, consolidadas pelas heras, revestidas de

musgos, douradas de lichens; finalmente, tudo o que tenta os

paizagistas, tudo o que exalça os poetas, tudo quanto suspende os passos

ao viajante; e, encobrindo todo o quadro, um tenuissimo sendal de

vapores azulados, dando-lhe a apparencia de uma das mimosas composições

a pastel da mão de Pillement.

A mudança de aspecto da scena operou não menor mudança nos sentimentos e

disposição do enlevado espectador que das varandas de Alvapenha a estava

observando.

--É preciso sair! é preciso sair!--disse Henrique comsigo.--Quero vêr

isto de perto; quero entranhar-me n'estes bosques, quero trepar por

aquelles montes, debruçar-me d'aquellas ribanceiras.

E vestindo-se á pressa, e sem sentir a necessidade de uma escrupulosa

\_toilette\_, saiu do quarto.

Encontrou nos corredores a tia Dorothéa, que o saudou amavelmente.

--Muito bons dias, menino, então como passaste tu a noite?

--Deliciosamente minha querida tia--respondeu elle, abraçando-a com

maior affecto e bom humor do que na vespera.

O que é sentir-se a gente bem!

--Então não estranhaste?

--Estranhei immenso!

--Sim?!--disse a tia, mortificada.

--Dormi a noite de um somno, e acordei bem disposto; o que para mim é a

mais estranha das occorrencias.

A tia sorriu satisfeita.

--Pois antes assim. E agora...

--E agora quero sair, quero vêr esta terra, que me está parecendo um

paraiso terreal.

--Espera, menino. Não vás sem almoçar.

--Almoçar! Pois que horas são?

--Não é cêdo; são já sete horas.

--Já sete horas!

E Henrique insensivelmente desviou os olhos para a janella, para vêr

como era a natureza, a uma hora a que raras vezes a examinava.

--E então acha que se pode almoçar ás sete horas?

--Por que não? Se está já prompto.

--Bom; almocemos. O doutor disse-me que tomasse os habitos da aldeia.

Principiemos por este.

Entrando para a sala do jantar, Henrique viu deante de si uma taça de

leite espumante, tépido, odorifero, extrahido de pouco tempo.

Foi por elle que principiou o almoço.

Pela primeira vez na sua vida disse elle ter bebido o leite verdadeiro,

o leite que não faz mentir a analyse dos chimicos, de que os

physiologistas exaltam as qualidades nutritivas, de que os poetas das

georgicas cantam as delicias e virtudes; só agora os comprehendeu elle,

que bem differente d'aquillo era o aguado e quantas vezes derrancado

sôro, a que estava habituado na cidade.

D. Dorothéa, almoçando, e Maria de Jesus, servindo, falaram, segundo o

costume, continuadamente.

Henrique, d'esta vez, falou tanto como ellas.

Ouvia-as já com mais attenção e respondia-lhes com mais vontade e

paciencia.

Falaram em muitas coisas.

A tia deu parte ao sobrinho de que varias pessoas da vizinhança,

sabendo-o chegado, lhe tinham mandado presentes de gallinhas,

offerecendo-se, ao mesmo tempo, para lhe mostrarem as raridades da

terra; disse mais que as senhoras da quinta do Mosteiro tambem tinham já

mandado saber d'elle, Henrique, e lembrou que seria delicado ir

visital-as aquella manhã.

Henrique concordou em tudo, quasi sem reparar em quê, e terminando o

almoço apressou-se a sair para o campo.

--E se te perdes, menino?--lembrou a tia.

--Se me perder, farei por achar-me.

Riram-se muito as boas mulheres e deixaram-o ir.

Dentro em pouco, Henrique atravessava a quinta, que tambem então lhe

parecia graciosa, de uma graça bucolica, a que não estava habituado. O

aspecto melancolico da vespera desvanecera-se. Até para ser completa a

mudança, estavam encadeados nas casotas o Lobo e o Tyranno, cujas boas

graças comtudo procurou conquistar, atirando-lhes biscoutos.

Foi um passeio delicioso o que elle deu. Tudo quanto via lhe era

novidade, tudo lhe captivava a attenção e o distrahia dos seus lugubres

pensamentos.

Depois de muito andar, de subir collinas, de descer valles e costear

ribeiros, foi sair a um pequeno largo, ao fim do qual havia uma casa

terrea, caiada de branco, com portas verdes e janellas envidraçadas,

sendo os vidros em alguns dos caixilhos substituidos por papel. Á porta

d'esta casa estava muita gente parada; mulheres, velhos, moços,

creanças, uns sentados, outros deitados, outros a pé e encostados á

umbreira, e todos apparentemente aguardando alguma coisa ou alguem do

lado de uma das ruas, que vinha terminar no largo, e para a qual se

dirigiam todos os olhares.

Henrique approximou-se d'esta casa com alguma curiosidade, que cêdo

satisfez, vendo em uma taboleta, suspensa no alto da janella, a seguinte

pomposa inscripção: «Repartição do correio», e, como a confirmar o

distico, um córte feito na porta para a recepção das cartas.

Lembrando-se da conveniencia de avisar o empregado do correio para lhe

serem remettidas a Alvapenha as cartas que lhe viessem de Lisboa,

Henrique entrou na repartição.

Consistia esta n'uma loja apenas, mobilada com um banco de pinho e

dividida por um mostrador, para dentro do qual se alojava todo o pessoal

do serviço, isto é, um homem por junto; e era este o sr. Bento

Pertunhas, personagem importante na terra, e a cuja intelligencia e

solicitude estavam confiadas mais do que uma funcção. Além de servir, em

interinidade permanente, como muitas vezes são as interinidades do nosso

paiz, este cargo, dito por elle, de «director do correio», estava de

posse s. s.^a de uma das cadeiras de latim e de latinidade, com que se

procura em Portugal fomentar nos concelhos ruraes o gôsto pelas lettras

antigas; era ainda regente e director da philarmonica da terra, armador

de igreja em dias festivos, ensaiador de autos e entremezes populares,

e, quando Deus queria, auctor de alguns tambem.

Vendo entrar Henrique nos seus dominios, o illustre funccionario tirou

cortezmente o seu bonnet de pelle de lontra e ergueu-se da banca para

cumprimentar tão honrosa visita. Nos cumprimentos que formulou disse o

nome de Henrique.

Admirado por ser já conhecido, Henrique interrogou o latinista e,

achando-o muito informado de tudo quanto lhe dizia respeito,

convenceu-se de que estava na presença de um esmerilhador de vidas

alheias do mais fino quilate e de um falador de assustar.

Com o fim de cortar a divagação, em que o homem entrára a respeito de

certa viagem que fizera a Lisboa, perguntou-lhe Henrique se o correio

não chegára ainda.

--Saiba v. s.^a que ainda não--respondeu o sr. Bento Pertunhas--mas não

deve tardar; o homem que d'aqui vae buscar as malas á villa, se bem

andasse, já cá podia estar. Esse formigueiro de gente, que v. s.^a ahi

vê á porta, está á espera d'elle. Hoje então, que chegam as cartas do

Brazil, ninguem pára com este povo. Dão-me cabo da paciencia. Isto é um

inferno! Eu sirvo este logar interinamente, emquanto o empregado está

paralytico; porque eu tenho outro cargo publico; sou professor de

latinidade.

--Ah!...

--É verdade, mas a minha vocação era para as artes. Meu pae queria que

eu fôsse padre e mandou-me ensinar latim; mas já então a minha paixão

era a musica. Eu ainda queria que v. s.^a me ouvisse tocar trompa, que é

o instrumento que mais tenho estudado... Se v. s.^a se demorar ha de

fazer-me o favor...

--Com muito gôsto.

--Não poder um homem seguir no mundo a sua vocação!

--Ainda assim não se pode queixar muito. O cultivo das lettras latinas

deve-lhe proporcionar gosos; porque emfim para quem possue instinctos de

arte, a leitura dos poetas já é um lenitivo contra as agruras da vida.

O mestre Pertunhas fitou Henrique com olhos muito abertos.

--Os poetas? Os poetas latinos! Ora essa! Então parece-lhe que pode

achar-se gôsto em lêl-os? Ai, meu caro senhor, eu por mim tenho-lhe uma

vontade!... O latim!... a mais destemperada e desesperadora lingua que

se tem falado no mundo! Se é que se falou--accrescentou em voz baixa.

--Então duvida que se falasse latim?--perguntou Henrique, sorrindo.

--Eu duvido. Não sei como os homens se podessem entender com aquella

endiabrada contradança de palavras, com aquella desafinação que faz dar

volta ao juizo de uma pessoa. Sabe o senhor o que é uma casa

desarranjada, onde ninguem se lembra onde tem as suas coisas quando

precisa d'ellas e passa o tempo todo a procural-as? Pois é o que é o

latim. Abre a gente um livro e põe-se a traduzir e vae dizendo: «As

armas, o homem e eu, canto, de Troia, e primeiro, das praias.» Quem

percebe isto! Ora agora peguem n'estas palavras e em outras, que elles

punham ás vezes em casa do diabo, e façam uma coisa que se entenda! É

quasi uma adivinha. Ora adeus! E depois--continuou elle, enthusiasmado

com o riso de Henrique, suppondo-o de approvação--e depois as

differentes maneiras de chamar a um objecto? Isso tambem tem graça. Nós

cá dizemos por exemplo: «reino e reinos» e está acabado; lá não senhor;

diz-se \_regnum\_ e \_regna\_ e \_regni\_ e \_regno\_ e \_regnis\_ e até

\_regnorum\_. Ora venham-me cá elogiar a tal lingua!

Henrique estava achando delicioso o odio entranhado de mestre Bento

Pertunhas á latinidade que ensinava com a proficiencia, que o leitor

pode imaginar, depois do que ouviu.

--Ai, meu caro senhor--continuou o atribulado \_magister\_--eu se me vejo

um dia livre d'este amaldiçoado latim, faço uma fogueira, na qual me hei

de regalar de vêr arder o Tito Livio e os Virgilios todos tres.

É de advertir que mestre Bento falava sempre no plural, ao referir-se a

Virgilio.

Quer-me parecer que para este interprete da litteratura latina tinham de

facto existido tres Virgilios, provavelmente irmãos, e cada um auctor de

cada um dos tres volumes da edição, que lhe servia de texto. Dizia

Virgilio 1.^o, 2.^o e 3.^o, como quem se refere aos monarchas homonymos,

que succederam n'um mesmo reino.

--Não me salvo se morro mestre de latim--proseguia elle.--Afunda-me no

inferno o trambolho da syntaxe.

Ia continuar, quando toda a gente, que Henrique viu fóra da porta,

principiou em desordenada azafama a entrar para a loja, que em breve não

comportava mais ninguem.

--Ahi vem o homem, sr. Pertunhas; ahi vem. Graças a Deus, que ahi

vem!--diziam todos á uma.

O funccionario principiou a impacientar-se.

--Então! então! Por onde ha de elle entrar, fazem favor de me dizer?

Saiam, saiam. Não ouvem? Então não fazem caso das minhas ordens? Dêem

logar. Não vêem que estão molestando este senhor?

Cada um dos reprehendidos n'estes termos indignava-se, ao vêr que os

outros não obedeciam ás ordens, mas, pela sua parte, não cedia um passo,

como se lhe valesse algum especial privilegio.

--Saia você, mulher--dizia um.

--E você por que não sae? Olha agora!

--A todos ha de chegar a vez. Descance. Se tiver carta lh'a darão. Lá

por estar aqui não é que...

--Pois então saia tambem. Ora essa!

--Ó santinha, não empurre.

--Ó filho, quem é que lhe faz mal?

--Por onde é que se quer metter, homem de Deus?

--Eu não sou menos que os outros.

--Que quereis vós d'aqui, canalhada?

--Não bata, que ninguem lhe tocou, seu velhote.

--Espera que eu te falo.

Estas e analogas vozes abafavam n'um rumor tumultuoso as agudas

declamações do «director do correio», o qual obrigou Henrique a passar

para dentro da teia, para se salvar das ondas populares.

Henrique estava achando igualmente curiosa a indignação do homem e a

alvoroçada anciedade do povo.

Ha de facto poucas scenas tão animadas, como a da chegada do correio e

da distribuição das cartas em uma terra pequena. Durante a leitura dos

sobrescriptos, feita em voz alta pelo empregado respectivo, um

observador, que estude attento as impressões que essa leitura opéra nos

semblantes dos que ávidos a escutam, como que vê levantar-se uma ponta

de cortina, corrida a occultar-nos as scenas da comedia ou da tragedia

da vida de cada um.

Que hora de commoções aquella, em que se abrem as malas, onde veem

encerrados porventura os destinos de tantas pobres familias! Quantas

vezes verdadeira boceta de Pandora, d'onde se espalham as desgraças e os

pezares!

Nas grandes cidades dispersam-se estas commoções; passam-se no recato

dos gabinetes de cada um. Lembrem-se porém das vezes, em que teem

segurado com mão trémula na correspondencia, que o correio lhes traz; no

anciar do coração com que lhe rasgam o sêllo; nas lagrimas ou sorrisos

com que lhe interrompem a leitura; no irresistivel movimento de

desespero com que a amarrotam depois, ou nas expansões apaixonadas com

que beijaram o nome que a subscreve; lembrem-se d'isso, multipliquem

depois esses affectos todos, despojem-os das reservas que a etiqueta

impõe ás classes mais civilisadas, façam-os manifestarem-se n'um mesmo

momento e n'um mesmo logar, e digam se concebem muitas outras scenas, em

que mais sentimentos e paixões se agitem em lucta travada.

Chegou emfim o homem das cartas, e a custo conseguiu romper até ao

mostrador, onde pousou a mala. O «director», depois de tossir, de

assoar-se, de suspirar e de limpar os oculos com umas delongas, que

formavam com a anciedade do povo um contraste desesperador, abriu

fleugmaticamente o sacco, extrahiu um não muito volumoso masso de

cartas, que despejou n'um cesto de vime, e tomou apontamentos.

Era digno do pincel de um artista aquelle grupo de physionomias, que

seguiam ávidas todos os movimentos de mestre Bento. Olhos e bôcas

abertas, mãos juntas, pescoços estendidos, a cabeça inclinada para

receber o menor som, tudo caracterisava profundamente a anciedade que

lhes dominava os animos.

Mestre Bento Pertunhas achou a occasião apropriada para dizer a

Henrique:

--Pois, senhor, eu nasci para artista. Quasi sem mestre aprendi a tocar

trompa e, não é por me gabar, mas prezo-me de tocar com certo mimo e

expressão.

Henrique volveu o olhar para o auditorio; apiedou-o a consternação

d'aquellas physionomias. Resolveu valer-lhe.

--Tem a bondade de vêr se ha alguma carta para mim?

--Ah! pois já as espera hoje?

--Não é provavel; porém...

Mestre Bento Pertunhas, em vista d'isto, começou em voz lenta e fanhosa

a leitura dos sobrescriptos.

Seguiu-se novo e não menos interessante espectaculo.

A cada nome proferido, erguia-se quasi sempre uma voz, ás vezes um

grito; estendia-se por cima das cabeças um braço, e, podemos

accrescentar ainda que se não visse, alvorotava-se um coração.

Outros, os não nomeados ainda, olhavam com anciedade para o masso, que

diminuia, e cada vez mais se lhes assombrava o semblante.

--Luiza Escolastica, do logar dos Cójos--lia mestre Pertunhas.

--Sou eu, senhor, sou eu; ai, o meu rico homem!--exclamou uma mulher

joven, apoderando-se ávidamente da carta.

--Joanna Pedrosa, de Serzedo--continuava elle.

--Aqui estou; será do meu Antonio, senhor?--disse uma velha, pobremente

vestida.

--Será do seu Antonio, será--respondeu o insensivel funccionario;--o que

lhe posso dizer é que traz obreia preta.

A mulher, que já tremia ao receber a carta, deixou-a cair, ouvindo

aquellas sinistras palavras. Apanharam-lh'a; e ella, tomando-a, saiu da

loja, a chorar lastimosamente.

--Se foi o filho que lhe morreu, não sei o que ha de ser d'ella--disse

um dos circumstantes.

--Coisas do mundo!--respondeu outro.

Estes commentarios foram interrompidos pela continuação da leitura.

--João Carrasqueiro.

--Prompto, senhor--bradou um velho.

--A mezada, hein?--disse Bento Pertunhas, fitando-o por cima dos

oculos.--O rapaz não se esquece.

--Deus Nosso Senhor o ajude, que bem bom filho tem saido.

--D. Magdalena Adelaide de...

--É a morgadinha, é a morgadinha--disseram a um tempo muitas vozes.

--Agradecido pela novidade; era cá muito precisa a explicação--disse o

Pertunhas: e passando a carta para uma mulher, que era a encarregada de

fazer a distribuição a quem a podia gratificar, accrescentou:

--Leve-lh'a a casa.

E proseguiu:

--Augusto Gabriel...

--É o mestre-escola...

--Ora fazem o favor de estar calados! Esta... como elle vem por aqui...

pode ficar... ainda que... será melhor levar-lh'a a casa, leve, leve

tambem...

--João Cancella.

--É o João Herodes.

--Esse foi a Lisboa.

--Então, quando vier, que appareça.

--O tio Zé P'reira ficou de receber as cartas. É compadre d'elle.

--Eu não quero saber de compadrices. O tio Zé P'reira que se occupe com

o seu zabumba e deixe lá os outros.

A leitura mais ou menos acompanhada d'estes dialogos proseguiu,

redobrando de momento para momento a anciedade dos que iam ficando. Um

fundo suspiro, unisono, melancolico, expressivo de desalento, seguiu-se

á leitura do ultimo nome e ás poucas palavras, com que o funccionario

fechou a tarefa.

--E acabou-se.

Os que ainda estavam na loja sairam cabisbaixos, morosos e com tão má

vontade, como se ainda tivessem esperança de commover a inexoravel

sorte.

Henrique, ficando só com Bento Pertunhas, teve de lhe escutar ainda, por

muito tempo, a narração dos seus passados triumphos artisticos, das suas

amarguras presentes no magisterio, e das suas esperanças em

melhoramentos futuros. Entre as ambições mais inquietas do mestre, a de

obter o logar de recebedor de comarca, proximo a vagar por a morte

imminente do respectivo empregado, figurava em primeira linha.

Depois de varias tentativas, Henrique conseguiu deixar o seu

interlocutor, e continuou o passeio que este episodio interrompera, tão

satisfeito e distrahido, que nem apprehensões lhe causava a ideia de

trazer as botas humedecidas pelas hervas do caminho, ideia que, em outra

occasião, bastaria para o fazer doente.

Ladeava elle um campo, cingido de altas silvas, a procurar saida para a

deveza, da qual um fundo vallado o separava, quando lhe pareceu ouvir um

rumor de vozes, como de alguem, que conversasse perto d'alli.

Parou a certificar-se.

Não se enganára. Era do outro lado da sebe, e na deveza, para onde

tentava passar, que se estava falando.

Espreitou por entre as folhas do silvado que o encobria, e viu uma

scena, que lhe moveu a curiosidade.

Um grupo de creanças e de mulheres do povo escutavam em pleno ar e com

religiosa attenção, a leitura que uma senhora joven e elegante lhes

fazia das cartas, que ellas para esse fim lhe davam. A senhora estava

montada, não como romantica amazona, em hacanêa fogosa, mas modesta e

simplesmente n'um digno exemplar d'aquelles pacificos animaes, a que

Sterne não duvidou dedicar algumas palavras de sympathia nas suas

paginas mais humoristicas, e que Pelletan incluiu entre os

collaboradores da humanidade na grande obra do progresso, ou, deixando a

periphrase, em uma possante e bem apparelhada jumenta.

Á roda as ouvintes encostavam-se com familiaridade ás ancas e ao pescoço

do immovel quadrupede.

A leitora segurava no collo a mais pequena e a mais nua das creanças do

rancho.

Lia com voz agradavel e sonora; e, graças á serenidade da manhã e ao

socego do logar, ouviam-se distinctas, á distancia que ficava Henrique,

as palavras, que ella pronunciava lentamente, como para as deixar

penetrar bem na intelligencia do auditorio.

Henrique reconheceu muita d'esta pobre gente, por a mesma que, momentos

antes, vira na casa do correio.

Mas as suas attenções voltaram-se com especialidade para a leitora.

Era uma mulher muito nova ainda. Uma graciosa figura de mulher, suave,

elegante, distincta, um d'esses typos que insensivelmente desenha uma

mão de artista, quando movida ao grado da livre phantasia; a côr, essa

côr inimitavel, onde nunca dominam as rosas, mas que não é bem o

desmaiado das pallidas, encarnação surprehendente, a que ainda não ouvi

dar nome apropriado.

Os cabellos em fartas tranças, em ondas naturaes, não de todo pretos,

porém, mais distinctos ainda dos louros; a estatura esbelta, sem ser

alta, o corpo flexivel, sem ser languido; um vulto de fada, emfim, com a

magestade, com a graça que deviam ter estas creações da poesia popular,

se fôsse certo tomarem a fórma de virgens, para matar de amores.

Não se concebe attenção tão distrahida, que esta mulher não fixasse;

olhos, que se não voltassem para seguil-a, depois de a vêr passar;

coração, que não se perturbasse na sua presença.

Trajava um singelo vestido de xadrez branco e preto, adornado no collo e

punhos apenas por collarinhos lisos. Descaía-lhe natural e elegantemente

dos hombros um chale de casimira escura, sem lhe occultar as bellezas da

airosa conformação; o chapéo de palha de largas abas, cobrindo-lhe a

cabeça, espalhava pelo rosto as meias tintas, tão favoraveis ás bellezas

delicadas.

Henrique comprehendeu logo a significação da scena, a que, tão

inesperadamente, viera assistir. Aquella mulher parára alli, para ler a

essa gente pobre e ignorante, as cartas que haviam recebido do correio.

Tambem era caridade a acção, muito mais cumprida com o bom modo e com o

carinho com que ella o fazia.

Henrique applicou a attenção.

--...«E por isso, minha mãe»--lia ella--«se Deus me ajudar, espero

dentro em pouco ir a essa terra e darei remedio a tudo. E não me fale

vossemecê mais em vender o cordão e as arrecadas. Diga ao senhorio que

tenha paciencia, que eu satisfarei a tudo.»

Aqui a leitora parou para perguntar:

--Então que historia é esta das arrecadas, Anna?

--É, senhora, que o aluguer estava vencido...

--E não podia falar-me antes de se lembrar do seu filho?

--Ora, senhora, bem basta o que...

--Fez mal. Estar a affligil-o com estas coisas! Elle que precisa de toda

a coragem!

E continuou a ler a carta, no meio das lagrimas e das expansões de

alegria da ouvinte, mais interessada n'ella.

Acabando, deu um beijo na creança, que tinha ao collo, e estendeu a mão

a receber a carta, que outra mulher do grupo lhe passou. Esta era menos

de consolar. Não se falava alli senão de contratempos, de revezes e

desesperanças. Mais do que uma vez teve de suspender a leitura, para

mitigar a dôr e enxugar as lagrimas, que ella estava produzindo na pobre

mulher, a quem era dirigida.

Após esta, ainda outra e outra; uma do marido para mulher; outra de

filho para mãe; outra de noivo para noiva.

Foi com o riso nos labios e inoffensiva malicia nas inflexões da voz e

no olhar, que ella decifrou os mal legiveis caracteres, com que em papel

bordado, pintado e recortado, vinham expressos os mais arrebicados

conceitos amorosos, que ainda dictou uma paixão.

A noiva córava, sorria; mas, no meio da sua modesta turbação, era

evidente que estava exultando de jubilo.

Com esta terminou a leitura.

Henrique não resistiu a esboçar rapidamente o gracioso grupo na

carteira, que trazia comsigo. Não pôde, porém, deixar de dar-lhe um

sabor de idade média, substituindo a jumenta por um palafrem de pura

raça e dando á donzella, pelos trajes com que a desenhou, os ares de uma

castellã rodeada dos seus vassallos.

Não lhe bastou o natural do quadro, quiz revestil-o de um figurino de

convenção. Perdôe-lhe a arte, que julgou servir.

Depois de distribuir mais alguns beijos pelas creanças, a gentil

rapariga passou a que tinha no collo para os braços da mãe e partiu

rodeada de agradecimentos e bençãos, perdendo-a Henrique de vista, por

entre as arvores do caminho.

Aquelle typo delicado de mulher, aquella singeleza do apurado gôsto, em

que não podiam enganar-se olhos conhecedores, como os d'elle, aquella

preciosa perola alli na aldeia! em uma terra para chegar á qual era

necessario fazer uma comprida e laboriosa jornada! D'onde viera ella e

como? que nuvem a trouxera? que viração a transportára?

Em tudo isto ficou a pensar Henrique, e quando se lembrou de que podia,

para esclarecer-se, interrogar alguem do grupo, já não ia a tempo;

tinham dispersado.

Conseguiu finalmente passar para a deveza, e foi sentar-se no logar, em

que lhe apparecera a visão e ahi se demorou algum tempo; mas

lembrando-se de que eram quasi onze horas, levantou-se para não faltar

ás promessas feitas á tia Dorothéa, e que eram: a de visitar as senhoras

do Mosteiro e a de estar em casa pouco depois do meio dia, para não

transtornar a regularidade dos habitos domesticos em Alvapenha.

Pediu pois a uma creancinha que passava, que o guiasse á quinta do

Mosteiro, e ahi chegou depois de um quarto de hora de caminho.

IV

A casa do Mosteiro, com a quinta annexa á casa, como o dava a entender o

nome, pelo qual o povo a conhecia, tinha pertencido em tempo a uma ordem

monastica.

Era um d'estes conventos campestres, que hoje ou se encontram em ruinas

ou transformados em solar de alguma \_notabilidade\_ provinciana. Ao de

que falamos coubera o ultimo destino.

Incluido, depois do acto dictatorial de 1834, na lista dos bens

nacionaes, fôra, por insignificante preço, vendido a um modesto

proprietario das immediações, mais arrojado do que os vizinhos, ou mais

convencido da estabilidade da nova ordem de coisas politicas, que se

inaugurava no paiz.

E em tão auspiciosa hora lhe acudira aquella inspiração, que, em pouco

tempo, lhe restituia a quinta o capital empregado, regalando-o todos os

annos com não calculados juros, e elle, sem intermittencias, cresceu

d'ahi por deante em prosperidade a ponto de deixar, ao morrer, a familia

no numero das mais abastadas d'aquella terra.

A propriedade do Mosteiro, apesar de varios melhoramentos e reformas

effectuados n'ella, offerecia, ainda claros, muitos vestigios de seus

primitivos usos. Não era raro encontrar-se, aqui e alli, em pé uma cruz

de pedra marcando antigos logares de devoção; no alto de algumas portas

conservava-se visivel o emblema e divisa da ordem, ou restos de

inscripções latinas; nas paredes da arcaria, em que se apoiava a face

posterior do edificio, mantinha-se ainda um azulejo contemporaneo dos

frades; finalmente resistira a successivas reformações certo colorido

monastico, que só após muitos annos se dissiparia de todo.

Entrava-se para a propriedade por uma larga, comprida e magestosa álea

de sobreiros seculares, alcatifada de relva, que, sobretudo dos lados,

por pouco trilhada, crescia espêssa e verdejante. Abria-se, ao fim

d'esta rua, o alto portão do pateo.

Henrique, deixado só pelo guia ao chegar alli, foi caminhando

vagarosamente por esta avenida, dominado por a intima commoção e

sentimento quasi de temor, que se apodera de nós, em todos os logares a

que se ligam memorias do passado.

A phantasia estava-o transportando a tempos, a que não chegavam já as

suas recordações, ás épocas, em que, por entre estas arvores gigantes,

se via passar, como um phantasma, o habito escuro do monge, cuja sombra

o sol, ao declinar no horizonte, tantas vezes projectou, esguia e

estirada, ao longo d'aquella mesma avenida.

Impressionado por esta ordem de pensamentos, chegou Henrique ao portão,

transpondo o qual se introduziu no pateo. Era um largo terreiro de

perfeita fórma rectangular, limitado ao fundo pela fachada da casa, e

lateralmente por elevadas paredes, armadas á maneira de pannos de Arrás,

com tapeçarias de vigorosas heras. A cada uma das paredes encostavam-se

dois tanques de vasta capacidade.

No tempo dos frades vomitavam, sem cessar, as feias e enormes carrancas

de todos estes quatro tanques grossos jorros de fresca e purissima agua;

porém as medidas economicas do ultimo proprietario e as exigencias dos

seus projectos agricolas haviam derivado para outros fins, parte d'esta

abundante veia, de maneira que tres d'aquellas bacias estavam agora

completamente a sêcco.

Os fetos de folhas recortadas, as pegajosas parietarias, os funchos

odoriferos, havia muito que tinham invadido a bôca dos encanamentos

inuteis onde encontravam asylo imperturbado lagartos, aranhas e

myriapodes, e se estabeleciam pacificas colonias de caracoes.

A fachada do ex-mosteiro nada tinha de notavel pelo lado architectonico.

A arte não tivera fadigas, ao concebel-a; o cinzel pouco se embotára a

executal-a; nem uma columna singela, nem um florão, nem um tympano lhe

davam a menos pretenciosa apparencia monumental. Imagine-se uma vasta

casaria de um andar além do terreo, com muitas janellas de peitoril e

uma só varanda de pedra sobranceira á porta principal; acima do telhado,

uma especie de agua furtada, de construcção evidentemente posterior e

aconselhada aos proprietarios modernos por conveniencias de accommodação

domestica; e ter-se-ha concebido o edificio.

Emquanto Henrique se occupava a examinar estas particularidades, um

velhito, que, sentado em um banco de pedra, que havia á porta de casa,

se estava aquecendo ao sol, ergueu-se e veio ao encontro do

recem-chegado, tossindo e arrastando os passos.

Junto de Henrique, o velho, de apparencia meia rustica, meia urbana,

depois de o saudar com grave cortezia, que deixou a descoberto o

\_solideo\_ fradesco com que resguardava a fronte calva, perguntou se

havia alguma coisa, em que o pudesse servir.

Ouvindo, depois de repetida, a resposta de Henrique, que disse procurar

as senhoras, com nova cortezia lhe fez signal para que o acompanhasse, e

ambos atravessaram o pateo em direcção da casa.

No portal o velho afastou-se de lado com toda a deferencia para deixar

passar Henrique; em seguida abriu-lhe a porta de uma primeira sala, e,

voltando-se, pediu-lhe para que lhe dissesse quem havia de annunciar.

Henrique deu-lhe para esse fim um bilhete de visita, cuja significação

teve de explicar, porque o velho não a comprehendia bem.

A final porém retirou-se por outra porta, levando o bilhete.

A sala, em que Henrique ficou esperando, era toda mobilada com pesadas

cadeiras de couro lavrado e alto espaldar, mesas de pés em espiral, e

pelas paredes alguns ennegrecidos retratos de frades, pertencentes

provavelmente aos antigos proprietarios do mosteiro.

No momento em que o velho servo, que era uma especie de feitor honorario

da casa, abriu outra porta da sala, para ir annunciar á familia a visita

de Henrique, chegaram aos ouvidos d'este, de mistura com um tinir de

louças e de crystaes, as vozes e risos de creanças, que falavam ao mesmo

tempo. Com a entrada do velho produziu-se um certo silencio, e após uma

voz de mulher, de timbre fresco e agradavel, disse audivelmente e como

em resposta ás palavras do criado:

--Ora as etiquetas com que esteve, Torquato! Mande entrar para aqui.

O feitor parece que resmoneou não sei o quê, a que ainda a mesma voz

redarguiu:

--O que não é bonito é fazel-o esperar. Ande, vá.

Torquato--chamemos-lhe assim, visto que assim lhe chamaram--appareceu

outra vez e fez signal a Henrique, de que o esperavam na sala immediata.

Henrique que presentiu ir achar-se na presença de uma mulher nova e

porventura bonita, correu, com instincto de perfeito homem de côrte, os

dedos pelos cabellos, afagou o bigode, ageitou rapidamente o laço da

gravata e entrou.

Era completo o contraste d'este aposento com o primeiro; transpondo

aquella porta dissipava-se todo o perfume antigo, todo o caracter de

vetustez, que até alli reinava em tudo. Era moderno o estuque do tecto,

modernissimo o papel que forrava as paredes, e a mobilia toda de um

cunho de actualidade, visivel aos olhos menos pesquizadores. Como para

tornar mais frizante o contraste, a presença do velho feitor estava aqui

substituida por a de duas creanças, a mais velha das quaes mal passaria

dos seis annos.

O reposteiro, que caiu atraz de Henrique, foi como que uma cortina

corrida sobre o passado. A porta, que elle transpuzera, a barreira que

separava dois seculos.

Sentadas no tôpo de uma longa mesa de jantar, coberta de louça fina

ingleza, estavam as duas creanças que dissemos, com os seus babeiros

brancos e tendo cada qual defronte de si um prato de odorifera sôpa. Em

pé, á cabeceira, presidia ao \_lunch\_ infantil uma mulher, de quem

Henrique só pôde notar vagamente os contornos geraes do corpo e não as

particularidades das feições, porque, ficando voltada de costas á luz

das janellas, velavam-lhe o rosto umas meias sombras, que não favoreciam

o exame.

Ao vêr entrar Henrique, ella disse-lhe jovialmente:

--Na aldeia a sala de recepções é aquella em que a gente se acha, quando

lhe annunciam uma visita. É assim pelo menos que eu comprehendo o viver

do campo.

--E é assim que eu o aprecio, minha senhora--respondeu Henrique,

approximando-se da mesa.

As creanças, interrompendo a refeição, fitavam o recem-chegado com

aquelles olhos espantados e penetrantes, com que ellas, promptamente, e

quasi sempre com a certeza de um verdadeiro instincto, decidem para si

das sympathias ou antipathias de que lhes é merecedor um estranho, a

quem vêem pela primeira vez.

A mulher, que presidia ao banquete, não suspendeu com a entrada de

Henrique a occupação domestica, na qual estava empenhada. Mostrava

receber-lhe a visita com um perfeito «á vontade», que nada tinha porém

de affectado.

--Não sei se v. ex.^a sabe...--ia dizendo Henrique, quando, ao chegar

perto d'ella, parou subitamente em meio da phrase.

Na mulher, que estava deante de si, reconheceu a leitora da deveza, a

interessante rapariga, que tanto o preoccupára.

Era ella, era o mesmo vestido de xadrez, era a mesma cabeça, agora

melhor apreciada ainda, porque nada havia a encobrir-lhe a fronte de um

primoroso modelo, e os cabellos penteados com tanta graça como

singeleza. Em vez do longo chale de casimira, trazia agora uma especie

de jaqueta, curta e larga, apertada por alamares, de fórma pouco mais ou

menos similhante á que, na nomenclatura das modistas, nomenclatura quasi

sempre absurda, e de mau gôsto, teve depois a impropria e desastrada

denominação de \_zuavo\_!

A surpreza de Henrique não passou despercebida a quem era causa d'ella e

que lhe correspondeu com um gesto de curiosa interrogação.

--Perdão, minha senhora--disse Henrique, comprehendendo aquelle

gesto--mas ignorava que vinha encontrar aqui uma pessoa, que já me não

era estranha.

--E sou eu essa pessoa?

--É v. ex.^a effectivamente.

--Pois já nos vimos?

--Já... quero dizer, eu já vi v. ex.^a

--Pode ser; pela minha parte confesso-lhe que me não lembra de o ter

visto nunca. Apesar d'isso sei que é o sr. Henrique de Souzellas,

sobrinho d'aquella boa senhora de Alvapenha, a tia Dorothéa; não é

verdade?

--Eu proprio. O conhecimento que tenho de v. ex.^a não é antigo tambem;

data de algumas horas apenas.

A interlocutora de Henrique, ouvindo isto, contrahiu levemente as

sobrancelhas bem desenhadas, fez um movimento de labios e deu á cabeça

uma ligeira inclinação sobre o hombro, d'onde resultou para aquella

gentil physionomia a mais adoravel expressão de estranheza, que pode

animar um semblante de mulher.

--Esta manhã--proseguiu Henrique, a quem os encantos d'aquelle gesto não

tinham passado despercebidos--assisti a uma scena commovente. O logar

era uma deveza; uma joven senhora... joven e... e com outras qualidades,

além d'esta, para excitar attenções, lia, em voz alta, as cartas que

algumas pobres mulheres do povo acabavam de receber pelo correio...

Ella não o deixou continuar.

--Ah! entendo agora. Viu-me? Já andava por fóra? Não o suppunha assim

madrugador. Mas onde estava tão escondido? Vejo que é indiscreto... Não

admira, habitos da cidade. É verdade, é. Aquella gente encontrou-me no

caminho quando eu voltava de uma visita a uns parentes pobres, e não me

deixou sem que eu lhe abrandasse a ancia de coração que a affligia.

Coitados! Que havia eu de fazer? Diga-me, já pensou no supplicio que

deve ser olhar a gente para uma folha de papel escripta, na qual sabemos

que se fala de uma pessoa querida, e não ter poder para decifrar aquelle

enygma? Que martyrio! Eu por mim, confesso que me falta o animo para

recusar pedidos d'aquelles, como me faltaria para negar uma gotta d'agua

ao desgraçado que visse a morrer de sêde. A crueldade seria quasi igual.

Não lhe parece?

Henrique formulou um galanteio, que ella porém não ouviu, entretida já a

escutar o que uma das creanças lhe dizia.

--Lena, olha a Annica, que está a deitar a sôpa d'ella no meu prato.

--Deixa falar, Lena, deixa falar, foi ella que primeiro a deitou no meu.

Não tem vergonha de mentir!

--Então--disse Magdalena, que a este nome correspondia a contracção

familiar, de que se serviam as creanças.--Olhem agora se teem juizo.

Vejam se querem que eu vá dizer á mamã que venha para aqui.

--Não é ella a mãe, visto isso--pensou Henrique, como quem modificava

uma opinião que concebera antes e folgava com a modificação.--Será irmã?

Talvez... Ou mestra... É mais provavel que seja mestra. Esta mulher foi

de certo educada na cidade. Tem uns ares distinctos...

E elevando a voz:

--V. ex.^a está-me recordando uma scena de um precioso livro, que nunca

me canço de ler.

--Qual é?

--Werther.

--Ah!

--Conhece?

--Conheço... quero dizer, li-o, por acaso, ha pouco tempo. Compara-me a

Carlota? É por estar a distribuir as rações d'estas creanças? Que mulher

ha que não seja Carlota, n'essa parte? Em todas as casas se passa uma

scena assim. Bem se vê que não tem familia.

--Por quê?

--Por lhe fazer tanta sensação o espectaculo d'esta.

--É certo--respondeu Henrique com melancolia.--Deve ser essa uma das

causas; mas não a unica--accrescentou galanteadoramente.

E, de si para si, estava encantado de saber que a sua interlocutora

tinha lido Werther.

Magdalena, para mudar de conversa, perguntou-lhe:

--Então que lhe parece esta nossa aldeia?

--Um jardim. Hontem, ao chegar, confesso que me foi desagradavel a

impressão recebida. Nem admira; a noite, o frio, a chuva, o cansaço.

Esta manhã, porém, a transformação foi completa. Estou encantado,

fascinado! N'uma palavra, minha senhora, eu, cidadão em corpo e alma,

reconciliei-me em poucas horas com a vida do campo.

--Desconfie da mudança rapida. Habitos radicados, qualidades ou defeitos

de educação não se perdem assim depressa. Alguns dias aqui, e suspirará

por Lisboa outra vez.

--Talvez não. Hoje estou até em acreditar que tinha razão o doutor, que

me prometteu a cura das minhas doenças, se me costumasse devéras a estes

habitos campestres.

--Ai, prometteram-lhe isso? E espera costumar-se?

--Por que não? Hoje já almocei ás sete horas, já andei mais do que uma

semana inteira ando em Lisboa. E inda tenho por vêr as raridades da

terra.

--As raridades?! E que raridades são essas que inda tem para vêr? A

nossa pobre aldeia não lhe merece essa ironia.

--Então acha tão pouco curiosa esta terra? Do quasi nada que d'ella

observei esta manhã, parece-me até...

--Ai, se fala da natureza, é outra coisa. A cada passo se encontra um

ponto de vista, que nos obriga a uma exclamação. Mas ha por ahi certos

cicerones, que insistem em mostrar aos hospedes as bellezas da arte.

Peça a Deus que o livre d'esse flagello.

--V. ex.^a assusta-me. Embora; se lhes cair nas mãos, farei por achar

curioso o que elles acharem. Vae ser esse o meu systema de cura.

Interessar-me por tudo o que a um homem da aldeia interessa. Foi o

regimen que me prescreveu o medico, quando me receitou o campo, a titulo

de emolliente; se o seguir, salvo-me.

--E não o diga a rir. Se quizer prender-se á aldeia, abjurar os

attractivos da cidade, deve rustificar-se em tudo; principiar por

cultivar o interesse por as questõesinhas da terra; deve, por exemplo,

declarar-se pelo abbade contra a junta de parochia ou pela junta de

parochia contra o abbade; ralhar do regedor na questão com os

taberneiros ou defendel-o. Emquanto não chegar a isso, desconfie da sua

acclimação.

--Farei por conseguil-o o mais depressa possivel. Outra coisa necessaria

é deixar-me convencer ingenuamente dos inexcediveis dotes de espirito

das notabilidades da terra, o que é de rigor; estar em perpetua

admiração deante de uns certos nomes famosos que ha sempre em todas as

terras pequenas, e que nos atiram á cabeça a cada momento. Por exemplo,

aqui já sei de um, com que encherei a bôca a proposito de tudo; é o de

uma celebre morgadinha dos Cannaviaes, pessoa em quem ouço falar, desde

que puz os pés, ou por mim a alimaria que me trouxe, n'este productivo

torrão.

Magdalena sorriu de uma maneira singular, ouvindo isto.

--Então com que, tem ouvido falar muito n'essa morgadinha?

--Oh! mas não faz ideia; de uma maneira desesperadora. Não ha pinhal,

quinta, azenha, choça ou lameiro que não pertença a essa entidade, para

mim desconhecida. Este nome anda-me já nos ouvidos, como um estribilho

de cantiga popular; na estrada, nos campos, em casa de minha tia, na

loja do correio, em toda a parte o ouço pronunciar. Parece que voga nos

ares.

--Isso deve ter-lhe excitado a curiosidade de conhecer a pessoa.

--Qual! tem-me impacientado a ponto de nem perguntar por ella. E demais

parece-me que a estou a vêr.

--Ora diga. Então como a imagina? Annica, não tens ahi um guardanapo?

--Como a imagino? Imagino-a uma morgada, e está dicto tudo; uma senhora

nutrida, a rever saude por todos os póros, encarnada como uma romã,

sobre quem os vestidos á moda assentam como pendurados de um cabide, as

mãos cheias de anneis, meias luvas de retroz, um chapéo com uma

cercadura de rendas, pousado no cocoruto da cabeça... V. ex.^a ri-se?

Acertei?

--Parece-me que sim; mas julgue-o por si já que tem á vista o original.

--Como?!

--A morgadinha dos Cannaviaes, sou eu.

--Vossa Excellencia!...

Henrique de Souzellas, apesar do seu uso do mundo, esteve por muito

tempo sem saber como sair da situação em que se puzera.

Magdalena ria com toda a vontade; os pequenos riam, por contagio, sem

saberem de quê. Tudo augmentava pois a confusão de Henrique.

--Ora confesse--insistia cruelmente Magdalena--confesse que o está

lisonjeando a exactidão das suas conjecturas.

Henrique teve emfim uma lembrança. Tirou do bolso a carteira, em que,

horas antes, esboçára rapidamente a figura esbelta da morgadinha,

rodeada das mulheres do povo, e mostrando-lh'a, disse:

--Veja v. ex.^a se esse esboço, apesar da sua imperfeição, está de

accordo com a estupida concepção, que eu formára.

Magdalena lançou a vista para a carteira e sorriu.

--Ah! desenha?

--Quando os modelos tentam, tenho d'essas ousadias. Os resultados são

lastimosos, como estes. Perdôe-me o original, que julguei possivel

copiar, o desacato, mas...

Magdalena fitou em Henrique um olhar penetrante.

--Isso que diz sabe-me a um galanteio. Devo advertil-o de uma coisa, sr.

Henrique de Souzellas. Não ha nada tão mal empregado como uma fineza no

campo. Tudo quer o seu logar. Em Lisboa talvez o achasse pouco

delicado... ou pelo menos pouco amavel, se me não dirigisse d'essas

phrases conceituosas e bonitas. Vive-se d'isso lá. Aqui acho-as

affectadas e inuteis... Que quer? Influencias da scena. Ha tanta

semceremonia no campo! Aqui todos nos tratamos como parentes: ha de vêr.

Não repara como eu o recebo n'uma sala de jantar, sem nem sequer tirar

os babeiros a estas creanças? Olhe lá que fizesse o mesmo em Lisboa...

--Então v. ex.^a já lá esteve?

--Eu nasci lá e lá me eduquei.

--Ah! bem se vê.

--Ah? Ahi está um \_ah\_, que eu desejaria muito que me explicasse.

--Não me será difficil fazel-o. É que antes já de ouvir falar v. ex.^a,

só ao vêr certa distincção, certa elegancia de maneiras, conjecturei...

--Basta. É um \_ah\_ portanto, que tem umas poucas de más qualidades.

--Devéras? Uma interjeição tão innocente!

--Pelo contrario, é a voz mais perfida e inconstante da nossa lingua;

tudo exprime, a hypocrita. O seu \_ah\_ é vaidoso, adulador e iniquo pelo

menos. Pela vaidade castigue-o algum resto de modestia que ainda se

abrigue no seu coração lisbonense; a adulação competia-me castigal-a,

mas perdôo-lh'a porque quero ainda suppôr que é um symptoma da doença

das cidades, a meu vêr, a principal doença, que o obrigou a procurar a

aldeia; da iniquidade, da injustiça, que faz á educação que se pode dar

na provincia, ha de convencer-se dentro em pouco, quando eu lhe

apresentar minha prima Christina, uma rapariga, que tem vivido aqui

sempre e que protesta contra essa sua opinião; possue tudo quanto pode

dar de bom a educação das cidades, e, o que mais vale, aquillo que lá é

tão facil perder-se depressa, uma candura adoravel. É a irmã mais velha

d'estas creanças--accrescentou, pousando a mão na cabeça dos pequenos,

que comiam e conversavam um com o outro.

--Mas v. ex.^a...

--Perdão. Outra coisa. Já agora que entrei no caminho das admoestações,

permitta-me mais uma, antes de perder o ar grave, que hei de por força

ter. Não me sôa bem o impertinente tratamento de excellencia, que me dá.

Essa excellencia está a pedir-me uma senhoria, pelo menos, e,

confesso-lhe ingenuamente que me custaria a voltar na lingua uma palavra

tão comprida.

--Como quer então que a trate?

--Eu sei?... Olhe, uma ideia! Ha pouco não me comparou á Carlota de

Goethe? Deixe-me pois adoptar uma lembrança d'ella. Está certo de que

tratou o Werther por primo, a primeira vez que lhe falou? É um

tratamento como outro qualquer; e entre nós mais justificado, porque

sendo o sr. Henrique sobrinho direito de D. Dorothéa, e teimando minha

tia Victoria, a mãe d'estes pequenos e de Christina, que D. Dorothéa é

ainda uma especie de nossa tia arredada, e como tal a tratamos, nós a

final de contas vimos a ser uma especie de primos tambem. Pelo menos

assim o sustentou e decidiu hontem minha tia Victoria; e ha de vêr como

por primo o tratará! É um tratamento menos incómmodo; eu chamar-lhe-hei

primo Henrique; chamar-me-ha, se quizer, prima Magdalena, e

desterraremos para sempre a antipathica senhoria e excellencia;

concorda?

--Acceito e acho deliciosa a proposta. Adoptamos o principio falso,

admittido pela fidalguia em Portugal, de que «os primos dos nossos

primos, nossos primos são.»

--Fica pois ajustado?

--Fica ajustado.

--Bem. Mas que ia dizer ha pouco?

--Nem eu já sei... Ah!... Perguntava se tinha estado muito tempo em

Lisboa e o que a obrigou a vir viver para aqui.

--Isso é nem mais nem menos do que pedir-me a historia da minha vida.

Seja; é um sacrificio inevitavel a quem se vê pela primeira vez.

Deixe-me primeiro attender a estes pequenos, que eu principio.

E, depois de partir a cada creança uma fatia de queijo, a morgadinha

principiou:

--A historia é curta e sem peripecias, tranquillise-se. Eu sou filha de

Manuel Bernardo de Mesquita e...

Este nome era o de um dos principaes vultos politicos da época, e que

então militava no campo opposicionista, sendo indigitado para ministro

na primeira reforma ministerial, homem influente, de grande capacidade

politica, tendo sempre advogado no parlamento as ideias mais liberaes, e

militado no partido progressista.

Henrique de Souzellas, que conhecia todas as personagens de importancia

no paiz, fitou Magdalena com olhar estupefacto: tão longe estava de

encontrar alli a filha de um futuro ministro.

--Filha do conselheiro Manuel Bernardo! V. ex.^a?

--Excellencia! Esquece-se da nossa convenção? Repare! É verdade. Não

sabia que meu pae era d'aqui? Eu e meu irmão Angelo, que estuda

actualmente n'um collegio em Lisboa, somos os unicos filhos de meu pae.

Nasci, como disse, em Lisboa, mas as continuas enfermidades de minha mãe

fizeram-nos vir para aqui viver na companhia d'ella; aqui mesmo morreu,

e aqui está sepultada. O Angelo nasceu já n'esta casa. A morte de minha

mãe deixou-me orphã aos doze annos, e incompleta a educação que ella

principiára a dar-me e para a qual, se vivesse, ella só bastaria. Fui

pois obrigada a voltar a Lisboa, onde continuei com mestra a minha

educação. Mas, ao chegar á idade dos quinze annos, receiando meu pae que

os ares da cidade desenvolvessem em mim germens de molestia, que

porventura tivesse herdado, mandou-me outra vez para aqui, onde sempre

passava alguns mezes no anno, e para onde me chamavam tambem habitos

adquiridos em creança. Eu sou muito aldeã. Para aqui vim pois. A morte

de meu tio, passado pouco tempo, impressionou profundamente a minha tia

Victoria, que ficou desde então um pouco... um pouco... com pouca

paciencia para olhar por as coisas domesticas. Isto creou-me novos

deveres; havia aqui muitas creanças, estas duas, outras que estão lá

dentro, e Christina, que era então creança tambem; occupei-me a ajudar

minha tia.

--E tão admiravelmente, que a mais carinhosa mãe o não faria melhor.

--Dou-me bem com as creanças, dou. E a meu pae devo, em parte, o ter

aprendido cedo esta sciencia. Porque é uma sciencia tambem.

--Então como procedeu o conselheiro para a ensinar?

--Eu lhe digo. Meu pae tem em certas coisas umas ideias muito

singulares. Excellentes as acho eu. Oh! não imagina que boa e excellente

alma é a de meu pae! Era eu uma creança, tinha onze annos, talvez,

quando elle, um dia, vindo de Lisboa passar aqui algum tempo comnosco,

me trouxe uma boneca, realmente bonita; uma maravilha de Nuremberg. Nos

primeiros dias não me fartava de a vêr, de a beijar, até commigo a

deitava. Oito dias depois succedia o que era de esperar, já nem d'ella

sabia. Meu pae notou-o.--Então, Lena--aqui todos me chamam assim--já não

gostas da tua boneca?--Disse-lhe eu: Gosto, mas...--Bem sei, já fizeste

tudo o que tinhas a fazer por ella, e como, pela sua parte ella nada faz

por ti, enfastias-te, canças-te de conceber, a cada momento, brinquedos

novos. Tens razão; onze annos já não é idade em que o interesse se

sustente com tão pouco, é necessario mais. Ora dize-me, Lena,--continuou

elle--se eu te mandasse vir uma boneca que movesse os braços e os olhos,

que te sorrisse, que chorasse tambem, que te beijasse até...--Pois ha

bonecas assim?--perguntei eu, admirada.--E desejaval-a?--Oh! se a

houvesse!...--Trago-t'a ámanhã. Não dormi aquella noite a pensar na

boneca. No dia seguinte apresentou-me meu pae uma creança de um anno,

orphã de uma pobre familia, que uma epidemia extinguira, e

disse-me:--Ahi tens a boneca que te prometti, Lena; vou confial-a aos

teus onze annos. Veremos se tens juizo para brincares com ella. É assim

que eu quero que aprendas os deveres de mãe, que é a verdadeira sciencia

apropriada a mulheres. E o que é certo é que eu, dissipado o desgosto

dos primeiros momentos, porque o tive, confesso, costumei-me a querer

áquella pobre creança, fui avara nas suas caricias, troquei por ella

todos os meus brinquedos, e senti-lhe do coração a morte, quando, um

anno depois, ella me expirou nos braços. Quando fui para Lisboa, já ia

educada para amar creanças.

Magdalena contára tudo isto naturalmente, sem a menor affectação, sem

deixar até de attender aos primos, o que augmentava o interesse com que

a escutava Henrique.

--E assim fica sabendo quem é a morgadinha dos Cannaviaes--concluiu

ella, desatando o babeiro das creanças, que tinham terminado o \_lunch\_.

--É verdade, mas d'onde lhe vem este titulo singular, prima

Magdalena?--perguntou Henrique, tomando ao collo uma das creanças, que a

morgadinha pousou no chão.

--É que eu sou realmente a morgadinha dos Cannaviaes. Quero dizer, minha

madrinha vivia na quinta dos Cannaviaes, uma quinta que fica d'aqui

perto. Era uma senhora velha, rica, elegante e muito caprichosa;

chamavam-lhe todos a morgada dos Cannaviaes. Tomou-me ella affeição, e,

sempre que passeiasse, me havia de levar comsigo; d'ahi começaram a

chamar-me de pequena a morgadinha. Quando ella morreu deixou-me tudo

quanto possuia; n'esse legado entrava a quinta dos Cannaviaes, de que

sou proprietaria ainda. Foi uma como confirmação do titulo, que já desde

creança me tinham dado; e para todos sou aqui a morgadinha, titulo na

verdade pouco elegante e que tão mau conceito fez conceber ao primo

Henrique da possuidora d'elle.

--Retracto-me, prima Magdalena; agora que sei a pessoa a quem elle

pertence, parece-me outro. Acho-o bonito, gracioso...

--Vamos, vamos. Confesse que o titulo não é dos mais romanticos e que,

de boa vontade, escreveria outro nome debaixo do desenho de phantasia

que ahi fez, da mesma maneira que deu á humilde e fiel jumenta, que eu

montava ha pouco, a conformação e orelhas elegantes de um palafrem, e

quasi me transformou em uma amazona ingleza.

Henrique respondeu, sorrindo:

--Na impossibilidade de reproduzir as graças naturaes, soccorri-me ao

expediente das bellezas de convenção. Confesso o meu deploravel erro.

--Olhe que não estamos em Lisboa, primo Henrique. Repare para essas

arvores e refreie o sestro galanteador, com que está.

--Por quem é! Não leve o rigor a tal extremo. Tão injusta é comsigo, que

se recuse a acceitar, como naturaes e sinceras, as phrases que a sua

presença inspira?

--Ai, meu Deus, como refina! Veja como essa creança, que tem no collo, o

está encarando com os olhos espantados. Se ella nunca ouviu falar assim

aqui!

Henrique beijou as faces da creança, movimento em que não ia uma

intenção menos lisonjeira do que nas phrases que dissera, porque elle

percebia que Magdalena era extremosa pelos seus pequenos primos.

Abriu-se, n'este meio tempo, a porta da sala, e entrou, saltando, outra

creança mais crescida, mas ainda de vestidos curtos, trazendo na mão uma

folha de papel.

--Lena--dizia ella em alta voz.--Olha; queres vêr o que o sr. Augusto só

me emendou hoje no thema francez?

Chegando ao meio da sala, parou a olhar com estranheza para Henrique.

--É o sr. Henrique de Souzellas--disse Magdalena.--O hospede da tia

Dorothéa. Esta é Marianna, outra de minhas primas--accrescentou,

voltando-se para Henrique.--Já vê que não faltam creanças n'esta casa; e

ainda ha mais. É o que lhe dá o ar alegre que tem.

Marianna cumprimentou Henrique e não se constrangeu por mais tempo;

mostrando á prima a composição que o mestre lhe emendára, disse:

--Ora vê que não tive muitos erros.

Magdalena sorria, examinando o thema.

Henrique ia a fazer não sei que pergunta a Marianna, quando á mesma

porta, por onde ella entrára, appareceu o mestre, de quem se falava.

Augusto, que assim se chamava o recem-chegado, era um rapaz de pouco

mais de vinte annos de idade; de rosto pallido e physionomia

intelligente.

Ninguem adivinharia n'aquelle typo um mestre-escola de aldeia.

Trajava com simplicidade, porém com asseio e gôsto, e havia em toda a

sua figura certo ar de distincção, que feria quem pela primeira vez o

visse.

N'um leve pendor de cabeça, no olhar penetrante e fixo, e nos labios,

como habituados a fecharem-se á saida dos pensamentos intimos, lia-se o

caracter pouco expansivo d'aquelle adolescente.

Magdalena dirigiu-lhe a palavra, em tom de manifesta deferencia.

--Como vão os seus discipulos, sr. Augusto?

--Optimamente, minha senhora--respondeu o interrogado.

--O sr. Augusto--disse Magdalena, apresentando-o a Henrique--o primeiro

mestre de meu irmão Angelo e hoje mestre de Marianna e Eduardo.

--Esquece-se, minha senhora,--accrescentou Augusto--que de Angelo sou

discipulo tambem, e mais discipulo do que fui mestre.

--Do que me esqueci, e, a falar a verdade, não devia, foi de que de

Angelo é effectivamente mais do que mestre, é amigo; assim como de todos

nós. Este senhor--continuou ella, concluindo a apresentação--é o senhor

Henrique de Souzellas, que se esperava em Alvapenha; é ainda nosso

primo.

Os dois cortejaram-se com affavel delicadeza.

--Teve carta de Angelo?--perguntou em seguida a morgadinha.

--Não recebi ainda o correio de hoje.

--Nem nós; e é de estranhar que meu pae pelo menos não me escrevesse!

Angelo não virá passar a festa comnosco? Pobre rapaz! Parece que renasce

quando se vê aqui. É uma perfeita creança então.

Eduardo, outro primo de Magdalena, que Henrique ainda não vira, entrou

n'este momento na sala, trazendo um masso de cartas na mão. Depois de

cumprimentar Henrique, a quem Magdalena o apresentou, disse para

Augusto:

--A mamã deu-me essas cartas para o sr. Augusto escolher d'ahi aquellas

que eu pudesse ler.

--Eu verei devagar--disse Augusto, guardando-as n'uma pasta que trazia.

--Ah! já temos o Eduardo a ler cartas!--disse a morgadinha, afagando o

primo.

--Pelo que vejo--disse Henrique de Souzellas, vendo Augusto em

disposições de partir--tem uma vida muito occupada?

--E tanto que sou obrigado a pedir licença para me retirar. Tenho de ir

esta tarde a casa do Seabra...

--Ai, lecciona ainda as pequenas do brazileiro?--perguntou Magdalena.

--Ainda, sim, minha senhora.

--E como vão essas mulatinhas?

Augusto encolheu os hombros, sorrindo; gesto que não devia lisonjear a

vaidade do sobredicto brazileiro, se tomasse a peito os dotes

intellectuaes das referidas mulatinhas.

Passados segundos, Augusto retirou-se, apertando a mão a Magdalena que

familiarmente lh'a estendeu, e a Henrique, que a imitou.

--Ia apostar que vae alli uma intelligencia--disse Henrique ao vêl-o

sair--algum d'esses grandes espiritos, que vivem e morrem ignorados e

improductivos, porque os não aquece o sol do favor publico, nem os

bafeja a aura da moda caprichosa. É terra de maravilhas esta, ao que

estou vendo.

--É um rapaz intelligente, é--disse a morgadinha--e uma alma generosa.

Desde tenra idade costumou-se a trabalhar. Não tem familia. O pae foi um

pobre e honrado advogado de um logar perto d'aqui, que morreu quasi na

miseria, deixando-o por educar. A mãe, que era d'estes sitios, para ahi

veio, depois que viuvou. Elle tem sido, pode dizer-se, mestre de si

mesmo. Dirigiu os primeiros estudos de Angelo e hoje é o seu melhor

amigo. A morgada, minha madrinha, legou-lhe um patrimonio para elle se

ordenar: não quiz, e preferiu ser mestre-escola. Meu pae, que lhe

reconhecia intelligencia para mais, tentou dissuadil-o d'isso, mas nada

conseguiu. Não ha quem o arranque d'estes sitios.

--Prende-o talvez alguma paixão?

--Não sei. É certo que é um professor modelo. O seu primeiro despacho

foi temporario; agora, porém, espera meu pae fazel-o effectivo; para o

que já elle fez novo concurso. Já vê que ambições são as d'este rapaz.

--Na verdade! com muito menos fundamentos ha quem aspire a ser ministro.

Mas com certeza o coração entra como elemento no problema d'esse

caracter.

--Mas ainda agora reparo!--exclamou a morgadinha--eu esquecida a

conversar, e sem avisar a minha tia e Christina da sua chegada! Não o

fiz logo, porque as sabia occupadas em umas longas novenas, em que

andam; mas agora é tempo. Vae, Marianna, e tu, Eduardo; ide ambos

dizer-lhes que está aqui o... o primo Henrique de Souzellas.

Marianna e o irmão sairam a correr.

--Vae conhecer duas boas almas--disse Magdalena, voltando-se para

Henrique--minha tia é uma santa senhora, cujo peor defeito é suppôr-se

victima dos criados; e Christina... Christina é um anjo.

V

Henrique de Souzellas sentia-se cada vez mais penetrado da sympathia,

que logo á primeira vista, aquella mulher lhe despertára.

Havia na morgadinha um mixto de candura e de ironia, certa delicada

reserva fluctuando, como uma sombra diaphana, na conversa familiar, a

que tão espontaneamente se dava; um visivel conhecimento dos usos e

etiquetas sociaes, e ao mesmo tempo uma coragem para cortar por elles,

como quem se sentia sobranceira a toda a ousadia, inaccessivel ás

suspeitas dos mais atrevidos: havia tantos enygmas n'aquella sympathica

indole feminina, que poucos seriam impassiveis deante d'ella.

A pensar n'isto se ficou Henrique de Souzellas, calado, immovel,

absorto, seguindo com os olhos os movimentos de Magdalena, que, sem o

menor constrangimento, proseguia nas suas occupações domesticas.

Ouviram-se finalmente passos e vozes de differentes timbres na sala

immediata.

--Ellas ahi veem--disse a morgadinha.

De feito, precedidas por Marianna e Eduardo, entraram na sala D.

Victoria e Christina.

A mãe vinha dizendo:

--É o que eu digo... Não que vocês não querem crer! Ora vejam se isto se

atura... se isto não é para metter uma pessoa no inferno!... Não tem que

vêr!... Não ha ninguem que mais dinheiro gaste com criados e que seja

tão mal servida como eu!... Eu só queria saber o que fazem os criados

d'esta casa? Sim, só queria que me dissessem o que elles fazem, esse

bando de mandriões!... Elle é o Torquato, elle é o Luiz, elle é o

Damião, elle é a Ermelinda, elle é a Rosa, elle é a Violante... e não

havia um só que me viesse dizer que tinha chegado o primo! É forte

coisa!... Compromettem uma pessoa! Então como está?--accrescentou ella,

mudando de tom para cumprimentar Henrique, a quem estendeu a mão.

Magdalena, ao ouvil-a, tinha já trocado com este um olhar malicioso.

Henrique correspondeu delicadamente á saudação das senhoras e procurou

justificar os criados.

--Não m'os desculpe,--atalhou D. Victoria, elevando outra vez o tom de

voz--aquillo é de proposito para fazerem ficar mal uma pessoa; ninguem

me tira isto da cabeça... Aquillo é de proposito!

--Mas a mamã não vê que as criadas estavam comnosco á novena?--lembrou

timidamente Christina.

--Pois que não estivessem. Quem tem serviço a fazer não pode ouvir

novenas.

--Mas se a mamã é que as mandou!

--Pois sim... pois sim... mas... mas ellas é que me deviam dizer que

tinham que fazer. Então eu é que lhes hei de estar a lembrar as suas

obrigações? Não me faltava mais nada! Ora tens coisas, menina! Mas então

vamos a saber, primo Henrique, fez bem a sua jornada?

Henrique principiou a falar para desvanecer a irritação de D. Victoria.

Como nós já sabemos dos pormenores da tal jornada, aproveitaremos a

occasião para dizer duas palavras a respeito das novas personagens, que

estão em scena.

D. Victoria, havendo attingido já a idade respeitavel dos quarenta e

tantos annos, dispensa-nos grandes longuras e esmeros de descripção.

Basta que o leitor saiba que era uma senhora nutrida, bondosa no fundo,

e que sabia muito bem trazer os vestidos escuros da sua viuvez.

Impertinente com os criados, doida pelos filhos e sobrinhos, muito

sujeita a esquecimentos, e confundindo-se facilmente sempre que tentava

forçar o espirito a abraçar alguma ideia mais complexa; mãos rotas com a

pobreza; intolerante, em theoria, com os ladrões e malfeitores, porém

felizes d'elles se d'aquellas mãos lhes dependesse a condemnação; eis o

que era D. Victoria. Christina, porém, tinha dezenove annos; e esta

idade gosa de privilegios, que eu não posso infringir. O leitor não me

perdoaria se me visse passar estouvadamente por deante da prima de

Magdalena, sem um olhar de homenagem á sua juventude e ao seu typo

feminino. Reparemos pois.

Christina era mais bonita do que bella. Não havia n'aquelle rosto uma só

feição, que não fôsse correcta e delicada. Tez alva e finissima; olhos

meigos e quebrando-se com suavidade infantil; bôca, d'onde parecia

sempre prestes a sair um afago ou uma consolação; voz, que da muita

piedade d'aquelle bom coração, tirava ás vezes modulações commoventes;

n'uma palavra, uma figura de cherubim, como as sonharam os mais

inspirados artistas, cuja mão representou na téla os augustos mysterios

do christianismo, tal era a primogenita de D. Victoria. Mas não

procurassem n'ella alguns d'aquelles attractivos, que fixam de repente e

como por magnifico influxo, a attenção dos olhos, uma d'essas

particularidades physionomicas, pelas quaes a natureza, destruindo com

arrojo feliz a geral harmonia de um semblante, consegue tornal-o mais

fascinador; temperavam-se alli tão completamente todas as feições, que a

attenção não se sentia obrigada a passar do conjuncto d'ellas, o que

lhes diminuia muito a intensidade. É o grande senão dos rostos

harmonicamente perfeitos.

Concordava-se em que Christina era galante, ninguem lhe negaria

sympathias; mas o pensamento na ausencia d'ella, não se sentia dominado

por a sua imagem: perdia-a até n'um vago, quando pretendia fixal-a: eram

suaves de mais as inflexões d'aquelles contornos, brandas as tintas que

lhes davam relevo, para que a memoria conseguisse reproduzir facilmente

o typo angelico, de que lhe ficára uma agradavel, mas vaga impressão.

Por um homem, em quem predominasse a razão, Christina poderia vir a ser

adorada; mas nas imaginações ardentes, nos corações inflammaveis,

difficil lhe seria produzir alguma impressão duradoura.

Para bem se comprehender a belleza de Christina, era preciso sondar-lhe

primeiro o coração, apreciar todo o thesouro de sentimentos que alli se

continha; então descobrir-se-lhe-hia nas feições certa belleza ideal,

reflexo de bondade e candura, uma d'essas claridades que as almas puras

e generosas vertem nas physionomias. Se não fôsse receiar-me de

linguagem que saiba a philosophia, diria que a belleza, que possuem umas

mulheres assim, é uma belleza subjectiva.

De tudo isto é natural concluir que Henrique de Souzellas podia

sympathisar com a candida figura de Christina, a qual baixava

timidamente os olhos deante d'elle, córando cheia de enleio e confusão,

mas que qualquer sentimento que ella lhe inspirasse, não conseguiria por

muito tempo desviar-lhe o sentido dos encantos mais attrahentes da

morgadinha--que a muitos respeitos, menos na bondade de coração, formava

contraste completo com sua prima.

Travára-se animada conversação entre as pessoas presentes, e

principalmente entre Henrique, D. Victoria e Magdalena.

D. Victoria quiz ser informada da doença de Henrique. Este passou a

fazer-lhe uma exposição igual, com pequenas variantes, á que fizera á

tia.

Mencionou, como a ella, aquelles vagos symptomas, aquellas tristezas,

impaciencias e desalentos, que tão ingenuamente a boa senhora

classificára como mania.

Emquanto Henrique falava, Magdalena poz-se a rir.

Henrique tornou para ella os olhos.

--Ó menina, de que ris tu?--perguntou D. Victoria, com certo tom de

severidade.

--Rio-me d'aquella doença, tia. Pois já viu alguem padecer d'aquillo?

Ora diga?

--Eu?... mas...

--Pode dizer que não. E comtudo o primo Henrique não mente. Ha

d'aquellas doenças na cidade, ha; mas na aldeia são tão raras, que eu

mesma as estranho já, eu que as vi em outro tempo...

--Então não crê na realidade d'ellas.

--Não lhes estou a dizer que sim? Ouço até que já teem levado ao

suicidio. Acredito-o. Os habitos da civilisação affeiçoam a seu modo a

natureza humana e criam molestias novas, que nem por isso são menos

naturaes. Mas que quer, primo? A minha estranheza, ao vêr um d'esses

doentes em plena aldeia, não é modificada por todas essas considerações.

É como um homem de casaca e gravata branca; não ha nada mais sério e

mais grave n'uma sala de baile, mas colloque-m'o n'um monte, e diga se o

pode olhar a sério.

--Quer dizer que não devo queixar-me aqui, sob pena de zombarem de mim.

--Tanto não digo; mas não o entenderão; isso não.

--Porém a minha doença não é só d'essas, que se não dão na aldeia, prima

Magdalena; eu creio que verdadeiras desordens organicas...

--Ah! tambem?--Com esse aspecto de robustez?!...

--Se eu sei o que tu estás ahi a dizer Lena!--disse D. Victoria, que não

tinha percebido bem o dialogo.

--É que eu, minha tia, teimei em fazer perder ao primo Henrique todos os

maus habitos da cidade, com que veio para aqui. Sem isso não pode

curar-se.

--Sujeitar-me-hei da melhor vontade a tão agradavel dominio.

--Principia mal, se principia com uma fineza. Já o avisei ha pouco...

--Será necessario tornar-me grosseiro, para me salvar? N'esse caso

renuncio á cura.

--Grosseiro, não; basta que seja razoavel e sobretudo...

--Acabe.

--Acabo? eu sei? Eu ás vezes sou sincera de mais.

--Eu adoro as sinceridades.

--Já que o quer... É preciso que seja razoavel e sobretudo...

desaffectado.

Henrique de Souzellas mordeu ligeiramente os labios, córando.

--Então acha?...

--Acho que está sempre a imaginar-se n'um salão; faz uns gastos de

galanteria, desnecessarios e perdidos.

--Ó meninos, eu não vos entendo--repetia D. Victoria.

Magdalena sorriu.

--Digo eu que...

Um criado entrando com as cartas do correio não a deixou continuar.

--Sempre chegou o correio!--exclamou Magdalena com vivacidade, recebendo

as cartas.--Por que veio tão tarde?

--A mulher contou-me lá umas historias de uma quéda, e...

--Coitada! Aconteceu-lhe algum mal?

--Esteja descançada, minha senhora. Ella partiu já e era um gôsto vêl-a

a correr.

Magdalena abriu com pressa a carta recebida.

--É de meu pae--disse ella, olhando-lhe para a lettra e, depois de pedir

licença, começou a ler para si.

--Pois agora--dizia, n'este meio tempo, D. Victoria a Henrique--o que

deve é aproveitar estes bonitos dias para dar alguns passeios. As

pequenas acompanham-n'o. Aonde me dizias tu no outro dia que querias ir,

Christina?

--Eu! disse Christina, córando.

--Tu, sim, menina. Inda hontem me falaste n'isso. Ora onde era?...

--Á Senhora da Saude, mamã.

--Ai, é verdade, á Senhora da Saude. Ahi está já um passeio bonito. Vê?

Saem d'aqui uma manhã cêdo, levam alguma coisa para lá comer, porque o

ar do monte abre o appetite, e a cavallo estão lá n'um instante...

--A cavallo, mamã! d'aqui á Senhora da Saude? Ora! Vae-se muito bem a

pé--notou Christina do lado.

--Isso é por os açudes.

--Pois por onde haviamos de ir?

--Por a Granja, que é melhor.

--Por a Granja! É uma legua!

--Que tem? mas escusam de trepar como cabras por o lado dos açudes, que

é até perigoso; e depois para que hão de ir a pé, se para ahi estão os

cavallos sem fazerem nada? É vontade de se cançarem.

--Mas appetece ainda mais n'este tempo. Só se... só se alli o sr.

Henrique...--disse Christina, embaraçada ao continuar.

--Eu o quê, minha senhora?

--Perdão--interrompeu D. Victoria.--Por que não has de tu chamar primo

ao primo Henrique? pois não chamamos tia á tia Dorothéa?

--Por isso mesmo, mamã,--respondeu Christina--os sobrinhos da tia

Dorothéa não são...

--Não averiguemos d'esses parentescos, priminha,--acudiu Henrique--eu

acceito a proposta da mamã, peço para ser considerado do numero de seus

primos.

Christina baixou os olhos, sorrindo.

Henrique proseguiu:

--Mas parece que receiava por mim, quando falou em ir a pé á Senhora da

Saude. Não sei onde é o logar, mas desde já me comprometto a não cançar.

--Não tem que saber--disse D. Victoria, caminhando para uma

janella.--Ella lá está. Olhe que inda é necessario saber trepar.

--Tendo duas tão galantes companheiras de viagem--tornou Henrique,

depois de reparar no monte escarpado que ficava a alguma distancia

d'alli, o mesmo que o almocreve lhe mostrou--parece-me que daria a pé

uma volta ao globo e que subiria a correr o Pico de Tenerife.

--O que eu lhe digo, primo--accrescentou D. Victoria--é que se acautele,

porque se lhes vae a fazer todas as vontades, tem que vêr.

--Inda que morresse em tão agradavel serviço, teria de agradecer a Deus

a morte.

--Cá me chegou aos ouvidos o cumprimento--disse Magdalena, que

continuava a ler.--Logo ajustaremos contas.

--É implacavel esta nossa prima, não acha?--perguntou Henrique,

sorrindo, a Christina, que por unica resposta só soube sorrir tambem.

--Pois então, é arranjarem, é arranjarem isso e quanto antes, que não ha

que fiar no tempo. Eu se pudesse tambem ia, mas já não são passeios para

mim, e depois estes criados...

Henrique de Souzellas receiou nova divagação sobre o assumpto predilecto

de D. Victoria; mas felizmente acudiu-lhe a morgadinha, que disse,

terminando a leitura da carta:

--Escreve-me o pae que tenciona vir passar comnosco as ferias do Natal e

trazer Angelo comsigo. Promette demorar-se até o dia dos Reis.

As creanças saudaram a nova com gritos de alegria, e saltos de causarem

inveja a um clown de circo.

D. Victoria zangou-se.

--Então que pouca vergonha é essa? Parecem-me um bando de patetas! Ora

vamos! Já quietos. A culpa tem a Ermelinda, que já vos devia ter levado

para a quinta. Ó Senhor, esta praga de criados, que nunca ha de fazer a

sua obrigação!

As creanças reprimiram um pouco mais as expansões de seus jubilos, mas

ainda ficaram cantando a meia voz, em musica de composição d'ellas, o

seguinte:

--Vem o primo Angelo! Vem o primo Angelo! Ora viva, viva! Ora viva, olé!

--Pschiu! Calae-vos!--bradou ainda D. Victoria; e voltando-se para

Magdalena:--Mas então como se entende isso, Lena? Então o pae diz que

vem...

--Nas vesperas do Natal.

--Sim, nas vesperas do Natal, e vae...

--Depois dos Reis.

--Sim; está bem; e... sim... e então o Angelo?...

--O Angelo vem com elle. Quer vêr a carta?

--Não, menina. Mas é preciso não fazer confusão... Então...

--Não ha nada menos confuso... É só isto.

--Sim; pois agora, sim; agora está bem claro. Calae-vos, diabretes! Ó

meu Deus, que consumição! Mas então por que não entregou o criado ha

mais tempo essa carta? Eh! não que vocês dizem que elles...

--Ó tia, pois não ouviu que foi a mulher das cartas que se demorou,

porque...

--Historias! Não me venham para cá com esses contos. Vocês estão sempre

promptos para desculpal-os. São elles...

--Ó Lena, Lena--diziam as creanças--o primo Angelo não torna para

Lisboa?

--Ha de tornar.

--Ora!

--Olha lá, ó Lena--disse D. Victoria--sabes tu o que me lembra?... Mas

eu nem sei... com estes criados que tenho... Mas a mim lembra-me... uma

vez que teu pae vem com o pequeno... e... está agora cá o primo

Henrique... lembra-me a mim... mas, já digo, era se eu pudesse contar

com os criados que temos... lembra-me, juntarmo-nos todos para

consoar... A prima Dorothéa tambem, e aqui o primo; mas era se...

Uma perfeita ovação acolheu o projecto; as creanças levaram as suas

demonstrações de enthusiasmo até o delirio, penduraram-se ao pescoço, á

cinta, ao avental da mãe, gritando todas a um tempo:

--Ai, sim, mamã, sim; mande convidar a tia Dorothéa, mande! E ha de

ficar em casa, sim? Olhe e... e arma-se o presepe... e... e... e havemos

de cantar as janeiras... Mande, mande, mamã, por as alminhas; ora mande.

D. Victoria fingia arrenegar-se com aquella pequenada, e erguia o braço,

como para a fustigar asperamente, mas, contra a sua vontade, rompia-lhe

o riso dos labios.

--Saiam d'aqui!--exclamava ella, quando conseguiu estar

séria.--Saiam!... Não ouvem?... Espera que eu vos falo... Ai, não fazem

caso? Ora esperem... Marianna, já devias ter mais juizo... Então,

Eduardo! Tu tambem? Não tem vergonha! Um homem quasi! Saiam d'aqui,

estafermos!

A ideia das consoadas em familia fôra uma ideia que a ninguem deixára

impassivel. Christina, a timida Christina, não disfarçou um movimento de

jubilo; as mãos ajuntaram-se-lhe instinctivamente, e raiou-lhe no olhar

suave um fulgor pouco costumado.

A propria Magdalena não se mostrou superior áquella tocante puerilidade.

Approximou-se com viveza da tia, e beijando-a nas faces, disse-lhe

affectuosamente:

--Ora ahi está o que é muito bem pensado.

--Pois sim, sim, mas o peor é... os criados--disse D. Victoria.

--Quem fala n'isso? Na noite de Natal quem mais trabalha somos nós.

Demais, teremos, para dirigir as tarefas, a Maria de Jesus, a criada da

tia Dorothéa.

--Isso é que é a perola das criadas! Oh! aquella prima Dorothéa, aquella

sua tia, primo Henrique, é que teve felicidade! Mas dizes tu... Bem se

importam os de cá com a Maria.

--Não tem dúvida. N'aquella noite quanto mais barulho e desordem,

melhor--aventurou-se a dizer Christina, com impeto revolucionario.

--Ahi temos outra! Não, filha; isso é que não. Para barulhos é que eu já

não estou. Então, não.

--Está resolvido--disse a morgadinha, para cortar pelas divagações da

tia.--Aqui o sr. de Souzellas--accrescentou, com maliciosa

inflexão--fica desde já encarregado de transmittir á tia Dorothéa o

nosso plano e, ao mesmo tempo, officialmente convidado.

--Acceito da melhor vontade.

--Não sei se o deverá dizer. É preciso que o avise de que n'aquella

noite todos teem de trabalhar na cozinha; a ninguem se dispensa, um

minuto, pelo menos, de collaboração nos guisados. Por isso veja lá....

--Ó menina, tens coisas!--disse D. Victoria.--Deixe-a falar, primo.

--Não é deixe-a falar. Eu não dispenso ninguem.

--E eu prometto não me recusar. Promptifico-me a tornar detestaveis os

pratos em que puzer a mão. Que mais querem?

Foi alegremente acolhida a promessa.

As creanças, familiarisadas já com Henrique, em quem tinham adivinhado

um humor jovial, o que é sempre para ellas um motivo de attracção,

trepavam-lhe já aos joelhos e dirigiam-lhe perguntas sobre perguntas,

difficultando-lhe as respostas.

--Havemos de jogar o rapa, não havemos?

--Havemos de jogar, havemos--respondeu Henrique.

--E o par ou pernão?

--Tambem; tambem havemos de jogar o par ou pernão.

--E?...

--Tudo, tudo; havemos de jogar tudo.

--Olhe: e sabe contar historias?

--Sei tambem contar historias.

--Então ha de contar-nos, que nós tambem lhe contamos a da Gata

borralheira, a da Maria de pau e a da Menina com as tres estrellinhas na

testa.

--Ora, o sr. Henrique já as sabe--disse, fazendo-se sisuda, Marianna.

--Pois não sei, não, senhora; quem lhe disse que eu as sabia? hei de

querer ouvir isso tudo.

--Ó meninos!--exclamou D. Victoria, que até alli estivera distrahida a

discutir com Magdalena.--Então isso que é? Já para baixo. Ai, se lhes dá

confiança, está arranjado, primo.

--Deixe-os estar, minha senhora, este contacto de alegrias é salutar;

pegam-se.

--E não o diga a brincar--disse Magdalena--que tambem confio n'essas

creanças para o curarem dos seus males.

--Então devéras emprehendeu curar-me?

--Com toda a certeza.

--N'esse caso havemos de discutir devagar esse ponto de pathologia.

--Não havemos, não, senhor. É mau medico o que soffre que o doente o

interrogue sobre a molestia e o tratamento. O medico deve ser obedecido

com fé, e cega.

Christina que, havia muito, defronte de Magdalena, fazia esforços por

lhe chamar a attenção, resolveu-se a falar-lhe.

--Lena--disse ella--que te parece a lembrança que teve ha pouco a mamã?

--A das consoadas? Excellente.

--Não, menina, a do passeio á ermida.

--Ah! Excellente tambem. Marquemos já o dia.

--Quando queres?

--Depois de ámanhã, que é quinta feira.

--Seja.

--Que diz, primo Henrique?

--Quando quizerem, primas; agora mesmo...

--Mas, veja lá, atreve-se a fazer uma madrugada?

--Pois não viu hoje?

--Ai, pois não! Na aldeia não se chama isso uma madrugada. É preciso que

se levante ás horas, a que se deitava na cidade.

--Que estás a dizer, Lena?--acudiu Christina.--Deixa-a falar. Basta que

saiamos d'aqui ás cinco horas.

--Esta innocente Christina! Pois não é o mesmo que eu digo? Pergunta ao

primo Henrique se tinha costume de se deitar mais cêdo em Lisboa.

--Engana-se, prima Magdalena; lembre-se de que, ha perto de um anno, sou

valetudinario.

--Ai, é verdade, que me tinha esquecido. O que vejo é que ha por aqui

muita indolencia.

--Quem a ouvir falar, ha de julgar que será ella a mais madrugadora; ora

havemos de vêr--disse Christina.

Magdalena poz-se a rir.

E o passeio ficou ajustado. A morgadinha lembrou que se convidasse

Augusto, por ser conhecedor do sitio e poder mostrar os mais bellos

pontos de vista.

Henrique saiu finalmente da quinta do Mosteiro, já retardado uma boa

hora ao que promettera á tia Dorothéa.

Um criado serviu-lhe de guia até Alvapenha.

Henrique de Souzellas, ao findar aquella manhã, era inteiramente outro,

do que viera para a aldeia. Todas aquellas horas se haviam passado, sem

que o affligissem os males habituaes, sem que nem sequer pensasse

n'elles. O viver intimo a que assistira, a troca reciproca de affectos

entre os membros de tão numerosa familia, a franqueza cordial com que

fôra recebido, produziram n'elle uma impressão profunda.

Costumado ao viver desconsolador e de gêlo de rapaz solteiro e só; não

passando, nas casas que visitava, além da sala de visitas, esse palco

artificioso e reservado, onde as familias ante as familias representavam

a comedia social, Henrique estranhára, mas agradavelmente, o

espectaculo, quasi novo, d'aquelle interior, d'aquelles modestos

costumes, d'aquellas alegrias, que não se envergonham de apparecer sem

reservas nem disfarces. Foi uma revelação que recebeu. Sorriu-lhe a

ideia de ter um dia uma familia assim; de viver entre creanças que lhe

trepassem aos joelhos, na companhia de affectos, que alli via

manifestarem-se, e até com alguem que ralhasse com os criados, á maneira

de D. Victoria.

Escusado é dizer que a imagem da morgadinha apparecia sempre n'estes

quadros que lhe traçava a phantasia: assim como, nos quadros dos grandes

mestres, apparecem quasi sempre reproduzidas as feições queridas da

mulher que elles traziam no pensamento e a quem deram assim a

immortalidade.

De manhã parecera-lhe a aldeia um paraiso terreal; completára-o a figura

de uma mulher; sem o sorriso d'ella nem o primeiro homem seria feliz no

eden, onde a mão de Deus o collocára.

--Anda, vagaroso, anda--disse D. Dorothéa a Henrique, assim que o viu

chegar.--Se o jantar tiver esturro, a culpa é tua.

--Perdôe-me, tia. Demorei-me no Mosteiro...

--Ah! foste lá? E então gostaste d'aquella gente?

--É uma familia para o coração. Passa-se o tempo alli tão depressa! A

morgadinha, sobretudo, é adoravel!

--Ai, ai; como elle nos vem! Olha lá no que te mettes, menino! A mina

boa é, mas... filho, anda alli encanto, que ainda ninguem descobriu.

Henrique fitou os olhos na tia Dorothéa, que dissera isto com certa

malicia.

--Que quer dizer, tia?

--Tu bem me percebes. Anda lá, anda. Se fizesses tu o milagre, se

quebrasses o encanto, grande coisa seria; mas sempre te digo que não

tomes a coisa a peito, que podes aggravar o teu mal.

Henrique levou o caso a rir, mas é certo que esteve um pouco mais

preoccupado e distrahido no resto da tarde.

VI

O leitor, se alguma vez realisou uma viagem na companhia de qualquer

amigo, ha de ter observado que, durante os primeiros tempos que passam

juntos n'uma terra para ambos desconhecida, tão alheios ás coisas como

ás pessoas, no meio das quaes se vêem, nem por momentos se soffrem

separados; um segue sempre o outro em todos os passos que dá, precisa

d'elle para communicar-lhe as primeiras impressões recebidas, e

pedir-lhe em troca as suas; á medida porém que, pouco a pouco, se vão

familiarisando mais com os logares e com as personagens d'aquelle mundo

novo, afrouxa a constricção d'esses laços, e cada um principia a

readquirir a independencia individual, que de motuproprio havia

abdicado.

Um facto similhante nos succede com Henrique de Souzellas. Encontrámol-o

na estrada; na companhia d'elle entrámos em uma terra, onde tudo nos era

estranho; nada mais natural do que dar o braço um ao outro, passar

juntos a manhã, e fazer, em commum, as nossas visitas. Agora, porém, que

temos já algum conhecimento da terra e da gente, é tempo de nos

declararmos independentes, e sacudirmos o jugo de uma companhia forçada,

a qual, embora seja de um amigo estimavel, se é forçada, é sempre jugo,

em certas occasiões.

Os proprios Castor e Pollux, ou Pylades e Orestes, penso eu, haviam de

ter momentos em que se desejassem sós; se é que não deviam aos deuses a

felicidade de possuirem curtos espiritos, o que não creio.

Deixemos, pois, Henrique de Souzellas entretendo com a tia Dorothéa a

mais pacifica das conversas que podem auxiliar a digestão de um jantar;

deixemol-o no tranquillo recinto de Alvapenha, e vamos associar-nos a um

dos nossos recentes conhecimentos, que é Augusto, o mestre de Marianna e

de Eduardo, aquelle pallido rapaz que entrevimos na sala da casa do

Mosteiro.

Ao sair d'alli, Augusto seguiu através de campos e á beira de vallados,

com aquelle ar pensativo que lhe era peculiar.

O pouco que da historia d'elle soubemos, pelas palavras da morgadinha, é

já bastante para que nos não admire a quasi incessante melancolia de

Augusto.

Aos vinte annos e sem familia! com intelligencia e mal podendo, á custa

de sacrificios, cultival-a, e eleval-a á altura das suas aspirações!

Alma generosa e compassiva, tendo muita vez de limitar-se a chorar os

infortunios que via, porque a pobreza lhe negava meios de remedial-os!..

não serão estas ainda nuvens bastantes para toldarem a luz de uma

existencia, embora a juventude as illumine?

Havia alguns annos que esta disposição para a tristeza se exacerbára em

Augusto. Coincidiu o facto com algumas circumstancias, que convém

referir.

A morgada dos Cannaviaes, madrinha de Magdalena e de quem viera a esta o

nome de morgadinha, pelo qual mais conhecida era na aldeia, havia ao

morrer instituido um legado a favor de Augusto, então creança, com a

condição d'elle abraçar a vida ecclesiastica. O conselheiro, pae de

Magdalena, devia administrar este legado, educando o rapaz nas escolas

de Lisboa ou Porto, desde o dia do seu primeiro exame até o da primeira

missa, porque n'esse lhe entregaria o capital por inteiro.

Isto succedeu no tempo em que a mãe de Augusto, que havia dois annos

viuvára, luctava com a miseria, e o rapaz, pela sua penetração e pelo

enthusiasmo com que aprendia, causava o espanto do velho mestre regio da

localidade.

Foi por todos abençoada a memoria da morgada, por tão bem cabido legado,

que era ao mesmo tempo que remedio ás privações de uma familia, premio e

estimulo á intelligencia e á applicação de uma creança, que promettia

vir a ser... Deus sabe o quê.

Ninguem se lembrou de perguntar a si proprio se a clausula, posta pela

legataria como condição á concessão do beneficio, não podia ser uma

crueldade que o annullasse; se comprar um futuro por dinheiro, sem

querer saber a quantidade de aspirações, de esperanças, de phantasias

que sejam, a que se tem de renunciar pelo contracto, não é uma

iniquidade; se não era uma quasi simonia ir a casa do pobre, e fazendo

luzir os reflexos do ouro nas sombras da miseria, propôr-lhe trocar por

estes thesouros, que o fascinam, os valiosos thesouros da alma. Eu por

mim abomino estes legados condicionaes, que um espirito malevolo,

egoista e desejoso de dominar ainda depois da morte, tantas vezes dicta;

essas meigas generosidades são ás vezes a causa do infortunio de uma

vida inteira; acceites ou recusadas, é raro que depois, a cada provação

que nos experimenta, uma voz interior nos não exprobre o partido que

abraçamos.--«Louco! para que hesitaste em trocar meia duzia de

phantasmas por um bem real? Quem te mandou sacrificar a vaporosos idolos

de poetas o beneficio que te offereciam?»--dirá ella aos que rejeitaram

o pacto.--«Ambicioso!--clamará aos outros--ahi tens a felicidade que

julgaste comprar á custa do que ha de mais nobre na alma humana;

embriaga-te agora no incenso, em que envolveste o altar do bezerro de

ouro, consumindo ahi as tuas mais santas e generosas aspirações.»

Augusto não adivinhou porém logo a crueldade da disposição

testamentaria. Era muito creança ainda; e depois uma ideia nobre o

preoccupou; comprehendeu que ia ser o amparo d'aquella pobre mãe, que só

podia abrigal-o com os extremos do seu muito amor. Seu pae, morrendo,

apenas conseguira deixar uma herança; foi á viuva o dever de velar pelo

filho. Augusto exultou vendo que podia inverter aquelle legado, velando

elle pela fraca mulher, que, para bem o cumprir, esgotaria de certo a

vida.

Redobrou por isso a solicitude no aprender; desenvolveu-se mais e mais a

intelligencia, quasi espontaneamente, pois justo é confessar que bem

rudes eram os cuidados de cultura que o velho \_magister\_ lhe sabia dar.

Mas quem ignora os surprehendentes effeitos que da intelligencia e do

estudo, da aptidão e da vontade, podem resultar? Dotem um homem d'essas

duas faculdades poderosas e neguem-lhe embora os meios de progresso,

elle caminhará, inventando-os primeiro, se tanto lhe fôr preciso.

E depois, é um grande alento aos espiritos superiores a consciencia de

uma nobre missão a cumprir. Não ha fadigas que tal estimulo não vença;

abnegação, que não inspire.

A Augusto era-lhe incitamento a ideia de que sua mãe precisava d'elle.

Quando ainda aos seus treze annos fôsse já bem conhecida a grandeza dos

sacrificios que lhe exigiam, não hesitaria talvez, instigado por aquella

aspiração; quanto mais que ainda mais lhe tinham animado os sonhos, as

doces imagens, tão gratas ao coração do adolescente, e a que teria de

renunciar.

Suspirava por o dia do seu primeiro exame, o qual, graças aos esforços

empregados, não se fez esperar muito.

Quando se approximava a occasião, o pae de Magdalena mandou vir Augusto

para Lisboa e hospedou-o em sua casa até que chegou o dia.

Não confiando demasiadamente no ensino publico da aldeia, o conselheiro

quiz que o seu pequeno hospede recebesse algumas lições de um professor

da cidade, e d'este obteve as melhores informações da intelligencia do

rapaz, que só por milagre d'ella conseguira sair muito pouco eivado dos

vicios do ensino de campo.

Augusto demorou-se algumas semanas em casa do conselheiro. A final fez o

exame, no qual foi felicissimo, obtendo n'elle as mais distinctas

qualificações.

Imagine-se o effeito que a noticia produziu na aldeia. Exaggerando-se,

dizia-se por lá que em toda Lisboa corria a fama do rapaz, e houve até

quem não hesitasse em affirmar que a creança confundira os mestres, que

fôra uma maravilha.

O mestre-escola reclamou para si a gloria do acontecimento, fundando-se

em que, através do discipulo, resplandecia a sciencia do mestre.

Os invejosos disputavam-lhe porém tão inquestionavel gloria e riam-se

d'elle.

A pobre mãe, essa, levou todo o dia a chorar de prazer e a render graças

á Virgem, a quem tanto encommendára o filho.

Voltou Augusto á terra.

Era o rapaz o assumpto de todas as conversas: olhavam-o como um

prodigio. Todos o queriam vêr, como se até alli o não tivessem visto

bem, e de feito todos o foram vêr; nem o abbade, nem o administrador,

nem o presidente da camara faltaram. Foi tudo. Pois bem, de tantos que o

viram, não houve um só que não notasse que o pequeno vinha triste.

Ninguem contestava o facto: que elle como que saltava aos olhos; as

interpretações é que variavam.

--Aquillo é dos ares de Lisboa; a quem não está costumado... dizia um.

--São canceiras de estudos--aventava outro.--Ha lá coisa que puxe mais

por uma pessoa do que o estudo!

--Não que vocês cuidam! Um exame sempre abala a gente cá por

dentro--dizia um doutor, que levára dez annos a vencer um curso de

cinco.

Fôsse pelo que fôsse, Augusto trouxera de Lisboa uma melancolia, que os

ares da sua terra não dissiparam e que augmentava sempre que lhe falavam

no futuro e no legado da morgada.

Quem mais a estudou, e sentiu aquella subita melancolia, foi, como era

de suppôr, a receiosa mãe. Deus sabe que noites mal dormidas, que sustos

e que intimos terrores ella lhe causou! Perguntas, supplicas, arguições,

lagrimas, promessas, nada tiravam de Augusto, que teimava em responder

que nada tinha que o affligisse, que era a illusão de quem o via a

tristeza que lhe suppunham, e, para confirmar o que dizia ria; mas era

mais triste aquelle riso, do que o pranto, em que se desafogasse.

Para breve estava a entrada de Augusto no collegio de Lisboa, onde, á

custa do legado da defuncta proprietaria dos Cannaviaes, devia continuar

nos seus estudos, quando o rapaz pediu para ficar algum tempo na aldeia.

Não se pôde atinar com os motivos d'este pedido. Indolencia não era;

pois no entretanto começou a estudar os rudimentos do latim com o

illustre professor, que o leitor conhece já, mestre Bento Pertunhas.

A saude vacillante da mãe de Augusto declinou n'esse inverno; o que veio

dar outro motivo á demora do filho.

Dias e dias passou o pobre rapaz sentado á cabeceira do leito dividindo

os seus cuidados entre o estudo e os carinhos pela estremecida enferma.

Dois annos se passaram d'esta vida, e quando, ao fim d'elles, Augusto

abandonou aquelle leito, foi depondo um beijo nas faces geladas de um

cadaver.

Era orphão.

A vaga sombra de melancolia, que já lhe toldava o rosto,

condensou-se-lhe mais então. Era quasi um negrume de tristeza.

Por esse tempo, veio o conselheiro trazer Magdalena para a aldeia, pois

receiava pela saude d'ella se persistisse em Lisboa.

O conselheiro propunha-se levar comsigo Augusto, quando voltasse a

Lisboa. Uma manhã, porém, este, de pouco mais de quinze annos,

procurou-o e disse-lhe com uma gravidade, que revelava uma tenção

meditada e irrevogavel:

--Venho prevenir v. ex.^a de que desisto do legado da sr.^a morgada. Não

quero ordenar-me.

O conselheiro fitou-o, estupefacto.

--Não queres ordenar-te! Por quê?...

--Já não tenho mãe a quem amparar. Por ella forçaria a minha vocação sem

remorsos; por interesse proprio não o posso fazer; parece-me um

sacrilegio.

O conselheiro era um homem muito do seculo. O seu trato social, a

frequencia dos circulos politicos e elegantes, haviam-lhe dado todas as

boas e más qualidades, que caracterisam aquella classe de homens, e

sabe-se que a candura de sentimentos não entra no numero das mais

habituaes d'essas qualidades. Tinha uma razão clara, mas fria; se

abraçava uma boa causa, não o fazia cedendo ao enthusiasmo, mas sómente

depois de ponderar fleugmaticamente os fundamentos em que ella se

baseava; assim era que, em politica, se costumára a contemporisar,

espaçando a adopção de qualquer medida, inquestionavelmente boa, para

tempos em que fôsse mais conveniente; não se apaixonava por utopias,

desconfiava d'ellas; havia muito tempo que desviára dos olhos o prisma

encantado, através do qual olham o mundo os poetas e todos os mais

sonhadores; costumára-se a marcar por modelo nas differentes carreiras

da vida, não um typo ideal dotado de todas as virtudes, limpo de todos

os defeitos e vicios; assentára a menor altura o alvo: parecia-lhe que

bom fito eram já os individuos que tinham conseguido maior consideração

na sua classe; as maculas que elles tivessem, eram, por esse facto,

maculas auctorisadas. O pensar de outro modo era pensar de romance;

agradavel para entreter, porém mau nas applicações ás coisas da vida.

N'uma palavra, o conselheiro era um homem de bem, mas na esphera

mundana; não um d'aquelles typos de pureza crystallina, através da qual

parece passarem sem desvio os raios da luz celeste, mas já um tanto

embaciado do bafo social, que não o fazia ainda totalmente opaco.

Por isso sorriu á declaração de Augusto. A carreira ecclesiastica não

lhe parecia tão escabrosa como o futuro sacerdote a fazia; nem tão dura

a lei, como em theoria se mostrava. O conselheiro não pensava necessario

tomar ao pé da lettra certos deveres impostos; o mundo seria, como elle,

tolerante em naturaes infracções; por tudo isso se riu. Fez a Augusto

uma longa dissertação sobre as vantagens da vida ecclesiastica, sobre os

muitos interesses que lhe promettia, e a leviandade com que elle queria

renunciar a uma carreira segura movido pelas instigações de um espirito

timorato ou de uma visão phantastica.

Augusto insistiu. Sem córar perante o sorriso sceptico do conselheiro,

declarou que não abraçaria a vida ecclesiastica sem que se sentisse com

a coragem precisa para cumprir todos os deveres que ella lhe impunha;

que era precisa uma grande abnegação, e que elle, depois da morte de sua

mãe, não tinha a certeza de a conseguir. Nos interesses não pensava, e

se pensasse, seria isso a primeira prova de não estar preparado para a

missão de que se queria encarregar.

Quando alguem abraça com lealdade e franqueza uma boa causa,

difficilmente é vencido. O conselheiro, costumado a não recuar nas mais

acerbas luctas do parlamento, calou-se dentro em pouco ás objecções

d'aquella creança. Como que teve remorsos de tentar sequer desvanecer as

illusões a que o via abraçado,--illusões pelo menos as suppunha elle;

parecia-lhe uma obra satanica envenenar com um sorriso aquelle ideal, em

que vivia.--Respeitou-o e calou-se.

--Alguma creancice amorosa dos quinze annos--pensou para si. Deixemos ao

tempo convencel-o. Não me encarregarei eu d'esse papel, que é pouco

sympathico. Quem me restituira aquellas canduras! Teria alcançado menos

no mundo, mas talvez tivesse gosado mais... ou melhor...

O conselheiro cedeu apparentemente, esperando que a reflexão

modificaria, mais tarde, as ideias do rapaz.

Exigiu d'elle que a ninguem annunciasse as tenções, em que estava de não

se ordenar, pelo menos emquanto não passasse mais tempo sobre aquella

resolução.

E uma vez que ficava na terra, pediu-lhe o conselheiro que se

encarregasse da primeira educação de Angelo, então de nove annos; pois

mais confiava para isso em Augusto, do que no professor official.

Augusto acceitou com prazer a incumbencia, que, sobre adequada aos seus

gôstos, lhe abria uma carreira, que elle já imaginára adoptar.

De então nasceu uma intima amizade entre Angelo e Augusto. Foram rapidos

os progressos do discipulo, e não menos reaes as vantagens que ao mestre

resultaram do ensino, que lhe desenvolvia cada vez mais a

intelligencia.--O conselheiro tinha motivos para estar satisfeito da

escolha.

Ao fim de um anno as repugnancias de Augusto em acceitar o legado eram

as mesmas; o egoismo paternal do conselheiro não o deixou ser muito

ardente a combatel-as.--Espaçou-se mais uma vez a decisão.

Outras lições appareceram a Augusto, as quaes elle acolheu com gôsto; o

mestre-escola reclamava tambem muitas vezes o seu auxilio; compadecido

da sua velhice, Augusto nunca lh'o recusou.

O velho acabou por declinar n'elle o serviço todo, sem que Augusto

consentisse em receber por isso o menor estipendio.

O publico não se cançava de perguntar quando seria que o rapaz

principiaria os seus estudos em Lisboa e por que o não fazia já. Como

não obtivesse resposta, commentava o facto, como costuma commentar todos

os que não entende.

No entretanto a educação de Augusto não ficára estacionaria. Com grandes

sacrificios a continuára elle; e n'um êrmo, como era aquella aldeia,

tinha muito de milagre o que fazia.

O latim de mestre Bento já mal satisfazia ás impaciencias do espirito

d'este discipulo enthusiasta; e não era raro que a intelligencia de

Augusto visse mais fundo nos textos, do que a experiencia do mestre.

O acaso favoreceu os desejos do estudante.

N'uma freguezia proxima estava, como abbade, um doutor em theologia,

homem de solido saber e de reputação extensa.

Um dia em que, por convite do seu collega, viera assistir e prégar na

festa do orago da aldeia, o padre encontrou-se com Augusto na sacristia

e, conversando-o, admirou-lhe a penetração, captivou-se da sua modestia

e lamentou não estar mais perto d'elle, porque o auxiliaria, como

pudésse, nos estudos.

Augusto perguntou-lhe se era sincera aquella vontade; affirmando-lhe o

padre que sim, respondeu que não seria então estorvo a distancia, porque

elle a venceria.

E d'ahi em deante, duas vezes por semana, ás quintas feiras e domingos,

franqueava legua e meia dos mais escabrosos caminhos, para ir ouvir as

lições do erudito abbade. Assim se aperfeiçoou na latinidade, cultivou a

philosophia e adquiriu o gôsto pelos nossos velhos prosadores e poetas.

Vinha de lá carregado de livros para ler durante a semana. Toda a

bibliotheca do padre lhe passou pelas mãos.

Era porém o theologo classico exclusivo e nada visto em linguas e

litteraturas modernas.

A sorte não recusou ainda a Augusto um novo mestre.

Entre os muitos estudos de estradas, de que os governos em Portugal

fazem preceder, vinte annos antes, a construcção definitiva de uma só,

que de ordinario sae sempre como se não fôsse tão estudada, um houve que

levou á aldeia, em que eu e o leitor nos achamos, um engenheiro que ahi

fez quartel e centro de operações, durante tres mezes inteiros.

A casa em que elle se alojou ficava proxima da de Augusto. Cêdo travaram

conhecimento os dois. O engenheiro o menos que possuia eram livros de

mathematica; mas, emquanto a litteratura moderna, trazia nas malas e

bahús uma excellente provisão.

Não tendo que fazer ás noites, entreteve-se a ensinar o francez a

Augusto e a ler-lhe os livros da sua bibliotheca portatil. Voavam as

horas a Augusto n'aquelles serões; n'elles aprendeu todos os nomes da

nossa litteratura moderna, bem como os principaes da de França e de

Inglaterra.

Quando o engenheiro partiu da aldeia já Augusto sabia o francez bastante

para se aperfeiçoar por si; este amigo deixou-lhe em lembrança grande

parte dos seus livros, que Augusto releu muitas vezes.

Attingiu finalmente Angelo a idade de precisar do collegio. O

conselheiro, ao leval-o comsigo, insistiu mais uma vez com Augusto para

que viesse tambem e acceitasse o legado da morgada. Foi em vão,

encontrou-o ainda inabalavel.

E d'esta vez fez publica a sua desistencia, e o ambicionado patrimonio

foi concedido a outro.

Mezes depois morria o velho mestre-escola da aldeia.

Augusto escreveu ao conselheiro, declarando-lhe que pretendia aquelle

logar, que já havia muito tempo servia, e pedindo-lhe para que se

interessasse por que elle o obtivesse. O conselheiro quiz tirar-lhe da

ideia tal projecto; escreveu-lhe que, na idade em que estava Augusto, o

não ter ambições era indicio de uma profunda doença moral; que a posição

a que elle aspirava, equivalia a uma sepultura estreita a que se

acolhesse vivo. Augusto persistiu porém no intento; o conselheiro

empenhou-se por elle em Lisboa. Conseguiu que uma portaria, meio pelo

qual se faz em Portugal tudo que é contra lei expressa, o dispensasse da

idade que ainda não tinha, pois mal completára dezenove annos, e Augusto

foi por conseguinte admittido a concurso para tão pouco disputado logar

e provido n'elle por tres annos. O conselheiro, a quem não fôra

impossivel obter-lhe despacho vitalicio, quiz vêr assim se, no fim de

tres annos, o obrigava a abandonar tão laboriosa e mal recompensada

carreira, e de proposito o fez despachar temporariamente. Comquanto o

legado da morgada tivesse tido já outra applicação, o conselheiro não

hesitaria em proteger, em qualquer carreira, o mestre de seu filho.

Mas ao fim de tres annos, Augusto, apesar de por experiencia conhecer já

os espinhos da profissão, apresentou-se novamente ao concurso para obter

novo despacho. Na época em que abrimos esta narração, voltára Augusto de

pouco de ultimar a nova prova; e estava pendente ainda a decisão do

ministerio competente. D'esta vez tivera um competidor, homem muito

protegido por influencias da localidade, as quaes ainda não tinham

podido vencer a do conselheiro, que pugnava por Augusto.

Desde que fôra para Lisboa, Angelo não se esquecera de escrever

amiudadas vezes a Augusto, contando-lhe dos seus estudos, e

descrevendo-lhe a sua vida na capital; e quando vinha a férias,

procurava transmittir ao que fôra seu mestre a sciencia que durante o

anno adquiríra.

Foi assim que Augusto principiou a estudar a lingua ingleza, a

geographia e a historia.

Recebido o primeiro impulso, a sua intelligencia e applicação faziam o

resto.

Um homem que havia na aldeia e com quem cêdo teremos de travar

conhecimento, um velho herbanario, para alguns um sabio, para outros um

louco, para todos um homem honrado, concorreu tambem, com o seu

contingente, para a educação de Augusto.

De tempos a tempos, este velho mysterioso apresentava-se em casa d'elle

com um pacote de livros debaixo do braço e, sorrindo, pousava-lh'os em

cima da mesa.

Eram quasi sempre aquelles, que Augusto mostrava ou sentia mais desejos

de possuir. Da primeira vez, Augusto fitou o herbanario com espanto.

Ninguem o suppunha rico; como podia elle pois obter aquelles livros,

alguns dos quaes eram de preço? O velho porém disse-lhe, ao perceber-lhe

a surpreza:

--Não queiras saber da minha vida, rapaz. Suppõe que eu tenho a

servir-me uma vara de condão ou uma fada qualquer, e deixa correr.

Augusto acabou por persuadir-se de que o herbanario tinha accumulado

riquezas, á fôrça de economias: porque de economias vivera sempre.

De pequeno merecera áquelle velho uma singular sympathia, e com affecto

de pae fôra sempre tratado por elle.

Resignou-se a acceitar sem reflexões; até porque sabia ser facil o

escandalisar o velho com ellas. O que fazia era evitar, na presença

d'elle, qualquer palavra que pudésse denunciar desejos de possuir um

livro qualquer. Mas o velho, como se tivesse de facto algum poder

occulto a informal-o, ás vezes parecia adivinhar; e trazia-lhe livros

que Augusto devéras desejava, mas a respeito dos quaes tinha a certeza

de lhe não ter falado, nem eram d'aquelles que o velho conhecia.

A seu pesar via-se quasi inclinado a adoptar a crença supersticiosa do

povo a respeito d'aquelle seu velho amigo.

Pensando melhor, pareceu-lhe procederem de Angelo as informações, pelas

quaes o velho se guiava na escolha. Não lhe attribuia porém o presente,

porque as economias de Angelo não chegavam para tanto.

Depois de tudo quanto temos dito de Augusto, poderá ainda o leitor

estranhar os ares pensativos com que o vemos?

Poucos passos andados, depois que saiu do Mosteiro, encontrou Augusto a

distribuidora das cartas, que lhe entregou uma sobrescriptada para elle.

Era de Angelo.

Augusto abriu-a immediatamente e leu-a ainda pelo caminho.

Era uma extensa carta, em que se succediam os periodos em um d'esses

longos, incoherentes e diffusos arrazoados, que constituem a essencia de

uma carta de amigo para amigo.

Angelo falava dos seus estudos, de saudades da terra, de esperanças e de

projectos, projectos que, n'aquellas idades, nascem e morrem a todo o

instante. Terminava esta carta, em que lhe participava a sua vinda á

aldeia pelo Natal, com o seguinte periodo:

«Peço-lhe que diga á Lindita que se não esqueça de mim. Dentro de poucos

dias conto ir vêr os coelhos do quintal d'ella, e ajudal-a a tirar a

agua do poço. O pae d'ella chega ahi ao mesmo tempo que esta carta; leva

um livro para si.»

Augusto sorriu, ao ler o \_post-scriptum\_.

--Pobre Angelo!--murmurou elle,--Deus não permitta que sobreviva á tua

ultima creancice essa sympathia por Ermelinda. Estas generosas affeições

de creança muitas vezes, ao crescer, envenenam o coração.

Havia tanta amargura n'estas reflexões de Augusto!

E, como absorvido n'ellas, caminhou para casa do recoveiro Cancella, que

era o pae da pequena, a quem na carta se alludia.

VII

A casa do recoveiro Cancella ficava n'uma das mais estreitas ruas da

aldeia e ao lado de um pequeno quintal, objecto dos cuidados e das

diversões do proprietario, que alli gastava algumas horas disponiveis da

sua occupada e laboriosa vida.

Cancella era um verdadeiro Judeu errante da aldeia. A maior parte do

tempo ia-se-lhe nas estradas; pernoitava hoje n'uma estalagem; viam-o

ámanhã já a mais de seis leguas de distancia; acotovelava um dia a

multidão nas ruas e feiras da cidade; no outro entretinha os curiosos da

sua terra, deixando-lhes entrever os thesouros da experiencia adquirida

á custa de muitos annos de fadigas.

As estradas em Portugal e os novos meios de transporte, que

conjunctamente vieram, não destruiram totalmente esse typo dos antigos

tempos, anterior a ellas. Além da época, que parecia dever marcar-lhes

limite á existencia, passaram, sustentados pela fôrça dos habitos e

justificados pelas irregularidades do serviço das postas; e Deus sabe

quando de vez acabarão. Mas Cancella era além d'isso um recoveiro de uma

especie rara e superior. Em todas as profissões ha sempre, no meio do

vulgo, que as exerce sem enthusiasmo nem consciencia dos gôsos,

superiores aos interesses, que ellas podem offerecer, certo grupo de

escolhidos, que as idealisam, e enxergam um raio de poesia através das

sombras, uma flor entre os espinhos. Cancella era d'estes; era o poeta

da sua profissão. Tinha em si o que quer que era de um \_touriste\_, e

assim aproveitava todos os ensejos que se lhe offerecessem de explorar

algum ponto do paiz, ainda por elle desconhecido.

Este instincto levava-o frequentemente a Lisboa. As muitas relações do

conselheiro, pae de Magdalena, com as familias da aldeia, e a barateza

relativa das recovagens operadas por este meio primitivo,

proporcionavam-lhe algumas occasiões d'isso, as quaes o Cancella de

boamente aproveitava. Era de uma d'essas expedições que elle devia

voltar aquella manhã, como o dava a entender a carta de Angelo.

Quando porém Augusto lhe bateu á porta, achou-a ainda fechada; escutou á

fechadura, mas não pôde verificar o menor signal de que alguem estivesse

dentro.

--É cêdo ainda--pensou comsigo.--Vejamos se estará em casa do compadre.

Seguiu mais para deante pela rua por onde viera.--A poucos passos mais,

e do lado opposto, deparou-se-lhe outra casa de aspecto não menos

rustico do que a primeira, uma pequena casa terrea, de uma só porta e

uma só janella, e com o respectivo quintal ao fundo.

Do interior vinha um sussurro de vozes, como de conversa animada;

julgando que seria o Cancella, de quem o proprietario era, além de

vizinho, confidente e compadre, Augusto empurrou a porta, que estava

apenas cerrada e entrou.

A primeira sala achou-a deserta. Era um aposento quadrado, todo adornado

á volta de cruzes de pau, para as devoções da via sacra, e de imagens de

santos e santas em caixilhos de todos os tamanhos. Mais do que os outros

enramalhetado e enfeitado, via-se alli o bento registo de uma confraria,

havia pouco tempo instituida na terra pelos missionarios, o qual

occupava o logar de honra n'aquella devota exposição.

Era recente na aldeia o estabelecimento d'esta confraria, sociedade um

tanto mysteriosa, por meio da qual seus interessados instituidores só

visavam a dar o reino do céo aos filiados, contentando-se \_apenas\_, em

paga, com o do mundo, do qual, lembrados de antigos tempos, teem

saudades já. Os missionarios, certos evangelisadores em terras onde a

palavra do Evangelho não é chave que abra a porta, pela qual entraram os

martyres no céo, lá andavam por aquelle tempo, na aldeia onde se passa a

acção d'esta historia, plantando a vinha, que elles chamavam do Senhor;

as mulheres, abandonando os lares, seguiam-os como rebanhos; o culto

catholico era por elles cada vez mais arrebicado com orações absurdas e

ceremonias ridiculas, e o eterno anathema da ignorancia contra o

progresso da sociedade servia de thema predilecto aos seus barbaros

discursos.

Ardente proselyta d'estes apostolos de fé duvidosa, a sr.^a Catharina do

Nascimento de S. João Baptista, a metade feminina do casal em questão,

tomára por modo de vida as devoções da igreja, onde ia chorar as

desgraças da humanidade, que tão fóra via andar da estrada direita.

Augusto pouco se demorou n'esta sala; respeitando a alcova conjugal, que

era vedada aos olhares profanos por uma colcha de chita de largas e

folhudas ramagens, tomou pelo corredor, que conduzia á cozinha d'onde

lhe continuava a chegar aos ouvidos o som de vozes, que primeiro o

attrahira.

Ao contrario do que esperava, porém, só uma pessoa encontrou na cozinha,

comquanto falasse com a vivacidade que em poucos dialogos se mantem.

Esta pessoa era o dono da casa, o sr. José do Enxerto, ou vulgarmente

chamado ti' Zé P'reira--nome que lhe vinha do popular e ruidoso

instrumento, o classico zabumba, que nas nossas aldeias tem ainda hoje

aquelle nome.--Era muito para vêr e admirar a mestria, com que o nosso

homem o sabia tocar nas festas e arraiaes, á frente das procissões e

cêrcos, e finalmente em todas as solemnidades publicas.

O ti' Zé P'reira era homem dos seus quarenta e tantos annos; tinha no

rosto, principalmente no nariz, vestigios evidentes das suas sympathias

pela divindade celebrada nos antigos dithyrambos. Esposo da sr.^a

Catharina do Nascimento de S. João Baptista, vivia em perenne sabatina

com a sua cara metade, sujeitando-lhe todas as suas acções, mas salvando

sempre o direito de protestar pela palavra. Ganhava a vida no officio de

hortelão e, aos domingos e dias de festa, á fôrça de rufos e pancadaria

na retesada pelle do seu companheiro inseparavel--o zabumba. Era aos

cuidados e vigilancia d'este par conjugal que o recoveiro Cancella

confiava o seu mais precioso thesouro, a pequena Ermelinda, uma mimosa

creança, que lhe ficára á sua viuvez tão cheia de saudades, e a quem

elle mais queria do que á menina dos olhos.

Ermelinda era afilhada da familia Zé P'reira, e a mesma a quem ouvimos

referir-se Angelo no fim da carta.

Zé P'reira estava, como dissémos, só na cozinha, quando Augusto alli

chegou: sentado, no meio da sala, sobre um alqueire voltado com o fundo

para o ar, viradas as costas para a porta e a face para o lar apagado e

vazio, falava, gesticulava e mudava de tom desde a nota mais grave e

rouca da sua escala de barytono, até o mais agudo e desafinado falsete.

A lingua pegava-se-lhe ao céo da bôca, difficultando-lhe suspeitosamente

a articulação de algumas syllabas; era evidente que se apossára do

hortelão o espirito familiar, o qual n'este caso, era um verdadeiro

espirito, na accepção chimica do termo.

Ze P'reira era um homem baixo, já grisalho, sufficientemente nutrido, de

olhos vesgos e que mais vesgos se faziam quando o enthusiasmo, o rapto

artistico se apoderava d'elle; usava de umas suissas que pareciam tentar

sumir-se-lhe pela bôca dentro; tinha longos braços, accommodados ás

difficuldades e evoluções da sua arte, e pernas que, do joelho para

baixo, lhe divergiam em angulo de mais de trinta graus.

Quando Augusto deu com elle, o homem monologava, gesticulando:

--Ora, senhores, que é forte desgraça a minha!... É forte desgraça!...

Aqui estou eu!... Um homem casado... casado á face da igreja... que me

casou em dia de S. Thiago o abbade que foi... e que Deus tenha em

descanço. Não faltou nada... correram-se banhos deante de quem os quiz

ouvir, e não houve quem puzesse impedimento... porque eu não devia nada

a ninguem... sempre fui liso de contas... Sou casado com a Catharina do

Nascimento de S. João Baptista, filha do Antonio Canhestro, do logar dos

Fójos... E casado para quê? Faz favor de me dizer? Para que casei eu?...

Forte desgraça a minha! Casei-me para isso!... Para vir para casa e

achal-a vazia, o lume apagado e o caldo na horta... e a mulher a papar

missas e novenas lá por essas igrejas... Ora, senhores, que é forte

desgraça a minha! É forte desgraça!... Bem morria eu de frio e de

fraqueza, se não fôsse aquelle quartilhito... o ultimo, que sempre me

deu sua aquella... sim... sempre me conchegou o estomago. Não que dizem

que o vinho que faz, que o vinho que acontece... Pois casem-se com uma

mulher que vá de madrugada para a igreja e venha de lá quando muito bem

lhe pareça, e verão depois se o vinho não serve de cobrir muita lazeira

que se soffre... verão depois... Ora, senhores, que é forte desgraça a

minha!... Diz que Deus que disse, que a mulher que era a carne da nossa

carne e o osso do nosso osso... Deus devia de vez em quando tornar a

dizer estas coisas... para não esquecerem... como se faz na escola com a

taboada. A minha Cath'rina já o não sabe, aposto... e pelos modos os

padres não lhe dizem isto na igreja... pois deviam dizer!... A carne da

minha carne e o osso do meu osso!... mas é carne e osso que me não fazem

caldo... Ora, senhores, que é forte desgraça a minha!... Como ha de um

homem, se isto assim continua, pegar na enxada para dar uma cavadela, ou

fazer qualquer sachada?... E tambem quero vêr como hei de no arraial e

procissão de Santo Amaro, que não tarda ahi, dar sequer um rufo assim

mais tal... assim mais scientifico? Eu se fôsse bispo...

A caudalosa corrente d'este soliloquio foi interrompida pela apparição

de nova personagem á porta do quintal.

--Deixe estar, meu padrinho, deixe estar; tenha um bocadinho de

paciencia. É um instante emquanto accendo o lume e lhe faço o caldo.

Verá.

A pessoa, que assim falava ao entrar para a cozinha, era uma rapariga de

doze annos, alva e franzina, como a mais delicada creança da cidade, com

os olhos negros e expressivos de intelligencia e de doçura, e com os

mais formosos cabellos louros que ainda enfeitaram uma cabeça infantil.

Não havia n'elles sombra, que desvanecesse aquella côr deslumbrante;

reflectia-se-lhes a luz nas ondas, naturalmente lustrosas, como em

tenuissimos fios de metal; usava-os soltos e caidos, sem vislumbre de

artificio, de um e de outro lado do collo.

Condizia com a expressão angelica do semblante o suave e affectuoso

timbre de voz com que falára.

O leitor prevê de certo que é Ermelinda, a filha do Cancella, ou

Lindita, como geralmente na aldeia lhe chamavam, a creança que tem na

sua presença.

Ermelinda sobraçava um mólho de hortaliça, que fôra colher ao quintal, e

dirigia-se com ella para o lar, que o descuido e a indifferença conjugal

deixavam ainda apagado áquella hora do dia.

Dando, porém, com os olhos em Augusto, parou, sorrindo-lhe.

--Ai, pois estava ahi, sr. Augusto?! E o meu padrinho talvez sem

reparar.

A estas palavras o desditoso marido voltou a cabeça e fitou em Augusto

um dos seus desemparelhados olhos.

--Olá, sr. Augusto! Viva! Passe muito bem! Entre; esta casa é sua... De

jantar não lhe offereço... porque... porque... Forte desgraça a minha...

Olhe! repare para este desaforo!... Venho para casa, morto de

trabalho... e vejo o lar apagado! A minha mulher está a ouvir missa, a

confessar-se, a commungar... a tomar todos os sacramentos... acho que os

está a tomar todos... Louvado seja Deus! Vem ahi tão limpa de

consciencia, como eu estou do estomago... Ora, senhores...

--Deixe estar, padrinho... Verá como isto se arranja depressa... Olhe; o

lume já está accêso--dizia Ermelinda, accendendo effectivamente o lume

no lar.

--Já o devias ter feito antes, Lindita,--disse Augusto, sentando-se

junto d'ella.

--Mas se inda agora vim das prêsas, onde fui lavar a roupa?

--Pobre pequena--disse o Zé P'reira--tambem não te ha de faltar lazeira,

tambem!

--A mim? Agora. Não que eu não saí de casa com as algibeiras vazias.

--Pois sim... mas é sempre preciso coisa que conforte... Inda se tu

bebesses... já não digo um quartilho...

--Credo, meu padrinho! Que está a dizer?

--Que espanto!... Ora, senhores, que parece que o vinho é bebida

amaldiçoada, que todos lhe teem mêdo! É vêr se o padre na missa...

--Padrinho! padrinho! que vae dizer?--interrompeu Ermelinda, quasi

aterrada.

--Eu digo o que é verdade, rapariga!... Tenho minha presumpção de nunca

dizer senão a verdade... Lá o pespeguei na cara do sr. juiz de direito e

mais do sr. doutor delegado e mais doutores, quando fui a um juramento,

por causa d'aquellas pancadas no recebedor... É que nenhum d'esses

santalhões, d'esses missionarios me teem que ensinar n'esse ponto... Os

missionarios!... Eu, um dia, tiro-me dos meus cuidados e dou-me ao

trabalho de lhes ir perguntar, quando elles estiverem no pulpito, se

Deus lhes manda que tirem as mulheres de casa, para que os maridos não

tenham que comer, quando voltarem do trabalho... Um dia inda lhes vou

perguntar... isso vou...

--Olhe; a agua não tarda a ferver; verá que dentro em

pouco...--continuou Ermelinda.

--Bem, Lindita, bem--disse Augusto--em paga da boa vontade, com que

trabalhas, vou dar-te uma alegre nova.

--A mim? Diga.

--Trago-te visitas de alguem, que em poucos dias te dará em vez de

visitas, um abraço.

--De quem? Ah!... Angelo escreveu-lhe?

--Como adivinhaste depressa!

--Pois de quem mais havia de ser? Mas diz que... em poucos dias...

Então?

--Tel-o-hemos cá pelo Natal.

--Fala verdade?

--Assim m'o diz n'esta carta. Queres ler?

--Para quê?--respondeu a rapariga, fitando porém o papel com os olhos

cheios de curiosidade.

--Ora lê, lê... Até para vêr se ainda te recordas das lições, que eu te

dei.

--Ai, lá isso... mas, o caldo do meu padrinho...

--Deixa que o lume é que o ha de aquecer e não a tua presença.

Ermelinda approximou-se; tomando a carta das mãos de Augusto, começou a

lêl-a com intensa curiosidade.

Zé P'reira proseguiu no seu monologo:

--A religião, senhores--dissertava elle--não manda tal... Isso é que não

manda... A religião é a palavra de Deus... e Deus disse... sim... Deus

disse... Deus disse muita coisa... Disse que por este deixarás pae e

mãe. Ora a santa madre igreja é mãe, é, sim, senhores; que tem lá isso?

mas não é mais mãe do que a outra mãe... e então... senhores, uma mulher

não deve deixar por ella o seu marido; porque o marido, senhores, é o

tudo de uma casa, e o ganhapão da familia. Ora, senhores, que é forte

desgraça.

O monologo do desconsolado conjuge e a leitura de Ermelinda foram

interrompidos por uma voz potente, que cantava na rua.

O dinheiro paga tudo,

Não se fica a dever nada;

Toma, toma o limão verde,

Ó da fresca limonada.

E logo em seguida estalaram as taboas do soalho no corredor sob uns

passos pesados e ruidosos, e no limiar da porta da cozinha desenhou-se a

figura agigantada e herculea do recoveiro Cancella, pae da Ermelinda.

Cancella, ou o João Herodes, que assim tambem lhe chamavam por ter

creado, nos autos em que era actor applaudido e popular, o typo do

sanguinario e infanticida rei da Judéa, fôra pela natureza dotado de uma

estatura e robustez, dignas de Adamastor.

Encontrava-se n'elle uma d'essas felicissimas realisações dos

temperamentos sanguineos que, sem ameaçarem de insultos apopleticos, dão

riqueza ao sangue, vigor aos musculos e á physionomia o aberto e

colorido da saude e os reflexos da satisfação interior.

A barba negra e espessa cercava-lhe as faces córadas, e o natural fulgor

dos olhos parecia augmentado sob o duplo arco de bastas sobrancelhas,

que, quando contrahidas, os rodeavam de sombras ameaçadoras, d'onde

fuzilavam relampagos. Era formidavel então!

O riso pairava-lhe porém, nos labios, quando na presença de amigos,

descobrindo-lhe duas fileiras de alvissimos e bem dispostos dentes,

d'esses que os excessos e absurdos culinarios ainda não deterioraram.

Parando á porta da cozinha, o Herodes (ás vezes lhe chamaremos assim,

cedendo ao geral costume na aldeia) procurou com a vista alguem, que

mais que tudo trazia na memoria--a filha.--Esta, pela sua parte, mal o

reconheceu, correu a lançar-se-lhe nos braços.

O pae pegou n'ella, como se fôsse uma penna, levantou-a á altura dos

labios e pousou-lhe nas faces dois sôfregos e ruidosos beijos, ainda

palpitantes de todo aquelle intenso amor paternal.

--Ah!--exclamou, pousando-a no chão e respirando como quem acabava de

satisfazer uma intensa necessidade do coração.--Isto consola que nem o

copo de agua que a gente, em dias de calma, pede á borda da estrada,

quando se leva a bôca secca e queimada de poeira! Mais do que isso me

sabem estes dois beijos que te dou, pequena. Que querem?... Ó sr.

Augusto! tambem por cá?

--Esperava-o, Cancella.

--A mim?--continuou o homem, pousando no chão uma mala que trazia.--Pois

aqui me tem. Mas, dizia eu, um homem quando anda lá fóra, e pensa no que

lhe irá por casa, sente ás vezes uns sustos, que parece que lhe fazem

tudo escuro... As desgraças, para succederem, não põem muito... De um

momento para outro... E depois a gente ouve por lá conversas, vê coisas

que parece que são agouros... e que nos fazem a noite no coração... Umas

vezes é um enterro... outras, um desastre... um fogo... um... E as

creanças sós, e os paes fóra de casa!... Ai! Isto é de ralar o coração

de uma pessoa... Eu bem sei que em boa companhia me fica a pequena. Aqui

o compadre, tirante lá a sua aquella pelo sumo da uva... Quantos foram

já hoje, compadre, hein?... mas, tirante isso, é homem de bem: a comadre

é uma santa, que só tem o defeito de querer ser santa devéras... mas

emfim... tudo isso não obsta; uma coisa é uma pessoa saber o que lhe vae

por casa, outra... Tremem-me as pernas sempre que entro na aldeia. A

primeira alma de Christo, que encontro, estou sempre a vêr quando me vem

dar alguma nova má. Salta-me cá por dentro o coração, que ninguem faz

uma ideia; eu bem canto a vêr se disfarço, mas... Ai, filha da minha

alma, quando me passa pelo pensamento que te posso um dia vir achar

doente!... Assim me succedeu com tua mãe... Deixei-a uma vez tão

satisfeita e alegre, e vae, quando voltei, a primeira pessoa que

encontro, diz-me á queima-roupa: «Venha, sr. João, venha, que já não vem

sem tempo. Corra a casa, se ainda quer vêr sua mulher...» Foi como se

recebesse uma descarga em cheio no peito... corri, e...

A commoção impediu-o de continuar; disfarçou como envergonhado d'aquella

fraqueza, beijando a filha outra vez.

Ermelinda percebeu a perturbação do pae e disse-lhe carinhosamente:

--Para que está agora a pensar n'essas coisas que o affligem, meu pae?

--Deixa-me cá, rapariga. Isto ás vezes tambem faz bem. Mas, por isso,

quando entro em casa e te vejo, pequena, e te vejo com boas côres e

alegre... nem eu sei o que tem mão em mim, que não me ponho a dançar.

Ah!... ah!... Ninguem tem uma filha como eu! Olhe que não, sr. Augusto;

mal fica a mim dizel-o, mas... Lá por Lisboa e por o Porto ha muita

menina galante, isso ha; muita inglezinha loura, bonitas como anjos, mas

cabellos assim dourados?--e passava com orgulho os dedos pelos bastos

cabellos de Ermelinda--mas uma pelle assim delicada,--e afagava-lhe com

as mãos a face, quasi a mêdo--mas olhos assim a metterem-se mesmo pelo

coração á gente?--e beijava-lh'os com paixão--isso é que eu ainda não

vi, nem tenho de vêr. Como o Senhor concedeu um anjo d'estes a um

selvagem como eu, é que não sei... É a imagem da mãe!... Ella tambem era

poucochinho de si... miudinha e... Mas não pensemos n'estas coisas. Sim,

senhores; eis-me aqui outra vez, e por signal com a minha vida por

arranjar e eu posto á taramela. Trago-lhe uma encommenda, sr. Augusto, e

muitos recados, muitos.

--Já sei; Angelo escreveu-me.

--Escreveu? Ah, sr. Augusto, que rapaz aquelle! Aquillo é uma perola!

Com tres milheiros de demonios do inferno! d'alli ha de sair coisa

grande. Eu não queria morrer sem vêr o que saía d'alli. Brinca como uma

creança, mas, quando quer, põe-se sério, e fala como homem. E nada de

soberbas, nem de ares enfastiados, como tomam aquelles senhores da

cidade, quando conversam com uma pessoa rustica... Qual historia! Elle

tudo quer saber, tudo pergunta... isso é um nunca acabar, quando lá me

pilha... Então como vae fulano? e sicrano? e se já se fez aquella casa,

e se já acabou aquella obra, e se já casou este, e se inda vive aquelle,

e mais para aqui, e mais para acolá, e tudo quer muito explicado... Ah!

ah! ah!... tem diabo o pequeno... Pois cá a respeito da rapariga?...

Isso é uma comedia!... Não se farta de me ouvir falar d'ella... Ah, sr.

Augusto, ás vezes chego a ter pena de que isto nascesse minha filha.

Ermelinda fitou o pae com olhos espantados.

--Sim, filha,--proseguiu elle.--Deus não te devia dar a um homem como

eu, que emfim... Com os diabos! lá alma e coração... não quero que haja

ahi quem me leve a barra adeante. Eu por um amigo... e com mil demonios,

até por um inimigo, se não fôr soberbo, vamos lá, dou a camisa do

corpo... Mas o mundo... Bem, bem, eu cá me entendo. Vamos á minha

tarefa. Mas que tem você estado para ahi a prégar, compadre, desde que

eu entrei? Humh! humh! parece-me que já se cantou a gloria, hoje, visto

que já se está ao sermão.

Effectivamente Zé P'reira tinha apenas concedido ao seu compadre um

olhar de distracção e um aceno de mão, e voltára de novo ás suas queixas

amargas contra a sorte e contra a esposa.

Interrogado pelo Herodes, Zé P'reira reproduziu uma das suas

lamentações; o compadre, emquanto desenfardelava a mala, ia cortando com

reflexões proprias essa longa jeremiada.

--Então com que a ti' Zefa deixou-o sem caldo, hein? É mal feito, a

falar a verdade. Lume apagado em casa de familia é coisa triste... Aqui

está um livro para si, sr. Augusto... Mas deixe lá, compadre, que a

minha pequena arranja-lhe n'um ai algumas berças... Tambem eu estou em

jejum desde as cinco horas da manhã... mas estes missionarios! Ah! com

seiscentas mil duzias de demonios, eu ainda queria um dia...

--Deus nosso Senhor seja n'esta casa--disse uma voz gemida á porta da

cozinha.

--E o demo na do abbade--resmungou Herodes.

Era a sr.^a Catharina do Nascimento de S. João Baptista, typo de beata,

que dispensa descripção, que regressava a casa depois de completar o

cyclo das suas devoções.

--Viva a comadre!--disse o João Cancella, continuando a mexer na mala.

Ermelinda foi beijar a mão á madrinha.

Augusto saudou-a affavelmente.

O marido obrigou o corpo a uma meia rotação sobre o alqueire, e,

voltando-se para a mulher, disse-lhe, agitando os braços e as mãos,

espalmadamente abertas:

--Mulher dos meus peccados, mulher de não sei que diga, olha que a

paciencia um dia acaba-se, mulher! Isto não pode continuar assim,

mulher! Eu não me casei para que tu me andes a ganhar indulgencias na

igreja, mulher!... Isto são preparos, mulher?... Um homem chega a casa e

acha o caldo por fazer, porque a senhora sua esposa deu em ouvir nove

missas por dia e uma duzia de novenas!

--Cala-te, cala-te,--retorquiu azedamente a devota metade do Zé

P'reira--cala-te para ahi, desalmado. Excommungado seja o mafarrico, que

assim me quer attentar logo que entro em casa! Olha lá que não morresses

de fome! Estás mal acostumado. Louvado seja Deus! Já não ha quem queira

soffrer n'este mundo mortificações! cuidas que não tens de soffrer as do

purgatorio? E Deus nos queira dar só o purgatorio e livrar-nos das penas

do inferno. Que muito mal fazemos por lhe merecer misericordia! Ora que

não ha de uma pessoa poder ter as suas devoções, que não venha encontrar

lamurias em casa! Ó minha rica Mãe do céo, seja para desconto dos meus

peccados! Sume-te, inimigo mau! E eu que deixei de rezar oito estações,

que prometti á Senhora da Rocha, e vae... Ora digam como ha de esta

gente cumprir os jejuns que manda a santa madre igreja, se, por duas

horas de espera, já se choram todos! Bemdito e louvado seja o

sacratissimo coração de Maria! Ó homem de Deus, e então aquelles santos

eremitas, que viviam no deserto de raizes e de agua das fontes...

--Que lhes prestasse. Haviam de andar muito gordos. Eu queria-os vêr com

uma enxada a trabalhar todo o dia no campo, e que lhes dessem depois

raizes para roer, a vêr se gostavam. Ora, senhores, que é forte desgraça

a minha! Mulher, a religião manda que olhemos pelo nosso cadaver. É má

christã a mulher que deixa o seu marido na penuria. Isto é que os padres

deviam ensinar. Vae-lhes lá perguntar se, quando chegam a casa, não teem

a sôpa e o toucinho á espera d'elles?

--Cala-te, tentador, que me andas a tentar, cala-te, tem vergonha n'essa

cara. Olha agora! Eu queria vêr-te com o trabalho do sr. padre Domingos.

Coitadinho! desde as cinco horas da manhã até agora a confessar!

--Confessar é parolar; ora adeus!

--Tu estás doido, alma perdida?!

--E cuidas que elle não leva marmelada nos bolsos?

--Ó chagas do seraphico S. Francisco, ainda mais terei de ouvir?!

--Mulher, deixemo-nos de historias; com jejuns ninguem engorda. Só os

santos... de pau.

--Vamos, vamos--disse o Herodes, intervindo.--Não vale zangarem-se por

causa d'isso. A minha pequena deve ter o caldo quasi feito. Comam-o em

santa paz e deixem-se de testilhas, que não é bonito; e muito menos

entre marido e mulher. Você, compadre, tambem tem culpas em cartorio;

vamos lá. Ha por ahi umas certas capellas, onde passa tambem bastante

tempo em devoção; emquanto á comadre, acredite o que lhe digo: a palavra

de Deus não é tão difficil, que uma pessoa precise de estar tanto tempo

a ouvil-a explicar. Eu cá penso que, fazendo a gente aquillo que lhe diz

o coração, e que não sente nenhuma aquella em fazer, vae por caminho

direito. E mais vale fazer o que Deus manda, do que levar a vida a pedir

perdão por o não ter feito. E tambem não é bonito estarem agora as

mulheres, horas e horas, pegadas ao confessionario, como lapas nos

rochedos, nem...

--Compadre!--atalhou escandalisada a sr.^a Catharina--compadre! É essa a

educação que dá á sua filha? São coisas que se digam deante de uma

creança de doze annos? Ande lá, ande lá... Ora Deus queira que lhe não

encontre ainda o pago. Era bem melhor que lhe ensinasse, ou mandasse

ensinar, a doutrina; que é mesmo uma vergonha o pouco que sabe d'ella.

--Bem tenho eu tempo para isso. A minha Ermelinda não deixa passar pobre

á porta, a quem não dê esmola; creança que não afague; velho ou velha,

que não corteje; reza todas as manhãs a oração, que a mãe lhe ensinou, o

Padre-Nosso e a Ave-Maria, onde se diz tudo o que se deve dizer a Deus;

de dia trabalha, como filha de pobre que é, e mulher de casa que ha de

ser... O Senhor me perdôe, se mais é preciso ainda, que mais não sei eu

ensinar-lhe.

--Não tenha soberbas, compadre, não tenha soberbas! E cautela com o mimo

que dá á pequena, que é o que perde muitas almas.

--Que mimo, que mimo? Logo eu com este genio de repentes é que hei de

dar mimo a esta pobre creança, que nem o da mãe conheceu!

--Ora diga, compadre, acha que é muito bem feito, da sua parte, deixar

andar a rapariga com esses cabellos soltos? Não sabe que o demonio...

cruzes! arma com elles laços ás almas das creaturas?

--Fracas prisões são as do diabo, se as forja só de cabellos!... Então,

por causa das tentações é que a comadre rapou os seus? Ah! ah! Tem

coisas! É teima velha! Eu já lhe disse, comadre: Deus, que deu á pequena

esses cabellos tão bonitos, é porque lh'os quiz dar. Se quizer, que

lh'os tire, eu é que não.

--Deus cerca-nos de tentações, para que nós as vençamos.

--Forte tentação venceu a comadre! aposto que os não cortaria assim, se

os tivesse como os da minha Ermelinda, hein! Cortar os cabellos á minha

filha, eu?! fazer d'aquella cabeça de cherubim uma d'essas cabeças

tosquiadas, que por ahi andam!

--Talvez ainda se arrependa!

--Deixe lá, comadre. O que eu vejo é que, junto de Deus e da Virgem, se

pintam anjos, como a minha pequena, e não figuras... respeitaveis, como

a da comadre; ora então...

A beata, apesar de trazer sempre na memoria o \_Vanitas vanitatum\_ do

\_Ecclesiastes\_, não foi inteiramente insensivel ao remoque do compadre.

Azedou-se-lhe o humor, e, voltando-se para Ermelinda, disse-lhe como

para descarregar sobre ella a má vontade com que estava ao pae:

--Sae-te p'ra lá. O senhor meu homem tinha muita pressa de jantar!

Deixar assim uma creança fazer uma fogueira d'estas! Nem para assar um

boi! É preciso não ter consciencia.

E tirou do lume um pequeno cavaco, para justificar o dicto.

Zé P'reira monologava ainda. Augusto continuava examinando o livro

recebido.

Ermelinda afastou-se do lar com timidez. No animo d'aquella creança, que

era de uma organisação nervosa, excepcional na aldeia, exercia a beata

uma especie de fascinação, um mixto de respeito e de terror, capaz de

dissipar todos os risos dos seus labios infantis. Era outra na presença

da madrinha, fitava-lhe nas faces descarnadas e macilentas os bellos

olhos negros; seguia-lhe, quasi assustada, o movimento dos labios

austeramente contrahidos; tremia ao escutar-lhe a voz aguda e

penetrante, falando nas penas do inferno; chorava á menor reprehensão

que d'ella recebia, e comtudo amava-a, amava-a, porque Ermelinda na sua

candura de creança, suppunha a madrinha uma santa; avultavam-lhe, como

virtudes beatificantes, os defeitos da devota velha; a innocente

julgava-se uma grande peccadora quando, depois de ter na mente aquelle

perfeito typo, voltava a olhar para si, para o fundo da sua consciencia;

e que negros e hediondos peccados lá encontrava! Uma pequena mentira que

dissera; um domingo em que faltou á missa; um juramento que, sem o

sentir, lhe saira da bôca; um jejum que não guardára, e outros crimes da

mesma fôrça. A amedrontada creança chegava a receiar pela salvação da

alma.

É sempre funesta a influencia que exercem sobre a infancia os caracteres

como os da beata.

O Herodes percebeu a impressão sob a qual estava a filha e acudiu-lhe.

--Toma lá, Ermelinda--disse elle, tirando da mala uma pequena medalha

com um retrato.--É um presente do nosso amigo Angelo para nós, ou antes,

para ti...

Ermelinda pegou no retrato com não reprimido alvoroço. Era outra vez a

creança.

A madrinha lançou para a medalha um olhar obliquo e reconheceu o

retrato.

--Em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo!--rompeu ella, com um

espanto exaggerado.--Este homem não tem a cabeça no seu logar, por mais

que me digam! Elle quer perder a filha de certo! A fazer a cabeça doida

a uma creança!

O Herodes, ouvindo estas palavras, pousou com impeto a mala no chão, e

com os olhos chammejantes e as faces injectadas, vociferou, cedendo o

campo á cólera, que se lhe accumulou no seio:

--Com seiscentos milhões de diabos! Você que está ahi a dizer, mulher?

São os sermões dos missionarios, que lhe teem assim afiado a lingua e

deitado peçonha na baba? Com effeito! Saiba que dou mais pela creança,

de quem é aquelle retrato, do que por quantos sotainas lhe ouvem os seus

peccados todas as semanas e por quantas beatas andam comsigo a dar

marradas no lagêdo da igreja. Fazer a cabeça doida á minha filha! Tenha

mão na lingua, comadre, que lhe não soffro tanto. Doida lh'a trazem a

vossemecê os missionarios e os sermões. Seu marido fôra eu, que a mania

lhe tirava.

O Zé P'reira, apesar dos seus desgostos domesticos, zelava a dignidade

do casal; e não levava á paciencia que outro, além d'elle, dissesse

d'aquellas verdades á mulher; por isso, ouvindo-as, através dos sonidos

que lhe chiavam nos ouvidos, levantou-se, e sustentando-se nas pernas

vacillantes, e bracejando sempre, bradou:

--Compadre! Eu sei quaes são os meus deveres! Compadre, prudencia!...

Compadre, eu não consinto... Ora, senhores, que é forte coisa!

Compadre!... veja que eu é que sou aqui o chefe da familia e esta é

minha mulher! Pschiu... Basta... Compadre... basta. Então? Ora,

senhores.

Mas o Herodes já nada attendia; cada vez mais lhe crescia a vermelhidão

nas faces; a irritação rompera os diques da cordura e ameaçava engrossar

cada vez mais. Ás exclamações de Zé P'reira respondia já azedamente.

--Ora adeus, temos conversado... Seja homem, que bem precisa... Não

basta dar á lingua... Na taberna não é que se governa a casa...

A sr.^a Catharina abstinha-se agora prudentemente.

Ermelinda, pallida, a tremer, abraçou o pae, quasi chorando.

Augusto, que fôra alheio ao principio da contenda, conheceu emfim que

precisava de intervir. Saiu-lhe difficil a empreza.

Ensurdeciam os ouvidos dos contendores, a um o sangue, a outro o vinho.

Depois de muito custo, conseguiu emfim apazigual-os. Deram-se mutuas

satisfações, e separaram-se apertando as mãos.

Augusto retirou-se com João Cancella e Ermelinda.

O par conjugal ficou, renovando-se cêdo entre elles a interminavel

contenda em que viviam.

VIII

Saindo de casa do Zé P'reira, Augusto teve de escutar, ainda por muito

tempo, as vociferações e pragas, com que o Herodes acoimava a fraqueza

do compadre, que assim deixára a mulher tomar sobre si um ascendente

offensivo da dignidade varonil. Augusto ouviu tudo com resignado

silencio e attenção um pouco distrahida, conseguindo emfim a custo

soltar-se das mãos do seu interlocutor, que, no fogo da exposição de tão

justos aggravos, lhe segurava os braços com pouco affavel vivacidade; a

final, porém pôde deixal-o e voltou a casa.

Entrando no seu quarto, um pequeno e modesto quarto, mobilado com uma

banca, poucas cadeiras e uma estante, cheia de livros, Augusto respirou.

Era alli o seu logar de descanço; a escola era em outra casa vizinha.

N'esta não havia, a amargurar-lhe as horas do repouso, vestigios que lhe

recordassem as do supplicio.

Leitor philantropo, que, abrazado em santo amor da humanidade, só

entrevês delicias na tarefa do ensino, e fazes d'este vigiar e

encaminhar o espirito infantil, que desabrocha e respira pela primeira

vez no fecundo ambiente da sciencia, um seductor quadro de phantasia,

perdôa-me a palavra, supplicio, de que me servi, e perdôa ainda mais ao

caracter de Augusto o ter saido exacta a expressão, que te feriu os

humanitarios instinctos.

Eu bem sei que é uma sublime missão a do mestre: e que é uma graciosa e

amoravel idade a da infancia, e poucos melhor do que Augusto possuiam

presente o ideal de uma e amenisavam á outra com branduras os amargores

do penoso tirocinio;--mas que importa? nem por isso é menos real o

supplicio. A cultura dos espiritos é como a cultura das terras. O

lavrador exulta, estremece de prazer, vendo pullular do solo, arado e

semeado de pouco, os rebentos do grão que o calor fez germinar, e

volverem-se as folhas, estenderem-se e enflorarem-se os ramos, penderem

os fructos e colorirem-se das tintas da madureza; mas, emquanto vergado,

coberto de suor, arquejante, se afadiga a arrotear o terreno duro e quem

sabe se ingrato aos seus cuidados, muita vez lhe fallece o alento, e se

olha de quando em quando para o céo, não é para lhe agradecer, com risos

os gôsos que elle lhe dá; mas para lhe pedir, com lagrimas, a fôrça que

lhe mingúa.

De igual modo, se é grato ao cultor das intelligencias o vêl-as

desenvolver, florir, fructificar; ardua, improba, desesperadora é muita

vez a tarefa da sua primeira educação. É mister possuir um grande

thesouro de ideal, para que o suave e risonho typo, que da infancia

concebemos, não se transtorne, na phantasia d'estas victimas d'ella, em

não sei que figura diabolica e maligna, que lhes envenena todos os

momentos de alegria.

Além d'isso, o pobre professor de instrucção primaria, sobre quem pesam

os mais fastidiosos encargos da instrucção, não pode ser comparado

absolutamente ao agricultor do nosso simile; é antes o jornaleiro

contractado por magro salario, para, á fôrça de braço, lavrar o solo,

d'onde, mais tarde, romperá a vegetação, que elle não terá de vêr e que

a outros concederá os gôsos e o beneficio. Venceu tambem o humilde

professor, e por o mesmo preço que o jornaleiro, que não vão mais longe

com elle as liberalidades dos nossos governos, venceu as maiores cruezas

do magisterio; mas não verá tambem o resultado das suas fadigas.

Fogem-lhe as intelligencias, que educou, justamente quando com mais amor

as devia contemplar, e, se o destino reserva a qualquer d'essas

intelligencias um futuro de glorias, raro é que volvam um olhar

agradecido para as humildes mãos, que as sustentaram, quando ainda não

tinham azas para voar.

Quasi todos os grandes homens commettem esta ingratidão. Falam nos seus

mestres de philosophia, de mathematica, de litteratura, e não salvam do

esquecimento, pronunciando-o, o nome do primeiro mestre, do que os

ensinou a ler.

Considerações da ordem das que acabamos de fazer, quero acreditar, não

são as que mais preoccupam o pensamento da maioria d'esses pobres

diabos, que, por noventa mil réis annuaes, se deixaram ligar á atafona

do ensino primario da aldeia; porém devem ser, além das miserias de tão

mesquinha sorte, causas de grandes torturas moraes para alguma alma de

instinctos e aspirações mais elevadas, que o destino amarrasse, como por

escarneo, a este poste de expiação. N'esse caso estava por certo a alma

de Augusto. No vasto mundo, que os livros abrem ás imaginações, que na

vida real não encontram deleite, refugiava-se elle nas horas em que as

suas obrigações lhe permittiam respirar.

D'esta vez, porém, por pouco tempo lhe foi dado saborear esse prazer.

Soaram nos vidros da janella pancadas repetidas e chamou-o de fóra uma

voz bem conhecida d'elle.

Era a do mestre de latim, o sr. Bento Pertunhas.

--Sr. Augusto, ó meu querido sr. Augusto. \_Amice!\_ Pode falar a um amigo

e colega?--dizia elle.

Augusto foi abrir-lhe a porta, não reprimindo um gesto de enfado.

O latinista entrou esfregando as mãos.

--A ler, hein! sempre a ler! sempre amarrado aos livros!--dizia elle,

batendo no hombro a Augusto.--Invejo-lhe mais a pachorra do que o

proveito. Olhe que não medra com isso; nem ninguem lhe agradece as

canceiras que toma. Meu rico, por dois dias que um homem passa cá n'este

mundo, tolo é o que se mata. E então n'este paiz!... Faça como eu.

E, imitando com a bôca os sons da trompa, seu instrumento predilecto,

poz-se a examinar os livros que via sobre a mesa.

--Então que estava lendo? que estava lendo?... Poh! poh! poh!...

Versos... Ora que nunca pude gostar de versos!... Poh! poh!... E não é

agora porque se diga que não tinha quéda; não, senhores; em tempos fiz

até algumas quadras... Poh! poh!... já se sabe, até certa idade, mas

nunca fui muito para ahi... Poh!... A minha vocação é para a musica...

Poh! poh!... Lá para a musica, sim... Poh! poh! poh!... Herman e

Dorothéa--continuava elle, examinando os livros.--Novellas... Poh!... E

isto que é? \_Confessions\_ de Rousseau--n'este nome deixou aos diphtongos

o valor portuguez--Poh! poh! As Metamorphoses... Latim! Oh que massada!

Poh! poh! poh! poh!...--E o Ovidio, que lhe chegára ás mãos, foi

arremessado como se estivesse em braza.

Augusto não pôde conservar-se sério, ante o instinctivo movimento de

repulsão do mestre.

--Então que boa fortuna o traz por aqui, sr. Pertunhas?--perguntou elle.

--Ai, é verdade; eu lhe digo ao que venho. É para lhe pedir um favor,

meu caro sr. Augusto. Eu bem sei que é abusar da sua bondade...

\_Quousque tandem, Catilina\_... Mas, é por esta vez...

--Já sei; quer que lhe vá dar lição aos rapazes.

--Ah! grande maganão, que adivinhou--exclamou o mestre, abraçando

Augusto com effusão.--É isso mesmo, se lhe não custasse...

--Irei.

--É que... eu lhe digo, eu tinha hoje de ir ao ensaio da philarmonica...

Percebe o senhor? Os Reis estão ahi á porta e as outras festas do Natal,

e não ha tempo a perder... Percebe? E eu tenho ainda umas peças do

\_Trovador\_ para ensinar á minha gente. São muito bonitas... Poh! poh!

poh! E então este anno, que pelos modos temos cá o conselheiro e mais o

pequeno... Não contando com esse sujeito que ahi chegou a Alvapenha.

Chama-se Henrique de Souzellas, é sobrinho da velha, da D. Dorothéa, e

julgo que ainda aparentado no Mosteiro. Lá chamam-lhe primo. Esteve lá

esta manhã um par de horas, logo que saiu da minha repartição. Dizem-me

que é filhote de Lisboa, solteiro, rico e sem modo de vida. Rico e sem

modo de vida! Que lhe parece, hein? Olhe que sempre ha gente muito

feliz! Aqui para nós, sabe ao que me cheira a visita d'este senhor?

Aquillo é mosca que vem ao cheiro do mel. Que diz, hein? Ninguem me tira

d'isto. Pois não lhe parece, hein?

--Não sei bem o que quer dizer com a imagem--respondeu Augusto,

levemente enfadado.--Além de que não posso adivinhar as intenções de um

homem que pela primeira vez encontrei esta manhã.

--Pois está claro que não; nem eu; mas emfim uma pessoa logo tira pelo

que vê... Ora pois diga, um rapaz de Lisboa, afeito a divertimentos, a

boa musica, \_et coetera\_, andar leguas e leguas para se metter n'este

desterro... Porque isto é um desterro. Sim, deve concordar que não é

natural. Mas se a gente se lembrar de que a morgadinha, \_et coetera\_...

O senhor bem me percebe... Todos, hoje em dia, sabem o preço ao

dinheiro, meu amigo.

A verbosidade do mestre Pertunhas estava evidentemente incommodando

Augusto, que não redarguia.

--Nada, nada; alli anda plano, com certeza. Pelos modos, já depois de

ámanhã vae o rapaz acompanhar as pequenas á ermida da Saude. Ah!... mas

agora me lembro! o senhor é tambem da sucia.

--Eu?!

--Com certeza. Disse-m'o o Damião, que tem ordem das pequenas para o

convidar. Se ainda não recebeu o recado, ha de recebel-o. Em todo o

caso, observe-o e verá se eu tenho razão.

--Vou jantar, sr. Pertunhas, que já ha muito para isso me chamou a

criada--disse Augusto, erguendo-se como para fugir áquella conversa.--Em

seguida irei aos seus rapazes.

--Então vá, vá. Deus lhe pague o favor que me faz e permitta que eu lhe

não peça muitos d'estes. E eu tenho esperanças... Sabe que ando com

ideias de arranjar o lugar de recebedor, que está, como diz o outro, a

encher dias? Já falei ao conselheiro; mas o conselheiro promette muito e

falta melhor, sobretudo a um homem que não tenha influencia em eleições.

O sr. Joãozinho das Perdizes interessa-se por mim, é verdade; mas, por

outro lado, o Seabra brazileiro faz-me guerra. Eu ando a vêr se consigo

pôr o Seabra a meu favor, porque emfim... Mas vá, vá jantar, que eu

espero.

--Se quizer fazer-me companhia...

--Muito obrigado. Eu já jantei. O meio dia é a minha hora. Jante á sua

vontade.

Augusto saiu da sala. Mestre Bento Pertunhas, ficando só, deu algumas

voltas cantarolando, sentou-se depois, e pegando na pasta de Augusto,

poz-se a examinar os papeis que ella continha.

Ao mesmo tempo simulava umas variações de trompa, á fôrça de contracções

e esgares dos labios.

A pasta, victima da indiscreção do mestre, era a mesma que Augusto

trazia, quando o vimos no Mosteiro.

Entre os documentos contidos n'ella algum achou o mestre Pertunhas mais

curioso do que as escriptas e themas dos discipulos, pois, ao lêl-o,

desenhou-se-lhe no semblante a mais intensa curiosidade e cessou de todo

a exhibição acustica, que com tanto ardor encetára.

Leu-o até o fim com crescente avidez; e depois, olhando em volta de si,

para verificar que não era observado, dobrou-o e sorrateiramente o

escondeu no bolso. Fechou outra vez a pasta, pousou-a no sitio d'onde a

tirára, continuou a ler ou a fingir que lia com toda a attenção um livro

e encetou novas variações de trompa.

--Então já! Apre! Isso é jantar a vapor--disse o latinista, pondo-se a

pé, logo que Augusto voltou.

E momentos depois sairam juntos.

Querendo poupar os leitores á semsaboria de assistir a uma lição de

latim e a um ensaio da philarmonica, deixal-os-hemos ambos, para

voltarmos ao Mosteiro.

Ao fim da tarde, depois do jantar, estavam as duas primas sentadas ao

parapeito do muro da quinta, d'onde, por sobre almargens e pomares

vizinhos, a vista se espraiava em amplissimo horizonte até umas nuvens,

que pareciam limital-o.

D. Victoria saboreava, no seu quarto, as delicias da sesta habitual. As

creanças brincavam a alguma distancia, e os risos e os clamores d'ellas

vinham como um chilrear de passaros aos ouvidos das duas raparigas, que,

a cada momento, se surprehendiam em meditativo silencio.

A natureza estava serenissima. No occidente desenhavam-se estreitos e

longos traços nebulosos, a que o sol dava um colorido tão ardente, que

se o pintor paizagista o produzisse na palheta, hesitaria, ao passal-o á

tela, com receio de que o acoimassem de exaggerado. O verde dos campos

apresentava a gradação vigorosa, que a luz de um formoso dia de inverno

costuma dar-lhe.

Christina interrompeu o silencio por fim.

--O que eu não sei--principiou ella--é como o primo Henrique de

Souzellas...

--Onze!--atalhou a morgadinha, sem desviar os olhos do ponto da

perspectiva, que fitava.

--Onze quê?--perguntou Christina, erguendo os d'ella.

--Com esta são onze as vezes que, esta tarde, depois de um longo

silencio, abres a bôca para me falares no primo Henrique de Souzellas,

uma vez que está decidido que seja primo.

Christina fez um gesto de despeito e córou levemente.

--E então que queres dizer com isso?

--Eu? Nada. Digo só que são onze vezes com esta.

--Não sabia que era prohibido falar-te no primo Henrique. Bem, n'esse

caso falaremos em outra coisa. Está um tempo muito bonito: nem parece

dezembro.

--Não; vae magnifico para os nabaes--replicou Magdalena zombeteiramente.

--Se não mudar com a nova lua--continuou Christina, ainda formalisada.

--É excellente para seccar os milhos, que bem precisavam ainda d'isso,

principalmente os das terras baixas.

E, acabando de dizer estas palavras, a morgadinha desatou a rir.

--Não sei de que te ris!--acudiu Christina, cada vez mais séria.--Pois

não é esta a conversa de que tu gostas?

--Ai, muito. Eu sou doida por estas coisas de lavoura; bem sabes.--E,

mudando repentinamente de tom, accrescentou:--Ora vamos, Christe; não te

zangues commigo.

--Não, mas é que ás vezes não te entendo, a falar verdade. Vens com umas

coisas que mettem raiva--respondeu-lhe Christina, sempre agastada.

--Já estou arrependida; peço perdão. Fala lá á tua vontade no primo

Henrique, fala; que eu não contarei as vezes que o fizeres.

Christina reproduziu o gesto de impaciencia.

--Agradeço a tua generosidade, mas já não tenho mais que dizer d'elle

agora; por isso...

--Pelo menos completa a duzia.

--Lena! Então! Olha que se continuas com isso, fazes-me sair d'aqui.

--Sempre queria que te vissem agora, Christe, esses que andam por ahi a

gabar a docilidade do teu genio, as branduras da tua indole; queria que

te vissem essa cara arrenegada, para saberem que tambem ha um acidozinho

na tal doçura... Mas fazes-me a graça de só para mim teres d'essas

franquezas.

Christina sorriu, ainda que não de todo aplacada, ao ouvir esta reflexão

da prima.

--E não sabes a razão d'isso?--respondeu-lhe ella--a razão é o genio que

tens, Lena. O teu gôsto é mortificares uma pessoa. Não ha santo que não

perdesse a paciencia comtigo.

--Que injustiça! que ingratidão! Eu, que sou a victima das tempestades

que o teu genio pouco expansivo te junta no coração a todo o instante!

Se alguma coisa te faz chorar, guardas as lagrimas para o meu quarto; se

te irritam, vens desafogar as tuas cólerazinhas sobre a minha cabeça. E

pagas-me assim!

--És muito infeliz commigo. Pobre Lena!

--Vamos, vamos, Christe! esquece o que eu disse ha pouco. Não te posso

vêr assim.--E tomando um tom natural, mas sob o qual transparecia ainda

certa malicia, Magdalena continuou:--Pois é verdade, dizias tu que não

sabias por que o primo Henrique de Souzellas...

Christina fez um movimento impaciente, como para levantar-se.

--Então que é isso? Não me acceitas a expiação?--perguntou Magdalena,

sorrindo.

--Não; não quero que se fale mais no sr. Henrique de Souzellas. Vejo que

te não é agradavel que as outras se occupem d'elle. Sejam quaes forem as

razões que tens para isso...

--Bravo! Foi admiravel de maldade o entono com que disseste esse: «Sejam

quaes forem as razões.» E venham-me falar na candura d'esta creança!

--Eu não quero dizer...

--O que queres dizer, não sei; mas vejo que não és senhora tua quando se

fala n'este assumpto.

--Que lembrança!--tornou Christina, cada vez mais embaraçada--pois

imaginas devéras que eu?...

--E por que não?

--Lena!

--Não ha nada mais natural.

--Se queres, juro-te...

--Ah! atalhou a morgadinha, pondo-lhe a mão nos labios.--Isso não, que é

mais sério. Jurar não te deixo eu. Conheço os escrupulos da tua

consciencia, e não quero obrigar-te a remorsos. «Juro!» E com que

ousadia ias pronunciar um juramento falso!

--Falso!

--Falso, sim; falso como os que o são. Olha, minha pobre Christe, queres

então que te fale com toda a franqueza? Esta conversa trouxe-a eu de

proposito para confirmar umas suspeitas, que se me formaram e que vejo

agora que eram fundadas.

--Suspeitas! que suspeitas?...

--O primo Henrique de Souzellas deixou em ti uma tal ou qual impressão.

--Lena!

--Conheci isso ainda quando elle cá estava; verifiquei-o depois e agora.

Então! tem juizo. Commigo sê sempre o que tens sido. Eu góso ha muito do

privilegio de conversar á vontade comtigo e de te vêr sem aquella

timidez que tens deante dos outros. Com o teu genio, precisas de uma

pessoa, como eu, com quem não tenhas acanhamento e em quem possas até

descarregar algumas maldadezitas; e acredita que me lisonjeio com me

dares a preferencia.

--Mas como imaginaste?...

--Continuas? Não tens de que te envergonhar pelo interesse que por

ventura te inspirou esse rapaz. Henrique de Souzellas é elegante, é

espirituoso, affavel, possue uma intelligencia cultivada e muito trato

do mundo...

--Mas...

--Faça favor de me ouvir--atalhou Magdalena, pondo um dedo nos labios.

Reconhecendo todas essas qualidades n'aquelle nosso primo, não quero por

isso concluir que seja natural e prudente denunciares-te já. E nem

receio que isso aconteça, para te falar sinceramente, porque te conheço

o genio timido e porque... porque te conheço o genio timido e mais nada.

Havia mais alguma coisa, havia, mas não era coisa que se dissesse.

Magdalena sabia demais que Henrique não saíra d'aquella primeira visita

demasiado impressionado por a imagem de Christina; sabia talvez,

suspeitava de certo, não me atrevo a dizer que lisonjeada algum tanto,

que no coração do hospede de Alvapenha reinava outra imagem mais

persistente. Mas vejam as leitoras se, sendo este o seu pensamento, ella

o poderia formular? O remedio pois era completar a phrase como a

completou.

Christina já não tinha ousadia para negar, nem ainda coragem para

confessar. Encostando a face á mão, calou-se e deixou falar Magdalena.

A morgadinha proseguiu:

--É preciso que saibas, Christe, que é mais facil conhecer os defeitos

de uma pessoa, do que as suas boas qualidades. Os defeitos são

imprudentes e linguareiros, denunciam-se, dão signal de si, basta meia

hora para se descobrirem em qualquer logar que habitem. As boas

qualidades, não; essas são modestas, humildes, discretas; sabem

esconder-se. São precisos annos para as descobrir todas. Mas com que

olhos de espanto me estás fitando! Parece que te causa estranheza o meu

sermão? Eu te digo a que elle vem. Logo que falei com este nosso

primo... e quem sabe se o futuro virá confirmar, em relação a mim, esse

titulo, que por phantasia lhe dou? escusas de corar por eu dizer isto,

Christe...; mas, dizia eu, logo que falei com elle, saltaram-me aos

olhos muitos dos seus defeitos.

--Quaes são?--perguntou Christina com viveza.

--Socega; são ligeiros felizmente, e parece-me que os poderá ainda

perder; sobretudo se continuar a viver aqui. Quiz-me tambem logo parecer

que no fundo havia uma mina de bons sentimentos por explorar. Nasceu

logo em mim a vontade de o sondar, a vêr se conseguia purifical-o do que

n'elle houvesse de menos heroico. Então que queres? para a aldeia era um

passatempo como outro qualquer. Mas redobrou-se em mim este desejo e

revestiu em mim mais sério caracter, desde que vi a impressão que este

sobrinho da tia Dorothéa te causára.

--Lena! Como te deu para suppôr que eu me apaixonei assim em poucas

horas? Julgo que me imaginas apaixonada?

--Não, ainda não; inclinada, agradada, attrahida... ou outro qualquer

termo d'esta fôrça, que deixarei á tua escolha, isso sim. Para isso não

é preciso muito tempo. As razões, pelas quaes julguei isto, dispensa-me

de t'as dizer, que pouco valem. Suppõe que foi por um tacto especial,

por uma qualidade occulta, como a do tino que dizem que teem certos

medicos para reconhecerem o mal sem estudarem muito o doente.

--Pois o tino enganou-te.

--Enganaria; mas deixa-me continuar. Se este senhor primo intruso fôr

realmente o que eu imagino que é, resta-me preparal-o para o tornar mais

digno do amor d'esta boa Christe, que em tal caso favorecerei; se não

fôr, declaro-lhe já guerra e guerra de morte. A ti competia fazer isso

tudo, como a mais interessada, mas desconfiei da tua credulidade e boa

fé e da tua experiencia. Olha, estou certa que o que mais te attrahiu em

Henrique foi exactamente o que n'elle ha de peor. Certo verniz

mentiroso, certo colorido, que é preciso ter visto muita vez, e em

muitos individuos differentes, para se ter na conta devida. Illude,

agrada a quem não está costumado, e pode causar graves enganos e

desenganos mais graves ainda. Por emquanto o que elle nos mostra é mais

da sociedade em que vive, do que d'elle proprio. É necessario deixar

cair a primeira capa, para que o natural appareça.

--Não sabia que era assim facil enganar-se uma pessoa a respeito de

outra--notou Christina, sorrindo.

--Se é! Lembras-te do que tantas vezes conta tua mãe? Que, quando ha

annos foi a Lisboa, comprou lá por bom preço um cofrezinho que ella

suppunha preciosissimo, e que chora hoje a sua tentação, desde que o

verniz brilhante, que elle tinha, caiu e ficou á vista a realidade? pois

o mesmo acontece muitas vezes em contractos de outra ordem e bem mais

sérios do que este. Ha vernizes maravilhosos, que illudem os

inexperientes.

Houve um instante de silencio, no fim do qual Christina perguntou,

olhando pela primeira vez fita para Magdalena:

--Ora dize-me, Lena, qual será a razão pela qual eu não devo acreditar

que esses pensamentos te occorreram, porque era o teu destino, e não o

meu, que vias dependente do estudo que fazias?

A morgadinha fixou na prima um olhar triste e cheio de amargas

recriminações.

--Por uma razão muito poderosa, Christe, porque ias abrir o coração a um

sentimento mau, que macularia o teu caracter generoso e candido--a

desconfiança. Porque me offenderias, duvidando da lealdade, com que te

falo, quando te falo séria; e porque me farias mal sem necessidade e

immerecidamente, pois que a consciencia me diz que t'o não merecia.

Satisfaz-te esta razão?

A voz de Magdalena perdera o tom de ironia, que ás vezes tinha, e tomára

quasi o da commoção.

Christina arrependeu-se logo do que dissera, e, tambem commovida,

apertou as mãos da amiga.

--Não faças caso do que eu disse, Lena; perdôa-me. Quando eu duvidar de

ti, pedirei a Deus que me tire a vida, porque terei já, para tudo e para

sempre, envenenado o coração.

A morgadinha readquiriu outra vez o seu bom humor.

--Estamos quasi a cair no sentimentalismo. Cautela! Saldemos antes as

nossas contas, como mulheres de juizo. Em compensação da pequena offensa

que me fizeste, vaes-me fazer uma confissão formal, a qual até agora

tens evitado. Ora confessa, adivinhei o estado do teu coração? Dize.

Christina hesitou.

--Vamos,--insistiu a morgadinha--acredita que preciso de uma declaração

para me guiar... E crê que é para bem teu.

--Que queres que te diga? Eu não me sinto apaixonada.

--Mas já te disse que me bastava um termo menos violento... um

«agradada», por exemplo.

--Confesso que...

--Olha, se queres, podes até parar ahi. Esse «confesso que...» já diz

muito. Agora deixa-te guiar por mim. Eu vigiarei. Afianço-te que não

corro o perigo de me apaixonar por elle; creio que ha alli um excellente

coração, mas que queres? Não é o typo que me agrada... o meu ideal como

se costuma dizer.

--E então qual é o teu ideal?

--Ai, eu sou muito exigente. Desespero de o encontrar. Quero-o assim uma

especie de archanjo S. Miguel, animo de guerreiro em figura de cherubim;

e não sei onde o procure.

N'este sentido se prolongou o dialogo entre as duas primas, até que D.

Victoria, findando a sua sesta, veio ter com ellas á quinta. Segundo o

costume, ralhava contra os criados, a quem, não sei por que processo,

attribuia umas dôres de cabeça com que acordára.

No dia seguinte, Henrique voltou de manhã ao Mosteiro; redobrou de

galanteio com Magdalena, a qual redobrou de ironia. Christina já mal

podia disfarçar a pena que lhe causava o pouco que era attendida, mas a

sua timidez não a deixava luctar.

De tarde, Henrique teve de condescender com o padre, procurador de

Alvapenha, que se promptificou a mostrar-lhe as raridades e monumentos

da terra. Assim, com grande pesar seu, foi obrigado a renunciar á nova

visita ás senhoras do Mosteiro, para gastar as expressões da sua

admiração deante das alfaias da sacristia parochial; da tosca esculptura

de não sei que imagem de santo, a qual passava por um primor; de uma

sala nua, com uma mesa ao centro, forrada de baeta verde e cadeiras á

volta, que era a sala das sessões do corpo municipal; e de umas

pyramides de ripa, que tinham servido, havia oito annos, em festejos

officiaes.

Como é de suppôr, Henrique passou uma tarde deliciosa.

IX

Dois dias depois da chegada de Henrique, e n'aquelle que se destinára

para o passeio á ermida, Christina foi mais madrugadora do que as aves.

Á hora, a que estas ainda se não ouvem chilrear, já a prima de Magdalena

abandonava o leito, receiosa de se fazer esperar pelos companheiros da

projectada excursão matinal. Quasi não dormira toda a noite aquella

rapariga, com tal preoccupação.

As estrellas viram-a erguer, e tiveram muito tempo de se despedirem

d'ella, antes de se esconderem discretas ante o apparecimento do dia.

Christina vestiu-se á pressa e dirigiu-se ao quarto de Magdalena. Esta

dormia ainda. O projecto de passeio á ermida não a alvoroçára tanto.

Christina foi acordal-a ao leito.

A morgadinha abriu os olhos e fitou-os admirada na prima.

--Que queres tu, Christina? Que lembrança foi essa hoje de andares

estremunhando a casa esta noite?

--Levanta-te, preguiçosa, levanta-te. Não o dizia eu hontem? Então são

estas as madrugadas em que falavas?

--De certo que não são madrugadas; isto é noite é o que é.

--Dentro em pouco é dia. Queres vêr?

E, dizendo isto, Christina abriu para traz as portas das janellas e

correu as cortinas.

A estrella da manhã, Venus, aquella brilhante e ao mesmo tempo suave

estrella, que umas vezes assiste no crepusculo ás melancolias da

natureza, outras vezes na aurora ao renascimento dos seus jubilos,

scintillava mesmo defronte do leito de Magdalena.

--Vês?--disse Christina.

--Muito pouco. É esse o teu sol? Como vae alto! É pena que não alumie

melhor do que esta lamparina.

Christina sentia redobrar com estas delongas a sua impaciencia, quasi de

creança.

--Anda, Lena, anda. Assim não chegamos a vêr do alto da ermida o romper

do sol.

--Pois queres vêr isso de lá?! Que crueldade! Em uma manhã de dezembro!

--Está tão bonita, que parece de primavera.

--Triste lembrança a nossa hontem de combinarmos este passeio. Isto é lá

coisa que se faça? Vale por uma viagem aos pólos.

Christina não fazia senão ir do leito de Magdalena para a janella e

voltar da janella para o leito, em virtude d'aquella irresistivel

necessidade de movimento, embora sem ordem nem fim, que experimentamos

quando nos deixamos apossar da impaciencia.

--Não fazes ideia como está bonito cá fóra; n'alguns pontos ainda se vê

neve.

--Oh, que agradavel e tentadora belleza! Ainda se vê neve!... Parece-me

que já estou gelada... Com essa palavra tiraste-me o alento que ia

ganhando. Vês?

--Mas não está frio; até parece que aqueceu o tempo. Então, Lena!...

Elles... não tardam por ahi. Cuidas que te vae custar muito, e é um

engano; aqui estou eu, que não sinto frio nenhum.

--Ora, mas tu estás em condições muito particulares. Quem tem uma

fogueira no coração, não precisa...

--Ahi principias com as tuas coisas!

--Eu não sei; o que é certo é que esse teu enthusiasmo pelos passeios

matutinos não é natural. Quantas vezes recusaste acompanhar-me quando eu

t'os propunha? Ora, se me dás licença, eu explico isso.

--Não quero saber de explicações; veste-te, anda.

--Seja! Infeliz lembrança a d'este passeio. E foi d'aquella tia

Victoria, que nem por isso nos quiz acompanhar. Não, que já tem juizo;

dorme a estas horas o somno da madrugada, que é uma consolação. Que

sorte de invejar!

E a morgadinha, continuando assim a exaggerar o sacrificio d'aquella

madrugada e a alludir aos motivos secretos a que attribuia o ardor e

heroicidade da prima ante os rigores de dezembro, tudo isto de proposito

para a vêr impaciente, principiou a vestir-se.

Christina ficára á janella, espiando os progressos do amanhecer e

transmittindo á prima as observações que fazia.

--Olha, eu que digo?... já o Manoel vae abrir o portão... Não ouves os

pardaes?... É dia claro já... Havemos de chegar com sol á ermida, o que

não tem graça nenhuma... Avia-te, Lena... Has de ser a ultima a estar

prompta... Ahi vae já o Luiz com o almoço. É que não chegamos lá senão

ao meio dia. Elle ahi vem! Eu bem digo.

--Elle! Quem é esse elle que vem ahi?

--Pois quem ha de ser? Então não é o primo Henrique que nos acompanha?

--É o primo Henrique, é o sr. Augusto e é o Luiz, que tua mãe teimou em

mandar com o almoço. Não sabia qual dos tres te merecia as honras de um

«elle».

--Eu dizia o primo Henrique, que já ahi está no pateo--disse Christina,

que n'esta occasião correspondia ao cumprimento, que o recem-chegado lhe

fazia de baixo.

--Então, com effeito já chegou?--perguntou a morgadinha,

admirada.--Bravo! Nunca o esperei. Ai, Christe, que me parece que elle

tambem tem alguma coisa no coração!

--Tambem o julgo--respondeu Christina, despeitada;--é vêr como hontem te

falou.

--Socega. Quando o coração tem alguma coisa, não se fala assim com a

pessoa que causou esse mal.

--Não sei o que elle me está a dizer--disse Christina, olhando para o

pateo.--Posso abrir a janella, Lena?

--Eu já estou preparada para soffrer todas as crueldades esta manhã.

Abre lá a janella, abre. Fala-lhe.

Christina correu a vidraça.

A voz de Henrique chegou distinctamente aos ouvidos de Magdalena.

--Então aquella grande madrugadora da nossa prima, onde está?--perguntou

elle a Christina.

Christina respondeu, sorrindo:

--Está a fazer a diligencia que pode para ficar prompta antes do meio

dia.

--Oh, que vingança a minha! Ella que tanto falou da minha

indolencia!--disse Henrique jovialmente, e continuou falando sempre de

Magdalena, e elevando a voz ás vezes para se dirigir directamente a

ella, mas sempre sem receber resposta.

Esta insistencia impacientou Christina, para quem elle nem um galanteio

tivera ainda.

--De maneira que nós, priminha--continuou Henrique--damos uma lição de

mestre áquella arrogante de hontem. Estou ancioso por que ella nos

appareça; quero vêr a coragem, com que ousa apresentar-se.

--Eu vou chamal-a--disse sêccamente Christina, e veio dizer a Magdalena,

com certo modo, que não podia escapar a esta:--Olha se appareces alli ao

sr. Henrique de Souzellas, que não descança emquanto te não vê.

A morgadinha, que acabava de ajustar ao espelho as tranças, dando ao

penteado a mais singela e graciosa disposição, voltou-se para a priminha

e disse-lhe sorrindo:

--Isso são já ciumes? Mal sabes quanto gósto de te vêr assim! Ao menos

ha já vida n'esse teu coração, minha pobre pequena. O que te peço é que

não me odeies, só porque esse rapaz se lembrou de perguntar por quem não

via.

--Estás a imaginar ciumes, como hontem imanavas...

--Amores? justo; e com a mesma felicidade em acertar; podes ir

accrescentando. Mas, parece-me que ahi está mais alguem no pateo. Ouço

falar. Vae vêr. Será Augusto? N'esse caso, espera-se só por mim para

completar a caravana. E eu estou prompta. Marchemos.

Augusto havia effectivamente chegado ao pateo.

Henrique trocára com elle alguns cumprimentos, e principiaram depois

ambos a passeiar, um ao lado do outro, á espera das que deviam ser-lhes

companheiras na romagem.

A conversa manteve-se pouco animada. Augusto não era expansivo com as

pessoas, a quem o não prendiam habitos de longa intimidade; Henrique,

talvez por não conhecer a extensão e natureza dos conhecimentos de

Augusto, abstinha-se de falar dos assumptos, em que entraria de mais

vontade. Falaram pois de coisas indifferentes a ambos, e quasi frivolas;

no frio, na chuva, no inverno e no verão, nos prós e contras da vida do

campo e de varios outros assumptos sêccos de si e já além d'isso muito

esgotados, e tudo cortado por aquellas pausas e silencios constrangidos

e insupportaveis, que o leitor ha de conhecer por experiencia.

Digamos nós a verdade; estes dois homens não sentiam um pelo outro

aquella subita e inexplicavel sympathia, que abre os corações e dá

margens a confidencias.

Nos dois curtos encontros que tinham tido, manifestára-se entre elles

certa frieza mais que ceremoniatica, uma quasi desconfiança instinctiva.

Chegaram as senhoras. Foram acolhidas com prazer por ambos. Ainda quando

não fôssem senhoras o seriam; a chegada de um terceiro, quando dois

indifferentes estão na presença um do outro, em entrevista forçada e

fatigadora, é sempre saudada interiormente como uma redempção.

Magdalena e Christina vinham ambas formosas, com a especie de mantilhas

ou capuzes de que usavam, adequados aos rigores de uma manhã de

dezembro.

Appareceram ambas a rir. Foi o caso que, passando proximo do quarto de

D. Victoria, pé ante pé, para não a acordarem, esta presentiu-as, e

mesmo do leito perguntou-lhes:

--Então já vão, meninas?

--Vamos, tia; vamos, mamã--responderam as duas a um tempo.

--O Luiz já partiu com o almoço?

--Já partiu, já, minha senhora.

--E ides agasalhadas?

--Como se fôssemos para a Siberia--respondeu Magdalena.

--Olhae, sempre levem os guarda-chuvas por cautela. E ide com Nossa

Senhora.

--Cá os levamos. Adeus, tia; adeus, mamã.

--Adeus, filhas; até logo, se Deus quizer. Olhae lá, não vos estafeis.

Ora os taes guarda-chuvas é que não iam. Para quê? Com uma manhã

d'aquellas, que nem de inverno parecia, pois que até o frio abrandára

com o vento! Por isso é que vinham ainda a rir.

Chegando ao pateo, cumprimentaram os seus dois companheiros. Henrique,

depois de formular um galanteio a Magdalena, offereceu-lhe

attenciosamente o braço, que Magdalena recusou com alguma impaciencia,

porque se lembrou de Christina.

--Muito obrigada, primo,--disse ella com vivacidade.--Mas é preciso que

o advirta de que não vamos passeiar pelas avenidas de um parque. Vamos

trepar montes, atravessar ribeiras, costear precipicios, e para tudo

isso é necessaria a completa liberdade de movimentos. Ha occasiões, em

que melhor nos servem os nossos dois braços, do que o braço de outro,

embora seja o de um heroe.

--Mas de certo que não é á borda dos precipicios que esse auxilio se

escusa--replicou Henrique.

--É, muitas vezes é. Ha bordas tão estreitas, que mal cabe n'ellas uma

pessoa só; felizmente que a natureza nos dá um braço então... um braço

de giestas, por exemplo.

--Vê lá, Lena,--disse Christina ao ouvido da prima.--Talvez seja melhor

que acceites. Resta-me, a mim, o braço de Augusto.

--Se continuas com essas loucuras, Christina, obrigas-me a odiar-te. Sr.

Augusto--continuou voltando-se para este--espero que tome a direcção do

nosso passeio; ninguem melhor conhece os mais bellos pontos de vista;

leve-nos por lá, embora tenhamos de comprar as bellezas á custa de

perigos e de fadigas. Partamos!

O monte onde se erigira a capella da Senhora da Saude, afamada por seus

milagres e pela sua romaria n'um circulo de muitas leguas de raio, era

uma elevada rocha vulcanica, que dominava as freguezias ruraes de mais

de dois concelhos. Estendiam-se-lhe aos pés as alcatifas da mais rica

vegetação; banhava-lh'os a agua dos ribeiros, das levadas e torrentes,

arterias fertilisadoras de extensas veigas e pomares; mas elle, o

gigante orgulhoso e selvagem, recebia aquelles preitos, olhava

sobranceiro aquella opulencia, e, como se fizesse gala da sua rudeza, em

vez de cobrir os hombros com o manto real, que lhe estendiam aos pés,

permanecia aspero, severo e nú, como nas épocas primitivas, em que uma

convulsão tremenda o evocára do seio da terra, para o consolidar em

colosso.

Apenas, como symbolo de realeza, coroava-lhe a fronte alta a alameda,

que, havia perto de um seculo, a piedade christã plantára em volta da

ermida, para refrigerio e conforto dos devotos christãos que alli iam.

Era custosa a ascenção por o lado, por onde os nossos romeiros, contra

os conselhos de D. Victoria, a emprehendiam. Quando, ao sair de uma

longa rua, apertada entre muros de quintas, Henrique achou de subito

deante de si a mole immensa e talhada quasi a pique, que lhe disseram

tinha de subir; elle, que raro em Lisboa estendia além do Rocio os seus

passeios, com medo das ingremes calçadas da cidade alta, julgou ouvir um

absurdo.

Parou a contemplar o monte, como hesitando em atravessar o riacho, que

d'elle o separava.

O riacho, engrossado pelas aguas da chuva dos dias anteriores, levantava

um bramido atordoador ao cair em toalha dos açudes e ao escoar rapido

pela cal da azenha, que lhe obstruia o leito e cuja enorme roda movia.

Áquella hora, ainda pouco clara da madrugada, este sitio da raiz do

monte tinha não sei que aspecto selvagem e melancolico, que quasi

infundia pavor. Os altos choupos, em que se enroscavam, como serpentes

negras, os troncos flexuosos e despidos das vides; mais longe, o

cannavial, ondulando ligeiramente ao perpassar através d'elle a briza da

madrugada, e, aqui e além, um d'esses degenerados aloes dos nossos

climas, debeis e enfezados, como se os devorasse a nostalgia da sua

verdadeira patria, eram accessorios que concorriam para o effeito geral

do quadro.

A morgadinha, percebendo a hesitação de Henrique, deu-lhe alento com

lançar-lhe em rosto a sua pusillanimidade. Henrique encheu-se de brios e

atravessou, com não menor denodo do que os outros, o riacho, por o

passadiço de altas pedras, collocadas a pequena distancia umas das

outras, e que as aguas a cada momento ameaçavam cobrir.

Atravessada a corrente, seguia-se escalar o monte; para isso tornava-se

indispensavel caminhar em continuados zigue-zagues, aproveitando os

córtes que a fouce do tempo conseguira abrir n'aquella massa granitica e

os toscos degraus, com que uma arte rudimentar procurára facilitar, por

aquelle lado, o accesso da ermida á piedade dos devotos.

As difficuldades para Henrique eram continuas.

A cada momento os embaraços d'este forneciam motivo para risos da parte

de Magdalena. Christina não lhe podia levar a bem que se risse

d'aquillo.

Para compensar as fadigas de tão trabalhosa ascensão, havia porém, a

paizagem, que, a cada passo andado, a cada angulo que se dobrava,

apparecia mais surprehendente e maravilhosa.

Poucos peitos teriam fôrça para reprimir um brado de admiração.

As nevoas d'aquella manhã de dezembro não eram bastantes para velarem a

belleza do quadro.

Á medida que os nossos quatro peregrinos iam subindo, ampliava-se-lhes

mais e mais o horizonte; avelludava-se a relva da planicie, parecia

aplanarem-se os outeiros vizinhos, e os campos tomavam a apparencia dos

canteiros de um jardim.

Henrique não retinha o enthusiasmo, que aquelle espectaculo lhe causava.

--É magnifico! é admiravel! é soberbo!--dizia elle, a cada momento e

quando não era inquietadoramente preoccupado com os perigos do caminho.

O enthusiasmo de Augusto não era menos vivo! Dir-se-ia que eram os

montes a sua patria, e que a melancolia nostalgica, que o opprimia na

planicie, se ia dissipando á medida que subia a encosta.

Magdalena e Christina tambem não estavam menos impressionadas por o que

viam. Esta, porém, tinha uma causa secreta a aguarentar-lhe o prazer,

que as bellezas naturaes lhe pudessem occasionar.

Era esta causa a mesma dos seus leves despeitos de pela manhã.

Henrique continuava a ser todo attenções e galanteios com Magdalena;

parava a cada momento n'aquelles pontos do caminho, que lhe pareciam

mais difficeis de vencer, para lhe offerecer a mão a ella, sempre a

ella, a quem dirigia tambem todas as reflexões que o aspecto da paizagem

lhe suscitava e nunca á esquecida Christina que, n'esses momentos, quasi

achava a manhã desagradavel e o sitio feio e sombrio.

A morgadinha respondia sempre em curtas phrases a Henrique e recusava

insistentemente o auxilio, que elle lhe offerecia.

--Estou a suspeitar que esses offerecimentos do primo são mais devidos á

necessidade, que sente, de quem o auxilie, do que ao empenho de nos

auxiliar--disse ella sorrindo.--A falar verdade, para quem tem passado a

vida a trilhar os passeios do Chiado, que admira? Eu fui creada n'isto.

Tenho um pouco de alpestre. Adeante.

E de uma occasião, em que estava perto d'elle, disse-lhe a meia voz:

--Pode ser que Christina careça mais do seu braço, primo. Ainda não teve

a lembrança de lh'o offerecer.

Henrique só então deu por esse esquecimento; apressou-se a remedial-o,

offerecendo a Christina tambem o braço, que esta recusou, córando.

--Então por que recusas?--perguntou-lhe a morgadinha, em voz baixa.

--Porque não quero abusar da delicadeza d'elle, nem da tua.

A morgadinha abanou a cabeça em ar de reprehensão, fitando-a, mas não

lhe disse nada.

Pouco a pouco ia sendo mais completo o silencio em torno d'elles. Já

tinham passado acima dos rumores do valle, que não subiam a mais de meia

encosta. Chegaram emfim ao cimo do monte; tudo annunciava o proximo

apparecimento do sol.

--Chegamos a tempo!--exclamou Magdalena que, deitando a correr, fôra a

primeira que attingira a planura. Sua Magestade ainda se não levantou.

Os outros estavam, dentro em pouco tempo, ao pé d'ella.

Houve um longo espaço de silencio, concedido espontaneamente á

contemplação d'aquella perspectiva solemne.

As primeiras palavras, que se disseram, foram ditas em voz baixa,

n'aquelle tom, que insensivelmente lhes damos, quando na presença de um

espectaculo grandioso e bello. Fala-se baixo e pouco: não se formulam

longos periodos de aprimorado estylo, nivela-se a eloquencia de todos em

simples phrases, como estas:

--É bello!

--É magnifico!

--É sublime!

E nada mais. Pouco mais disseram os quatro na occasião de que falamos. E

eu, por analogas razões, os imitarei, desistindo de descrever o que só

bem se aprecia, quando pela vista se abrange o conjuncto de todo o

panorama. O leitor, que nunca visse alguma scena similhante, não a

imaginaria pela descripção, forçosamente pallida, que ahi lhe deixasse

d'ella; e para o que a viu, a memoria lhe preencherá bem a lacuna.

Desvanecida a primeira impressão, que não deixa ao espirito a serenidade

precisa para os processos da analyse, principiaram, como é costume, a

fazerem notar uns aos outros os sitios mais conhecidos.

Isto manteve por momentos uma perfeita e desenleada familiaridade entre

os quatro.

Christina descuidou-se da sua timidez e despeitos; Magdalena dos seus

projectos e desconfianças; Henrique e Augusto deixaram tambem a sua

mutua frieza.

--Lá está o Mosteiro--disse Magdalena, apontando para o logar

indicado.--Como parece pequeno, visto d'aqui!

--É verdade--respondia Christina--e olha, Lena, como se vêem bem as

janellas do teu quarto.

--Lá está aquella que tu abriste esta manhã para cumprimentares...

Sentindo a mão de Christina comprimir-lhe o braço, concluiu:

--Para cumprimentares a estrella d'alva.

--As janellas do quarto da mamã julgo que ainda estão fechadas.

--Tanto não posso eu distinguir; comtudo afianço-te que sim. A tia

Victoria não é muito matinal.

--Aquella casa acolá não é a de Alvapenha?--perguntou Henrique,

apontando n'outra direcção.

--É--respondeu Augusto--e, mais adeante, alli tem a deveza, em que

passou ante-hontem. Não é verdade?

--É justamente. Com effeito! Foi um soberbo passeio, o que eu dei!

D'aqui é que se vê. Lá vejo umas prêsas, por onde me lembro de ter

passado tambem.

--Vê, acolá, aquella casa que tem uma capella ao lado?--perguntou

Magdalena, apontando para um ponto distante.

--Perfeitamente.

--É a minha quinta dos Cannaviaes.

--Ah! É verdade, lá estão uns cannaviaes, se me não engana a vista.

--Justamente. Não sei se sabe que ha n'aquella capella uma imagem de

Nossa Senhora, muito milagrosa.

--Sim? hei de visital-a.

--Coisa que se lhe peça, fazendo-se o voto da meia noite, é

concedido--disse Christina, fitando d'esta vez Henrique, com a expressão

da mais insinuante sinceridade.

--Que quer dizer o voto da meia noite?

--Tem uma pessoa de rezar á meia noite, e sósinha, sete estações no

altar da Senhora--continuou Christina.

--Só isso? Boa é de cumprir a promessa. Já vejo que não ha aqui na terra

desejo que se não satisfaça.

--Mais devagar,--acudiu Magdalena, sorrindo--pouca gente se atreve até a

ir lá á meia noite, porque a alma de minha madrinha passeia a horas

mortas por a sua antiga casa, dizem.

--Cada vez sinto mais desejos de lá ir--accrescentou Henrique, depois de

ouvil-a.

--Além, entre aquellas arvores, sr.^a D. Magdalena, vive um

philosopho--disse Augusto, indicando outro ponto de perspectiva.

--É verdade; o bom do tio Vicente.

--Tio Vicente? Quem é o tio Vicente? Temos mais algum tio, com que eu

possa augmentar o meu parentesco na aldeia?

--O tio Vicente é um santo velho, que se occupa a colher hervas pelos

montes e valles para fazer remedios, que dizem milagrosos. Ainda é nosso

parente, mas em grau muito arredado; comtudo chamamos-lhe tio, assim

como quasi toda a gente por aqui.

--Que sombras negras são aquellas que se vêem no adro da

igreja?--perguntou Christina.

--Na igreja? Ah! acolá? É verdade, parece um cordão de formigas--disse

Henrique de Souzellas.

--São as mulheres que vão ouvir o missionario--respondeu a

morgadinha.--Escutem, lá está a tocar o sino.

Effectivamente chegavam ao alto do monte as debeis mas sonoras badaladas

do campanario da aldeia.

--A estas horas principiam as lamentações d'aquelle pobre Zé P'reira,

que tão mal olhado anda por a mulher, desde que ella deu n'essas

devoções--notou Augusto, sorrindo, ao lembrar-se da scena domestica a

que na vespera assistira.

--Degenerou aquella mulher!--disse Magdalena--e, se quer que lhe fale a

verdade, sr. Augusto, custa-me vêr o Cancella deixar a Lindita entregue

assim a essa gente quando sáe da terra. A pequena é tão apprehensiva!

--Visto isso, já chegou aqui á aldeia a influencia dos

missionarios?--perguntou Henrique.

--E não tem lavrado pouco!--tornou Magdalena.

Christina, que era um poucochinho devota, censurou timidamente as

palavras da morgadinha.

--Primo Henrique--disse ella--julgo que ainda será preciso o seu auxilio

para livrar do contagio esta innocente Christina.

--Prompto, prima Magdalena; para as boas causas tenho sempre armada a

minha vontade.

--Olha, Lena, não vês?--exclamou Christina--são os pequenos que nos

estão a dizer adeus das janellas do mirante.

De facto nas mais altas janellas do Mosteiro agitavam-se uns lenços

brancos.

Marianna e Eduardo haviam-se erguido para saudarem, de longe, a irmã e a

prima. Estas tiraram tambem os lenços e corresponderam-lhes aos signaes.

Interrompeu-as a voz de Henrique, dizendo:

--Annuncio a v. ex.^{as}, que chega o rei da creação.

Effectivamente o cume do telhado da ermida e as franças despidas da

alameda já se tingiam de luz.

Todas as vistas se voltavam para o oriente. Assignalava-o uma esplendida

faixa de purpura, que, em insensivel graduação, desmaiava para as

extremidades até se perder de todo no azul-celeste.

Rompia já, do meio d'ella, um pequeno segmento do sol, depois, o astro

inteiro apparecia afogueado e vermelho, como um escudo de metal

candente, e logo se desprendeu da terra, d'onde parecia surgir, e subiu

nos ares, como um brilhante aerostato, ao qual se rompessem as prisões

que o retinham.

O monte inundou-se de luz. O valle, em baixo, estava ainda envolto nas

meias sombras da madrugada.

Nisto appareceu do outro lado da capella um dos criados de Alvapenha,

que veio annunciar que o almoço estava prompto.

--Pois devéras temos um almoço?--exclamou Henrique, sinceramente

surprehendido.

--Graças á previdencia de minha tia, previdencia de que eu zombava em

casa, mas que sou obrigada a admirar agora. De facto, parece-me que

estes ares do monte e frescuras da madrugada lhe devem ter aberto o

appetite--respondeu Magdalena. E logo após continuou para

Henrique:--Agora é occasião mais accommodada de pôr em prática os

recursos do seu galanteio, primo. Quer dar o braço a Christina?

Henrique, em quem a morgadinha suspeitára a intenção de lhe render a

ella a fineza, que assim declinou na prima, teve de condescender,

limitando-se a exprimir n'um olhar as suas queixas, olhar que Magdalena

fingiu não perceber.

E conversando e rindo, dirigiram-se para o logar onde, sobre uma mesa de

pedra e lousa e ao ar livre, estava disposto o almoço.

D. Victoria não era senhora, que se saisse mal de emprezas d'estas. A

alvura da toalha, a excellencia da louça e o bem disposto e apurado das

iguarias convidavam.

Não se concebe appetite refractario a um tal conjuncto de

circumstancias. O fastio, n'este caso, seria um fastio mórbido,

correspondente a lesão organica e como tal sem poesia.

Henrique e Augusto principalmente fizeram, como era natural, justiça á

cozinha do Mosteiro.

Henrique, que parecia haver esquecido as suas mil e uma doenças,

conversou animada e espirituosamente.

Contaram-se anecdotas; Augusto applaudiu as de Henrique; este riu com

vontade das que ouviu a Augusto.

A morgadinha, por sua propria mão, preparou o chá.

N'estas alturas do almoço encetou novamente Henrique o tiroteio de

amabilidades, de que por muito tempo não sabia prescindir.

Dir-se-ia ser este o signal para se perturbar a santa harmonia do

congresso. Parecia que todos os outros, mais ou menos, se sentiam

contrariados.

Henrique ficára sentado junto da parede da capella. Inclinando-se sobre

o espaldar da cadeira a saborear um charuto havano, descobriu umas

letras escriptas na parede, exactamente por cima da cabeça.

--Bravo!--exclamou, depois de as ler para si--não imaginava que havia

poetas na aldeia! Querem ouvir?

E leu:

Se estás mais perto do céo

N'estas alturas da serra,

Ai, porque tens, peito meu

Inda saudades de terra?

Em vez-de erguer os olhares

Á luz d'este firmamento,

Desço-os á sombra dos lares,

Onde tenho o pensamento.

--É pena que a chuva apagasse o resto. Quem é o bardo, prima?

--Não sei; da aldeia de certo que não é--respondeu Magdalena, com

indifferença.

Augusto ergueu-se da mesa e foi passeiar para a alameda.

--Da aldeia, não, diz a prima; e por que não? Com esta natureza é facil

crearem-se os poetas. Eu estou vendo n'esta quadra a folha solta de um

romance. Aqui a serra de algum Bernardim inedito, tão capaz de escrever

saudades, como de as sentir. Os lares, pela sombra dos quaes o olhar do

poeta trocava os esplendores do céo... algumas d'essas casas, que ahi se

vêem em baixo. Quem sabe se não será até o Mosteiro? Eu, por mim,

confesso que se estivesse hoje aqui só, ou em outra

companhia--accrescentou, olhando significativamente para a

morgadinha-não teria dúvida em subscrever esta quadra, como a exacta

expressão do meu sentir, porque...

Em vez de erguer os olhares.

Á luz d'este firmamento

Eu tambem...

Os \_abaixaria\_ aos lares

Onde tenho o pensamento.

Christina levantou-se tambem da mesa e foi ter com Augusto á alameda.

Magdalena, que a seguiu com a vista, não disfarçou um gesto de despeito

ao ficar só com Henrique.

--Prima Magdalena,--disse em tom mais affectuoso Henrique, passado

tempo, e depois de mais algumas palavras--deixe-me falar-lhe com

franqueza, agora que estamos sós. Conhecemo-nos ha dois dias; eu, porém,

sinto-me tão seguro já do que lhe vou dizer, que não hesito. Não pode

imaginar a indelevel recordação que me ficará d'esta manhã.

--Perdão,--atalhou Magdalena--diga-me primeiro o que é isso que me vae

dizer. Prepara-se para me agradecer o almoço? Eu sou como os reis; gosto

de estar prevenida do sentido das felicitações que me dirigem, para ir

preparando uma resposta adequada.

-Que prazer tem em ser cruel!

-Deixemo-nos de loucuras--continuou Magdalena, séria já.--Quem ouvisse o

sr. Henrique de Souzellas havia de suppôr que se preparava para me fazer

uma declaração.

-Uma declaração do mais puro affecto, do mais sincero sentimento, por

que não?

-Ah! Pois, se eram essas de facto as suas intenções, peço-lhe desista

d'ellas.

--Por quê?

--Porque não posso escutal-o.

--Ou não quer.

--Ou não quero; seja.

--Teria eu a desventura de chegar tarde, prima? Acaso o seu coração

já...

--Que impertinente pergunta? Se \_já\_, não tenho ainda no sr. Henrique a

necessaria confiança para o tomar por confidente. Conhecemo-nos apenas

de hontem, que é o mesmo que não nos conhecermos.--E accrescentou logo

depois:--Christina, anda ser arbitra n'uma disputa entre mim e o primo

Henrique.

--Que vae fazer?--perguntou-lhe Henrique, admirado.

Christina approximou-se; Augusto seguiu-a. Henrique não desviava os

olhos da morgadinha que, sem lhe dar attenção, proseguiu para Christina:

--O primo Henrique falava com certa exaltação da doçura do teu caracter;

o meu amor proprio disse-me que--era pouco delicado estar assim a

lisonjear uma mulher na presença de outra--e redargui por isso, pondo em

dúvida a asserção e affirmando que havia um fermentozinho de maldade na

tua doçura. Elle nega por impossivel, eu insisto e estamos n'isto. Agora

dize tu.

Christina córou intensamente e não teve que responder.

Henrique, que nas palavras de Magdalena julgou ouvir algumas que, pelo

sentido e inflexão, com que foram dictas, lhe eram dirigidas, acceitou

desaffrontadamente a posição, em que Magdalena o collocára, e respondeu:

--Venci eu! O facto de querer a priminha poupar uma réplica amarga á

accusação que lhe fazem, é a mais eloquente prova, já não digo só da

doçura, mas da natureza angelica do seu caracter. Já vê, prima

Magdalena, que «quando uma das mulheres que diz, fôr como a nossa boa

Christina, não se podem admittir essas revoltas de amor proprio, a que

alludiu.»

A morgadinha percebeu tambem o duplo sentido d'estas ultimas palavras;

mas fingiu não comprehender.

Henrique, ao desviar por acaso os olhos, encontrou os de Augusto fixos

n'elle, emquanto um sorriso lhe dissipava um pouco dos labios a grave

expressão que lhe era habitual, temperando-a com não sei que de ironico,

que não escapou tambem a Henrique.

Os olhares d'estes dois homens trocaram-se por momentos, sem que nenhum

parecesse disposto a baixar-se deante do outro.

Desviou-os porém uma dupla exclamação de Magdalena e de Christina,

dizendo:

--Olhem o tio Vicente por aqui!

Dobrava effectivamente n'aquelle momento a esquina da ermida, e

approximava-se da mesa do almoço, o velho herbanario, em que já temos

falado no decurso dos passados capitulos.

X

Era uma expressiva figura de ancião o herbanario.

A fronte larga e desaffrontada de cãs, os olhos ainda vivos e

penetrantes e, em toda a physionomia, permanentes indicios de habituaes

meditações e por ventura de passados infortunios, elevavam aquelle

semblante muito acima da vulgaridade. Os annos ou, mais ainda do que os

annos, os pezares haviam subjugado n'elle a robustez de outros tempos;

os habitos de solidão, que adquirira, a pouco e pouco lhe amoldaram o

caracter até fazerem do velho um d'esses typos excepcionaes, que

atravessam o mundo entre a estranheza de quantos os rodeiam, a ninguem

permittindo sondar os mysterios que guardam comsigo e para si, e creando

para uso proprio regras de viver, sem attenção ás convenções sociaes.

Era um enigma vivo.

Nas aldeias acompanhava-o uma fama quasi de nigromante; attribuiam-lhe

curas milagrosas, obtidas com os simplices, a cuja cultura e colheita

consagrava as maiores attenções e canceiras.

Ninguem lhe queria mal, que a ninguem o fizera nunca. Poucos porém

ousariam, depois do esconder do sol, ir procural-o á isolada casa em que

vivia, escondida n'um quintal, que era cultivado com todo o amor pelo

velho.

Em todos os casos intrincados vinham consultar o herbanario, e elle,

como seguro da sua proficiencia, em caso algum recusava o alvitre.

Em resultado de leituras aturadas, mas sem escolha nem methodo, de uns

alfarrabios herdados de um tio frade que tivera, adquirira imperfeitas e

mal digeridas noções de sciencia, de que se mostrava orgulhoso. Livros

de medicina antigos, alguns de jurisprudencia, outros de logica e de

astronomia, constituiam a sua mesclada bibliotheca. Entre os livros mais

predilectos e consultados contava um exemplar da \_Polyantheia\_ de Curvo

Semedo.

O herbanario principiára em creança uma educação tal ou qual, que

revézes de familia haviam interrompido.

Os meios conhecimentos, que das suas habituaes leituras extrahira, e os

erros, que de taes livros assimilára, eram os elementos, com que chegou

a architectar uma sciencia informe, que na aldeia passava por

maravilhosa.

E o caso era que a fama do homem voára de freguezia em freguezia, de

concelho em concelho, e de muito longe o vinham ouvir como a oraculo.

Os costumes do velho, que errava por valles e montes á procura dos

simplices, cujas occultas virtudes conhecia, as suas maneiras rudes, a

austeridade da physionomia, a franqueza, sem contemplações, com que

dizia quanto pensava, tinham gravado fundo na imaginação popular aquelle

typo, para ella quasi lendario.

Depois de se sentar á mesa, o herbanario estendeu familiarmente a mão a

Augusto, que lh'a apertou com affecto.

--Bons dias, rapaz,--disse o velho; e, dirigindo-se a Magdalena e

Christina, accrescentou com maneiras paternaes:--Adeus, pequenas;

grandes madrugadas hoje!

Voltou-se depois para Henrique, e fitou-o com olhos inquisidores e quasi

desconfiados, terminando por lhe dizer simplesmente:

--Guarde-o Deus!

Henrique correspondeu-lhe no mesmo tom.

Sem mais o attender, Vicente voltou-se para Magdalena e perguntou-lhe

com voz audivel para Henrique, e referindo-se a elle:

--Quem é?

Henrique respondeu com ligeiro tom de mofa:

--O homem que, melhor que ninguem, está habilitado a responder a essa

pergunta.

O velho nem sequer o olhou.

--Este senhor--respondeu Magdalena--é sobrinho de D. Dorothéa; está

hospede em Alvapenha. Veio para aqui restabelecer-se da saude.

Vicente tornou a examinar Henrique.

--Então é doente?... Não parece... Olhar vivo... Côres boas... voz sã...

Umh!...

Magdalena julgou perceber que as maneiras rudes do velho estavam

desagradando a Henrique; por isso apressou-se a intervir, respondendo

jovialmente:

--A doença d'este senhor é um pouco de imaginação.

--E grandes effeitos nascem d'ahi--acudiu sentenciosamente o velho.--Lá

veem na \_Polyantheia\_ muitos casos curiosos. Um homem, por ter comido

umas amoras, foi atacado de dôres de cabeça, de que morreu. Pois tanto

scismou que das amoras lhe viera o mal, que até se lhe formou no craneo

uma pedra do feitio de uma amora.

--Com effeito!--disse Henrique, com ironica expressão de pasmo--ahi

estava um cerebro de concepções rijas!

--É divertido!--disse Vicente, com ligeiro sarcasmo e olhando para

Magdalena.

--Pelo contrario--acudiu a morgadinha--o seu mal é a melancolia. Não é

verdade?

--Eu já não sei qual é o meu mal. Estou quasi a dar razão á tia

Dorothéa, que lhe chamou mania.

--Mania e melancolia não são a mesma coisa--emendou o velho.--Tambem lá

na \_Polyantheia\_ se diz isso bem claro. A melancolia é sem ira nem

furia, porque procede de humor frio, e a mania de sangue quente ou

cólera requeimada.

--De cólera requeimada? Deve ser uma coisa terrivel!--continuou

Henrique, no mesmo tom.

Magdalena, receiando que a ironia dos commentarios de Henrique acabasse

por irritar o velho, perguntou a este:

--Parece-lhe que terá cura a doença?

--Pode ter; mais rebeldes melancolias se curam. Este é divertido a

final. Umh!... Mas contra tristezas e manias não ha como as folhas de

ouro em caldo de frangão com flores de borragem e de herva cidreira.

--Este é como os calvos, que vendem aos outros pomadas para fazer nascer

o cabello; é um argumento vivo contra a efficacia da beberagem que

receita para as manias--disse Henrique a meia voz para Augusto, que lhe

ficava proximo.

O velho, que não tinha ainda dado mostras de offensa pelas maneiras

impertinentes de Henrique, córou d'esta vez e faiscou-lhe nos olhos um

relampago de irritação.

Havia-se sentido ferido no ponto mais melindroso da sua dignidade.

--Está bom, menino,--replicou elle amargamente.--Não diga mais, para se

não envergonhar depois. Eu calo-me; e desculpe-me se falei. Estou

costumado a vêr pobres e ricos virem a minha casa pedir-me o favor de os

attender. Ainda assim ahi vae mais um conselho, apesar de m'os não

pedir. Seja attencioso com a velhice que não é baixeza nenhuma. Mas que

é isto?--exclamou, mudando de tom e olhando para um redemoinho de folhas

sêccas que o vento trouxera até perto d'elle.--As folhas veem d'este

lado! Então virou o vento? É verdade. Ah! sim?... Percebo.

E, depois de olhar para o ar, continuou:

--Mudanças tão repentinas!... Umh!... Já me não agrada aquelle azul e

aquellas nuvens.

E levantou-se.

--Dou-lhes meia hora, e verão tudo isto coberto e quem sabe o mais que

virá! Aconselho-os a que vão descendo o monte, que não é seguro descel-o

quando as enxurradas engrossam. Eu, por mim, já me não demoro, que não

tenho confiança na firmeza das minhas pernas. Oh! n'outros tempos!...

Emfim tudo tem de acabar. Adeus!

E, sem mais palavras, sobraçou a caixa de lata, em que archivava as

hervas medicinaes e outras substancias, que andava colhendo, e partiu,

depois de dizer adeus a Augusto, a Magdalena e a Christina.

Logo que o herbanario desappareceu, Henrique soltou uma risada, em que

parecia haver o que quer que era de forçado.

--É realmente curiosa esta antigualha--disse elle, que interiormente

sentia já remorsos pela maneira por que tratára o velho.

--Ai, primo Henrique; que ainda está muito pouco preparado para viver na

aldeia!--disse a morgadinha.--Tem uns melindres e uma maneira de vêr as

coisas! Tudo lhe parecem faltas de attenções, propositos de offender!

depois ha um sarcasmo cruel nas suas palavras, a que os espiritos não

estão aqui habituados e de que se sentem por isso feridos. Isso não é

bom! Se vae assim, ou terá de nos deixar cêdo, ou grandes desavenças

suscitará por ahi. Não repara que estes modos são proprios do campo?

--Perdôe-me, prima Magdalena; mas confesso que nunca tive demasiado

geito para lidar com doidos. Deve confessar que este homem...

--É um homem de bem--atalhou Augusto com voz firme e com uma severidade

de expressão, que até alli não mostrára ainda.

Henrique voltou-se admirado e fitou-o em silencio. Augusto arrostou

firmemente aquelle olhar.

--Não o nego--respondeu Henrique, pouco depois--mas infelizmente os

homens de bem envelhecem, como os outros, e a extrema velhice traz a

imbecilidade.

--Engana-se; esse homem, apesar de algumas phantasias, tem ainda um

juizo são e uma razão clara.

--Acha?--tornou Henrique, já algum tanto azedado.--Ha de dar-me licença

de não fazer obra por as suas apreciações... se me é permittido.

--Procede mal--redarguiu Augusto.--Porque eu conheço aquelle homem ha

muito e o senhor acaba apenas de o vêr pela primeira vez. Foi o senhor

quem primeiro deu ás suas palavras um tom irritante, que desafiou uma

digna correcção. Não lhe ficaria mal se tivesse sido mais generoso. A

consciencia lh'o está dizendo n'este momento melhor do que eu.

--Lê fundo nas consciencias dos outros!

--Não é difficil. Em todos os homens a consciencia tem uma só maneira de

ser. Reprova sempre o mal, aponta sempre a culpa.

--Estou admirando a subita loquacidade que se lhe manifestou! Até aqui

suppunha-o taciturno. Vejo que lhe mereço a fineza de abrir uma excepção

aos seus habitos de laconismo em meu favor. Muito agradecido. Isso que

dizia eram maximas ou pensamentos moraes? Não reparei.

Augusto córou, mas respondeu com firmeza:

--Nem uma nem outra coisa; é um genero muito mais modesto do que

qualquer dos dois. Simplesmente um preceito de civilidade.

Henrique ia responder irritado, mas conteve-se e tornou com dobrada

ironia:

--É verdade, é verdade... esquecia-me que a civilidade entra no seu

programma... de mestre-escola.

--Justamente; tenho alguns discipulos que lisonjeiam o mestre;

rapazinhos da aldeia, pobres, rotos e descalços, mas n'esse ponto podem

dar lições a elegantes filhos das cidades.

--Pois estimarei, nas minhas longas horas de ocio, aqui na aldeia,

dever-lhe algumas lições tambem. Comtudo, como, felizmente, as

circumstancias em que estou me permittem prescindir do beneficio do

estado, que o subsidia, ha de conceder-me que pague as lições que

receber.

--Nunca me envergonhei de acceitar a recompensa do meu trabalho, se o

discipulo pode dar-m'a... sem sacrificio.

--E acceita-a em toda a especie de moeda, não é verdade?--perguntou

Henrique, cada vez mais petulantemente.

Augusto respondeu com a mesma serenidade:

--Não faço tambem escrupulo n'isso, comtanto que me fique o direito

salvo de pagar na mesma especie de trócos, quando julgar que os devo.

O dialogo ia, como vamos vendo, de momento para momento adquirindo mais

acerbo caracter.

Christina, que já tremia de assustada, cingiu o braço de Magdalena, como

para convidal-a a intervir.

Esta não o tinha ainda feito por uma simples razão. Desconhecia Augusto.

A audacia com que o via repellir as ironias do seu adversario, a firmeza

inalteravel, com que lhe sustentava o olhar, o sorriso, que, em desdens,

rivalisava com o d'elle, eram tão novos para a morgadinha, que a

surpreza, que d'ahi lhe vinha, nem a deixava ainda perceber a utilidade

de uma intervenção. O aviso de Christina chamou-a, porém, á realidade.

--Tem-me querido parecer, ainda que me custa a acreditar, que isso entre

os senhores é uma altercação--disse ella por fim.--Vejam que só teem por

testemunhas duas mulheres, que mal lhes podem servir de padrinhos, se a

contenda tomar outra feição. Por isso não é muito para louvar a escolha

que fizeram da occasião, para uma justa tão pouco... amavel.

--Perdão, prima Magdalena; reconheço a minha culpa, e a grosseria do meu

proceder. Mas aqui o sr. Augusto, costumado a impôr aos discipulos o seu

pensamento, quiz estender até mim este despotismo de... \_magister\_...

Ora o meu pensamento pugnou pela sua independencia...

--Desculpe; suppondo-o um homem de brio e de pundonor, julguei que me

agradeceria, se conseguisse modificar-lhe uma opinião desfavoravel, que

levianamente formou de quem lh'a não merecia. Vejo que prefere ser

injusto. Seja-o. Pense o que quizer. Mas o que eu não soffro é que se

diga deante de mim uma palavra contra um homem que respeito e de quem

sou amigo, sem que erga a voz a defendel-o. Se não costuma fazer o mesmo

por os seus, nem sente viva e irresistivel a necessidade de o fazer,

lastimo-o; é porque não os tem.

--Com mais paz de espirito se discutirá tudo isso depois--disse

Magdalena.--É de crêr que, como sempre, haja de parte a parte razão e

aggravos. Agora convido-os, antes de descermos, a visitar a ermida, cuja

porta está sempre, dia e noite, aberta aos devotos que a piedade aqui

traz. E tal é o prestigio que a defende, que não consta de um só roubo

sacrilego, que se fizesse n'ella.

Entraram na ermida. Era um pequeno santuario, todo forrado de azulejo

antigo, com ennegrecidas pinturas a fresco nos apainelados do tecto,

representando episodios da Paixão; os altares, adornados de columnas e

florões de talha dourada, attestavam nos muitos ex-votos que d'elles

pendiam e nos quadros, cuja perspectiva deixava a perder de vista a dos

desenhos chinezes e que representavam milagres de todo o genero, a fé

ardente com que era adorada a imperfeita esculptura da Virgem.

E apesar de tudo tinha este templo um ar de solemnidade manifesto.

D'onde lhe vinha elle? Da sua mesma pobreza e nudez, do silencio que

reinava em torno, da altura a que se erguia, do isolamento em que

estava.

Alli dentro demoraram-se os quatro visitantes, Magdalena e Henrique

examinando alguns dos quadros dos milagres; Christina, que prolongára

mais do que a prima a oração que fizera, contemplando a imagem da

Senhora; Augusto com os olhos fitos nas columnas do altar, porém, não

sei se pensando n'ellas.

Esperava-os uma surpreza á saida.

Realisára-se o prognostico do herbanario.

O vento sul que, segundo elle notára, soprava já havia algum tempo,

viera condensar os vapores, que arrasta de ordinario na sua corrente, e

empanar com elles a limpidez do firmamento. O azul do céo semeiára-se,

pouco a pouco, de pequenos flocos brancos, de manchas irregulares e de

longos e encurvados veios que lhe davam uma apparencia quasi marmorea.

Cêdo estas massas de nuvens cresceram, tocaram-se, confundiram-se,

acabando por tingir uniformemente toda a extensão do firmamento. Ao

mesmo tempo, outras nuvens, mais pesadas e mais escuras, começaram a

erguer-se do sul e caminharam impetuosas no espaço, como montanhas

moveis, que viessem em pavorosa carreira, de encontro ás serras, que as

aguardavam firmes.

Um denso véo de nevoeiro escondia já a paizagem, quando sairam da

ermida.

--Depressa!--exclamou Augusto--já não ha tempo a perder! Desçamos antes

que a tormenta nos colha.

--Tem medo?--disse Henrique em tom de mofa.--Um montanhez!

--Talvez tenha; em todo o caso ha de vêr que não é de inimigo pouco

digno de o inspirar. Por agora peço-lhe tréguas ás zombarias e, por amor

d'estas senhoras, aconselho-o a que trabalhe por apressar a descida.

Felizmente que o criado já partiu. É um embaraço de menos.

Vamos.--Detendo-se, porém, disse para Magdalena:--Se descessemos por o

outro lado, minha senhora?

--Para quê?--respondeu esta.--É um momento, emquanto chegamos abaixo.

A tempestade caracterisava-se cada vez mais; crescia a cerração do ar;

os álamos gemiam, vergados pela impetuosidade das lufadas do sul; a

chuva principiou por grossas gottas, e cêdo augmentou assustadoramente;

havia na atmosphera surdos rumores de tempestades longinquas; algumas

nuvens tomavam uma côr terrea, outras um carregado de chumbo, ambas

igualmente sinistras.

Christina, pallida de susto, murmurava em voz baixa orações fervorosas;

Magdalena sorria para a animar, mas ella propria estava inquieta.

Não era de facto uma empreza de todo facil o descer o monte por um tempo

d'aquelles. O caminho, já de si ingreme e precipitoso, era quasi

impraticavel quando as correntes se despenhavam por elle, como em

catadupas, e os ventos vinham despedaçar-se furiosos de encontro ás

arestas salientes da rocha.--Era necessario estar muito amestrado para o

descer sem perigo.

Augusto era de todos o que melhor o conseguiria; assim não tivesse de

repartir os seus cuidados por tantos. De pequeno se costumára áquellas

aventuras; e já então seguia, sem vertigem, a mais estreita borda dos

despenhadeiros do monte.

A tudo porém attendia agora, desenvolvendo uma actividade e pericia, que

inspirava alento e confiança aos mais. Agil, como um animal montez,

girava em volta da pequena caravana, de que tacitamente fôra reconhecido

chefe. Ora adeante a dirigir os passos pelos logares de mais facil

transito, ora á retaguarda a dar a mão a Magdalena, que vira em

embaraço, ou a amparar Christina, a quem muita vez chegou a levantar nos

braços, para a fazer franquear um ponto do caminho, em que ella parára,

sentindo que lhe resvalavam os pés no declive e na humidade do chão. O

proprio Henrique, que não era o menos embaraçado do rancho, e nem isso

admira, só a custo podia prescindir, em certos lances, do auxilio de

Augusto.

O amor proprio e orgulho do hospede de Alvapenha iam um tanto

mortificados n'esta retirada ingloria. Nenhum dos seus muitos talentos e

aptidões, de tanto valor no terreno, tambem escorregadio, das salas de

baile, lhe valiam para alli. Era evidente a sua inferioridade n'este

momento; ora Henrique não era homem que, tendo consciencia disto,

ficasse indifferente; mas que remedio? Procuraria mais tarde uma

compensação.

Não descrevemos todos os episodios d'esta laboriosa descida, alguns dos

quaes sómente a preoccupação, em que iam os animos, impedia achar

risiveis; porém que mais tarde deviam, como é costume, vir a ser

alimento de animadas e joviaes recordações.

Assim foi que, a meio da encosta e em sitio em que se lhes cortava ao

lado do caminho, que cautelosamente desciam, uma ribanceira quasi a

pique e erriçada de fragas salientes e angulos de rocha, em cujas fendas

e sinuosidades apenas os tojos e as giestas e algum pinheiro enfezado

tinham conseguido vegetar, uma violenta rajada de vento, desprendendo a

mantilha de Magdalena, depois de a revolutear no espaço arremeçou-a ao

abysmo.

Ficou suspensa nos espinhos das tojeiras, porém em logar, onde seria

difficil o accesso, de qualquer lado que se tentasse.

Magdalena, no momento, não pôde reter um grito, que fez parar com terror

Henrique e Augusto que caminhavam adeante. Voltaram-se assustados.

A morgadinha, com a cabeça descoberta, tranças ligeiramente

desordenadas, as faces um pouco pallidas, sorria já do seu exaggerado

susto.

A rir, explicou o succedido, pedindo perdão pelo sobresalto que

involuntariamente causára.

--Descança em paz!--disse ella, olhando para a mantilha; e

accrescentou:--Sigamos.

--Mas não será possivel tiral-a d'alli?--perguntou Augusto, examinando o

sitio.

--Para quê? Não podemos demorar-nos agora com isso--respondeu Magdalena.

--Eu desço a cortar uma canna lá abaixo aos Moinhos e volto n'um

momento--insistiu Augusto, dispondo-se a executar o que dizia.

Henrique notou, sorrindo:

--O alvitre é de homem prudente. Cuidei que os montanhezes não eram de

tão bom aviso.

E, animado pelo desejo de humilhar Augusto, por quem se sentia

humilhado, e ao mesmo tempo cedendo á influencia que sobre elle exercia

a fascinadora figura de Magdalena, Henrique arrojou-se a uma

desnecessaria imprudencia.

Sem dar tempo a que o impedissem ou lhe fizessem qualquer reflexão,

deixou-se escorregar no despenhadeiro, segurando-se com as mãos á borda

do caminho; tenteou com os pés as fendas e as anfractuosidades da rocha,

até conseguir firmal-os; segurou-se ora a uma raiz saliente, ora a um

ramo mais tenaz; á fôrça de vontade dominou a sua impericia em

exercicios d'esta ordem, e finalmente conseguiu, estendendo o braço,

segurar a mantilha, que o vento arrojára ao precipicio.

Depois, com dobradas difficuldades e por ventura redobrados perigos,

pôde, roçando-se como reptil, e ferindo as mãos nas asperezas da rocha e

nos espinhos das tojeiras, em que se firmava, pousar outra vez os pés em

terra, sem acceitar a mão que Augusto lhe offerecia, e com gesto

radiante entregou a mantilha a Magdalena, fixando em Augusto um olhar de

triumpho.

Os espectadores d'esta scena haviam-a presenciado sem soltar uma

palavra, sem fazer um movimento, quasi gelados de susto e de espanto.

Quando Henrique voltou com a mantilha, Augusto meneou a cabeça

murmurando:

--Que imprudencia!

--Na verdade!--disse Magdalena, ainda nervosa com a impressão que este

incidente lhe causára--foi uma loucura; uma loucura imperdoavel.

E a perturbação era tal, que nem acertou com uma phrase de

agradecimento, com que pagasse a imprudente galanteria, que mais

desejava reprehender, do que recompensar.

Esta reserva offendeu Henrique; serviços a seu vêr de menor importancia,

tinham merecido a Augusto mais calorosas palavras.

Revoltou-o esta ingratidão.

Mal sabia elle que estava sendo ainda mais ingrato, não concedendo

sequer um olhar ás faces desmaiadas pelo terror, aos labios trémulos e

aos olhos arrasados de lagrimas, com que o fitava Christina. Ella, que o

tinha seguido muda de susto e de anciedade em toda aquella louca

aventura, ella que, ao terror do perigo, ajuntava a affligil-o o

desespêro de vêr que fôra outra a que inspirava aquellas loucuras!

Aguardavam-os em baixo novos trabalhos a vencer. Com a fôrça das

enxurradas, que se precipitavam clamorosas pelas vertentes e algares,

era provavel que a levada que corria na raiz do monte tivesse engrossado

mais e acabasse de cobrir a ponte rustica, que á vinda já tinham

encontrado quasi submersa.

Augusto, prevendo isso, voltou-se para as senhoras, dizendo:

--Eu vou adeante assegurar-me do estado da ponte, para no caso de estar

já coberta, como é provavel, vêr se o moleiro nos abre a porta do

moinho, a fim de passarmos por lá. Vão descendo devagar, que eu volto.

--Então deixa-nos sós?--exclamou Christina, assustada.

--É um instante.

--Não sei se nos atreveremos a dar um passo sem a sua indicação--disse

Magdalena.

--O peor está passado. Além d'aquella pedra já vêem o ribeiro e a ponte;

o caminho indica-se por si.

E dizendo isto, desceu agilmente por uma especie de escadaria aberta na

rocha, a qual mais depressa o devia conduzir ao logar que demandava.

Henrique ia agora na frente; após, seguia-se Magdalena. Christina

fechava o cortejo.

O mau humor de Henrique augmentára de ponto, em consequencia dos receios

com que as duas raparigas tinham visto Augusto abandonar, por momentos,

a direcção do rancho.

Ficava assim bem evidente a pouca ou nenhuma confiança que lhes estava

merecendo o auxilio de Henrique, representando assim elle n'aquella

contingencia, em vez do papel de protector, o de protegido, que o

humilhava.

Obrigado a digerir, como pudésse, o seu fundo descontentamento, Henrique

perdera com isso aquella volubilidade de conversação que mantivera todo

o dia.

Nunca, na presença de Magdalena, deixára passar tanto tempo sem formular

um d'esses galanteios que a impacientavam e obrigavam a uma resposta,

nem sempre demasiado affavel.

Magdalena, por seu lado, não se sentia com disposição para falar.

Christina menos.

Este silencio acabou por exasperar Henrique.

Haviam já percorrido grande parte do caminho, que os distanciava do

riacho. Avistavam-se as aguas turvas e impetuosas, que, com mais fragor

do que nunca, se contorciam n'aquelle apertado leito.

Foi então que Henrique desafogou o seu resentimento.

--Estou devéras arrependido, prima Magdalena,--disse elle com leve

ironia--do meu espontaneo movimento de ha pouco. Devia lembrar-me de que

ao nosso cavalheiroso guia devem pertencer todos os triumphos e toda a

gloria d'esta jornada: mas como d'aquella vez se me figurou que era

demasiado cauteloso para heroe...

Uma simultanea exclamação de Magdalena e de Christina não o deixou

proseguir.

Voltando-se para saber a causa, que a motivára, viu-as paradas,

pallidas, olhando com anciedade para a base do monte.

Seguindo a direcção do olhar d'ellas, Henrique reconheceu a causa

d'aquelle duplo grito.

Refiramol-o em poucas palavras.

Quando Augusto chegou ao ribeiro, para averiguar se a ponte estava ou

não transitavel, surprehendeu-o um espectaculo inesperado.

O herbanario que, prevendo tempestade e receioso dos perigos de que em

taes condições a descida era acompanhada, se apressára a partir, não

conseguira chegar ao ribeiro, antes do desencadeamento da borrasca. O

andar vagaroso e precavido do velho e as frequentes pausas que fazia, ou

para descançar ou para colher a rara planta montezinha, o insecto, o

verme, o mollusco ou o mineral de occultas virtudes, elementos da sua

pharmacopeia, foram retardando de maneira que a chuva apanhou-o a meio

caminho, e mais difficil de descer lhe tornou a metade, que lhe faltava.

Assim, não obstante haver partido antes dos outros, não lhes levava

muitos passos de avanço.

Ao chegar á levada, encontrou já as pedras do tosco passadiço, a que se

dava o nome de ponte, cobertas pela agua. O velho deu-se pressa em

descer para a passar ainda a pé enxuto; mas a levada, agora torrente

caudalosa, ganhava corpo de momento para momento; cêdo já não se viam

signaes de ponte. O herbanario parou, embaraçado. Acima ficavam-lhe os

açudes, transformados em impetuosas cataractas; abaixo, o moinho, em

cujas enormes rodas espumava a corrente com espantoso fragor.

O velho Vicente hesitou. Era para causar vertigens o que via. As aguas,

sem transparencia, occultavam de todo a vista das pedras.

Tenteou com o bordão o sitio, em que as suppôz. Encontrou a primeira,

pousou um pé n'esse ponto; firmou-se como pôde, para resistir á fôrça da

corrente; tenteou outra vez, reconhecendo outra pedra, deu mais um

passo, e outro, e mais outro, até que de repente, ou por esvaímento de

sentidos ou por se firmar em falso, vacillou e, perdendo o equilibrio,

caiu na levada para o lado dos moinhos.

Foi n'este momento que Augusto chegou; viu-o pois cair, viu-o

estrebuchar, luctando com a impetuosidade das aguas; reconheceu a

urgente necessidade, para evitar uma horrivel desgraça, de acudir, sem

perda de tempo, ao pobre velho, que a torrente arrastava para os lados

do moinho.

Cedendo a este pensamento, Augusto franqueou, quasi de um salto, o

espaço, que o separava ainda do ribeiro, e lançou-se á agua.

Era a vez de Augusto revelar coragem. Henrique tambem a possuia, mas

abusava d'ella ou, por vaidade malbarateava-a em ninharias. Ainda n'isto

se revelava o seu amor de ostentação. Imaginava-se sempre n'um palco,

deante de espectadores que o viam e applaudiriam, se desempenhasse bem o

papel de homem perfeito. Fraco perante doenças imaginarias, arriscaria,

para evitar o ridiculo, a propria vida, assim como suffocaria, por

ventura, um impulso generoso, que não pudésse harmonisar-se com a

convenção, que se chama elegancia.

Eram estes os defeitos que Magdalena adivinhára n'elle.

Augusto era differente.

As suas grandes qualidades guardava-as com modestia dos olhos estranhos,

para sómente as revelar, quando pudéssem ser uteis.

Ao vêr cahir a mantilha de Magdalena, não arriscou temerariamente a vida

para a buscar. Procurava com placidez os meios de o fazer, com mais

segurança, embora com menos romanticismo; mas, para salvar uma vida,

para obedecer a um instincto, verdadeiramente nobre e generoso, nada o

fazia recuar.

Logo que Augusto voltou a terra e auxiliou o herbanario a subir para a

margem, Magdalena, respirando emfim com desafogo, respondeu ás

anteriores palavras de Henrique, dizendo em suave tom de censura:

--Bem vê que nem sempre é cauteloso o nosso guia, primo Henrique. Sabe

tambem arriscar a vida, quando uma razão de humanidade lh'o pede. A sua

imprudencia de ha pouco... agradeço-lh'a, mas... não posso approval-a.

Confesse que não foi tão justificada como esta.

Henrique tinha a razão clara bastante e a consciencia justa para vêr

que, apesar da sua façanha cavalheiresca, ficára, d'esta vez ainda,

inferior ao seu companheiro.

Qualquer que fôsse o desgosto, que a descoberta lhe produzisse, é certo

que teve sobre a rebellião dos maus instinctos poder sufficiente para se

obrigar a ir apertar a mão a Augusto.

O velho Vicente estava pallido e extenuado pelo esforço da lucta com a

corrente; ainda assim abraçou tambem Augusto, dizendo:

--Agradeço a Deus o haver-me dado esta occasião de te dever a vida,

rapaz. Era um prazer que desejava levar da terra, quando a deixasse.

Magdalena e Christina rodeavam o velho de cuidados.

Appareceram, emfim, do outro lado do ribeiro, os criados enviados por D.

Victoria com guarda-chuvas e roupas de agasalho. Com elles vinha tambem

o moleiro, a quem mandaram chamar para dar passagem pelo moinho, visto

estar obstruida a ponte, e ao mesmo tempo para que as senhoras pudéssem

ahi dentro mudar de fato.

Augusto seguiu o herbanario a casa.

Passada meia hora saíam tambem do moinho os outros todos, depois de

haverem renovado a roupa, que a chuva repassára.

No Mosteiro, D. Victoria recebeu a filha e a sobrinha com muitas

exclamações e ralhos por não terem ido prevenidas com guarda-chuvas,

como ella lhes recommendára; estas iras cêdo se derivaram sobre os

criados, a quem, entre outros delictos, attribuia o de a não haverem

avisado de que na vespera passára por alli o caldeireiro ambulante,

repenicando nos seus arames, o que, sendo prognostico infallivel de

chuva, faria com que ella, sabendo-o, se oppuzesse a tal passeio.

Em Alvapenha, D. Dorothéa e Maria de Jesus não levantaram menor celeuma,

ao vêrem chegar Henrique. Fizeram-o metter na cama, cobriram-o de

cobertores, emborcaram-o de \_punch\_ e taes mêdos lhe insinuaram, que as

apprehensões pathologicas de Henrique agitaram-se e tentaram

reapossar-se da sua antiga victima.

XI

Censuravel descuido tem sido o nosso em não conduzir o leitor a um dos

logares mais importantes da aldeia, onde se passam os singelos episodios

d'esta narração.

Que se diria de um \_cicerone\_ que, por esquecimento ou proposito,

deixasse de apresentar um viajante, recem-chegado a uma cidade, na

assembleia, club, gremio, ou o que quer que seja, onde se reunem as

principaes personagens d'ella, onde se compendiam as grandes questões e

interesses locaes, as pequenas vaidades e intrigas, as modas ephemeras,

os voluveis caprichos que agitam os espiritos, onde se commenta o boato

de hontem, se dão ao de hoje mil versões diversas e se adivinha já o de

ámanhã?

Pois no mesmo delicto incorremos nós, chegando a este undecimo capitulo,

sem ter guiado os leitores á venda de Damião Canada, a qual podia

dizer-se o verdadeiro coração d'aquelle organismo social.

Tudo quanto na terra havia de certa representação alli ia falar da coisa

publica e tambem da particular;--da particular dos outros mais do que da

propria, entenda-se.

Aproveitemos um resto da tarde, em que a natureza após horas continuadas

de chuva e de temporal, como que procurou respirar e permittiu que o

sol, já no occaso, levantasse uma ponta do manto de nuvens que o

envolvia, e mandasse os raios amortecidos ás cristas das serras

fronteiras; aproveitemos este intervallo de socego para entrarmos na

taberna.

Tinham passado dois dias depois do passeio ao monte, que descrevemos.

Henrique de Souzellas teve de condescender com uma leve angina, que lhe

legaram os rigores d'aquella excursão, e ficou em Alvapenha,

entretendo-se a escrever cartas aos amigos e a scismar n'uma imminente

desorganisação da larynge, a que imaginava conduzirem-o os seus

incómmodos actuaes.

No Mosteiro nada tambem occorreu, que mereça narrar-se ao leitor.

Deixemos, pois, por momentos, os nossos conhecidos, e vejamos o que

dizem os frequentadores do estabelecimento de Damião Canada.

Brilhante é a assembleia alli reunida. Além do proprietario, barriguda e

rubicunda figura, que, assim posta ao pé das pipas, podia servir de typo

para a representação de um Sileno, havia varias individualidades de peso

nos destinos de toda a comarca.

Dê-se primeiro menção ao nosso já conhecido Bento Pertunhas, a quem as

humanidades não faziam soberbo a ponto de recusar-se a entrar em

communicação social com os seus conterraneos.

Observada esta deferencia, mencionemos os mais.

Um era nem mais nem menos do que o sr. Joãozinho das Perdizes, em quem

já temos ouvido falar por mais do que uma vez.

Era o dicto sr. Joãozinho morgado e proprietario em uma das freguezias

proximas, chamada de Pinchões; mas propriedades e morgadia andavam-lhe

tão embaraçadas em redes de demandas e de hypothecas, que Deus nos

acuda.

Os autos, que diziam respeito á casa das Perdizes, enchiam um cartorio.

Graças, porém, ao seu genio despreoccupado e folgazão, o sr. Joãozinho

deixava aos procuradores os cuidados judiciaes; os cuidados agricolas

aos rendeiros e feitores; os do futuro, a Deus ou ao diabo; e para si

não reservava nenhuns.

Proseguia n'aquella vida airada, que já lhe era necessidade. Frequentava

as feiras, onde ia para jogar e fazer trocas de cavallos com os ciganos,

e ás vezes para dar e levar sovas monumentaes.--Nos mezes de caça, a

vida do morgado era perfeitamente nómada: estendia por leguas e leguas

as suas excursões venatorias, contentando-se com qualquer cama e comida,

de que, de ordinario, participavam os cães, que o acompanhavam;

distrahia-se tambem a conquistar os corações femininos da freguezia,

calando com dinheiro algumas queixas mais acerbas e insoffridas de um ou

outro pae, marido ou irmão. Em todas as tabernas das freguezias vizinhas

tinha contas em aberto, o que não obstava a que entrasse em todas com

ares de conquistador e expendesse alli as suas opiniões absolutas, com

grande exhibição de berros e de punhadas.

Com todas estas qualidades, era o sr. Joãozinho das Perdizes um homem

verdadeiramente popular entre os da sua freguezia; movia-os no sentido

que quizesse.

Tudo por lá era o sr. Joãozinho; não havia funcção, rixa, solemnidade

official, para que elle não fôsse consultado. É que a superioridade do

morgado das Perdizes não era d'aquellas que intimidam e acanham o povo;

ninguem hesitava em falar-lhe e em procural-o em casa, porque, falando e

vivendo com elles, o sr. Joãozinho não constrangia ninguem. Os seus

defeitos, a sua vida de feiras e de tabernas eram outras tantas causas a

popularisal-o; justo é porém que se diga que algumas boas qualidades

tambem para isso concorriam. O sr. Joãozinho não era avarento, nem

soberbo. Sentado a beber, e com dinheiro no bolso, não consentia que

pessoa alguma, desde o mais rico proprietario até o jornaleiro mais

miseravel, recusasse tomar assento a seu lado. Não eram poucos os

filhos-familias que resgatára de soldado, sem a menor caução ou

interesse, chegando a ficar empenhado para os livrar; e se algum

desgraçado se via perseguido pela justiça, encontrava, fôsse qual fôsse

a enormidade do crime, asylo seguro na herdade das Perdizes, que em

certas épocas era um perfeito valhacouto de malfeitores.

Graças, pois, a estas e analogas qualidades, era o sr. Joãozinho uma

verdadeira potencia eleitoral.

Eis ahi o homem moralmente.

Pelo lado physico, supponham um sujeito de trinta e cinco annos, gordo,

vermelho, de longas e encaracoladas melenas em desordem, bigode aparado

e a barba quasi sempre mal feita ou por fazer. Na maneira de vestir

inculcava os habitos da vida e um certo desleixo com sua pessoa, que lhe

era peculiar. Trazia o collete quasi sempre desapertado e com alguns

botões de menos de modo que os peitos da camisa formavam hernia pela

abertura; entre as calças descaídas e o collete avistava-se o cóz das

ceroulas, no qual era geito muito seu o enfiar a mão; ao pescoço trazia

um lenço de seda escarlate, negligentemente atado e com longas pontas

fluctuantes; uma jaqueta de pelles com alamares, calças de fazenda

chamada pelle do diabo, botas de montar e esporas constituiam o resto do

vestuario. O cigarro, que quasi sempre fumava até ás ultimas,

crestára-lhe profundamente as pontas dos dedos e o canto dos labios. O

palito andava-lhe sempre atraz da orelha; a navalha de ponta na

algibeira, e, para qualquer parte que ia, acompanhava-o uma tumultuosa

matilha de galgos, podengos e perdigueiros.

Segunda e não menos importante personalidade era a do sr. Eusebio

Seabra, chamado por antonomasia--o Brazileiro.

Era um homem de cincoenta annos; bem figurado e sisudo, de falar

compassado e com seus quês de oraculo, phrases sentenciosas e ares de

protecção a todo o mundo.

Saira creança da aldeia e fôra tentar fortuna ao Brazil. Por lá esteve

quarenta annos, e voltou o homem grave que vemos e rico. Como enriqueceu

não sei, e ninguem na terra o sabia. Veio edificar uma casa no sitio em

que nascera, uma casa grande de cantaria e azulejo, com tres andares e

varandas, jardim com estatuas de louça e alegretes pintados de verde e

amarello, o qual jardim tinha mais fama n'aquellas aldeias vizinhas do

que os jardins suspensos da Babylonia. Trouxera um papagaio e uma arara,

igualmente famosos, e uma botica homoepatica, que elle proprio

manipulava.

As ambições de Eusebio Seabra limitavam-se a vir a ser a primeira

personagem de influencia na aldeia. Para isso principiou por fazer

alguns reparos na igreja parochial, presenteou com vestidos novos todos

os santos dos altares, e mandou renovar um sino, que havia doze annos

tocava a rachado. Fez á sua custa a festa do orago, chegando a mandar

vir fogo preso da cidade e um aerostato, que ardeu a pouca altura do

chão. Apesar, porém, de todos estes beneficios á localidade, o

conselheiro Manoel Bernardo, pae da morgadinha, comquanto vivesse quasi

sempre em Lisboa, continuava a fazer-lhe sombra e a contestar-lhe as

ambiciosas vistas. Por isso, apesar da apparente amizade com que Seabra

o acolhia e lisonjeava até, conservava por elle no fundo uma má vontade,

um ciume, de que eram de receiar, tarde ou cêdo, explosões.

Seabra era tão asseiado, quanto o sr. Joãozinho das Perdizes descurado

no seu vestir. Usava sempre de suissa irreprehensivelmente talhada em

volta do queixo; camisa muito lavada; peito aberto e tres grandes botões

de brilhantes; no trajo combinavam-se as variegadas côres de uma ave da

America; e o ouro, distribuido com profusão por todos os accessorios da

sua pessoa, attestava os bons resultados dos seus quarenta annos do

Brazil. Passeiava pela aldeia de chinelos de marroquim verde ou sapato

de tapete, e era tal n'elle a delicadeza do andar, que voltava a casa

sem que uma mancha ennodoasse a alvura das suas meias de algodão fino.

Aos domingos e dias de festa indignava a relva dos caminhos, calcando-a

com bota de polimento.

Além d'estes dois e do nosso conhecido Zé P'reira, que bebia, em

silencio, ao pé do taberneiro, havia um padre, coadjuctor da freguezia,

dois lavradores abastados e já de avançada idade, e outros que

deixaremos confundidos na massa indistincta dos comparsas.

No momento, em que entramos, usava da palavra o brazileiro, que estava

sentado á porta da taberna, na mais limpa cadeira do estabelecimento.

--Pois é verdade--disse elle--fômos todos da mesma creação. O

conselheiro Manoel Bernardo saiu d'aqui para Lisboa um anno depois de eu

ir para o Brazil. Andámos ambos na mesma escola, que era a do padre

Joaquim, alli pelo sitio da Corredoura. Vossemecê ha de estar lembrado,

sr. Luiz--accrescentou, dirigindo-se com a affabilidade protectora, que

o caracterisava, a um dos lavradores.

--Ora se estou! muito bem. Era na casa em que hoje mora o Chico da

Luciana.

--É verdade que sim. Pois alli andei eu e o conselheiro e aquelle ratão

do Vicente, herbanario, que era já rapaz taludo. Lembra-me, como se

fôsse hoje, de quando jogavamos todos tres a pedra no terreiro da

Corredoura.

--Olha lá, hein!--diziam dois lavradores com um sorriso cortezão nos

labios--então com que o sr. Seabra tambem jogava a pedra! Eh! eh! eh!...

--Ora, como um homem. Eu fui levadinho da bréca. Boa sóva levei de minha

mãe, por causa de umas calças novas que rompi.

--Ora vêdes?--diziam os outros.

--Ai tempos, tempos!--disse, suspirando, o brazileiro.

--Quem havia de dizer então ao que v. s.^a e o conselheiro tinham de

chegar!--notou lisonjeiramente o sr. Bento Pertunhas.

--Eu sim--respondeu com toda a sua modestia o brazileiro.--A que cheguei

eu? Comi candeias accêsas pelo Brazil, para arranjar um boccado de pão

para o resto da vida; com isso me contento. O mais, sou um pobre diabo

que ninguem conhece, um homem ignorante, sem principios. Elle é outra

coisa.

--Não é tanto assim--insistiu Pertunhas--todos sabem que v. s.^a se

quizesse...

--Olhe, meu caro amigo, eu conheço-me; se tivesse o juizo de muitos, que

por ahi vejo figurando, então havia de me vêr na brecha; porque, não é

por me gabar, mas não me tenho por menos do que muitos d'elles.

--Ora pois, não, não--disseram os lavradores, Pertunhas e o padre.

--Alguns que até ministros teem sido...

--Por essa estou eu...

--O conselheiro mesmo...--resmungou o padre, fungando uma pitada

jesuitica--sim, aqui para nós...

--Tanto não digo--continuou o brazileiro, mais jesuiticamente ainda.--O

conselheiro... vamos... Faça-se-lhe justiça. Eu não quero dizer que elle

seja uma coisa por ahi além... sim... Que diabo tem elle feito a

final?... Mas... Não é dos peores, não é dos peores. Faça-se-lhe

justiça. Não é homem de grandes talentos... isso não; nem mesmo de

grande fundo. Sim... Devemos confessar que esta é a verdade... Mas...

emfim, vamos andando... Cada um faz o que pode--concluiu o brazileiro,

depois de ter feito justiça ao conselheiro.

--No que elle tem andado mal é em prometter mais do que pode fazer. Ha

quantos annos nos anda a falar na estrada, e até hoje ainda nem palmo

d'ella?--opinou Pertunhas.

--Meu amigo, engana meninos e chupa-lhe o pão: diz o dictado--ponderou o

brazileiro.

--A falar verdade!...--disse um dos lavradores--com a influencia que

elle tem, podia...

--Ora adeus! palanfrorio--atalhou o padre--bem me fio eu na influencia

do conselheiro.

--Eh! eh! eh!--respondeu o brazileiro, agradado do scepticismo do padre,

e accrescentou com um sorriso velhaco:--Não, elle diz que fala com os

ministros, que tal, que sim senhores, que domina o partido. Emfim...

Elle lá o sabe.

--Para mim é que elle vem de carrinho...

--Eu não sei--concluiu com requinte de velhaquez o brazileiro.

--Pois eu cá--disse o sr. Joãozinho, que estivera bebendo em silencio, e

descarregou um murro na banca, que fez tilintar os copos.--Eu cá já

disse; se os taes homens das bandeirolas me tornam a passar por as

terras, sempre lhes meço as costas com um marmeleiro, que lá tenho, e

que já me serviu para varrer a feira de Santo Estevão. Uns mariolas!...

E como para desafogar o pêso da sua amabilidade, despediu um pontapé a

um podengo, que lhe viera roçar por as pernas, e fel-o sair ganindo.

--Dizem que vão principiar outra vez com os trabalhos das

estradas--informou o taberneiro, enchendo de novo o copo ao sr.

Joãozinho.

--Pois que vejam no que se mettem. Cautelinha commigo!--resmungou

este.--Faço como d'aquella vez em que eu e a minha gente queimámos toda

a papelada da camara e do escrivão da fazenda.

--Agora no inverno é que elles hão de principiar com os trabalhos.

Sempre se fia em boa!--disse, encolhendo os hombros, mestre Pertunhas.

--Vossemecê é que está a ler--veio-lhe á mão o brazileiro.--Então não

sabe que as eleições são em fevereiro?

--Ai, é verdade! não me tinha lembrado d'isso!--exclamou o padre.

--Tambem não sei como será d'esta vez essa historia das eleições--acudiu

o sr. Joãozinho.--Cá eu e a minha gente ainda estamos a vêr no que param

as coisas. Eu já não estou para ser logrado. Até agora tenho dado ao

conselheiro a freguezia em pêso, sem pedir nada, ou se pedi foi o mesmo

que não pedisse. Vou curar-me de tolo; agora sempre havemos de entrar

n'uns ajustes. Se o homem não estiver cá por umas contas, não anda o

filho de meu pae.

--Ora adeus!--disse o padre cura.--O conselheiro tem artes para o levar.

--A mim? Está enganado. Não querendo eu? Então você não me conhece. Em

eu embirrando, sou como um borrego teimoso.

--Quando se fala em estradas, já estou a tremer--disse um dos

lavradores.--O que elles veem cá fazer é cortar-nos os campos, e a final

não sei para que servem.

--Isso não é assim--atalhou o brazileiro, tomando uns ares

cathedraticos, cheios de gravidade.--Vossemecê é ignorante e por isso é

que fala d'esse modo.

--Eu digo...--tartamudeou, intimidado, o lavrador.

--Pois sim: mas não deve metter-se a falar em coisas que não entende. As

estradas não servem para nada! As estradas são meios de communicação

e... facilitam o... o... o trafego commercial e augmentam por

conseguinte a riqueza das nações... Porque o trabalho representa um

capital..., sim, senhores, mas... mas um capital... sim... um capital

morto... quero dizer um capital que não vive... Quero dizer... sim...

supponhamos: o credito por exemplo... O credito..., sim... ahi está o

credito... Pois que é o credito?... O credito é... é o credito...

depende de muitas coisas... Por outra, supponhamos... se nós não

tivessemos estradas... Uma supposição... Partamos de um principio. A

producção excede o consumo... Quero mesmo que o consumo exceda a

producção... Sim, quero mesmo isso... Muito bem... D'ahi que resulta?

Está claro que um desequilibrio. E depois?... Depois, boas noites... Não

havendo estradas... Ahi está que se diz por ahi que a livre exportação,

que tal, que sim senhores... mais isto, mais aquillo... Pois não é

assim. É preciso que se attenda tambem ás condições economicas dos

povos. Sim... eu digo: O commercio deve ser livre... Muito bem... Em

termos já se sabe... Mas... o commercio livre... a livre troca...

entendamo-nos... É preciso clareza de ideias... Quando eu digo que...

Ora supponhamos... supponhamos que não havia estradas... Os transportes

eram mais difficeis e portanto mais caros... E se além d'isso os generos

fôssem escassos e... Diz vossemecê, para que servem as estradas? Ora

diga-me uma coisa, sr. Manoel, supponhamos que... os impostos

indirectos... não precisamos de ir mais longe... os impostos

indirectos... Sempre queria que me dissesse o que havia de fazer.

--Impostos, Deus me livre d'elles!--murmurou o lavrador, cujos

instinctos trepidaram á palavra «impostos».

--Isso tambem não é assim... Deus me livre! Não se diz Deus me livre,

porque a riqueza... a riqueza... sim, a riqueza não está na terra...

isto é, a riqueza está na terra... mas é preciso o capital para a

exploração... Percebe?... Ou... supponhamos... por exemplo... Não...

vamos cá por outro lado... Ha um \_deficit\_ n'um orçamento... desce o

preço das inscripções... Ora bem... Mas... supponhamos que ha boas

estradas, \_et coetera\_... A riqueza tende a augmentar... e... e... Emfim

lá que as estradas são uteis, isso é que não tem questão.

Toda esta lenga-lenga economica foi escutada pelo auditorio com profunda

attenção.

O brazileiro, assignante e leitor infallivel de varios periodicos

politicos, conseguira, á fôrça de leitura, fixar na memoria certas

phrases de artigo de fundo, e acabára por convencer-se de que possuia

grandes noções de sciencia politica. Em occasiões como esta dava uma

sacudidela ao intellecto, e aquellas phrases como os variados objectos

do interior de um kaleidoscopo, tomavam uma disposição tal ou qual, mais

ou menos regular, e assim lhe saia uma dissertação, como essa que viram.

Em permanente indigestão economica vivia este portento. A doença não é

das mais raras entre politicos.

O sr. Joãozinho das Perdizes abriu desmesurada e ruidosamente a bôca,

depois do discurso do brazileiro, e disse:

--Eu cá por mim não sei d'essas coisas. Não se me dava das estradas para

poder ir á feira de Penafiel com menos trabalho, mas, já disse, que me

não venham mexer na quinta; porque então teem que vêr.

--Pois está arriscado a isso--disse o brazileiro.

--Veremos, depois não se queixem. Temos a historia da papelada outra

vez.

--Houve a ideia de levar a estrada pela Corredoura fóra, depois de tomar

á esquerda pelo Castro e vir direito á Palhoça. Não tinha cruzes nem

cunhos. Ia-me parte da propriedade.

--Ah! ah! ah! Tambem não gosta? Diga-me d'isso!--berrou o sr. Joãozinho.

--Não é não gostar, é que o traçado era pessimo.

--Não sei por quê.

--Só a expropriação da minha quinta por que preço não lhes ficava?

--Elles, para esses casos, lá teem umas leis a seu modo--notou o padre

cura.

--E por onde ha de ir então a estrada?

--O outro traçado, que eu aconselhei ao engenheiro, parte da herdade do

capitão-mór, faz um viaducto nos lameiros, atravessa o pinhal do Conego,

passa o rio n'uma ponte e...

--Oh com os diabos; o que ahi vae!

--Não é tanto como parece; sendo as obras bem dirigidas... Até aos

lameiros só tem a deitar abaixo a casa e o quintal do herbanario.

--Deitar abaixo a casa do herbanario! O pobre diabo rebenta de paixão,

se tal fazem--disse, com certa commiseração, o sr. Joãozinho das

Perdizes, que tinha por o herbanario uma sincera affeição e respeito,

n'elle excepcional, desde que lhe attribuia a cura de um typho que o

tivera ás portas da morte, e de que o velho, dizia elle, o salvára, com

uns cozimentos sómente d'elle sabidos.

--Ora adeus! Antes d'isso morre o homem de doidice. Está maluco de

todo--redarguiu o brazileiro.

--Tambem está um bom magico, está--notou o padre.

--Quer não, que sabe mais do que todos os medicos--acudiu o sr.

Joãozinho das Perdizes; a mim me livrou de uma maligna. Oh que

excommungada!

E principiou a fazer a historia da sua doença.

Os lavradores concordaram em que o homem era sabedor; mas attribuiam-lhe

mais mysteriosa sciencia, do que a da medicina.

--Pois a final por onde devia ir a estrada--continuou o

brazileiro;--tinham ainda o campo dos Brejos do conselheiro, mas n'isso

não se fala, já se sabe.

--Ora! pois está de vêr--concordou o padre.

--E o conselheiro não se ha de oppôr á expropriação da casa do

herbanario, porque pelos modos elles não andam muito correntes--lembrou

um lavrador.

--É verdade; por que seria aquillo?--perguntou outro.

--Elles em tempo eram muito um do outro; e são até

aparentados;--explicou o brazileiro--e o velho ainda hoje é tratado com

familiaridade pela gente do Mosteiro; mas julgo que o homem com aquelle

genio exquisito que tem, disse algumas verdades ao conselheiro, por

occasião de umas eleições, quando elle pôz as auctoridades a trabalhar

por si, e o velho entendia que as coisas não iam bem assim.

--Pois, com os diabos, o Vicente herbanario vale mais do que vinte

conselheiros e toda a familia,--exclamou o sr. Joãozinho, batendo outra

punhada--e queira elle, que o tal senhor não põe mais o pé nas camaras,

mandado cá pela terra.

--Eu gósto de os ouvir,--disse o padre--falam assim, mas em chegando a

occasião, vão todos votar n'elle como carneiros.

O brazileiro encolheu os hombros e sorriu, como confirmando o dicto.

--Pois havemos de vêr o que será!--berrou o sr. Joãozinho.--Isso é

consoante cá umas coisas.

--A falar a verdade--disse o Pertunhas--não tem pago muito bem ao

circulo o nomeal-o ha tantos annos seu deputado; só essa teima agora em

querer obrigar o povo a enterrar-se no cemiterio!

--Essa a falar a verdade!--disse um lavrador.

--Quero vêr se me hão de enterrar a mim!--disse ameaçadoramente o sr.

Joãosinho, como se esperasse ainda depois da morte, impôr as suas

vontades á fôrça de murros e de pragas.

--Deram-lhe para lhe dizer que fazia mal enterrar nas igrejas. É moda e

acabou-se. D'antes enterrava-se lá toda a gente e não havia mais doenças

do que agora--isto dizia o padre.

--Os romanos tinham as suas catacumbas--ponderou o mestre de latinidade,

forçando as suas reminiscencias romanas.

--Vamos--ponderou o brazileiro, como quem vira pretexto de fazer novo

discurso e como homem que punha acima dos despeitos a verdade

scientifica.--O enterrar nas igrejas é anti-hygienico; porque os

chimicos sabem que... o ar que não é puro... é mau para a saude publica.

Ora os cadaveres... em putrefacção produzem uns vapores que corrompem o

ar... Ha uns insectozinhos invisiveis que a gente respira... e vão para

a massa do sangue e corrompem-a... e o resultado é a febre... porque a

febre são os humores a ferver... como o vinho no lagar... e se sáem,

muito que bem; e se não sáem, ficam retidos e azedam o corpo todo.

A theoria physiologica pathologica foi recebida com attenção igual á que

merecera a economica.

--Tudo isso será assim,--disse o padre--mas o conselheiro faz aquillo

por instigações das lojas maçonicas e dos pedreiros livres.

--Pois elle será tambem?...--disse um dos lavradores, arregalando os

olhos assustados.

--Ora que dúvida! Pois aquella gentinha é toda da sucia.

--Corja!--resmungou o sr. Joãozinho.

O brazileiro, que se filiára no Brazil na maçonaria, fez um discurso

sobre os fins da sociedade, que ninguem entendeu; vendo, porém, que não

calavam nos animos aquellas doutrinas, mudou repentinamente de rumo.

--Elle não será mação--disse d'ahi a momentos o padre--mas é vêr o que

elle tem defendido nas camaras; queria roubar ás irmandades e ás freiras

os bens que ellas possuem; appeteceu-lhe o exemplo do cunhado, que se

encheu com a compra do Mosteiro; queria acabar com o santo sacramento do

matrimonio; queria que cada qual seguisse a religião que muito bem lhe

parecesse. Vejam que christão aquelle!

Estas novidades abalaram os lavradores, que formularam algumas palavras

de censura.

--E tambem falou para acabar com os morgados e com os vinculos.

--A falar a verdade, os vinculos...--murmurou o sr. Joãozinho, que por

vezes tropeçára nas disposições da antiga lei vincular, ao caminhar na

estrada da dissipação; porém, recordando-se de um irmão que tinha,

casado e pae de muitos filhos, que mal conseguia sustentar á custa de

muito trabalho, a ideia da abolição dos morgados não lhe sorriu e

exclamou com nova punhada:--Acabem lá com os morgados quando quizerem,

que o que eu lhes digo é, que tem de se haver commigo quem quizer

tirar-me um palmo de terra!

O padre cura continuou a tratar pouco christãmente o conselheiro.

O pae de Magdalena militára sempre, como já dissémos, nas fileiras do

partido mais liberal, e por isso era-lhe em geral pouco affeiçoada a

maioria do clero, que, entre nós, não espósa ardentemente aquellas

ideias.

No principio da sua carreira parlamentar, cedendo ao impulso do

enthusiasmo juvenil, o conselheiro desenrolára desassombradamente a

bandeira do partido progressista e pronunciára os mais absolutos artigos

d'aquelle credo politico; liberdade era então o seu mote favorito; a

liberdade do commercio, do ensino, da imprensa e dos cultos; as reformas

consequentes nos codigos, a desamortisação e desvinculação da

propriedade, tudo advogára com enthusiasmo, no tempo em que estas

palavras soavam ainda como heresias aos ouvidos habituados á lettra de

outro catecismo.

Com o tempo arrefeceu, porém, esse enthusiasmo; dissipou-se-lhe com o

fogo da mocidade. Com quanto liberal ainda de convicção, ensinou-lhe a

politica pratica a rebuçar em formulas mais ordeiras os seus principios

doutrinarios, a contemporisar, e até quando as conveniencias,

infelizmente, nem sempre as publicas, o pediam, a dar alguns passos de

retrocesso e a transigir com o partido opposto.

Se o fizessem ministro não se arrojaria a transformar em projecto de lei

nenhuma d'aquellas medidas por que pugnára nos seus primeiros discursos,

e que tantas malquerenças lhe acarretaram então.

Já atraz dissémos, que o conselheiro era actualmente um espirito pouco

apaixonado do ideal, respirava a atmosphera de desillusão e de

scepticismo, em que nas grandes cidades se vive. Era um perfeito homem

de côrte; tratava cordialmente os seus adversarios politicos, pedindo

d'elles mercês e empregos para afilhados; fulminava-os ás vezes da

tribuna e depois apertava-lhes a mão nos corredores das camaras e nas

praças. Se o julgava vantajoso, pronunciava ainda uma d'aquellas phrases

sonoras, uma d'aquellas sympathicas divisas de politica avançada, que no

principio da sua carreira adoptára com sinceridade; mas não tinha já aos

principios o amor preciso para cair, abraçado n'elles, dos degraus do

poder, se algum dia os chegasse a subir.

Por isso os soldados rasos do seu partido, os politicos em abstracto,

unicos para quem a politica é sempre ideal e logica, o taxavam de frouxo

e tibio; e de gazeta na mão havia muito que lhe dictavam, do obscuro

canto do paiz em que viviam, a estrada direita, de que elle, porém, a

cada passo se desviava.

Apesar d'isso, o partido conservador e o reaccionario, julgando-o por os

seus primeiros discursos, continuavam, de boa ou de má fé, a acoimal-o

de impio, de republicano e de pedreiro livre.

O brazileiro entrou em dissertação a respeito de todas as medidas

politicas a que alludira.

Segundo o costume, ninguem o entendeu.

Ia elle no mais enredado da sua meada oratoria, quando o som de um

tropear de cavallos o interrompeu. Mestre Bento, que fôra espreitar á

porta, voltou-se, exclamando:

--Elle ahi vem! ahi vem o conselheiro!

Todos se levantaram pressurosos para correrem á porta. O que mais de má

vontade o fez foi ainda assim o brazileiro.

Dentro em pouco todos se descobriam. Parava á porta o conselheiro, que

montava um soberbo cavallo branco, e ao lado d'elle Angelo, n'um pequeno

baio de fórmas elegantes e olhar vivo.

O conselheiro cortejou com affabilidade palaciana os seus amigos e

patricios, dizendo a cada um uma phrase lisonjeira, que dissipou quasi

todo o effeito da conversa que descrevemos.

Depois, fazendo signal ao filho de que podia seguir para casa, dispoz-se

para entrar na venda.

XII

O conselheiro levou a sua attrahente amabilidade até se sentar nos

bancos de pinho do estabelecimento de Damião Canada, envernizados já

pelo uso de muitos annos.

Entre os circumstantes era qual mais o cumprimentava e opprimia com

attenções e o flagellava com obsequios.

O conselheiro revestira-se, com muito estudo, de uma physionomia

satisfeita e sem sombras de reserva; tratando a todos por amigos, e

conversando com aquella familiaridade, tão sabida de candidatos a

procuradores do povo, nos circulos que pretendem representar. Até chegou

a levar aos labios o copo de vinho, que um lavrador lhe offereceu.

Não se lhe percebia porém no rosto, ao fazer isto, o menor vestigio de

artificio, e, ao mesmo tempo, mantinha-se ainda n'elle tão apparente a

superioridade intellectual, que os seus interlocutores nunca excediam os

limites da deferencia. O pae de Magdalena era um perfeito homem de

côrte: presença agradavel, modos insinuantes, palavras tão

astuciosamente lisonjeiras, que desvaneciam os proprios que como taes as

tinham.

Alvejavam-lhe já algumas cãs nos cabellos e suissas, que usava talhadas

á moda ingleza; principiava a predominar-lhe nas fórmas certa

rotundidade caracteristica; mas no esmero e até elegancia distincta de

casquilhice pretenciosa, com que vestia, no porte airoso, nos movimentos

ageis, no olhar penetrante como o de poucos, e na viveza das conversas,

havia ainda tantos signaes de vigor e de virilidade, que ninguem se

sentia obrigado a estranhar-lhe certos habitos de rapaz, que não perdera

ainda.

Em Lisboa passava o conselheiro por ser um homem bemquisto das damas, e

não obstante os seus cincoenta e cinco annos, acreditava-se que assim

fôsse, ou quasi se adivinhava, ao primeiro olhar lançado sobre elle.

Possuia o dom especial de se encontrar á vontade em toda a parte, desde

o mais perfumado gabinete da moda, até o menos asseiado local de um

comicio popular. Nas camaras com graves diplomatas, nos cafés com

rapazes estouvados, na sua aldeia com eleitores absurdos, com actores e

actrizes nos bastidores, com padres nas sacristias, com militares nos

quarteis, em toda a parte e com todos se achava este homem á vontade,

acabando, quasi sempre, por captar sympathias.

Podia dizer-se d'elle, que com igual pericia e rara consciencia da

opportunidade, jogava todas as armas: o galanteio cortezão, a phrase

conceituosa, o equivoco subtil, a anecdota picante, o estribilho

popular, a figura oratoria, a maxima moral, e até a praga energicamente

expressiva; mas, como os espadachins de profissão, jogava-as todas com

frieza de animo, cada qual na occasião opportuna e com perfeita

observancia do que o mundo chama conveniencias sociaes.

Muito tinham que fazer com elle os La Bruyères, que, a cada passo, ahi

encontramos no mundo; illudia os mais atilados. Ás vezes parecia

abrir-se tão do intimo, tão completamente e sem condições nem reservas,

havia tal uncção de sinceridade nas palavras, com que falava de si, dos

seus projectos, dos seus sentimentos, que o mais desconfiado jesuita

sentir-se-ia tentado a acredital-o e nem sempre se enganaria; outras,

falava verdade, mas com taes hesitações na voz, com tal mobilidade no

olhar, que, ao consideral-o, a mais ingenua creança experimentaria o

despontar da primeira dúvida.

Já se vê que um homem d'estes era um contendor de muita fôrça, para

poder ser combatido por qualquer dos influentes locaes; o proprio

brazileiro, apesar de toda a sua economia politica, ainda nada pudéra

contra elle; nem ousára romper hostilidades com receio de ficar vencido.

Durante os poucos momentos, que o conselheiro se demorou na loja do

Damião Canada, soube desvanecer muitas das sombras, que a conversa que

precedera a sua chegada havia gerado em alguns espiritos. Tres ou quatro

lisonjas, outras tantas promessas, alguns conselhos modestamente pedidos

com fingida ingenuidade, serviram-o perfeitamente.

Deixemol-o nós na laboriosa e pouco invejada tarefa de manter a

popularidade, e vamos seguir Angelo, que se separou do pae á porta da

venda, para chegar mais depressa ao Mosteiro.

Mettendo a galope o pequeno baio que montava, dirigiu-se para casa com

aquelle alvoroço do coração, que conhece quem já foi estudante e se

recorda ainda do que experimentava ao vêr de longe despontar o telhado

da casa paterna, onde vinha gosar as delicias de umas almejadas férias.

Angelo tinha por este tempo treze para quatorze annos. Era uma agradavel

figura de creança, expressiva de intelligencia e de vida. Tinha nas

feições um mixto da delicadeza de Magdalena e da energia varonil, e ao

mesmo tempo attrahente do conselheiro.

O cabello louro e curto levantava-se-lhe graciosamente em anneis

naturaes, com grande vantagem para a espaçosa e bem modelada fronte.

Quando Angelo chegou ao pateo, era quasi noite fechada. As janellas do

Mosteiro estavam todas obscuras, á excepção das aguas-furtadas,

correspondentes aos quartos das creanças. Angelo desmontou e

cautelosamente se dirigiu a pé para casa.

Torquato dormia á porta, como frequentemente lhe acontecia.--Angelo pôde

assim penetrar sem ser percebido até o mais intimo da casa, até os

aposentos onde dormiam as creanças, e em cujas janellas avistára luz.

A scena que viu, ao entrar alli, insinuou-lhe no coração uma suave e

encantadora alegria.

O mais novo dos seus primos, creança de tres annos, estava meio nú e de

joelhos sobre o leito com as mãos erguidas e os olhos fitos em um

crucifixo que tinha á cabeceira. Magdalena, ao lado d'elle, dictava-lhe

as palavras da oração, que a creança repetia, cheia de fervor.

Nos quartos proximos palravam, ainda acordados, os mais velhos, apesar

das continuadas advertencias da prima.

Angelo approximou-se sem ruido, e quando a morgadinha se abaixava para

beijar a creança, elle estendeu a cabeça e pousou tambem um beijo nas

faces da irmã.

Magdalena soltou uma exclamação de surpreza e cingiu-o nos braços com

effusão.

A creança levantou um brado, que foi o signal de revolta dado a Marianna

e Eduardo, que cêdo abandonaram os quartos e correram a abraçar Angelo.

--Vens só?--perguntou Magdalena ao irmão, quando uma pergunta lhe foi

possivel.

--O pae ficou na loja do Canada--respondeu Angelo.--Estava em sessão a

assembleia dos notaveis. E como estás tu, minha Lena, tu e Christe e a

tia? Como vae toda essa gente?

--Anda tu mesmo sabêl-o.

--Eu vou dizer á mamã--disse Marianna, saindo aos saltos.

--Eu vou chamar Christe--disse Eduardo, imitando-a.

E sairam ambos, pregoando a chegada do primo.

O pequeno que Magdalena deitára, pedia, chorando, para se tornar a

levantar, requerimento que, a rogos de Angelo, foi deferido.

--Dize-me--continuava no entretanto este para a irmã--tens-te enfastiado

muito, aqui só?

--Não, tenho-me divertido até.

--Devéras? E que fazes? Em que passas o tempo?

--Eu sei? O tempo é que passa, sem eu dar por isso. Leio pouco, passeio

muito; trabalho mais.

--Que tens lido?

--Quasi sempre relido.

--O quê?

--Nem eu sei já. O primeiro livro em que pouso a mão, quando os vejo

sobre a mesa.

--O Augusto tem vindo ensinar os pequenos?

--Todos os dias.

--E o tio Vicente? Que me dizes d'elle?

--Vae bom. Caiu no outro dia á levada da raiz do monte; valeu-lhe o

Augusto para o salvar.

--Sim? Pobre homem! Olha n'aquella idade! E a tia Dorothéa?

--Tem de hospede um sobrinho de Lisboa, um Henrique de Souzellas;

conheces?

--Eu não.

--É provavel que por ahi venha. A tia Victoria insiste em que lhe

chamemos primo. Aviso-te d'isso.

--Sim? E a tia? Ralha ainda muito com os criados?

--Coitada! Achei graça, ha dias, á Joanna, que com muita ingenuidade se

me veio queixar de que ella até o anjo da guarda lhe occupava em serviço

proprio. Tu sabes que a tia, quando está com muito somno, tem aquelle

costume de dizer ás criadas que a encommendem ao anjo da guarda d'ellas.

Mas vamos.

--Espera... e... e o Cancella trouxe-vos aquellas encommendas?

--Trouxe.

--É verdade; e a filha d'elle? A Lindita?

--Já cá me ia tardando a pergunta--notou a morgadinha, rindo.--Essa anda

contente, como quem nada tem a penalisal-a; nem saudades.

--Ora vamos, Lena; não te perdôo a malicia.

--Então devéras esse coração está assim tomado?

--Não te informo do meu coração, que o não levo commigo, quando d'aqui

vou. Cá me fica; e uma grande parte d'elle no teu poder. Eu sou que

pergunto; em que estado m'o entregas?

--Muito doente.

--Sim? E o teu?

--O meu? Ah! nem eu sei d'elle. Olha; isto de corações são como as

creanças. As travêssas tantos cuidados dão ás mães, que a todos os

instantes querem saber o que ellas fazem e onde estão; as socegadas

inspiram tal confiança, que nem sequer n'ellas se pensa. O meu coração é

um modelo de serenidade.

--Então ainda nenhum cavalleiro errante ou trovador...

--O sitio é pouco abundante em heroes. O unico d'estas immediações,

capaz de ferir a imaginação e commover os affectos de uma mulher, é o

sr. Joãozinho das Perdizes; mas esse é um Actéon insensivel, que...

--É verdade--disse Angelo, rindo--lá vi tambem esse javali na venda do

Damião Canada. Mas... Não sei que pense, Lena. Eu ainda um dia te hei de

dizer umas coisas.

--A mim? A respeito de quê?

--Do teu coração.

--Que sabes d'elle?

--A seu tempo direi.

--Como te vieram essas presumpções de conhecedor dos corações alheios?

Não tinhas isso, quando d'aqui foste.

--Ás vezes vê-se melhor de longe.

--Os de vista cançada... de muito vêr.

--Bem; depois falaremos. Vamos lá ter com a nossa gente, que o pae não

tarda ahi.

De facto, meia hora depois estava a familia toda reunida n'uma das salas

principaes da casa. O conselheiro, sentado n'uma cadeira de braços,

tinha ao collo Marianna; Christina, a pé, encostava-se-lhe familiarmente

ao hombro; a morgadinha, sentada em tamborete baixo, apoiava o braço, em

que recostava a cabeça, em um dos joelhos do pae. Do outro lado da sala,

D. Victoria, sentada no sofá, servia de travesseiro a um dos pequenos

que, apesar de prometter estar acordado, para que o deixassem ficar a

pé, adormecera. Junto d'este, Angelo fazia frequentemente rir sua tia e

Eduardo, com as historias que lhes contava.

A conversa cêdo se generalisou. Era uma d'essas conversas intimas,

familiares, em que se referem as mais insignificantes circumstancias da

vida domestica; conversas cujo suave perfume só em familia se aprecia.

Pobre do estranho que por acaso se encontra n'um d'esses circulos

apertados pelos estreitos laços da amizade e do parentesco, e se vê

obrigado a ouvir a minuciosa chronica das occorrencias da casa, que não

é a sua! É uma pathetica illusão a de certas familias, que imaginam que

para todos é de igual interesse a narração dos successos domesticos, que

tanto as deleitam, e com ella entreteem o primeiro indifferente que se

lhes depara; tudo trazem á luz, o dicto agudo da creança de tres annos,

os incómmodos que soffreu na primeira dentição, as espertezas do gato

favorito, as razões ponderosas que aconselharam a mudança de um movel, a

combinação economica que favoravelmente modificou o orçamento domestico,

a reforma nos processos culinarios consagrados pelo habito de muitos

annos, o exame comparativo da conserva de um anno e da do anno

antecedente, os defeitos e qualidades de um criado e mil outras pequenas

coisas, que é forçoso escutar com ares de quem as acha curiosissimas, o

que obriga a esforços sobrehumanos.

É natural aquella illusão; e pathetica a dissemos nós tambem, porque os

que mais de coração se entregam á vida domestica, são os mais sujeitos a

ella. Todos estes episodios futeis e pueris os preoccupam e deliciam

mais do que as mais estranhas peripecias, que ainda concebeu a

imaginação de romancista fecundo. E quem se lembra de que é

individualissimo esse interesse, inherente á pessoa e não aos factos, ás

causas que tão curiosos lh'os fazem ser?

Eu e o leitor, estranhos á familia do Mosteiro, vêr-nos-iamos, se

fôssemos escutar todo o dialogo que se travou na sala, na posição da

pessoa indifferente que imaginamos a aturar um d'esses relatorios

domesticos, a que sobre tudo são tão inclinadas as mães de familia.

É verdade que o conselheiro podia achar curiosa a conversa; e o

conselheiro tinha visto e ouvido tanto no mundo, que o que elle achasse

curioso é porque realmente o era. D'esta vez, porém, damol-o por

suspeito, porque o conselheiro tinha coração e, quando esta viscera se

alvoroça com affectos, as intelligencias mais elevadas teem d'estas

sympathicas fraquezas.

O politico, o diplomata reservado, fica fóra do portão da quinta do

Mosteiro; alli dentro, n'aquelle circulo de affectos, era o pae

extremoso, o homem de familia, ingenuo, sincero, aberto a todos, porque

em todos confiava, contente por não ter de estudar na expressão dos

rostos os pensamentos que se guardam; nas palavras o sentido, que

n'ellas não vem explicito.

Era um salutar descanço dos continuados esforços da sua vida de Lisboa;

lá a lucta; aqui o repouso.

Por isso ouvia com attenção e applaudia com vontade as narrações da

cunhada, de Magdalena, de Christina e até da pequena Marianna.

E apesar de todo este encanto, em que parecia cair, o conselheiro não

poderia resignar-se a trocar por elle para sempre o vertiginoso

movimento da sua vida politica.

Eram-lhe já necessidade aquella contenção, aquelle esforço de espirito,

aquellas desconfianças continuas, aquelle jogo de astucias, que lhe

tomavam em Lisboa todo o tempo.

Quinze dias no campo bastavam para o fazerem suspirar por as lides e o

afan da capital; nem os affectos da familia o retinham.

A politica é uma embriaguez; nos intervallos em que o espirito se sente

desanuviado dos vapores em que ella o envolve, pesam-nos os desacertos a

que fomos arrastados; o desgosto do mal feito insinua-se-nos no coração;

cêdo, porém, a violencia dos habitos subjuga os remorsos da consciencia,

e de novo nos arrasta.

O caracter intimo da conversação foi levemente modificado por a entrada

de D. Dorothéa e de Henrique de Souzellas, que de Alvapenha vieram

visitar o conselheiro, mal tiveram noticia da sua chegada.

O conselheiro acolheu com jovial cordialidade a senhora de Alvapenha e

com delicada franqueza Henrique, que elle conhecia de Lisboa.

Frequentavam ambos os principaes círculos da capital e, por mais de uma

vez, tinham trocado algumas palavras ou tomado parte em conversas e

discussões communs.

Passado algum tempo depois dos cumprimentos, o serão animou-se de novo,

fragmentando-se porém a conversação.

D. Victoria tomou á sua parte D. Dorothéa e passou a fazer-lhe amargas

queixas a respeito dos criados do Mosteiro, ao que D. Dorothéa acudiu

com conselhos de resignação christã.

Angelo conversava com Magdalena e Christina, a quem frequentemente fazia

rir.

Henrique e o conselheiro, proximos do fogão, estavam empenhados n'um

dialogo muito animado.

O conselheiro parecia estar falando com muita sinceridade e candura que

surprehendiam Henrique, que ainda o não tinha observado por esta face.

--É uma triste verdade--dizia por exemplo o conselheiro n'um ponto

adeantado da conversa, referindo-se a algumas considerações de Henrique

sobre a felicidade d'aquella vida do Mosteiro.--Tenho esta familia que

vê; todos me querem sinceramente aqui, e não sei resistir á fatal

necessidade que me arranca de todos estes braços para me lançar ao

turbilhão da politica e d'isso que se chama o mundo! Pois amo devéras a

minha Lena, creia.

--É um dever que cumpre. N'estes tempos de má fé politica, quem se sente

com a coragem de se votar, corpo e alma, á defeza despreoccupada dos

bons principios...

Nos labios do pae de Magdalena passou um ligeiro sorriso, meio de

descrença, meio de melancolia.

--Defeza despreoccupada? Isso é quando Deus quer--respondeu elle.--Olhe,

Henrique, visto que me veio encontrar em minha casa, a cuja porta eu

deixo, ao entrar, todas as mascaras e artificios, de que uso no mundo,

vae vêr em mim o homem que talvez não esperasse e que, já lhe digo,

debalde procurará reconhecer um dia, se me observar outra vez em Lisboa.

O que lhe vou dizer não lh'o diria, nem lh'o repetirei lá. É verdade que

estes ares do campo tambem actuarão em si para me apreciar e tomar á boa

parte a franqueza. Lá não acreditaria n'ella; se por acaso não a

aproveitasse como arma politica contra mim...

--Pois julga?...

--Peço perdão, se o offendi com isto. Não era esse o meu intento, mas é

pratica tão geral!... Se um dia fôr politico, o que lhe não desejo,

dir-me-ha.

Dizendo isto, fez uma curta pausa na conversação.

Rompendo de novo o silencio, o conselheiro proseguiu:

--Mas falava ahi de principios, que se defendem com desassombro e

através de tudo. Não sei se quiz ser lisonjeiro e disse o que não

sentia, ou mais do que o que sentia. Em todo o caso, eu, aqui no

Mosteiro, acho-me muito ás ordens da minha consciencia, a qual não me

deixa calar hypocritamente. Estou muito longe de ser esse ideal do homem

politico, a que alludiu. Humildemente o confesso; até porque, se

quizesse sel-o, arriscar-me-hia a achar-me só, não teria partido.

Porque, qual é o que vê nas condições de constancia de opiniões que

disse? Tenho crenças politicas, é verdade; espóso no coração certos

principios que quizera vêr realisados, mas não combato por elles a todo

o transe, nem por elles affrontaria o supplicio; antes, por vezes, entro

em transacções, que são a completa negação da divisa da minha bandeira.

E este peccado não sou eu só que o commetto; é um peccado venial da

nossa época. As grandes ideias, que definem e estremam os campos na

politica, havemol-as eu e os mais calcado muitas vezes aos pés, para

sustentar umas insignificantes fórmulas, um interesse mesquinho, um

capricho pessoal. A politica desce muitas vezes a isto. E ninguem é

isento de culpa n'este mal. Para elle concorrem os mesmos que de fóra

nos julgam severamente. Ha muitos d'estes peccados na minha carreira

publica. E, quer que lhe diga, sabe quando vejo claro n'elles? quando me

persuado de que não são de todo desculpaveis? quando... porque o não

direi? quando sinto remorsos de os ter commettido? É aqui, é perante a

boa fé, a sinceridade, a candura d'esta familia, que me tem amor, e que

me considera um homem perfeito, superior, impeccavel. É perante os

generosos sentimentos da minha Lena, e o caracter nascente d'aquella

creança--e indicava Angelo com o gesto.--Parece-me que tenho n'elles

juizes inflexiveis, e escondo por isso a minha face politica dos seus

olhos penetrantes. Ha muita coisa n'ella, para que o mundo é já

indulgente, mas que receio elles me não perdoassem.

Reparando para o olhar de estranheza, com que Henrique lhe seguia esta

effusão de sinceridade, o conselheiro accrescentou, sorrindo:

--Estou a vêr que não esperava estas palavras da minha bôca; esta

confissão de peccador contricto.

--Confesso que não.

--Então que quer? Surprehendeu-me aqui com o coração aberto. Já agora

deixe-me continuar. Uma das ideias que mais me atormentam sabe qual é?

Vê aquella creança que alli está? Angelo? É uma intelligencia que, de

dia para dia, vejo formar-se com um vigor de vida, que me espanta. Não é

a vaidade paterna que me cega, pode acreditar. Conhecendo-o de perto ha

de dar-me razão. Mas o que ha além d'isso n'elle é um senso

profundamente moral, raro até em idades menos tenras. Pois bem, quando

penso n'elle por algum tempo, e conjectura que não serão poucas as vezes

em que o faço?... quando penso n'elle e no futuro, sobresalto-me. De um

lado, seduz-me abrir-lhe a carreira politica, onde ha grandes triumphos

a embriagar as intelligencias e onde presinto que a d'elle terá o

direito, se não o dever, de procurar um logar; mas, se me lembro de que

na atmosphera d'aquellas regiões não duram muito estas primitivas

canduras da alma, tão adoraveis e consoladoras, quando me lembro de que

Angelo será um dia... o que eu já hoje sou, um pouco desilludido, um

pouco sceptico... com franqueza o digo, hesito em impellil-o ao

redemoinho e pergunto a mim mesmo se mais não valeria dizer-lhe: Angelo,

vive obscuro e tranquillo n'este retiro do Mosteiro, conserva aqui a

ideal pureza da tua alma e procura a felicidade nas satisfações do

coração. A lucta da vida pode embriagar-te, filho, mas não te fará

feliz.

--Mas não admitte possivel que um homem possa atravessar a vida

politica, sem sacrificar um só artigo do seu primitivo credo?

O conselheiro esteve algum tempo silencioso, depois respondeu:

--É difficil. Se um dia a fôrça das circumstancias realisasse, como um

phenomeno natural, uma revolução completa nas camadas politicas do paiz

a ponto de trazer á superficie de uma só vez uma geração nova,

impolluta, inspirada de sentimentos generosos e de sinceras crenças,

então sim, não bastaria o tempo de uma vida para produzir n'esses homens

reunidos, que uns aos outros seriam ao mesmo tempo exemplo e vigilancia,

a inquinação que eu receio. Mas lance esses mesmos homens, um a um, a

sós com os seus principios e com os seus esforços, insulados no meio de

uma camada quasi toda composta de elementos velhos, e cada um, após uma

lucta impotente de momentos, ou se retirará, fiel aos principios, mas

desanimado pela inefficacia da sua intervenção, ou ficará, cedendo á

corrente e deixando-se penetrar do espirito pouco ideal, que rege as

massas. Só um d'esses caracteres de excepção, que são raros na historia

do mundo, é que poderia luctar e vencer na lucta. E a esperar tanto de

Angelo não chega o meu affecto paterno.

--Não o fazia tão pessimista, sr. conselheiro;--disse

Henrique--conceda-me que julgue em demasia carregadas as côres do quadro

que me faz. Eu não creio que a corrupção...

--Se acha forte o termo, substitua-o por... o que quizer, relaxação,

tibieza de fé politica, indifferentismo... em todo o caso será uma

doença social. Assim abrandada a fôrça da expressão, não ponha

difficuldades em adoptal-a. Não se me pode levar a mal o propôl-a, desde

que principiei por me declarar affectado da lepra contagiosa.

--Nunca esperei encontral-o tão desilludido. Eu, que me não tenho ainda

assim por demasiado crente, creio que quem entrar na politica sob a

égide de uma convicção profunda, pode...

O conselheiro interrompeu-o.

--Sabe a coragem mais admiravel? a de que menos exemplos existem? É

aquella de que nos dá uma eloquente mostra a historia do aldeão do

Danubio. Sair um homem de um canto retirado da provincia, um pouco

montanhez, e escudado só da sua boa fé, achar-se de repente no meio de

um circulo luzido, illustrado, elegante, novo para elle, e ousar repetir

ahi aquellas falas rudes, que tanto deliciavam o auditorio da sua terra;

vêr o sorriso nos homens, que a seu pesar respeita, e poder resalvar as

suas crenças d'aquelles sorrisos; sentir o ridiculo a seu lado, e ousar

fital-o; ferirem-lhe os ouvidos, a cada passo, as vozes seductoras da

moral elegante e facil, que hoje domina, e conservar-se fiel á austera e

rude moral que lhe falava entre o rumorejar das folhas da sua aldeia nas

longas horas de vigilia e de estudo, que lá teve; cair embora, mas cair

fiel á consciencia, como um leal cavalleiro da idade média caía pela

dama de quem trazia a divisa: é uma especie de lucta, para que não

abundam lidadores, e nem sempre se deve lançar o labéo de traidores aos

que mentem á sua antiga profissão de fé. A maioria cede com boas

intenções. O perigo está em chegar a persuadir-se de que as suas

convicções eram sonhos, em perder o amor ás utopias. Eu confesso que só

quando aqui estou é que sinto avivar, debilmente, o amor que n'outro

tempo lhes tive.

N'isto annunciou-se a visita do sr. Tapadas, fazendeiro opulento e um

dos influentes eleitoraes da localidade, creatura em corpo e alma do

conselheiro, e tão visto em demandas e subtilezas de processos, como o

mais rabula dos lettrados. Demandista por gosto e officio, levava a sua

paixão pela arte a ponto de comprar as demandas dos outros, só por gosto

de as tratar; especie vulgar no Minho, onde uma legislação

especialissima, reguladora da propriedade rural, fomenta estas

disposições no espirito dos camponios, das quaes os juizes são as

miserandas victimas.

Depois de grande exhibição de cortezias, para a direita e para a

esquerda, o Tapadas dirigiu-se ao conselheiro, que o fez sentar ao seu

lado, concedendo-lhe todas as provas de deferencia e de amizade.

O homem que tão judiciosa dissertação acabava de fazer sobre a politica

abstracta, sentiu, na presença do recem-chegado que de novo o abandonava

o espirito da utopia, e principiou a tratar com elle politica pratica,

sob a feição mais mexeriqueira que ella pode revestir.

Tratou-se dos pequeninos processos de preparar candidaturas, por fôrça

ou vontade dos representantes.

Henrique deixou-os na conferencia e foi sentar-se ao pé das senhoras, no

grupo formado por Magdalena, Christina e Angelo.

Escuso de referir o dialogo em que tomaram parte estes interlocutores;

reproduziram-se n'elle os galanteios de Henrique a Magdalena, a leve

ironia d'esta e as respostas timidas e silenciosos despeitos de

Christina.

D. Victoria e D. Dorothéa entremetteram-se, dentro em pouco na conversa,

e desviando-lhe o curso, fizeram-a cair sobre o assumpto das proximas

consoadas.

Passado tempo, ouviu-se o conselheiro dizer, elevando a voz, para o

Tapadas:

--Pois, meu caro Tapadas, que tenha paciencia este bom povo. Com isso é

que eu não transijo. Ninguem é mais condescendente do que eu, menos no

que pode arriscar a vida de muitos e entre essas as dos que me

pertencem. O abuso ha de acabar. Por estes dias deve chegar uma

portaria, mandando expressamente cumprir a lei. Consegui isso do

governo. O cemiterio fez-se. Eu fui o primeiro a dar o exemplo,

levantando alli o sepulchro para a minha familia. Depois d'isso, graças

a um preconceito tolo, á má fé de alguns padres, á frouxidão das

auctoridades e talvez a alguma incuria minha, ainda ninguem mais se

enterrou alli. No entretanto quasi todos os estios se repetem os casos

d'essas febres que a sciencia attribue em grande parte aos miasmas da

igreja onde a extrema devoção d'este povo accumula em certos dias,

durante horas e horas, uma extraordinaria quantidade de fieis. Portanto,

com isso não transijo. Hei de acabar com o abuso.

--Pois sim... mas agora na occasião das eleições... sr. conselheiro, não

sei se faz bem.

--Para compensação trataremos de apressar o principio das estradas;

tambem o pude conseguir.

--Inda assim... Receio alguns motins.

--Reprimem-se.

--O peor é que ha de haver quem lance mão d'essa arma contra nós.

--Quem?

--Ora! não falta quem. Basta o missionario, que já prégou contra isso.

--Não tenho mêdo. Quando muito, algum motimzito sem consequencia.

Leve-os por bem. E se fôr preciso fale ao ouvido d'esse tal

missionario... O homem que quer? Provavelmente alguma abbadia? algum

canonicato? É preciso vêr isso.

--Elle diz que não quer nada.

--Bem sei, todos dizem o mesmo--disse o conselheiro, com a sua descrença

de homem politico.

Tapadas retirou-se mal assombrado. De facto a opinião publica era, por

toda a aldeia, em extremo adversa aos cemiterios, e elle mesmo não

estava de todo limpo do preconceito geral, mas a sua affeição ao

conselheiro obrigava-o a digerir a disposição legal, conforme podia.

Depois d'elle se retirar, o conselheiro disse, erguendo-se:

--Vem em má occasião a medida, vem; é arrojada para épocas eleitoraes;

se houvesse um chefe habil que a aproveitasse, podia... Em todo o caso

não transijo.

Eram dez horas quando se levantou a sessão, e Henrique voltou com a tia

para Alvapenha.

XIII

Ao outro dia a impaciencia de Angelo não lhe permittiu longa demora no

leito. Tardava-lhe o vêr todos aquelles sitios, tão seus conhecidos;

arvores que uma por uma distinguia, sebes, atalhos de campos, e

quebradas de montes. A custo o puderam reter para o almoço; resignou-se

porém a não ultrapassar, até então, os muros da quinta. Logo porém que

sorveu á pressa o ultimo golo de chá, partiu, veloz como uma lebre, sem

nem sequer dar ouvidos á enfiada de recommendações de sua tia D.

Victoria, que teimava em o querer prevenir, com sócos, gabão e

guarda-chuva, de uma hypothetica mudança de tempo.

Angelo partiu. A tudo que via pelo caminho encontrava ligada uma

recordação e uma saudade; mas seguia sempre, como quem não errava ao

acaso pelos campos, antes era guiado n'aquelle passeio por um intento,

que tinha pressa de realisar.

Atravessou grande parte da aldeia, cortejado, cumprimentado e festejado

por quantos encontrava pelos caminhos, ou ás portas e janellas das

casas, nos campos e nos ribeiros.

Chegou emfim á casa, onde já dissemos morar o recoveiro Cancella e a sua

filha Ermelinda.

Era evidentemente aquelle o termo proposto por Angelo ao passeio

matinal, porque retardou o passo á medida que se approximava, e parou á

porta da casa.

Achou-a fechada, mas não lhe causou isso embaraço.

Como quem estava habituado a vencer estes estorvos, sondou resolutamente

o muro do quintal, construido de pedras soltas, e dispoz-se á escalada.

Com a agilidade e destreza proprias de quem passou na aldeia os

primeiros annos da vida, o irmão de Magdalena trepou sem vacillar até o

alto do muro, e n'um momento pousou os pés no chão do quintal.

Vendo-se dentro da fortaleza, olhou em redor com precaução e, com mais

precaução ainda, se dirigiu para um bosquezito de laranjeiras, que era o

logar de recreio do pequeno horto.

Foi motivo d'estas precauções o ter já avistado, por entre os troncos e

a rama baixa das laranjeiras, um vulto que se lhe figurou conhecido.

Assim se foi approximando sem que o presentissem e, occulto por detraz

de uma sebe de roseiras silvestres, poz-se á espreita.

Era Ermelinda a pessoa que estava no laranjal.

Sentada sobre o tronco partido de uma laranjeira velha, que mezes antes

havia sido derrubada, a filha do Cancella e afilhada da familia Zé

P'reira, tinha todas as faculdades applicadas á decifração dos

hieroglificos caracteres de um pequeno papel manuscripto, que segurava

nas mãos, e lia a meia voz. De quando em quando interrompia a leitura e,

erguendo a cabeça para o céo, parecia repetir o que lera, como se

pretendesse decoral-o.

Angelo applicou mais o ouvido, a vêr se alguma das palavras, que ella

declamava, lhe revelava a natureza do manuscripto.

De facto, de uma vez, a pequena leu em voz mais audivel e elle escutou a

seguinte quadra:

--Que lamentavel tragedia,

Que os meus olhos tristes viram!

E publicam minhas vozes

Aquelles que não ouviram!

E principalmente o rei,

Que se chama o rei tyranno,

N'esta região remota

Do Egypto dilatado.

Depois de ler isto, a rapariguita levantou a cabeça e repetiu:

--Que lamentavel tragedia

Que meus olhos tristes viram...

Angelo saiu do esconderijo, e sempre vagarosamente, e com precaução,

veio collocar-se por detraz d'ella, sem que fôsse presentido ainda.

Tão perto chegou, que, por cima do hombro de Ermelinda podia já ler as

quadras que ella estava decorando:

--Tenho mil linguas, mil bôcas...

ia Ermelinda continuar a ler, quando uma respiração mais profunda de

Angelo a fez desviar a cabeça.

Dando com os olhos n'elle, soltou um grito de sobresalto; depois sorriu

e instinctivamente procurou esconder no bolso do avental o papel que

lia.

Angelo segurou-lhe a mão.

--Que estavas a ler, Linda?

--Não é nada...

--Deixa vêr.

--Não deixo.

--Por que não deixas?

--Para não ser curioso. Que modos são esses de andar a escutar a gente?

--Pois sim, sim; mas deixa-me vêr os versos.

--Não são versos. Quem lhe disse que eram versos?

--Pois não ouvi? Que era isso de tyranno e de Egypto, que dizias?

--Que ha de ser?--disse a final Ermelinda, dando-lhe o papel.--São os

versos do auto dos Reis. Sabe agora?

--Do auto dos Reis? Ai, sim; está a chegar o dia! Mas que tens tu com o

auto dos Reis?

--É que este anno meu pae quer que eu seja a Fama.

--Viva! E que bonita Fama que vaes ser! E já sabes os versos?

--Estava a decoral-os.

--Tenho mil linguas, mil bôcas...

dizia Angelo, lendo no principio.--O que é pena é pôr uma chochice

d'estas na bôca de uma Fama como tu.

--Que está a dizer? Então os versos não são bonitos?

--Oh! pois não são!--exclamou Angelo, gracejando.--São uma perfeição!

E tendo-os corrido com a vista, principiou a lel-os com accentuação e

emphase comicamente exaggeradas.

--Ora ouve lá:

Sabei que aquelle Herodes,

Lobo cruel carniceiro,

Tremendo de inveja pura

Lhe venham tirar o reino...

--Então que ha que dizer a isto?

E proseguiu:

Feria raios de fogo

De seus olhos com mudança;

E só pretende fazer

Alvo da sua vingança.

--Isto é claro e sublime!

--Lendo assim, pudéra!--disse Ermelinda, rindo.

É preciso que advirta o leitor que estas quadras e auto, a que nos

estamos referindo, não são obra da nossa imaginação. Por ahi corre

manuscripto o auto, mais ou menos extravagantemente orthographado,

segundo o systema ou o capricho do copista. Em quasi todas as aldeias

dos arredores do Porto podem vêr em cada anno representado este ou outro

analogo, com applauso e gloria da arte. Ás mãos nos veio uma d'essas

cópias, á qual, menos na orthographia, escrupulosamente nos cingimos.

Angelo era talvez em demasia severo na apreciação critica sobre o

merecimento litterario da obra, ao chamar-lhe uma chochice. É raro que a

musa popular não tenha, apesar da sua rudeza, alguma inspiração. N'este

mesmo auto, se encontram vestigios d'ella. Mas não é nossa missão

apreciar as opiniões dos actores que pomos em scena; tão sómente as

registamos, sem nos responsabilisarmos por nenhuma.

Angelo redarguiu á reflexão de Ermelinda:

--Pois bem; para que não digas que é da maneira de ler, que elles

parecem chôchos, repara; vou lel-os agora com toda a seriedade. Ora

escuta.

Que quantos até dois annos

Em Belem fôssem nascidos,

E toda a sua comarca

Matassem a ferro frio

Sem excepção a pessoa

Que nos districtos se achasse,

Entendendo d'esta sorte

Que nós lhe não escapassemos.

--Olhem que semsaboria!

Esta divisão administrativa e judicial, em districtos e comarcas, que o

auctor fez na Judéa e que tanto parecia revoltar Angelo, era uma d'estas

liberdades shakspeareanas, que se devem perdoar aos genios.

--E não foi assim?--perguntou Ermelinda, que não percebia ainda o motivo

dos reparos de Angelo.--Pois Herodes mandou matar todas as creanças da

Judéa; então não mandou?

--Mandou, mandou; mas a Fama é que devia contar isso melhor.

--Melhor?! Então não é bonito esse verso?

E Ermelinda, tirando o manuscripto das mãos de Angelo, leu a seguinte

quadra:

Para livrarem seus filhos

Da morte dos innocentes,

Dos braços faziam cruzes

Aquellas mães impacientes.

Os instinctos populares da filha do Cancella perceberam a belleza,

talvez um pouco rude, do tocante quadro, que estes versos exprimem.

Esta pequena contenda litteraria entre duas creanças podia dar margem a

profundas reflexões a quem para ellas estivesse disposto.

Angelo estava no principio de uma educação esmerada. Principiára já a

desenvolver-se n'elle a intelligencia, e a acordar os instinctos

artisticos que estremeciam já sob as primeiras seducções da fórma.

N'estas épocas criticas, em que esses segredos se revelam, é tal o

encanto em que elles nos trazem que exclusivamente nos votamos ao novo

culto, com a fanatica intolerancia. Onde as louçanias do estylo, os

primores e a sonora harmonia do metro, e o brilhantismo das imagens nos

não afagam os sentidos, recusamos demorar a vista; e escapa-nos assim na

sombra muita belleza real, ás vezes occulta sob a grosseira revestidura

da poesia ou narrativa popular.

É necessario que passe o enthusiasmo, a violencia da paixão nascente,

que venha a frieza de animo necessaria á imparcialidade do juizo, para

que nos não cause repulsão a aspereza, e grosseria até, da fórma e

consigamos apreciar o bello que por ventura n'ella se envolva.

Dá-se com a belleza da ideia e da fórma de qualquer obra litteraria, o

que se dá com a belleza moral e a belleza physica de uma mulher.

Ambas são feitas para nos commoverem e dominarem. Mas, quando o assomar

de um sentir novo começa a alvoroçar o sangue do adolescente, quando

fórmas vagas e formosissimas principiam a encantar-lhe os sonhos de suas

noites febris, a paixão da fórma domina-o; por ella sacrifica tudo; uma

modelação perfeita, um delineamento gracioso poderá decidir da sua vida

inteira, e na fascinação que o cega, nunca verá a formosura da alma, que

se abriga n'uma pouco feliz encarnação. É que para apreciar a belleza

moral, para a vêr transparecer, através do involucro exterior é preciso

deixar passar a vertigem dos primeiros momentos, ou não a ter ainda

experimentado.

Por isso na infancia e nas idades viris é que melhor se apreciam essas

fealdades, que escondem um coração angelico. A adolescencia é impiamente

cruel para com ellas.

Por uma lei analoga é o povo, o simile da creança, porque não tem os

sentidos educados para as mais subtis bellezas da fórma, e é o homem a

quem ella já não fascina, embora ainda e sempre o deleite, como

poderosissimo elemento de belleza litteraria,--são estes os leitores que

mais aptos estão para avaliarem uma ou outra inspiração que, entre

muitos desvarios, tem a humilde musa que visita a cabana do lavrador ou

a officina do artista.

Apesar da defeza de Ermelinda, Angelo não perdoou ao auto.

--Sabes que mais? Não decores isso--disse-lhe elle resolutamente.

--Meu pae quer.

--O que é que quer teu pae?

--Quer que eu entre no auto.

--E has de entrar. Quem te diz que não?

--E quer que seja a Fama.

--E has de ser a Fama.

--E não hei de falar?

--Has de falar. Tinha que vêr uma Fama que não falasse. Para que lhe

serviriam as cem bôcas?

--Então?

--Então; é que não é forçoso que digas o que ahi está.

--E que hei de eu dizer?

--Outra coisa.

Ermelinda olhava Angelo admirada, sem conseguir comprehendel-o.

--Outra coisa! repetiu ella, instinctivamente.

--Olha, proseguiu Angelo.--D'aqui até chegar o dia do auto vae muito

tempo. Eu te darei outros versos para estudares, em logar d'esses.

--E onde os tem?

--Eu os procurarei. Não digas tu nada. Basta que no dia recites, em vez

d'esses, os que eu te der!...

--Mas que dirá meu pae e o sr. Pertunhas?

--O mestre de latim? Pois que tem elle com o auto?

--É quem ensina como a gente ha de dizer.

--Ah! sim? Pois para que elle nada diga, guarda para a occasião os

versos que eu te arranjar. Até ha de ter graça vêr a cara com que elles

ficarão todos, quando lhes sair uma coisa bem differente do que esperam.

--Mas... diga: onde é que vae buscar esses versos?

--Não sairei da aldeia para isso. N'uma visita que d'aqui vou fazer,

conto obtel-os. Agora falemos de outra coisa. Que é de teu pae?

--Saiu a levar umas encommendas. Minha madrinha, d'alli defronte, está

para a igreja e meu padrinho nas hortas. E eu vou tratar do jantar de

meu pae.

--Pois vae, que eu faço-te companhia.

E Angelo seguiu-a á cozinha, e ahi, ella sentada na soleira da porta a

escolher hortaliça, elle a dar de comer aos coelhos e ás gallinhas, se

entretiveram a conversar.

Angelo falou-lhe de Lisboa, dos theatros, contou-lhe enredos de dramas

que o tinham commovido; typos e situações de romances, que se lhe haviam

gravado na memoria; invenções da arte moderna, versos, anecdotas,

contos.

Ermelinda era toda ouvidos a escutal-o.

Passadas horas, Angelo levantou-se e despediu-se, para sair.

--Onde é que vae?

--Vou visitar Augusto, que deve estar agora em casa.

--E ainda o não viu?

--Ainda não. A minha primeira visita foi esta.

--Então vá, que elle deve estar morto por o vêr. Ah!... já sei a pessoa

a quem vae pedir os versos!

--Quem te disse que Augusto os fazia?

--Eu vi-o estar a escrever na parede da capella da Senhora da Saude de

uma vez que eu ia levar o jantar a meu padrinho, que estava a trabalhar

para aquelles sitios.

--E leste-os?

--Não, que não quiz que elle me visse. Mas que havia elle de escrever na

capella? Então não adivinhei?

--Não sei. Adeus.

--Diga.

--E chamavas-me curioso!

E Angelo saiu apressadamente.

Momentos depois estava com Augusto.

A conversa entre ambos teve toda a intimidade da de dois affectuosos

amigos.

Angelo fez a narração dos episodios da sua vida de collegio; das

difficuldades e das bellezas dos seus estudos n'aquelle anno. Augusto,

que da aldeia com elle os seguia, passo a passo, interrogava-o sobre

algumas dúvidas que tinha, e esclarecia ás vezes tambem, graças á sua

poderosa penetração e natural lucidez, as que o ensino do collegio havia

deixado no espirito do seu antigo discipulo.

A geographia e a historia, que eram as disciplinas estudadas n'aquelle

anno por Angelo, deram assumpto a grande parte d'este dialogo.

Augusto inclinára-se aos estudos historicos, inclinação em que o

herbanario o entretinha com frequentes presentes de livros d'aquelle

genero.

Em exame de livros novos, referencias a outros lidos, e leituras de

alguns mais apreciados, passaram os dois grande parte da manhã, até que

por fim Angelo disse a Augusto:

--Ah! é verdade! Tenho um favor a pedir-lhe.

--Qual é?

--Sabe que está para breve o dia dos Reis?

--Sim.

--E portanto o auto com que o povo d'aqui o festeja; aquelle auto em que

o Herodes faz tremer meio mundo?

--Bem sei--respondeu Augusto, sorrindo.

--Este anno teremos a Linda a fazer de Fama. Fama bonita, por certo; mas

se soubesse os versos que lhe deram para recitar!

E Angelo reproduziu, como pôde, as quadras do monologo da Fama no auto

dos Reis.

De quando em quando passava um sorriso pelos labios de Augusto.

--Eu já conhecia isso. É o costume--disse elle no fim.

--Mas não lhe parece que de uma Fama como aquella, se devia esperar

melhor do que isto?

--E então que quer que eu lhe faça?

--Outros versos para o logar d'estes.

--Outros!... Eu?...--perguntou Augusto.

--Por que não?

--Que lembrança!

--Não me venha negar que os faz.

--Versos?

--Sim.

--Quer dizer que os leio.

--E que os escreve. Vamos. Mas se insiste em recusar, diga-me então quem

é que os escreveu na parede da capella da Senhora da Saude, para eu me

dirigir a elle.

--Então houve quem escrevesse versos na parede da capella?--perguntou

Augusto, sorrindo.

--Não que eu visse; mas já duas pessoas m'o affirmaram, e as suspeitas

de ambas recaíram no mesmo homem.

--Quem foram essas pessoas?

--De uma o ouvi agora mesmo. Foi Ermelinda.

--Ah!

--A outra foi Lena.

--Le... A sr.^a D. Magdalena?

--É verdade, minha irmã. E estranhou, com razão, que eu o não soubesse.

--E como o soube ella?

--Leu-os, e pela leitura conjecturou o auctor.

Augusto calou-se como absorvido por um pensamento, que todo o

preoccupava.

Angelo continuou falando, sem que fôsse escutado; a final concluiu,

dizendo:

--Então quer falar ao poeta da Ermida para que me dê o que lhe peço?

--Poesia não lhe pode elle dar, agora se... alguns versos o

satisfazem...

--Sim, sim, venham os versos; que a poesia eu a procurarei n'elles, até

a achar. Desde já lh'os agradeço.

--A elle?

--A ambos--respondeu Angelo, rindo.--E agora diga-me, Augusto: Ainda

está resolvido a viver aqui sempre enterrado? Não pensa em mudar de

vida?

--Nenhuma outra me namora mais; o destino que a bondade da morgada me

offerecia... não tenho coragem para acceital-o. Assusta-me o peso do

crepe.

--Nem eu lhe digo que deva acceitar esse. Mas o Augusto não terá amigos

que ajudem a seguir outros destinos menos obscuros do que este e menos

pesados do que o que o legado lhe impunha? Meu pae já ...

--Que quer? Não me posso vencer até pedir ou acceitar de outrem

auxilios, quando Deus m'os não tem recusado ainda; nem sei até se esses

destinos, que diz menos obscuros, me fariam mais venturoso. Ha indoles

que nasceram affeiçoadas para a obscuridade. Incommoda-as a demasiada

luz. Umas plantas querem ar, e sol e luz; outras vivem ahi em qualquer

canto escuso e obscuro, e lá mesmo dão flôr. Porque é isto não sei,

mas...

--Sei eu--disse uma voz da parte de fóra da janella, junto da qual se

passára o dialogo...

Voltaram-se os dois ao ouvil-a. A figura do herbanario desenhava-se no

vão da janella, como um retrato de velho n'um caixilho de galeria.

--Ah! o tio Vicente!--exclamou Angelo, correndo-lhe ao encontro.

O herbanario encostou-se, ainda de fóra, ao peitoril da janella, ficando

assim com meio corpo para dentro da sala.

--Viva o nosso doutor--disse elle, sorrindo, a Angelo.--Por emquanto

ainda esse coraçãozito está como era. Não esqueceu os seus amigos da

aldeia.

--Está como sempre estará--respondeu Angelo.

--Sempre!--repetiu o velho.--Sempre e nunca são duas palavras de

terrivel significação... Mas emfim... de bom metal é o coração, assim o

não enferrugem os ares da cidade, como ao de... como ao de tantos...

E mudando subitamente de tom, disse para Augusto:

--Com que dizias tu que não sabes porque algumas plantas vivem de pouca

luz e de pouco ar, ahi em qualquer buraco do muro? É porque vivem muito

pelas raizes essas. As plantas vivem do ar pelas folhas e vivem da terra

pelas raizes. Lá diz aquelle livro da \_Historia Natural\_ que eu tenho.

Umas prendem-se pouco ao chão; precisam, pois, de se abrirem muito ao ar

para poderem viver; outras porém, profundam tanto a terra, com tantas

raizes se seguram, que d'ellas lhe vem todo o sustento e não desdobram

muitas folhas, nem crescem em grandes ramos para o ar. Como umas e como

outras ha homens no mundo. Tu és dos que deixam ganhar raizes ao coração

e d'ellas vivem. Que te importa o mais? essas grandezas que os outros

procuram? Mas é preciso cautela, rapaz! Ha corações como a hera, que

onde quer que se encosta, prende-se com raizes. Quem é assim deve

dirigir com prudencia as suas inclinações. Se para mau lado dobra, se se

encosta a arvore de preço... mal d'elle! que o separarão com fôrça,

fazendo-lhe estalar todas as raizes, que o prendiam.

As palavras de uma obscuridade sibyllina, ditas pelo herbanario, parecia

terem um sentido para Augusto, que visivelmente se perturbou ao

ouvil-as.

--Que está ahi a dizer, tio Vicente!--disse Augusto, sem ousar fitar o

velho.

--Nada. Tonterias de velhice. A prudencia, que os annos dão, vê longe e

fundo, rapaz... É verdade que... ás vezes... o arrojo dos mocos é tambem

guia feliz... Anda lá com a tua estrella, anda. Ao que já vejo, não sei

se te possa chamar louco... como ao principio não duvidei fazel-o. É

certo que é pouco seguro o terreno, em que sustentas os teus castellos.

--Os meus castellos! Que castellos faço eu?

--Não hei de ser eu que t'os mostre... Só te quero avisar que não ponhas

grande fé em sonhos... Lembras-te do que se passou no monte da ermida?

--No monte da ermida?

--Não viste por lá no outro dia uns signaes de trovoada? A inconstancia

é sempre de receiar. O que n'aquella manhã se passou, o que então vi...

--Que viu?... Que se passou?

O herbanario demorou por algum tempo o olhar em Augusto e com tal

expressão, que o obrigou a desviar o seu; depois accrescentou:

--Nada; o que todos os dias acontece. O céo azul fez-se pardo, a luz

clara cobriu-se de sombras, os raios do sol tornaram-se torrentes de

chuva. Pois não te lembras?... E tudo devido a uma mudança... de

vento... a uns ares que vinham do sul...

Augusto não entendia ou fingia não entender estes mysteriosos dizeres do

herbanario. Angelo estava distrahido devéras.

O velho voltou-se, de subito, para este, perguntando-lhe:

--Tem ido ao mosteiro o hospede de Alvapenha?

--Esteve lá hontem.

--É amigo das creanças?

--Parece-o.

--Conta muitas historias ás senhoras?

--Entretem-as bastante.

--E ao... e a teu pae? Ouve-o com attenção?

--Conversaram muito toda a noite.

O herbanario parecia ligar grande valor a estas perguntas, porque a cada

resposta obtida, abanava pausadamente a cabeça com certo ar meditativo.

Augusto relanceava tambem para a fronte, meio contrahida, do velho um

olhar entre curioso e timido.

O herbanario proseguiu:

--Emfim... A desconfiança é um achaque de velhice e nem sempre os mais

felizes são os mais acautelados. Deus que vele, se os bons lhe merecem

ainda a graça da sua protecção.

--O tio Vicente desconfia do primo Henrique? perguntou Angelo, rindo.

--Primo?!--repetiu o velho, admirado.

--Primo lhe chamamos nós, porque a tia Victoria teima que, sendo elle

sobrinho da tia Dorothéa, é nosso primo tambem.

--Ah? Já ahi vamos? E Lena?...

--Lena, Christe, todos lhe chamam por lá assim.

O herbanario poz-se a murmurar algumas palavras inintelligiveis,

terminando por estas:

--E, como no Egypto, é o vento sul que traz a praga dos gafanhotos. Mas

Deus que vele, Deus que vele. E eu não me demoro mais, que vou ainda

d'aqui aos pardieiros de Cernuche.

--Á caça dos sapos, tio Vicente?--perguntou Angelo, gracejando.

--Não, que não é agora o tempo--respondeu, sisudo, o velho.

--Dos sapos! Galante caça, na verdade!--continuou Angelo no mesmo tom.

--Galante não será ella, pequeno,--respondeu o velho;--mas abençoada a

chamarias se te torcesses no leito com as dores do carbunculo, que não

ha remedio mais efficaz para o curar, do que a pelle d'estes animaes

sêcca ao ar livre.

--E a das toupeiras? O tio Vicente tambem caça toupeiras?

--Em seu tempo. Oh! a toupeira é animal de abençoadas virtudes! Basta

que um dente que se lhe arranque, estando ella viva, trazido ao pescoço,

cura a mais desesperada dor de dentes.

--Não deve ser facil operação a de tirar os dentes ás toupeiras--tornou

Angelo.

O herbanario continuou:

--A quinta essencia das toupeiras é milagrosa contra cancros e herpes.

--A quinta essencia das toupeiras!--repetiu Angelo, rindo.

--Não rias, creança--acudiu severamente o herbanario.--Que não é bonito

rir do que os homens doutos asseguram. Eu já o experimentei, logo que o

li n'aquelle grande livro da \_Polyantheia\_, livro como se não faz hoje

outro.

--E como é que se tira a quinta essencia a uma toupeira, tio Vicente?

--Tomam-se as toupeiras e queimam-se até as fazer em cinzas. Mistura-se

a estas cinzas o sumo de celidonia maior, até haver quatro dedos de sumo

acima das cinzas. Mette-se tudo n'um vidro bem fechado, que se enterra

por dez dias e... e... Bem, bem. Elle ri!... Tolo sou eu em gastar tempo

e paciencia com creanças.

--Espere, espere, tio Vicente... Não vá embora... Então depois de

enterrar tudo isso, que se faz?

--Até logo... Pede a Deus que nunca te seja preciso fazer a pergunta com

menos vontade de rir.

--E assim vae sem me dar um remedio! Olhe, tio Vicente, eu padeço ás

vezes de um somno tão pesado que me não deixa estudar.

O herbanario voltou-se e, com toda a seriedade, respondeu:

--E julgas que não sei de remedio para isso? Experimenta e verás. Mette

um ou dois morcegos debaixo dos travesseiros e eu te affirmo que... Mas

adeus, que se me faz tarde e d'aqui a Cernuche é uma legua.

E o herbanario retirou-se, meio agastado com o scepticismo de Angelo e

sobraçando a caixa de lata e o sacco dos seus thesouros medicinaes.

Angelo e Augusto ficaram rindo da sciencia e das singularidades do

velho, riso em que não entrava, porém, o menor laivo de malignidade;

porque ambos tinham pelo velho uma verdadeira estima, que elle bem lhes

merecia, pois sempre do coração o achavam votado a seu favor.

O dialogo de Angelo e de Augusto prolongou-se ainda, até ás horas do

jantar.

XIV

Eu não sei se esta historia terá leitor tão mal aventurado, que não

possua recordações e saudades associadas á noite de Natal, áquella

festiva e abençoada noite, em que as ruas e os logares publicos se

despovoam, e nos lares domesticos parece crepitar e scintillar o fogo

mais acalentador do que nunca. Se algum desherdado da fortuna ha ahi que

não saiba o que é a festa das consoadas em familia, esse que não leia

este capitulo, que n'elle não encontrará prazer. Se alguns as gosaram já

n'outros tempos, porém hoje erram a essas horas pelas ruas solitarias,

olhando com inveja para cada raio de luz que rompe das frestas de tantas

janellas discretamente fechadas, ouvindo commovidos o ruido das alegrias

que vão no seio das familias, e pela phantasia creando em cada morada um

mundo intimo de affectos e de venturas, como o de que a sorte os privou,

que esses me perdoem as amargas saudades, que por ventura lhes avive

assim.

É certo que não ha noite mais alegre; alegre d'esta alegria que vae

direita ao coração, sem perturbar os sentidos com fumos de embriaguez;

alegre d'esta alegria candida a que o homem é sujeito do berço á

velhice, a qual respeitam os estos das paixões, na idade d'ellas, e o

gêlo do egoismo, no declinar da vida.

Bem escura, bem ventosa, bem fria e humida surjas tu sempre, noite de

vinte e quatro de dezembro, que melhor então se avaliará pelo contraste

a luz, o calor, o conchêgo dos lares, e mais intimos se estreitarão os

circulos da familia em roda da ceia patriarchal.

E vós todos, a quem uma moda tôla não constrangeu ainda a abandonar os

habitos que de pequenos contrahistes, e festejaes ainda o Natal de

Christo, segundo o estylo velho, continuae a manter genuinos esses

costumes nacionaes, que não resultará d'ahi desdouro para o vosso nome

ou brazão. A roda da civilisação, a que applicaes hombros com tanto

denodo, não se cravará por isso.--Podeis, elegantes meninas, cantar lôas

sem escrupulo deante do presepe armado na sala mais intima da casa, que

nem por isso cantareis peor na das visitas as arias italianas, que

aprendestes no collegio; não córeis de collaborar, por excepção, esta

noite nos mesteres da cozinha, que sobra de agua de colonia e perfumes

tendes no toucador para as abluções purificatorias. Homens graves, a

republica perdoar-vos-ha uma pequena infidelidade, a politica do paiz e

da Europa não periclitará desnorteada se, por um pouco, lhe negardes a

vossa attenção; humanisae-vos pois uma vez por anno, e baixae ao seio da

familia os olhares, que ponderosos empenhos vos trazem

sublimados.--Entrae com as creanças em jogos pueris e faceis, que não

destemperareis a intelligencia para as philosophicas cogitações do

\_boston\_ e do \_whist\_.

A familia do Mosteiro era fiel ás classicas usanças d'esta noite

tradicional. E n'aquelle anno sobretudo as festas das consoadas deviam

ser coisa falada, graças ao plano de D. Victoria de reunir no Mosteiro a

resumida familia de Alvapenha; plano que vimos approvado por acclamação

por toda a assembleia presente.

D. Dorothéa veio effectivamente na companhia de Henrique de Souzellas e

de Maria de Jesus.

Foram recebidos no Mosteiro por uma completa ovação das creanças.

D. Dorothéa viu-se litteralmente enlaçada em braços infantis, que lhe

tolhiam os movimentos e que, dizia ella, quasi ameaçavam asphyxial-a.

Tudo isto dava motivo a exclamações e risos, que inauguraram um estado

de coisas, o qual nunca mais devia cessar aquella noite.

A balburdia, a azafama festiva que ia no Mosteiro é indescriptivel. Na

cozinha, nas salas, nos corredores tudo era movimento e ruido.

Aqui eram as creanças jogando, a pinhões, o «par ou pernão» e o «rapa»,

jogos popularissimos e de occasião, que, de tão conhecidos, dispensam o

trabalho de descrevel-os. Estes jogos, como é de prever, não se

executavam sem um concurso de vozearia e de algazarra, que desafiava a

impaciencia de D. Victoria, a qual, segundo o costume, ia, pelo que se

passava na sala, ralhar com os criados á cozinha.

No aposento immediato ao quarto de D. Victoria, armára-se o presepe,

deante do qual ardiam seis vélas de cêra em castiçaes de prata maciça.

As duas velhas senhoras, D. Dorothéa e D. Victoria, encetaram logo no

principio da noite uma longa e devota reza, meio recitada, meio cantada,

a qual se continuava com uma interminavel enfiada de Padre-Nossos e

Avé-Marias, a que respondia, em côro, a parte feminina, da familia, as

creanças e as criadas.

Corypheu era a senhora de Alvapenha, que em voz trémula e quebrada pela

idade, entoava em singela cantilena coplas como esta:

Ó infante suavissimo,

Vinde, vinde já ao mundo

Livrar-nos do captiveiro

D'este jazigo profundo.

E seguia-se um Padre-Nosso e uma Avé-Maria.

Angelo havia ao principio, com as suas travessuras, desordenado um pouco

o andamento regular das rezas, mas D. Victoria tomou o heroico

expediente de o expulsar do congresso, e tudo serenou.

Á sala, onde Henrique de Souzellas conversava com o conselheiro em

assumptos, todos d'esta vez longe da politica, chegaram as surdas

harmonias d'aquellas cantigas e rezas. Henrique mostrou curiosidade de

saber o que era aquillo. O conselheiro, sorrindo, convidou-o a seguil-o

para por si proprio se poder informar.

E, tomando por aposentos interiores, conseguiram ambos introducção na

sala da novena justamente ao lado de D. Victoria e de D. Dorothéa, que,

de embebidas que estavam nas suas orações, nem por elles deram.

O conselheiro e Henrique ajoelharam sisudamente ao lado d'aquellas boas

senhoras, e quando após um dos Padre-Nossos, ditos por D. Dorothéa, se

devia seguir a resposta do côro feminino, este emmudecido, com a chegada

dos dois, a qual desafiára risos a custo suffocados, foi substituido por

um dueto de vozes masculinas, que sobresaltaram primeiro, e

escandalisaram depois ambas as sisudas senhoras.

O tumulto que o episodio produziu fez attrahir as creanças; D. Victoria

teve muito que fazer, muito que reprehender o cunhado, muito que ralhar

com os filhos e com o sobrinho, muito que carpir-se com D. Dorothéa,

muito que recriminar os criados, rindo-se, bem a seu pesar, no meio de

todas estas tarefas.

Terminou confusamente a novena com tal occorrencia. Os desordeiros

sómente capitularam, consentindo em retirar-se, quando lhes prometteram

que se encurtaria a lista dos Padre-Nossos. Henrique voltou com o

conselheiro a admirar o primor que a paciencia de um artista imaginoso

realisára na confecção do presepe, onde estavam representados todos os

episodios da natividade de Jesus, e muitos outros.

Era effectivamente uma complicada machina aquelle presepe, e seria prova

de profunda indifferença artistica passar por elle sem um exame, embora

fugaz.

Este traste antiquissimo na familia gosava de nomeada n'um circulo de

leguas em redor. Havia empenhos para o vêr no tempo do Natal, e se algum

viajante estacionava dois dias na aldeia, encontrava sempre quem lhe

recommendasse o visitar o presepe, como coisa digna de vêr-se.

Consistia elle n'uma espécie de santuario de pau preto, no meio do qual

havia uma pequena gruta toda cravejada de caramujos, e rosas de papel,

com estames de fio de prata. Dentro d'essa gruta estava deitado o menino

Deus, não sobre umas palhas, como a tradição refere, mas graças aos

impulsos do compadecido coração de D. Victoria, que, ainda que tarde,

parecia tentear um lenitivo aos antigos rigores da humanidade, em uma

bonita cama de lençoes de renda com cercadura dourada; colcha de setim

bordado, e colchão e travesseiro da mais macia penugem de aves

americanas. Ao lado, Nossa Senhora e S. José, de proporções quasi iguaes

ás do menino; mais longe a vacca e a mula tradicionaes. Os episodios

porém eram inquestionavelmente o mais interessante da obra. Varios

grupos de pastores, soldados e fidalgos de todos os tamanhos, feitios e

vestuarios, ornavam a scena. Alli um cego tocador de sanfona; um grupo

de gallegos dançando, ao som da gaita de folle; uma pastora com ovos

mais adeante; ao lado, um grupo celebrando um \_pic-nic\_, perfeita

actualidade, tudo em mangas de camisa, com gravata, e botas de

cano;--outros fumando e bebendo cerveja. Uma amazona ingleza, com o seu

Jockey, galopava pelas cercanias de Bethlem; um vareiro e uma vareira

caminhavam a par com offertas para o menino. Ao longe, nos visos da

serra, appareciam os tres Reis Magos, que deviam levar dez dias a chegar

abaixo.

Não esqueceu ao inspirado auctor d'aquelle monumento esculptural os

muros de Jerusalem. Elles lá estavam coroados de ameias e de milicianos

fardados á ingleza e armados de lanças e arcabuz. Eram gigantes aquelles

guerreiros, pois, não obstante estar a muralha no plano do fundo do

quadro, qualquer d'elles era duas vezes maior do que as figuras do plano

da frente. No alto da muralha arvorava-se a bandeira portugueza. Havia

varios santos espalhados pelas agruras d'aquellas montanhas, e, entre os

additamentos feitos pela devoção de D. Victoria ao presepe, contava-se o

de um Santo Antonio de Lisboa, que, apesar de thaumaturgo, parecia muito

admirado de se vêr n'aquelle tempo e logar. Um gallo colossal soltava do

telhado do presepe o grito annunciador, anjos e cherubins espreitavam do

céo por entre nuvens de algodão e estrellas de ouropel. Era um prodigio!

Descrevendo rapidamente esta maravilhosa fabrica, sentia eu vivo orgulho

de ter revelado ao mundo uma preciosidade sem igual, e a que a unanime

admiração faria cêdo ou tarde justiça; tive porém de abandonar esta

lisonjeira idéa, ao achar-me precedido por um dos romancistas mais

justificadamente populares da nação vizinha. Das paginas de um delicioso

quadro de costumes de Fernan Caballero, a eminente escriptora de que a

Andaluzia se ufana, conheci eu serem não sómente nacionaes, mas

peninsulares pelo menos, estes modelos de presepes, com os seus ingenuos

anachronismos, cunho irrecusavel que o povo imprime a todas as suas

obras de arte. Onde falta o anachronismo, falta a assignatura do povo.

Em todo o caso era digno da menção que d'elle fizemos o presepe do

Mosteiro.

Emquanto Henrique e o conselheiro o estudavam por miudo, D. Victoria

fizera desfilar o cortejo das criadas para a cozinha, onde urgia o

serviço, e seguindo-as ia-lhes demonstrando que eram as peores criadas

do mundo, por isso que, tendo tanto que fazer, perdiam tempo a cantar

lôas deante do presepe. D. Dorothéa cêdo tomou com Magdalena e Christina

o mesmo caminho.

O conselheiro e Henrique ficaram nas salas com os pequenos, e com elles

entraram em jogos, como se fôssem creanças tambem.

O aspirante a ministro, o deputado, o orador, o homem grave e sério das

salas de Lisboa perdera todo o ar diplomatico: agora era sómente o homem

da familia; pueril, travesso, alegre, folgazão.

--Meu caro,--dissera elle a Henrique no principio da noite--vou

fazer-lhe um pedido. Hoje deve ser banido o menor assumpto politico, a

menor discussão séria. Deixe-se correr frivola a conversa da noite, o

contrario seria uma profanação, que attrahiria sobre nossas cabeças as

justas iras dos anjos domesticos que n'estas noites andam invisiveis

misturados com a familia.

--Apoiado,--respondeu Henrique;--acceito e comprometto-me a cumprir a

proposta.

Henrique possuia em alto grau o talento de se tornar agradavel.

Comprehendendo que eram sinceros os desejos do conselheiro, tão frio e

pueril conseguiu mostrar-se, que todos o tratavam como membro da

familia, e ao proprio conselheiro parecia já impossivel que ainda fôssem

tão recentes as suas relações mais intimas com aquelle rapaz.

--Animo, sr. conselheiro,--dizia-lhe Henrique, no momento em que elles

ambos estavam empenhados a jogar a cabra cega com os pequenos.--Coragem,

que temos gloriosos exemplos a animar-nos; até, entre outros, o do meu

homonymo Henrique IV. É sabido o episodio recordado por uma gravura

celebre.

O conselheiro secundava-o, rindo: graças a estes jogos, a sala estava

dentro em pouco em desordem; os moveis fóra da sua posição, o chão

alastrado de cascas de pinhões, que estalavam sob os passos, os tapetes

desviados, as cortinas soltas.

Já por noite avançada, disse o conselheiro para Henrique:

--Falta-nos ainda um artigo importante do ritual d'estas festas, o

principal. É dirigir uma visita á cozinha. Porque a obra principal

d'esta noite é fazer uma ceia e não comel-a. Por isso convido-o a

acompanhar-me lá.

--Com tanto mais vontade, que estou ha muitos dias compromettido a isso

com as senhoras.

--N'esse caso é tempo.

E ambos tomaram pelo corredor, que conduzia á cozinha.

Escusado parece dizer que turba infantil os seguiu tumultuariamente,

annunciando-os ao longe com risadas e gritos de alegria.

A cozinha do Mosteiro era uma digna cozinha de frades. Occupava um vasto

recinto rectangular, rasgado em amplas janellas e fornecido de bancas

monumentaes, condizendo com a estupenda chaminé, que parecia ainda

saudosa dos odoriferos vapores que outr'ora espalhavam os tachos e as

grelhas monasticas.

Ia indizivel animação na cozinha, quando Henrique ahi entrou com o pae

de Magdalena. Era um barafustar de criadas, um chiar de certãs, um

borbulhar de caçarolas e tachos, um tinir de pratos, um tilintar de

crystaes no meio de uma babel de ordens, de perguntas, de reclamações,

de conselhos, todos attinentes a negocios culinarios. E D. Victoria

ralhava, e a sr.^a de Alvapenha promulgava preceitos, e Maria de Jesus

desdenhava do serviço das collegas, e Magdalena e Christina riam de

todos e de tudo, e Angelo a todos impacientava.

Não se imagina!

A chegada do conselheiro e do seu hospede veio exacerbar a desordem.

Ergueram-se risos e exclamações, as quaes ainda assim eram subjugadas

pelos reparos e censuras de D. Victoria, a qual dizia para o

conselheiro:

--Sempre o mano tem coisas! Olhem agora para o que lhe havia de dar! Vão

lá para dentro, vão. Não venham atrapalhar-nos mais ainda do que

estamos. E o primo Henrique tambem! Ora esta!...

--Não se afflija, mana. Nós não podiamos resignar-nos a ficar alheios á

tarefa principal do dia. E até porque é necessario dar andamento a isto

para chegarmos a tempo da missa do gallo.

--Pois querem ir á missa do gallo?

--Está de vêr que sim.

--Eu tambem vou--disse Christina.

--E eu--acudiu Magdalena.

--Mais um, que irá tambem--disse Henrique.

--E eu, e eu--accrescentaram differentes vozes.

--Ai, minhas encommendas!--suspirou D. Victoria.--Então por que não

disseram isso logo? Agora como ha de ser?

E saiu em direcção á sala da ceia a dispôr as coisas.

É preciso que se diga que D. Victoria vivia na candida illusão de que

era ella quem fazia tudo em casa, emquanto que manda a verdade declarar

que nunca mais regularmente corriam as coisas domesticas do que quanto

dormia esta aliás excellente senhora.

--Mãos á obra, sr. Henrique!--bradou o conselheiro, insistindo na

resolução com que viera.

--Prompto--respondeu Henrique.

--Então? então?... Que vão fazer?--perguntava D. Victoria, afflicta,

voltando á cozinha.

--Querem vêr que preparos?!--dizia D. Dorothéa, sorrindo e olhando com

curiosidade para o que faziam os dois.

--Cumpro uma promessa que fiz a estas senhoras, minha tia--dizia

Henrique, approximando-se da banca, perto da qual trabalhavam Magdalena

e Christina.

--É verdade que sim,--acudiu Magdalena--e eu exijo o cumprimento da

promessa.

--Vamos lá, sr. Henrique,--tornou o conselheiro--acceite-me alguns

preceitos da pratica. A regra é fazer tudo o mais indigesto possivel;

porque essa qualidade é o caracteristico dos manjares d'esta noite.

--N'esse caso, vejo que nasci para cozinhar a ceia do Natal, pois

desafio o melhor estomago do mundo a que subjugue os meus guisados com

os seus succos digestivos.

--Eu já escolhi tarefa--disse o conselheiro, tirando das mãos de

Christina a colhér com que ella mexia o vaso onde se preparava o vinho

quente, esse \_punch\_ nacional, que n'esta noite seria uma falta

imperdoavel se esquecesse no programma d'aquelle banquete.

Christina quiz resistir; mas o conselheiro venceu, e cêdo principiou a

desempenhar-se d'este trabalho, no meio de hilaridade geral.

Angelo dispensou a tia Dorothéa do trabalho da preparação dos mexidos.

Henrique, seguindo o exemplo do conselheiro, e no seguimento do seu

constante proposito, approximou-se da morgadinha, que n'aquelle momento

se occupava a regar de calda de mel umas recentes rabanadas.

--Peço trabalho, prima Magdalena.

--Não ha falta de braços n'esta repartição, primo Henrique. Vá a outra

porta.

--Agrada-me mais esta tarefa, acho-a ao alcance das minhas fôrças.

--Esta? Como se engana! Não sabe que as rabanadas são a essencia da ceia

de Natal? E logo havia de confiar-lh'as?

--Ah! não ligava tanta importancia a estas representantes da pastelaria

primitiva, notaveis porque recordam a infancia da arte! Emquanto a mim,

já no tempo da peregrinação dos hebreus, Moysés lhes ensinava a cozinhar

d'isto.

Magdalena abanou a cabeça em signal de reprehensão.

--Perdôe ás pobres rabanadas o pouco ar de moda que teem. A sua

elegancia é implacavel, primo Henrique. Um indigesto manjar francez

seria de melhor tom, bem sei. Até n'isso!

--Para provar que estou arrependido da minha irreverencia, consinta-me

que a coadjuve, prima.

--Não pode ser; pesa sobre mim uma tremenda responsabilidade.

--Isso equivale a recusar-me o fôro de familia, que tão humildemente

reclamo.

--Justamente--respondeu Magdalena.--Eu sou muito escrupulosa n'isso. Faz

mal em não reclamar esse fôro de Christina, que talvez encontrasse mais

disposta a conceder-lh'o.

--Mas, se me não engano, foi a prima Magdalena que primeiro me conferiu

o apreciavel titulo de parentesco com que nos tratamos.

--O de primos? Esse sim; mas não tem os privilegios, que lhe quer dar.

--Que privilegios são?

--Ah!... o de collaborar n'uma ceia de consoadas, por exemplo.

--Parece-lhe, priminha, que será muito exigir o que eu peço?--perguntou

Henrique a Christina, que principiára a escutal-os.

--Não ouvi--respondeu esta, córando e sorrindo, como sempre que lhe

falava Henrique.

--Escusado é consultar Christina--acudiu a morgadinha--porque em muitas

coisas pensa ella em opposição commigo. E n'isto...

--E n'isto...

--N'isto de attender a requerimentos, é talvez mais condescendente.

--Ao que estou vendo--disse o conselheiro jovialmente--grandes coisas se

tinham passado aqui, antes da minha chegada. Vejo lavrar uma hostilidade

entre Lena e o sr. de Souzellas, que me dá sérias inquietações.

--E eu julgo que não. Ao que ouvi ao Henriquinho, a primeira vez que viu

a nossa Lena no Mosteiro!...--disse D. Dorothéa, com toda a indiscreção

da sua ingenuidade.

Magdalena procurou acudir a tempo á corrente das revelações, a que viu

disposta a boa senhora.

Veio opportunamente em seu auxilio Angelo, que tendo feito uma digressão

pela sala do refeitorio, voltou com a alegre nova de que a ceia estava

na mesa.

O annuncio foi recebido com apparente enthusiasmo. Suspenderam-se

trabalhos, quasi completos, ultimaram-se á pressa outros, e a companhia

dirigiu-se para o corredor.

Pouco depois de Angelo, chegou D. Victoria, desmentindo-o e pretendendo

suster a corrente, que ameaçava invadir a sala, que ella ainda não dera

por prompta. Já não era tempo. O conselheiro, tomando duas creanças ao

collo, rompia a marcha, e atraz d'elle até a pacifica D. Dorothéa

clamava insubordinada que não recuaria um passo.

E falando e rindo assim entraram na sala.

Estava offuscante de luzes, esplendida de louças e baixellas, enfeitada

de flores e de crystaes e ennevoada dos vapores das iguarias.

Houve um grande rumor de cadeiras arrastadas, uma confusão e

incoherencia de ordens de D. Victoria para marcar logares, infracções

d'estas ordens, que a impacientavam, como se com isso pudésse perigar a

ordem natural e social do mundo, e, como justa consequencia, caía sôbre

a cabeça dos criados uma enfiada de recriminações, que elles por habito

já soffriam com exemplar paciencia.

Restabelecida emfim a ordem, procedeu-se á ceia.

Ceia de Natal! abençoado banquete, ao qual todos se devem sentar nas

mesmas disposições de animo em que ordenava Christo estivessem os que

fôssem orar ao templo; ceia com tanto afan cozinhada, e com tão pouca

vontade comida, falem embora contra ti os medicos e os gastronomos

eméritos, condemnando uns a indigestibilidade dos teus cozinhados,

outros o pouco delicado d'elles; reage contra as ideias novas, que veem

da França e da Allemanha; cerra as fornalhas ás iguarias exoticas e

furta-te ás mãos da extranha geração de Vateis, que aspiram a dominar

pelos paladares o espirito nacional.

Modifiquem embora o caracter vernaculo de todas as outras refeições, mas

respeitem esta, consagrada pelas memorias da familia, justificada pelo

facto de que quasi não é feita para ser comida.

Assim succedia com a do Mosteiro. Apesar das instigações do conselheiro,

das instancias de D. Victoria, das garantias de D. Dorothéa sobre a

innocuidade dos guisados, os pratos corriam á roda da mesa quasi

intactos e intactos voltavam á cozinha d'onde sairam.

Mas se se comia pouco--e de facto, á excepção de Henrique, do

conselheiro e das creanças, quasi ninguem parecia haver-se sentado alli

para ceiar--mas, diziamos nós, se se comia pouco, em compensação

falava-se muito.

O conselheiro a todos dirigia a palavra, demonstrando uma iniciativa

efficaz para baralhar e generalisar as conversas e assim conservar

constante a animação. Tudo desafiava risos, o dito de uma creança, a

anecdota contada por Henrique, as distracções de D. Victoria, as

canduras de D. Dorothéa, os paradoxos sustentados pelo conselheiro, as

allusões da morgadinha a Christina, a confusão d'esta, as maliciosas

insinuações de Angelo.

Assim procedeu o repasto nocturno até á altura das saudações e dos

\_toasts\_. N'esta parte, justo é confessar que Henrique e o conselheiro

fôram menos abstinentes. Era difficil resistir á preciosidade dos

vinhos.

Passados os reciprocos brindes entre os parentes, o conselheiro,

voltando-se para Angelo, auctorisou-o a propôr tambem um brinde.

Angelo levantou-se então para brindar Augusto.

O conselheiro secundou-o, levando o copo aos labios.

--Ah! o sr. Augusto--disse Henrique, antes de beber e com certo tom de

ironia.--Conheço; é uma ave rara d'estas immediações, que tem brios de

cavalleiro errante sob umas apparencias de philosopho.

--Brios de cavalleiro?--disse Angelo, com vivacidade.--Inda isso não é

tudo, sr. Henrique; pode accrescentar, e alma de heroe tambem.

--Pois dê-se-lhe tambem alma de heroe, e se fôr preciso até consciencia

de santo. Vá á saude da phenix!

E bebeu.

Depois de pousar o copo, proseguiu com o mesmo tom anterior:

--O que vejo é que é perigoso falar com a mais ligeira irreverencia

d'esta personagem; corre-se o risco de vêr voltar contra o impio, que

tanto ousa, os poderes conspirados do céo e da terra. Bem; prometto

acatar essa preciosidade.

--E creia--disse-lhe o conselheiro--que lhe é merecedor de toda a

consideração. Augusto é um d'estes caracteres excepcionaes que vivem á

sombra de uma modestia impenetravel e á sombra d'ella muitas vezes

morrem. É necessario ter a vista muita exercitada n'estas explorações de

almas modestas, para descobrir uma assim.

--Felizmente para os myopes como eu--proseguiu Henrique--ellas fazem ás

vezes a fineza de se despojarem da sua timidez e de se mostrarem á luz.

Não é verdade, prima Magdalena?

--Que admira;--respondeu Magdalena--bem occulto está o fogo na

pederneira, primo Henrique, mas, percutindo-a, salta a faisca.

--Pobre rapaz;--notou a sr.^a de Alvapenha--aquillo nem parece d'este

tempo. O que eu não sei, primo Manuel, é porque elle se não resolveu a

tomar ordens. Recusar o legado da D. Rosa!

--Não seja isso a dúvida. Elle sabe que, adoptando essa ou outra

qualquer carreira, não lhe faltarão recursos para seguil-a até o fim.

Devo-lhe esse auxilio, assim elle o acceitasse; mas tem um genio

singular aquelle rapaz!

--É uma phenix--insistiu Henrique, ironicamente.--Vejo que não é

susceptivel de discussão, impõe-se á gente como um axioma. Eu tenho

habitos de livre pensador, mas... forçar-me-hei a incluir no meu credo

esse dogma.

--Perdão--replicou Angelo.--Um axioma não se demonstra, e a boa alma de

Augusto está todos os dias a demonstrar-se por acções generosas.

--Por favor!! Dêem como não ditas as minhas palavras! Arrependo-me da

minha irreverencia, e se elle aqui estivesse, principiaria a

penitenciar-me na sua presença.

--E é certo que nos falta aqui Augusto. Como te não lembraste d'elle,

Angelo?

--Não viria. N'esta noite não deixaria o tio Vicente.

--Ah, sim. Esquecia-me d'aquelle pobre Vicente.

--É do herbanario que falam?--perguntou Henrique.

--Justamente.

--Outra phenix; e quer-me parecer que tambem pertence ao numero dos

inviolaveis; não é verdade, prima?

--Pertence ao numero dos infelizes, primo, o que é justo considerar-se

uma especie de inviolabilidade.

A resposta collocou Henrique em mau terreno, e por isso apressou-se a

desviar do ponto principal da questão, dizendo:

--Infeliz? Por que lhe chama infeliz? Os visionarios como elle teem em

si os elementos da propria felicidade, e ninguem possue poder de

perturbar-lh'a. Além de que o herbanario gosa aqui na terra de uma certa

soberania, que deve lisonjeal-o.

--E olha que nem em Lisboa ha talvez quem saiba tanto como elle em

coisas de doenças e de remedios, menino,--disse D. Dorothéa, que era uma

das fervorosas apologistas da sciencia do herbanario.

--É na verdade um homem singular!--disse o conselheiro.--D'antes, na

noite de Natal, e em todas as solemnidades de familia, tinhamol-o tambem

por commensal, que ainda é parente arredado da casa. Ha annos porém deu

em tomar a peito o meu procedimento politico e em prégar-me sermões e

dirigir-me censuras, que eu fazia por escutar com a possivel resignação.

Mas um dia foi mais amargo nas suas recriminações e eu achava-me com

maior susceptibilidade; julgo que lhe respondi com bastante acrimonia, e

o homem saiu de minha casa offendido e protestando não voltar mais a

ella. Procurei-o, escrevi-lhe, tentei demovel-o do seu proposito. Não

houve de quê. Havia-o ferido no seu orgulho, e é intolerante n'estas

condições.

--Sei-o já por experiencia;--disse Henrique--que n'uma unica entrevista

que tive com elle, e que durou minutos, deu-me occasião de lhe conhecer

a irritabilidade.

--Vamos, primo Henrique; talvez possa haver quem supponha que n'essa

entrevista não demonstrou o primo peor do que elle possuir as qualidades

de que o accusa.

--Agora--continuou o conselheiro--vão consideravelmente exacerbar-se os

despeites do herbanario contra mim.

--Porquê?--perguntou Magdalena.

--Porquê?... por causa do traçado que se adoptou para a estrada.

--Então?--disseram simultaneamente Angelo e Magdalena.

--A casa e o quintal do herbanario são os primeiros cortados.

--Não pode ser!--exclamou Magdalena, com evidente expressão de susto.

Angelo dirigiu ao pae um olhar tambem inquieto.

Christina não exprimiu menos apprehensiva tristeza.

--É inevitavel. Os dois primeiros traçados tinham certas durezas. O

primeiro era uma luva lançada a uma influencia eleitoral, poderosissima;

o brazileiro Seabra.

--Ah!--disse Magdalena, com certa amargura na expressão e no olhar.

O conselheiro reparou n'ella e em Angelo, em cuja physionomia se não lia

menos intenso desgosto.

--Estou adivinhando que meus filhos votariam por que antes se arrostasse

com os despeites d'esse influente. A logica do sentimentalismo tem

d'essas exigencias absolutas.

Magdalena respondeu:

--Julguei que era a da consciencia, meu pae.

--A consciencia diz-me que ha interesses superiores ás contemplações com

as singularidades de um velho honrado, mas... meio tonto. Na carreira

politica ceder ao coração é morrer ou ser vencido. O sentimentalismo

exaggerado, Lena, tem o inconveniente de dar tanto vulto ás vezes a um

sacrificio individual, que, para o evitar, não duvida prejudicar maiores

e mais geraes interesses e operar sacrificios mais custosos. É muito

tocante na verdade o amor de um velho pelas suas arvores e pela sua

casa; porém, mais respeitavel é o bem-estar e a conveniencia de uma

localidade.

--E é tão necessario para a felicidade d'esta terra o sacrificio a que

se quer obrigar o herbanario?--perguntou Angelo, e Magdalena secundou

com o olhar a pergunta do irmão.

--Eu te digo, Angelo--respondeu o conselheiro, levemente despeitado.--Eu

tinha a vaidade de me suppôr ainda prestavel para esta gente, que me tem

elegido tantas vezes. Dos nossos patricios, deixem-me dizel-o aqui em

familia, não vejo ainda quem dê garantias de desempenhar o mandato,

muito melhor do que eu. Chamasse eu contra mim a animadversão d'este

povo, e elles, á falta de outros, acceitariam ámanhã qualquer nome

inscripto na carteira do ministro; um homem que nunca tivessem visto, e

que nem soubesse em que ponto da carta estava o circulo de que se

propunha ser representante. Mas perdôa-me, Lena, talvez isto te esteja

parecendo um censuravel excesso de vaidade.

--Não, meu pae, ninguem acredita mais do que eu no muito valor da sua

influencia, mas... Ó meu Deus!... isso vae ser a morte do pobre tio

Vicente! Imagine bem o que é n'aquellas idades e com aquelle genio, a

grandeza do sacrificio que vão exigir d'elle?

--Custa-me ser obrigado a isso; porém...

--Valia mais esperar algum tempo. A vida d'elle não pode ser muito

longa. Deixem-o morrer em paz, á sombra d'aquellas arvores a que elle

quer tanto. Que importa passar mais alguns annos sem uma estrada?

--Poesia!--disse o conselheiro, sorrindo para Henrique, que lhe

correspondeu.

--Perdão!--acudiu Magdalena, córando--é caridade.

--Ora vamos, Lena. Sê razoavel. Todos soffrem no mundo sacrificios

maiores do que esse; eu mesmo, que me não tenho ainda assim por victima

da sorte...

--E não haveria outro meio?--perguntou Angelo.--Acaso ha só esses dois

logares para dirigir a estrada?

--Que antes nunca se fizesse!--exclamou Magdalena, apaixonadamente.

--Ahi temos como o sentimento me torna retrograda a minha Lena. Já clama

contra as estradas como qualquer reaccionario convicto. Havia um outro

traçado, mas esse ia destruir completamente os campos do Brejo.

--Ah! então esse, esse! São bens nossos!--exclamou Magdalena com

vivacidade.

--São bens de Angelo, filha, e por ventura aquelles que um dia mais

valiosos se tornarão para teu irmão.

--Os charcos?--disse Angelo, encolhendo os hombros--ora! Só para viveiro

de rãs.

--Hoje pouco mais são do que isso, e como tal nol-os pagariam agora.

Dentro, porém, de alguns annos, operados alli os trabalhos de esgoto,

que eu projecto, verão em que se transforma aquillo. É exigir a um homem

muita abnegação pretender d'elle que sacrifique assim os elementos da

riqueza futura de seus filhos; quanto mais que as vantagens não seriam

taes que...

--Não pediriamos esmola, meu pae--notou timidamente Angelo.

--Nem o Vicente a pedirá. Visto que estaes tão desprendidos de

interesse, que não hesitaes em fazer-lhe sacrificio dos vossos bens,

podeis ceder-lhe o sufficiente para o compensar da perda.

--Mas quem o compensará dos golpes nos seus affectos?--perguntou

Magdalena.

--Tambem tu! São segredos do coração feminino essas compensações.

Deixo-as á tua disposição.

--Meu pae! meu pae! se é ainda possivel atalhar-se!

--É impossivel.

--Meu tio!--secundou Christina.

--Mano! Primo!--disseram a um tempo as senhoras mais idosas.

--O que posso fazer é ir eu proprio falar com o Vicente, para o mover a

consentir na expropriação amigavel, que farei que lhe seja o mais

vantajosa possivel.

--E tem coração para lhe ir propôr isso?

--Dize antes se tenho coragem para arrostar com as iras do velho, e com

as maldições que já sei vae sacudir sobre mim.

Lena calou-se, suspirando.

--Mas vejam a inevitavel fatalidade que me persegue!--continuou o

conselheiro.--Eu, que tinha feito voto de não me entreter de negocios

publicos esta noite! Ai, Lena, Lena, a culpada és tu!

--Eu?! Eu, que abomino a politica! que só ella podia fazer entrar uma

crueldade no coração de meu pae!

--Ó tio, veja se faz com que a estrada vá por outro sitio!--implorou

meigamente Christina.

--Tambem tu, Christe! tambem tu!

--Pudera, mano! Não, que uma coisa assim! Isso é até uma ingratidão para

com um homem a quem esta aldeia tanto deve--disse D. Victoria.

--Pois não é! E logo um quintal onde cresciam tantas plantas de

virtudes!--accrescentou D. Dorothéa.

--Vá vendo, sr. Henrique, como se conspiram todos contra mim. Veja como

um sentimento insignificante organisa uma opposição.

--É uma lição que estou recebendo, sr. conselheiro.

--Meu pae,--insistiu Magdalena--eu espero ainda que, ouvindo o tio

Vicente, se commoverá e trabalhará por alterar esse fatal plano que

principia por arrancar arvores, mas que, pode estar certo, com ellas

arrancará uma vida.

--Romances! Lena, romances! Os romances, lidos em plena aldeia, são

perigosos. Falta aqui nos ares um certo scepticismo que, não sendo em

dóses exaggeradas, tem a vantagem de não deixar vêr as coisas da vida

através do prisma dos livros de imaginação. Mas basta de falar em

politica. Ámanhã procurarei o herbanario. Espero uma recepção de gêlo, e

vou preparado para uma ladainha de recriminações, mas irei. Nada

esperes, porém, da entrevista, Lena; nem o mal, se mal é, se poderia já

atalhar; nem o orgulho de Vicente lhe permittiria expansões á

sensibilidade, que cheguem a commover-me. Conheço-o.

Magdalena não instou. Ficou, porém, pensativa e sem o menor vestigio da

alegria, com que principiara o serão.

N'isto ouviu-se um toque de sino longinquo.

--Já toca para a missa do gallo! Ouvem?--disse D. Victoria.

--Vamos! Não ha tempo para demoras--exclamou o conselheiro,

levantando-se.

Todos o imitaram, menos Magdalena.

--Não vens, Lena?--perguntou Christina.

--Não.

--São amúos, filha!--disse-lhe o conselheiro, indo por traz d'ella; e,

tomando-lhe a cabeça entre as mãos, beijou-a na fronte.

--Não, meu pae, é uma dôr de cabeça tão violenta!

--A maldita politica é o que faz! Pois fica; fica, porque está fria a

noite.

--Far-te-hei companhia, Lena, disse Christina.

--Não, não. Se insistes, obrigas-me a sair.

--Aviem-se!--dizia D. Dorothéa.--Henriquinho, vens?

Henrique, cujo ardor em ouvir a missa da meia noite esfriou desde que

viu Magdalena ficar, respondeu:

--Ó tia... a falar verdade!... se me dispensassem!...

--Vem d'ahi, preguiçoso! anda!

--É que... para um homem doente...

--Ai, não; se te ha de ás vezes fazer mal, então não--apressou-se a

dizer a precavida senhora.

E foi deferido por unanimidade o requerimento de Henrique, a quem cêdo

depois Torquato foi ensinar. o caminho para o quarto onde devia

pernoitar.

O conselheiro, D. Dorothéa, Christina e Angelo fôram para a missa do

gallo.

D. Victoria, Magdalena e Henrique ficaram no Mosteiro.

XV

Fechando-se no quarto, que lhe deram para pernoitar, Henrique de

Souzellas sentiu poucas disposições de dormir. Uma profunda excitação

impedia-lhe o repouso; em parte era devida ás occorrencias d'aquella

noite, tão fóra dos seus habitos de vida; em parte, digamol-o em

verdade, á influencia dos vinhos, com que secundára os brindes do

conselheiro, e com que elle proprio iniciára outros.

A imaginação, excitada como estava, cada vez, entre outras imagens, lhe

representava mais bella a de Magdalena. A especie de hostilidade

permanente, com que a morgadinha o tratava, ainda mais parecia

seduzil-o.

Nos poucos dias que passára na aldeia, havia Henrique, com novos

habitos, adquirido uma maneira de vêr e de julgar as coisas e as

pessoas, differente da que lhe era habitual na cidade, no circulo de

amigos, com quem convivia; assim foi que abjurou tacitamente, e sem dar

por isso, certo scepticismo convencional, que uma antipathica escola

conseguiu pôr muito na moda.

Graças a estas melhoras moraes, tão verdadeiras n'elle como as physicas,

as quaes até o constante pensamento das doenças lhe haviam dissipado,

pudéra elle considerar Magdalena como uma mulher superior ao typo, pelo

qual a mencionada escola costuma modelar o sexo: e acceitou sem má

prevenção a aberta sinceridade d'aquelle caracter sympathico, que

descrevia com enthusiasmo nas suas cartas a um dos seus mais intimos

amigos de Lisboa.

Taes estados de convalescença são porém sujeitos a recaídas.

N'este dia, vespera de Natal, recebera elle a resposta áquellas cartas,

e sob as impressões com que ficou da leitura, tinha vindo para o

Mosteiro.

O amigo ria-se, com todo o elegante scepticismo de um homem da moda, da

candura e da ingenuidade de Henrique. Dizia-se sinceramente penalisado á

vista dos profundos estragos que alguns dias de provincia tinham operado

n'elle. Via-o disposto a idealisar a mulher, a mais perigosa e mofina

monomania que, dizia o tal, pode transtornar o cerebro de qualquer

homem.

Com aquella ausencia de escrupulos, com que todos os dias caracteres,

aliás não pervertidos, levianamente calumniam ou ferem de suspeitas

reputações de todo o genero, elle fazia irreverentes allusões á

morgadinha e zombava de Henrique, que ainda tomava a sério as isenções

de uma rapariga de vinte e tres annos. Acabava por o aconselhar a que

indagasse de algum primo timido e modesto, ainda que menos ingenuo de

certo do que elle Henrique se estava mostrando.

Esta carta fez mal a Henrique. Exacerbou-lhe a doença, que estava em via

de cura. Um espirito mephistophelico parecia havel-a dictado. Henrique

transportou-se pela imaginação, depois de lel-a, a um dos circulos que

habitualmente frequentava em Lisboa; suppoz-se a fazer alli a narração

da sua vida na aldeia, e parecia-lhe estar vendo os sorrisos com que o

escutariam, e elle proprio construia os epigrammas, com que lhe seria

por certo commentada a narração. E então uma vergonha de má indole,

vergonha do homem que põe um preceito de elegancia acima de um dictame

de moral, fazia-o córar, apesar de a sós comsigo mesmo. Voltava a ler a

carta, que lhe parecia dictada pela experiencia e pelo bom senso,

emquanto que a ingenuidade das suas crenças se lhe figurava ridicula e

desarrazoada.

Quem ha que não tenha tido momentos d'estes? Quem se pode gabar de não

ter perguntado um dia aos seus escrupulos mais nobres se não são meros

preconceitos, que ficaram de uma educação acanhada? Quem não poz um

momento em dúvida as sublimes verdades que a mãe lhe ensinou em creança?

Henrique estava passando por um d'esses accessos de scepticismo.

Magdalena era já para elle uma astuciosa, que muito se deveria ter rido

da sua simplicidade; e tanto o incommodava esta ideia, que promettia a

si proprio ser d'ahi por deante mais arrojado. Esta ordem de reflexões

estavam acudindo outra vez a Henrique e recebiam da excitação, que se

apoderára d'elle aquella noite, uma tenacidade maior. Sentindo a cabeça

em fogo, Henrique levantou-se, apagou a luz, e abrindo a janella do

quarto, saiu á varanda que deitava para a quinta, a respirar o ar livre.

A noite era sem luar e sem nevoas. Descobriam-se muitas estrellas no

céo, que com forte scintillação parecia illuminarem a terra de um tenue

crepusculo, que mal deixava distinguir os objectos.

O ar frio da noite estava produzindo em Henrique um prazer, que elle

procurava prolongar.

Não havia passado muito tempo, depois que assim se encostára á varanda

do quarto, quando lhe attrahiu a attenção certo vulto alvacento, que

furtivamente se movia n'uma das ruas da quinta.

Pareceu-lhe uma figura de mulher.

Justamente n'aquella occasião tinha Henrique na memoria o periodo final

da carta do seu amigo.

Por isso occorreu-lhe uma ideia satanica.

--Ah!... Querem vêr que... A dôr de cabeça subita... A insistencia em

ficar só... Percebo... Um primo timido e modesto...

E murmurando estas palavras, um sorriso maligno encrespava os labios de

Henrique.

--Se eu pudésse averiguar isto... Mas ella corre com uma ligeireza que,

antes que eu ache meio de sair para a quinta... já a levará bem longe.

O meio porém não era difficil de encontrar. Da varanda em que estava

Henrique passava-se com grande facilidade para outra immediata, na qual

havia uma escada de communicação para a quinta.

Reconhecendo esta disposição do terreno, Henrique operou n'um momento a

descida, e pouco depois procurava através da quinta os vestigios da

mulher que tinha perdido de vista.

N'esta operação esforçava-se por combinar com a maxima ligeireza a

possivel precaução, para não ser por causa alguma frustrada a sua

pesquiza.

A quinta do Mosteiro era extensa e cerrada toda em volta por um solido

muro de alvenaria. Aqui e alli abriam-se n'elle differentes portas que

deitavam para os diversos logares da aldeia. N'este vasto recinto havia

pomares, lameiros, vinhedos e hortas, por onde Henrique errava á tôa, já

desanimado de ser bem succedido no empenho.

De repente julgou ouvir, a pouca distancia, o rodar de uma chave na

fechadura. Parou por precaução e ficou-se a escutar. Logo depois ouviu o

bater de uma porta e mais nada.

Então adeantou-se rapidamente; n'um momento deu com a porta, que ainda

se conservava aberta.

Saiu por ella para a rua, mas achou-a deserta.

Dirigiu-se á esquina que d'alli avistava; dobrou-a, mas nada viu; as

ruas eram solitarias, e uma só casa terrea que havia ao lado de um

quintal estava discretamente fechada e silenciosa.

Desistindo de proseguir na infructuosa pesquiza, Henrique voltou para a

porta.

--Esperemos aqui por esta donzella destemida que assim anda de noite a

correr aventuras. Ha de ser curioso observar como ella fica, quando me

encontrar por guarda portão. Veremos se ainda depois d'isto durarão

aquelles ares de soberania, com que me trata. Um primo timido e

modesto!...

E, sorrindo á lembrança da scena que se preparava, Henrique fechou a

porta por dentro, e accendendo um charuto, poz-se a passeiar, aguardando

o regresso da morgadinha.

Para não perdermos muito tempo á espera tambem, aproveital-o-hemos a

inquirir de coisas e de pessoas, cujo conhecimento é util á continuação

da nossa historia.

A pouca distancia do extremo da quinta do Mosteiro e n'um sitio a que a

abundancia de vegetação e a suavidade de perspectiva davam o mais

pittoresco aspecto, estava a casa e o quintal do herbanario, casa e

quintal já condemnados pelos lapis e tira-linhas dos engenheiros e

offerecidos em sacrificio aos melhoramentos municipaes e concelhios.

Acharia justificado o quasi terror, com que Magdalena e Angelo escutaram

a nova d'esta expropriação, quem conhecesse a vivenda rustica do

herbanario e soubesse do amor que elle votava a cada objecto d'ella,

assim como da vida que, havia tantos annos, alli vivia escondido e

obscuro.

Para o quintal, que a abundancia das arvores de espinho fazia sempre

verde, abriam-se as janellas da pequena e humilde saleta, onde o

herbanario se entregava ás suas leituras e lucubrações scientificas.

Logo ao pé da porta se estendiam o jardim, em parte de recreio, pelas

flores que o adornavam, em parte de utilidade, pelas simplices

medicinaes, de virtudes mais ou menos problematicas, que o velho n'elle

cultivava.

Vicente tinha entranhada a paixão vegetal, deixem-me assim chamar-lhe.

Adorava as plantas pelas suas flores, pelos seus fructos e pelos poderes

curativos que lhes attribuia. E como se ellas possuissem a

responsabilidade dos effeitos produzidos, assim lhes queria e as

amimava, quando salutares; assim as aborrecia e maltratava, quando

nocivas. A vida isolada e o genio do velho, que sempre fôra dado a

singularidades, augmentaram estas disposicões, que tinham o que quer que

era de pantheistico; e não era raro surprehenderem-o conversando com

ellas, como se convencido de que o estavam comprehendendo.

A borragem, a salva, a fumaria, a herva terrestre, a herva moura, os

trevos, os geranios, as papoulas, as violetas, tão boa camaradagem lhe

faziam, que nem lhe deixavam sentir a solidão.

O herbanario não tinha pessoa alguma ao seu serviço. Elle proprio

cozinhava e por suas mãos fazia todos os mesteres domesticos.

É pois de imaginar que não seria muito complicado o banquete das

consoadas n'aquella casa, e que devia formar em tudo contraste com o que

á mesma hora se celebrava no Mosteiro.

De feito, quando alli eram mais ruidosas as conversas e mais espontaneos

os risos, dois homens apenas, sentados um defronte do outro, a uma

pequena mesa circular, solemnisavam n'aquella modesta sala o santo

anniversario. Um era o proprietario da casa, o outro Augusto, um dos

poucos que se atrevia a frequentar áquellas horas mortas a habitação do

velho.

Além da mesa, sobre a qual estava uma ceia composta de queijo, maçãs,

nozes, castanhas, duas sopeiras com escabeche, especialidade na

confecção da qual o herbanario era eminente, e uma garrafa de vinho do

Porto de promettedora côr de topazio, consistia o resto da mobilia n'uma

estante de pinho, vergada sob o peso de in-folios de grossas

encadernações e folhas vermelhas nos aparos, em algumas cadeiras e

bancos tambem occupados com livros e com varios utensilios empregados

nas explorações scientificas do velho, taes como caixas de lata,

frascos, martelos, foicinhas, limas, os quaes ainda sobravam para

alastrarem o chão.

Todo o recinto era apenas alumiado por um candieiro de azeite, e a

escassa luz, que dos tres lumes que, em attenção á solemnidade da noite,

o velho accendera, ia reflectir-se no vulto alvacento de um Christo de

marfim pendente de um crucifixo negro, que sobresaía n'aquellas paredes

nuas e caiadas.

Havia bastante tempo que aquelles dois homens, sentados defronte um do

outro, guardavam silencio; um d'esses silencios, durante os quaes os

espiritos, como se impacientes com as longuras da palavra, tendo-se

desembaraçado d'ella, voam a par, para adeantarem caminho e voltarem

mais longe a associarem-se á sua mais lenta companheira.

Augusto, com os olhos fixos na luz que illuminava a scena, parecia

alheio a quanto o rodeava.

O herbanario, sem desviar os olhos d'elle, com o braço estendido para o

calice que tinha defronte de si, e a cabeça inclinada, parecia espiar,

um por um, todos os gestos de Augusto, e estudar n'elles os pensamentos

que o preoccupavam. Emfim rompeu o primeiro o silencio:

--Pobre rapaz! Dize-me para ahi tudo o que tens. Para que te mettes a

esconder de mim aquillo que eu ha tanto te leio nos olhos, creança?

--O quê, tio Vicente?--perguntou Augusto, inquieto.

--O quê?! Ouve, Augusto. Deu-te Deus o engenho, sem te esfriar o

coração: são dons do Céo, que se pagam caro e com lagrimas, rapaz.

Bondade de coração, com a cabeça... assim, assim... a dar esmolas aos

pobres se satisfaz; cabeça de fogo, mas coração de gêlo... todos os

meios de levar ao fim ambições, tanto os bons como os maus, todos lhe

servem; mas coração como o teu, com o espirito que tens!... ai, pobre

Augusto, se se escapa ao infortunio, é por milagroso poder do Senhor.

--Não o entendo, tio Vicente,--disse Augusto, com manifesta confusão.

--Não! Olha para mim. E vê se te atreves a repetil-o.

Augusto baixou a cabeça.

O velho sorriu com ar de commiseração e sympathia.

--Tu ainda não sabes fingir. Vamos lá; e cuidas que me não havia de

custar, se não tivesse acertado?--E, depois de breve pausa,

continuou:--Mas ainda quando penso em como tu, uma cabeça forte, assim

te deixaste enfeitiçar!...--E tomando o calice, que tinha defronte de

si, disse com resolução--Quero beber á tua saude, Augusto, e para que em

breve se te desfaça essa loucura.

Quando ia a levantar o calice aos labios, a mão de Augusto susteve-lhe o

braço.

--Não beba. Loucura embora, deixe-me viver e morrer com ella. Sou feliz

assim.

--Ah!--disse o velho herbanario, tomando um ar mais grave; e pousou o

copo, sem desviar de Augusto o olhar penetrante e fixo.

Augusto, depois de um curto silencio, proseguiu com maior vehemencia e

colorindo-lhe as faces um não costumado rubor:

--Sim. Por que o não hei de confessar? Essa loucura que diz, trago-a

commigo, vivo com ella e quasi que para ella. Quero-lhe assim, e não a

desejaria perder. Amor? não é; a tanto não chega... antes um culto, isso

sim. É uma adoração como aquella, em que de pequenos nos educam para com

a Virgem. Que esperanças tenho? Nenhumas. Nem procuro alimental-as. Quer

que lhe diga? Vêl-a; respirar estes ares que ella respira; atravessar

estas devezas em que ella passeia; amimar as mesmas crenças que ella

amima; soccorrer, com o meu óbulo de pobre, a miseria sobre a qual ella

espalha caridosa as dadivas da sua abençoada opulencia... e, ahi está;

são as minhas aspirações; é o futuro que desejo, e com que me contento.

Leu no meu coração, disse; e ha muito que m'o dá a entender; mas não viu

claro de todo, confesse. Julgou talvez que haveria em volta d'este

sentimento um enxame de esperanças loucas, e d'ellas se ria. D'ellas por

certo foi que se riu; é muito generoso para se rir do mais. Enganou-se,

porém, tio Vicente; vê agora que se enganou, não é verdade? Essas

esperanças não existem. Se existissem, bem vê que não estaria aqui. Não

me teria impellido a ambição pelo caminho de realisal-as? Não se me teem

offerecido os meios para tental-o? Mas, veja, quero-lhe tanto, e tanto

me satisfaz esta felicidade a meu modo, que não arrisco um instante

d'ella para tentar uma ventura maior.

O herbanario escutava silencioso, porém meneando a cabeça com ares de

quem não punha demasiada fé n'aquellas palavras.

--Aos vinte annos!...--disse elle por fim--sentir o que dizes... ser

feliz assim!... Deixa passar mais tempo; deixa tomar corpo á paixão e

verás... verás depois...

--Tem dez annos--disse Augusto, sorrindo.

--Dez annos!

--É verdade. De creança a conheço, a paixão que diz; por isso confio

n'ella. Tenho fé em que se não transviará.

--Dez annos!--repetia o velho, admirado.--Porém... ha dez annos...

--Ha dez annos saí eu d'aqui, tio Vicente. Não se lembra? Era então uma

pobre creança da aldeia, educada entre os braços de minha mãe, e

conhecendo, uma por uma, as arvores d'estes sitios e mais nada. Saí

d'aqui e fui para Lisboa. Não imagina as fortes impressões que recebi na

noite que alli cheguei. Nunca a historia mais maravilhosa de fadas e de

encantamentos que ouvia, quando era pequeno, nunca me feria a imaginação

assim! Tudo era novo para os meus sentidos. O rumor, as luzes, os

palacios, os edificios, os carros produziam-me quasi uma vertigem;

sentia-me vacillar. Achei-me, nem sei bem como, de tão atordoado que ia,

n'uma casa onde estava o conselheiro, e em que se reunia, n'aquella

noite, uma companhia numerosa de homens, de senhoras e de creanças,

muitas da mesma idade que eu, e que formavam uma assembleia á parte. A

sala era magnifica; muitas luzes, muitos espelhos, muitas flores, moveis

dourados, tapetes, quadros, crystaes, e para acabar de me confundir, o

piano, objecto novo para mim, e que eu me não fartava de admirar. Tudo

isto me perturbava, como imagina, e por fôrça me havia de dar uns ares

de estupefacto. O conselheiro recebeu-me com affecto; deu explicações ás

pessoas presentes a respeito da minha vida, e deixou-me entregue ás

creanças. Ahi fiquei eu, bisonho rapaz da aldeia, com a minha jaqueta

mal talhada, o meu olhar timido, os meus modos acanhados, no meio de uma

turba de creanças elegantes, que se me figuravam de uma essencia

superior á minha. As creanças são desapiedadas, quando assim em

companhia. Cêdo percebi que estava sendo o alvo da zombaria d'ellas;

riam ao principio com disfarce e falavam-se ao ouvido, olhando-me de

relance; redobravam as risadas e transmittiam reflexões a meu respeito,

cujo sentido julguei adivinhar. Depois dobrou a ousadia n'ellas,

dirigiram-me ditos, gracejos, cada vez menos disfarçados; formaram

grupos em volta de mim; se eu falava, respondiam-me rindo. Então

apoderou-se de mim um profundo desalento, comprimiu-se-me o coração de

tristeza. Lembrei-me, com saudades, das arvores da minha aldeia, do meu

pobre quarto, de minha mãe; e achei-me alli tão só, tão sem conforto nem

amizades, que as lagrimas me vieram ferventes aos olhos. Ainda hoje não

hesito em dizel-o, foi aquelle um dos mais amargos momentos da minha

vida. Nós, quando adultos, esquecemos facilmente os martyrios da

infancia, quando n'esta idade uma sensibilidade exaggerada tão dolorosos

os faz. Foi então que se deu um facto que, na minha piedosa superstição

de rapaz aldeão, quasi me pareceu de intervenção divina. Abriu-se a

porta e entrou na sala uma creança, que eu não tinha ainda visto. Era

uma menina pallida, de gesto affavel e angelico. Vestia toda de branco.

Entrou e approximou-se do conselheiro, que jogava com uns amigos. O

conselheiro, depois de beijal-a, não sei que lhe disse ao ouvido. Ella

correu então a sala com a vista; viu-me e veio direita a mim.

--Não conhecias já da aldeia, Magdalena?--perguntou o herbanario.

--Não; minha mãe veio para aqui no anno em que, por morte da sua,

Magdalena voltou a Lisboa. A affabilidade, a singeleza desaffectada com

que me falou, causou-me um allivio ineffavel. Ainda hoje sinto como que

os reflexos d'aquella suave impressão. Parecia-me ouvir a voz de minha

mãe; tinha o timbre da sympathia. Encheu-se-me logo de confiança o

coração. Com ella não senti mais aquelle acanhamento que me enleiava.

Depois falava-me de coisas que eu sabia tão bem! Perguntava-me a

respeito dos campos, das arvores, das abelhas, dos ninhos dos passaros,

das flores, dos trabalhos do linho... interrogando-me e escutando-me com

tanta deferencia e attenção, que me inspirava coragem, e julgo que me

estava dando ares de mais importancia junto d'aquelles pequenos senhores

e senhoras que, pouco a pouco, se fôram despojando dos seus desdens e

acabaram por me escutar e interrogar tambem com curiosidade. Já uns me

lançavam os braços ao hombro, outros formavam circulo em volta de mim, e

cêdo fui eu a principal personagem d'aquella noite. Essa creança...

--Era Magdalena; adivinhal-o-hia agora, se já o não soubesse. Não podia

deixar de ser ella--exclamou o herbanario, com um fulgor de sympathia a

illuminar-lhe o olhar.--Era ella; sempre assim foi!

--Era. Esta scena pueril teve uma grande influencia no meu espirito.

Hoje ainda, se penso n'ella, acho-a de uma grande significação moral.

Pois não é mais apreciavel n'uma creança esta prova de superioridade de

caracter, do que nas idades em que muitas vezes a razão e o calculo a

impõem a uma indole naturalmente pouco generosa? Alli era tudo

espontaneidade. Desde então a adoro.

O herbanario parecia não ter já animo para sorrir.

--Agora vejo por que trouxeste da cidade aquella grande tristeza. Tão

novo!

--É verdade. Foi esse o motivo. Magdalena foi sempre para mim affavel;

inclinava-se sobre o livro em que me via estudar, corrigia, sorrindo, os

defeitos da minha educação aldeã, e, se reconhecia progressos no

discipulo, manifestava uma alegria que era para mim o maior incentivo e

o maior premio. Fiz os exames. Quando voltei a casa, Magdalena com certo

ar de gravidade, que aquella creança já então tomava, perguntou-me, no

meio de uma conversa propria de creanças: «E sente-se com genio para ser

padre, Augusto?» Já me não lembro do que lhe respondi. Trouxe porém

commigo aquella pergunta; trouxe-a para a solidão da minha aldeia.

Procurei cerrar os ouvidos á voz interior, que desde então m'a repetia

sempre, até junto da cabeceira de minha mãe, cuja maior aspiração era,

como sabe, vêr-me padre. Mas em vão! foi desde então uma dúvida

constante com que luctava. Com a morte de minha mãe tudo mudou. Pela

primeira vez respondi á interrogação, que havia tanto tempo dirigia a

mim proprio, e consegui por fim responder: «Não». Eis o segredo do meu

passado.

--E por que disseste «Não»?

--Porque vi que toda a minha vida era para a consagrar a um sonho; que o

sonharia no altar, no pulpito e no confessionario; que para toda a parte

me seguiria a imagem, a que eu já não podia renunciar, e a qual então já

não contemplaria sem remorsos, como agora o faço. Foi por isto.

--Só? Não te illudirás a ti mesmo, Augusto? Repara bem, que n'isso pode

ir a tua felicidade! Estás bem certo de que não ha uma esperança dentro

do teu coração?

--Se a tivesse...

Ia a continuar, quando julgou ouvir o rumor de passos na rua. Cêdo

batiam na porta duas leves pancadas, e uma voz dizia de fóra:

--Está acordado ainda, tio Vicente?

O herbanario trocou um olhar com Augusto. A voz era de Magdalena.

Augusto ergueu-se com presteza. O herbanario quiz retêl-o.

--Onde vaes?

--Deixe-me sair. Não poderia vêl-a agora. Não estou preparado com a

minha indifferença.

--Pobre mascara!--N'esse caso sae pelo quintal.

--Tio Vicente!--repetiu Magdalena, de fóra.

--Eu vou, minha ave nocturna; eu vou já. Espera--continuou em voz baixa

para Augusto:--dá-me a tua palavra que não escutarás.

--Dou; mas... promette que nada lhe dirá?

--Eu?!... Louco! Assim te pudésse fazer esquecer, quanto mais... Adeus!

Depois de assegurar-se de que Augusto saira pelo lado do quintal, o

herbanario foi abrir a porta da rua á morgadinha.

XVI

--Ora com Deus venha a minha fada; esta querida Lena, que se não esquece

dos seus amigos velhos... Boas festas me trazes pela noite, filha!

No rosto e nas maneiras de Magdalena havia evidentes indicios de

preoccupação.

--Boas noites, tio Vicente! Pouco me posso demorar; eu venho...

O herbanario conduziu-a para junto da mesa, onde estavam ainda os

signaes de refeição, que havia pouco findára. Vendo os dois talheres, a

morgadinha olhou interrogadamente para Vicente:

--Estava alguem comsigo?

--Esteve Augusto, que ceiou aqui. Porquê? Temos por ahi mais alguns

livros a comprar-lhe?--continuou, sorrindo com benevola malicia.--Tenho

eu mais uma vez de chamar em meu auxilio a fada que, de vez em quando,

me ensina em segredo quaes os livros, que o rapaz mais deseja e de que

eu mal sei dizer os nomes? Hei de ainda ouvir calado agradecimentos, que

não mereço, e que elle mais de coração daria, a quem são de justiça

devidos?

--Não, tio Vicente; não se trata agora d'isso.

--Ai, Lena, Lena, que não sei bem o que devo pensar de todas estas

coisas.

A morgadinha parecia um pouco perturbada com as palavras do herbanario.

--Que ha de pensar? Ha nada mais natural? Angelo foi que me deu o

exemplo. Elle sabia o amor que Augusto tem á leitura. Porém o cofre de

Angelo é pequenino, bem sabe; emquanto que eu chego a nem saber em que

hei de consumir o que me sobra. Por isso foi que me lembrei... porém

como não conviria que eu propria fizesse o presente, nem elle de mim o

acceitaria, é que eu lhe pedi que o fizesse em seu nome. Mas falemos de

outra coisa, porque me não posso demorar. Venho ás occultas e emquanto a

minha gente foi á missa do gallo. Tio Vicente, um objecto muito grave me

obrigou a procural-o a estas horas.

--Ah!--disse o velho, sentando-se em tom de gracejo.--Adivinho a

gravidade do caso. O filhito do boieiro, o teu afilhado predilecto, tem

algum principio de sarampo ou de garrotilho, e vens...

--Não, não. Diga-me, tio Vicente, tem muito amor a esta casa e a este

quintal?

O velho tornou-se immediatamente sério.

--Se lhe tenho amor?! Que pergunta!

--Tem?

--Nasci aqui, filha.

--Custar-lhe-ia a...

--A quê?

--A... a...

E Magdalena hesitava.

--Fala!--insistiu o velho, já inquieto.

--A separar-se d'ella?

O herbanario respondeu simplesmente:

--Ah! morreria.

Magdalena fez um gesto de afflicção.

Em Vicente crescia o desassocego.

--Mas... Dize, Magdalena; o que significam essas palavras?

--É que...

--Explica-te!--exclamou o herbanario, quasi imperiosamente.

--Ouça-me, tio Vicente; ouça-me, mas não se afflija. Eu vim de proposito

para o prevenir. Mas, por amor de Deus, socegue; senão tira-me o animo

de continuar.

--Que socegue, e tu a atormentares-me com essas demoras!

--Perdôe... Fala-se em deitar abaixo estas arvores e esta casa, para...

O herbanario de um impeto poz-se a pé. Fulgurou-lhe nos olhos um

relampago de ira terrivel!

Magdalena calou-se, assustada.

--Deitar abaixo estas arvores e esta casa?! Quem?... Quem se atreve?

Pois que venham! que venham!

Mas reparando no terror que estava causando a Magdalena, procurou

reprimir-se, e com uma voz que elle se esforçava por tornar tranquilla,

continuou:

--Mas vejamos. Então querem, dizes tu... Fala, Lena, fala... Dize o que

sabes. Quem é?... Para que fim? Pois quem pode lembrar-se de... Fala,

bem vês que eu estou socegado, filha.

--Ha um projecto de estrada...

--Ah!--disse Vicente, com um grito de raiva.--Não digas mais. Já

sei--continuou com renascente exaltação.--Já sei. Adivinho o resto. É

teu pae que o determina; é teu pae que o resolveu?

Magdalena abaixou a cabeça com dolorosa expressão.

O furor do velho exaltou-se outra vez.

--Teu pae! Teu pae, Lena! Então esse homem jurou matar-me?

--Tio Vicente!

--Elle não sabe o que são para mim estas arvores e estas paredes? Elle

não sabe que a minha alma está n'ellas, presa a estas raizes? que com

ellas se despedaçará? Esse homem sem coração não vê que são estas as

minhas affeições, as unicas? a minha unica familia? Elle, o companheiro

dos meus primeiros annos! que, como eu, ahi brincou, á sombra d'essas

mesmas arvores e sob os olhares de meu pae, que tambem o abençoava, tão

duro de coração se fez que, sem respeito por estas memorias todas, assim

me quer separar do que me dá vida, do que ainda me prende ao mundo? E é

teu pae este homem, Lena?

--Por quem é, tio Vicente; ouça-me. Deixe-me dizer-lhe ao que vim, que

talvez tudo se remedeie ainda.

--Sim, sim; tudo se remediará... com a minha morte. Talvez que ella seja

util a teu pae... Talvez precise d'ella.

--Oh! não creia, não creia.

--É duas vezes doloroso o golpe; porque me separa do que amo deveras e

por vir da mão de quem vem. Eu era amigo de teu pae, Lena. Acredita que

o era... ainda. Conheci-o tão generoso e tão innocente, como teu irmão

Angelo. Muitas vezes me enthusiasmei ao ouvil-o falar dos seus

projectos. E acreditei n'elle. Tinha então no olhar um fogo, que não

mentia. Vi-o seguir a carreira publica e acompanhei-o com a minha fé.

Não tardaram os primeiros desenganos; não lhes quiz dar credito ao

principio. Vieram outros e outros. Fui vendo então que os maus ares

d'aquella terra tinham embaçado o brilho do caracter, que eu julguei

melhor do que os outros. Mas o peor dos desenganos estava-me reservado

ainda. Para teu pae hoje os homens são medidos pelos votos, que podem

lançar na urna eleitoral!

--Por amor de Deus, tio Vicente, não fale assim! Não duvide de meu

pae!--exclamou Magdalena, a quem cruelmente estavam affligindo as

recriminações amargas do herbanario.--Meu pae estima-o e respeita-o. Não

tem o coração endurecido que diz. Elle mesmo ámanhã aqui ha de vir. Verá

então...

--Elle? Ámanhã?...

--Para isso venho prevenil-o. Não o receba com asperezas, tio Vicente;

fale-lhe com brandura. Talvez o commova, talvez seja ainda possivel

valer a tudo. Ainda não está decidido... Julgo... E que estivesse...

--Ámanhã! Teu pae vem aqui ámanhã? E ousa vir elle proprio annunciar-me

o que sabe que vae ser uma sentença de morte?

--Não; elle ignora o mal que isto lhe causa, creia. Sabendo-o, verá

como...

--Teu pae conhece-me, Magdalena. Teu pae conhece-me, e ha muito. Não

julgues que pode errar, calculando o effeito d'este golpe. Mas que

queres tu? ensinaram-lhe já a avaliar em pouco as venetas de um velho

quasi tonto. Homens que trazem o pensamento em interesses tão altos, não

teem vista para estas pequenas desgraças.

Magdalena sentia-se possuir de uma profunda tristeza, ao ouvir falar o

herbanario. Era uma dolorosa provação para o seu amor de filha vêr assim

uma nuvem de desconfiança offuscar a ideal concepção que ella formára do

pae, e não ter fôrças para a afugentar. Ás vezes uma dúvida cruel

fazia-lhe, a seu pesar, suppôr que o herbanario tinha razão. Agora só

conseguia oppôr um gesto supplicante áquellas acerbas accusações, que

por muito tempo ainda desattenderam esta supplica muda.

A final serenou a violencia da irritação do velho; succedeu-lhe, porém,

uma commoção profunda, dominado por a qual disse a Magdalena:

--Socega, Lena; ámanhã eu receberei teu pae sem a menor aspereza.

Fizeste bem em vir primeiro, filha. Se o não esperasse, talvez não

soubesse conter-me. Agradecido. Uma noite é bastante para me preparar.

Agora vae, deixa-me só; deixa-me... chorar.

E cobrindo o rosto com as mãos, deixou-se cair, soluçando, sobre a mesa,

junto da qual se achava.

Magdalena correu para elle, commovida.

--Então, tio Vicente, então! Socegue! Ámanhã meu pae virá. Fale-lhe, e

eu espero que ainda será tempo de evitar... o mal.

--Pode ser, pode ser...--respondia o velho.--E se não pudér, Deus me

acudirá, para não viver por muito tempo fóra da casa em que nasci.

Magdalena já não tinha que lhe dizer.

--Eu pedirei tambem, e Christina, e todos pediremos, como já pedimos.

Tenho esperança.

--Não, filha, não peças tu. Deixa-me só com teu pae ámanhã. Disseste que

tinhas vindo, sem ninguem saber?--continuou elle.--Olha que te não dêem

pela falta. Vae, que é tempo.

--Mas...

--Vae, filha. Eu estou já tranquillo. Bem vês. Deus te recompense a

bondade que tiveste. Vae. Queres que te acompanhe?

--Não é preciso. Vim pela porta das prezas, que deixei aberta. São dois

passos e estou na quinta. Mas, tio Vicente...

--Vae então; e Deus te abençoe.

E o velho pousou a mão sobre a cabeça de Magdalena, que saiu commovida.

E elle caiu outra vez sobre a mesa, sem reter o pranto que lhe rebentava

dos olhos.

É sombria a saudade n'aquellas idades, porque as esperanças são já muito

debeis para lhe darem luz.

Saindo de casa do herbanario, perturbada ainda pelos sentimentos que

alli a tinham agitado, a morgadinha dirigiu-se á pressa para a porta da

quinta, por onde saira. Ao impellil-a para entrar, a porta resistiu.

Este facto surprehendeu e inquietou um pouco Magdalena. Quem poderia ter

fechado a porta? E se effectivamente estava fechada, tornava-se-lhe

necessario um longo rodeio pela aldeia para chegar a outra, que pudesse

encontrar aberta.

N'esta hesitação impelliu outra vez instinctivamente a porta, que lhe

oppoz a mesma resistencia.

Cêdo, porém, sentiu o rodar da chave na fechadura e viu mover-se

lentamente a porta, e no vão, que augmentava, desenhar-se uma figura de

homem.

Antes que pudésse, através da obscuridade da noite, reconhecer a pessoa,

que assim tão a proposito lhe acudia, deram-lh'a a conhecer estas

palavras:

--Muito boas noites, prima Magdalena. Espero que pelo menos me concederá

licença para exercer, junto de si, as humildes funcções de porteiro.

Era Henrique de Souzellas.

Magdalena não foi superior a um vago sentimento de receio, ao

encontrar-se ahi com o hospede de Alvapenha; comtudo esforçou-se por

dominar-se e respondeu, com apparente presença de espirito:

--Ah! É o primo Henrique. Muito boas noites. Ahi temos um requinte de

galanteria, que eu estava muito longe de esperar.

--E de desejar, não?

--E de desejar tambem; confesso-o. Por mais diligente que seja um

porteiro, nunca o é tanto como uma porta aberta.

--Mas é mais discreto.

--Duvido. Em todo o caso, agradeço o incómmodo.

E, dizendo isto, preparava-se para entrar, sem mais explicações.

--Uma palavra, prima Magdalena--disse Henrique, retendo-a por o braço e

com certa expressão nas palavras e no gesto, que redobrou o sobresalto

da morgadinha.--Não ha mais accommodado terreno para um dialogo solemne

do que o limiar de uma porta. Ordinariamente no limiar das portas o

homem muda de mascara; depõe a que apresenta na sociedade e afivela a

que traz na familia, e vice-versa. Ora n'estas mudanças é facil

surprehender o verdadeiro rosto da pessoa.

--Será tudo o que quizer o limiar de uma porta, primo; menos um logar

muito confortavel para serões n'uma noite de dezembro.

E Magdalena tentou de novo seguir para deante.

Henrique susteve-a outra vez.

--Um momento só, prima Magdalena; tenho necessidade de saber se me quer

para alliado ou para inimigo.

--Não vejo a necessidade da alliança que propõe, nem as razões para a

lucta.

--Sejamos francos. A prima deve confessar que a minha presença aqui foi

um desagradavel contratempo. Uma certa altivez e consciencia de

invulnerabilidade, de que tinha o incómmodo de se revestir, sempre que

tratava commigo, depois d'esta importuna occorrencia terá de se

modificar.

--Não havia dado por essa... \_revestidura\_ que diz; mas, se ella

existiu, far-me-ha o favor de dizer: por que não pode continuar?

--Essa é boa! porque eu faço a justiça á prima de suppôr que não vae tão

longe a sua hypocrisia.

--Hypocrisia!--disse Magdalena, com accento mais severo.

--Perdão; não tive tempo para inventar outro termo mais... brando.

Dissimulação talvez lhe agrade mais. Seja dissimulação. Mas depois do

occorrido...

--Agora exijo eu que se explique, senhor.

--Ora vamos. Seja razoavel. Poder-me-ha dar uma explicação...

edificante... d'esta sua excursão nocturna?

--Obsta apenas a que eu lh'a dê, sr. Henrique de Souzellas, a falta de

uma pequena formalidade: a de lhe reconhecer o direito de interrogar-me.

--Muito bem. Cada vez confirmo mais a minha ideia. A prima é uma mulher

admiravel, uma mulher superior, educada na alta escola de uma sociedade

distincta, sobranceira por isso a pieguices provincianas. Tanto mais me

encanta! E creia que me envergonho só ao lembrar-me do que terá pensado

de mim, vendo-me tomar a sério as suas profissões de fé, tão cheias de

franqueza e de candura. Devo ter-lhe parecido bem ridiculo, não é

verdade?

--Agora é que me está parecendo bem enygmatico!

--Sim? N'esse caso eu me decifro. A prima não ignora que eu a amo.

--Pois ignorava!--atalhou Magdalena, com ironia.

--E sabe de certo, por experiencia do mundo, que para homens como eu, a

indifferenca, a frieza e os desdens redobram o ardor da paixão.

--Sim; já li isso n'um romance.

--A prima tem sido para commigo de uma crueldade revoltante, mas pouco

sincera. Eu resignava-me a soffrer, porque um resto de ingenuidade que

me ficou dos quinze annos, illudia-me na interpretação de taes

resistencias. Tive a puerilidade de a suppôr uma mulher de excepção;

pouco me faltou para a divinisar. Estava reservado para esta memoravel

noite de Natal o desengano.

--Ah! então parece-lhe...

--Que a prima representa admiravelmente o seu papel. Pode gabar-se de

ter illudido um homem habituado ás scenas da comedia social.

Magdalena respondeu, com um tom de voz cheio de severidade e de nobreza:

--Tenho-o estado a escutar, sr. Henrique de Souzellas, sem que eu

propria bem saiba o que me retem aqui: se é a compaixão que me inspira a

profunda doença moral de que o vejo tomado, se a curiosidade de saber a

que tendem todos esses arrazoados. Vejo-o inclinado a imaginar que por

um facto, que a sua pouco delicada indiscreção preparou, eu ficarei de

hoje em deante á mercê da sua generosidade. Conhece-me muito pouco, sr.

Henrique! Ainda quando esse facto não pudésse ter uma explicação

natural, e que me não repugnará declarar quando quizer, saiba que tenho

orgulho de mais para arrostar com tudo, até com a calumnia, de

preferencia a resignar-me ao menor predominio que me seja odioso.

--Bravo!

--Saiba mais, sr. Henrique de Souzellas, que se eu não lhe fizesse a

justiça de acreditar que d'esses seus actos e palavras não é

absolutamente irresponsavel talvez a má influencia da ceia d'esta noite,

bastariam elles para me inspirarem por si e pelo seu caracter o mais

completo desprezo; e então seria, como nunca, manifesta a minha

independencia, porque eu nunca temi os seres que desprezo.

Henrique principiava a ser de novo subjugado pelo tom de severidade e de

energia, com que a morgadinha lhe falava; ainda assim um resto de

scepticismo obrigou-o a replicar:

--Santo Deus! prima Magdalena; não dê um colorido tão pavoroso ás minhas

supposições. Despojal-a de uma crueza deshumana, para a dotar de uma

sensibilidade, verdadeiramente feminil, é uma justiça feita ao seu

coração. E o facto que o acaso me revelou a nada mais me auctorisa. O

pequeno e natural despeito por me haver deixado illudir desvaneceu-se

já, creia; e agora só me resta invejar a sorte de quem tem a

felicidade...

--Basta! Ordeno-lhe que se cale, senhor! Nem mais um instante o

escutarei; poupar-lhe-hei assim os remorsos, que ámanhã teria da sua

infamia...

E animada por uma resolução mais energica, Magdalena caminhou

soberanamente para a porta.

Henrique collocou-se-lhe outra vez deante.

--Um momento mais.

--Deixe-me passar, senhor.

--Não, sem que me ouça antes.

--É uma violencia?

--É uma supplica.

N'este momento saiu da obscuridade da rua fronteira um vulto que avançou

para elles.

--Sr.^a D. Magdalena, se fôr preciso reter o insolente, que se lhe

atravessa no caminho, ponho um braço á sua disposição.

E Augusto, de quem partiram estas palavras, veio collocar-se entre

Henrique e Magdalena.

Ouvindo-o e reconhecendo-o, Henrique estremeceu de cólera. O olhar que

fixou no recem-chegado trahiu a vehemencia da impressão recebida. Depois

succedeu-se-lhe no espirito outra ordem de ideias. Olhou para Magdalena,

em quem não era menor a surpreza causada pela inesperada presença de

Augusto, olhou outra vez para este e soltou uma risada cheia de

malignidade e de ironia, que a ambos fez estremecer.

--Ahi está uma apparição tanto a tempo, prima Magdalena, que aos mais

incredulos infundiria fé na intervenção da Providencia. Que foi sem

dúvida providencial o acaso, que trouxe por aqui, a estas horas mortas,

um tão generoso e intrepido salvador. Não é verdade, prima? O que vale

estar de bem com Deus!

Estas palavras mostraram a Augusto que a sua intervenção, ainda que

generosa e devida a um espontaneo impulso da alma, não fôra porventura

das mais convenientes.

--Senhor!--exclamou elle, indignado, dando um passo para Henrique.

--Socegue--tornou este, com dobrado sarcasmo.--O senhor é um perfeito

heroe de romance; enthusiasta, cavalheiresco, mas, em certas occasiões,

incómmodo de candura, por isso mesmo. Se soubesse o transtorno que veio

causar a um bello dialogo que eu sustentava aqui com a sr.^a D.

Magdalena! Não vê como a deixou embaraçada? Perdeu com a sua vinda o fio

da comedia, que desempenhava com perfeita sciencia de actriz. As almas

ingenuas e generosas, como a sua, sr. Augusto, são ás vezes de uma

impertinencia! Vamos, sr.^a D. Magdalena; não descoroçôe. Assim exgotou

todos os recursos da sua imaginação? Vamos, introduza mais este elemento

de apparição de um heroe no enredo, e organise a comedia com o superior

talento que tem! Eu por mim acceito todos os papeis que me distribuir.

Augusto ia responder, quando Magdalena o atalhou, dizendo com voz firme:

--Perdão; vejo n'esta noite em todos uma notavel disposição para

usurparem direitos, que não possuem! O sr. Henrique, o de me interrogar;

o sr. Augusto o de me defender. A um repetirei o que já ha pouco lhe

disse; se algum dia tiver necessidade de explicar as minhas acções,

fal-o-hei deante de outros juizes, em quem reconheça o direito de o

serem. Ao outro peço licença para lhe lembrar que, se o titulo de

hospede e de parente não fôsse bastante para me assegurar da parte do

sr. Henrique de Souzellas os respeitos que me são devidos, tinha ainda

na minha familia defensores legitimos e não seria por isso obrigada a

recorrer á protecção de um estranho. Meus senhores...

E, inclinando-se senhorilmente, a morgadinha passou por entre elles e

entrou para a quinta, sem que nenhum a procurasse reter.

--Se esta senhora acceitasse a sua protecção e eu teimasse n'aquillo que

chamou a minha insolencia, qual seria, pouco mais ou menos, o seu

procedimento? Poder-se-ha saber?--perguntou Henrique, logo que a

morgadinha desappareceu.

Augusto, em quem a fria altivez da resposta d'ella deixára o desespero

no coração, respondeu acerbamente:

--Procuraria ensinal-o a ser cortez. Bem vê que não me esqueço

facilmente do meu programma de mestre-escola.

--Vejo; é a segunda tentativa de lição que lhe mereço. Permitte-me que

ámanhã o procure para dar principio a um curso de educação mais regular?

Augusto respondeu, sorrindo:

--É um cartel em fórma? Não sei se estarei ensaiado para essa comedia.

--Se o genero tragico lhe agrada mais, dar-se-lhe-ha esse sabor.

--Bem ouviu que se me negou o direito de tomar partido por esta causa.

Qualquer scena d'essas entre nós seria pouco delicada... ámanhã.

--Pois bem, contemporisemos; e até lá é de esperar que algum motivo

occorra que a explique melhor... aos olhos dos outros.

--Como queira; a minha porta não se fecha a quem me procura.

E separaram-se depois de se cortejarem.

--Se me não engano--dizia comsigo Henrique, em caminho do quarto--é um

verdadeiro desafio o que eu acabo de dirigir a este rapaz. Quer-me

parecer que estou sendo bem ridiculo, desafiando um mestre-escola. Se

lhe deixo a escolha das armas, decide-se pela férula. Tem graça! Veremos

o que ámanhã, á luz do dia, eu penso d'isto tudo. Eu já não fico por mim

esta noite. Estou a querer convencer-me de que tenho andado

estouvadamente e com não demasiado cavalheirismo. Que diabo! É que esta

mulher e este creancelho são irritantes. Ella com a sua altivez, elle

com os seus brios. Mas, na verdade, será este o Endymião d'esta esquiva

Diana? Caprichos feminis... É o tal primo ingenuo e timido... A

ociosidade da aldeia para alguma coisa ha de dar. Mas da maneira por que

ella lhe falou... Havia certo tom de sinceridade... Astucias... O que é

certo é que estou em lucta com uma mulher superior... Pois luctemos,

priminha, mas com armas leaes. Não me prevalecerei do segredo que o

acaso me revelou, se segredo existe... Veremos como ella ámanhã me

trata...

Esta scena deixou em Augusto uma perturbação de espirito mais profunda.

As operações mentaes, que o preoccuparam toda a noite, eram d'aquellas a

que repugna chamar pensar. É mais uma febre intellectual, um succeder de

imagens sem ordem nem filiação, que não conduz a nenhum resultado, que

não aconselha nenhum partido, que não esclarece, offusca.

Como se explica esta differença entre os dois? Por um apparente

parodoxo; porque Augusto tinha mais habitos de reflectir. Quando n'uma

vida de episodios uniformes e apparentemente vulgares, o espirito exerce

demasiado a analyse, habitua-se a estudar factos que para outros passam

por insignificantes, e descobre-lhes faces novas e desconhecidas.

Costumado assim a ligar valor a tudo, quando succede que no decurso da

vida se lhe depara um facto de maior vulto, a confusão do primeiro

momento é inevitavel. Assim como a balança de precisão, apropriada para

oscillar com pesos tenuissimos, não é a que pode servir para os grandes

pesos, tambem a intelligencia costumada a pesar subtis accidentes, de

que se compõe o drama habitual da vida, não é a que de subito pode

avaliar algum mais complexo e importante.

A resolução n'estes espiritos, depois de formada, é mais tenaz; mas,

emquanto se não fórma, vae n'elles um tumulto de ideias, que se não

podem analysar.

Não analysemos, pois, as de Augusto.

Magdalena não socegou emquanto não viu Henrique voltar ao quarto, pelo

mesmo caminho por que saíra.

--Que resultará d'isto?--pensava ella.--Que fará elle ámanhã?... É

preciso não me acobardar, ou estou vencida... Mas que se passaria depois

que os deixei?... Veremos ámanhã.

No meio d'esta serie de pensamentos, Magdalena sorriu.

É que lhe occorrera então este pensamento:

--Dizem que nós, as mulheres, temos filtros subtis para nos tornar

amadas. Pois será mais difficil fazer-se aborrecida? Como o conseguirei?

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

XXIII

ROMANCE

III

A MORGADINHA DOS CANNAVIAES

Vol. II

CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL

LARGO BORDALO PINHEIRO, 27 E 28

TELEPHONE 2337

JULIO DINIZ

A MORGADINHA DOS CANNAVIAES

(CHRONICA DA ALDEIA)

DECIMA-SETIMA EDIÇÃO

LISBOA

J. RODRIGUES & C.^a, EDITORES

186--Rua Aurea--188

\_1920\_

A MORGADINHA DOS CANNAVIAES

XVII

Não havia mentido a grande scintillação das estrellas na noite de Natal.

A manhã do dia seguinte correspondeu ao augurio meteorologico, rompendo

pura, desennevoada, com um céo azul sem manchas, e um sol de fundir os

gêlos dos montes e os gêlos da velhice.

O frio intenso convidava a sair, e desde pela manhã aldeões de ambos os

sexos, de camisas lavadas e roupas domingueiras, atravessavam os campos,

saltavam sebes e cancellos, desembocavam das azinhagas e quelhas na

direcção da igreja matriz, onde se deviam celebrar as festas da

Natividade.

Era dia santo entre os que mais o são; e os dias santos na aldeia teem

uma feição solemne e festiva, que mal avaliamos nós, os que passamos a

vida nos apertados horizontes das cidades, phantasiando o campo por meia

duzia de pardaes, que chilram ruidosamente nas cópas das enfezadas

arvores das nossas praças e jardins.

Desde que a moda estabeleceu a lei de não solemnisar o domingo nem o dia

santo, com um vestuario mais asseiado, com um prato mais exquisito na

lista do jantar, com uma diversão excepcional, que todos deram em

vestir-se, comer e trabalhar n'esses dias, exactamente como em todos os

da semana, perderam nas cidades os dias do Senhor a feição typica e

interessante, que por muito tempo tiveram; e quem hoje bem os quizer

apreciar tem de ir n'um sabbado pernoitar ao campo, para amanhecer no

domingo ao som do sino, que chama para a missa matinal.

Dirá então se não parece que até o sol tem outra luz e que as arvores e

as plantas se toucaram de flores novas, que guardam de reserva para os

dias de festa.

Este particular aspecto do domingo estava-o logo pela manhã sentindo

Henrique de Souzellas, encostado á varanda do quarto em que pernoitára,

e emquanto esperava que o chamassem para o almoço.

De vez em quando a recordação das scenas nocturnas da vespera

desviava-lhe para outra ordem de reflexões o pensamento; acudiam-lhe

todos aquelles incidentes á memoria, mas vagos e confusos, como se

tivessem sido sonhados; chegava quasi a duvidar da realidade d'elles.

Agora estava experimentando certa curiosidade e tambem receio de saber

como seria recebido pela morgadinha, e que posição deveria tomar na

presença d'ella.

Formava a este respeito varias conjecturas, sem se fixar em nenhuma.

D'estas cogitações veio por fim arrancal-o o toque da campainha

annunciando o almoço.

--Vamos,--disse Henrique--preparemo-nos para o primeiro embate. Apuremos

a vista para n'um relance julgar do estado das coisas, e por elle

regular o meu plano de tactica.

E depois de uma rapida consulta ao toucador, desceu para a sala do

almoço.

Já alli encontrou reunida toda a familia do Mosteiro, e a morgadinha

presidindo á mesa e preparando o chá.

Todos saudaram Henrique, e a um tempo se informaram da maneira por que

elle tinha passado a noite.

Henrique respondeu que a tinha dormido deliciosamente; e, falando,

desviava o olhar para Magdalena, que o encontrou do modo mais natural,

sem timidez nem audacia.

Seguiram-se os cumprimentos em particular, chegando portanto a vez de

cumprimentar Magdalena.

--Bons dias, prima Magdalena,--disse Henrique, estendendo a mão e

fixando-a com olhar investigador.

Magdalena respondeu-lhe ao cumprimento, com sorriso que nada tinha de

affectado nem de constrangido:

--Bons dias, primo Henrique. Devem-lhe parecer horrorosos estes nossos

habitos matinaes. Foi uma indiscreção mandar tocar a campainha.

Esqueci-me de prevenir que respeitassem a indolencia cidadã.

--Eu é que não consentia:--disse o conselheiro--na aldeia como na

aldeia. Em Lisboa tambem as minhas alvoradas são mais tardias.

--Tem razão, sr. conselheiro. Eu proprio não esperei que me acordasse o

toque da sineta. Ha muito que eu namorava a manhã da janella do meu

quarto.

--Eu não pude dormir toda a santa noite--disse D. Dorothéa.--Estranhei a

cama e a casa. Eu cá sou assim, quem me tira do meu ninho!...

--Ó prima, não vá sem resposta--disse D. Victoria--que tambem eu não puz

olho, e mais sou de casa. E por signal que sempre hei de querer saber

quem foi o criado que lhe deu para andar toda a noite por a quinta. Eram

que horas e eu ainda ouvia pés nas escadas de pedra. É verdade; o primo

Henrique não ouviu? Era mesmo junto do seu quarto.

--Não, minha senhora; eu não senti rumor.

E dizendo isto, Henrique procurou os olhares da morgadinha, que

justamente n'aquella occasião lhe servia uma chavena de chá, e que de

novo o fixou sem perturbação nem affectada indifferença.

Henrique sentiu-se embaraçado com isto. Custava um pouco á sua vaidade

este nenhum vestigio de resentimento ou de receio, que encontrava em

Magdalena.

No entretanto D. Victoria continuava a commentar com D. Dorothéa o facto

das passadas que ouvira de noite.

--Deixe-se d'isso, prima. É porque não sabe o que vae. São coisas

d'estes criados. Não faz ideia! É uma pouca vergonha! É preciso

paciencia de santa para os aturar.

--Angelo,--disse a morgadinha ao irmão--entretido como estás a conversar

com as creanças, esqueces-te de servir a Christe, que tambem se esquece

de se fazer lembrar. Que distracções por aqui vão!

Angelo reparou para a prima, que em todo aquelle tempo estivera calada e

caida em uma d'aquellas abstracções, a que ultimamente era sujeita.

--Eu não sei que tem hoje esta Christe--disse Angelo.--Julgo que lhe fez

mal o frio na noite de hontem.

--É verdade, até está falta de côr! Ora queira Deus que não seja coisa

de cuidado. Dóe-te alguma coisa, menina?--perguntou D. Victoria,

apprehensiva.

--Não, mamã--respondeu Christina.

--Ó meninas, vocês tambem são umas desacauteladas. Eu bem te dizia

hontem, Christe, que levasses mais roupa. Tudo é não faz mal, tudo é não

tem dúvida, e depois é que vem o queixarem-se.

Isto disse a senhora de Alvapenha e muitas coisas mais n'este sentido.

Estas reflexões fizeram Henrique desviar os olhos para a pessoa que era

objecto d'ellas.

Christina estava effectivamnte pallida e pensativa; e d'esta côr e

d'esta expressão recebia uns ares de poesia melancolica, que a tornava

mais graciosa.

Henrique notou pela primeira vez a belleza d'esta creança, em que mal

fixára a attenção até alli, e pela primeira vez se demorou a observal-a

com alguma insistencia.

--É interessante esta pequenita--pensava elle comsigo.

Christina ia a levantar os olhos para responder a D. Dorothéa, quando

encontrou os de Henrique a fital-a. Assomou-lhe então ás faces um mal

pronunciado rubor, a palavra resolveu-se n'um sorriso e os olhos

baixaram-se de novo.

--Ha de ser adoravel esta mulher--pensou d'esta vez Henrique, vendo-a

sob novo aspecto.

O conselheiro disse, sorrindo:

--Ora, que estão a dizer? A Christe até está com umas côres muito

bonitas. Triste? Melancolias dos dezoito annos nunca me deram cuidados.

Provavelmente está agora n'algum episodio sentimental no romance da sua

imaginação. Não sondemos aquelles mysterios, mana. Já não é para nós

comprehendel-os, prima Dorothéa.

Todos riam do dito do conselheiro, o que redobrou o enleio de Christina.

A morgadinha, a quem não passára despercebida a impressão, que a prima

d'está vez parecia ter causado a Henrique, quiz aproveitar o ensejo que

havia tanto procurava, e para isso propoz que se désse uma volta pela

aldeia antes da missa do dia. Esperava ella que as attenções de

Henrique, durante o passeio, seriam para Christina, se não decorresse o

tempo preciso para que se dissipasse no espirito do voluvel rapaz a

impressão que o dominava.

A manhã convidava á excursão campestre. A proposta da morgadinha foi

acolhida com applauso. O conselheiro prometteu acompanhal-os até á casa

do herbanario, a quem tinha de visitar aquella manhã.

Levantaram-se todos da mesa, e á excepção de D. Victoria e D. Dorothéa,

todos saíram.

A morgadinha, sob não sei que pretexto, deixou-se ficar um pouco atraz

para dar tempo a Henrique de offerecer o braço a Christina, o que

effectivamente aconteceu.

--Bem,--disse Magdalena comsigo ao vêl-os--agora que os anjos bons de um

e de outro se convençam da obra meritoria que fazem entendendo-se.

E, approximando-se do pae, Magdalena apoiou-se-lhe no braço.

Angelo ia com as creanças adeante.

Approximemo-nos nós de Henrique e de Christina, para vêr se os anjos

bons d'elles ambos accederam ao convite de Magdalena.

--Não ha prazer que se compare ao de um passeio assim pelos campos,

n'uma manhã como a de hoje, e em companhia tão amavel--dizia Henrique,

procurando aquilatar o espirito da sua \_partner\_, n'um certame de

galanteria, fóra do qual não concebia que se pudesse temperar uma

paixão.

Pobre rapariga! Que eloquentes e apaixonadas respostas lhe estava

porventura ditando a alma! mas o enleio da timidez fechava-lhe os

labios, não lhe deixando formulal-as; apenas pôde responder:

--Está muito agradavel a manhã, está; nem parece de inverno!

--Pelo que vejo, não gosta do inverno? É natural em uma senhora isso.

Faltam-lhe as flores e as aves, suas irmãs. Eu prefiro o inverno, porque

prepara a vida intima, as scenas ao canto do fogão, as leituras em

commum, e traz-me á ideia as imagens de um viver a que a phantasia de

todos sorri; de todos os que teem um resto de coração; refiro-me ás

imagens de uma familia.

Não ha quem sustente mais tremendas luctas do que os timidos. A alma

revolta-se n'elles, com toda a violencia dos seus instinctos, contra não

sei que mysterio de temperamento, que lhes reprime as expansões. Na

apparencia é fraqueza e serenidade, mas no intimo ha esforços

realisados, que os fortes nem concebem sequer.

Christina encobria no seu enleio uma d'estas luctas. Os labios só

puderam responder:

--Na cidade o inverno é mais facil de passar, julgo eu; porém na

aldeia...

--Na aldeia e em toda a parte se pode gosar a felicidade que eu imagino.

Não é fóra das portas de casa que devemos procurar os elementos para

instituir a nossa ventura, e por isso... Mas a prima ha de estar

admirada de ouvir falar assim um homem que completou os seus vinte e

sete annos sem familia. Não é verdade?

Christina só pôde sorrir:

--Mas que quer? Quem muito idealisa arrisca-se a morrer apaixonado do

ideal e abraçado á peor das realidades. É a consequencia legitima e

triste do aspirar demasiado. Até hoje tenho encontrado na vida mulheres

formosas, amaveis, interessantes; porém nenhuma que satisfizesse ás

necessidades do meu coração, de quem me affirmasse a consciencia poder

esperar a realisação do meu sonho. Perdôe-me falar-lhe n'isto, priminha;

é uma ousadia que tomei, porque um instincto me disse que possue no

coração bastante bondade para m'a perdoar.

--Está a gracejar?--disse Christina, em quem redobrava a turbação, e

que, ao mesmo tempo que estava sendo feliz, desejava vêr interrompida a

sua felicidade: contradicções proprias dos timidos.

--A prima é muito moça--continuou Henrique, que não desesperava ainda de

animar esta Galatheia--e talvez por isso lhe causará estranheza este meu

modo de falar. Um dia virá, porém, em que o comprehenderá melhor. Se

então encontrar um desconfortado como eu, peço-lhe que tenha

misericordia d'elle e o salve do desalento, em attenção a quem a

conheceu n'uma época, em que só podia vêr em si, priminha, a aurora de

uma esperança que já não tinha de luzir para elle.

--Mas... salval-o!... como salval-o!...

--Como as mulheres salvam; amando.

--Bem digo eu que está a gracejar--balbuciou Christina, com voz trémula.

--Tem o defeito da innocencia--disse Henrique para si.--Não se lhe tira

uma resposta de geito.

N'isto chegaram defronte da porta, por onde Magdalena tinha saído da

quinta na noite passada.

--Agora deixo-os por aqui--disse o conselheiro--irei encontral-os á

igreja. Vou arrostar com a fera silvestre ao proprio covil.

--Meu pae, lembre-se do que lhe recommendei--disse Magdalena.

--Socega, filha; serei de cera. Até logo.

--Até logo.

E o conselheiro tomou a direcção da casa do herbanario.

--Era tempo!--disse Henrique comsigo.--A minha eloquencia arrefecia na

proximidade d'este gêlo.

A morgadinha havia quasi adivinhado tudo; estudando as physionomias de

Christina e de Henrique, conheceu que se não haviam entendido.

--Ainda não!--murmurou ella.--Pobre Christe! como se deve estar odiando

a si mesma! Como ha de esta creança vencer este obstinado? Mas não perco

ainda as esperanças.

Henrique, na presença d'estes sitios, recordou-se da scena da vespera e

tentou outra vez experimentar Magdalena.

--Esta porta é da quinta do Mosteiro, não é, prima?

--É--respondeu Magdalena, imperturbavel; e voltando-se para Angelo:--O

que te faz lembrar esta porta, Angelo?--perguntou ella.

--Que muitas vezes por aqui saímos, eu e vós ambas já de noite, e sem a

tia saber, para irmos ter com o tio Vicente, que voltava da caça das

borboletas.

--Fica perto a casa d'elle?--perguntou Henrique.

--É alli, logo ao dobrar d'aquella esquina--respondeu Angelo.

Henrique pensava:

--Seria para provocar uma explicação que ella fez a pergunta? Esta

mulher é admiravel! Não lhe sei resistir.

E já lhe não restavam vestigios da impressão causada por Christina.

--Este herbanario--continuou elle em voz alta--deve, pelos seus habitos

excentricos e até pelo solitario do sitio em que vive, ter aqui na terra

certa famazinha de feiticeiro.

--E tem,--affirmou Magdalena--mas de feiticeiro bem intencionado.

--Devem correr muitas fabulas a respeito d'elle, do seu viver.

--É certo que poucos se atrevem a passar aqui de noite, apesar de todo o

bem que elle faz de dia.

--Ah! Então temem-se de passar aqui de noite!... Pobre homem!... O que

lhe valerá é algum espirito forte que ainda por ahi haja, na aldeia. Que

diz, prima Magdalena? haverá?

Antes que a morgadinha respondesse, Angelo disse:

--Á excepção de Augusto, que ahi vem quasi todas as noites, ninguem mais

o visita.

--Ah!... O sr. Augusto vem ahi quasi todas as noites?!

Magdalena luctava para reprimir a impaciencia.

--Lá me parecia que havia de existir algum de coragem. Para tanto não

chegava o seu animo não, prima?

--Tanto chega, que já muita vez alli tenho ido só, e a altas

horas--respondeu Magdalena com a maior firmeza.

--Sim?! E não tem mêdo?

--De quê? De almas do outro mundo? não tenho crença para tanto. De

malfeitores? não os ha aqui. N'esta terra todos me respeitam, nem com

uma suspeita me offendem--disse a morgadinha, accentuando com expressão

as ultimas palavras.

Henrique acudiu immediatamente:

--Longe de mim duvidal-o.

E calaram-se por muito tempo.

Pela sua parte proseguia o conselheiro no caminho para casa do

herbanario. Cruzou-se com varios homens, mulheres e creanças de aspecto

doentio e soffredor, que voltavam de consultar o velho a respeito dos

seus males; eram mancos, ictericos, escrofulosos, creanças de aspecto

rachitico e enfezado, os mais melancolicos exemplares do infortunio

humano.

--São os peregrinos que veem de Meca--disse comsigo o conselheiro.--Pelo

que vejo a clientela do meu velho amigo herbanario mantem-se fiel, como

d'antes. Valha-nos Deus, que o meu severo censor não trata com muito

respeito o codigo.

Entrou emfim a porta do quintal.

Poucos passos andados encontrou-se com o Zé P'reira, que vinha virando e

revirando nas mãos um papel e monologando, segundo o costume:

--Ora! ora! ora!... Estragar o vinho de nosso Senhor com esta

mexerofada! Isso até era um peccado. N'essa não caio eu!

O conselheiro interrogou-o sobre as causas d'aquelle aranzel.

O homem, depois de cortejar, respondeu mostrando uma receita que lhe

dera o herbanario no virtuoso intento de lhe fazer aborrecer o vinho,

causa dos seus males. A receita era extrahida da \_Polyantheia\_, e tinha

por ingredientes uma cabeça e sangue de carneiro, cabellos de homem e

figado de enguia; mas o doente ia pouco disposto a experimentar-lhe a

efficacia.

Depois de se separar do Zé P'reira, o conselheiro seguiu por uma rua de

limoeiros, e como homem a quem era familiar a topographia do quintal.

Cêdo chegou á vista do herbanario, que dera audiencia \_sub tegmine

fagi\_.

Estava sentado á borda de um tanque, a que uma d'essas arvores dava

sombra.

O conselheiro saiu emfim de traz dos limoeiros e veio ter com elle.

Ao rumor dos passos, Vicente voltou a cabeça, e, depois de reconhecer

quem era, retomou a sua primeira posição e ficou silencioso.

--Bons dias, Vicente--disse o conselheiro com familiariedade e parando

defronte d'elle.

--Bons dias, Manoel--respondeu o herbanario, deixando-se ficar sentado.

--Saía agora d'aqui um homem, que julgo será rebelde a toda a tua

medicina. Padece de mal que se não cura.

--Os vicios são enfermidades mais rebeldes do que os achaques do corpo,

são.

--Já que tu não appareces no Mosteiro, como d'antes, para solemnisar

comnosco as festas do Natal, vim eu vêr-te.

--Obrigado.

--A tua misanthropia vae-se azedando, Vicente--continuou o conselheiro,

sentando-se á beira do tanque.--Cada vez te estás a sequestrar mais dos

homens, cada vez mais os aborreces.

--Eu não aborreço os homens, enganas-te. Não os aborrece quem passa a

vida a procurar os meios de alliviar os padecimentos dos seus

semelhantes. Estou velho, isso sim; e, como velho, encontro já no mundo

pouca gente com quem me entenda. As ideias do meu tempo passaram. Por

isso deixo-me ficar em casa a pensar n'elle.

--És um homem singular; um verdadeiro philosopho. Ora dize-me: e em que

cogitas tu, quando assim passas uma manhã inteira, sentado n'esse banco,

com os joelhos ao sol, os braços cruzados, e os olhos no chão?

--No passado. Pois não t'o disse já? O domingo reservo-o eu para me

recordar. Ahi está que ha pouco, quando aqui me vim sentar, ao ouvir os

repiques na igreja, lembrei-me de que era, dia de Natal, e o meu

pensamento voltou quarenta annos atraz a um dia igual ao de hoje.

Lembras-te d'elle, Manoel?

--Do dia de Natal de ha quarenta annos? Não.

--Lembro-me eu. Faz hoje mesmo quarenta e dois annos que, mais cêdo do

que estas horas, vieste ter commigo aqui a casa. Tinhas pouco mais ou

menos a idade que hoje tem teu filho Angelo. Meu pae saíra; julgámos nós

ambos boa a occasião de levar a cabo um projecto que havia muito tempo

traziamos na cabeça. Crescia a um canto do muro, além, á beira do poço,

uma pequena faia que alli não podia durar muito tempo; meu pae todos os

dias a ameaçava com a enxada e a custo a tinhamos defendido. Resolvemos

transplantal-a. Deitámos mãos á obra essa manhã, e, no fim de alguns

segundos, estava a faia mudada. Trouxemol-a para onde a deixassem em paz

os hortelões, e para junto da agua que ella já tinha procurado. Conheces

a arvore hoje?

--Não--disse o conselheiro, olhando em roda, como á procura de algum

pequeno arbusto.

--Olha que ha quarenta annos; a planta é hoje arvore. É esta a que me

encosto.

O conselheiro levantou então os olhos para os ramos vigorosos da arvore,

como se lhe parecesse impossivel ter sido removida para alli por suas

mãos.

--É singular como os annos correm, e as arvores crescem depressa--disse

elle, distrahidamente.

--Depois da nossa tarefa, sentámo-nos--proseguiu o herbanario.--Tu

ficaste, exactamente como estás agora, á beira d'este tanque. Então,

lembra-me bem; olhando para os ramos tenros d'este arbusto, que ainda

não sabiamos se viveria, tu disseste: «Fizemos uma obra que durará mais

do que nós.» E eu respondi: «Quem sabe? O machado vem, quando menos se

espera.»

--Como te lembras bem d'essas coisas!--disse o conselheiro, sorrindo

constrangidamente, porque não agourava bem do exordio que abrira a

entrevista.

--Ai, eu tenho boa memoria!

Houve um momento de silencio, que Vicente interrompeu subitamente,

dizendo:

--Mas a final o que te trouxe hoje aqui?

O conselheiro respondeu com resolução:

--Vêr-te, como disse, e ao mesmo tempo falar-te de um objecto grave.

--Sim? E commigo é que vens tratar os objectos graves?

--Por que não? sempre foste homem de bom conselho.

--Nem sempre, Manoel, ou nem sempre pensaste assim.

--Não poderás dizer que deixasse alguma vez de te respeitar. Os nossos

genios differem, os nossos diversos habitos da vida ensinaram-nos a

pensar diversamente a respeito de muitas coisas. D'ahi procedem

divergencias naturaes, que comtudo nos não obrigam a deixar de nos

estimarmos, julgo eu.

--Bem, então dizias tu que vinhas?...

--Trata-se de um negocio de muita importancia, Vicente.

--Dize.

--Responde-me primeiro: tens ainda animo para sacrificios?

--Pouco tenho que sacrificar.

--Tens, e é um sacrificio doloroso.

--Acaba.

--Trata-se de te desapossar d'esta casa e d'este quintal, para abrir por

aqui a estrada em projecto.

O herbanario, contra a expectativa do conselheiro, acolheu sem surpreza

estas palavras, e respondeu, com certa ironia:

--E para que me vens consultar? Posso eu oppôr-me a isso? Avisas-me para

eu me arredar a tempo da sombra d'estas arvores, mais velhas do que eu,

a fim de que não me esmaguem ao caírem decepadas? És generoso, Manoel,

em teres ainda em conta a vida de um homem inutil.

--Ahi estás já com as tuas recriminações. Acredita que eu...

--Não mintas, Manoel, não mintas. Ias dizer que não tinhas tomado parte

n'este projecto. Tem coragem e lealdade, homem, e dize tudo. Entre

mortificares o coração de um velho e pobre amigo e offenderes os

interesses de algum rico e poderoso influente, tomaste o primeiro

partido; e, como os differentes habitos de vida te ensinaram em muitas

coisas, como dizes, a pensar differente de mim, não déste a isso o nome

de ingratidão.

--Ouve.

--Sê franco, que eu te ouvirei.

--Pois bem, serei franco. Sim, confesso-t'o; era indispensavel que esta

estrada se fizesse. Bem o sabes. Estava n'isso empenhada a minha palavra

e a minha honra. Ha muito que os meus adversarios me fazem guerra por

causa d'ella. Trabalhei e consegui, apesar d'esta situação politica me

ser contraria. Tres traçados se offereciam. Um sacrificava uma grande

parte dos bens de meus filhos, de Angelo que não é muito rico, que está

no principio da existencia e que só Deus sabe se no decurso d'ella não

teria occasião de maldizer a imprevidencia de quem devera olhar por os

seus interesses. Querias que o sacrificasse? Sabes que os Brejos,

vendidos hoje, nada valiam; e que dentro em pouco tempo,

convenientemente trabalhados, podem ser de um valor importante. Querias

que o fizesse? ou não me desculpas por o não ter feito?

--Fizeste bem--respondeu o herbanario.

--O outro traçado cortava os bens do brazileiro Seabra. Conheces este

homem? Um elemento que, nas mãos de quem lhe saiba lisonjear e conduzir

a vaidade, pode ser de utilidade para esta terra; mas tambem uma cabeça

que, entregue a si, não faz coisa de geito. O homem oppunha-se

formalmente a esse traçado; se o não attendesse, declarava-se, por

despeito, no campo contrario ao meu. Se vencia (e algumas armas tem para

luctar), imagina a calamidade que seria para este circulo o confiar

áquellas mãos os seus destinos; vencido, era perder a esperança de tirar

dos bem fornecidos cofres, que o homem possue, alguma coisa mais util do

que um sino para a igreja ou vestimentas novas para as imagens dos

altares. Eu ando a catequisar o homem, para vêr se consigo d'elle uma

casa para escolas, melhor do que esse albergue que ahi temos, e um

estabecimento sericicola; se o desattendesse, lá iam as esperanças

d'estes melhoramentos tão uteis, e que o mais que nos poderão custar é

um diploma de visconde ou uma commenda. Sei que te não agradam estes

meios, porém olha que em politica são dos mais innocentes que podem

empregar-se. Já vês pois que o segundo traçado tinha desvantagens para o

circulo, por cujo interesse me empenho devéras; podes crel-o. Resta pois

o terceiro traçado que, lealmente o confesso, não era o melhor, nem

scientifica nem economicamente considerado; eu sabia de mais o que valia

para o teu coração o sacrificio que se te vinha exigir; eu mesmo possuo

memorias ligadas a estas arvores, e não ha homem que, aos cincoenta

annos, veja sem repugnancia desapparecerem os vestigios dos seus tempos

de infancia e de juventude; mas sabia tambem que tu eras uma alma

generosa e heroica, e que não duvidarias comprar, á custa das tuas dores

e saudades, um melhoramento para esta terra, que tanto amas. Esta

estrada, promettida ha tanto, e concedida ainda agora de má vontade,

corre risco de se não fazer, se, quanto antes, não principiarem os

trabalhos; a menor opposição dos proprietarios, o menor embargo

dilatorio, podem ser motivo para o seu adiamento, porventura indefinido.

Por isso tambem me animei, porque contava comtigo, Vicente. Enganei-me?

O herbanario estava cada vez mais pensativo.

--Pensaste bem. A velhice é assim; e eu queria dar mais importancia a

dois annos de vida que me restam, do que á vida nova que vae haver para

esta terra. Fizeste bem.

--Esperava ouvir isso mesmo de ti, Vicente. Além de que, dissipa as

apprehensões com que estás; em toda a parte terás arvores...

O herbanario interrompeu-o:

--Se não entendes o amor que eu tenho a estas, não faças por

consolar-me, Manoel, porque me affliges mais.

--Porém deixa-me dizer-te, Vicente, que no Mosteiro, ou em qualquer das

nossas propriedades, tens sempre um logar vago á tua espera, tanto á

mesa, como ao canto do fogão, e amigos que te receberão com prazer.

--Não receio ficar sem abrigo, Manoel. Em cada choupana de pobre teria

tecto e pão. Conto com a colheita de algum bem que semeei.

--Eu farei com que o contracto da expropriação seja o mais favoravel

possivel. Vejamos, em quanto avalias...

--Não falemos n'isso. A avaliar por o que eu lhe quero, ninguem m'o

pagaria; a não attender a isso, tudo será pagal-o bem.

--Mas...

--Não falemos n'isso, homem. Tenho medo de que estas arvores me ouçam

propôr o preço por que as vendo. Se alguma coisa posso pedir-te,

então...

--Tudo. Dize em que te posso servir.

--Peco-te que decidas a pretenção d'aquelle pobre rapaz, de Augusto; que

te lembres um dia de que aqui na aldeia ha um homem, que tem vinte

annos, um coração e uma cabeça como tu sabes, e que de ti e dos teus, da

gente que dá e vende graças, honras e empregos, só quer um favor... mais

uma justiça: lembra-te d'isso.

--Falas do despacho effectivo para professor? É uma coisa facilima; mais

que elle queira... E antes elle quizesse mais; esse rapaz perde por

modesto. Acredita, ás vezes é mais facil servir os ambiciosos. Nem eu

sei o que tem empatado esse negocio. É certo que ha um competidor, por

quem alguem trabalha; mas não importa; conta com isso, como negocio

concluido.

--Emquanto não vir...

--Hoje mesmo escrevo para Lisboa. É só isso que pedes? Vê lá.

--E que me deixes agora só.

--E não me ficas querendo mal, Vicente?

--Não. Estou a acreditar que tiveste razão, ou pelo menos que suppões

que a tens. Basta-me isso para te perdoar.

--Vêr-te-hei no Mosteiro antes de partir? Depois do dia de Reis volto a

Lisboa, e só tornarei para a campanha eleitoral.

--Não prometto.

--Adeus.

O conselheiro estendeu a mão ao herbanario, que não retirou a sua, e

partiu.

--Está feito!--ia pensando o conselheiro á saída--não foi tão difficil

como julgava. Está razoavel o homem. Quem o viu e quem o vê! O que faz a

idade! Bem! Agora é apressar os trabalhos para antes das eleições, a vêr

se acalmam algum fermentosito de opposicão, que por ahi possa haver, que

pequeno será.

N'estas cogitações chegou á igreja. Magdalena esperava-o no adro.

--Então?--perguntou ella, com anciedade.

--Tudo está remediado; entendemo-nos perfeitamente--respondeu o

conselheiro, com manifesta satisfação.

--Devéras! Eu logo vi que o pae havia de ceder!--exclamou Magdalena, com

alegria.

--Como ceder?--tornou o pae.--Elle é que foi mais condescendente do que

eu esperava. Não oppôz a menor resistencia, nem se queixou muito

amargamente.

--Pois consentiu?!

--Sem grande custo, ao que parecia.

--Ó meu Deus! meu Deus! agora é que eu temo devéras. Pobre tio Vicente!

assusta-me isso que diz, meu pae!

--Ora vamos; a tua imaginação é que te illude. Mas deixa-me aqui falar

com o morgado das Perdizes e com o brazileiro, que julgo que teem que me

dizer. Vae para a igreja, que eu vou já ter comvosco.

E separando-se da filha, o conselheiro dirigiu-se ao grupo, em que

estavam aquellas duas notabilidades.

--Dou-lhes uma boa nova, meus senhores--disse o conselheiro, depois de

cumprimental-os--dentro em pouco temos os alviões a trabalhar cá na

terra. Estive agora com o Vicente; receei resistencias da parte do

homem, que nos obrigassem a expropriações judiciaes, sempre demoradas.

Mas não, achei-o nas melhores disposições; e assim, dentro em poucos

dias...

--Mas, para deante da casa d'elle, talvez os outros proprietarios não

sejam tão doceis--lembrou o brazileiro.

--Bem sabe que são terras insignificantes, cujos possuidores com pouco

se contentam.

--Os antigos possuidores talvez se contentassem com pouco--disse o

brazileiro, sorrindo velhacamente--mas os modernos...

--Pois mudaram de senhorio?

--Por contracto de venda assignado e legalisado hontem mesmo.

--E quem os comprou?

--Este seu criado.

O conselheiro teve vontade de o esganar; conteve-se, porém, dizendo:

--Tanto melhor; quero-me antes com proprietarios illustrados e

independentes, que comprehendam a importancia dos melhoramentos

publicos, do que...

--Isso historias, meu caro amigo; em primeiro logar estão os

melhoramentos particulares. Eh, eh, eh.

--De certo que não ha de querer pôr estorvos a uma empreza como esta.

--Estorvos, não, mas emfim... Amigos, amigos, negocios á parte.

O conselheiro sorriu, emquanto que interiormente mandava ao diabo o

espirito mercantil e interesseiro do seu antigo condiscipulo.

--Pode-me dar duas palavras, sr. conselheiro?--requereu do lado o sr.

Joãozinho das Perdizes.

--Mil que pretenda--acudiu o conselheiro; e tomando o braço do morgado

afastou-se do grupo.

--Eu tenho a pedir-lhe um favor--principiou o morgado.-- Eu, como sabe,

interesso-me muito pelo mestre-escola do Chão do Pereiro, que quer vir

ensinar para aqui. Este negocio está empatado, como sabe; por isso

queria que o senhor escrevesse para Lisboa a este respeito.

--Pois sim, mas...--fez-lhe notar o conselheiro--não sabe que é Augusto

o outro concorrente?

--Então que tem isso?

--Não lhe parece que seria uma injustiça? Um rapaz de merecimento, como

elle é, aqui da terra, que já exerce o emprego ha tres annos e com tanta

intelligencia? e haviamos de...

--É verdade,--atalhou o outro--pois isso é verdade, mas... Emfim, elle

que passe para outra parte.

--Mas se o rapaz quer isto?

--Quer! quer!... tambem o outro quer. Ora essa é fresca. E vamos, sr.

conselheiro, a gente tambem não ha de estar só a fazer favores, sem os

receber quando os pede. Com este já são tres. Pedi-lhe para o meu tio

abbade ser conego; foi tanto conego como eu. Pedi umas caudelarias lá

para a freguezia... estou á espera d'ellas... Ora isto não se faz. O

senhor sabe que eu lhe tenho vencido as eleições com a gente da minha

freguezia, que vae para onde eu a levo. Pois agora não sei o que será. A

não se decidir este negocio depressa...

--Ora não será isso motivo para tanto.

--Com certeza que é--insistiu o sr. Joãozinho.--Então digo-lhe mais: a

mim já me falaram. Ha ahi alguem que não desgostaria dos votos de que eu

disponho, e votar pelos que já estão no poleiro não sei se lhe diga que

não é peor.

O conselheiro, mortificado como estava, disse, sorrindo:

--Não posso convencer-me de que o meu amigo seja capaz de fazer isso por

qualquer causa que possa dar-se. Mas deixe estar que, em relação ao que

me diz, eu verei.

--Mau! Não é «eu verei». Então falo-lhe claro. Se d'aqui até ás eleições

não estiver feito o despacho, não conte commigo.

--Mas quem lhe diz que não ha de estar?

--Pois lá isso...

--Socegue. Hoje mesmo escrevo para Lisboa.

--Bem.

O sino tocava a chamar para a festa.

Terminou o dialogo.

--O peor--ia pensando o conselheiro--o peor é que prometti ao Vicente

que apressaria o despacho de Augusto. Não tem dúvida; é tão magra a

posta, que não vale a pena disputal-a. Para Augusto arranjarei alguma

coisa melhor. É preciso ter ambição por elle. Se elle quizesse ir para

Lisboa?... Mas, pelo que me disse este basbaque, já se maquina no campo

contrario! Hei de sondar o Tapadas, a vêr o que sabe.

Estas conferencias com o brazileiro e com o morgado tinham mortificado o

pae de Magdalena a ponto de não conter um movimento de impaciencia,

assim que viu que o Pertunhas se approximava d'elle, e, á fôrça de

cortezias e cumprimentos, lhe pedia um momento de attenção.

Sabidas as contas, tratava-se do tal emprego de recebedor, que o

latinista com tanto ardor namorava.

O conselheiro descarregou sobre este pouco influente eleitor o mau humor

que os outros lhe causaram, e respondeu desabridamente:

--Ora adeus! O senhor é uma sanguesuga que se não farta de chupar.

Contente-se com o que tem; vá conjugando o \_laudo, laudas\_, que outros,

com mais merecimentos, nem isso conseguem; e deixe-me.

O mestre Pertunhas ouviu com humilde sorriso a admoestação, e curvou-se

para deixar passar o conselheiro.

Mas lá comsigo dizia:

--Sim? Elle é isso?! Pois veremos se a sanguesuga te não pica.

E entrou tambem para a igreja, com não muito christãs disposições de

espirito.

XVIII

Do dia de Natal ao dia de Reis passou o tempo para o conselheiro em

visitas ás freguezias e aos influentes d'aquelle circulo eleitoral,

visitas a que o acompanhava Henrique de Souzellas, que tomava parte, com

gôsto, n'estas excursões politicas.

Em casa do sr. Joãozinho das Perdizes, na freguezia de Pinchões,

passaram elles um dia. Nos solares do morgado tudo era desordem e

desmazelo; a cada passo se tropeçava n'um podengo ou se trilhava a cauda

a um perdigueiro. Henrique sustentou uma verdadeira lucta com o

proprietario, para esquivar-se a engulir todas as enormes dóses de carne

de porco e de vinho, com que elle, á viva fôrça, o queria regalar.

No quarto em que os hospedes pernoitaram estavam amontoados no meio do

chão uns poucos de alqueires de milho e de castanhas, e aos pés dos

leitos dormiram enroscados dois galgos, que elles não conseguiram

desalojar, e que toda a noite os incommodaram com latidos ao menor rumor

que escutavam fóra.

Henrique lamentou a influencia eleitoral do morgado das Perdizes, que o

obrigava a esta noitada.

Outro dia jantaram em casa do brazileiro, que lhes mostrou toda a sua

propriedade, tendo Henrique de obrigar a sua eloquencia a esgotar-se em

affectadas exclamações, deante dos prodigios de mau gôsto reunidos alli.

As estatuas de louça, os alegretes de azulejo, os arcos feitos de cana,

por onde se entrelaçavam magras trepadeiras; um pequeno modelo de

fragata brazileira com tripulação de altura dos cestos de gavia,

fluctuando n'um tanque circular; uma gruta estucada de azul e com

assentos de palhinha, para onde vinha ler as folhas o sr. Seabra, eram

as principaes maravilhas do jardim. Nas salas mobilia rica, mas vulgar;

lithographias coloridas em custosas molduras douradas; bordados,

diplomas de socio de não sei quantas sociedades brazileiras; tudo

encaixilhado, e no logar de honra a estampa das capellas do Bom Jesus de

Braga. Á impertinencia de admirar estas preciosidades accrescia a de

ouvir e de ter de achar graça a um papagaio que cantava o hymno

brazileiro.

Henrique saíu de lá exhausto de paciencia.

Com estas visitas politicas, passou, como dissemos, todo o periodo das

festas do Natal, sem que entre as personagens da nossa historia

occorresse coisa que mereça nota.

Entre Magdalena e Henrique mantinha-se a mesma lucta moral; nem um nem

outro recordavam declaradamente a scena nocturna, em que tão acerbas

palavras se haviam trocado. Augusto não voltára ao Mosteiro desde então.

Era tempo de férias para as creanças, o que fazia natural esta ausencia,

contra a qual Angelo em vão protestava. Magdalena nunca porém alludia a

ella. Christina passava o tempo, querendo-se mal por a sua timidez, e de

quando em quando amuando de ciumes com Magdalena, que ria d'elles e os

dissipava com uma palavra.

Chegou emfim o dia de Reis, aquelle em que devia realisar-se no pateo do

Mosteiro o auto que, havia muito, mestre Pertunhas andava ensaiando.

Henrique e D. Dorothéa vieram jantar ao Mosteiro, e ficaram para

assistir á solemnidade popular.

Já por vezes temos ouvido falar n'este auto, que promettia ser coisa

memoranda nos annaes dos festejos publicos da terra. Havia mezes que o

sr. Pertunhas esgotava os thesouros da sua sciencia dramatica a

ensaial-o, e vimos com antecipação andar Ermelinda decorando a parte da

Fama, que lhe competia desempenhar.

Estes autos e entremezes, que nas aldeias se representam, são como os

restos grosseiros que da nossa arte primitiva a varredura estrangeira

deixou ficar pelo chão.

Não obstante as extravagancias e as modelações toscas e risiveis de

muitos, é certo que nos mostram que a Euterpe rustica tem conservado

mais fiel a indole peninsular, do que sua irmã, a civilisada musa das

cidades, a cujo paladar já sabem mal as popularissimas redondilhas, tão

apreciadas ainda na Hespanha.

Em occasiões de festa levanta-se em qualquer terreiro ou pateo de quinta

um tablado; veem adornal-o as mais vistosas colchas de chita, das quaes

tambem se formam os bastidores; alugam-se nos depositos mais modestos da

cidade ou villa proxima vestidos de reis, de principes e de guerreiros,

em que se combinam os elementos de épocas e de nacionalidades

disparatadas, e perante uma plateia rustica, ao ar livre, como no

theatro antigo, desfiam-se em cantada choradeira as sentimentaes

peripecias da vida de qualquer santo, ou, entre gargalhadas, os

episodios comicos do algum enredo popular.

A circumstancia de ser o auto d'esta vez desempenhado no pateo do

Mosteiro, e que fôra em parte por deferencia ao deputado do circulo, em

parte por conveniencia dos emprezarios, pela apropriação do terreno a

todos os effeitos, e pela ajuda de custo, que sempre em taes casos

recebiam de s. ex.^a, essa circumstancia, dizemos, augmentava o numero

de espectadores.

Das janellas do Mosteiro gosava-se, como de um camarote de frente, do

espectaculo popular.

O terreiro era destinado para o povo, em grande parte attrahido tambem

pela pipa de vinho, que o conselheiro n'estes dias mandava pôr á

disposição dos seus representados.

Desde a vespera havia grande agitação e azafama no pateo do Mosteiro. Os

artifices levantavam o tablado scenico; pregavam e despregavam taboas;

serravam barrotes; os directores, e á frente d'elles o infatigavel e

imaginoso Pertunhas, davam ordens contradictorias; e os curiosos

estacionavam em magotes, difficultando tudo, censurando o que viam

fazer, e aventando alvitres absurdos.

Herodes, o pae de Ermelinda, andava em brazas. Approximava-se a hora dos

seus triumphos. O genio dramatico palpitava n'elle, cheio de, vida e de

enthusiasmo.

Ia mais uma vez pousar nos hombros o manto da realeza judaica; brandir a

espada infanticida, carregar aquelles sobrecenhos com que fazia chorar

as creanças e estremecer as mães; ia resuscitar Herodes, o déspota

legendario.

Trabalhando e suando, resmoneava os versos do seu papel de tyranno e

insensivelmente fazia gestos e esgares promettedores de effeitos

scenicos futuros.

Os seus collegas eram menos ardentes pela arte. O Herodes olhava-os com

a sobranceria de um Talma, e muitas vezes lamentava sinceramente a

ausencia de vocações dramaticas que auxiliassem a d'elle.

E não sorriam os leitores a esta velleidade artistica do recoveiro; alli

havia fundamentos para ella. O Cancella era o minerio de um tragico,

deixem-me assim dizer. No meio de uma escoria de rusticidade continha

abafado mineral de lei.

Tivessem sido outras as contingencias da sua vida, vêl-o-hiam porventura

arrebatar plateias inteiras com as revelações do genio, que ás vezes

n'um grito, n'um sorriso, n'um gesto se manifesta; mas ainda assim

inculto, não mentia n'elle o verdadeiro enthusiasmo, o sentimento da

arte que lhe afogueava as faces e os olhos, e lhe animava o gesto no

calor do desempenho; não mentia aquella embriaguez que lhe causavam os

applausos da multidão. Não ha verdadeiro genio artistico, que se não

namore do publico, embora o saiba caprichoso, inconstante e ingrato. O

homem, indifferente aos applausos das turbas, nunca será poeta nem

artista de verdadeira inspiração. O amor vivo da gloria adeantou a meio

caminho os emprehendedores d'esta nova conquista de vellocino.

Ermelinda, essa tremia com a commoção de artista novel, á lembrança do

espectaculo, em que pela primeira vez ia entrar.

As senhoras do Mosteiro, ou antes Magdalena e Christina, tinham querido

encarregar-se da \_toilette\_ da Fama.

Logo de manhã fôra pois a pequena Linda para o Mosteiro, e passava das

mãos de Magdalena para as de Christina e das d'esta para as d'aquella, e

sempre com recato preciso para que ninguem mais lhe puzesse os olhos,

pois que pretendiam reservar para a occasião a surpreza toda. Contra a

curiosidade de Angelo é que mais tiveram que luctar.

Logo depois da uma hora da tarde começou a povoar-se o pateo de

espectadores e, os actores a reunirem-se na parte do tablado, occulto

por as colchas de chita aos olhares da multidão.

Principiava a ensaiar os instrumentos o pessoal da philarmonica,

dirigida por mestre Pertunhas, cuja trompa celebre servia tambem de

batuta.

Chiava já o clarinete, assobiava o flautim, roncava o figle, uivava a

flauta, e todos promettiam aos ouvidos a mais inharmonica das torturas.

Mestre Pertunhas, distribuidas as partituras, e vendo todos a postos,

deu o signal de principiar.

Um, dois, tres; um, dois--dizia ou fazia elle com os olhos e com os

movimentos da cabeça e pés, porque a bôca, essa já estava applicada á

embocadura da trompa. O segundo «tres» era o tempo fatal. Os musicos,

porém, ou por distrahidos, ou por a commoção propria dos actos solemnes,

não corresponderam ao signal, e a nota furiosa, extrahida da trompa do

mestre Pertunhas, achou-se só no espaço, e fugiu envergonhada a

esconder-se na concavidade dos montes vizinhos, deixando na passagem os

ouvidos quasi em sangue.

Este successo foi saudado com uma gargalhada geral, que redobrou quando

as notas dos outros instrumentos, vendo partir desacompanhada a nota

chefe e reconhecendo a falta, saíram alvoroçadas atraz d'ella, cada uma

por sua vez. Foi uma debandada musical de indescriptivel effeito.

O auditorio, o sempre implacavel auditorio popular, apupava. Henrique e

o conselheiro riam, os actores do auto espreitavam detraz da cortina a

vêr o que era aquillo. Mestre Pertunhas barafustava por entre os da

banda, berrando, ralhando, cheio de cólera e de razão.

Uma symphonia com quatro mezes de ensaios! A falar a verdade!

Ordenadas as coisas, rompeu emfim a symphonia.

Os typos dos artistas, marcialmente uniformisados com fardas que fôram

de um corpo de infanteria, eram para tentar o lapis de um Cham ou

Gavarni. Alli um gordo e rubicundo merceeiro, que ameaçava estalar todas

as costuras da farda, primitivamente feita para um individuo de metade

das dimensões d'elle, com as faces insufladas, a testa contrahida e os

olhos injectados para extrahir de um obsoleto serpentão, que embocava

com arreganho assustador, as mais destemperadas notas; acolá um flautim,

de braços compridos e tibias esquinadas, com meio braço fóra das mangas,

com meia perna de fóra das calças, figura em que havia não sei o que de

onomatopaico, tão bem se casava com os silvos, horripilantemente agudos,

que arrancava do exiguo instrumento. O artista pratilheiro era um velho

recurvado, de nariz adunco, faces escavadas, olhos de coruja, suissas em

tufos no meio das faces, e oculos na ponta do nariz. Um zarolha evacuava

os pulmões dentro de um figle; um corcovado e semi-anão repicava os

ferrinhos com uma prodigalidade assustadora; as baquetas da caixa

estavam confiadas ás mãos callosas de um moço de lavoura, de rêpas

hirsutas a cobrir-lhe a testa, olhos esbogalhados e labio pendente. E,

no meio d'estas e analogas figuras, a alma de tudo, o sr. Pertunhas,

torcendo-se, batendo com o pé, suando, arregalando os olhos,

piscando-os, marcando o compasso com a cabeça armada de enorme trompa,

que lhe dava então não sei que apparencias de proboscidiano.

Tal era a philarmonica da terra, que Henrique, o conselheiro e toda a

familia do Mosteiro escutavam das janellas, e á qual tiveram de

dispensar elogios, que o regente acceitou com a modestia de artista que

se conhece. Henrique foi quem mais sublimes esforços fez para soffrer

com paciencia aquellas torturas acusticas. Elle que nem á orchestra de

S. Carlos perdoava uma desafinacão, obrigado a escutar com um sorriso

aquella banda pandemonica!

--Coragem! coragem!--murmurava-lhe o conselheiro, impassivel como

perfeito politico.--Nas occasiões é que os homens se conhecem! Coragem.

--É em extremo forte a provação!--respondia-lhe, gemendo, Henrique.

--Firmeza; que a pallidez do susto nos não atraiçoe--continuava aquelle.

Isto obrigava Henrique a nova lucta; d'esta vez para manter a seriedade.

A final calou-se a banda, sem que se pudesse dizer o que tinha querido

tocar. Succedeu-lhe um intervallo de silencio. Passou pela assembleia o

estremecimento que precede as occasiões solemnes. Os olhares de tantos

espectadores fixavam-se na coberta de chita que já se via ondular.

Ouviu-se um surdo rumor, significativo de anciedade, como se fôra a

resultante do palpitar de tantos corações.

Appareceu emfim a primeira personagem do auto. Era o Herodes.

A alta e membruda figura do pae de Ermelinda, com os seus hombros

largos, as faces injectadas, o olhar faiscante, os cabellos e barbas

negros e espessos, o andar grave e pesado, sob o qual gemiam as

juncturas do tablado, o timbre volumoso de voz e certo arreganho

selvatico, com que falava e gesticulava, imprimia na multidão um quasi

pavor, que nem o conhecimento intimo que tinha do homem conseguia

dissipar.

Herodes trazia manto real e turbante musulmano, borzeguins vermelhos,

corpete de velludilho azul, calções golpeados. Pendia-lhe á cinta um

alfange e uma pistola; ao peito algumas condecorações.

Apparencia geral, a dos prophetas nas procissões.

O auto rompe com um monologo de Herodes.

O tyranno da Judéa, sobresaltado e meditabundo, faz considerações

substanciosas sobre a condição dos reis em geral e a sua em particular.

Principia elle assim:

Não ha vida mais inquieta,

Nem mais cheia de cuidados,

Do que a de um rei que pretende

Conservar os seus estados.

O Cancella dizia isto em tom pausado, com os braços cruzados, medindo o

palco a passos largos.

Continuavam varias proposições de physiologia do throno, e, do caso

generico baixando ao particular, da these á hypothese, principia a falar

de si. Cancella, conhecedor dos segredos da arte, começava aqui a dar

mais vida á recitação, como para mostrar o maior empenho que tomava a

alma n'este capitulo da especialidade. Referia-se aos annuncios da vinda

do Messias, e inquietava-se; a maré das paixões subia; a voz

traduzia-lhe o crescimento. Depois seguia-se um como reflexo de

desalento, para com mais violencia se exaltarem os affectos. Nos

paroxismos da furia, o Cancella, dando toda a fôrça á sua voz potente,

soltava berros, que participavam da natureza dos do tigre.

Começarei desde logo

A publicar leis tyrannas,

Que aterrem os meus montes,

Os palacios e as choupanas.

Será tal o meu furor,

Tal a minha indignação,

Que ninguem se atreverá

A conquistar meu brazão.

O interesse do espectaculo augmentava. Os olhos do publico principiavam

a fixar-se. A excitação de animos a que os transportes de Herodes,

inquieto pelo seu brazão, levára o publico, foi serenada por um chorado

côro de anjos que cantavam atraz da cortina:

Não temas, ó rei cruel,

Que te conquiste o docel.

Herodes pára aterrado, ao escutar estas vozes, apesar de lhe afiançarem

a segurança do docel, pela qual elle parecia receioso. Vacilla,

entra-lhe o mêdo no coração, mêdo que procura afugentar com bravatas, em

que ameaçava pôr tudo por terra. O Cancella exprimia tudo isto com

abundancia de gestos e de movimentos.

Aqui é que subia a toda a altura o genio dramatico do Herodes. Para este

final do monologo reservava todos os segredos da arte; apoderava-se

d'elle a musa do palco; desappareciam-lhe deante dos olhos os

espectadores, via o mundo; perdia a consciencia da individualidade

propria; suppunha-se Herodes; e até... ó fôrça da arte!

offuscavam-se-lhe os bons instinctos da indole generosa e quasi chegava

a ter verdadeira ancia de sangue e carnificina. O publico era dominado

por o artista, e n'um d'estes silencios que todos prevêem se

desencadeiará em brados de enthusiasmo e phrenesi, escutava-lhe as duas

quadras finaes:

Porém o furor me incita!

Dava, ao dizer isto, tres passos á frente, desembainhava o alfange e

abria os braços. Tinha o que quer que era de Adamastor, visto assim.

O brio dá-me ousadia.

Levantava os braços acima da cabeça, espalmando a mão esquerda.

Para defender o sceptro

A favor da tyrannia!

Aqui agitava os braços como azas de moinhos.

Será cada lança um raio!

E, dizendo isto, tinha nos olhos o fulgurar do relampago.

Cada espada um corisco,

E o braço, armado do alfange, baixava com a rapidez do simile.

Cada soldado um trovão,

E trovejava-lhe a voz.

Cada golpe um basilisco!

E na posição e gesto em que ficava, não era menos terrivel e pavoroso do

que a fera da comparação.

Uma tempestade de applausos rompeu de todos os lados; só as mulheres e

as creanças ficaram silenciosas e immoveis, porque lhes parecia um

peccado applaudirem Herodes. E não sei se, o que fizera menos

escrupulosa n'este ponto a parte masculina, fôra o exemplo partido das

janellas do Mosteiro; porque é certo que em geral os tyrannos no palco

são admirados, mas raras vezes applaudidos.

Herodes, depois de agradecer os applausos publicos, senta-se e segue o

auto.

Dariamos de bom grado na integra tão importante peça dramatica ou pelo

menos circumstanciada noticia d'ella, se não receiassemos o recheio

excessivo para esta ordem de alimentos litterarios, que se querem leves.

Não podemos comtudo resignar-nos a passal-a por alto inteiramente.

Além do Herodes, são figuras do auto: o caixeiro do dito--assim se lhe

chama pelo menos no folheto, o que dá a entender que Herodes era homem

de escripturacão regular,--o capitão das tropas reaes, os tres reis

magos, o anjo, a Virgem, S. José e o menino Jesus, a criada de Santa

Isabel, dois cidadãos de differentes cidades, o criado de um d'elles, a

Fama e duas creanças, chamadas Giraldinho e Amorzinho.

As scenas passam-se successivamente nos paços de Herodes, na lapa de

Belem, e em diversas paragens da estrada do Egypto.

A imaginação do espectador era a encarregada da mudança do scenario.

O poeta corre toda a clave das paixões humanas, vibra todas as cordas do

coração.

Ao terror despertado por Herodes e suas ameaças, succede a sympathia

pelos tres reis, personificados d'aquella vez por tres moços de lavoura,

de manto, luvas de algodão e turbante, os quaes, em lamuria nasal e com

profusão de \_xes\_, cantarolavam as quadras do seu papel, em uma das

quaes, patrioticamente anachronica, pediam aquelles bons magos ao Deus

nascido a protecção para Portugal.

Excitava a piedade a familia sagrada. O velho S. José, como carpinteiro

que era, apparelhava um madeiro a enxó e plaina, emquanto a Virgem

dormia. A Virgem era um rosado barbatolas, em quem principiava a

despontar o buço da puberdade. O anjo apparecia, como nas procissões,

carregado de cordões de ouro.

No transe da fugida para o Egypto ha uma scena da mais que homerica

simplicidade. Quando os sagrados esposos estão para partir, chega a

elles a criada de Santa Isabel, prima da Senhora, outro mocetão em

trajes femininos, e da parte da ama offerece aos foragidos algum

dinheiro e refrescos; pedindo desculpa por não poder dar quanto queria,

o que tudo a Senhora agradece com as phrases da tarifa, recommendando-se

muito a sua prima.

O comico caminha ao lado do pathetico, como no drama moderno. Ha

personagens, reflexões e scenas sempre apreciadas e já aguardadas pelo

publico, que as saúda com sinceras gargalhadas. D'estas a principal é

evidentemente a que se passa entre um cidadão, de quem a sacra familia

recebe gasalhado, e o criado do mesmo.

É uma scena de disputa domestica, cheia de allusões satyricas á classe

dos criados de servir, a qual era sempre applaudida. O cidadão, depois

de mostrar ao criado, de relogio em punho--anachronismo shakspeareano--a

demora excessiva que elle tivera fóra de casa, diz para o auditorio:

Não se pode ter criados

Hoje em dia, n'esta vida,

Ou quem houver de os ter

Não lhes deve dar guarida.

N'este ponto do auto houve aquella tarde um pequeno, mas gracioso

episodio.

D. Victoria, que achava esta a parte melhor pensada e mais conceituosa

de toda a peça, de afinada que estava pelo seu modo de sentir, não pôde

conter-se, que não exclamasse:

--Aquillo é que é uma verdade!

A espontaneidade da reflexão fez rir a familia do Mosteiro, riso que

teve ecco em baixo, entre o povo, que enchia o pateo.

A scena comica prolonga-se, mandando o patrão distribuir pelo caixeiro o

rapé ao auditorio; outra liberdade que produzia sempre o maior effeito.

O criado trazia uma enorme tabaqueira, um verdadeiro bahu, e offerecia

pitadas ao publico, dizendo:

O meu amo, com ser rico,

Gosta d'estas patuscadas.

Nunca os senhores tiveram

As pitadas tão baratas.

Os risos e as galhofas desordenaram, segundo o costume, por muito tempo

a regularidade do espectaculo. Todos tiravam pitadas, todos falavam,

riam e guinchavam, todos fingiam espirrar e não se ouvia senão: «Dominus

tecum» e «Deus te salve» no meio de toda aquella confusão. Porém a um

signal de mestre Pertunhas, que deixou por um pouco folgar o espirito

das massas, tudo entrou na ordem.

Preparava-se nova transição dramatica. O criado, que vae a saír, volta,

dizendo com gesto espantado e tom exclamatorio:

Jesus, Jesus, que é isto?

Jesus do meu coração!

O signal da cruz me livre

De tão terrivel visão.

Era a Fama que apparecia.

Ermelinda entrava em scena.

No meio d'aquellas figuras rusticas, e mais ou menos grosseiras, que

entravam no auto, a figura delicada e angelica de Ermelinda produzia tão

completo contraste, que um murmurio significativo de profunda sensação

correu o auditorio.

Ermelinda estava surprehendente de formosura. Haviam-se associado ao que

era n'ella dotes naturaes os cuidados de Magdalena e de Christina, para

lhe darem a apparencia superior.

O proprio Henrique, que até alli estivera commentando maliciosamente o

espectaculo, não pôde reter uma exclamação de surpreza, que foi

secundada por o conselheiro. É que parecia que um verdadeiro anjo

occupava agora a scena.

A simplicidade do vestir concorria para esse effeito.

Ermelinda trazia uma longa tunica alvissima e de amplas mangas, que lhe

descia solta dos hombros sem sacrificar a menor belleza dos graciosos

contornos e esbeltas proporções d'aquella creança, que promettia ser uma

mulher esculptural. Os cabellos, cuja côr loura era de uma pureza rara,

caíam-lhe desatados e profusos sobre os hombros, brilhando como fios de

ouro, na alvura dos vestidos; a fronte ficava-lhe livre, e o oval das

faces sobresaía n'aquella moldura natural. Com os braços descaídos, os

dedos encruzados, e a cabeça ligeiramente pendida, em expressão de

melancolia, e os olhos elevando-se para procurarem os de Magdalena e de

Christina nas janellas do Mosteiro, mas que de longe parecia procurarem

o céo, Ermelinda adeantava-se vagarosa, serena, tendo no gesto o encanto

da innocencia, tendo nos passos a hesitação da timidez. Havia tanto de

sobrenatural no vulto candido, franzino e melancolicamente suave

d'aquella creança, que o actor que estava em scena não teve de simular

espanto, porque o sentia real, e não podia desviar os olhos d'aquella

apparição.

O silencio era profundo; parecia que em todos estava actuando a fôrça de

um encantamento.

Como na antiga tragedia, o facto principal da acção, a carnificina dos

innocentes, passava-se fóra de scena. Á Fama competia narral-o.

Ermelinda, a meio do palco, parou. Com uma voz argentina e leve tremor

de commoção, principiou lentamente e no meio de um religioso silencio a

recitar os versos da narração, os quaes, como o leitor já sabe, não eram

os do auto, que mestre Pertunhas se estafára a ensaiar.

Os versos que Ermelinda recitou diziam assim:

Desci dos celestes córos,

Por Deus mandada a escutar

Da infancia as queixas e os choros,

Para lh'os ir confiar.

Desci. Na terra, nos mares

Tanta miseria encontrei.

Que os meus magoados olhares

Da terra e mar desviei.

Desci. E tantos gemidos,

Tão dolorosos ouvi!

Que, turbados os sentidos,

Quiz recuar... mas desci.

N'esta colheita de dôres

Pelo mundo todo andei,

No pranto dos peccadores

As minhas vestes molhei.

Vagueando dias e dias,

Chegára á Judéa emfim,

Quando um clamor de agonias

Veio de longe até mim.

O sol, o sol inflammado

D'estas terras orientaes,

Tinha no disco afogueado

Não sei que estranhos signaes.

Soavam menos distantes

Sinistros brados de dôr,

Choros de mães e de infantes,

Cantos de morte e terror.

Vi anjos de azas nevadas

Em bandos subir ao céo,

Quaes pombas amedrontadas

Fugindo á voz de escarcéo.

«Onde ídes? Quem vos persegue?

A que tormentas fugis?»

Um, que triste o bando segue,

Estas palavras me diz:

«Somos as almas de infantes

Mortos em guerra feroz;

Inda das mães delirantes

Nos chama a sentida voz.

«Só a materna saudade

Nossa carreira detem,

Embora no céo, quem ha de

Esquecer, o amor de mãe?»

Disse e o semblante formoso

Com as azas encobriu,

E ao bando silencioso

Silencioso se uniu.

Eu segui. Na impia cidade

Aterrada penetrei...

Ai, da fera humanidade

Os meus olhos desviei!

Que scena! Corre nas praças

Sanguinaria multidão,

Como nuvem de desgraças

Semeando a desolação.

Cáem por terra sem vida

Tenras creanças ás mil,

E uma turba enfurecida

Corre á matança febril,

As mães pallidas, chorosas,

Supplicam, pedem em vão!

N'essas feras sanguinosas

Não palpita um coração.

Outras tentam em delirio,

Os seus filhos disputar,

E com elles no martyrio

Gostosas se vão juntar.

Sobre a terra ensanguentada

Eu soluçando, ajoelhei,

E de intensa dôr magoada,

A Deus piedade implorei.

Findava a prece, e uma estrella

No horisonte despontou,

Pura, scintillante, bella

O caminho me traçou.

Á humilde e escondida estancia

Da venturosa Belem

Cheguei; vi um Deus na infancia

Nos ternos braços da mãe.

Minha colheita de dôres

N'aquelle berço depuz,

Da humanidade aos rigores

Pedi remedio a Jesus.

No olhar do divino infante

Raiou a luz e fulgor,

Foi a aurora radiante

Que annuncia um redemptor.

Não se descreve a impressão causada por estes versos, que assim

transformavam a Fama do auto no Anjo da guarda da infancia. Muitas

causas concorriam para produzir este effeito: a figura, a voz e o gesto

de Ermelinda, que lhe davam uma apparencia verdadeiramente angelica, e

depois aquellas palavras inesperadas, aquella exposição desconhecida e

em versos a que a melancolia da toada, em que eram recitados, parecia

augmentar a cadencia metrica. Emquanto debaixo da impressão d'aquella

voz sonora e infantil, ninguem procurava explicar o mysterio. Milagre

lhes parecia e quasi como milagre o acceitavam, e de ouvidos attentos,

collos estendidos e bôcas semi-abertas parecia recolherem, uma a uma,

aquellas palavras, como se de um verdadeiro emissario celeste as

escutassem. O tablado enchera-se pouco a pouco de gente, e ninguem dera

por isso. Os actores que estavam atraz da cortina tinham sido feridos

pelos primeiros versos, differentes dos que elles esperavam; isto

obrigou-os a espreitar. Depois, como arrastados pela magia d'aquella voz

e d'aquelle gesto, vieram adeantando-se, adeantando-se, e cêdo formaram

circulo á volta de Ermelinda. O primeiro da frente era o Herodes. O

espanto, os affectos, o orgulho de pae, a exaltação de artista

combinavam-se para dar-lhe ao rosto uma expressão quasi de extase.

Olhava para a filha como se a visse animada de inspiração divina.

Pertunhas, o ensaiador do auto, que franzira o sobr'olho, prevendo

trapalhada aos primeiros versos recitados por Ermelinda, agora, de bôca

aberta, era de todos o mais espantado. No Mosteiro só Angelo sorria,

elle só interpretava o milagre. Todos os mais escutavam silenciosamente

aquella voz de creança, que, em campo descoberto e no meio de tantos

espectadores, soava distincta e vibrante como se effectivamente tivesse

alguma coisa de sobrehumana.

Depois que ella terminou, persistiu por algum tempo o silencio, sem que

os espectadores pudessem voltar logo a si, nem os actores se lembrassem

de continuar o auto. Henrique foi quem primeiro rompeu este quasi

encantamento. Profundamente impressionado tambem por aquella scena,

exprimiu n'um «bravo» todo o enthusiasmo que sentia. Foi o signal.

O silencio degenerou na mais altisona ovação.

O Herodes esqueceu o papel que desempenhava, o caracter que tinha a

sustentar, a logica da situação, e tomando nos braços musculosos o corpo

debil e franzino da filha, levou-a em triumpho para a beira do palco; os

outros actores disputavam-lh'a; do pateo estendiam-se centenas de braços

para a receberem; das janellas do Mosteiro acenavam-lhe, victoriando-a,

os lenços das senhoras; os homens applaudiam-a com palmas. Herodes

parecia devorar a filha com beijos, afagal-a com lagrimas de enthusiasmo

e de paixão; e Ermelinda foi de braços em braços, entre beijos e afagos,

transportada do tablado para a sala do Mosteiro, onde não foi menos

calorosa a recepção.

Do auto ninguem mais se lembrou, e, apesar dos esforços do mestre

Pertunhas, todos o deram por terminado alli e prescindiram de vêr as

restantes scenas, com grande desgosto dos actores que entravam n'ellas.

O Herodes, ainda vestido de rei, andava como doido pelas salas do

Mosteiro. Seria para rir aquelle enthusiasmo, se não fôsse bastante

pathetico para commover.

--Mas como foi isto, meu Deus? Como foi isto? Que milagre foi este? Ai

que versos, Maria Santissima! Que versos! E como ella os

dizia!--exclamava elle, quasi convencido da milagrosa natureza da scena

que vira.

Magdalena, chamando Angelo de lado, perguntou-lhe:

--Foi Augusto que fez aquelles versos?

Angelo sorriu.

--Por que me perguntas isso a mim?

--Porque o deves saber.

--Então não crês no milagre?

--Responde.

Angelo ia a responder, quando Henrique disse em voz alta para o

conselheiro:

--Se eu digo a v. ex.^a que o Bernardim existe.

--Mas quem é?--perguntou o conselheiro.

--Não sei; porém posso afiançar a v. ex.^a que não são estes os

primeiros vestigios que encontro d'elle. As paredes das capellas dos

montes são as suas confidentes. Não está certa, prima Magdalena, de umas

quadras sentimentaes, que lemos na ermida da Senhora da Saude?

--Sim; recordo-me.

--Não acha entre essas e as do auto analogia de estylo, que a levem a

attribuil-as á mesma pessoa?

--Estou pouco habituada a analysar estylos, primo.

--Mas talvez este lhe seja habitual.

Magdalena fitou Henrique com um olhar de altivez, que o obrigou a

accrescentar:

--Por muito o vêr por ahi desperdiçado por paredes de capellas e ruinas,

e nos troncos das arvores.

Ermelinda foi de uma discreção impenetravel. Quando lhe perguntavam quem

lhe ensinára os versos, sorria, respondendo que não sabia, ou que não

podia dizel-o.

--Apostemos que n'isto entra Angelo?--disse o conselheiro.

O Herodes cada vez parecia mais convencido de que fôra pura inspiração.

Henrique, aproveitando uma occasião em que estava proximo da morgadinha,

disse-lhe ao ouvido:

--Parece-me que ia pôr o dedo no rouxinol silvestre, que tão bem canta

sem se mostrar.

--Sim?

--Não ha muitas noites que eu o vi vaguear n'estas immediações. Estas

aves melancolicas amam as inspirações nocturnas.

--Pois as noites nem sempre são boas conselheiras, primo. É a hora

favoravel á espionagem e ás... calumnias... Mas se sabe quem é, diga-o.

Aqui em minha casa e no seio de minha familia, é sempre bem recebida a

verdade. Não ha quem se tema d'ella.

E a morgadinha, dizendo isto, deixou-o desdenhosamente.

--D'esta vez foi de uma severidade!!--pensou Henrique.--Cada vez me

convenço mais de que o idyllio existe e que vae já muito adeantado. Mas

agora me lembro; e o meu duello com o Romeu, que nunca mais vi? Não foi

má tolice aquella minha! Preciso de procurar o homem para lhe dizer que

o caso não vale a pena.

O despeito de Magdalena pelas palavras de Henrique fôra d'esta vez mais

intenso; quasi chegou a fazel-a desesperar da tenção que alimentava

ainda, pois disse a Christina:

--Ai, filha, que não sei se deva curar-te antes a ti do que a elle.

--Que dizes?!

--Nada. Ha doenças que fazem desesperar os medicos.

Era já noite. Os grupos, que ainda depois do auto se conservaram no

pateo do Mosteiro, a brindarem a hospitalidade dos proprietarios, fôram

dispersando pouco a pouco.

A banda de mestre Pertunhas saiu tambem com o fim de se preparar para as

serenatas a casa do brazileiro e de varias personagens da terra, a quem

era devido o cantar os Reis.

Angelo saíra da sala. Fôra para o fim da rua de sobreiros, anterior ao

pateo da quinta, esperar por Ermelinda para lhe dizer adeus.

Á medida que a noite se cerrava, parecia que se estendiam as sombras á

fronte e ao coração do pobre rapaz.

Era a noite de Reis, a ultima dos dias de férias; na manhã seguinte

devia partir com o pae para Lisboa.

Que amarguras as d'estas ultimas horas! que intensas saudades não se

amontoam no coração das creanças ao expirar o termo d'esse feliz espaço

de tempo, que viveram para os carinhos da familia e para os folguedos

despreoccupados!

Percebe-se em nós mesmos aquella imminencia de lagrimas, que á menor

palavra rebentam.

Quem não terá recordações de infancia a falar-lhe d'isto?

O pateo despovoára-se de gente; através das vidraças da casa viam-se já

brilhar as luzes interiores. Com o olhar fito no chão, a cabeça

inclinada, Angelo permanecia immovel. Cortejavam-o, ao passar, homens e

mulheres, sem que elle désse por isso.

De repente voltou-se, porque ouviu atraz de si uns passos conhecidos.

Era Ermelinda, que voltava para casa. O pae ficára atraz a pôr em ordem

as roupas e mais objectos que serviram no auto.

--Esperava por ti, Ermelinda, para te dizer adeus--disse Angelo.

--Então vae-se embora?

--Vou ámanhã--respondeu Angelo, com a voz presa de commoção.

--Muito cêdo?

--De madrugada.

Os dois calaram-se por algum tempo, olhando para o lado.

--E agora quando volta?

--Eu sei lá? agora... só para agosto.

Novo silencio.

--Então... adeus...

--Adeus, Ermelinda.

E com a voz quasi sumida e os olhos ennevoados de lagrimas, Angelo

estreitou contra o peito aquella que de pequena tratára como irmã, e que

chorava ainda mais do que elle.

Que melancolico fim de dia tão alegre!

A este tempo uma sombra escura passou por elles e estacou.

--Ermelinda--disse logo a voz esganiçada e colerica, que saiu d'aquelle

vulto.

Ermelinda estremeceu ao ouvil-a.

Era a mulher do Zé P'reira que voltava das suas devoções e ficára

surprehendida com o espectaculo que vira. A assustadiça castidade

d'aquella matrona toda se alvoroçou com a tocante despedida das duas

creanças.

Ermelinda approximou-se, a tremer, da madrinha, que rudemente a agarrou

pelo braço e a levou comsigo.

Angelo esteve quasi resolvido a ir tirar das mãos d'aquella harpia a

innocente victima; mas a chegada de Herodes estorvou-o.

A sr.^a Catharina do Nascimento de S. João Baptista ia dizendo, ao levar

comsigo a afilhada:

--Que terão ainda de vêr meus olhos, meu Divino Pae do Céo? Que mundo

este de abominação, meu doce Jesus! Ó Virgem das Dores, isto é para se

vêr e não se crer! Uma creanca, uma creanca de dois dias, se pode dizer,

e já assim com a alma perdida! Ó meu Jesus crucificado!...

--Minha madrinha--dizia Ermelinda, chorando.

--Anda, anda, anda, minha amiga, que já os demonios saltam e riem de

contentes. Teu pae é que tem a culpa. Isto são lá modos? trazer-te por

entremezes, que são artes do demonio, e arredar-te da igreja, que é a

casa do Senhor! É a missa dos domingos, e acabou-se. Os resultados são

estes!... Ai, filha, que muita penitencia te é já precisa para salvares

a alma!

--Minha madrinha, minha madrinha, por as almas não me diga

isso--exclamava Ermelinda, aterrada.

--Os tres inimigos da alma te farão guerra, creatura, assanhados como

cães raivosos... Eu previa isto... É o lucro de andar por essas casas de

Satanaz, onde não ha religião nem temor de Deus... Ó meu divino Jesus, e

para isto tanto padeceste por nós! E nós tão pouco caso fazemos dos

vossos preceitos, meu doce Jesus, filho de Maria Virgem... Depois

queixamo-nos da vossa justiça, quando já ardemos nos fogos do

inferno...!

A pequena Ermelinda tremia cada vez mais.

A velha proseguiu, em todo o caminho, n'estas exclamações, bramando

contra o peccado, contra a familia do Mosteiro, que acoimava de herejes,

contra o pae de Ermelinda e contra esta, e, no seu fervor religioso,

desenvolvia sobre o thema do peccado dissertações não em demasia

apropriadas aos ouvidos de uma creança.

O resultado foi apoderar-se da pequena Linda um excessivo terror. Das

palavras da madrinha, que nem bem entendia, ficára-lhe uma horrivel

convicção de que tinha a alma perdida, e com lagrimas ardentes pagava a

pobre creança bem caro as alegrias d'aquella tarde, de que já tinha

remorsos. Este desalento e pavor quasi a fizeram doente.

Quando o pae voltou, estranhou-a. Elle, que vinha orgulhoso com os

triumphos proprios e com os da filha, sobresaltou-se ao abraçal-a,

Interrogou-a; pediu, ordenou; nada pôde saber que explicasse os

vestigios de lagrimas que descobria n'ella; se instava, provocava-lhe o

pranto; desistiu pois.

Pobre pae! não pôde dormir aquella noite! Logo de madrugada teve de

levantar-se, porque tinha de partir para o Porto em recovagem.

Deixou Ermelinda a dormir; não a quiz acordar; beijou-a na fronte

desmaiada, abençoou-a e saiu.

--Comadre,--disse ao passar por casa do Zé P'reira--ahi lhe deixo a

pequena. Olhe-me por ella, que não está lá muito boa.

--Vá com Deus--disse uma voz de dentro.

Era a sr.^a Catharina.

O recoveiro partiu, silencioso e triste.

XIX

No dia seguinte ao dos Reis partiram para Lisboa, como estava

determinado, o conselheiro e Angelo, o que deu logar no Mosteiro a

muitas saudades. O conselheiro devia voltar sómente por occasião das

eleições geraes que estavam proximas.

Alguns dias depois, n'um domingo em que se festejava na aldeia o

padroeiro Santo Amaro, de quem reza a Igreja a quinze de janeiro, estava

Henrique de Souzellas na sala de jantar de Alvapenha, escutando sua tia

e Maria de Jesus, que ambas o entretinham com longas conferencias de

coisas de pouco interesse e ás quaes elle ligava a minima attenção.

Tinham acabado de jantar havia pouco tempo. A mesa conservava-se ainda

posta; Henrique fumava um charuto, recostando-se para o espaldar da

cadeira; D. Dorothéa, de mãos cruzadas deante da cinta, falava; Maria de

Jesus que, depois de pôr em arranjo a cozinha, viera, segundo o costume

patriarchal, tomar parte na sala na conversa do pospasto, auxiliava a

memoria da ama sempre que esta emperrava, corrigia-lhe as involuntarias

e frequentes inexactidões em que a via cair.

Henrique habituára-se já a estes placidissimos habitos; e apesar de não

ligar attenção á conversa, ou por isso mesmo que lh'a não ligava,

achava-lhe certas virtudes estomacaes, que lh'a tornavam agradavel.

Depois de muitas voltas a conversa caíu sobre as occorrencias do auto

dos Reis.

--Eu ainda estou para saber como aquillo foi!--dizia D.

Dorothéa.--Quando me lembro! Como aquella rapariga falava!

--Ó senhora; olhe que já me disseram que a pequena tinha espirito--disse

Maria de Jesus, com ar de mysterio.

--Olhem o milagre!--respondeu D. Dorothéa.--Por essa estou eu.

--Diz que desde aquelle dia anda amarella e triste, que nem parece a

mesma.

--Então é mais do que certo.

--Ai, a tia Dorothéa tambem com crendices!--disse Henrique,

rindo.--Então parece-lhe que traz espirito aquella creança?

--Pois, menino, aquillo a falar a verdade!

--E não é mais natural suppôr que alguem lhe ensinou os taes versos?

--Mas quem? se o Pertunhas diz que os versos eram outros e até que

aquelles não calhavam bem nas lôas?

--O Pertunhas é um parvo. Houve alguem que ensinou aquillo á pequena e

até suspeito com que fim.

--Não, sr. Henriquinho, olhe que alli anda coisa ruim. Tambem o filho do

Ceboleiro, quando trazia o espirito, dizia coisas tão bonitas, que nem

um livro. A senhora não se lembra?

--Ora se lembra!

--Digam-me--insistiu Henrique.--Quem ha aqui na aldeia que faça versos?

--Versos!--repetiu a D. Dorothéa, admirada.--Ninguem, que eu saiba.

--Ó senhora! Então o João do Trolha? Não deita tão bonitos versos nos

desafios?

--Sem ser o João do Trolha--tornou Henrique, sorrindo.

--Ai, não se ria, sr. Henriquinho; olha que os deita muito bem! Ainda no

outro dia, na noite de Janeiras, não se lembra, senhora, dos versos que

elle botou?

Viva a senhora D. Dorothéa,

Raminho de bem-me-queres,

Quando põe a sua touca

É a rainha das mulheres.

--E depois a mim:

Viva a senhora Maria,

A perola das criadas,

Quando se chega á janella

Ficam as estrellas pasmadas.

--Ora com o que você vem, mulher! Não tinham as estrellas mais que fazer

do que pasmarem--disse D. Dorothéa.

--Isso é por dizer, senhora; já se sabe que... sim... como o outro que

diz...

--E além do João do Trolha, quem ha mais que faça versos?--perguntou

Henrique.

--Que eu saiba...--disseram as duas.

--E aquelle Augusto?

--O Augustito do doutor? O filho! Coitado do pobre rapaz. Elle sim!

Credo! Não, aquillo é um rapaz de muito juizo.

--Isso não tira. Então a tia julga que só os tolos fazem versos?

--Tolos não digo, mas...

--Mas um pouco feridos na aza, não é verdade?

--Ora pois então dize-me tu, menino, se um homem sério... sim... um

homem de respeito, faz versos?

--Por que não?

--Versos?!

--Versos, sim, senhora.

D. Dorothéa fez um gesto de incredulidade.

Henrique ia redarguir, quando ouviram passos no patamar de pedra da

entrada e após algumas pancadas á porta da sala.

--Abra, tia Dorothéa--disseram de fóra as vozes de Magdalena e de

Christina, que fôram logo reconhecidas.

E cêdo depois entravam alegremente na sala, em companhia de D. Victoria,

que vinha mais retardada.

D. Dorothéa levantou-se para recebel-as.

--Bons dias ou boas tardes, tia Dorothéa, porque me parece que já

jantaram. Vimos aqui para confiar aos seus cuidados a tia Victoria, que

não nos quer acompanhar a ouvir a palavra eloquente do

missionario--disse a morgadinha.

--Eu não; para apertos e barafundas é que não estou.

--E tu vaes, Lena? perguntou D. Dorothéa.

--Então? Não quero passar por impenitente. Ainda o não ouvi. Pode crer?

Além de que percebi na Christe um fervor, com o qual quiz condescender.

--Dizem que préga tão bem--atalhou Christina.

--Pois prégará, mas eu é que já não estou para sermões--ponderou D.

Victoria.

--Vou eu tambem ouvir o missionario--disse Henrique, levantando-se.--Já

m'o mostraram ha dias. Se os dotes oratorios do homem corresponderem á

figura...

--Então?--interrogou D. Dorothéa.

--É um homem gordo e vermelho, de pulso grosso e, em geral, typo da

grossura do pulso.

--Pois bom é que vás, menino--disse D. Dorothéa--para acompanhares as

pequenas.

--Como quizer, primo,--acudiu Magdalena--mas não se constranja. O

Torquato tambem vae.

--Que quer dizer? Que me dispensa?

--Não; mas que se é só por condescendencia que...

--É por prazer. É por devoção.

--N'esse caso...

E Henrique foi procurar o chapéo para acompanhar as duas primas á

igreja.

O Santo Amaro fôra festejado com espavento na freguezia da sua

invocação. Vesperas, missa cantada, duplo sermão, e procissão á volta da

igreja, nada faltára para solemnisar a festa.

O sermão da manhã fôra prégado por o abbade; o da tarde havia sido

concedido ao missionario, que o aproveitára para uma das suas

catechéses.

A procissão já tinha recolhido, quando chegaram á igreja a morgadinha e

Christina, na companhia de Henrique e de Torquato. Havia no adro muita

gente, e algumas barracas de doce e de café, como n'um arraial.

Pela porta principal da igreja engolfava-se a multidão, como em bôca de

sorvedouro, subitamente aberto no leito de um rio, se precipitam as

aguas impetuosas.

A fama, que pelas aldeias circumvizinhas apregoava o nome do

missionario, attrahira immensa gente a escutar o sermão.

As senhoras do Mosteiro romperam a custo por entre a compacta massa

popular, que se amontoava á porta da igreja, e conseguiram, por

deferencia excepcional dos mesarios, entrar pela sacristia para a

capella-mór.

Tinha um aspecto melancolico o interior da igreja n'aquella occasião.

Pobre de si e pouco alumiada, mais escura e lugubre parecia com a

extraordinaria quantidade de gente que a enchia, na maior parte mulheres

de roupas escuras e em que só alvejava o lenço branco que usavam á

cabeça.

Apesar da quadra ir fria, como de janeiro que era, respirava-se alli

dentro uma atmosphera quente, abafadiça e pouco salutar.

Um surdo murmurio formado por centenares de vozes rezando, a meio tom,

orações e ladainhas, contrastava com as altas vozes de festa, que se

escutavam lá fóra, e requintava a triste impressão que se recebia ao

entrar. Alli um grupo de mulheres, de joelhos, escutavam a leitura de

pias orações, que uma fazia em tom lutuoso, e respondiam em côro com

Padre-Nossos e Ave-Marias; além viam-se outras com as faces rojadas no

chão, batendo no peito e desentranhando exclamações, para commoverem a

Divindade; outras em extase, como Santas Therezas, de braços abertos

deante da imagem da Virgem; outras amortalhadas, em cumprimento de

promessa feita a algum santo. Cavados na espessura das paredes havia uns

pequenos cubiculos, que serviam de confessionarios. Ás portas d'estes

nichos, munidas de um crivo de folha, adheriam, como as lapas nos

rochedos, os vultos escuros das penitentes, fazendo para dentro a

circumstanciada exposição dos peccados da semana, e recebendo de lá

regras de bem viver, preceitos de devoção, ás vezes exaggerada e

inspirada de certa moral de convenção, com que a ignorancia ou a má fé

porfiam em falsificar os simples e luminosos dictames da moral, que a

consciencia reconhece e que o Evangelho apregôa.

Ás vezes despegava d'aquelle crivo de peccados uma das confessadas; e

exhausta de fôrças, abatida de animo, descrendo da misericordia divina,

ia cair com desalento nos degraus do altar de Deus, que o fanatismo

cego, senão hypocrita, lhe pintára inexoravel verdugo. Quando outra se

não succedia a esta, via-se rodar nos gonzos a pequena porta d'estes

cubiculos, e sair de lá um padre de batina, sócos e capote de cabeção,

satisfeito de si, e revendo-se n'aquelles corpos prostrados, n'aquelles

gemidos surdos, n'aquellas lagrimas humedecendo o pavimento do templo,

tristes indicios de desalento moral, com que conseguira quebrantar os

ingenuos espiritos que dirigia pela intimidação cruel.

De tudo isto vinha o aspecto sombrio e lugubre á igreja, que nem as

luzes dos altares, nem as sanefas e cortinas de damasco, que com tanta

arte dispuzera mestre Pertunhas, conseguiam dissipar.

Henrique estava sendo desagradavelmente impressionado por o que via.

Olhava com desgosto para aquelles signaes de um terror supersticioso, e

sentia exacerbarem-se-lhe as prevenções que nutria contra o clero, cuja

influencia moral, aliás justa e vantajosa, é cada vez mais diminuida por

aquelles dos seus membros que pretendiam augmental-a por meios

improprios da sublimidade da sua missão e até dos preceitos da religião,

de que se dizem ministros.

Henrique fez algumas reflexões n'este mesmo sentido a Magdalena, que não

pôde deixar de apoial-as, tanto mais que sabia o animo de Christina, que

os escutava, não de todo superior a este apparato terrorifico.

A hora marcada para o sermão approximava-se; haviam-se já evacuado os

differentes confessionarios, e o povo cada vez se apertava mais em todos

os pontos da igreja e trasbordava para fóra das portas do templo. Quem

de dentro olhasse para a porta principal veria que a grande distancia,

na rua, se prolongava a multidão.

Apenas um confessionario permanecia ainda occupado. Havia mais de uma

hora, que alli estacionava de joelhos uma penitente com a cabeça coberta

por a capa de panno, com que rodeava o crivo do confessionario.

Nem o menor movimento revelava animação n'aquelle vulto.

Henrique notára essa immobilidade, que ao principio o fez sorrir; depois

causou-lhe espanto e acabou, emfim, por o indignar. Qual, porém, não foi

a sua surpreza e a de Magdalena, quando, ao terminar a confissão,

reconheceram as feições da penitente por as de Ermelinda, a filha do

Herodes, a formosa e amoravel creança, que, dias antes, tanto

enthusiasmo causára, agora pallida, abatida, sem aquelles sorrisos nos

labios, que tanta graça lhe davam!

E era esta creança que tão longos peccados tinha a narrar, para assim

ficar tanto tempo aos pés do confessor?

Ermelinda, vagarosa, trémula, tendo claros os vestigios de lagrimas, e,

como que enleiada de vergonha, caminhou por entre os grupos de mulheres

ajoelhadas na igreja e veio cair de joelhos ao lado da madrinha e cêdo

rojava com ella a fronte no chão, que regava de lagrimas ferventes.

Pobre creança! Que negros crimes lavariam aquellas lagrimas? Que culpas

teria a expiar aquella inconsolavel dor?

O confessionario d'onde ella se afastára, abriu-se, emfim, e ás vistas,

que para alli se voltaram, mostrou um padre gordo, córado, de olhos e

fronte pequenos, cabellos grisalhos, rompendo-lhe a um dedo das

sobrancelhas. O homem parou algum tempo a fitar o auditorio.

Espalhou-se no templo um sussurro particular; um movimento commum animou

aquellas cabeças todas, quando este homem appareceu.

Era o missionario.

A sua passagem para a sacristia foi uma passagem verdadeiramente

triumphal. Curvaram-se até ao chão as beatas, beijando-lhe a mão ou as

borlas da batina, e pedindo-lhe a benção, que elle distribuia com

profusão.

Mas a meio caminho da sacristia, para onde se dirigia, surgiu-lhe quasi

do chão um estorvo.

Zé P'reira, o desconfortado marido, estava deante d'elle, gesticulando e

realisando um triplice e admiravel esforço para firmar as pernas, para

abrir os olhos, e para desembaraçar a lingua.

Dizia o homem:

--Ó sr. aquelle... ó sr. padre, ou missionario, ou lá o que é... eu

quero-lhe perguntar uma coisa. Deus disse... sim, Deus disse... A

religião manda... Quando um homem se casa...

O missionario não esperou pelo fim da inesperada interpellação; com

modos rudes e pulso vigoroso arredou de si o atrevido, e bradou, fulo de

cólera:

--Então que desafôro é este? Deixam um homem n'este estado vir ter

commigo?!

E com maneiras e palavras igualmente asperas impoz silencio ao povo, que

rira do desengano do Zé P'reira. Os mordomos acudiram logo para

afastarem o Zé P'reira d'alli para fóra. Elle deixou-se ir, limitando-se

a dizer mansamente:

--Ora, senhores, que é forte desgraça a minha! Então uma pessoa não pode

dizer o que sente?

Ia elle já fóra da igreja e ainda se lhe ouvia a voz repetir:

--Ora, senhores, que é forte desgraça a minha!

Quando depois d'esta scena, o missionario passou por Henrique, murmurou

este em voz perceptivel, ao ouvido da morgadinha:

--Diga se este todo e este modo de tratar ovelhas não é mais de magarefe

do que de pastor?

O missionario ouviu estas palavras, pois que se voltou como se uma

vibora o picasse, e faiscou-lhe no olhar o fulgor de um odio pharisaico.

Henrique arrostou-o com audacia provocadora.

O padre entrou para a sacristia.

No entretanto o auditorio dispunha-se para escutar o sermão, o mais

commodamente que era possivel n'aquelle pequeno recinto.

No fim de alguns minutos apparecia no pulpito a figura bem nutrida e

pouco attrahente do famigerado educador dos povos.

Fitou com sobranceria os ouvintes e com particular insistencia fixou em

Henrique, que lhe ficava fronteiro, um olhar, que elle sustentou com

firmeza.

Esta tacita provocação durou alguns minutos, no fim dos quaes poderia

talvez, quem estivesse prevenido, distinguir nos labios do padre um

sorriso rancoroso e perceber-lhe um movimento de cabeça quasi ameaçador:

Emfim soltou o texto latino do sermão.

Seguiu-se nova pausa, e principiou.

Apesar do exemplo de Sterne, que não duvidou entresachar nas paginas

humoristicas da \_Vida e opiniões de Tristam Shandy\_, um sermão sobre a

consciencia, eu não ouso transcrever para aqui o modelo de eloquencia

sacra, recitado pelo missionario n'aquelle dia.

Ainda se eu pudésse transmittir aos leitores o tom rouco de voz, a

extravagancia de gestos, o decomposto dos movimentos com que o orador

acompanhava a recitação dos descosidos periodos d'aquella indigesta

prática, talvez me animasse á empreza, para lhes dar um exemplo da

vigorosa eloquencia, com que se anda atrazando a civilisação do povo e

prejudicando a verdadeira religião, a despeito dos bons sacerdotes, cuja

voz é abafada por aquella gritaria.

As mais tetricas e pavorosas imagens adornavam o discurso.

Era o enxofre a ferver, o chumbo derretido, as caldeiras de pez, as

fornalhas ardentes, innumeras torturas, a que o menor delicto, tal como

um jejum mal guardado, uma confissão mal feita, uma involuntaria falta á

missa, uma penitencia esquecida, uma oração supprimida, arriscava as

almas por toda a eternidade. Para cada peccado venial uma perspectiva de

tormentos sem fim. O tribunal de Deus foi arvorado em tribunal de Santo

Officio, onde os autos de fé, os pôtros, e cavalletes aguardavam os

delinquentes arrastados até alli; eis o resumo da oração. A fatal e

desesperadora sentença, que o poeta florentino esculpiu no portico do

inferno, traçava-a este sobre os umbraes do tribunal do Eterno.

Na esculptura de Christo, obra rude do buril popular, mostrava o vulto

de um accusador, surgindo alli a pedir vingança, e não o do Redemptor

sublime a implorar e prometter perdão. E tudo isto de mistura com

imprecações contra as modernas instituições sociaes, contra a obra do

seculo, contra os descobrimentos, contra a sciencia, contra tudo em que

se descobrisse o cunho da época e que tendesse a modificar os costumes e

as ideias em sentido menos favoravel á propaganda reaccionaria.

Á medida que a oração progredia, animava-se a voz do orador; augmentava

a desordem dos gestos e refinava a selvageria das imagens.

Ao mesmo tempo os gemidos, os soluços e os ais do auditorio, e

principalmente da parte feminina d'elle iam crescendo em choro

manifesto, em gritos e alaridos. Cêdo era já um angustioso clamor em

toda a igreja. Magdalena, que se sentia, ella propria, um pouco

impressionada por este espectaculo de desolação, voltou os olhos para

Christina. Viu-a trémula, pallida, com as faces banhadas em lagrimas,

tendo no gesto todos os signaes de um intenso pavor.

Assustada com o estado da prima, a morgadinha fez notal-o a Henrique, e

tacitamente lhe communicou as apprehensões que sentia.

Henrique comprehendeu a necessidade de dissipar a funesta influencia que

se estava exercendo no animo timido de Christina.

Sentou-se por isso junto das duas raparigas e principiou a distrahil-as

com commentarios satyricos ás palavras do sermão e á figura do orador,

que ambas offereciam farto alimento para elles.

D'ahi a pouco Magdalena instava já com Henrique para que se calasse.

Previa o perigo que poderiam correr, persistindo n'aquelles commentarios

improprios do logar.

Effectivamente não tinham passado despercebidos, do padre os

commentarios de Henrique, nem os sorrisos mal disfarçados de Magdalena;

e a raiva despertada pela descoberta cada vez inflammava mais o orador,

exacerbando-lhe a virulencia da phrase.

Já não podia tirar os olhos d'aquelle grupo, e por vezes a cólera,

estrangulando-lhe quasi a larynge, interrompera-lhe o discurso.

Alguns ouvintes, seguindo a direcção d'aquelles olhares faiscantes,

haviam attingido já a causa d'elles.

D'ahi algumas murmurações que principiaram a sussurrar pela igreja.

No grupo das beatas, em que estava Ermelinda, fôram ellas mais acerbas

do que nenhumas. A sr.^a Catharina e as suas companheiras fartaram-se de

anathematisar a impiedade e a heresia da gente do Mosteiro, e no coração

da filha do Cancella, dominado pelo terror que o sermão levára ao

cumulo, calavam aquelles dizeres, que a faziam quasi olhar, como se

fôssem já prezas do inferno, para Magdalena e Christina, a irmã e a

prima de Angelo, do seu amigo de infancia, em quem já não se atrevia a

pensar.

N'uma occasião em que o missionario fulminava com mais vehemencia os

progressos da industria moderna e chamava redes do demonio e caminhos do

inferno aos telegraphos electricos e ás vias-ferreas, Henrique

approximando-se dos ouvidos das duas primas, fez não sei que reflexão

tanto a proposito, que a morgadinha não conteve o riso; a propria

Christina sorriu tambem.

Era de mais! O padre pulou no pulpito. Com os olhos em chammas, as faces

apopleticas, os labios espumantes, os punhos cerrados e os braços hirtos

e estendidos na direcção de Henrique, rompeu n'estes violentos termos:

--Fóra do templo, pedreiros livres, que vindes aqui escarnecer da

palavra do Senhor! Fóra do templo, impios libertinos, que não respeitaes

os ministros de Deus, nem o seu altar! Andam lobos no povoado e vieram

esconder-se entre as ovelhas na casa do Senhor! Escorraçae-os, irmãos,

se não quereis que se vos pegue a lepra do peccado e que Deus arraze

esta aldeia, como arrazou Gomorrha e Sodoma. São esses os que trazem das

cidades a peste para as aldeias; são estas as pragas que nos veem com as

estradas e com a civilisação. Fugi d'elles, que trazem o demonio na

alma! Homens sem religião, mulheres sem temor de Deus, mações, pedreiros

livres, vindes para aqui tentar as almas? Eu vos esconjuro! eu vos

requeiro! Vade retró, Satanaz, vade retró! vade retró!...

E de cada vez que repetia a fórmula exorcista, o missionario estendia o

braço na direcção de Henrique.

Este, desde que viu que a imprecação lhe era dirigida, levantou-se e

fitou o padre com ousadia imprudente. Preparava-se para lhe responder

alli mesmo.

Quando o missionario concluiu, o sussurro da igreja degenerou em

desordem. Das beatas transmittiu-se a revolta aos homens do campo, cuja

má vontade, para com a gente das cidades, cresce sempre que se suspeitam

alvo dos desdens ou zombarias d'esta. As ameaças soavam já distinctas,

os varapaus mexiam-se pouco pacificamente, o escandalo tomára proporções

assustadoras.

Christina quasi desfallecia; Magdalena, pallida, mas sem perder a

presença de espirito, que nunca a abandonava, segurou o braço de

Henrique e queria obrigal-o a retirar-se da igreja.

Henrique resistia e procurava falar.

O velho Torquato, trémulo e enfiado, puxava tambem por elle como podia.

O alarido, a confusão, a desordem recrudesciam. O padre tinha perdido a

cabeça, e do pulpito animava a anarchia, berrando e bracejando.

Alguns homens prudentes, e entre elles o santo homem de um cura que

havia na freguezia, obrigaram, quasi á fôrça, Henrique a sair da igreja

por a porta da sacristia.

Ao vêl-o retirar, acompanhado das senhoras, o povo precipitou-se em

confusão para a porta principal, para os vir esperar á saída da

sacristia, e correu clamando atordoadoramente.

E de feito, quando alli chegaram, viram-se em frente de uma impenetravel

parede humana, de centenares de rostos que os fitavam furiosos, de

braços que os ameaçavam, e de bôcas d'onde partiam gritos de «morte aos

pedreiros livres, aos libertinos e aos herejes.»

Magdalena recuou; Christina encostou-se-lhe ao hombro, quasi desmaiada.

Henrique parou á porta, pallido, mas sem recuar deante d'aquella gente

furiosa e ameaçadora.

--Que querem de mim e d'estas senhoras?--perguntou elle, com voz firme.

Em vez de responder-lhe, berraram com mais violencia:

--Morra o pedreiro livre!

--Ensinem esses senhores da cidade!

--Pouca vergonha!

--Isto não fica assim! Isto é de mais!

--Mação!

--Hereje!

--Quero passar!--repetiu Henrique, no mesmo tom imperioso.

--Havemos de ensinar estes fidalgos.

--Excommungados!

--Havemos de lhes dar os risinhos na egreja.

Henrique não podia já reprimir a impetuosidade do genio; deu um passo

para elles, levantando o chicote que trazia na mão.

Era uma imprudencia perigosa. N'um momento uma verdadeira nuvem de

varapaus cruzou-se sobre a cabeça d'elle.

E os gritos de «morra! mata! abaixo os pedreiros livres e herejes!»

levantaram-se mais ameaçadores do que antes. Magdalena susteve, a

tremer, o braço de Henrique.

E o tumulto crescia cada vez mais e cada vez mais augmentava o perigo.

Uma grande pedra, impellida de longe, veio bater na verga da porta da

sacristia, e na quéda ameaçava ferir a cabeça de uma creança que,

entremettendo-se no grupo dos amotinadores, conseguira collocar-se junto

de Magdalena, e de olhos espantados assistia áquillo tudo com infantil

curiosidade, emquanto a mãe afflicta a chamava em altos gritos,

procurando-a no adro. A morgadinha, estendendo as mãos para proteger a

cabeça da creança, foi ferida nos dedos pela pedra. Com gesto sereno, e

em tom desaffectadamente reprehensivo e ao mesmo tempo placido, disse

para toda aquella gente:

--Não vêem que iam matando esta creança?

Esta simples acção, e estas palavras da morgadinha, produziram mais

effeito do que todos os arrazoados e todas as resistencias. Havia

n'ellas claros indicios de uma indole generosa, e a generosidade foi e

será sempre um dos mais poderosos elementos para dominar e commover as

massas. Sabem-o os especuladores politicos, que tanto se esforçam por

simulal-a, quando precisam do povo.

--Quem foi que atirou a pedra?--perguntou um.

--Temos tolice!

--Nada de pedra, olá!

--Então isto é coisa de garotos!

Estava a quebrar-se a furia da onda popular. Os que antes gritavam

«morra» achavam já reprehensivel a primeira tentativa de lapidação. E

comtudo era a pedra a arma mais prompta para executar a sentença. Era

evidente que o maior perigo passára e que um pouco de prudencia

resolveria a crise.

O peor era que Henrique possuia em pequeno grau essa qualidade, e,

irritado pelo insulto, ia commetter talvez algum acto irreflectido,

apesar dos esforços de Christina e de Torquato para o reprimirem.

Uma circumstancia, porém, veio inesperadamente em auxilio d'elles, e

concorreu para dissipar a tempestade.

Foi o caso que, depois de ser posto fóra da igreja o Zé-P'reira, que,

pelas razões que o leitor já sabe, e inda mais depois do mallogro da

interpellação ao missionario, não olhava com bons olhos para este, veio

desconsoladamente sentar-se no adro, sobre os degraus de um cruzeiro,

tendo ao seu lado o popular tambor, instrumento das suas glorias, e que

ainda n'aquelle dia servira á frente da procissão.

Ahi se conservou em quanto durou o sermão. Junto do artista deitára-se a

dormir o seu satellite, o rapaz do bombo, o que, a passadas compassadas

e valentes, secundava os rufos rapidos e febris que o outro executava na

caixa--pancadas que eram, por assim dizer, as virgulas d'aquelles

floridissimos periodos acusticos.

Em posição de cansaço e desalento o Zé P'reira monologava, como era

habito seu, sempre que tinha o cerebro repassado do espirito familiar.

Lamentava comsigo, o bom do homem, o desmazêlo domestico da sua cara

metade; a influencia funesta dos missionarios na paz das familias, e

sobre tudo a indifferença que principiava a perceber nas massas para as

maravilhas do predilecto instrumento, que elle conhecia a preceito.

Era de facto esta uma das causas dos pesares secretos do hortelão.

Desde que, por influencia do mestre Pertunhas, se instituira a

philarmonica na aldeia, Zé P'reira andava triste e desassocegado.

N'aquillo viu elle a morte da sua arte. Um \_ceci tuera cela\_, como o que

preoccupava e entristecia o arcediago de Notre-Dame de Paris,

analogamente inquietava o nosso homem. O espirito e gôsto publico

entravam em nova phase, preparava-se uma revolução na arte. O reformador

era o mestre Pertunhas; instituindo a banda marcial, verdadeira

extravagancia romantica comparada á simplicidade e nobreza classica dos

portentosos rufos do Zé P'reira, o mestre de latim realisou um

commetimento digno de menção na historia da arte.

Pobre Zé P'reira!

Estas reflexões estavam-lhe acudindo todas, e mantinham-o, havia perto

de uma hora, em uma posição contemplativa deante do tombado instrumento

de seus ruidosissimos triumphos. Lia-se n'aquelles olhares fixos uma

melancolia quasi poetica.

N'esta contemplação o surprehendeu a tumultuosa e subita saída do povo

pela porta da igreja, e as scenas de motim que se lhe seguiram. A

intelligencia pêrra de Zé P'reira não achou logo a explicação do que

via. Pouco a pouco porém os varapaus no ar, os gritos, a confusão,

principiaram a dar-lhe uma vaga consciencia da desordem popular.

Os instinctos ordeiros e pacificos de Zé P'reira acordaram, e o homem

ergueu-se.

Olhou algum tempo para o logar do maior tumulto, e em seguida passou ao

tiracollo a alça do tambor.

Olhou outra vez, e com um pontapé acordou o seu satellite, que,

estremunhado, tomou automaticamente para si o bombo do acompanhamento.

Olhou outra vez, e viu nos ares a pedra que feriu Magdalena. Então o Zé

P'reira não esperou mais nada, tomou uma resolução, fez um signal ao

rapaz, e...

\_Pom\_--fez a baqueta d'este, caindo com toda a fôrça sobre a retesada

superficie do bombo.

\_Taplão, taplão, rataplão, rataplão\_...--responderam as baquetas movidas

pelas amestradas mãos do Zé P'reira.

Muitas cabeças de amotinados voltaram-se na direcção do som.

O Zé P'reira proseguiu; adquiria cada vez mais velocidade o jogo das

baquetas; começava a ganhal-o o vapor do enthusiasmo.

Principiou a acudir o povo para junto do artista.

Este tomára-se já do \_raptus\_, do phrenesi musical. Já não eram só as

mãos, eram os cotovelos, eram os joelhos, era a cabeça que rufavam. De

olhos fechados, dentes ferrados nos labios, ventas offegantes,

contrahidos quasi tetanicamente os musculos do pescoço, a vergal-o para

traz, Zé P'reira parecia endemoninhado. Não via, não ouvia, não sentia,

não tinha consciencia de si, nem dos seus actos; todo elle era fogo,

delirio, convulsão, febre, loucura. Parecia que poderosas correntes

electricas se transmittiam do tambor ao cerebro, e do cerebro ao tambor,

desafiando aquelles movimentos choreicos, aquelles grunhidos surdos,

aquellas visagens extravagantes, aquellas contracções geraes, que o

torciam, desconjunctavam e desfiguravam.

Vencera-o completamente a febre; sangue, nervos, musculos, cerebro, tudo

era dominio seu; congestionado, allucinado, louco, rufou, rufou, rufou

com desespero, rufou até as baquetas se não avistarem, de rapidas que se

moviam; rufou até o ouvido quasi não perceber a descontinuidade dos

sons; rufou finalmente até cair por terra exhausto, no collapso que

succede ás convulsões do espasmo. Se tinha de ser aquelle o declinar de

uma gloria, todos os astros lhe invejariam tão esplendido crepusculo.

O povo inteiro applaudiu o artista.

E quando voltaram a si do extase em que elle os tivera, acharam já

fechadas as portas da sacristia e nem vestigios da familia do Mosteiro.

O povo dispersou pacificamente.

XX

Passados dias voltava o Herodes do Porto, quando nas proximidades da

aldeia encontrou alguns homens a cavallo, que lhe eram desconhecidos.

O leitor que tenha sempre vivido n'uma cidade populosa, onde lhe é

impossivel conhecer todos os que com elle habitam na mesma terra, mal

pode fazer ideia da sensação que produz no habitante de uma aldeia,

villa ou cidade pequena, a presença de uma cara estranha.

Formam-se-lhe logo no espirito mil conjecturas, e a mais inquieta

curiosidade instiga-o a decifrar a significação d'aquelle apparecimento.

Isto aconteceu com o Cancella.

Desde que avistou os desconhecidos, que dissemos, não tirou mais os

olhos d'elles. Eram tres em numero, traziam grandes botas, e largos

chapéos, mantas ao hombro, usavam bigodes e lunetas escuras.

--Passaros de arribação...--pensava o Herodes comsigo--que vento traria

isto para aqui?

E, chegando-se mais de perto, saudou-os cortezmente.

Um d'elles dirigiu-lhe a palavra:

--Olá, ó amigo, onde ha por aqui uma casa habitavel, em que nos

alojemos?

--Por pouco ou por muito tempo, meu amo?

--Por o tempo que levar a construir uns quinze kilometros de estrada.

--Ah! então v. sr.^{as} são engenheiros?

--Julgo que sim.

--Então, visto isso, as estradas sempre vão principiar?

--Antes de arranjarmos casa em que fiquemos, de certo que não.

--Ai, sim, querem uma casa... Eu lhes digo, não tem nada que saber; os

meus amos vão por ahi sempre a direito, e lá adeante, chegando ao pé de

uma oliveira, tomam á sua mão esquerda por um caminho estreito, que tem

uma cancella no fim; depois, logo que virem uma nora, carregam á

direita, seguem sempre ao lado de um muro branco, até chegarem á eira;

ahi tomam por um outro atalho, que está ao lado e vão dar a um

larguinho... Depois não tem que saber, deitam pela rua em frente e

perguntando alli pela estalagem da Mouca, logo lhe dizem.

Os tres cavalleiros olharam uns para os outros, consternados com a

explicação.

Iam a dirigir mais algumas perguntas, quando passou por alli uma

rapariguita, guardando porcos, que parou pasmada a olhar para os

engenheiros.

--Se v. s.^{as} querem, esta pequena vae ensinar-lhes o caminho.

Acceitaram contentes, e cêdo partiam, precedidos por a pequena cicerone.

--Grande novidade!--ficou dizendo o Cancella comsigo--sim, senhor; com

que vão principiar as estradas! Pois nunca cuidei que fôsse nos meus

dias. Então... querem vêr que sempre sae certo o que eu ouvi dizer, que

vae abaixo a casa e o quintal do tio Vicente?... Pois se querem vêr... O

pobre homem estala de paixão, se isso assim é; isso é com certeza...

Pois, senhores... isto de estradas... é bom, é; pois não é? Sempre é

outro arranjo para quem tem de ir á cidade...

Nova surpreza esperava o Herodes n'este regresso aos lares. De longe

ainda, divisou affixado á porta da igreja um edital. Outra circumstancia

que nas cidades nem nos obriga a desviar a cabeça, porém que nas aldeias

toma as proporções de um grande successo.

--Ui! Temos novidade--disse o Herodes ao vêl-o.--Edital á porta da

igreja!--e approximou-se para ler.

Proclamava o chefe do concelho aos seus administrados que, por ordens

terminantes do governo, eram, desde aquella data, expressamente

prohibidos, sob as mais severas penas, os enterramentos no interior da

igreja, e que todos se fariam no cemiterio, para esse fim já construido.

Havia no logar um grupo de populares commentando a ordem e murmurando

contra o governo e contra o conselheiro, e falando de opposição e motim.

--Bom, mais outra!--dizia o Herodes, ao apartar-se do logar.--Grandes

coisas se passaram cá na terra, emquanto eu andei por fóra! O peor é que

não sei se a coisa irá assim ás mãos lavadas; ao que já ouço por ahi

rosnar!... É o diabo!... Eu digo, não sei se é do costume em que uma

pessoa se põe... mas... lembrar-se, a gente de que fica assim á chuva e

ao sol... Mas é do costume, é... Bem sente lá uma pessoa o frio depois

de morta.

E fazendo estas reflexões proseguiu no seu caminho.

Passou por uma pequena capella, erecta á borda de um pinheiral, sob a

invocação da Virgem da Esperança, e reteve-se a fazer oração. Áquella

imagem costumava encommendar a filha, sempre que saía da aldeia, e no

regresso pagava-lhe em fervorosas orações a protecção obtida, e

separava-se d'alli mais consolado e tranquillo. D'esta vez, porém, ficou

triste e sobresaltado. Porquê?

É que se lembrára de que tinha, ao partir, deixado Ermelinda doente, e

estremecia agora na incerteza de como a iria achar.

Esta ideia fel-o apressar o passo, como se quizesse, quanto antes,

tirar-se d'aquella incerteza; mas desde que avistou os telhados e muros

da casa parou irresoluto.

Parece que os objectos inanimados nem sempre teem para nós um mesmo

aspecto. Ha occasiões em que as casas, as arvores, os muros, as portas,

se nos mostram com certos ares melancolicos, e quasi direi pensativos,

que nos enchem de sombras o coração; outras em que umas apparencias de

sorrisos lhes dão uns ares de festa que alegram e convidam.

Ao Herodes apparecia-lhe triste d'esta vez a casa, que de ordinario, ao

avistal-a, lhe enviava um sorriso a dar-lhe as boas vindas.

Seria o effeito das tintas desmaiadas, que dá aos objectos o sol

crepuscular? Seria o reflexo dos presentimentos proprios, que lhe

estavam confrangendo o coração? Mas como lhe acudiram tão de subito

esses presentimentos, a elle, ainda pouco tempo havia tão

despreoccupado! Como lhe occorrera de repente a memoria d'aquelle dia em

que, voltando tambem de fóra, viera encontrar quasi morta a mulher, que

chorava ainda, a mãe de Ermelinda? Phenomenos que se perdem na parte

obscura da vida moral, da qual ainda a analyse não conseguiu devassar as

sombras.

Crescia o sobresalto do pobre homem ao pousar os pés nos primeiros

degraus da escada de pedra. Ao passar pela porta do compadre, não tivera

coragem de perguntar; receiou sair da incerteza.

Foi quasi a tremer que empurrou deante de si a porta da casa, que

encontrou aberta.

Logo ao entrar, recuou espantado e não reprimiu uma exclamação de

surpreza.

Fôra a causa o achar novidades na primeira sala.

Deu com os olhos n'uma fileira de pequenas cruzes de pau preto que

cercavam as paredes, e em alguns caixilhos com imagens de santos, que

não deixára alli ao partir. E ninguem a recebel-o.

--Crédo!--disse o Cancella, desgostoso.--Para longe o agouro! Cruzes

negras á chegada! São coisas da comadre. Maldita velha! Jurou metter-me

scisma em casa e na cabeça da rapariga, e se não lhe

acudo...--Ermelinda!--exclamou, chamando por a filha.

Como não recebesse resposta, passou para os aposentos interiores.

Á entrada do corredor descobriu uma pequena pia de louça cheia de agua

benta, em que mergulhava um ramo de alecrim.

--Mau!--disse o Herodes, cada vez mais descontente.--Vou vendo que a

minha comadre fez por aqui das suas. Ora queira Deus... queira Deus...

Ermelinda!

E correu toda a casa, que não tinha muito que correr, e explorou o

quintal, e sem achar a filha; já inquieto, chegou a um quarto mais

retirado, o unico que ainda não revistára. A porta estava fechada por

dentro, porém a péquena cravelha fraca resistencia oppoz á pressão que

na porta exerceu o Herodes.

Franqueando assim a passagem, parou no limiar.

Moveu-se, ao ruido que elle fez, um vulto que parecia ajoelhado n'um

canto escuro do quarto.

--És tu, Linda? Estás ahi?--perguntou o Cancella, affirmando-se

n'aquelle vulto, sem ainda o reconhecer,

--Meu pae... respondeu com voz fraca.

--Que fazes tu aqui mettida e fechada n'este quarto, filha? no quarto

mais escuro e mais abafado de toda a casa? Chega-te cá, rapariga,

quero-te abraçar e beijar... Então que é isso?... Tens hoje tão pouca

pressa de abraçar teu pae?... D'antes, até ao caminho me vinhas

esperar... Vem cá, minha filha, vem cá... Se soubesses como me

consola...

E estendia os braços para a filha, que lhe viera emfim ao encontro.

Quando, porém, a viu mais perto da luz, calou-se subitamente e

principiou a examinal-a com inquieta anciedade. Depois, como se lhe não

bastasse a luz d'aquelle recinto para desvanecer não sei que suspeitas

assustadoras que o devoravam, trouxe, silencioso ainda, a filha para o

corredor, e continuou ahi a fital-a com os olhos eloquentes de paixão e

de espanto, bradando emfim, com voz consternada:

--Que é isto!... Que tens tu, filha?... Estás doente? Estas não são as

tuas feições... Os olhos pisados... as faces abatidas... sem côr... sem

risos... sem saude!... Linda, tu que tens? Dize: choraste, filha? Estás

doente? Fala! Anda, fala!... por piedade!... por amor de Deus, Linda,

fala!

A rapariga, em vez de responder, desatou a chorar.

--Meu Deus! Isto que é, meu Deus?--exclamava, mais assustado, o

pae.--Choras ainda mais? Que te fizeram, filha? Ó Linda, tu não tens

pena de mim? não chores!... Ou chora, chora, se te faz bem chorar;

mas... fala, dize-me o que tens, dize-me por que choras, filha... Então?

E com voz trémula, com as mãos unidas e o susto no gesto, como no

coração, o pobre homem quasi ajoelhava a implorar da filha a explicação

d'aquelle doloroso mysterio.

Como ella não respondesse ainda, continuou o afflicto pae, cada vez mais

commovido:

--Ai os presentimentos do meu coração! Não sei o que me dizia isto! Não

sei! Meu Deus, meu Deus! E como te pareces com tua mãe n'aquelle dia em

que... Nem quero imaginar... Ó filha, filha, não vês que me matas assim?

Fala!

E beijava-a e afagava-a, e cobria-a de lagrimas ardentes, que mais

lagrimas desafiavam á creança, sem que a fizessem falar.

Nos movimentos desordenados que fazia, o desgraçado parecia louco. Elle

apertava as mãos da filha, levava-as aos labios, abraçava-a, tomava-a ao

collo, pousava-a no chão; ora a attrahia a si, ora a afastava, sem saber

o que fizesse, n'essa incoherencia de actos que produz um espirito

inquieto.

Como para melhor examinar aquellas feições queridas, cujo abatimento e

pallidez tanto o assustavam, afastou da fronte da creança, com as mãos

trémulas, o lenço que lhe envolvia a cabeça; mas de repente retirou-as,

soltando um grito medonho, ergueu-se e recuou com terror.

Depois, fitou a filha com olhar desvairado, e, sem pronunciar uma

palavra, quasi que a arrastou para mais perto da luz, que entrava no

corredor pela porta aberta do quintal; ahi, arrancou com impeto febril o

lenço da cabeça de Ermelinda; um novo grito, mas d'esta vez rouco,

abafado pela dor, cortado pelos soluços, saíu-lhe do seio, e elle, o

desgraçado pae, desatou a chorar como uma creança.

É que aquelles formosos cabellos louros de Ermelinda, que com tanto amor

beijava, que com tanta soberba lhe desatava pelos hombros, o orgulho, o

enlevo do seu coração de pae, aquelles cabellos louros haviam caído aos

golpes de uma tesoura desapiedada e quasi irreverente.

Só quem fôr pae pode conceber toda a desesperadora afflicção em que esta

descoberta lançou o coração d'aquelle.

Ermelinda caiu-lhe aos pés, de joelhos, chorando tambem.

Por algum tempo, nada mais se ouviu alli dentro senão os soluços de

ambos.

A reacção não se fez, porém, esperar muito no animo violento do

Cancella.

Afastou com vivacidade as mãos do rosto, ergueu a cabeça, e, com os

olhos inflammados de raiva e de cólera, disse para a filha, tremendo e

gaguejando, tal era a impetuosidade dos sentimentos que se lhe

amontoavam no coração:

--Quem foi?!... Responde! De quem foi essa mão atrevida que fez isto?...

Fala! Não ouves? Quero sabel-o, para cortal-a mais rente do que te

deixou os cabellos... E tu, desgraçada, tu, consentiste! Má filha, filha

desagradecida e sem coração, que assim deixas que me roubem as minhas

riquezas e alegrias! A teu pae!... É assim que pagas o amor com que te

tenho creado?... a adoração com que de pequenina te tratei? É assim? É

com este desamor?! e com esta ingratidão?!

--Meu pae! meu pae!--implorava Ermelinda, suffocada pelo

pranto.--Perdôe! Não se affiija assim, meu pae, que me mata! Não vê?...

Escute... Para servir a Deus... foi para servir a Deus que eu os

cortei... A vaidade é um peccado grande.

--Quem te ensinou isso?... Quem te aconselhou a que os cortasses?

Fala!...

--Por alma de minha mãe, não me fale assim, que me assusta!

--Vá! Pois já não falo... Eu estou socegado... Mas então? eu não hei de

saber?... Bem vês que eu precíso de saber!... Vá!... Eu sou teu pae.

Ordeno... Peço... Dize, filha, quem foi?

--O missionario...--ia a dizer Ermelinda.

O pae não a deixou proseguir.

--Ah! Já sei! O missionario! É isso! Os padres... as beatas... tua

madrinha! A bruxa a quem eu confiei a filha e que m'a entrega assim!

Vendeu-m'a ás mãos d'esses malvados sem dó, sem consciencia, sem

religião, sem Deus...

--Meu pae, não diga isso! Não fale assim, que é peccado.

--Cala-te que grande, maior peccado fizeste tu, affligindo assim teu

pae! Os missionarios! Quem lhes deu o direito? Quem lhes ordenou...

Deus? Se Deus é assim, se Deus quer estas crueldades... Deus não é Deus,

e eu não o reconheço nem adoro!

Ermelinda tremia de terror, ouvindo estas palavras, que a irritação e o

desespero estavam dictando ao pae. A timida e nervosa creanca

horrorisava-se, ouvindo aquellas phrases audaciosas, e quasi blasphemas,

e a cada momento esperava vêr cair um raio fulminador a castigal-as.

--Por amor de Deus--murmurava ella, com a voz chorosa e quasi

sumida--por alma de minha mãe!...

--Cala-te! não fales em tua mãe, que não mereces dizer esse nome! Tua

mãe! Aquella sim, que sabia como eu lhe queria; que sempre lidou para me

não causar penas, e que só com a sua morte me fez chorar lagrimas, tão

amargas e tantas, como eu choro agora!

E chorava cada vez mais, chorava, como um fraco, aquelle homem forte e

valente, chorava, porque tinha um coração de pae.

Ermelinda lançou-se-lhe nos braços, cobrindo-o de afagos e beijos.

--Perdôe-me, meu pae! perdôe-me!--dizia ella.--Se soubesse... Fui eu que

pedi... Fui eu que sonhei... Não chore assim, meu pae! Não culpe

ninguem, fui eu, eu que pedi a minha madrinha!... Foi por a salvação da

minha alma, porque...

--E foi tua madrinha que t'os cortou?

--Foi, mas... É que o missionario tinha dicto... O missionario é um

santo!... Não olhe para mim d'esse modo, meu pae, que me faz mêdo.

E cobria os olhos com as mãos, para não ver a expressão do rosto do

Cancella.

--Querem matar-me a filha--bradava elle.--Ó meu Deus! pois não é isto um

grande peccado? fazer da creança, linda e alegre, que eu deixei aqui,

esta desgraçada rapariga, sem côr, sem risos, sem alegria! Não é isto um

crime, meu Deus? Não se vos pode amar e servir, Senhor, senão com

lagrimas, com penitencias e com tristezas? Não! Mentem elles! mente esse

missionario! mente essa mulher! mentes tu, filha! e maldicto seja quem

traz assim o desespero ao coração de um pae.

E o Cancella levantou-se exasperado, sacudindo rudemente de si a filha,

cada vez mais gelada de terror e afflicção. Deu alguns passos no

corredor, e voltou ao quarto onde a encontrára. Ella seguiu-o de mãos

postas, chorando, pedindo-lhe que se não affligisse assim. Mas o

Cancella era dominado pela impetuosidade do seu genio. Nem a ouvia. De

repente, parou, fitando os olhos no registo do Coração de Maria, que

alli fôra introduzido por a mulher do Zé P'reira. Estava adornado com

jarras de flores e vélas de cêra; era a esta imagem que Ermelinda fazia

oração, quasi extatica, quando o pae entrou.

--Coração de Maria!--disse o Cancella, quasi desvairado, conservando a

vista fixa na imagem, e como falando para si.--Coração de mãe, e de mãe

extremosa, que foi esta, e bem lanceada de dores. Soube o que é querer a

um filho, o que é vêl-o padecer... o que é perdel-o... E será ella a que

deseja as lagrimas, as tristezas e a morte d'esta creança?... as

desventuras de um pae?... Ella! Não! E se tu o queres--continuou

allucinado, voltando-se para a imagem--e se não podes ser adorada senão

assim, é porque és falsa, falsa como a mão que ahi te pintou, falsa como

as bôcas que te prégam os milagres. Vae-te!

E no accesso de raiva, que cada vez mais crescia n'elle, fez voar o

caixilho, as jarras e os castiçaes pelo ar, e tudo veio fazer-se pedaços

no pavimento.

Ermelinda soltou um grito dilacerante e agudissimo ao vêr aquillo. O

terror seccou-lhe as lagrimas. Com o olhar espantado, as faces quasi

lividas, as mãos juntas, quiz falar, mas não pôde; moviam-se-lhe os

labios descórados, mas não lhe saía a voz da garganta.

Cada vez mais cego pelo desespero, o pae já não a attendia. Passou outra

vez ao corredor, derrubou, em igual accesso de furia o vaso da agua

benta, bradando:

--Vae-te, que estás empestada tambem pelo bafo maldicto da impostura.

Ermelinda lançou-se-lhe aos pés, abraçou-o pelos joelhos para o reter,

mas elle não a sentia, e, continuando a caminhar desorientado, quasi a

levou de rastos á outra sala.

Ahi, imagens, cruzes, esculpturas, tudo lançou por terra, tudo

despedaçava ou rasgava.

N'este impeto de loucura, n'esta cegueira de raiva, não viu a filha que,

como se galvanisada pelo terror, ergueu-se arquejante, com os braços

estendidos, fazendo esforços para falar, e caindo por fim no pavimento

inerte e fria como um cadaver.

Attrahida pelos gritos e rumor que partiam da casa do Cancella, a

madrinha de Ermelinda acudiu a vêr o que era aquillo.

Chegando ao limiar da porta, assistiu ainda ao final da scena que

descrevemos; ia a gritar, mas o olhar e gesto com que a fitou o Cancella

cortou-lhe a fala na garganta.

Era de facto um olhar selvagem e sinistro.

A sr.^a Catharina parou.

--Que vem fazer aqui, mulher?--dizia-lhe o Cancella com voz cavada.

--Eu...

--Vem acabar de matar-me a filha, serpente? Vem empeçonhar estes ares,

onde metteu a tristeza?

E, a cada pergunta que fazia, dava para ella um passo e ella recuava

outro.

Crescia outra vez a impetuosidade nas paixões e nas palavras do Herodes.

--Saia! saia da minha vista, se não quer que eu lhe faça como fiz a

esses feitiços com que me enfeitiçou a filha, com que m'a quiz matar.

A velha ganhou animo ao vêr-se fóra da porta e por isso disse:

--Lá se vê quem a matou. Repare e diga se não tem remorsos, carrasco!

Estas palavras fizeram quebrar a vehemencia do desespero do Cancella.

Voltou-se, e vendo a filha estendida no chão, quasi como morta, com a

pallidez, com a immobilidade, com a apparencia de um cadaver, correu

para ella, soltando um grito angustioso, e principiou a chamal-a pelo

nome, beijando-a, chorando, pedindo misericordia a Deus, pedindo perdão

a ella, soltando palavras sem nexo, arrepellando-se, ferindo-se.

A velha, que já não o temia, ao vêl-o assim, vingava-se agora

chamando-lhe impio, hereje, malvado, assassino da filha, condemnado de

Deus... e elle, o desgraçado, tudo escutava humildemente, com remorsos,

e implorando misericordia.

--Não! ella não ha de morrer-me assim... Deus não pode consentir n'isto.

Não deixará que eu tenha assassinado minha filha. Ah! senti-lhe o

coração!... vive!... senti-lhe o coração bater... Olhe! venha vêr...

pouse aqui a mão, comadre, no peito d'ella, aqui... Não sente? É o

coração, não é? Não lhe parece que não morreu? Ar, ar, é do que ella

precisa.

E erguendo-se, correu, com a filha nos braços, para o meio da rua.

Ermelinda ainda estava sem accôrdo. Juntaram-se algumas mulheres,

attrahidas pelo espectaculo e pelas arguições da beata, que não cessára

de falar.

Foi voz unanime que a pequena estava a expirar. O Cancella tremia e

pedia por amor de Deus que lhe não dissessem aquillo.

Subitamente, soltou um grito de triumpho e poz-se a rir como doido.

Ermelinda tinha aberto os olhos.

Mas, ao fital-os no pae, instinctivamente desviou a cabeça, como se o

aspecto d'elle lhe causasse terror.

--Filha! disse o Cancella, tremendo de interpretar aquelle gesto e com

maior consternação na voz e no olhar.

Ermelinda, sempre com os olhos fechados, começou a tremer

convulsivamente e n'uma anciedade extrema.

--Deixe a pequena!--disse a beata--não vê que lhe faz mêdo? E com razão,

pobre creança! depois do que viu!

--Pois eu hei de fazer mêdo a minha filha?--repetiu timidamente o

pae.--Eu?! Ó Ermelinda... pois tu...

Um estremecimento, que correu pelos membros da rapariga, fel-o calar.

Commovido, consternado, passou-a para os braços da velha, e sentou-se a

soluçar como uma creança, dizendo entre gemidos:

--Perdi o amor de minha filha! perdi o amor de minha filha! Ai que

desgraçado que eu sou!...

A scena era bastante commovente, para que se não sentissem

impressionadas todas as pessoas que ella attrahira alli.

Houve um longo silencio, só interrompido pelos roucos soluços do

infeliz, em quem entrára o desespero no coração.

Este silencio permittiu ouvir-se um vago som, como de musica longinqua,

que, a pouco e pouco, se percebeu ser um côro de vozes femininas; cêdo a

toada e depois da toada a lettra, principiou a tornar-se distincta.

Ouviram-se perfeitamente estas palavras:

Vinde, vinde, ó missionarios,

Com a palavra de Deus

Libertar-nos do peccado,

Encaminhar-nos aos céos.

O Cancella ergueu a cabeça e poz-se a escutar.

As vozes continuaram:

Minha alma por vós anceia,

Ó ministros do Senhor!

E o meu peito em chammas arde,

Em chammas do vosso amor.

O Cancella principiou a abanar a cabeça, e os olhos animaram-se-lhe de

um fulgor extranho.

O côro soava cada vez mais perto, e dentro em pouco desembocou na rua,

em que se passavam estas scenas, um singular cortejo.

O missionario, que nós já conhecemos, por o termos visto em pleno

exercicio de suas funcções predicatorias, vinha seguido por uma cohorte

de mulheres de roupas escuras e cabellos cortados, que cantavam em

chorada cantilena estas e analogas quadras, que os missionarios ou os

agentes seus teem quasi sempre o cuidado de vulgarisar como

preparatorios dos animos impressionaveis das mulheres e das creanças.

Ia em meio uma d'estas quadras, quando se approximava a procissão da

casa do Cancella.

Este já estava em pé no meio da rua, á espera d'ella.

O missionario viu aquelle homem grande e immovel no meio do seu caminho,

aquelle agigantado vulto que, virado de costas para o poente, se lhe

apresentava escuro como um phantasma, e não conjecturou bem do que via.

Por isso parou tambem, olhando para elle. O côro suspendeu-se.

O Cancella fitou por algum tempo em silencio o padre, e perguntou-lhe:

--Sabe quem sou?

O padre fez um signal negativo com a cabeça.

--Sou um homem desesperado, um homem que, n'este momento, nem ouve Deus.

O padre olhou inquieto para traz de si e para os lados, como quem

procurava uma saída para caso de necessidade, pois dizia-lhe a razão que

um homem que não ouve Deus não estaria muito disposto a escutal-o, a

elle, humilde creatura.

--Sabe o que lhe quero? Perguntar-lhe por a alegria e por a saude de

minha filha; perguntar-lhe por o amor d'ella, que me roubou;

perguntar-lhe a que demonio offereceu os cabellos d'aquella creança sem

culpa nem maldade; perguntar-lhe com que veneno lhe envenenou o coração,

e depois... depois matal-o.

O padre enfiou; ia a abrir a bôca para falar, mas viu caminhar para elle

o Cancella, viu no ar aquella mão musculosa e larga, e, calculando a

violencia do embate pelo volume do braço, julgou-se de antemão esmagado,

e só pôde encolher os hombros, fechar os olhos, contrahir comicamente as

feições, e suspender a respiração, aguardando n'esta postura o golpe,

que não podia evitar.

Este de facto não foi suave. A mão do Cancella caíu em parte sobre o

cabeção, em parte sobre o pescoço do padre, e com tal fôrça, que este

foi constrangido a ajoelhar.

--Anda, meu impostor do inferno!

E uma forte sacudidela o impelliu para deante e restituiu de novo á

primeira posição. O chapéo rolou a alguns passos de distancia.

--Anda, meu envenenador de almas!

Nova sacudidela seguida de iguaes resultados; e os oculos seguiram o

caminho do chapéo.

--Anda, meu calumniador de Deus!

E d'esta vez o Cancella principiou por collocar o padre em pé, e após,

dando-lhe um forte impulso e soltando-o das mãos, deixou-o ir á mercê da

fôrça transmittida.

O padre estendeu os braços instinctivamente para se amparar na quéda

provavel, e, pé aqui, pé acolá, a passos descommunaes, escapou

miraculosamente de cair, porém não conseguiu parar senão a muitos metros

de distancia.

Escusado é dizer que esta scena não correu entre o silencio dos

espectadores. Mal o Cancella levantou a mão sobre a cabeça do padre, as

beatas ergueram um alarido de atroar céo e terra.

--Aqui d'El-rei!

--Aqui d'El-rei sobre o Herodes!

--Aqui d'El-rei, que matam o sr. fr. José!

--Quem acode ao sr. fr. José?!

--Ai, que matam o santinho do missionario!

E estas e outras vozes pipilavam, uivavam e chiavam aquellas esganiçadas

mulheres, sem que o zelo religioso as decidisse, porém, a intervir mais

activamente.

A celeuma attrahiu gente, e, no numero, alguns cabos de policia, que, em

cumprimento de seus deveres, se acercaram do Herodes, mas com respeito.

Este, porém, não oppoz resistencia.

Tinha-lhe passado a furia e voltou-lhe o desalento.

Assim deixou-se levar em prisão, acompanhado das imprecações das beatas

e dos gritos de indignação dos homens.

As devotas mulheres correram para o missionario.

Umas levavam-lhe o chapéo, outras os oculos, outras o capote.

--Magoou-se, sr. fr. José?

--Doe-lhe alguma coisa?

--Feriu-se?

Mas o padre não se demorou a informal-as. Limitou-se a abanar com a

cabeça negativamente e deitou a correr, como se visse atraz de si ainda

a mão espalmada do Cancella, prompta a cair-lhe outra vez sobre a

cabeça.

Quando o Cancella chegou a casa do regedor, já a multidão engrossára e

em altos gritos pedia o castigo do criminoso.

O regedor tinha a precisa finura para saber condescender com a multidão.

In continenti, redigiu um officio ao administrador, no qual foi tão

feliz que escreveu tres palavras com boa orthographia; e, falando ás

turbas, disse que estavam dadas as providencias, e que o crime havia de

ser punido com todo o rigor das leis.

XXI

O acto violento do Cancella, contra a pessoa do missionario, foi

assumpto das conversações geraes de toda a aldeia. Era com indignação

que se commentava a façanha. Dizia-se que o Cancella fôra apenas o

instrumento de que se servira a gente do Mosteiro para se vingar do

padre, pela occorrencia da tarde do sermão.

Os adversarios do conselheiro aproveitaram o ensejo que se lhes

offerecia para lhe alienarem sympathias e tentarem um cheque, pelo qual

havia muito suspiravam.

O missionario e os seus ardentes sequazes fôram dos mais acerbos

propugnadores d'estas ideias, que reforçavam com muitas accusações, de

hereticos e de impios, contra todos os membros da familia do

conselheiro.

A politica viu n'isto uma arma favoravel para combater o adversario, e

não a desprezou; depois, veio a portaria a respeito do cemiterio,

manifestamente devida á iniciativa do pae de Magdalena, e

impopularissima na aldeia, augmentar a irritação dos animos e servir de

thema a uma violenta diatribe do missionario contra a impiedade da

época, que nem aos fieis concedia a santa consolação de repousar á

sombra dos templos.

Tudo isto começou pois a fomentar uma reacção contra o conselheiro, a

qual ameaçava o resultado da sua candidatura.

Não pequena parte n'esta guerra surda, que principiára a lavrar, tomava

o seu companheiro de infancia e particular amigo o brazileiro Seabra.

Nunca elle sentira entranhada no coração metade da bem-querença que

apparentemente ostentava para com o conselheiro: mas depois de uma

conferencia que tivera com mestre Pertunhas tornára-se mais manifesta a

sua hostilidade e menos observadora de etiquetas e rebuços.

Foi elle, por exemplo, quem teve o cuidado de lembrar que a familia do

conselheiro estava de posse de bens religiosos; circumstancia que o

missionario attendeu, clamando do pulpito contra os delapidadores dos

bens da Igreja.

Foi tambem o brazileiro quem trouxe á flor de agua os antigos excessos

demagogicos, que caracterisaram o principio de carreira politica do

conselheiro, e referira, com modos de horrorisado, a substancia dos

exaltados discursos que elle proferira nas camaras, advogando ideias

cuja só exposição ferira de pavor a imaginação dos povos.

Finalmente, até o principio dos trabalhos para as estradas, cujo

protrahido adiamento fôra até aquelle tempo um capitulo de accusação

contra o pae de Magdalena, servia agora de arma á opposição.

O brazileiro, em attenção a quem se adoptára o traçado que ia ser posto

em execução, era o que provava á saciedade com grande exhibição de

cifras e de razões economicas, ser esse traçado, sobre dispendioso,

irracional.

E cumpre advertir que estes argumentos ouvira-os elle ao proprio

conselheiro, quando este os allegava para vêr se conseguia demovel-o do

empenho que mostrava em que o traçado em questão fôsse preferido aos

outros. Tal era o estado das coisas publicas na terra no dia em que

principiaram os primeiros trabalhos de campo.

Tinham-se passado alguns dias depois da prisão do Herodes.

A aldeia vira-se invadida por um bando de sêres desconhecidos, que

vieram alterar a perenne serenidade de animo de uma população habituada

a considerar como occorrencias de maximo interesse a reforma dos muros

ou das cancellas de qualquer proprietario da localidade.

A cohorte de engenheiros, conductores, apontadores, cantoneiros e mais

operarios vinha, com seus habitos e costumes novos, fazer tantas ou

maiores mudanças na vida moral da aldeia do que nas condições physicas

d'ella as bandeirolas, os niveladores, as enxadas, as pás, alviões,

picaretas, carros de mão e padiolas, de que era armada essa cohorte.

Por isso corria uma verdadeira romagem para o logar onde com a maior

actividade tinham começado os trabalhos. Era como já dissemos, na casa

do herbanario. Pela demolição d'ella, e do quintal que a rodeava,

principiaram as obras.

O velho Vicente assignára dias antes o auto de expropriação e recebera o

preço da venda, estipulado, o qual, por influencia do conselheiro, não

lhe foi muito regateado.

Elle, porém, o desconsolado velho, recebeu-o comovido. Por as arvores

nada quiz; não podia resignar-se a vendel-as. Podia vêl-as cair, como

amigos sacrificados no cadafalso, mas mercadejar-lhes com os restos,

isso não.

O desinteresse e o escrupulo do herbanario serviu á Fazenda Nacional de

compensação ao excessivo preço por que fôram expropriados os bens de que

o brazileiro se apossára, com o patriotico intuito de promover os seus

melhoramentos particulares, preço que por empenho do conselheiro não foi

litigado.

Ao principiarem os trabalhos, alguns grupos populares tentaram resistir,

mas refrearam-se, em parte pelo respeito devido á cohorte de operarios

melhor armados do que elles, em parte cedendo ás imperiosas ordens do

herbanario, que, ao sair pela ultima vez da casa, onde envelhecera, lhes

disse, com voz irritada e severa:

--Quem lhes pediu que defendessem estas arvores? Que amor lhes tendes

vós, para vos amotinardes por causa d'ellas? Para traz!

Os instigadores das massas conheceram que não era aquella a occasião nem

aquelle o pretexto proprio para os seus projectos, e adiaram, em vista

d'isso, a empresa prudentemente.

Era ao fim da tarde de um dia ennevoado e frio, de um d'esses dias em

que os animos mais fortes se deixam dominar de uma melancolia profunda.

Na baixa em que ficava a habitação do herbanario, ia uma azafama

extraordinaria.

O machado demolidor e a alavanca principiaram a sua obra de destruição;

desconjuntavam-se as pedras dos muros, desfazia-se em pó a argamassa

secular, caíam a golpes de machado as vigas dos tectos e os troncos das

arvores, alastrava-se de tijolo e caliça a verdura dos taboleiros, e

cêdo, de toda aquella vivenda tão amena e virente, só restavam ruinas.

Numerosos grupos de já pacificados espectadores seguiam com curiosidade

as operações de devastação; mas, longe d'alli, a maior distancia do que

os indifferentes, assistiam ao espectaculo os unicos olhos que elle

orvalhava de lagrimas, o unico coração que elle devéras apertava de dor.

O herbanario foi sentar-se na encosta de um outeiro vizinho, d'onde se

divisava toda a scena. Com a cabeça pousada na mão e o braço apoiado

sobre o joelho, com voz commovida, dizia adeus a cada arvore, que d'alli

via vacillar e cair, como se fôsse um amigo que o precedesse no tumulo.

Parecia ter fugido para longe, para pelo menos não lhes ouvir o estertor

da agonia.

Ao lado do velho estava Augusto.

Não era tambem sem tristeza que elle seguia os progressos da demolição.

Mais do que uma vez tentára arrancar o herbanario d'aquelle sitio. O

velho, porém, resistiu; queria estar alli até vêr cair a ultima arvore.

Ao pinheiral d'onde assistia á scena, chegava em confusão o alarido dos

trabalhadores, o rumor do manobrar dos instrumentos, e até o da quéda

das arvores cortadas.

O herbanario sempre que via brilhar o machado sobre uma nova arvore,

recordava sentidamente algum episodio do seu passado, a que ella estava

ligada.

--Lá vae aquella faia!--dizia elle, com intensa melancolia--pobre velha!

Era á tua sombra que meu pae me ensinava a ler! Encostava-se áquelle

tronco sobre a grossa raiz que elle tem á flor da terra e pegando em mim

ao collo, guiava-me nas primeiras lições! E viver eu para te vêr cair!

E, ao perceber-lhe balançar as sumidades, o velho fechou os olhos

instinctivamente. Cêdo ouviu um estrondo... Quando os abriu, estava por

terra a faia.

--Agora é a tua vez, pobre carvalho!--dizia algum tempo depois--muito

queria minha mãe áquella arvore! Por suas mãos a plantou bem tenra.

Nunca me sentei áquella sombra, que me não lembrasse da santa mulher!

Parecia que eram vozes tuas, que m'a recordavam, infeliz! Barbaros! Olha

com que desamor a decepam! Perdôa-me, meu velho amigo, mas bem vês que

te não posso valer.

E o carvalho caíu.

--Eil-os agora comtigo, cerdeira. Mal adivinhavas tu, quando o anno

passado te enfeitavas com aquellas cerejas escarlates, que tanto

cubiçavam as creanças, que pela ultima vez o fazias!... Adeus, pobre

amiga, adeus.

E caía a cerdeira tambem.

E caíam, uma após outra, todas as arvores do quintal, os limoeiros, as

nogueiras, os salgueiros e toda a familia vegetal do velho Vicente, que

sentia ir-se-lhe com ella a alma. Memorias de infancia, sonhos de

juventude, e reminiscencias de velho, como aves invisiveis, occultas nas

copas d'aquellas arvores, surgiam agora, espavoridas e desnorteadas, a

procurar o refugio que não encontravam fóra dalli.

Por outro lado os delicados sentimentos do herbanario eram dolorosamente

feridos, ao desmoronarem-se as paredes d'aquella pequena casa, onde elle

envelhecêra e contava morrer, e ao patentear-se indiscretamente aos

olhos irreverentes e curiosos do povo aquelle recatado asylo.

A demolição proseguia com ardor e actividade. Em pouco tempo, só

restavam da casa os muros, meio derrocados; e, no quintal, a serra e o

machado principiavam a exercer no tronco da ultima arvore a sua obra

destruidora. Era o castanheiro da entrada, gigante de outro seculo, que

desafiára os raios de muitos invernos successivos.

A exaltação do herbanario cresceu n'aquelle momento. Ergueu-se, pallido

e trémulo, apoiou-se no hombro de Augusto, murmurando:

--Tambem o castanheiro! Já era arvore quando eu nasci! Como elles se

encarniçam contra elle! Mas não te parece, Augusto, que não soffre muito

o castanheiro?... Sabes? É que elle já não agradeceria a vida, porque

tinha de viver assim desamparado dos seus outros companheiros, que vê

caídos no chão... Tarda-lhe talvez o deitar-se ao lado d'elles... É como

eu.

O castanheiro principiou a oscillar.

--Repara--disse o herbanario, cada vez em tom mais baixo, e apertando o

braço de Augusto.--Elle já treme! Não vês!... Lá lhe deitam a corda...

Vae cair!... Parece-me que estou a sentir aquelle estalar de fibras...

E a arvore caíu com fragor no chão, que por tanto tempo cobrira de

sombras.

Estava ultimada a obra.

O herbanario encostou a cabeça ao hombro de Augusto e rompeu em soluços.

--Então, tio Vicente, tenha animo--dizia-lhe Augusto, igualmente

commovido.

--Se tu soubesses, Augusto, o que eu estou sentindo! Olhar para acolá e

não ver em pé uma só das arvores que eu conheci em pequeno! Parece-me um

sonho isto, um sonho de afflicção! Sinto-me tão só no mundo! Ai! se a

morte me ferisse agora!

A dor, a saudade e o desalento davam uma uncção de poesia elegiaca á

figura, ao gesto e ás palavras do velho, que desvanecia tudo o que

n'elle pudésse haver, nas situações ordinarias da vida, capaz de

desafiar um sorriso nos labios de quem o observasse friamente.

Conceda-se uma lagrima a estas obscuras victimas dos progressos

materiaes, lagrima que não importa uma ironia á civilisação. Exalte-se

embora a rapida carreira da locomotiva, que atravessa, como meteoro, as

povoações e os êrmos; mas não seja isso motivo para condemnar a

compaixão pela violeta dos campos, que as rodas deixaram esmagada á

beira do carril. Inda quando um vencedor tem um papel providencial a

cumprir, e o seu triumpho seja uma obra de redempção, o vencido, desde

que cáe, tem direito a um olhar compassivo, a uma lagrima de saudade.

Não tenteis a louca empresa de anniquilar o sentimento, espiritos áridos

que infundadamente o temeis, como coisa desconhecida á vossa alma sêcca

e esteril. Quem devéras confia nos destinos da humanidade não tem mêdo

das lagrimas. Pode-se triumphar com ellas nos olhos.

Passado algum tempo, e quando já as sombras da noite se condensavam nos

valles e subiam lentamente as encostas dos outeiros, o velho disse para

Augusto:

--Agora que não tenho casa, dá-me por alguns dias o abrigo da tua.

--Por alguns dias?--repetiu Augusto, admirado.--Pois quer deixar-me

depois!

--Quero. Vou com ellas.

E apontou, ao dizer isto, para as arvores derrubadas.

Atravessaram a aldeia á hora a que vibravam nos ares os sons

melancolicos das Avé-Marias.

Em silencio chegaram a casa de Augusto, agora commum para os dois.

--Mettes em tua casa um triste hospede, pobre rapaz!--disse o

herbanario, ao transpor o limiar.--Má companhia te fará a minha velhice.

--Boa companhia me faz sempre a sua amizade, tio Vicente. Nem a sua

presença podia desalentar quem na mocidade é mais fraco e desalentado do

que ninguem o pode ser na velhice.

--Custou-me muito este golpe de hoje! Não contava com elle! Desde hontem

envelheci muitos annos. Podes crêl-o.

Quando Augusto ia a replicar, interrompeu-o uma voz que dizia de fóra da

porta:

--Dão licença?

E no limiar appareceu a figura do mestre Pertunhas, animada de cordiaes

sorrisos.

O herbanario e Augusto não reprimiram um gesto de impaciencia.

O homem entrou.

--Ora Deus seja aqui! Tão grande é o dia como a romaria, sr. Augusto!

Ainda ninguem o viu hoje!... Disseram-me que tinha ido de manhã para

casa do tio Vicente; vou lá... estava um mundo de gente no sitio... Mas

qual sr. Augusto, nem tio Vicente! Então com que escorraçaram-n'o do seu

ninho?... Pobre homem! A falar verdade, n'essa idade! Já sei que vem

para casa do nosso Augusto. Hontem vi para ahi entrar os fardeis. Ainda

bem que o temos por vizinho... Faremos boa camaradagem... Olhe que

tambem fizeram-n'a fresca com o tal projecto de estrada! Uma coisa

assim!... Coisas cá do sr. conselheiro! Vae-se fundir um dinheirão na

tal estrada! E já por ahi se rosnam coisas! Emfim, politicos! politicos!

Todos são os mesmos... Vae por ahi uma poeira dos meus peccados com a

ordem a respeito do cemiterio; e com a historia do Herodes! Sabem que

elle esteve hontem para matar o missionario?... E valha a verdade, dizem

que por ordem de alguem do Mosteiro... Que eu não acredito, mas emfim,

aquella historia no sermão do outro dia... E o tal sr. Henrique, que é

unha e carne com elles... Elle será muito boa pessoa, mas não me

calha... Lá feliz, isso como não sei de outro, com dinheiro e sem

cuidados! E sempre se faz o casamento d'elle com a morgadinha?... Ouvi

dizer que sim.

O herbanario levantou os olhos para fitar Augusto; a apparente

impassibilidade d'este não illudiu o velho.

O Pertunhas não se exgotára ainda:

--Ora agora, quem anda fulo é o brazileiro, o Seabra. Pelos modos, eu

não sei o que ahi houve; o conselheiro não o tratou muito bem, dizem,

n'uma carta que escreveu ao ministro, ou creatura do ministro. Umas

historias muito complicadas, que eu não entendo, mas que promettem dar

de si... Veremos em que ficam as eleições este anno... O conselheiro bem

pode trabalhar, senão... Elle cuidava que era só apresentar-se, e

emquanto a fazer vontades... Que me dizem do sr. Joãozinho das Perdizes?

Será fiel esse? Já me disseram tambem que...

--Ó sr. Pertunhas,--atalhou o herbanario, enfastiado--antes queremos não

saber. Importa-nos pouco a politica.

--Estão como eu... Isto tambem não é politica, mas emfim... Pelo que

vejo estão cançados? Eu tambem não os maço mais... E antes que me

esqueça, ha muitas horas que estou de posse de uma carta para vossemecê,

tio Vicente. É de Lisboa, veio por o correio de hoje. Não lh'a mandei a

casa, porque... não sabia o que era feito d'ella. Eh, eh, eh... Mas como

o vi passar, conjecturei que viria para aqui, e por isso...

O herbanario recebeu a carta, que o mestre Pertunhas lhe deu, e olhando

para o sobrescripto, disse com indifferença:

--É do Manoel.

E abriu-a lentamente.

O mestre de latim deixou-se ficar, na esperança de ouvir novidades.

A meio da leitura o herbanario ergueu-se com impeto e exclamou, cheio de

indignação e de colera:

--Mentiu-me como um vil! Mentiu-me aquelle homem sem dignidade nem

sentimentos! Aquelle homem importa-se menos com a felicidade dos amigos,

com a justiça das causas e com a voz da propria consciencia, do que com

os caprichos e interesses dos poderosos com quem vive!

--Mas que é?--perguntou Augusto, sem atinar com a significação

d'aquellas palavras.

--Lê.

E passou a carta para as mãos de Augusto.

O conselheiro participava n'esta carta ao herbanario que se vira

obrigado a ceder, na questão do despacho de Augusto, a fortes

influencias que se empenhavam n'isto muito mais do que elle julgava; que

mais tarde lhe explicaria tudo. Quanto a Augusto, accrescentava elle,

talvez fôsse isto até uma vantagem; que o logar que pedia era a sua

annullação perpetua, e que elle, conselheiro, havia de luctar contra a

grande modestia do rapaz, trazendo-lhe á luz os merecimentos reaes,

dando-lhe melhor collocação, e que esperava ainda empregal-o na capital.

Era uma carta toda de homem politico, que tudo espera da diplomacia.

Ao acabar de ler, Augusto disse, com um sorriso amargo nos labios:

--Eu sou pouco ambicioso; contento-me com morrer aqui.

--A mim me deu elle, ao partir, a sua palavra de que te faria despachar,

e breve; e quebrou-a como um pêrro! Oh! o que fizeram d'aquelle homem!

--Quê?! Pois é possivel?--perguntou, exaggerando a sua consternação e

espanto, o officioso Pertunhas.--É possível que o sr. Augusto não fôsse

despachado?!

E dizendo isto, passou a desfiar uma série de consolações, qual d'ellas

mais tôla e sem cabimento.

Até que emfim, tendo já novidades para contar, e almejando communical-as

aos frequentadores da taberna do Canada, onde devia estar reunida grande

e luzida assembleia, o Pertunhas saiu, a pretexto de não ser mais tempo

incómmodo, e deixou-os outra vez sós.

--Estão-me guardados para o fim da vida todos os desenganos! todas as

amarguras! todos os desesperos!...--disse o herbanario momentos

depois.--É para se odiar o mundo e os homens vêr um, que conhecemos

generoso e innocente, contaminado tambem!... Pobre Augusto! Não basta

que sejam modestos os teus desejos... nem assim t'os deixam realisar.

Guardados alguns momentos de silencio, continuou, com amargo sarcasmo:

--Por que te não fazes politico? Por que não vaes tambem para a taberna

do Canada dizer tolices sobre a governança do paiz? Talvez levasses

comtigo alguns tôlos, e tinhas n'isso uma recommendação poderosa. Olha

para aquelle basbaque do morgado das Perdizes... ahi tens um

influente... Imita-o... Mas dize: o que tencionas fazer?

--Ficar--respondeu Augusto, com firmeza.

O herbanario fixou-o com um olhar penetrante.

--Ainda?... Mas... não te vae ser suave agora a vida, rapaz. Para se

viver não basta uma... uma loucura. Repara bem. Se quizeres... O Manoel

é leviano, mas creio que ainda não perverso; eu lhe escreverei... talvez

que em Lisboa...

--Não lhe escreva. Sabe que não partiria para Lisboa...

--Mas... repara!... Estás muito novo, Augusto... Tens um longo futuro

deante de ti. E, ficando, o que te espera?...

--A morte que fôsse, a morte de miseria e de fome, ficava. Mas resta-me

ainda o trabalho. Tenho coragem para acceital-o.

O herbanario baixou a cabeça, pensativo.

Soaram n'isto á porta da sala duas pancadas lentas.

O herbanario fez um gesto de enfado.

--Não abras sem eu sair,--disse elle a Augusto, que se erguera--não

estou de animo para aturar importunos.

E passou para uma sala contigua.

Augusto foi abrir ao novo visitante.

Achou-se na presença do brazileiro Seabra.

A grave personagem entrou pausada e sisuda, como homem que sabe fazer

valer a honra que dispensa, visitando um rapaz sem dinheiro.

Augusto offereceu-lhe cadeira para se sentar, sem inquirir do motivo de

tão inesperada visita. O brazileiro sentou-se e principiou:

--Acabo agora mesmo de saber da injustiça que lhe fizeram. Senti-a como

se fôra propria, e venho aqui declarar-lh'o.

Augusto curvou-se, em signal de agradecimento.

--Mas então que quer?--proseguiu o homem.--Hoje em dia é tudo assim.

Padrinhos e mais padrinhos, e o mais são historias. Estamos n'uma época

de corrupção e de immoralidades, e ninguem sabe onde isto irá parar.

Augusto ouviu em silencio os threnos do capitalista, que proseguiu:

--Tôlo é quem não faz como os mais. O mundo está para os velhacos.

Parou, assoou-se, tossiu, e puxando a cadeira para mais perto da de

Augusto, continuou, em tom differente e mais baixo:

--Quando um homem tem uma gotta de sangue nas veias não pode receber as

offensas e ficar-se com ellas assim. O perdão evangelico é muito bonito,

mas não é para homens. Não lhe parece? Eu por mim não gósto de genios de

lama. Falemos como amigos. Nós ambos somos victimas de um mesmo homem. O

sr. Augusto foi enganado e escarnecido por o conselheiro, que se

apregoava seu protector. Ahi temos a protecção que elle lhe deu. Eu

tambem lhe devo finezas.

--V. s.^a?--perguntou Augusto, que não podia saber o que lhe queria no

fim de tudo o brazileiro.

--Eu, sim, senhor. Eu lhe digo como isto foi.

E o brazileiro, puxando a cadeira, approximou-se mais de Augusto, e deu

principio á exposição dos seus aggravos:

--O conselheiro, que joga em politica com pau de dois bicos, andou-me a

causticar, para que eu acceitasse um titulo qualquer... Queria fazer-me

visconde por fôrça. Coisas de que eu me estou rindo... Mas... emfim,

para me livrar d'aquelle importuno, disse-lhe que... fizesse lá o que

quizesse... Pois, senhores, não teve o petulante o atrevimento de

escrever ao ministro, com quem, apesar de se dizer da opposição, mantem

aturada correspondencia; não teve a audacia de lhe dizer que eu andava

sonhando com viscondados, e que a minha mania era attendivel, pois

promettia ser uma fonte de melhoramentos locaes muito baratos ao Estado,

visto que com tão pouco me contentava, e outras coisas n'este gôsto? O

petulante!...

Augusto, apesar dos pensamentos pouco alegres que o preoccupavam,

luctava para se conservar sério perante aquella indignação do sr.

Seabra.

--Mas tem a certeza d'isso?--perguntou elle.--Ás vezes são calumnias...

--Eu vi a carta do ministro em resposta a esta; do ministro não, mas do

secretario, que é o mesmo... Um acaso fez com que ella me chegasse á

mão... O ministro fazia-me o favor de me conceder o titulo; mas era de

parecer que, por cautela, se tirasse antes de mim tudo quanto eu pudésse

dar, porque... porque... por umas tolices de que eu me lembrei a

tempo... Ora ahi tem como elles são!... Que venham para cá com os seus

melhoramentos... Eu lh'as cantarei; prometto-lhes que se hão de

arrepender.

--Mas... talvez haja equivoco.

--Equivoco? Ora essa! Pois eu não li a carta? Ella ha de apparecer em

publico; oh! se ha de! Isto é, não a parte que me diz respeito,

porque... porque emfim são negocios particulares, que não interessam a

terceiros; mas umas ultimas linhas d'ella, umas promessas do ministro,

que põem a calva á mostra a este Catão, que nos anda aqui a prégar

liberdade e independencia! Isso ha de apparecer, e ha de ser lido com

muita vontade.

--Acaso tenciona?...

--Se tenciono?! Pudéra não! Eu lhe afianço que o homem ha de saber com

quem se metteu. Deixe vir as eleições, deixe-as vir. Já ha de achar o

caldo azedado, quando quizer comel-o; isso lhe prometto eu... A lição ha

de leval-a breve.

--Vão guerrear a eleição do conselheiro?

--Faço essa tenção.

--E quem lhe oppõem?

--O candidato que a auctoridade propuzer; um individuo de Lisboa.

--Que nem o circulo conhece?

--Que importa? É uma lição. Aqui não ha politica nem meia politica. Eu

não morro pelo governo, porque eu tambem fui offendido pelo ministro.

Mas é preciso aproveitar tudo. E assim temos por nós a auctoridade, além

dos padres.

Augusto não se sentia com disposições para discutir esta questão

politica; por isso nada mais lhe replicou.

O Seabra proseguiu:

--O que eu quero saber é se o amigo quer entrar na nossa alliança e

acceita uma proposta que eu lhe vou fazer. A vingança é o prazer dos

deuses, e visto que foi tambem offendido...

--Não, senhor, não acceito--acudiu com vivacidade Augusto.

--Escute. Deixe-me concluir. Não sabe do que falo. Pouco se exige. A

coisa é esta: na carta a que me referi, e que por acaso me chegou ás

mãos, fala-se n'uma outra, ou em outras anteriores, em que se tratava,

mais por miudo, de uma curiosa transacção politica que n'esta se revela

claro. O conselheiro é pouco acautelado; haja vista ao extravio d'esta,

e por isso...

Augusto olhava admirado para o brazileiro, como se não pudésse

comprehender onde elle queria chegar.

O Seabra proseguiu:

--Ora, a mim lembrou-me... como o senhor vae muito pelo Mosteiro... sim,

porque julgo que continúa a ensinar os pequenos, e, já se sabe... como

mestre, entrando a qualquer hora no mais intimo da casa, sim... demais

como a D. Victoria é... um tanto descuidada, como todos nós sabemos...

Não sei se me percebe?... Dizia eu... sim, que se ás vezes, por acaso,

encontrasse coisa que valesse...

Augusto levantou-se, indignado.

--Sr. Seabra!--exclamou, cheio de cólera.

--Valha-me Deus, eu não quero dizer... Não me entendeu... Bem vê que se

o senhor devesse obrigações ao conselheiro, eu não ousava... Mas...

--Obsequeia-me muito, sr. Seabra, se não insistir...

--Entendamo-nos. O senhor está no principio da vida. Precisa do auxilio

de alguem. Offerece-se-lhe occasião para fazer serviços ao governo, que

é finalmente quem pode pagal-os; e que se lhe pede para isso? Quasi

nada... O senhor sabe perfeitamente que se não trata aqui de desgraçar

ninguem, de levar ninguem á forca.

--Visto que v. s.^a insiste, sou obrigado a retirar-me.

--Espere, sr. Augusto--acudiu o brazileiro, segurando-o.--Repare no que

faz. Não seja precipitado. Eu estou prompto a fazer alguns sacrificios,

se vir que nas suas circumstancias...

--Visto que v. s.^a não se cala, nem quer que eu me retire, ouça então o

que tenho para lhe dizer. A sua proposta seria para mim o maior dos

insultos, se não fôsse tal a baixeza d'ella, que até despe de toda a

imputação a pessoa que a faz. Os homens, faltos de sentimentos de honra,

não offendem, quando insultam; não se lhes pode pedir razão da infamia,

porque não a conhecem como tal; identificaram-se com ella. Por isso, só

me resta um partido, é convidal-o a sair.

O brazileiro fôra erguendo-se á medida que Augusto falava. Estava

espantado por vêr que um rapaz, sem um vintem de seu, ousasse falar com

tal irreverencia a um homem que tinha dinheiro e crédito em tantos

bancos! A ordem do mundo estava perturbada!

--Ora esta!--disse elle no fim.--Então o senhor ordena-me?...

--Que saia!--respondeu Augusto, indicando-lhe a porta.

O brazileiro estava pasmado. Olhou para Augusto como se duvidasse do que

ouvia; deu dois passos para a porta e tornou a olhar, seguiu outra vez,

e, no limiar, parou para dizer:

--Veja lá o que faz! Eu só lhe digo que me não convem dar a minhas

filhas um mestre de soberbas.

--Decerto que lhe não poderá convir a educação que eu désse a suas

filhas; é natural não querer educar consciencias que sejam juizes da sua

corrupção. Deixe-as ignorantes, para não ser castigado pelo desprezo

d'ellas.

--Quer então dizer...

--Que lhe desejo muito boas noites, sr. Seabra.

O brazileiro saiu, bufando.

Augusto, que ficára só, sentiu-se apertar nos braços de alguem que

entrou, sem elle sentir.

Era o herbanario.

--É assim, é assim que te vingas de todos, rapaz! Esmaga-m'os com a tua

nobreza!

Augusto sorriu-se tristemente.

--O peor é, meu amigo--disse elle--que é a segunda subtracção que hoje

se opéra no meu orçamento, e... a nobreza não nutre!

--Mas consola!--replicou o velho.

XXII

Dias depois das scenas descriptas no anterior capitulo, estava a

morgadinha occupada a escrever n'uma das salas do Mosteiro, quando ouviu

atraz de si correr o reposteiro da entrada.

Julgando que era algum criado, nem se voltou e proseguiu na escripta.

--Retiro-me, se sou importuno--disse a pessoa que entrára, e que ficára

no limiar da porta.

Magdalena voltou-se então e reconheceu Henrique de Souzellas.

--Ah! é o primo Henrique? Pode entrar.

--Eu sei? Ha correspondencias tão delicadas, que demandam a applicação

de todas as nossas faculdades, e a presença de um importuno...

--Mas não se dá agora esse caso; nem quanto á delicadeza da

correspondencia, nem quanto á importunidade do visitante.

--Então utiliso-me da concessão.

--Occupava-me a escrever áquelle pobre Cancella, para o tranquillisar em

relação á filha. Pobre homem! Ainda se lhe não pôde obter fiança, apesar

de meu pae tratar d'isso, a pedido meu. Ha quem trabalhe contra elle. E

como ha de ter padecido na cadeia na incerteza em que está? Quem ha de

dizer que n'aquelle corpo, robusto e forte, se aloja uma alma de tão

delicados sentimentos? Inda lhe hei de mostrar a carta que elle escreve

a pedir-me que trouxesse para o Mosteiro a filha, e a tirasse de casa da

madrinha, que com o seu fanatismo a perdeu... É um modelo para seguir.

--E como vae a pequena?

--Mal. Estou aqui a mentir, fazendo conceber áquelle pobre homem

esperanças, que eu mesma não tenho.

--Que disse o cirurgião?

--Nada animador.

--Como capitulou a molestia?

--Não sei quê de cerebro; nem eu quiz saber. Nunca pude comprehender a

necessidade que tem certa gente de conhecer a natureza da doença que

lhes ameaça roubar uma pessoa querida. Perdel-a ou salval-a, é a questão

que me interessa. Tudo o mais me é indifferente. N'uma pessoa doente

vejo um espirito que hesita entre deixar-me e permanecer. Aos medicos

peço que removam, se podem, aquillo que o faz partir, mas não quero

saber o que é. Julgo natural ao sentimento o considerar assim a molestia

e a morte.

--Á maneira da arte, ainda que hoje o diagnostico entrou na litteratura,

prima. Mas a proposito do Herodes; deixe-me dizer-lhe que está sendo

muito commentada na aldeia a violencia d'elle contra o missionario. É

voz constante que fizera aquillo por influencia nossa, e as honras

d'aquella bem empregada sóva são-nos tambem concedidas inteiras. Imagine

o clamor que por ahi vae!

--Deixe clamar--respondeu Magdalena, encolhendo os hombros.

--Deixo, deixo. Eu sou odiado como um Lucifer, feito homem; seguem-me,

quando eu passo, uns olhos rancorosos, e adivinho que na ausencia não

sou muito bem tratado.

--É bom acautelar-se. Não os irrite. Viu que não era prudente.

--Não receie. Esta gente a final é cobarde.

--Tanto peor. O inimigo cobarde é mais para temer. Bem sabe. Foi uma

desastrada ideia aquella da nossa ida ao sermão do missionario.

--Parece-lhe? Eu não estou arrependido. Bastava-me, como recompensa, o

ter presenciado o accesso de furor rabico do homem.

--Vamos, primo Henrique; confessemos que a situação não foi das mais

agradaveis.

--Sinto-a, principalmente por o incómmodo que tiveram as senhoras e

talvez por esse episodio dar vigor á opposição, que alguem por ahi se

interessa em organisar contra o sr. conselheiro.

--Ah! pois trata-se d'isso?

--Se se trata?! E muito sériamente. A portaria a respeito do cemiterio,

a historia do sermão, e agora o episodio do Cancella, teem feito um

grande mal.

--Oh! se meu pae perdia!...

--Não entendo essa exclamação, prima Magdalena. Ia jurar que era a

expressão de um desejo.

--E por que não? Se isso fôsse motivo para meu pae abandonar de uma vez

para sempre a politica, pedil-o-hia a Deus.

--Conhece pouco ainda o coração humano, prima. Seu pae está votado á

politica para toda a vida. Desengane-se. E se o prendesse n'esta aldeia,

aqui mesmo faria a mais deploravel, impertinente e inutil de todas as

politicas, a politica local.

A morgadinha suspirou, como se reconhecesse a verdade que Henrique

dizia.

Henrique proseguiu:

--Está organisado um club opposicionista na taberna de um tal Canada. O

brazileiro capitaneia a phalange, os padres são os tribunos e a

propaganda estende-se assustadoramente. É preciso olhar por isto e

sobretudo não perder de vista o sr. Joãozinho das Perdizes, cujo voto

seu pae tinha em grande conta, porque representa o de uma freguezia

inteira. É de suppor que o requestem muito e... o homem é fragil. Já vê,

prima, que eu tomo muito a sério os preceitos hygienicos, que me deu o

meu medico, quando parti de Lisboa, e que a prima approvou. Estou a

interessar-me pelas questões locaes, como se aqui estivesse, ha annos.

--E é um bom indicio de cura, pode crer.

--E ainda tem empenho de me curar?

--Empenho, todo; esperança é que menos.

--Ó meu Deus! que sinceridade de medico tão cruel! Seja; escutarei a

sentença com coragem. Diga-me o que pensa de mim. Ha muito que não

falamos n'isto. A ultima vez que o fizemos, um tanto categoricamente,

foi n'uma occasião bem critica. Julgo que o meu procedimento de então

até hoje lhe terá feito conceber do meu caracter um não muito

desfavoravel conceito. Bem vê que não abusei...

--De quê?--perguntou Magdalena, contrahindo a fronte, n'um gesto de

altivez.--É certo que tem em todo esse tempo dado provas de discreção,

no que se mostrou mais contricto que generoso. Pelo menos é assim que eu

interpretei o seu silencio, e approvo-o em vez de agradecel-o.

--Seja contricção, visto que assim o quer. Mas não lhe merecerá ella

alguma misericordia para com o peccádor?

--Escute. Sinto sincera misericordia de si, pode acredital-o. Ella só me

obriga a perdoar-lhe algumas impertinencias, nem sempre demasiado

delicadas, com que me mortifica.

--Está sendo tão amavel!...

--Perdôe, mas a sinceridade tem d'estas exigencias.

--Curvo-me perante as exigencias da sinceridade. Continue, prima

Magdalena.

--Vae mais longe ainda a minha misericordia, porque apesar da rebeldia

do mal, inda não desisti de cural-o.

--Inda bem. E como? Ser-me-ha licito penetrar no segredo do tratamento?

--Ha já agora uma unica maneira de o salvar.

--E é?...

--Apaixonal-o.

--Ah! n'esse caso estou salvo!--exclamou Henrique, n'um impeto, que não

pôde passar sem um sorriso da morgadinha.

--Ouça. É preciso andar com tento na escolha do objecto d'essa paixão,

sob pena de aggravar o mal em vez de minoral-o.

--E como hei de escolher?

-De modo que lisonjeie a opinião que o primo tem de si proprio.

--A opinião que eu tenho de mim! Se pudésse ser mais clara...

--De boa vontade. O primo Henrique tem uma forte necessidade de

persuadir-se de que representa no mundo um grande papel, uma missão

heroica e generosa, quasi providencial. Exigencias de uma vaidade de boa

indole, que se lhe não pode levar a mal. Repugna-lhe a ideia da

inutilidade, da insignificancia da sua existencia. Não se resigna ao

papel de comparsa, ambiciona o de protector. Se o acaso, ou uma

inconsideração de momento, o associasse, por toda a vida, a um caracter

igualmente forte, que, em constante opposicão, pretendesse provar-lhe

que prescindia da sua protecção, grandes desgostos e amarguras o

esperavam no futuro. Uma indole branda, docil, fraca, um d'estes seres

nervosamente delicados, que tremem ao verem-se sós, cheios de poeticas

superstições, que tenha a dissipar; que se lhe apoie ao braço, como se

n'elle encontrasse a coragem que não sente em si, e que, ao mesmo tempo,

domine pela fraqueza e pela doçura, domine sem consciencia do imperio

que exerce e sem vaidade, portanto; um caracter d'estes é que deve

procurar para salvar-se; só d'elle pode esperar a realisação da vaga

ideia de felicidade, que todos concebem na vida.

--E se essa theoria engenhosa fôsse verdadeira, parece-lhe que poderia

encontrar á mão o tal anjo salvador, que precisa do meu braço para se

apoiar?

--Julgo que pode, e que já o teria encontrado, se pensasse sériamente

nas necessidades do seu coração.

Henrique ia a responder, quando entrou na sala um criado com as cartas

do correio.

--Trégoas á nossa conferencia, emquanto eu leio a carta de meu

pae--disse Magdalena, examinando a carta recebida.

--Concedidas, e eu aproveito-as para correr a vista pelos periodicos que

chegaram.

E emquanto Magdalena lia a carta, Henrique passava pelos olhos as folhas

de Lisboa.

Não tinham decorrido muitos instantes, quando a morgadinha interrompeu a

leitura, exclamando:

--Ó meu Deus! mas de que se trata? Que quer dizer isto?

Ao ouvir estas palavras, Henrique desviou para ella os olhos.

Viu-a agitada e lendo com vivacidade e commoção a carta do conselheiro.

--Ha alguma má nova?--perguntou Henrique, ferido por aquella expressão.

Antes, porém, de responder-lhe, a morgadinha seguiu com ardor a leitura

até o fim.

Henrique continuava a observal-a e cada vez mais evidentes descobria

n'ella os signaes de uma funda agitação. Ao findar a leitura, passou a

mão pela fronte como para desviar uma ideia amarga.

--Por amor de Deus, prima Magdalena, que diz essa carta, para assim a

perturbar?--perguntou Henrique, já assustado tambem.

--Não sei bem; não posso ainda dizer a que se refere meu pae; mas

sinto-me interiormente sobresaltada, como se o adivinhasse.

--Mas a final o que se diz ahi?

--Leia, e veja se, melhor do que eu, pode comprehender esse enigma, por

certo doloroso.

Henrique examinou a carta, que a morgadinha lhe passou para as mãos.

N'esta carta queixava-se o conselheiro á filha de ter sido victima de um

abuso de confiança commettido por alguem, que elle ainda não sabia dizer

quem fôsse. N'um periodico de Lisboa fôra publicada por aquelles dias

uma carta dirigida tempos antes ao conselheiro por não menor personagem

politica do que o secretario intimo do ministro.

O proprio conselheiro confessava ser esta carta demasiado

compromettedora, e assim tambem o demonstrava a excepcional irritação

que transparecia em todos os periodos, da que escrevêra á filha. O

periodico que, para fins politicos, fizera a publicação, havia occultado

os nomes, porém muitas circumstancias referidas tornavam inutil a

discreção; e em Lisboa ninguem hesitou em aprontar as personagens entre

quem se passara o facto. Durante uma das suas demoras na aldeia,

recebêra o conselheiro essa carta; alli, no seio da familia, a confiança

que depositava em quantos o rodeavam impediu-o de ser previdente, como

por hábito o era; facil foi portanto o extravio. O conselheiro dizia á

filha que era preciso descobrir o traidor, para evitar futuros abusos; e

por isso, que se lembrasse de que o alcance da carta não era para todos

comprehendel-o, e portanto não se limitasse a indagar entre os da baixa

classe. «A vingança, concluia o conselheiro, de uma maneira mysteriosa,

como de quem deseja e receia, ao mesmo tempo, fazer uma allusão--a

vingança, bem ou mal fundada, obriga ás vezes os mais nobres caracteres

a uma acção baixa e vil; entre os que por mim se possam julgar

offendidos, é natural encontrar o criminoso.»

--Esclareça-me este mysterio! disse Magdalena, consternada.--De que se

trata aqui?

--Alguma correspondencia politica extraviada. Seu pae diz bem; é

necessario descobrir o traidor por cautela. Além de que, para todos os

que, como eu, teem entrada n'esta casa, é isto um mysterio em que a

nossa honra está empenhada, porque v. ex.^{as} teem direito a alimentar

suspeitas.

-Por amor de Deus!--acudiu, interrompendo-o, a morgadinha.--Não

pronuncie essa palavra! Suspeitas! Esse envenenamento moral, que eu até

aqui não conheci, quer meu pae que voluntariamente o contraia.

--Seja envenenamento, muito embora, mas é um envenenamento salvador,

prima, como o da vaccina; é um preservativo de traição.

--Viver para desconfiar! procurar nas palavras que se ouvem um sentido

occulto! nos gestos uma expressão denunciadora! nos affectos uma

intenção egoista! Oh! isto é horrivel! Mas... que carta é essa, meu

Deus? Que correspondencia pode ter meu pae, que não deva vêr a luz do

dia? Meu pae!... Ha por fôrça illusão n'isto! Meu pae não tem crimes;

meu pae não tem acções que o envergonhem; meu pae pode franquear a todos

as portas da sua casa sem receiar-se de indiscreções. Pois não é assim?

--Por certo, prima; mas... na politica ha actos que... sem serem

criminosos...

--A politica! Sim, é isso! Eu devia prevêr que essa palavra viria para

explicar este mysterio! Por politica é-se cruel, por politica

sacrifica-se um amigo, por politica força-se a consciencia, e depois...

ella justifica tudo. Que obras são as obras politicas que precisam da

sombra e do mysterio para se fazerem? Pois para dirigir ou salvar uma

nação, pois para se tratar dos interesses de um povo, é sempre

necessario o disfarce, a dissimulação, o mysterio?

--Quando se não pode contar com a boa fé dos outros, perde sempre quem

fôr escrupulosamente fiel á sua.

--Mais valeria então abandonar por uma vez essa carreira cruel... Oh!

ainda agora reparo... Tem ahi as folhas de Lisboa... deixe-m'as vêr...

quero saber que carta é esta.

Henrique procurou dissuadil-a. Um numero avulso de um periodico, que não

costumava vir ao Mosteiro, havia-lhe já feito suspeitar que era esse o

que publicava a carta em questão. Não fazendo do conselheiro tão subido

e ideal conceito como a morgadinha, achava muito natural que

effectivamente o comprometesse a carta alludida. Conhecendo bastante

Magdalena, sabia quanto seria cruel para o seu extremoso coração de

filha, e para o seu caracter apaixonado por tudo quanto era idealmente

nobre, generoso e justo, o descobrir no pae uma d'essas máculas

frequentes na vida dos homens politicos, por minima e desvanecida que

fôsse. Por isso quiz evitar-lhe a leitura. Não o conseguiu, porém.

Magdalena, com aquella firmeza de resolução que energicamente se lhe

revelava na voz e no gesto, disse, estendendo a mão para receber os

periodicos:

--Deixe-me vêr, primo Henrique. Não é possivel que de meu pae se diga

ahi alguma coisa que não devam ler os olhos de uma filha.

E quasi arrebatou das mãos de Henrique a folha, justamente aquella de

que elle mais receiava.

E, abrindo-a, examinou-a com anciedade quasi febril.

Henrique observava com curiosidade os movimentos e a physionomia de

Magdalena.

Viu-a tornar-se de repente mais attenta á leitura; os olhos, que até

alli vagueavam por diversas secções do periodico, fixaram-se n'um ponto;

contrahiu-se-lhe a fronte; um ligeiro tremor correu-lhe os labios; córou

e empallideceu alternadamente; e no fim, afastando de si a folha com um

movimento nervoso e apaixonado, exclamou, sob o dominio de uma commoção

profunda:

--Ó meu Deus! E não ter um coração, como o d'elle, a fôrça precisa para

fugir d'estes enredos! Isto é de enlouquecer!...

Henrique pegou na folha, que ella arrojou de si com impeto, e

examinou-a.

Tinha conjecturado bem.

O caso devia consternar Magdalena, para quem o conselheiro era um homem

tão perfeito na vida politica e na vida social, como na vida de familia.

Para Henrique, em quem havia muito se inoculára o scepticismo da época,

impedindo-o de divinisar os homens, por mais rodeados de prestigios que

lhe apparecessem, não tinha o facto de que se tratava grande

significação nem gravidade. O caso era o seguinte:

Tempos antes havia-se agitado nas camaras uma importante questão

politica; uma d'estas questões que servem para estremar os campos e

descriminar os programmas dos partidos. Vacillar n'ellas é já trahir os

principios fundamentaes de uma causa, e abjurar um credo politico

inteiro. O pae de Magdalena, militando no partido de mais avançadas

ideias liberaes, tinha de antemão traçado por elle o caminho a seguir

n'esta conjunctura, o circulo, fóra do qual não poderia combater sem

apostasia; mas, como já atraz dissemos, o conselheiro não era já o homem

que fôra nos primeiros tempos da sua carreira publica; perdera a fé nas

utopias e nos principios abstractos, e trocava-os de barato por qualquer

pequena vantagem positiva que pudésse obter, se não para si, para a

localidade de que era representante. A logica partidaria sacrificára-a,

sem remorsos, mais do que uma vez, ao que, em linguagem não sei se

parlamentar, se chama conveniencias politicas.

Déra-se mais um exemplo d'esta flexibilidade de principios no

conselheiro.

Comquanto membro da opposicão, e dos mais temidos pela sua eloquencia,

variados conhecimentos e vigor de discussão, não era elle de tão

espinhosa moral que não tivesse amigos no seio da maioria, sendo até o

proprio ministro um dos mais intimos. No tempo da discussão, de que

falamos, o ministro, que desejava afastar das camaras todos os

adversarios de importancia, não duvidou entrar em ajustes com o

conselheiro. Este, que já não era homem para repellir com indignação

taes factos, teve a astucia precisa para se aproveitar das

contingencias. Entenderam-se.

Chegada a época da discussão, o conselheiro, que sempre se mostrou

ardente adversario da medida ministerial, e de quem se esperava uma

opposicão vigorosa e efficaz, pretextou subitos negocios a chamal-o á

provincia, e partiu, promettendo voltar a tempo ainda de discutir a

questão.

Depois de chegar ao Mosteiro escreveu para os amigos, lamentando que

inesperados negocios de familia o retivessem alli mais tempo do que

contava, e alentando-os de longe á lucta. No entretanto, a questão foi

apresentada nas camaras: oradores tibios e mal escutados acharam-se sós

a combatel-a; apagadores officiaes e officiosos abafaram a tempo a

discussão; e, quando o conselheiro voltou a Lisboa, só pôde protestar

nos circulos politicos contra o resultado da votação e expender as

razões que deveriam fazer repellir a medida.

Em recompensa eram concedidos melhoramentos para o circulo que o elegia;

e entre elles a estrada que vimos principiar. Tal fôra o preço d'ella.

Tudo isto trazia agora á luz a carta desencaminhada, que era do

secretario do ministro, e que no seu conteúdo deixava vêr claramente as

condições do pacto.

Esta publicação causou profunda sensação em Lisboa. A importancia

politica do conselheiro soffreu com isso.

Atacavam-n'o os partidarios do governo, para declinarem d'este, quanto

possivel, a responsabilidade do facto; atacavam-n'o os opposicionistas

declarados, para com o mesmo golpe ferirem o ministerio.

Os influentes politicos teem sempre no proprio partido, a que pertencem,

invejosos que só almejam o primeiro pretexto para os derrubarem, embora

caia com elles o partido a que se filiam.

Aquella carta foi, durante algum tempo, uma arma poderosa nas mãos dos

taes; originou discussões e ataques violentos; e o conselheiro correu

risco de se malquistar por causa d'ella com gregos e troyanos.

Tudo isto se revelava ao espirito de Magdalena e tudo isto a

consternava. O seu muito amor filial fazia-lhe achar no facto uma

significação dolorosa e triste que só desillusões, como as de Henrique

de Souzellas, velhas desillusões de sceptico impenitente, poderiam

attenuar. O conselheiro expiava cruelmente o seu delicto.

A leviandade e doblez do homem politico pagava-a caro o homem de

familia.

É que a moral é uma. O homem não pode dividir-se; os peccados sociaes de

quem é virtuoso nos lares domesticos, pagam-se, expiam-se n'esses mesmos

lares. Os filhos que creou e educou segundo os preceitos da honra e da

virtude, serão mais tarde os seus proprios juizes, e que cruel

julgamento para o coração de um pae! É justo que a patria peça contas

dos crimes de familia e desconfie dos tribunos que não sabem ser paes,

filhos, irmãos e esposos; é justo que a familia exija que se seja fiel á

prática e ás crenças que se professam, e castigue, pelo menos com

lagrimas, como as de Magdalena, as culpas do homem que julgou poder ter

duas consciencias: uma para responder por os actos civicos, outra para

os actos domesticos.

Henrique procurou minorar o effeito que esta leitura tinha produzido no

animo da morgadinha por meio de algumas consolações, que uma indulgente

moral, muito do uso da sociedade, lhe inspirava.

Percebeu porém, que, embora as manifestações do sentimento tivessem

cessado já em Magdalena, não se lhe tinha ainda dissipado a profunda e

penosa impressão que lhe ficára da leitura.

Como para fazer cessar aquelle genero de consolações, a que Henrique se

julgava obrigado, e que a ella eram custosas de ouvir, Magdalena disse,

em tom já apparentemente sereno:

--Bem; visto que é necessario precavermo-nos, vejamos de quem e quaes as

cautelas que temos a adoptar. Meu pae parece suspeitar de alguem, mas

não se pronuncia claramente.

N'isto entrou na sala D. Victoria, carregada de roupa como para uma

viagem aos pólos, e queixando-se do frio, cuja intensidade attribuia em

grande parte aos criados, por se terem descuidado de accender logo de

manhã os fogões da casa.

Quando D. Victoria foi informada do conteúdo da carta do seu cunhado,

levantou um alarido desolador. Por sua vontade ordenava logo alli um

interrogatorio e uma devassa geral a todos os criados da casa, aos

quaes, segundo o costume, attribuia a culpa toda. Magdalena e Henrique

tiveram muito que fazer para a convencerem da inutilidade e

inconveniencia d'esse alvitre e para lhe mostrarem a necessidade de usar

de toda a prudencia e dissimulação n'esta pesquisa.

--Aqui entre nós--dizia Henrique--vejamos em quem se pode, com

plausibilidade, fazer recahir as suspeitas. O sr. conselheiro diz bem;

um criado boçal pode roubar uma joia, subtrahir qualquer objecto de

valor intrinseco; porém os ladrões de cartas como estas, são de outra

especie e de intelligencia mais apurada. Ora entre a gente que frequenta

o Mosteiro...

E parando subitamente, Henrique disse para D. Victoria, que olhava para

elle com um gesto espantado:

--Porém, minha senhora, eu mesmo não me devo excluir da lista dos

indiciados, e n'esse caso deixo v. ex.^{as} livres para me instaurarem

processo.

--Ora essa, primo Henrique!--exclamou D. Victoria.--Era o que faltava!

Nada, nada; não se cance; não tem que vêr. Aquillo foram os criados.

Magdalena estava tão abatida de animo, que nem deu attenção a este

episodio.

Henrique proseguiu:

--Nada de magnanimidades, minha senhora; quem quer ser juiz a ninguem

deve excluir da possibilidade de ser réo. O sr. conselheiro, porém,

alguns indicios nos aponta. Fala, por exemplo, vagamente, de alguem que

n'estes ultimos tempos se pudesse considerar offendido por elle, e que

por vingança... Ora actos capazes de trazer estas animadversões a seu

pae, prima Magdalena, só a questão do cemiterio, mas essa não importa a

ninguem que tenha entrada aqui... Ha tambem as das expropriações,

porém...

Henrique parou, como se lhe tivesse acudido uma ideia, que examinava,

antes de enuncial-a.

--Tive agora um pensamento diabolico; nem quero attendel-o.

--Diga, primo, diga--acudiu logo D. Victoria.

--A expropriação da casa do herbanario... O muito amor que o velho tinha

áquella vivenda... A repugnancia com que viu cortar aquellas arvores

velhas...

--Então julga que foi o Vicente?--perguntou D. Victoria.--Mas elle não

vem ao Mosteiro ha muitos annos, primo.

--Não digo que fôsse elle, minha senhora--disse Henrique, cujo embaraço

augmentava, sentindo que a morgadinha o fitava com um olhar penetrante,

como se lhe estivesse lendo o pensamento.

--Então?--insistia D. Victoria.

--Mas--proseguiu Henrique--o velho exerce certa fascinação na gente da

terra; um verdadeiro prestigio; e certas intimidades entre elle e... e

alguem que tem aqui entrada a todo o momento... Emfim... eu não quero

seguir mais adeante este antipathico pensamento, que talvez fôsse

rejeitado com indignação por quem me escuta e attribuido a mesquinhos

resentimentos da minha parte.

--Faz bem em o abandonar, primo Henrique--disse Magdalena, com

severidade.--Entre ser victima de uma traição e culpada de uma suspeita

injusta, cruel e maligna, prefiro arriscar-me á primeira sorte. Se um

passado inteiro de honra e de probidade, se um caracter provado nas mais

tentadoras situações da vida, se um nome ennobrecido pelo infortunio,

não são garantias bastantes para proteger um homem contra os ataques da

suspeita, não quero entrar n'essa pesquisa inquisitorial que nada

respeita, que é capaz de lançar sacrilegamente a dúvida entre paes e

filhos, entre irmãs e irmãos. Innocente, prefiro aguardar a calumnia;

culpada, o castigo, a sentar-me como juiz n'esse tribunal impio que quer

arvorar.

--Previ essas palavras, prima Magdalena; por isso hesitei. Lamento

sinceramente ter já perdido no uso do mundo uma tão sympathica e

adoravel boa fé nos outros, que é a maior prova de candura que se pode

dar do proprio caracter.

D. Victoria não percebeu nada d'este rapido dialogo; por isso exclamou:

--Mas que estão vossês ahi a dizer? De quem falam? Eu se vos entendo!

Quanto a mim, foram os criados, e d'isto é que ninguem me tira.

Abriu-se n'este momento a porta da sala e appareceu Augusto. Era a hora

das lições dos pequenos.

Comquanto, desde o termo das férias, Augusto viesse todos os dias ao

Mosteiro, era aquella a primeira vez que se encontrava com Magdalena e

com Henrique, depois da scena que entre elles se passára na noite de

Natal.

A morgadinha fitou por momentos n'elle os olhos; pareceu-lhe mais

pallido e triste do que de costume. Desviou-os, porém, como se até

sentisse remorsos de ter escutado as allusões de Henrique sobre o

caracter de um homem que ella se costumára a respeitar. Porque o leitor,

cuja intelligencia é, sem lhe fazer favor, mais perspicaz do que a de D.

Victoria, percebeu de certo que era a Augusto que se referiam os vagos

termos trocados entre Henrique e Magdalena.

--Muito bons dias, sr. Augusto,--disse D. Victoria affavelmente--então

são horas de me vir aturar a pequenada? Não lhe invejo a vida. Sabe? De

manhã até á noite a aturar creanças! Deus me livre!

--Agora já não succede assim, minha senhora. Estou dispensado de parte

das minhas obrigações--disse Augusto, depois de cortejar as senhoras e

Henrique.

--Como?

--Pois v. ex.^a não sabe que já foi nomeado outro professor para o meu

logar?

--Que me diz?

Em todas as pessoas presentes produziu sensação esta noticia.

D. Victoria e a morgadinha fixaram em Augusto um olhar interrogador. O

gesto de Henrique tinha uma expressão particular.

--Recebi ha dias a participação official--continuou placidamente

Augusto.

--Mas--proseguiu D. Victoria--o mano tinha aqui dito que o seu despacho

estava seguro, que, além de ser de toda a justiça, elle o tomaria a seu

cuidado. E então agora... Olhem, sabem que mais? eu cada vez me entendo

menos com esta gente. Isto de politicos...

Magdalena inclinou a cabeça, suspirando.

--Bem vê v. ex.^a--disse Augusto, com leve tom de amargura--que ás vezes

ha grandes interesses sociaes dependentes do despacho de um modesto

professor de instrucção primaria da aldeia, e portanto não se deve

extranhar que um homem politico attendesse a elles antes de tudo.

Magdalena que, ao ouvir estas palavras, levantára os olhos, encontrou os

de Henrique, que parecia procurarem os d'ella com intenção.

A morgadinha desviou os seus com impaciencia e desgôsto, que se lhe

manifestou na contracção da fronte.

--V. ex.^a dá-me licença que principie os meus trabalhos?--disse

Augusto.

--Ai, quando quizer--respondeu D. Victoria.--Os pequenos estão na sala

verde.

Augusto saiu.

D. Victoria entrou no panegyrico do mestre de seus filhos, e não se

fartou de exaltar-lhe os talentos e as virtudes, apregoando o muito que

aproveitavam os pequenos sob tão intelligente direcção.

--Olhe que o Eduardito já escreve e já lê manuscripto como um

homem--dizia ella.--Quer vêr? O sr. Augusto deixou aqui ficar a pasta;

ha de ter alguma escripta do pequeno. Ora tambem vou vêr.

E D. Victoria, cedendo aos impulsos do seu enthusiasmo de mãe, foi

buscar a pasta de Augusto e pôz-se a procurar n'ella a escripta do

filho.

--Não vejo ...--disse ella, remexendo os papeis.--Isto que é?... Ai,

isto é uma escripta de Marianna... Ora veja.

Henrique fingiu examinar com attenção a escripta.

--Aqui estão os themas francezes d'elle. Quer vêr? Eu d'isso não

entendo, mas hão de estar bons.

E passava tambem os themas para Henrique, que os examinava com a mesma

attenção.

--Ora onde estará a escripta de Eduardo? Eu sempre queria que a visse.

Isto... isto é... Ha de ser alguma carta, que elle anda a ler. Ora veja,

primo; olhe que a lettra ainda não é das mais faceis... Eu por mim não a

leio... Quer vêr?

Henrique recebeu, com a maior condescendencia, o novo documento que lhe

ministrava D. Victoria, no sympathico intento de provar a habilidade dos

filhos.

Voltou distrahidamente a primeira folha da carta e pôz-se a lêl-a no

fim; cêdo, porém, começou a examinal-a com grande curiosidade; leu uma e

outras das faces escriptas, e, ao acabar a leitura, estava-lhe nos

labios um sorriso entre de ironia e de triumpho.

Offerecendo á morgadinha a carta que lêra, disse-lhe, com um modo que a

impressionou:

--Veja se comprehende a significação d'esta carta, que estava na pasta

do sr. Augusto, do amigo de seu irmão. A mim parece-me que as creanças

não a comprehenderiam bem.

Magdalena olhou para Henrique e depois para a carta, que principiou a

ler.

Succedeu-lhe como a Henrique; cêdo a dominava uma anciosa curiosidade,

que a obrigou a ler com rapidez até o fim.

Ao acabar, amorfanhou-a com raiva, arrojando-a ao chão; escondeu o rosto

entre as mãos e não pôde reter o pranto que lhe rebentava dos olhos.

D. Victoria parou a olhal-a, estupefacta.

--Que é isso, Lena? Santo nome de Deus! tu que tens, menina?

--É que ha momentos, minha tia,--respondeu Magdalena, fitando-a com os

olhos arrazados de lagrimas--em que eu não sei como se resiste á

loucura; em que, para não duvidarmos de nós mesmos, é necessario duvidar

da Providencia, que dizem que protege os bons.

E levantando-se n'esta agitação nervosa, saiu da sala, suffocada pelos

soluços.

D. Victoria interrogou Henrique a respeito da causa d'este episodio, que

ella não podia comprehender.

Henrique respondeu simplesmente:

--Succedeu, minha senhora, que a carta encontrada na pasta do sr.

Augusto parece-se muito com aquella de cujo extravio o sr. conselheiro

se queixa e que foi publicada nos periodicos de Lisboa.

D. Victoria esteve algum tempo a pensar na verdadeira significação da

resposta.

--Mas... n'esse caso... visto isso...

--Visto isso, só o sr. Augusto pode explicar o mysterio que inda ha

pouco nos preoccupava a todos. Os meus presentimentos malignos tinham

infelizmente um fundo de verdade.

D. Victoria, tendo a final comprehendido, exclamou:

--Pois seria elle! Era d'elle que o primo ha pouco falava? Por esta não

esperava eu! Ora fie-se uma pessoa n'estes santos! Uma coisa assim! Ora

deixa estar que eu vou... Ahi está o pago que se tira de bem fazer! Ahi

está! Veremos a cara com que elle me responde. Ora deixa...

--Eu retiro-me--disse Henrique, pegando no chapéo para sair.

--Fique, primo, fique... Até é bom que ouça...

--Perdão, minha senhora. É melhor que eu não fique. Ha razões para

isso... Tudo deve passar-se entre v. ex.^a e elle, e, se me é licito um

conselho, bom será que não seja demasiado violenta.

Apesar dos pedidos de D. Victoria, Henrique retirou-se.

Não ia satisfeito comsigo o hospede de Alvapenha. E por quê? Não tinha

feito o seu dever? Por acaso não era flagrante o delicto de Augusto e

irrecusaveis as provas que o acaso contra elle ministrára?

Mas em nós todos se deve ter já passado um phenomeno moral, comparavel

ao que se estava dando com Henrique. Occasiões ha em que, apesar de

todos os argumentos da razão, apesar da conspiração de todas as provas a

justificar-nos, persiste em nós uma voz instinctiva a avisar-nos de que

commettemos um mal, formulando uma accusação.

Isto sómente não succede a quem tenha adormecidos os mais generosos

escrupulos da consciencia; e este caso não se dava com Henrique.

D. Victoria ficou só na sala, meditando na maneira de confundir e

castigar o criminoso. Passeiava agitada, elaborando comsigo o dialogo

que se ia seguir, encarregando-se ella propria de responder por Augusto.

Não se passou muito tempo que Augusto não viesse procurar a pasta que

lhe esquecêra na sala.

--Que procura?--disse D. Victoria, que, ao vêl-o, parou junto da mesa.

--Uma pasta que deixei aqui!

--Será esta?--disse D. Victoria, mostrando-a.

--É essa mesma--respondeu Augusto, indo para buscal-a.

--Como vão na leitura do manuscripto os meus pequenos, sr.

Augusto?--perguntou D. Victoria, retendo a pasta.

--Muito bem, minha senhora.

--Já entenderam esta carta?

Augusto pegou na carta, que examinou, superficialmente.

--É provavel que já, minha senhora; ainda que não me lembro de haver

escolhido esta entre as que v. ex.^a me deu.

--Pois escolheu por certo, visto que a tinha na pasta; mas como lhe

pareceu difficil de mais para os pequenos, teve o cuidado de mandal-a

imprimir para elles lerem melhor. Não posso consentir que entre n'esses

gastos por causa de meus filhos; por isso queira dizer a despeza que

fez, para se mandar pagar.

D. Victoria tirava da raiva, que se apossára d'ella, uma ironia superior

aos seus habituaes expedientes de espirito.

Augusto ergueu para ella os olhos, admirado, porque não podia

comprehender aquellas singulares palavras.

--Diz v. ex.^a que...

Em vez de lhe responder logo, D. Victoria pegou no periodico que

Henrique deixára sobre a mesa, e mais exaltada já, accrescentou:

--Veja se saiu exacta. Compare. Talvez precise de fazer alguma emenda.

Augusto olhou para o periodico e para a carta, sem bem saber o que fazia

nem o que queria dizer tudo aquillo.

--Mas, por amor de Deus, minha senhora,--disse elle, já

sobresaltado--que quer dizer tudo isto?

--Quer dizer, sr. Augusto, que, quando para outra vez se lembrar de

atraiçoar mais alguem que o tenha favorecido, seja mais cuidadoso em

esconder as provas da sua villeza.

--Minha senhora!--exclamou Augusto, fazendo-se pallido.

--Fez mal em não nos ter prevenido antes do que tinha descoberto; nós

ainda tinhamos bastante dinheiro para cobrir o lanço e ficarmos com a

carta.

--Oh, meu Deus! pois suspeita-se...

E Augusto, quasi como louco, arrancou das mãos de D. Victoria a folha, e

começava a lel-a; mas as nuvens que lhe passavam pelos olhos, a vertigem

que lhe turbava a cabeça não o deixavam comprehender o que lia.

Emquanto Augusto assim luctava comsigo mesmo, D. Victoria dizia:

--Agora é que eu entendo o que queria dizer o primo Henrique. Sempre é

um homem que sabe o que é o mundo...

Ao ouvir estas palavras, Augusto arrojou de si o periodico, e

scintillou-lhe o olhar de cólera:

--Ah! Foi elle? Sim... Havia de ser. Devia suspeital-o. Era de esperar

que o fizesse. É o pretexto. Minha senhora, ha aqui uma traição infame,

uma traição que eu não ousaria suspeitar de ninguem! Mas juro-lhe que...

--Ha de dar-me licença de ir accommodar meus filhos--disse D. Victoria,

interrompendo-o friamente. E encaminhou-se para a porta.

Augusto viu-a afastar-se, e disse-lhe em tom sereno, mas commovido:

--Vá, minha senhora, vá; mas se tem a essas creanças amor de mãe, não

lhes ensine por ora a suspeitar de um homem que ellas se tinham

habituado a amar e a venerar. Peço-lhe por ellas, mais do que por mim. É

uma triste e prematura experiencia que lhes vae dar; vae-lhes envenenar

para toda a vida o coração e talvez que contra si mesma veja voltar-se a

desconfiança que lhes semeia tão cêdo.

D. Victoria saiu da sala sem lhe responder; é certo, porém, que não

ousou dizer aos filhos coisa alguma em desfavor do mestre. Sob as

singularidades do genio d'aquella senhora havia um fundo de bom senso,

onde perfeitamente calaram as reflexões de Augusto.

É singular; ao entrar na sala immediata, ia a limpar os olhos,

commovida.

Augusto permaneceu abatido e desalentado, como se n'aquelle momento

tivesse visto dissiparem-se todas as esperanças da sua vida. Lagrimas

inflammadas e amargas assomaram-lhe aos olhos ao vêr-se humilhado no

seio de uma familia que elle respeitava, da familia d'aquella a cujos

olhos mais desejaria nobilitar-se, engrandecer-se, revestir-se de todos

os prestigios.

Era uma dor para enlouquecer, a sua! Ao desalento succedeu, porém, a

reacção; n'aquelle caracter havia latente uma energia de homem.

--Agora, mais do que nunca, preciso de alento para não

succumbir;--exclamou elle, erguendo a cabeça e vindo-lhe ás faces o

rubor da exaltação--obriga-me a isso o nome honrado de meu pae, a santa

memoria de minha mãe. A consciencia me dará forças para luctar com a

intriga e com a calumnia, onde quer que ella esteja. Ir-lhe-hei ao

encontro, a descoberto, sem disfarce, nem artificios, como luctador

leal. E se ha justiça no Céo, hei de vencer! Não voltarei mais a esta

casa, sem ser com a cabeça erguida; não pensarei mais em ti, Magdalena,

unica, suave imagem que ainda me offerecia vida, emquanto não saiba que

no teu pensamento o meu nome não é o de um infame.

Ao voltar-se para sair descobriu Magdalena, que o observava da porta.

Augusto estremeceu, mas, fazendo por dominar a turbação, curvou-se

respeitosamente perante a morgadinha, e ia a retirar-se.

--Espere,--disse-lhe ella, estendendo-lhe a mão, e com profunda

melancolia--não saia sem se despedir de uma amiga que, apesar de tudo, o

reputou sempre innocente.

Augusto parou, como se aquellas palavras o ferissem no coração.

Magdalena, com as faces pallidas e as lagrimas nos olhos, continuava a

estender-lhe a mão.

Augusto apoderou-se d'ella e cobriu-a de beijos e de lagrimas.

--Oh! obrigado, minha senhora, obrigado!--exclamou elle--precisava

d'essas palavras para não enlouquecer.

--Vá, Augusto, vá. Dentro em pouco tempo todos lhe pedirão perdão.

Creio-o firmemente.

--E eu não procurarei tornar a vêl-a, senão quando pudér justificar essa

generosa confiança. Juro-lh'o.

As lagrimas de Magdalena não podiam mais tempo conter-se-lhe nos olhos;

iam soltar-se e já ella, para as occultar, desviava o rosto, quando

Christina entrou na sala.

Christina, a quem a mãe acabára de contar o acontecido, parou a ver a

scena e a commoção dos dois.

Augusto não se demorou, saiu sem pronunciar uma palavra.

Magdalena deu largas á tristeza, que lhe pesava no coração, deixando

correr livremente o pranto.

Christina correu a abraçal-a.

--Meu Deus! meu Deus! Lena, isto que quer dizer?--exclamou Christina.

E, approximando os labios do ouvido da prima, murmurou, com adoravel

ingenuidade:

--Pois tu... amaval-o?

Por unica resposta Magdalena apertou-a apaixonadamente ao seio.

E ambas por algum tempo confundiram as suas lagrimas.

XXIII

Dominado por os mais energicos e encontrados sentimentos Augusto saiu do

Mosteiro, ainda sem plano formado, sem tenção definida, mas

comprehendendo vagamente a necessidade de abraçar uma resolução

qualquer.

As palavras que D. Victoria inconsideradamente soltára, tinham-lhe feito

conceber a suspeita de que Henrique não fôra alheio á calumnia que

pesava sobre elle. D'ahi a attribuir-lhe todo o plano da intriga não ia

longe, e justo é confessar que não era destituida de plausibilidade a

ideia.

A especie de aversão reciproca que, desde o primeiro encontro, os

dividira, a maior vehemencia da entrevista na noite de Natal, em que

ficára pendente entre elles uma provocação, só á espera de pretexto,

concorriam para dar vigor a esta supposição.

Por isso, depois de por muito tempo percorrer á tôa os caminhos dos

campos, sem consciencia nem destino, Augusto encaminhou-se resolutamente

para Alvapenha.

Estava ainda pouco senhor de si para meditar nas circumstancias que

occasionaram a sua accusação. Mal poderia até dizer de que era accusado.

Percebeu que se tratava de um abuso de confiança, de uma infamia, mas a

impressão recebida fôra tal que não o deixára investigar os pormenores

do facto. Previa em tudo isto uma traição, e, para a esclarecer,

dirigiu-se á unica pessoa de quem lhe parecia provavel que ella

partisse.

Quando chegou a Alvapenha já tinha alli passado a hora de jantar.

Henrique retirára-se para o quarto, D. Dorothéa e Maria de Jesus,

aquella dobando, esta fiando, aproveitavam o tempo a rezar parte das

suas longas orações quotidianas.

Quando Augusto bateu á porta, estavam ellas de volta com a ladainha, que

D. Dorothéa dizia em latim, a seu modo, e a que Maria de Jesus respondia

no mesmo idioma.

--\_Turris e burris, fedilisarca, espeque da justiça, Joannes

asellis\_--dizia D. Dorothéa.

--\_Orá pér nós\_--respondia invariavelmente a criada.

A reza interrompeu-se ao entrar Augusto na sala.

Poucas situações se podem conceber mais exasperadoras de animo do que a

de Augusto n'aquelle momento.

Vir com o espirito dominado por as mais violentas paixões, trazer no

coração uma verdadeira tempestade affectiva, e de subito achar-se na

presença de duas indoles essencialmente pacificas, de dois corações a

que a paixão nunca alterou o rithmo, de duas consciencias de que nunca a

dúvida, o remorso, ou o odio turbaram a celeste serenidade, é um

martyrio cruel.

Augusto teve desejos de recuar, porque previu a tortura que o esperava.

--Ditosos olhos que o vêem!--disse D. Dorothéa, arredando deante de si a

dobadoura, para mais á vontade contemplar o recem-chegado.--Não sei que

mal lhe fizeram n'esta casa!

--As minhas occupações...--balbuciou Augusto, sem saber o que dizia.

Maria de Jesus veio de reforço á ama.

--Isso! fale-nos nas suas occupações, nem que se não soubesse cá que

todos os dias dá o seu passeio ao fim da tarde; sem falar nas

quintas-feiras e domingos...

Augusto não respondeu.

--Pois olhe que todos aqui lhe querem bem--disse D. Dorothéa.

--Assim o creio, minha senhora.

--Eu fui muito amiga de sua mãe, que era uma santa creatura. Inda me

parece que a estou a vêr ahi sentada, com aquella capa rôxa que trazia.

A alegria d'ella, quando o Augustito veio de Lisboa! Vi-a chorar e

agradecer a Deus o filho que lhe tinha dado... Todo o seu desejo era não

morrer antes de o vêr padre; queria pelo menos uma vez commungar das

suas mãos... Coitada!... Não lhe concedeu isso o Senhor, que bem cêdo a

chamou a si.

E continuou para Augusto:

--Quando morreu a morgada, a madrinha da Lenita, e que me contaram aqui

do legado que ella deixára, eu disse logo: «Ora a alma tem ella no Céo

por isto, quando por mais não seja». Porque, emfim... só quem não

conheceu sua mãe é que não diria outro tanto. Verdade é que elle não

chegou a aproveitar... mas... Emfim cada um sabe o que lhe convem e o

que lhe não convem. E eu digo, a vida de sacerdote é muito bonita, isso

é, mas... não havendo inclinação...

Augusto estava impaciente com a loquacidade da senhora de Alvapenha.

--O sr. Henrique de Souzellas está em casa?--perguntou elle, logo que

pôde.--Desejava muito falar-lhe.

--Ai, sim? quer falar com elle? Eu acho que... Parece-me... Sim, elle

deve estar no quarto... Ha de estar a ler. Não tem outra vida aquelle

rapaz! Uma coisa assim! Por mais que eu lhe diga: «Henriquinho, olha que

isso faz-te mal...» É o mesmo que nada. Só ler, ler, ler, que é uma

coisa por maior. Ao principio ainda por ahi dava alguns passeios...

Agora, tirando lá as suas visitas ao Mosteiro, elle para ahi fica. Lá ao

Mosteiro sim, para ahi ainda elle vae.

--É que os ares são por alli muito saudaveis--disse maliciosamênte Maria

de Jesus.

--Adeus! ahi vem vossê com as suas coisas. E então que tem? Pois está

claro que um rapaz, como elle, dá-se com a gente nova.

--Pois sim, senhora, eu não digo...

--E as raparigas de lá já não estão bem sem elle... Ora eu confesso,

quando elle está de maré, é um gôsto ouvil-o. Sempre ás vezes tem coisas

que fazem rir as pedras.

--E pondo-se a contar historias? Ih! isso então é que é! Eu não sei onde

elle as vae buscar!--accrescentou a criada.

--Com esta--continuou D. Dorothéa, apontando para Maria de Jesus--é ás

vezes um passo. Eu ainda queria que o Augustito os ouvisse a ambos. É

perdido em pouca gente. Elle põe-se lá a inventar patranhas, e ella a

tôla, que sabe já como elle é, ouve tudo muito séria e fiada, e no fim

então é que são os escarcéos. Emfim, uma coisa é dizer, outra é vêr!

E D. Dorothéa ria, com aquelle rir meio tossido de velha, em que ha não

sei que indicios de uma existencia placida, que consola ouvir.

Augusto forçava-se a sorrir áquellas narrações das duas velhas, a que

elle mal attendia.

--Eu digo--continuou D. Dorothéa--que já nos havia de fazer falta se

saisse d'aqui; quando cá não está parece-me a casa morta.

--Deixe lá, senhora, que este já d'aqui não sae.

--Ora bem sabe vossê d'isso.

--Pois a senhora verá. Ora! Os passeios ao Mosteiro são muito bonitos.

Augusto ergueu-se, devéras resolvido a cortar a conversa por uma vez.

--Se me dá licença, eu vou procural-o ao quarto. Desejava falar-lhe,

quanto antes, para um negocio de urgencia.

Depois de mais algumas reflexões, resignaram-se a deixal-o partir.

Augusto transpoz rapidamente os corredores, que o separavam do quarto de

Henrique, e bateu á porta d'este.

--Entre quem é--disse de dentro Henrique.

Augusto entrou.

O sobrinho de D. Dorothéa estava sentado junto da janella, lendo uma

folha e fumando.

Ao vêr Augusto levantou-se.

A lembrança das scenas d'aquella manhã no Mosteiro, e a expressão de

physionomia de Augusto, fizeram-lhe prevêr a indole da entrevista que se

ia seguir.

Evitando porém o menor indicio, que pudesse revelar a prevenção em que

estava, disse naturalmente, estendendo a mão a Augusto:

--Oh! por aqui! A que devo o prazer d'esta visita?

Em vez de lhe corresponder ao cumprimento, Augusto disse-lhe friamente:

--Assim estende a mão a um miseravel? Ou é tibieza de pundonor, ou

excesso de magnanimidade!

Henrique retirou logo a mão e respondeu com orgulhoso desdem:

--Nem uma coisa, nem outra; simplesmente o juizo bastante para não me

arvorar em superintendente de negocios que me não dizem respeito; é um

sentido especial, que se chama delicadeza.

--É um pouco sujeito a adormecer em si esse precioso sentido--replicou

Augusto no mesmo tom.--Nem sempre são tão observadas pelo senhor, essas

delicadas abstenções, como agora. Sei-o por experiencia.

--Não o são desde que os interessados me ordenam que intervenha, e desde

que a minha intervenção pode ser util a amigos.

--Pois bem; como, por qualquer d'essas causas, se deu o facto em relação

ao objecto que me traz aqui, espero que me explique a natureza da sua

intervenção.

--Mas com que direito me vem o senhor pedir aqui explicações?

--Com o direito que me dá a consciencia, senhor!--respondeu

energicamente Augusto, despojando-se de toda a apparencia de

ironia.--Com o direito que tem todo o homem, calumniado cobarde e

infamemente, como eu fui, de provocar uma accusação aberta e leal.

Direito? É mais ainda do que direito, é dever. É um dever para com a

moral, é um dever para com a consciencia, é um dever para com a memoria

d'aquelles que nos transmittiram um nome honrado.

--Muito bem; mas, admittindo que seja esse direito ou esse dever, e não

lh'o contestarei, por que singularidade acontece que seja eu a pessoa

que tem de responder por tudo isso? Por acaso será este o pretexto, para

depois do qual tinhamos adiado uma entrevista que suppuzemos

necesssaria?

--Se houve pretexto para ella, foi da sua parte, e escolheu-o bem infame

e vil. Não lh'o invejo. Da minha não é pretexto; é uma interrogação bem

positiva e terminante. Todos os motivos anteriores, que podiam

auctorisar-me a procural-o, cessaram ante a impreterivel exigencia

d'este. Preciso de justificar-me, e por isso preciso de conhecer e de

ouvir os meus accusadores.

--E imagina que sou eu quem deve auxilial'o na tarefa? Pelo menos devia

escolher uma hora mais cómmoda. Sabe que na Alvapenha se janta

patriarchalmente ao meio dia.

--Não julgue que com essas ironias de mau gôsto, se esquivará a

responder-me. Juro-lhe que hei de obrigal-o a falar com seriedade.

--E tem meios para isso?

--Faço-lhe a justiça de acreditar que sim; creio que ainda não estará

tão envilecido que receba com um sorriso cynico o insulto que lhe

infligir...

--É provavel que não risse, no caso que diz; mas tambem não falava,

acredite. Ha, para interrogações d'essas, respostas mais adequadas e

discretas. Não tente; aconselho-o... Mas, valha-me Deus, quem lhe disse

que eu não queria dar-lhe todas as explicações que souber? Sente-se,

conversemos placidamente, que é a melhor maneira de vêr claro nas

coisas. Não fuma?

Augusto, indignado com este frio sarcasmo, respondeu com vehemencia:

--Está-me causando tedio e compaixão ao mesmo tempo, senhor. Deve ter já

uma alma bem corrompida para me receber assim. Ainda quando eu fôsse um

criminoso, se no seu caracter houvesse brio, dignidade e sentimento

moral, devia a minha presença ser-lhe um espectaculo demasiado abjecto,

para o não deixar sorrir, ainda que de sarcasmo; mas na incerteza em que

está, em que deve estar por fôrça, a só ideia de que pode calumniar um

homem innocente, devia bastar para lhe fazer sentir toda a gravidade

d'esta entrevista e obrigal-o a attender-me como eu exijo ser attendido.

Para não comprehender isto, para não respeitar esse sagrado direito, que

tem todo o accusado de se defender, é necessario estar corrompido até o

fundo da alma. O scepticismo e a irreverencia para com os outros, só se

dá em quem duvída de si proprio, e a si proprio se não respeita, porque

se conhece. O senhor soube insinuar a calumnia no seio de uma familia,

cujos amigos generosos não a receberam sem dor; e quando o calumniado

lhe vem pedir explicações, porque se trata da sua unica riqueza, porque,

sem familia e pobre, e ámanhã talvez na miseria, precisa de defender o

unico bem que lhe resta, o senhor recebe-o com um sorriso ultrajante,

para occultar talvez a cobardia, que não ousa repetir na face do

accusado as insinuações que contra elle fez na ausencia. Se a

consciencia lhe não exprobra esta infamia, teve razão ao dizer-me que me

enganei procurando-o. A caracteres d'esses não se pede a explicação da

calumnia; é a sua manifestação natural.

E terminando estas palavras, que a mais violenta paixão lhe dictára,

Augusto caminhou para a porta do quarto.

Henrique deteve-o.

No espirito do leviano hospede de Alvapenha passára-se n'este curto

intervallo de tempo uma profunda revolução moral.

Na voz, no gesto e na indignação de Augusto pareceu-lhe perceber

vestigios de sinceridade, em que até alli não acreditára, e desde esse

momento, além dos remorsos pelos desdens com que o recebêra, sentia viva

a necessidade de uma reparação.

Magdalena tinha razão.

No meio de todos os seus defeitos, havia n'este rapaz um não exgotado

fundo de pundonor e de moralidade.

--Não saia--disse elle para Augusto, já sem a menor sombra de

ironia.--Se para isso fôr necessario pedir-lhe perdão, pedir-lh'o-hei.

Que mais quer?... Reconheço-lhe o direito que tem de ser escutado.

Fique. E creia que, apesar das apparencias lhe serem desfavoraveis, eu,

que em bem pouco concorri para ellas, sinto-me já movido a não lhes dar

fé. É já um convencimento tão intimo como o que até agora tinha da sua

culpa, confesso-o. Se na minha mão estiver esclarecer o mysterio, conte

commigo. Fale.

Augusto fitava-o ainda com desconfiança.

Henrique percebeu-o e continuou:

--É justa a dúvida que lhe leio no olhar, mas, como sómente o meu

procedimento futuro a pode desvanecer, peço-lhe que não deixe por isso

de falar.

--Antes de mais nada: de que me accusam?--perguntou Augusto.

--Pois não sabe?!--exclamou Henrique, admirado.

--Vagamente apenas. Sei que ha uma carta extraviada, mas a conclusão em

que fiquei, mal me deixou comprehender...

Henrique contou então tudo o que se passára no Mosteiro, e terminou

dizendo:

--Já vê que eu não fiz mais do que faria outro qualquer em meu logar.

Pesava sobre todos quantos frequentavam aquella casa uma desconfiança

odiosa: esclarecer o mysterio, dissipar as suspeitas, lançar aos hombros

do culpado toda a responsabilidade da traição, era o natural empenho de

todos. A descoberta da carta na sua pasta accusava-o. Essa descoberta

foi occasionalmente feita por D. Victoria. Eu não o conhecia bastante

para que o seu passado me obrigasse a recusar o testemunho das

apparencias. Os motivos de despeito, que as suas mesmas palavras por

aquella occasião confirmaram, explicavam muito bem certas tentações de

vingança... Nada mais natural do que suppôr...

Augusto cobriu o rosto com as mãos, murmurando:

--Accusado!... accusado de uma infamia, e deante de...

Aqui reteve-se, como se a tempo comprehendesse a indiscreção da sua dor.

Henrique cada vez se sentia mais modificado nas suas disposições para

com Augusto; por isso, quando este cortou assim em meio a expressão do

pensamento, elle, que lh'o percebeu, disse-lhe, sorrindo:

--D'ella? Socegue. Tem junto d'esse tribunal, de que se receia tanto,

advogados eloquentes.

Augusto levantou para Henrique um olhar interrogador.

--Diz que...

--Que não deve temer da impressão produzida, por todas as provas d'este

mundo, no animo de quem, através de tudo, acreditará sempre na sua

innocencia.

--Refere-se a...

--Ao seu segredo, que ha muito o não é para mim. Veja como eu estou

virado! Acho-me quasi disposto a sympathisar com elle, quando ha pouco

tempo ainda, sinceramente o confesso, era esta a causa occulta de tal ou

qual antipathia, que sentia pelo senhor... que sentiamos um pelo outro,

digamos assim.

--Mas...

--Vamos, vamos... eu sei que é discreto; nem esta era occasião para

entrar em confidencias. Tratemos do que mais importa... Não sei como é

que iria jurar agora a sua innocencia em toda esta desastrada intriga, e

com o tempo... porque francamente lhe declaro que me é necessario algum

tempo para desvanecer em mim todos os restos de despeito e de...

paixão... porém, com o tempo, talvez venha a ser seu verdadeiro amigo...

sem a menor prevenção.

E depois de um momento de silencio, proseguiu, mudando de tom:

--Mas, com os diabos, sendo o senhor innocente, deve ter grandes

inimigos aqui na terra para o enredarem assim! É preciso esclarecer

isto.

--Inimigos?!... Não os conheço, nem vejo motivos...--disse Augusto,

pensativo. Mas de repente, como se lhe acudisse um pensamento luminoso,

fez um gesto que Henrique percebeu.

--Que é?--perguntou este logo.--Descobriu?... Diga... Uma suspeita é já

um rasto precioso... guia os primeiros passos... Diga... E eu o ajudarei

a seguil-o.

--Lembro-me agora de uma notavel visita, que ha dias recebi. É isso...

E Augusto contou toda a entrevista que tivera com o brazileiro.

--E ainda agora se lembra d'elle?--exclamou Henrique, ao ouvil-o--e inda

hesita?! O senhor é de uma boa fé!... Temos o fio!

--Mas como pôde elle...?

--Isso depois; o mais virá a seu tempo. Agora trata-se de vigiar esse

senhor... E agora me lembra; elle é um dos oradores do club do Canada...

Sondarei esse antro tenebroso... Eu já devia suppor que andava aqui

miseria politica... Estou a achar razão áquella adoravel Magdalena...

Perdão... inda não perdi o habito de a adorar... Tambem, desde que o

consiga, serei seu amigo sem restricções. Até lá, porém, não será isso

motivo para de corpo e alma me não dedicar á sua causa... Eu posso ter

todos os defeitos, menos o de collaborar de boamente n'uma velhacaria;

e, fôsse o meu maior inimigo que eu visse victima d'ella, creia que

procuraria desfazel-a.

--Agradeço-lhe essas palavras, que acredito são sinceras; não posso,

porém, acceitar a intervenção que me offerece. Eu sou que devo

justificar-me. Está empenhada n'isso a minha dignidade.

--Como queira. Em todo o caso espero que uma má prevenção o não

constranja a não recorrer lealmente a mim, se o meu auxilio lhe puder

servir. Agora peço-lhe perdão, se alguma vez o offendi de mais; mas

vamos lá, o senhor tambem não está de todo isento de culpa... E quanto

ao pretexto... adiado mais uma vez, não lhe parece?

Augusto não podia fechar-se áquelle caracter, que se lhe estava

mostrando agora sob uma face nova e sympathica; por isso respondeu,

sorrindo:

--Adiado para sempre.

E estenderam as mãos um ao outro, apertando-as já sem o menor

resentimento.

Eram duas almas generosas, que acabavam de se comprehender.

--É notavel;--pensava comsigo Henrique--estou sympathisando á ultima

hora com este rapaz! Mas como se combina isto com a minha paixão por

Magdalena, a quem elle ama igualmente? Dar-se-ha que ella acertasse, e

que não fôsse paixão o que eu senti! Isto de mulheres teem uma vista tão

apurada para estas discriminações!

XXIV

O processo instaurado contra o Cancella seguiu os seus tramites normaes;

porém, graças ao empenho do conselheiro, a quem a morgadinha escrevêra a

favor do prêso, e apesar da perseguição que lhe moviam os padres,

contava-se que elle fôsse sôlto, e era esperado na aldeia dentro em

poucos dias.

Magdalena não se descuidára de mandar todos os dias ao pobre homem

noticias da filha, a qual, depois de ter por algum tempo inspirado

sérios cuidados á medicina da terra, parecia haver entrado n'um periodo

de convalescença.

Magdalena assim o participou ao Cancella para o animar, mas, sem saber

por quê, ella propria não sentia as esperanças que dava.

Ha espiritos tão instinctivamente sensiveis e perspicazes, que, á

maneira dos medicos experientes, presentem a gravidade ou a approximação

do mal, ainda quando os symptomas tenham perdido toda a feição

assustadora.

Já os sorrisos fluctuam nos labios do doente e um desmaiado rubor de

saude principia a tingir as faces, até então pallidas, e elles sentem-se

ainda estremecer de secretas apprehensões.

Assim acontecia a Magdalena ao contemplar as feições da pequena

Ermelinda.

A frequencia e intensidade dos accessos diminuira; certo colorido de

vida principiára já a animar-lhe o rosto infantil, havia pouco gelado de

terror e pela doença; ás vezes até um sorriso, ainda que melancolico,

distendia-lhe os labios desmaiados, e só de quando em quando raras

nuvens de tristeza, evocadas por uma recordação penosa, parecia

assombrarem-lhe o olhar limpido e meigo; os somnos eram tranquillos, as

vigilias serenas, e apesar de tudo a morgadinha entristecia ao reparar

n'ella.

O facultativo da localidade, apalpando com os dedos robustos o delicado

pulso da creança, assegurára que ella estava já livre da febre; e apesar

d'isso, Magdalena quasi sentia remorsos, quando escrevia ao Herodes a

dar-lhe a boa nova.

E é certo que mais do que justificadas tinham de ser estas apprehensões

da morgadinha.

Na tarde d'aquelle mesmo dia, em que Ermelinda acordára mais tranquilla

e animada, renovaram-se subitamente, e assustadores como nunca, os

indicios do mal profundo.

Um delirio violento, caracterisado por vagos e mal definidos terrores,

gritos angustiosissimos, contracções espasmodicas, que parecia

despedaçarem aquelle corpo fragil e delicado, surgiram de novo, e, ao

dissiparem-se, deixaram, como rastos, uma prostração extrema, uma quasi

completa insensibilidade de funesta significação.

Magdalena, assustada, tomou nos braços a debil e emmagrecida creança, e

trouxe-a para junto de uma janella, d'onde ainda se avistava o sol, já

quasi a esconder-se por detraz de uma collina distante.

Dir-se-ia querer pedir, aos frouxos raios de um quasi crepusculo de

inverno, um pouco de calor para fundir os gêlos da morte, que

principiavam a invadir os membros delicados d'aquella formosa creança;

ao clarão levemente afogueado do horisonte, um pouco das suas tintas

para aquellas faces morbidamente pallidas; á amenidade da paizagem, um

reflexo de sorriso para aquelles labios, onde elle se apagára.

Os olhos de Ermelinda fitaram-se tristemente no sol já vacillante, com a

expressão, cheia de saudade e de poesia, de uma alma joven que se

despede da vida, e, quando o sol desappareceu, desviaram-se lentamente

para o rosto de Magdalena, que a observava com anciedade.

Ermelinda sorriu; um sorriso mais triste do que as mais tristes

lagrimas.

A morgadinha apertou-a ao seio, commovida.

--Que tens tu, minha filha?--disse-lhe com meiguice, afagando-a.

Ermelinda não respondeu, mas continuou a fitar Magdalena com a mesma

expressão de affecto e de tristeza.

A morgadinha approximou os labios dos d'ella para beijal-a.

A pequena doente correspondeu-lhe ainda ao beijo e continuou a fital-a

como d'antes. E durou, e durou este olhar até que pareceu a Magdalena

haver n'elle não sei que estranha fixidez, que a inquietou.

Palpou as mãos da creança; estavam frias; o coração, parado; chamou-a

pelo nome... a mesma fixidez no olhar, a mesma immobilidade nas

feições... estava morta.

Foi assim que se despediu da vida aquelle candido espirito. Foi como o

adormecer de uma alma, que algum anjo invisivel, namorado d'ella,

arrebatasse nas azas para o throno de Deus.

A morte de uma creança como Ermelinda é um facto de ordinario

indifferente na vida social; alguns sorrisos de menos no mundo; uma voz

que emmudece nos festivos córos da infancia; algumas sentidas lagrimas

de mãe sobre um berço vazio; algumas flores sobre um tumulo; e á

superficie das ondas sociaes nem sequer a leve vibração que a rosa

desfolhada imprime á agua tranquilla do lago... eis tudo.

A multidão segue no delirio das festas, na lucta das paixões, na febre

da ambição e das glorias, e o perfume da flor pendida não lhe affecta os

sentidos embriagados.

Ás vezes, porém, não succede assim, e assim não devia succeder com

Ermelinda.

As paixões humanas, que ante o cadaver de uma creança, coroada de flores

candidas e cingida da alva tunica da pureza, deviam abrandar-se, como

deante de uma visão do Céo, tomam-n'o ás vezes por estimulo para mais

furiosas se desencadearem, e proclamarem a lucta, a sedição e a

vingança.

Desde que fôra publicada a portaria, prohibindo expressamente os

enterramentos na igreja, medida tão adversa ao espirito do povo, não

tinha havido na terra uma morte que obrigasse a pôr a medida em

execução.

A ira popular, exacerbada de contínuo pelas secretas instigações de

alguns padres fanaticos ou hypocritas, e dos adversarios politicos do

conselheiro, rugia, havia muito, surdamente, mas não rompêra em explosão

por falta de pretexto.

Notava-se apenas uma maior affluencia de gente na taberna do Canada, um

maior calor nos discursos dos tribunos, e a tendencia á formação de

magotes nas encruzilhadas e nos largos.

Quando porém se espalhou a noticia da morte de Ermelinda, augmentou a

effervescencia dos animos. Era chegado o momento.

A morgadinha, que chorou com lagrimas sinceras a filha do Cancella, quiz

que ella fôsse sepultada no mausoléo da casa do Mosteiro. Cumprindo

assim a lei, prestava-se tambem culto á affeição que todos sentiam pela

creança, companheira de brinquedos de Angelo, que lhe queria como irmã.

Sabendo-se d'esta resolução, rebentou a indignação popular.

No dia seguinte ao da morte de Ermelinda, e n'aquelle, no fim da tarde

do qual devia realisar-se o enterro, havia na taberna do Canada

extraordinario ajuntamento.

O brazileiro, o sr. Joãozinho das Perdizes, o latinista Pertunhas,

alguns padres e lavradores, caseiros e camaradas do sr. Joãozinho,

falavam, berravam e gesticulavam a um tempo.

O morgado das Perdizes, cujo animo fluctuava indeciso entre favorecer e

guerrear o conselheiro, mas que, depois do despacho do professor que

pedira e conseguira, como que sentia remorsos de o atraiçoar, achava-se

agora muito abalado, porque na questão dos cemiterios era intolerante,

não podendo levar á paciencia que quizessem enterrar um homem, como

elle, n'um logar onde chovia e fazia sol, como n'um campo de centeio.

O brazileiro, conscio do valor do voto eleitoral do sr. Joãozinho, não

se cançava de o catechisar, usando para isso de todas as armas e

atacando-o por todos os pontos vulneraveis que lhe conhecia.

Era assim, por exemplo, que sabendo da sympathia e gratidão do morgado

para com o herbanario, insistia muito sobre a dureza do coração do

conselheiro, que privára cruelmente o pobre velho da sua propriedade,

golpe fatal, que dentro em pouco o levaria ao tumulo; e a proposito

contava como o herbanario pedira de joelhos ao conselheiro para lhe

poupar a casa, e como este se rira das lagrimas do velho, porque tinha

interesse em que não fôsse adoptado o outro plano, que lhe cortava uma

grande porção dos proprios bens.

Ouvindo estas coisas, o sr. Joãozinho, que tinha mais de grosseiro e

bestial do que de perverso, dava punhadas sobre a mesa, despejava copos

de quartilho e dizia pragas sacrilegamente eloquentes.

Outras vezes era no tópico do cemiterio que ardilosamente o espirito

tentador do brazileiro insistia. Fazia avivar a ideia ao morgado de que

elle proprio tinha de ser alli enterrado, porque na freguezia de

Pinchões iam tambem ser prohibidos os enterros na igreja, o que este

negava, berrando; e todos affirmavam o mesmo que o brazileiro dizia, o

que dava logar a novas punhadas, novas irritações e a novas pragas do

sr. Joãozinho.

No dia que dissemos, multiplicára o morgado, mais que de costume, as

suas libações de vinho; e com as faces injectadas, os olhos meio

fechados, ouvia com irritação os commentarios dos circumstantes e

distribuia com profusão pragas e murros.

--Com os diabos!--berrava elle, acabando de despejar um copo de

quartilho.--Se me chega a mostarda ao nariz... sou homem para ir á

igreja e obrigal-os a enterrar lá a pequena.

--Isso não se faz assim com essa facilidade e arreganhos--disse

velhacamente o brazileiro, de proposito para o irritar ainda mais.

--Eu lhe diria se se fazia ou não, se se tratasse de coisa que me

dissesse respeito!... Mas, lá com a filha do Cancella... não tenho eu

nada... lá se avenham.

--A questão não é ser filha do Cancella ou deixar de ser;--tornava o

brazileiro--a questão é do exemplo; enterrado o primeiro, enterram-se os

outros.

--Menos eu--exclamou o morgado.

--Se Deus quizer tambem vmc. se ha de lá enterrar.

--Diabos me levem se...

--Pelos modos--disse um padre do lado--elles enterram a rapariga no

tumulo da familia do conselheiro.

--Pois vêdes; se elles são todos da mesma confraria!--ponderou o

Pertunhas.

--E se não, é vêr no outro dia o que o Herodes fez ao missionario! Então

julgam que aquillo não foi combinação?--disse o padre.

--Dizem que o Herodes ganhou vinte soberanos para lhe

bater--accrescentou um lavrador.

--A mim me disseram que trinta.

--Sempre uma pouca vergonha como aquella!

--E verão que não lhe succede mal.

--Pois não, não; elle está alli, está na rua.

--Diz-se que o soltam á fiança.

--Não pode ser; aquelle crime não tem fiança--ponderou um fazendeiro,

que se tinha por muito visto em demandas e coisas de justiça.

--Ora adeus! com o que vossê vem! Querendo elles...

--Aquillo parece uma seita.

--E ainda ahi está? Pois já se sabe que elles são pedreiros-livres.

--E o tal lisboeta?

--Esse, então, é que é d'aquelles!

O sr. Joãozinho pestanejou, ouvindo falar de Henrique.

--Ah! é do tal petimetre que falam? No tal que foi para a igreja caçoar

com o missionario? Sempre vossês são uns homens de lama, tambem! Ó

Cosme--continuou, voltando-se para um alentado camarada que estava ao

lado d'elle--olha aquillo comnosco, hein? Onde estaria o amigo?

O valentão sorriu modestamente, encolhendo os hombros.

--Pois, senhores--proseguiu o brazileiro, que não queria deixar

arrefecer o enthusiasmo e a irritação do publico--hoje decide-se a

coisa... D'aqui a uma hora está enterrada a pequena e depois... o uso

faz lei.

--Isso é que é verdade--secundou o Pertunhas.

--Faz lei emquanto eu me não lembrar de ir desenterral-a--respondeu,

cada vez mais azedado, o sr. Joãozinho

--Não; isso lá mais devagar--acudiu o brazileiro--vossemecê bem sabe

que, estando ella no mausoléo do conselheiro...

--Importa-me cá o mausoléo? O senhor está a ler. Eu com um empurrão

arrumo aquella platafórma a terra. Ó Cosme, olha nós, hein?

O Cosme tornou a fazer o mesmo gesto expressivo.

--Ahi está quando era preciso que houvesse n'esta terra um homem de

vontade, que não deixasse fazer o enterro--disse o padre.

--Era bem feito, para elles saberem tambem que se não brinca assim com o

povo.

--Lá isso era!--repetiram algumas vozes.

--Eu por mim... se alguem fôr...--aventurou um.

--E eu, eu--ouviu-se dizer de alguns pontos da sala.

--Deixem-se de contos,--continuou o padre--elles fazem o que querem,

porque sabem que não ha um homem de coragem, que se ponha á frente do

povo...

--Lá isso é que é verdade.

--Já não ha homens para as occasiões.

O morgado das Perdizes, que tinha presumpções de valente, e se gabava de

ter varrido feiras a varapau, espinhou-se com estas palavras, e

protestou dizendo:

--Então julgam vossês que eu, se me der para ahi, não vou ao cemiterio,

eu só, e ponho tudo aquillo em cacos? hein?

--Isso não se faz com essa facilidade--disse o brazileiro

impertinentemente.

--A quanto aposta vossê?--bradou, cada vez mais afogueado, o sr.

Joãozinho.

--Ora vamos--continuava o brazileiro com os mesmos modos--não que a

auctoridade...

--A auctoridade! Para mim é que elles veem! Olha o regedor! O regedor

commigo! E os cabos? Ó Cosme, hein? Que te parece? Os cabos comnosco?

O Cosme sorriu e resmungou por entre dentes:

--Se queres tentar...

--Com mil demonios!--disse o morgado, exgotando mais um copo--vamos a

isto! anda d'ahi, ó Cosme!

O Cosme levantou-se.

--Nada de imprudencias--aconselhou o brazileiro, de um modo que tinha a

significação contraria ao pensamento que exprimia.

--Quem tiver mêdo, que fique em casa. Ora quero mostrar a esta gente se

ha ou não ha um homem para as occasiões.

E estavam no meio da sala o sr. Joãozinho e os seus arrojados camaradas,

e o brazileiro já conferenciava com o padre, que lhe respondia com

signaes de intelligencia, como quem tinha projectos filiados n'aquelle

movimento, quando entrou na taberna uma nova personagem que, por não

habitual alli, e por outras circumstancias faceis de conjecturar, causou

geral extranheza.

Era Henrique de Souzellas.

Tendo sabido da morte de Ermelinda, e encontrando no Mosteiro todos

occupados com os aprestes do funeral da pequena, Henrique montou a

cavallo e deu um longo passeio pelos arredores.

Na volta achou-se defronte da taberna do Canada.

Chegou-lhe aos ouvidos o rumor das altercações e das pragas que iam lá

dentro, e isto resolveu-o a entrar, cumprindo assim a promessa que

fizera a si mesmo de estudar aquelle terreno, a vêr se encontrava

vestigios que o levassem a provar a innocencia de Augusto.

Apeou-se, prendeu o cavallo ao peão da porta e entrou.

Ao entrar, percebeu que havia causado sensação a sua presença, e até,

pela expressão com que o fitavam, suspeitou que talvez não fôsse

demasiado prudente o passo que dera.

Era tarde, porém, para recuar, e o orgulho impedia-lhe a menor

manifestação de receio.

Sentou-se tranquillamente n'uma banca vazia.

O Canada, como taberneiro attencioso, veio informar-se pressurosamente

do que desejava o recem-chegado.

Henrique pediu vinho, para pedir alguma coisa, e não obstante estar

firmemente resolvido a não lhe tocar.

O Canada trouxe-lhe um copo largo para deante d'elle, e de motu-proprio

associou-lhe algumas azeitonas, que recommendou como excitadoras da

sêde.

Henrique pediu lume para accender um charuto, e pondo-se a fumar correu

a vista pelos grupos que enchiam a sala. A effervescencia dos animos

havia abatido com o chegar de Henrique, como a da agua em que se

lançasse uma pedra de gêlo.

Reinava, porém, um rumor surdo, um cochichar pouco tranquillisador, e

que ameaçava degenerar em maior tormenta.

O brazileiro escondia-se por detraz de uns homens do povo, para não ser

visto; o sr. Joãozinho olhou para Henrique, como se o não conhecesse, e

conversava em voz baixa com o seu camarada Cosme, o qual fitava no

recem-chegado olhares sombrios e ameaçadores.

Henrique, ainda que interiormente não tranquillo, sustentava-os sem

desviar os seus, e continuava fumando quasi provocadoramente. Pouco a

pouco subiu de tom a conversa dos dois, assim como a dos outros grupos.

--É preciso ensinar estes espiões--dizia uma voz audivelmente.

--Que quererá d'aqui este figurão?--perguntava outro.

--Era bem feito que lhe ensinassem a não se metter com a nossa vida...

O morgado, cada vez mais excitado pelo vinho, cruzou os braços sobre a

mesa, e com o corpo inclinado para deante e os olhos abertos para

Henrique, principiou a dizer, retardando-se-lhe já algum tanto a voz nas

fauces:

--Eu se sei que ha alguem que me anda a seguir os passos e a espiar,

sempre lhe dou uma lição, que lhe ha de lembrar toda a vida! Não, que

isto aqui não é Lisboa! Eu não admitto que se olhe para mim com falta de

respeito... Já disse! Eu não gosto de repetir as coisas... Tenho dicto!

O senhor não ouve?

Henrique continuou a fumar, sem desviar os olhos do morgado.

--Ó senhor lá... Faz favor de não olhar para mim d'essa maneira?

Henrique exhalou uma baforada de fumo e sorriu.

--Vossê ri-se!... Elle riu-se, ó Cosme? Pois elle riu-se de mim? Espera!

E o sr. Joãozinho executou um movimento para levantar-se.

O Cosme imitou-o, e os camaradas puzeram-se a postos.

Susteve-os o brazileiro e outros igualmente pacificos.

--Então! então! isso o que é?

--Quero perguntar áquelle senhor de que é que se ri--bradava o morgado,

furioso.

--Para isso não se incommode--respondeu Henrique--eu mesmo d'aqui lhe

respondo. Rio-me da ridicula figura que está fazendo.

--Ah!... ouvem-n'o? Larguem-me, deixem-me, deixem-me... Ó Cosme!...

E o morgado barafustava entre os braços debeis que o retinham. No povo

principiou a subir a maré das murmurações contra Henrique.

--O senhor vem para aqui armar desordens?

--É para espiar?

--Depois queixe-se...

--Não se metta com a gente.

O morgado bracejando, espumando, e largando por pouco a jaqueta nas mãos

que o retinham, conseguiu, graças aos seus musculos robustos, sacudir de

si todos os obstaculos, e correu para Henrique, que por prevenção se

collocou a pé.

O sr. Joãozinho, cego de embriaguez e de raiva, berrava, voltado para

elle:

--O senhor conhece-me?... O senhor sabe com quem fala? Olhe bem para

mim... Quero vêr agora se ainda se ri.

--Por que não? Se cada vez está mais ridiculo!

O morgado deu um urro selvagem e fez um movimento como para se atirar a

Henrique.

Este recuou um passo, e pegando no copo que ainda tinha intacto deante

de si, despejou-o todo sobre aquella figura já avinhada, dizendo

motejadoramente:

--Ahi tem; é isso provavelmente que vem buscar.

O rosto, as mãos e a camisa do sr. Joãozinho ficaram litteralmente

tingidas. Soltando um rugido de fera, levou a mão á faxa da cinta, como

a procurar uma arma. Henrique, percebendo-lhe o movimento, antecipou-se

a segural-o pela garganta, para o reter e afastar de si.

O morgado torcia-se e espumava sob a constricção de Henrique, e já

congestionado e rouco bradou:

--Ó Cosme!... Ó Cosme!... Mata esse maldito!...

A phalange do sr. Joãozinho correu em soccorro do chefe. O varapau do

Cosme girou no ar, produzindo um zunido como o de um enorme zangão.

O braço diligente do Canada, movido pelo empenho de salvar o crédito do

estabelecimento, afastou a tempo Henrique do terrivel embate, que

infallivelmente lhe seria fatal.

A pancada caiu sobre a mesa, que lascou ao comprido.

Henrique estava incólume, e o morgado sôlto.

Mas o perigo não passara para Henrique. O morgado preparava-se com os

seus para nova investida, quando se ouviu a voz do brazileiro e do padre

bradarem:

--Já está a tocar o sino! Ao cemiterio emquanto é tempo!

E no entanto o brazileiro, chamando de lado o Cosme, convencia-o, por

varios generos de argumentos, da conveniencia d'este partido, e tão

convencido o deixou, que elle berrou d'ahi a pouco:

--Deixa o homem para outra vez, João, deixa-o e vamos a elles ao

cemiterio!

--Ao cemiterio, ao cemiterio! repetiram algumas vozes.

--E queime-se a papelada da camara!

--E mate-se o escrivão de fazenda!

--E quebrem-se os vidros do Mosteiro!

--E pegue-se fogo á casa!

Eram de bastante fôrça estes argumentos para convencer o sr. Joãozinho.

--Pois vá lá, rapazes! Com este faremos contas depois. Ao cemiterio!

Atiremos a terra com o tal mausoléo!

E prepararam-se para sair tumultuariamente. Henrique, ouvindo isto,

percebeu do que se tratava, e prevendo sérios riscos para as senhoras do

Mosteiro, desembaraçou-se dos braços do Canada, que teimava em segural-o

e em dar-lhe conselhos de prudencia, e correu a montar a cavallo para se

anticipar aos desordeiros. Effectivamente assim o fez; mas, ao passar

por entre o grupo d'elles, o varapau do Cosme, floreteando outra vez no

ar, caiu sobre a cabeça do cavallo. O animal, atordoado por a pancada,

partiu em galope desenfreado, e apesar de toda a arte de Henrique,

acabou por o arrojar a terra com tal violencia, que o deixou como morto.

Os desordeiros seguiram, capitaneados pelo morgado, o caminho do

cemiterio. O brazileiro, o padre e o Pertunhas, acolheram-se

pacificamente aos lares.

O sino da igreja continuava a repicar.

XXV

Era uma perspectiva profundamente melancolica a do cemiterio da aldeia

por aquella tarde de inverno!

Imagine-se um campo plano e raso, onde vegetavam algumas roseiras de

toda a estação, e a murta e a alfazema, vivendo a custo n'aquelle solo

ingrato, que havia pouco alimentava apenas urzes, tojeiras e pinheiraes.

No centro d'este espaço elevava-se, singello, mas elegante, o tumulo da

familia do Mosteiro, sobre o marmore do qual pousavam tristemente os

ramos flexiveis de um salgueiro chorão, e nos cantos principiavam a

erguer-se, como obeliscos funerarios, quatro jovens cyprestes

ponteagudos. Para além do muro, que circumdava este terreno, estendia-se

um vasto pinheiral, através de cujos troncos, confusamente cruzados, se

podia ainda divisar ao longe uma ou outra casa da aldeia, e o verdor dos

campos e pomares. A igreja parochial erguia, a pequena distancia d'alli,

a grimpa do campanario, e o sussurrar dos desfolhados álamos do adro,

agitados pelo vento, ainda chegava áquella estancia mortuaria.

A tarde tinha um d'estes aspectos ameaçadores, que deixam presentir a

tempestade; d'estas serenidades insidiosas, interrompidas, de quando em

quando, por uma subita viração, que faz revolutear na estrada as folhas

sêccas como em espiraes phantasticas. O céo pintára-se do colorido

melancolico e triste, que em alguns quadros de Annunciação tão fielmente

se vê reproduzido. Estava quasi todo coberto; só muito para o occidente

uma estreita zona se conservava limpa de nuvens, mas n'ella mesmo o azul

recebia, do contraste das côres vizinhas, um cambiante quasi esverdeado.

As nuvens inferiores, acima das quaes passavam os raios do sol, tinham o

aspecto rôxo-livido, que o avizinhar da noite ia tornando mais

carregado; no mais alto da abobada, as superiores, illuminadas ainda,

apresentavam reflexos amarellados que cada vez se afogueavam mais.

Para o oriente haviam-se fundido os nimbos em uma massa unica, uniforme,

cerrada, como uma abobada metallica, cujo livor imitava. De quando em

quando cruzava os ares uma ave de vôo rapido, soltando pios angustiosos.

Era a esta hora que devia effectuar-se o enterro de Ermelinda.

Estava já aberto o jazigo da familia do conselheiro, aguardando a

infeliz creança.

Os padres cantavam na igreja, e o sino repicava, como de festa, saudando

a entrada de mais uma alma sem culpas no gremio dos anjos.

Á porta da igreja, no adro e no cemiterio estacionavam alguns ociosos;

muitos acercavam-se do sepulcro, movidos pela curiosidade que a nova

fórma de enterro lhes suscitava.

As murmurações, comquanto menos manifestas aqui do que na taberna do

Canada, nem por isso faltavam.

Até da porta da igreja para dentro, até de joelhos, até de contas na mão

e olhos fitos no altar, os murmuradores existiam. Velhas beatas clamavam

assim a justiça celeste sobre os impios do seculo, que não queriam

enterrar-se no chão sagrado da igreja. Junto da pia da agua benta,

aspergindo-se, persignando-se sobre a bôca, para que Deus livrasse de

peccar por palavras, n'essa mesma occasião, ellas entoavam os seus

threnos e maldiziam dos reformadores, sobre quem chamavam as penas do

inferno.

Havia tambem no grupo alguns que conferenciavam em voz baixa e se

entreolhavam de maneira mysteriosa, fitando ás vezes os caminhos

proximos, como se d'alli aguardassem alguma coisa.

A morgadinha viera junto ao tumulo despedir-se da filha do Cancella.

Christina ficára a fazer companhia a D. Victoria, que se achára

adoentada.

Segundo o costume de algumas aldeias, Ermelinda devia ser acompanhada á

campa por creanças quasi da mesma idade, vestidas como para festas. Uma

d'ellas era a pequena Marianna, a irmã mais nova de Christina; as

outras, raparigas das vizinhanças, que as senhoras do Mosteiro tinham

por suas proprias mãos vestido e enfeitado. O enterro fazia-se com

extraordinario apparato, não só em honra da familia do Mosteiro, mas

para desvanecer a má impressão dos animos populares por meio da pompa

religiosa.

Era digno do pincel de um artista, a quem a poesia das scenas campestres

ainda inspirasse, o cortejo ao mesmo tempo melancolico e risonho, que,

saindo da igreja, se encaminhava lentamente para o tumulo onde Ermelinda

devia ser sepultada.

O sol quasi a desapparecer sob o horisonte, entrava na estreita zona,

que as nuvens não toldavam.

A paizagem inundava-se agora de luz, mas de uma luz froixa, amarellada,

que dá ao verde da relva e das frondes das arvores uma maior

intensidade.

A cruz de prata que arvorada por um homem de opa, abria o cortejo,

reflectindo aquelles raios amortecidos, brilhava como cingida de uma

verdadeira auréola. Seguiam-se alguns padres de sobrepeliz e batina,

recitando as orações da occasião; entre estes havia um de aspecto

venerando, curvado pelos annos, de physionomia bondosa e pensativa. Era

o cura, santo e respeitavel ancião que, em vez de exacerbar os

preconceitos do povo contra os enterros, no cemiterio, antes

energicamente os combatia e censurava.

Depois vinha em caixão aberto, e no meio de uma numerosa companhia de

creanças, Ermelinda, a quem a pallidez da morte não dissipára a

formosura. Dir-se-ia apenas adormecida. Trazia nos labios o sorriso da

innocencia. As mãos cruzavam-se-lhe naturalmente sobre a tunica

alvissima que a cingia, a mesma com que apparecêra no auto, e a cabeça,

cercada por uma singella corôa de flores, conservava a graciosa

inclinação que lhe era habitual em vida.

As creanças do acompanhamento tinham sido escolhidas, por Magdalena e

Christina, entre as mais gentis da aldeia.

Era uma cohorte de cherubins humanados, qual d'elles mais louro e mais

formoso.

A morgadinha precedêra o cortejo e viera esperal-o junto do tumulo. Com

o braço apoiado na pedra sepulcral, e a fronte encostada á mão, seguindo

melancolicamente com a vista a vagarosa procissão que entrára no

cemiterio, dissera-se uma estatua primorosa, cinzelada por mão de

inspirado artista, para symbolisar junto do tumulo a saudade pelos que

morrem.

Cada vez se ouvia mais perto o latim dos padres; o coveiro viera já

occupar a posição que lhe competia; estreitou-se o circulo dos curiosos

em volta da campa. A cruz parou junto dos degraus do tumulo; os padres

abriram alas e as creanças encaminharam-se, por entre elles, para a

borda da sepultura.

O abbade molhou o hyssope na caldeira, para aspergir a cova.

Uma imprevista occorrencia mudou, porém, o aspecto da scena.

Havia já alguns momentos que começára a ouvir-se um vago rumor, que

tanto podia ser do vento na rama dos pinheiraes, como de multidão que se

approximasse em tropel.

As conferencias solapadas de algumas personagens dos grupos tinham-se

activado ao ouvil-o. Pouco a pouco principiou a mover-se alguma coisa

por entre os troncos do pinheiros; tornaram-se distinctas uma, duas,

tres e muitas figuras de homens, correndo em direcção ao cemiterio,

gesticulando, berrando, soltando ameaças, algumas das quaes já a

distancia a que elles vinham permittia ouvir claramente.

Não era difficil adivinhar a significação d'aquillo. A questão vital do

dia era, para todos os espiritos, a dos enterros, em campo descoberto; a

cada momento se falava em motim prompto a organisar-se e a rebentar.

Ficava pois evidente que tinha chegado a ocasião da crise popular já

antevista.

Cêdo invadia o cemiterio um bando de furiosos, desorientados, de aspecto

feroz, berrando e brandindo ameaçadoramente paus, fouces, chuços, e

todas as peças do extravagante arsenal, a que o homem do povo recorre

sempre ao chamamento da arruaça ou da sedição.

Era o bando dos influentes da taberna do Canada, de cujo proposito

estavamos prevenidos; agora, porém, já engrossado, como a corrente a que

no caminho se incorporam as aguas dos algares.

Entre os primeiros vinha o sr. Joãozinho das Perdizes, e ao seu lado o

\_factotum\_ Cosme.

Estes, enraivados, correram para o logar onde parára o enterro, bradando

em confusão:

--Alto lá! alto lá! Ninguem se enterra aqui!

--Esperem! Isso não vae assim!

--Não façam a festa sem nós!

--Fóra com os do cemiterio!

--Morram os pedreiros-livres!

--Para a igreja!

--Enterre-se na igreja!

--Olá, sr. abbade, espere por nós!

--Aqui vamos para abençoar a cova!

E n'um momento o cortejo funebre viu-se rodeado de figuras avinhadas,

gesticulando e vociferando pouco tranquillisadoramente.

O cruciferario e os padres, á excepção do velho que dissemos,

abandonaram o posto; as creanças, pousando no chão e abandonando o

esquife de Ermelinda, correram a acercar-se de Magdalena, amedrontadas e

chorosas.

A morgadinha conservou-se junto do tumulo da mãe, olhando com serenidade

para os revoltosos, mas intimamente sobresaltada. E no meio do grupo o

cadaver de Ermelinda, com aquelle sorriso nos lábios, como de anjo que

já de longe estivesse vendo o desencadear das paixões humanas, e rindo

de piedade.

O velho cura foi quem interrogou com voz firme e severa os amotinados.

--Que querem d'aqui?--perguntou elle, fitando-os--com que fins vieram

perturbar, com desordens da taberna, as cerimonias religiosas?

--Não queremos que ninguem se enterre no cemiterio--respondeu o sr.

Joãozinho.

--É verdade! é verdade! ninguem se enterra aqui!--confirmaram

differentes vozes.

--Por quê?--continuou o padre--julgam que Deus não receberá as almas,

cujos corpos não estejam lá dentro, a apodrecer sob os telhados da

igreja e a envenenar o ar que se respira lá?

--Não queremos saber de contos. Não queremos. Já disse!

--Eu não lhes reconheço o direito de querer.

--Ora o padre mestre tem vagares!--disse o façanhudo Cosme--e tu

pachorra para escutal-o, João. Para isso não foi que viemos. Sermões

para a quaresma. Vamos! cante lá os seus reponsos e latinorio, e ande-me

para a igreja. Vamos nós fazer o enterro. Ó Manoel coveiro, traze a

enxada e vem d'ahi.

E dizendo isto, o Cosme já se abaixava para levantar o caixão em que

jazia Ermelinda.

--A justiça de Deus caia sobre o impio, que com as mãos impuras tocar

n'esse cadaver, que está abençoado pela Igreja!--exclamou o velho,

indignado e com um metal de voz vibrante e terrivel.

Na aldeia os homens mais endurecidos não são superiores á intimação

religiosa. O Cosme retirou a mão, como se receiasse que a imprecação do

padre se cumprisse alli mesmo.

Houve uma momentanea quebra no furor popular; um d'estes momentos de

hesitação, que tão fataes são ao exito das revoluções democraticas;

ninguem se sente com coragem de erguer o novo grito, e quasi todos

procuram esconder-se, como envergonhados já do primeiro impeto.

Mas a primeira onda não é a mais temivel; os primeiros bandos populares,

que sáem á rua, soltando o grito de revolta, são ingenuos no meio da sua

quasi selvagem ferocidade; entregues a si, cêdo espontaneamente se

dariam por vencidos; facil seria subjugal-os. Mas, quando esses poucos

momentos, em que tumultuam sem pensamento que os dirija, não são os

precisos para ficarem esmagados sob a repressão do poder; quando o grito

sedicioso, em vez de sacrificar estes revolucionarios, quasi candidos,

mandados por os cautos para tentar a opportunidade da occasião,

apparenta sortir effeito, ou porque satisfaz uma aspiração legitima das

massas, ou porque lisonjeia um falso preconceito d'ellas, vem então a

segunda onda, mais ordenada, mas mais terrivel, porque não é a

embriaguez do motim que a impelle, é a ideia fixa, o pensamento

reservado, o plano de antemão traçado e urdido no mysterio e na sombra.

Vem então reforçar-a primeira, insufflar-lhe o alento que esta não tem

de si, e amparar-se com ella dos golpes dos inimigos. Se a tentativa não

vinga, retiram-se antes que, derrubada a vanguarda, fiquem a descoberto;

mas se a sorte os favorece, deixam cair os primeiros como victimas, e no

campo da victoria adeantam-se então a colher os trophéos conquistados.

Foi assim que, no momento em que o bando capitaneado pelo morgado das

Perdizes, ia ceder, um pouco subjugado pela figura solemne e a palavra

severa do venerando cura, saiu da igreja uma singular procissão.

Á frente vinha o estandarte da confraria erecta pelo missionario; este

seguia-o, e atraz d'elle os seus confrades e sequazes, no numero dos

quaes se encontravam padres e mulheres.

A hoste do sr. Joãozinho sentiu-se reanimar com este refôrço.

Um grito unisono saiu dos labios de todos ao ver a procissão.

--Viva o missionario!

--Viva o santo!

--Abaixo os pedreiros-livres!

E os do bando do estandarte correspondiam a estas saudações, dizendo:

--Abaixo os maçonicos!

--Morram os jacobinos!

--Viva a santa religião!

Mais uma vez este brado augusto, que deveria proclamar o perdão das

injurias, o amor reciproco, a caridade indistincta, era profanado por o

fanatismo e por a hypocrisia, e manchado pelo sophisma de seculos, o

mesmo sophisma que maculou os feitos de armas dos passados guerreiros da

christandade.

A embriaguez da revolução apoderou-se de novo do morgado das Perdizes.

Duas influencias inebriantes lhe disputavam agora o cerebro, que não

fôra nunca dotado, de grande fortaleza contra as paixões.

Palpitava-lhe o coração, quando se imaginava caudilho de um movimento

popular.

Sentia a necessidade de se fazer notavel por um feito heroico.

--Não se consentem aqui enterros, e principiemos já por deitar abaixo

estas pedras--bradou elle, apontando para o tumulo da familia do

conselheiro.

--É verdade! é verdade! Abaixo! abaixo!

--São invenções dos pedreiros-livres!

--É isso, é isso... Pois não vêem que são de pedra!

--Abaixo! Abaixo!

O sr. Joãozinho, arrojando de si o chicote, tirou um machado das mãos de

um homem que lhe ficava proximo, e deu alguns passos para o tumulo.

Magdalena collocou-se deante d'elle.

Já não estava pallida; tinha nas faces o rubor, nos olhos o lampejar da

indignação.

--Afaste-se, senhor!--bradou ella, estendendo a mão para o ébrio, que

parou a fital-a com olhos espantados. Nem sequer pouse os pés nos

degraus d'esta sepultura. Aqui repousa minha mãe. Atraz!

A figura, o olhar, a voz, as palavras de Magdalena exprimiam uma das

resoluções energicas e potentes d'aquella indole sympathica, que aos

affectos e branduras de mulher sabia combinar a firmeza e energia quasi

varonis.

O morgado sentiu uma vaga consciencia da sublimidade d'aquella scena, e

ficou enleado.

Porém o Cosme, o seu genio mau, não sei que lhe murmurou ao ouvido, que

elle desatou a rir a mais alvar gargalhada que ainda escancarou bôca

humana.

Estendendo para Magdalena a mão callosa e grosseira, disse-lhe, com um

sorriso que tinha tanto de cynico como de estupido:

--Está dito! Toque! Gosto d'esse desengano! Toque!

Magdalena repelliu-o com despreso e aversão.

--Ah! ah! Faz-se fidalga!--disse o sr. Joãozinho, despeitado.--Pois não

anda bem.

O missionario inclinou-se ao ouvido de um homem do povo que, depois de

escutal-o, bradou:

--Abaixo com o tumulo dos pedreiros-livres.

--Abaixo!...--repetiram muitas vozes.

--Pois vá abaixo!--repetiu tambem o sr. Joãozinho, adeantando-se com o

machado.

--Para traz!--exclamou outra vez Magdalena, já trémula de exaltação.

O cura, enfiado e convulso, correu para o lado d'ella.

O sr. Joãozinho sorriu.

--Isso é que é mandar! Socegue que não fazemos mal a sua mãe; só lhe

queremos tirar essas pedras de cima d'ella. Devem-lhe pesar!--e soltou,

ao dizer isto, uma gargalhada, que echoou no grupo que o rodeava.

--Abaixo, abaixo!--repetiram ainda as vozes, e o morgado preparou-se

para cumprir o feito. Magdalena sentiu que a razão se lhe perturbava.

Era-lhe preciso defender de uma profanação as cinzas de sua mãe, ainda

que fôsse á custa da propria vida.

Ia para supplicar, para ajoelhar deante d'aquelles homens; já as

lagrimas lhe brilhavam nos olhos, e os labios principiavam a murmurar a

palavra «piedade».

O morgado viu-a assim, e como homem em quem as lagrimas de mulher ainda

achavam caminho para chegar ao coração, hesitou, resmungando:

--Mau! se temos chôro, nada feito.

Mas já não podia hesitar; a onda impellia-o, os gritos redobravam, e

outros braços se agitavam ao seu lado, preparando-se para a obra de

profanação.

O sr. Joãozinho cedeu outra vez e levantou o machado.

Imitaram-n'o muitos.

Magdalena então correu a abraçar-se ao tumulo da mãe para o proteger da

violencia.

Antes de o abater haviam de a ferir a ella.

Os machados, que já se brandiam no ar, suspenderam-se. Alguns

baixaram-n'os, como arrependidos.

O morgado formulou n'uma jura a impressão que lhe estava causando a

scena.

Desviando os olhos, disse, com modo desabrido:

--Tirem essa mulher d'ahi.

Deus sabe que scenas de violencia se seguiriam a esta ordem, se um novo

facto não viesse desviar as attenções e modificar diversamente o animo

popular.

Um homem, que parecia chegar de longa jornada, approximára-se do

cemiterio, cada vez mais pressuroso á medida que se affirmava nos grupos

alli reunidos.

Entrou justamente quando a furia popular crescia mais impetuosa.

A figura da morgadinha, em pé sobre os degraus do tumulo, abraçada a

elle, dominava toda aquella multidão.

Ao descobril-a a distancia, o homem que dissemos soltou uma exclamação,

como de quem tinha comprehendido ou adivinhado a significação d'aquella

scena; e apressando ainda mais os passos achou-se, dentro em pouco, no

logar do motim.

Era tempo.

A populaça allucinada ia talvez exercer algumas d'essas irreflectidas

violencias, que tantas vezes maculam e deshonram a causa do povo nas

luctas em que elle toma parte.

--Que é isto aqui?--disse o homem, rompendo com os braços potentes a

onda que se lhe antolhava.

Á rudeza do impulso ninguem resistiu; em pouco tempo abriu caminho até

ao meio do circulo.

Uma só voz correu por as differentes pessoas do grupo dos amotinados.

--O Herodes... É o Herodes!...--diziam, afastando-se.

Effectivamente era o Cancella o homem que tinha chegado.

Obtendo fiança, graças á intervenção do conselheiro, voltava á terra,

ancioso por ver e beijar a filha, cuja ausencia fôra a unica dor que o

atormentara.

O desgraçado não sabia ainda da sorte d'ella.

Uma carta que Magdalena lhe escreveu, noticiando-lh'a, já não o

encontrára na prisão, para onde fôra dirigida.

Vinha cheio de esperanças o pobre homem, porque eram para animar as

ultimas noticias recebidas.

Vendo de longe o ajuntamento no cemiterio, ouvindo os gritos sediciosos,

conjecturou que havia algum motim popular por causa dos enterros no

adro, que elle sabia serem antipathicos aos espiritos da terra.

Quando descobriu a morgadinha, envolvida pelo tumulto, e no tumulo da

mãe, previu que ella estava correndo perigo, e apressou-se logo a

acudir-lhe.

Ao chegar, porém, ao meio do circulo, que conseguiu romper, e quando ia

a dirigir a palavra a Magdalena, reparou para o cadaver da creança do

esquife, o qual continuava ainda pousado no chão; fitou os olhos

n'aquella pallida e serena physionomia, ainda animada pelo mesmo sorriso

de innocencia, e, apesar da debil claridade da hora, reconheceu a filha.

Nem um só grito de dor lhe saiu dos labios, nem um só movimento de

surpresa; ficou mudo, immovel, com os olhos fitos n'aquella creança

morta, com as mãos juntas e com as faces extremamente pallidas.

Perante esta terrivel manifestação de dor, que toda se concentra, para

n'um momento gastar mais vida do que o perpassar de muitos annos,

calmaram todos os outros sentimentos que dominavam os corações.

Fez-se um profundo silencio. O Herodes, n'uma especie de recolhimento

fervoroso, ajoelhou junto do caixão de Ermelinda, e trémulo, opprimido,

quasi sem alento para chorar, approximou a mêdo as mãos das mãos

cruzadas da creança.

Ao primeiro contacto retirou-as rapidamente por achal-as de gêlo; mas,

tomando-as outra vez, murmurava:

--Jesus, meu Deus! Está morta!... Ermelinda!... Filha!... Isto não pode

ser, Senhor!... Pois minha filha está morta?

A paixão principiava emfim a manifestar-se mais tumultuosa; mas havia no

tom de voz, com que estas palavras fôram pronunciadas, não sei quê tão

intimamente doloroso, que presentia-se que, no curto espaço de tempo que

as precedera, se tinha operado n'aquelle peito uma revolução tremenda,

como se uma intima dilaceração o tivesse destruido. Adivinhava-se lá

dentro já um desalento mortal, um mal de que se não convalesce nunca.

Aquelle homem estava perdido.

--Mataram-me a minha pobre filha! A minha Ermelinda... Que mal lhes

tinha eu feito para m'a matarem?... Ó anjo do Céo! viver eu para te vêr

assim!

E, tirando-a do esquife, cingiu-a contra o peito, cobrindo-a de beijos,

que não conseguiam aquecer o gêlo d'aquellas faces.

Raros olhos ficaram enxutos ante aquella sincera dor. Desvanecera-se a

ira popular; como que uma nobre vergonha, uma vergonha de boa indole,

fazia já renegar aos mais atrevidos os seus excessos passados.

O Cancella continuava:

--Esta frialdade da morte! esta brancura das faces!... isto mata-me,

despedaça-me o coração!... Não me morras assim, filha! Não me morras

antes de dizer-me uma palavra de amor... de perdão. Sim, tu tinhas que

me perdoar antes de morrer! Por que não esperaste ao menos?... Pensar eu

que hei de vêr-te partir, sem que me dês um beijo de despedida!... que

te não hei de ouvir falar! Só! só! Ficar só! Só n'este mundo, Senhor!...

Em que tanto vos offendi, meu Deus, para me castigardes assim!? Em quê?

Magdalena chorava, commovida, ao ouvir estas palavras dolorosas.

O Cancella voltou para ella os olhos já marejados de lagrimas.

--Ó menina Magdalena, pois Ermelinda morreu?... Fale, diga-me. Minha

filha morreu? A que horas?... como?... Falou em mim? pensou em mim?...

Perdoou-me?... Chora, e não responde... Então não me perdoou? Pois minha

filha não me perdoou?

Magdalena respondeu a custo:

--Que tinha ella a perdoar-lhe?

--Não é verdade que eu lhe queria muito? não é verdade que eu vivia por

ella? Agora... que me importa o viver? Como posso eu viver! Ai, se Deus

me matasse agora, assim! abraçado a este anjo! Se Deus me matasse!

E outra vez a estreitava nos braços.

Depois, voltando-se para o povo que se conservava alli, perguntou com

voz alterada:

--Que procuram?... Que querem?... o que fazem ahi armados, ao pé de

minha filha morta?

--Queremos que elles a enterrem na igreja--responderam, já tibiamente,

algumas vozes.

--Na igreja?... Isso é que não! Sabem quem me matou a filha? Foram

elles... Esses que m'a tolheram de mêdos, que lhe roubaram as

alegrias... que fizeram d'ella isto que ahi vêdes... Pois não a

conheciam? Não a tinham visto ahi nos campos, nas novenas e nas

festas?... Viram-n'a nunca com estas côres desmaiadas? viram-n'a sem

aquelles cabellos louros, que tão bem lhe ficavam? e que elles cortaram

sem piedade? E querem-te ainda guardar, desgraçadinha! Não, não te

entregarei. Não, não irás lá para dentro. Quero-te aqui, minha filha;

aqui, debaixo dos olhares de Deus... Eu mesmo te vou deitar como tantas

vezes o fiz quando dormias no berço, que ficará sempre vazio! Ó meu

Deus, que vida vae ser a minha, se te não compadeces de mim, Senhor!...

E suffocado de pranto, que rompia agora abundante, o desesperado pae

ajoelhou junto do esquife, onde depoz com cautela o corpo da filha.

--Obrigado, menina Magdalena, por dar á minha pequena um logar ao pé de

sua mãe; obrigado. Junto d'aquella santa parece-me que dormirá em

socêgo... A minha pobre filha!

E pousando nos labios frios da creança um beijo prolongado, cheio de

paixão e saudade, levantou o esquife nos braços para, por suas proprias

mãos, o descer ao jazigo. Antes, porém, de fazel-o, beijou ainda uma vez

aquella de que mal podia separar-se.

Cêdo baixou sobre o pequeno esquife a pedra tumular.

Nem um só movimento, nem uma só voz tentou oppôr-se áquelle acto, contra

o qual momentos antes se erguia irreprimivel a resistencia popular.

Os influentes mais insoffridos tinham abandonado o campo.

O primeiro que o fizera fôra o missionario. Desde que vira assomar a

figura do Cancella, vieram-lhe ao espirito umas memorias pouco

agradaveis, e julgou avisado retirar a tempo.

Ao terminar esta scena o proprio morgado e o inseparavel Cosme já não

estavam presentes. Sairam desde que viram os animos pouco dispostos a

secundal-os.

Os circumstantes quasi faziam já côro com as arguições do Cancella

contra os excessos do fanatismo e do beaterio.

--A falar verdade--dizia um--este pobre homem tem alguma razão. Isto de

metter scismas ás creanças!...

--E a Rosita do Gaudencio olha que vae por a mesma.

--Tambem é de mais.

--Eu por mim se fôsse a elle... Não sei o que faria.

N'estes e n'outros dizeres se iam retirando do cemiterio.

Não seria difficil a um especulador aproveitar aquelles mesmos braços e

armas para organisar uma sedição sobre uma divisa opposta á que primeiro

os convocára.

Ao vêr cerrar-se a campa sobre o corpo da filha, o Cancella caiu de

joelhos, suffocado em pranto.

As creancas presentes, por contagio da commoção, a que é tão sujeita

aquella idade, choraram tambem.

Magdalena ia a consolal-o, mas o sentimento proprio não a deixou falar.

Só pôde pousar-lhe em silencio a mão no hombro.

O Cancella apoderou-se d'ella e, levando-a aos labios, rompeu em mais

desafogado pranto do que nunca.

A noite crescia; cada vez era mais cerrado de nuvens o firmamento.

Os sons das Avé-Marias vibraram nos ares, prolongados e tristes.

O padre velho pronunciou em voz alta a saudação angelica.

Responderam-lhe as creancas!

Tudo concorria para augmentar a extrema melancolia do quadro.

O Cancella a muito custo se resignou a arrancar-se d'alli.

A morgadinha voltou a casa com o coração oppresso de tristeza.

XXVI

Quando Magdalena voltou ao Mosteiro encontrou a casa em completa

agitação.

Momentos antes havia sido para lá transportado, quasi sem accôrdo,

Henrique de Souzellas, que um criado de lavoura se encarregára de trazer

da taberna, onde o Canada o recolhera, até o Mosteiro, sobre um carro de

herva que vinha guiando.

Ao vêr n'aquelle estado o sobrinho da senhora de Alvapenha, D. Victoria

perdeu totalmente a cabeça, e em vez de tomar as providencias que o caso

pedia, deu em ralhar, em fazer exclamações, em andar de sala em sala, de

corredor em corredor, sem tenção formada, sem methodo, sem direcção.

Levava as mãos á cabeça, ajuntava-as consternada; dava uma ordem ociosa;

mandava logo suspender a execução d'ella; impacientava-se; chamava a

toda a pressa um criado e não sabia depois o que tinha para dizer-lhe;

extranhava a tardança de outro que não mandára chamar, e sem dar a final

expediente a coisa nenhuma, nem saber o que fizesse.

Os criados resentiam se d'esta falta de intelligente direcção; paravam

embaraçados, ou corriam sem saber para onde, nem para quê, e sem

adeantarem serviço.

As creanças concorriam tambem para esta desordem, porque, cheias de

susto, andavam agarradas ás saias de D. Victoria, que nem sequer dava

por ellas.

Christina foi a unica pessoa que conservou a presença de espirito

n'aquella occasião.

Nada do que fazia era inutil: nem uma só ordem dava que pudesse dizer-se

ociosa; graças ao methodo com que procedia ás instrucções que ordenava,

a tudo se providenciou convenientemente, sem que D. Victoria o

percebesse até.

Christina tambem, ao vêr chegar Henrique n'aquelle estado assustador,

sentira-se desfallecer; mas disse-lhe a consciencia que lhe era precisa

toda a firmeza, visto que estava ausente Magdalena, em quem sómente

poderia descançar, e logo achou na necessidade valor, e, com serenidade

apparente, só trahida pela extrema pallidez das faces, a tudo attendeu,

tudo previu, tudo providenciou.

Sem uma exclamação, sem uma palavra de desespero ou de susto, sem nem ao

menos erguer o tom de voz, ou modificar a inflexão affavel, que lhe era

natural, preparou um quarto para Henrique e n'elle todos os aprestes que

o seu grave estado pedia, dirigiu os primeiros soccorros com

intelligencia e efficacia, mandou chamar o cirurgião, enviou a Alvapenha

parte do succedido, e ordenou que procurassem Magdalena, occupando

n'isto a menor gente possivel, e deixando a outra toda como alimento á

impaciencia de sua mãe.

A indole de Christina tinha d'estas energias essencialmente feminis e

sympathicas. Não era para o salão que se formára e educára o ingenuo e

meigo caracter da prima de Magdalena. Ahi tomava-a um acanhamento, que

já não conseguiria vencer, mas nas lides domesticas, na vida do lar era

d'essas corajosas luctadoras, a quem a desventura não derruba, cuja

intelligencia por tudo se reparte; d'estes genios providenciaes, que

pairam sobre o estreito horisonte da familia, activos, laboriosos,

achando nas fadigas um prazer, nos sacrificios estimulos para mais amar,

nos sorrisos que provocam, nas dores que alliviam, nas lagrimas que

enxugam, premio bastante para compensar as penas que soffrem.

Mulheres são estas nascidas para serem esposas e mães, o que é quasi o

mesmo que dizer: nascidas para serem mulheres.

A chegada de D. Dorothéa, que acudiu apressada logo que soube o que

succedera ao sobrinho, não dispensou Christina d'estes cuidados, que

voluntariamente tomára.

Comquanto a senhora de Alvapenha fôsse mais razoavel do que D. Victoria,

e de temperamento menos susceptivel d'aquellas inuteis effervescencias,

em que esta se deixava arrebatar, não era tambem mulher para casos

d'estes.

Na sua longa vida de celibataria sem familia, D. Dorothéa perdera ou

embotára a faculdade preciosa de acertar bom caminho em qualquer

imprevista occorrencia.

Facto que destoasse dos monotonos habitos do seu viver de muitos annos

já a lançava em sérios embaraços. Ella propria confessava que inda havia

pouco tempo principiára a afazer-se á estada de Henrique em Alvapenha, e

a fazer o que era seu costume fazer antes de elle vir.

É pois evidente que D. Dorothéa pouco mais podia fazer do que rezar, e

para isso ninguem estava mais habilitado do que ella. Em relação á côrte

celestial era a boa senhora como esses almanachs vivos, que nos sabem

dizer todos os canaes por onde os differentes negocios poderão ser

melhor conduzidos nas côrtes... terrestres... Conhecia a especialidade

de cada santo e para cada um tinha uma fórmula de requerimento

particular.

Christina não a consentiu por muito tempo no quarto de Henrique, onde,

com as melhores intenções, mais embaraçava o serviço do que auxiliàva;

usando de uma debil violencia foi-a levando para a sala do oratorio,

onde ella encetou uma reza sem fim.

Quando a morgadinha chegou, ainda perturbada com as scenas do cemiterio,

e soube do succedido na taberna, correu, assustada, para verificar a

realidade do que lhe diziam.

Nos corredores encontrou um criado caminhando, apressado, n'um sentido,

uma criada em sentido opposto, emtanto que, na sala proxima, D. Victoria

tocava freneticamente a campainha a chamar por ambos.

Magdalena dirigiu-se para lá.

Quando entrou estava D. Victoria pronunciando uma d'aquellas

interminaveis e arrevezadas objurgatorias, de que só a fecunda

verbosidade feminina é capaz. Em geral as mulheres, seja dito antes em

honra do que em censura do sexo, são oradoras de muito mais folego que

os homens que blasonam de eloquentes. O assumpto mais simples, uma

colhér que se perdeu, uma peça de louça que se quebrou, por exemplo,

fornecem-lhes thema para uma prédica de duas horas.

Encaram o assumpto por todos os lados, paraphraseiam-n'o de mil fórmas e

estendem milagrosamente por muitos periodos aquillo que a um homem a

custo daria para uma magra oração.

--Mas onde estavas tu? Sim, eu quero saber onde é que tu estavas. Faça

favor de me dizer onde é que estava?

Isto dizia D. Victoria a um criado, estatelado deante d'ella com a cara

e postura de réo.

--Eu... senhora...--ia elle a dizer.

--Eu senhora... eu senhora... eu nada. Ora é o que é. Um desafôro

assim!... Eu só quero saber se vossemecê ganha soldada para andar lá por

onde muito bem lhe parece. Por as tabernas... por as vendas... Porque

elle não ha mais... Como o dinheiro se vae roubar á estrada... O que tu

merecias... Estou eu aqui a chamar ha mais de duas horas e vossemecê

apparece-me lá quando é muito do seu gôsto? Isto atura-se? A culpa tem

quem eu sei... Tu cuidas que mandriar não é roubar?

--Mas...

--Cale-se! Ouça e cale-se. Tens a lingua muito prompta para responder.

Ora toma-me cautela, senão vaes já, já pela porta fóra. Pouca vergonha!

Uma pessoa aqui afflicta, com as coisas por fazer, a querer mandar onde

é preciso e não apparecer um criado n'esta casa! A pagar-se aqui umas

soldadas por ahi além, e, quando se quer o serviço feito, tem uma pessoa

de o fazer por suas mãos!... Tu cuidas que isso não é peccado tambem?

Deixa, meu amigo, que tens boas contas a dar de ti. Quem é que lhe deu

licença para sair sem ordem de seus amos? Faz favor de me dizer?

--A sr.^a Christininha...

--Eu não quero saber da sr.^a Christininha, quero saber quem lhe deu

licença para sair?

--Mas é o que eu estou dizendo á senhora.

--É muito padre-mestre. Ora não seja confiado, e veja como responde.

Emfim, este dialogo promettia ser eterno, não obstante a urgencia do

serviço de que falava D. Victoria, serviço que ella propria adiava com

este importuno sermão.

A entrada da morgadinha operou uma diversão. D. Victoria esqueceu-se do

criado, o qual pôde retirar-se sem ser percebido e sem receber as ordens

urgentes para que fôra chamado.

D. Victoria principiou a contar a Magdalena o succedido, conforme ella

propria o soubera do moço do carro em que viera Henrique.

--Andam desaforados--concluiu ella.--Já nem attendem a uma pessoa de

respeito. É porque não ha justiça n'esta terra. Estão para ahi uns

patetas de umas auctoridades, que são outros que taes. Era preciso um

exemplo. Ahi está quando eu, se fôsse rei, não tinha pena nenhuma: havia

de os esquartejar e era bem feito!

Cumpre dizer que D. Victoria não era capaz de bater n'um gato.

A morgadinha contou tambem rapidamente o que succedera no cemiterio.

Então é que trasbordou a indignação da tia.

--Tu que dizes, menina?... Tu estás a falar sério?... Pois elles?... Em

nome do Padre... Que mais teremos ainda de ver?... Oh meu Deus!... E

esses malvados ainda estão na rua?... Deixa que teu pae ha de ainda

saber... Não, isso não fica assim... D'aqui a pouco põem-nos o pé no

pescoço. Nada, nada; para os malvados é que se fizeram as forcas... Ora

deixa que... Isto aqui anda trama.

--Não falemos mais n'isso. Agora vou vêr o estado do ferido.

--Vae, e vê se encontras por ahi alguns criados. Eu não sei onde elles

se metteram. Ha de ser preciso ir á botica, e muitas mais coisas, e não

vejo nenhum!

Magdalena deixou sua tia a tocar outra vez a campainha.

Encontrou-se na sala immediata com Christina, que ia em direcção ao

quarto de Henrique, com um copo de agua acidulada.

--Que ha, Christe?--perguntou-lhe Magdalena.

--Que ha de haver, Lena?--respondeu Christina com tristeza, mas com

serenidade ao mesmo tempo--uma desgraça, mas que Deus ha de permittir

que não seja sem remedio.

--Como está elle?

--Estonteado ainda, mas um pouco mais tranquillo do que quando chegou.

Os balanços do carro fizeram-lhe mal. Com as bebidas calmantes que lhe

tenho dado, achou-se bem.

--E ainda não mandaram chamar o cirurgião?

--Já mandei, já veio, já o sangrou, já...

--Mas tua mãe não o sabe e ia mandar...

--Deixa-a lá, Lena. Deixa-a lá com os criados, que por ora não convem

que venha. Elle precisa de socêgo. Já mandei sair d'aqui a tia Dorothéa,

que não adeantava serviço. Queres vir vêl-o?

Magdalena seguiu a prima, e entraram ambas no quarto de Henrique.

Mantinham-se ainda em Henrique as consequencias da profunda commoção

cerebral, que lhe produzira a quéda. A tendencia ao estado comatoso, que

apresentava, tornava incerto o resultado e melindrosissimo o caso.

Voltára-lhe a razão e os sentidos; mas tardia aquella, e estes sem

possibilidade de longa fixação em qualquer objecto. Sobretudo, o que

n'elle se notava pouco de tranquillisar, era uma indifferença morbida

pelo seu estado e por tudo quanto o cercava.

Acceitou das mãos de Christina a bebida refrigerante, que ella mesma

preparára, com os movimentos quasi instinctivos do somnambulo.

No fim, como se o prazer que o frescor do liquido lhe causára lhe

avivasse por instantes a consciencia, fitou em Christina um olhar de

gratidão, sorriu-lhe, e, pousando a cabeça outra vez no travesseiro,

fechou os olhos para dormir. Esta somnolencia era habitual.

Christina não ficou inactiva; preparava um remedio, arrumava um movel,

desviava os raios da luz da fronte do enfermo; ia ao corredor mandar

calar os irmãos ou os criados, ou desfazer alguma dúvida suscitada por

os ultimos sobre o cumprimento de qualquer ordem; outras vezes parava a

espiar o aspecto do doente e a escutar-lhe o rhythmo do respirar. E

sempre movendo-se agil e sem ruido, diligente e sem confusão.

Magdalena, que se sentára a um canto da sala, quasi subjugada pelas

muitas e violentas commoções d'aquelle dia, contemplava a actividade da

prima e extranhava-a.

Ella propria, que melhor do que ninguem conhecia Christina, nunca a

suppuzera capaz d'aquella firmeza de animo e d'aquelle espirito

methodico e providencial de que estava dando agora irrecusaveis provas.

Apreciára-lhe até então os dotes de creança, a bondade do coração, os

extremos de affecto que possuia; mas ainda a não tinha visto tomando

assim tanto a sério a sua missão de mulher e desempenhando-se d'ella tão

dignamente.

Esta ordem de reflexões conduzia naturalmente a outras o espirito da

morgadinha. Reparando para Henrique, assim derrubado no leito, e como

que sob a protecção de uma timida e debil creança que, mais do que elle,

parecia carecer de amparo, Magdalena não pôde reprimir um sorriso

benigno e pensou:

--Sim; aquella cabeça estouvada pôde até hoje passar por este anjo sem o

conhecer; mas é preciso não ter coração para que, ao erguer-se d'aquelle

leito, não seja o seu primeiro movimento o de ajoelhar deante d'ella

para a adorar. E Henrique não é falto de coração. Lida, lida, minha boa

Christina, que para a tua felicidade lidas. Foi a Providencia que quiz

que tu vencesses com as mais abençoadas armas que concedeu á mulher.

Confio em Deus que vencerás. Deixar-te-hei todas as fadigas, para te

pertencer todo o prazer.

E em harmonia com esta resolução, a morgadinha absteve-se de intervir no

tratamento de Henrique.

XXVII

Foi opinião do facultativo, que tratou de Henrique, que a vida d'este

correra sérios riscos durante a primeira semana, por não sei que

complicação que se lhe manifestou no decurso da molestia. Se se enganou

o prático, não nos compete a nós decidir; acceitemos-lhe a opinião, como

de legitima fonte, e não profundemos materia alheia ao nosso intento.

Ao fim dos oito dias, porém, começaram a manifestar-se melhoras

evidentes, e o proprio facultativo foi o primeiro a assegurar ás

senhoras, que sempre o vinham consultar á saida com anciosa curiosidade,

que «o homem estava salvo».

De facto, nos primeiros periodos da doença, Henrique caira, como já

dissémos, n'um d'aquelles estados de indifferença para tudo e para

todos, de que se não pode agourar nunca bem. Agora, porém, começava já a

manifestar attenção para os cuidados de que era objecto, e a agradecer,

com palavras de sincera gratidão, o tratamento affectuoso que recebia

n'aquella casa e especialmente os desvelos de Christina.

Esta fôra effectivamente sempre incançavel, solícita e carinhosa

enfermeira.

Os cuidados de que o rodeava, como a um irmão, absorviam-lhe todos os

instantes; prevêr-lhe os desejos, adivinhar-lhe as penas, procurar-lhe

allivio ás dores physicas ou moraes, era agora para ella a tarefa de

cada momento, a preoccupacão permanente de todos os seus pensamentos.

Henrique costumára-se a vêr mover-se no seu quarto aquella meiga e

delicada figura de mulher, creança de hontem, a ouvir-lhe o timbre suave

e ainda um pouco infantil da voz, a cruzar o olhar com aquelle olhar

brando que o fitava com sympathia e meiguice; já se não sentia bem,

longe d'ella, e a cada momento, se estava ausente, dirigia as vistas

para a porta á espera de a vêr apparecer.

Magdalena espiava estes symptomas, notava a influencia crescente de

Christina sobre o animo do rebelde, que até alli fôra insensivel, e

exultava. Muito de proposito a morgadinha afastava-se o mais possivel da

cabeceira do enfermo, por uma razão analoga á que obriga os pintores a

deixar em meias tintas os accessorios de um quadro, para que a attenção

se fixe no objecto principal.

Magdalena estava tambem dispondo uma obra de arte, na qual Christina

devia ser a figura principal.

N'este intento a morgadinha conservava ás visitas que vinha fazer a

Henrique um ar cerimoniatico, que contrastava com a insinuante

familiaridade da prima. Para isso teve Magdalena de suffocar os impulsos

da sua indole de mulher, e de mulher que tão bem comprehendia os deveres

da sua missão, ao mesmo tempo carinhosa e heroica. Apresentava-se o mais

extranha que lhe era possivel a estes pequenos cuidados, que tão

irresistivel influencia exercem no coração do homem que experimenta a

ventura de ser objecto d'elles.

De dia para dia crescia o ascendente de Christina sobre Henrique, e

crescia á custa de Magdalena.

Esta percebia-o e não cabia em si de contente com a descoberta. É

necessario ser dotado de um grande fundo de generosidade, para que um

coração de mulher faça d'estas descobertas, com o intimo contentamento

que Magdalena sentia. É tão natural defeito a vaidade! Não se exprime o

prazer que Henrique experimentava a cada pequeno incidente da vida

domestica, que punha em relêvo o predominio de Christina.

Havia uma hora no dia em que Henrique gosava um d'estes prazeres

placidos, de que tão pouco abundante era todo o seu passado.

Ao fim da tarde, D. Victoria, Magdalena e toda a familia do Mosteiro, e

a propria tia Dorothéa, reuniam-se no quarto do doente para tomarem o

chá. Não era, porém, a presença de nenhuma d'ellas, nem a de Magdalena,

que o consolava e obrigava a suspirar por aquella hora, mas uma pequena

circumstancia, que fará sorrir um homem de sensibilidade embotada,

emquanto o facto se não der com elle. Era que Christina, que em outra

qualquer occasião cedia sempre a Magdalena a direcção dos trabalhos

domesticos, alli dentro não resignava em ninguem essas funcções. Tomava

naturalmente as maneiras de dona de casa, e recebia a mãe, a prima e

todas as outras como visitas de intimidade, sim, mas em todo caso,

visitas.

Não se imaginam os encantos que Henrique achava áquillo. A elle proprio

parecia já que de facto o prendiam a Christina laços mais intimos, laços

mais de familia, do que ás outras senhoras. Era assim que qualquer

pedido, que tinha a fazer, o dirigia sem hesitar a ella, como o faria a

uma irmã; emtanto que naturalmente custava-lhe a incommodar outra

qualquer pessoa, e não o fazia sem as desculpas e cumprimentos do

estylo, que para ella não usava já.

Outra particularidade o enleiava tanto como esta. Era a maneira

despotica por que o governava Christina, fazendo-o cumprir á risca as

dietas e as prescripções do facultativo, recusando-se obstinadamente a

deixal-o lêr, e até ralhando-lhe ás vezes com severidade quasi maternal:

apparencias de dureza, que occultavam thesouros de sensibilidade e de

affecto.

O pobre rapaz, que não conhecera familia, que nunca vira do seu leito de

doença, nas vezes que caira n'elle, o vulto suave e consolador de uma

mãe, de uma irmã ou de uma esposa sorrir-lhe ao despertar, interrogal-o

com essas entonações carinhosas, que nos provocam o cobrir de beijos a

mão que nos estende a taça do mais amargo remedio; elle, que não sabia

ainda o que era sentir-se amparar a fronte, que escalda de febre, pelo

apoio de uma debil mão de mulher, a que o amor dá fôrças

extraordinarias, commovia-se até ás lagrimas agora, e quasi não pensava

sem tristeza na convalescença, que havia de o privar d'aquelles cuidados

affectuosos.

O olhar com que fitava Christina, todas as vezes que ella se lhe

approximava do leito, era mais eloquente de reconhecimento, do que todas

as palavras que lhe dizia, do que todas quantas lhe poderia dizer.

Agora o enleiado e timido era elle, Christina a corajosa.

Um dia em que Henrique parecia soffrer mais do que de costume, e em que

se agitava no leito com a inquietação da febre, Christina, depois de lhe

dar a beber o calmante que lhe prescrevera o medico, perguntou-lhe, com

a mais adoravel candura:

--Não sabe rezar?

Henrique sorriu, respondendo:

--Julgo que desapprendi já as orações que minha mãe me ensinou.

Christina calou-se e ficou tristemente pensativa.

Aquella alma innocente perguntava a si mesma que consolação encontraria

nas provações da vida um espirito que não soubesse recolher-se na

oração.

Henrique, que a viu sorrir, disse-lhe:

--Quer-me ensinar a rezar, Christina?

Christina fitou n'elle um olhar perscrutador, como para sondar a

intenção d'aquellas palavras.

--Juro-lhe que recitarei com o fervor, de que ainda fôr capaz a minha

alma, as orações que me ensinar.

Christina respondeu-lhe gravemente:

--Reze, reze e verá como n'isso acha consolação. Vou emprestar-lhe o meu

livro de orações, quer?

--Por que me não ha de antes ensinar, como minha mãe o fazia?

Christina ouviu com seriedade a proposta.

E o certo é que um dia, em que Henrique passára peor, Magdalena ouviu,

na sala proxima, Christina, recitando uma singela prece á Virgem, e o

doente repetindo-a com docilidade de creança.

Como se ririam d'elle os seus amigos da capital, se n'aquelle momento o

vissem! Mas rir-se-iam de um phenomeno naturalissimo, de uma d'estas

modificações a que todos os caracteres estão sujeitos, quando se dão a

actual-os dois elementos tão poderosos, como se davam em Henrique: a

doença, que quebra a inteireza das indoles mais rijas, e abre o coração

ás doces influencias; e a catechese feminina, a mais poderosa, efficaz e

irresistivel de todas.

Não direi que fôsse com inteira fé que o doente orava; talvez que

houvesse mescla de sentimento profano no prazer suave que experimentava

ao orar assim. É certo, porém, que, desde então, frequentes vezes se lhe

desviavam os olhos para o pequeno crucifixo, que Christina trouxera do

seu quarto para a cabeceira do leito de Henrique.

Outra vez, quando Christina acabava de fazer-lhe tomar um remedio,

Henrique, obedecendo aos impulsos da sua gratidão, beijou-lhe,

commovido, a mão, que ella ia a retirar.

--Que faz?--disse Christina, córando e afastando-a.

--Deixe-me beijar a mão piedosa que me prendeu á vida, á vida que só

agora comecei a amar.

--Ora vamos--acudiu ella, com um meigo tom de reprehensão.

--Como não quer que a adore, Christina, depois de se fazer anjo para me

salvar? Não costuma rezar ao seu anjo da guarda?

--Repare que eu não tenho azas de anjo.

--Mas vôa mais alto ao céo, quando desce assim a velar por um pobre

doente como eu, que nenhuns titulos possue para lhe merecer essa

dedicação, pobre menina! Que vida tem sido a sua ha tantos dias?

--Nenhuns titulos! que diz?--tornou Christina, com um sorriso adoravel.

--Pois quaes?

--Então não somos primos? disse ella, jovialmente.

E saiu do quarto, com aquelle andar ligeiro e facil, que tanto enlevava

Henrique.

Estava já Henrique em convalescença, e o facultativo permittira-lhe

alguns passeios pela quinta, mas ainda não a sua transferencia para

Alvapenha. O logar favorito de Henrique n'estes passeios era á sombra de

umas laranjeiras, que havia a pouca distancia de casa. Das janellas do

quarto de D. Victoria descobria-se o logar. Quando as manhãs estavam

serenas, Henrique ia para alli, com um livro que não fazia tenção de

ler, e apoiando-se ao braço de Christina, que levava a costura para

junto d'elle, para lhe fazer companhia.

D. Victoria seguia-os da janella com as suas recommendações.

--Por ahi não, Christe!... Olha que é muito humido... Dá antes a volta

pela nora... Assim... Cautela com essas hervas, que hão de estar

molhadas... Vê lá que não esteja frio... Olha se esses troncos estão

molhados...

Henrique tornava-se melancolico e sombrio n'estes momentos, a ponto de

uma manhã Christina o interrogar, n'aquelle tom de familiaridade

affectuosa, que principiára a poder ter para com elle, desde que o vira

fraco e doente e a carecer do seu auxilio e protecção.

--Que é isso! Por que está sempre triste, agora que vae melhor?

--Estou triste, porque estou melhor--respondeu Henrique.

--Que está a dizer?!

--A verdade. A poucos doentes terá succedido o que succede commigo. Este

renascer para a vida, este sangue novo que sentimos circular nas veias,

este vigor que de instante para instante conhecemos accumular-se em nós,

que tantos gósos dá aos convalescentes, a mim fazem-me entristecer; como

que estou presentindo já as saudades d'este tempo, que passei prostrado

no leito da doença, Christina.

--Não diga isso.

--E admira-se? Se elle foi o tempo mais feliz da minha vida! Não sabe

que me eram desconhecidos inteiramente os ineffaveis carinhos de familia

que me fez experimentar? Com a saude vão voltar para mim os dias da

solidão, do desconforto, d'aquella vida gelada e inutil que abomino,

desde que principiei a conceber outra... desde que m'a fez conceber,

Christina! Quando penso em voltar para Lisboa...

--E tenciona voltar?

A esta pergunta, feita com a maior naturalidade, Henrique sentiu uma

intima commoção. Ha d'estes effeitos. Ás vezes o olhar menos

significativo, a palavra menos pensada, é pelo coração interpretada de

maneira tal que elle proprio se sente estremecer.

--E queria que eu ficasse, Christina?--perguntou Henrique, sob o dominio

d'essa impressão.

Christina não respondeu logo.

--Deixe-me acreditar que sim; é bastante generosa para isso, para não

vêr partir sem saudade o homem a quem salvou com os seus extremos de

irmã. Esta ideia será a minha consolação; deixe-me partir com ella.

--Partir?... mas... para que ha de partir?

--Então quer que me fique perpetuamente com aquella boa tia Dorothéa,

cuja vida placida vim alterar com os meus habitos cidadãos?

--Pois não lhe custaria a ella mesma vêl-o partir! E depois... que vae

fazer para Lisboa? Adoecer outra vez, ou scismar que está doente, que é

quasi a mesma coisa.

--E dar-me-ha sempre a sua amizade se eu ficar?

--Por que havia de lh'a negar?

--Tempo virá em que outros me disputarão a menor porção de affecto que

me conceder, Christina... e então... então é que eu ficarei mais só do

que nunca... ou mais do que nunca sentirei que o estou.

--Anda só, por que quer... Não ha tanta gente por esse mundo?

--Então a menina não sabe que se está só mesmo em companhia? Quem está

só é a alma. Ai, a alma está só quasi sempre!

--Por que quer.

--Por que desconfiou das companhias que se lhe offereciam, e por que não

obteve a que desejava. Além de que, ha almas tão tristes, que intimidam

outras. E a minha é d'essas. Ora diga, se eu lhe pedisse para fazer

companhia á minha alma, a esta alma melancolica e sombria com que nasci,

não hesitaria? Confesse.

Depois de um momento de silencio e hesitação, Christina respondeu:

--Se a companhia da minha fôsse bastante para desfazer essa tristeza...

--Concedia-m'a?

--E por que havia de negar-lh'a?

Henrique tornou-lhe a mão, apaixonado.

--Christina, sabe que essas palavras podem fazer-me conceber loucuras?

Se o meu coração é tão ousado...

Christina, córando, retirou a mão de que Henrique se apoderou, e

levantando-se, sobresaltada, disse:

--Julgo que são horas do seu remedio. Vou preparar-lh'o.

E fugiu, correndo em direcção de casa.

Scenas mais ou menos analogas a esta reproduziam-se todos os dias

durante a convalescença de Henrique. Reinava o idyllio e uma como

perfumada atmosphera, que exercia profundas revoluções no caracter de

Henrique e de Christina. Elle ia perdendo de dia para dia aquellas

exterioridades artificiosas, que Magdalena por tanto tempo combatera em

vão; ella, Christina, ganhando vida, actividade, soffrendo uma d'essas

metamorphoses analogas ás da vida de borboletas, da infancia, estado de

chrysalida para a imaginação, passava á verdadeira juventude, ao periodo

em que a imaginação ganha azas, em que o coração se completa.

Desde que Henrique se achava em estado de passeiar, não havia razão

possivel para permanecer no Mosteiro; portanto tornou-se inevitavel a

mudança para Alvapenha.

Já se não fez sem lagrimas a despedida.

Choraram as creanças, chorou D. Victoria e a propria Magdalena se sentiu

commovida; só Christina não se achava na sala em que se passou a scena.

Encontrou-a Henrique no patamar da escada por onde tinha de sair.

Seria casual esta circumstancia?

Henrique não perguntára por Christina; dizia-lhe o coração que a

encontraria alli.

--Volto á minha solidão, Christina--disse-lhe, commovido.--Não lh'o

tinha eu dicto?

A pobre menina quiz sorrir, mas do esforço que para isso fez só lhe

resultaram lagrimas.

--Não diga mais nada--disse Henrique, levando aos labios a mão que ella

não retirou.--Essas lagrimas bastam-me.

Escusado é dizer que estas palavras mais lagrimas produziram.

E Henrique desceu do patamar com a vista ennevoada por ellas.

Christina ficou a chorar na varanda.

A morgadinha veio, sem ser sentida, abraçal-a, dizendo:

--Pago-te hoje o abraço que me déste no outro dia; mas eu escuso de te

perguntar... «Pois tu amaval-o?»

--Ai, Lena!...--exclamou Christina, cada vez chorando mais.

--Faltava aos vossos amores este arremêdo de infelicidade, e imaginaram

uma separação de duzentos passos para poderem representar a scena das

despedidas, e chorarem como Paulo e Virginia. Impostores!--dizia

Magdalena, para consolal-a.

Em Alvapenha Henrique passou horas de intensa melancolia.

Impacientavam-n'o as conversas de sua tia e de Maria de Jesus, a qual

taes mudanças notava n'elle, que chegou a aventar á ama a ideia de que a

doença tinha transtornado o juizo ao rapaz, opinião que D. Dorothéa

levou muito a mal.

Outro symptoma que se manifestou em Henrique foi a indignação que lhe

causou a carta de um amigo que, com o maior scepticismo, lhe perguntava

novas dos seus habitos pastoris e das Tirces e Galatéas que o traziam

enlevado. Henrique revoltou-se d'esta vez, com todo o fogo do coração,

contra aquelle tom frio e sarcastico da epistola, e nem lhe respondeu.

Depois teve Henrique uma visão.

Não se assustem os leitores que antipathisam com o maravilhoso. Nada ha

aqui que se pareça com as visões épicas; foi uma visão como muitas, que

nós todos, uma ou outra vez na vida, experimentamos; um d'esses

espectaculos, que nos prepara de quando em quando a imaginação, esta

fertil e poderosissima creadora, que nos acompanha incessantemente. A

quem não terá de facto succedido vêr transformar-se pouco a pouco uma

perspectiva, desvanecerem-se os effeitos da visão exterior,

enfraquecerem as impressões dos sentidos, e avultarem, tomarem fórma,

realidade, vida, as imagens de uma mais intima, espontanea e mysteriosa

visão?

Estava Henrique á janella do quarto que habitava em Alvapenha. Sabemos

já que se gosava d'alli um panorama extenso e amenissimo. A tarde

parecia de primavera. Henrique corria com prazer a vista pelos

differentes logares da quinta de Alvapenha, com as suas noras e mêdas,

colmeias, eiras, cabanas e sebes. Era uma verdadeira quinta rural,

resentindo-se, porém, um pouco de ser a proprietaria d'ella uma senhora

velha, e com pouca actividade para tratar da lavoura.

Pouco a pouco deixára Henrique de vêr a quinta como ella era.

Principiava a visão interior.

As arvores copavam-se de folhagem; messes aloiradas ondulavam nos

campos; numerosos rebanhos cobriam os lameiros extensos; atulhavam-se de

cereaes os celleiros; alastrava-se de grão o chão das eiras; gemiam as

noras e os lagares; soltavam-se ás prêsas os diques, e uma verdadeira

rede liquida envolvia em suas malhas a vegetação dos campos; alvejavam

as camisas dos ceifadores e echoavam nos montes e arvoredos as

cantilenas aldeãs; e os mais caracteristicos e poeticos episodios da

vida agricola desenrolavam-se aos sentidos, deleitosamente allucinados,

do sobrinho de D. Dorothéa. Era uma perfeita georgica! E elle a dirigir

todos os trabalhos, a regular o serviço, verdadeiro patriarcha ao modo

antigo; e ao seu lado, e em toda a parte, á sombra de uma arvore, á

borda do tanque, debruçada no muro, por entre os silvados das sébes

vivas, uma figura suave, casta, adoravel... a figura de Christina!

Quem mezes antes adivinharia que Henrique de Souzellas, o homem

elegante, o homem da moda, em quem estavam encarnadas todas as

qualidades boas e más da sociedade que frequentava, havia de ter uma

visão como esta!

No quasi extase, em que a imaginação o lançára permanecia ainda, quando

soube que o procuravam de mando das senhoras do Mosteiro.

Apressou-se logo a receber a visita.

Era o velho Torquato que vinha saber d'elle, de mando de D. Victoria e

das meninas.

O pobre homem era um dos que ficára com affeição a Henrique depois que

estivera no Mosteiro.

Henrique ouvia-o com uma paciencia, que elle já em poucos encontrava,

contar as longas historias dos seus tempos passados, e isso era o

bastante para o velho lhe querer bem.

--Diga ás senhoras que eu mesmo irei ralhar com ellas, pelo incómmodo

que estão tendo commigo. E vossê tambem, Torquato, na sua idade, estes

passeios.

--Ai, não tem dúvida! Isto faz bem... É exercicio a final... Pois é

verdade. Eu d'antes corria a aldeia toda n'um minuto... agora... Olhe

que eu já tenho os meus annos! Veja lá, se no tempo dos francezes eu era

já homem feito... Inda me lembra...

Seguiu-se um episodio da época, e depois, sem transição sensivel:

--Mas lá emquanto ás senhoras... Isso sempre devo dizer que teem tomado

um cuidado!... Todas!... Até a Christininha!

--Sim? Tambem essa?

--Ora se tambem!... Pois a sr.^a D. Victoria?

--Mas... mas... Christina... a sr.^a D. Christina, então...

--Isso é um coração de pomba. Inda ha pouco, ao sair, já vinha no pateo,

e ella veio ter commigo a correr, e disse-me: «Olhe, ó Torquato, ha de

reparar-lhe para a cara e vêr se tem ar mais triste.»

--Ella disse-lhe isso?

--É verdade. E eu lá lhe vou dizer que o encontrei alegre como...

--Não, não; não lhe diga isso, homem--atalhou Henrique.

--Então por quê?!

--Porque... porque... porque não é verdade... Então eu estou assim tão

alegre como isso?

--Não digo que esteja, mas para a socegar...

--Diga que me achou com saude, mas triste. E não lhe disse ella mais

nada?

--A sr.^a D. Victoria...

--Falo de Christina.

--Nada... Ai... Agora me lembro... mas isso é segredo.

--Diga, diga.

--Não é nada; é uma promessa que...

--Uma promessa? Que promessa?

--Sim, olhe, eu digo-lhe, mas guarde segredo! Quando o senhor esteve

muito mal, que nem o cirurgião dava nada por si, a Christinita prometteu

rezar na capella dos Cannaviaes as estações da meia noite...

--As estações da meia noite?

--Sim; as estações rezadas á meia noite á Senhora que está na capella da

casa dos Canaviaes; É tão milagrosa que, dizem, nunca recusou favor que

se lhe pedisse assim. Contava meu pae...

E vinha um caso comprovativo da tradição popular.

--Sim, lembra-me que já me falaram n'isso--disse Henrique, pensativo.

--É verdade. O peor é que é este seu criado quem tem de a acompanhar até

á quinta, depois d'ámanhã á meia noite...

--Então depois de ámanhã á meia noite?

--Sim, mas não diga nada, que isto é segredo da pequena.

--Esteja descançado.

E depois de mais algumas historias contadas por Torquato, e a que

Henrique não ligou attenção, aquelle retirou-se.

Ao ficar só, Henrique caiu em nova e profunda abstracção.

Elaborava-se-lhe na ideia um projecto. O de ir aos Cannaviaes para

presenciar aquelle acto de fervorosa devoção de Christina, que

supplicára por elle, enfermo, com o ardor da mais pura crença, com a

effusão do mais generoso affecto.

N'este intento tratou de se informar a respeito dos caminhos que

conduziam á quinta, que elle ainda não visitára, e sobre como penetrar

até á capella da casa, onde devia ser cumprida a promessa.

D. Dorothéa, D. Victoria e Magdalena deram-lhe os esclarecimentos

precisos sem que suspeitassem das intenções com que elle lh'os pedia.

XXVIII

A casa e quinta dos Cannaviaes, deshabitadas depois da morte da velha

morgada, madrinha de Magdalena, era uma sombria residencia, situada n'um

dos mais êrmos e melancolicos logares da aldeia.

O tempo, cuja acção não contrastada se exercera livremente n'ellas,

viera augmentar o aspecto soturno que desde a origem apresentava esta

casa, ennegrecendo-lhe as paredes, revestindo-lhe de hervas os telhados,

de musgo as padieiras e as junturas de pedra, e povoando-lhe de morcegos

e de corujas os buracos dos muros. Emfim a superstição popular terminára

a obra fazendo divagar as almas do outro mundo por aquellas salas e

corredores vazios, e nas ruas d'aquella quinta, entregue á natureza.

A defuncta morgada, que não se recolhera á aldeia senão depois de ter

gosado na capital de todos os esplendores da vida das cidades, e

brilhando nas mais concorridas e elegantes salas do seu tempo, gosava

n'esta pequena terra, onde passára o resto da vida, de uma fama de

espirito forte, que em grande parte concorrera para generalisar a

opinião de que a sua alma andava ainda penando por cá.

Contavam-se entre o povo anecdotas absurdas, em relação aos annos da

mocidade da morgada. A imaginação popular fazia a biographia d'aquella

senhora, colorindo-a com as tintas maravilhosas com que costuma

phantasiar a vida dos grandes centros, de que vive afastada.

A morgada, que só renunciou ao mundo quando os espelhos começaram a

falar-lhe da vaidade das glorias que repousam nos encantos da belleza,

passou, como succede muitas vezes, de um extremo a outro extremo, e da

vida elegante ás práticas de devoção.

Nos Cannaviaes ouvia missa todos os dias, confessava-se todas as

semanas, commungava todos os mezes, sem comtudo resignar absolutamente

os habitos de elegancia de que já fizera uma necessidade natural.

Trajava sempre com distincção e esmero, e ao corrente das modas.

Tudo isto e as proprias devoções da morgada, acabaram por convencer o

povo de que havia grandes culpas no passado d'ella, as quaes procurava

remir á fôrça de missas. Dizia-se que a morte a viera tomar antes das

contas saldadas, e que por isso a sua alma voltava á terra penando.

Já se vê que o logar era para apavorar as imaginações timidas, e de

noite pouca gente da aldeia gostava de passar por lá.

Henrique depois de ter dicto em Alvapenha que ia passar a noite ao

Mosteiro, d'onde voltaria tarde, saiu mais cêdo do que a hora devida, e

fazendo obra pelas informações da morgadinha, dirigiu-se para os

Cannaviaes para escolher posição d'onde pudesse, sem ser visto, observar

Christina, não tendo ainda resolvido se lhe appareceria ou se a deixaria

imperturbada na sua piedosa tarefa.

A noite fizera-se escura e ameaçava chuva.

Henrique, alumiando-se com uma lanterna de furta-fogo, já um pouco

habituado aos caminhos estreitos e escabrosos do campo, atravessou a

aldeia, examinando com attenção todos os objectos que lhe deviam servir

de indicadores da estrada.

Pouco passava das dez horas, quando se achou em frente de uma casa que

por apparencia, julgou ser a demandada propriedade.

Era uma casa escura, crivada de pequenas janellas e peitoril, tendo a um

lado um alto portão da quinta, do outro a capella, cuja porta Henrique

achou ainda fechada.

O sussurro dos cannaviaes agitados pelo vento era uma garantia de haver

acertado.

Principiavam a cair algumas grandes gottas de chuva e a escuridão a

fazer receiar grandes aguaceiros.

Henrique achou prudente procurar um abrigo onde pudesse resguardar-se.

N'este intento approximou-se do portão. Com grande espanto seu, achou-o

aberto.

Já teria chegado Christina?... Enganar-se-ia elle na casa?... Estaria

habitada a quinta?

Estas tres explicações do inesperado facto debatiam-se-lhe no espirito,

sem que elle soubesse qual adoptar.

Transpoz o portão e entrou na quinta. Nenhuma apparencia de vida.

A chuva caía com mais fôrça. Para se abrigar, Henrique subiu os degraus

de pedra, no tôpo dos quaes havia um patamar lageado e convenientemente

toldado.

Ao chegar alli achou tambem aberta a porta da primeira sala, e ao fim de

um corredor pareceu-lhe divisar luz.

Henrique parou indeciso.

--Decididamente enganei-me. Não é aqui a casa dos Cannaviaes. Sempre

perguntarei.

E bateu as palmas.

Ninguem lhe respondeu.

Bateu outra vez; o mesmo resultado.

Aventurou-se a entrar, deu alguns passos pelo corredor e bateu.

O mesmo silencio; seguiu até o fim do corredor em direcção á luz; chegou

a uma sala mobilada com antigas cadeiras de alto espaldar, e alumiada

por um candieiro de metal, pousando na pedra da chaminé, em cujo fóco

brilhavam ainda uns carvões candentes.

--Parece uma historia de fadas!--pensava Henrique.--Dar-se-ha que a alma

da morgada goste ainda das commodidades?

Ia a dirigir-se a uma porta para chamar, quando se abriu outra do lado

opposto, e appareceu-lhe uma mulher velha, com um vestuario meio do

campo, meio da cidade, e trazendo uma luz na mão. Henrique voltou-se e

preparava-se para lhe dirigir a palavra, quando ella primeiro lhe disse:

--Procurava alguem, o senhor?

--Peço perdão pelo meu atrevimento. Bati muito tempo á porta, e emfim

como a visse aberta, decidi-me a entrar. Desejava saber onde é aqui a

casa dos Cannaviaes.

--A casa dos Cannaviaes é esta mesma.

--Mas... eu julgava... suppunha ter ouvido dizer, que não morava aqui

ninguem.

--E não o enganaram. Hoje por acaso é que está cá a sr.^a morgada.

--A sr.^a morgada?--perguntou Henrique, sem bem saber o que devia pensar

da resposta e de tudo que via.

--Sim, senhor; a sr.^a morgada, e não tarda aqui. Ella esperava-o.

--Ah! A sr.^a morgada esperava-me?

--É verdade--disse a mulher, sorrindo.--Adivinhou que o senhor vinha

aqui. E o que é que ella não adivinha?

Henrique dava tratos á imaginação para comprehender esta scena.

--Então é a sr.^a morgada em pessoa que...

--Que o convida para tomar uma chavena de chá--disse uma voz por traz

d'elle.

Henrique julgou conhecer o timbre d'aquella voz.

Voltou-se, viu a morgadinha que entrava na sala, com o sorriso nos

labios e a mão estendida, com aquella habitual franqueza de maneiras,

que de tantos encantos a revestia.

Henrique exclamou, admirado:

--A prima Magdalena!

--A morgadinha dos Cannaviaes, se faz favor. Competia-me fazer as honras

da minha propriedade, que pelos modos está para ser muito visitada hoje.

Chamei, para me acompanhar, a Brizida, que viveu muitos annos aqui com a

minha madrinha, e hoje vive em casa sua do rendimento do legado que

aquella senhora lhe deixou. A Brizida é quem se encarrega de vir, de

quando em quando, abrir as janellas d'esta casa, para que os ratos não a

destruam de todo, e os tortulhos lhe não enfeitem as paredes.

--Mas como soube que eu?...

--Isso é um segredo. Não o esperava, porém, tão cêdo, nem imaginei que

nos viesse ter assim ao intimo da casa. Fiquei embaraçada quando o vi.

Ao principio quasi julguei que era a alma de minha madrinha. Mas fez bem

em recolher-se... Ouve?

E com o gesto indicava a chuva, que já batia com fôrça nas vidraças.

--O peor é se isto não espalha e a Christina muda de tenção.

--O vento é do mar, menina; isto são aguaceiros--notou Brizida, como

para desvanecer aquelle receio.

--Pois sabe que Christina vem?

--Eu sei tudo. Ora sente-se ao fogão, que deve vir muito frio. Accendi o

lume, porque estava aqui dentro um ar humido e mofento, muito pouco

hospitaleiro.--Brizida, olhe que se não percebam lá fóra as luzes, que

podem amedrontar Christina. E feche a porta da sala. Abra o côro da

capella e prepare chá para quatro. Aqui mesmo, Brizida, aqui mesmo,

porque a cozinha está pouco habitavel.

Emquanto Brizida cumpria as ordens que a morgadinha lhe dava, esta,

chegando uma cadeira para o fogão, sentou-se defronte de Henrique de

Souzellas.

--Agora conversemos amigavelmente, primo Henrique. E antes de mais nada,

responda-me a uma pergunta! O que o trouxe aqui?

--Pois não diz que sabe tudo?

--Até certo ponto, entendamo-nos. Não vão tão longe as minhas faculdades

que cheguem a devassar intenções, que por ventura á propria consciencia

de quem as fórma, repugne acceitar.

--Não é esse o meu caso; as minhas intenções são reconhecidas e

approvadas pela minha consciencia. Vim para assistir ao espectaculo

commovente de um anjo que ora por mim. É um espectaculo a que ainda não

assistira, prima. Admira-se da minha curiosidade?

--Acho-a natural e até... louvavel. O ponto está que a sua convalescença

esteja bastante segura já. Porque o primo Henrique convalesceu ha dias

de duas doenças.

--De duas?

--Sim; e a mais rebelde não foi a de que o cirurgião o tratou.

--Então?

--A peor, aquella de que eu havia chegado já a desesperar, era a que lhe

tinha descoberto logo na sua chegada aqui, uma doença moral; revelava-se

por uma maneira de vêr as coisas, de pensar e de proceder

verdadeiramente doentia.

--Estou curado d'isso.

--Estará? eu sei!... É certo que já é bom signal admittir que era

doença.

--Dou pelo seu diagnostico, prima, e até pelo tratamento que me

aconselhou em tempo; falou-me na vida campestre, no interesse pelos

negocios locaes... e sobretudo em uma paixão sincera.

--Ah! e experimentou a receita?

--Experimentei e curei-me.

--Ou tomou por fôrças de saude o que era apenas o falso vigor da

convalescença? Convem não abusar; ouço dizer aos medicos que são

perigosas as recaidas.

--Pois teme que eu recaia?

--Por que não? Esta sua vinda aos Cannaviaes a horas mortas... comquanto

motivada por louvaveis intenções... tem ainda assim uma certa feição

romantica... que era bom vigiar... Sempre vim para acudir a algum

accidente.

--É um perfeito medico da época; não tem fé na efficacia dos remedios

que prescreve.

--Tenho; mas não desacompanho a acção d'elles, isso não. Agora fale-me

com franqueza: ao recordar-se de certas ideias com que veio de Lisboa

não se lhe figuram algumas extranhas e inacceitaveis já?

--Confesso que algumas...

--E comprehende agora o que eu lhe dizia? o remedio para o mal do

coração que o minava, tinha-o a seu lado, desde o primeiro dia em que

puzera os pés no Mosteiro, e teimava em ser cego para o não vêr.

--Desde o primeiro dia? Pois Christina...

--Christina deixou de ser creança desde aquelle dia.

--Querido anjo!

--Querido anjo?... Diz bem; deve adoral-a, tal como ella é ingenua,

timida, supersticiosa até, se quizer; mas bondosa, mas adoravel, mas uma

indole talhada para acalmar as paixões demasiado violentas de um

caracter como o seu; para lhe fazer ter mais esperança na vida, mais

coragem e mais fé no futuro.

Henrique, depois de instantes de silencio, disse, sorrindo, para

Magdalena:

--Diga-me uma coisa, prima Magdalena; comprehendendo tão bem as

necessidades do coração dos outros, não pensou ainda nas do seu?

--E quem lhe disse que as tinha?

--Conceda-me tambem um pouco da sua admiravel perspicacia, e não se

julgue tão impenetravel, que não offereça leitura aos olhos que a

observam.

--Ah! Então leu?

--Uma pagina eloquente de sentimentos generosos, prima; uma pagina que

eu só agora estou habilitado para a apreciar como merece; pagina, porém,

tão recatada, que julgo que ainda a não leu bem o principal interessado

n'ella. Cego, como eu fui.

--Não leria?--perguntou Magdalena, sorrindo.--Está certo d'isso?

--E pode ser que lesse, pode; ou pelo menos que por inspiração a

adivinhasse. Ha casos d'esses.

Magdalena tornou, mudando de tom:

--É ainda cêdo para tratar de mim. Quando me resolver a isso, verá que

sou um doente modelo. Não hesitarei ante a violencia do remedio.

--E por que demora o tratamento?

--Pois parece-lhe que será urgente o caso?

--Prima Magdalena, o que vejo é que ha mais fortaleza da sua parte do

que....

--Silencio!--disse a morgadinha, escutando.--Pareceu-me ouvir...

N'este momento a Brizida, que fôra a uma sala immediata, voltou, dizendo

em voz baixa:

--Parece-me que abriram as portas da capella. Devem ser elles.

--Então depressa--disse Magdalena.--Abra-nos o côro; mas antes apaguemos

as luzes. Teve uma feliz lembrança em prevenir-se com essa lanterna de

furta-fogo. Traga-a e siga-me; mas occulte a luz. Não faça barulho.

Apagadas as luzes da sala, Magdalena e Henrique entraram, por um

corredor estreito, no côro da capella, d'onde a morgada costumava ouvir

missa, emquanto mandava patentear ao povo o pavimento inferior.

Quando alli chegaram, com as precisas precauções para não fazer estalar

as tábuas do soalho, havia já em baixo uma luz escassa, que desenhava

longas no pavimento as sombras de duas pessoas, ainda occultas sob a

varanda do côro.

Cêdo se adeantaram para o altar, e claramente se reconheceu serem

Christina e Torquato.

Caminharam silenciosos até ao altar principal. Torquato subiu os tres

degraus, sobre que este ficava elevado e accendeu duas vélas de cera

que, em ennegrecidos castiçaes de madeira dourada, ornavam uma imagem da

Virgem da Soledade. Espalhou-se no recinto uma frouxa claridade, que não

dissipou as sombras dos recantos, nem as que se condensavam no tecto.

Christina fez signal então a Torquato, para que se retirasse; e o velho,

com os passos arrastados e tossindo, caminhou para a porta, que dentro

em pouco se ouviu gemer sobre os gonzos e fechar-se com estrondo.

Tudo ficou depois em silencio.

Christina então ajoelhou deante d'aquella imagem, que era a de que a

tradição popular contava milagres, e em profundo recolhimento ficou

immovel a rezar a devoção promettida.

Henrique de Souzellas sentia-se enlevado por esta scena. Aquella

angelica creatura viera alli agradecer á Virgem o tel-o salvado! Aquelle

anjo amava-o? Havia pois no mundo quem o amasse com um amor puro e

candido, em que elle já nem acreditava. E cabia-lhe a suprema ventura de

gosar um amor assim!

Magdalena via com alegria a commoção de Henrique.

A oração de Christina prolongou-se por alguns minutos.

Henrique murmurou, ajuntando as mãos:

--Deus te recompense, anjo, a consolação que me dás.

--Não peça a Deus o que está na sua mão--respondeu-lhe em voz baixa

Magdalena.

--Que diz?

--Está ou não sinceramente apaixonado?

--Como nunca imaginei que fôsse possivel estar.

--Crê na pureza d'aquelle coração?

--Como na dos anjos.

--Está convencido de que o pode salvar, ella?

--Não ha crédo que professe com mais fé.

--Por que não vae então ajoelhar ao lado d'ella e jurar-lh'o?

--E consente?

A morgadinha respondeu-lhe, conduzindo-o ao principio de umas estreitas

escadas que pela espessura da parede iam do côro para a capella-mór.

--Aqui tem o caminho--disse ella.--Siga-me. E, servindo-se da lanterna

de furta-fogo, foi descendo com precaução. Henrique seguiu-a.

No fim da escada, Magdalena occultou de novo a luz, e, dados mais alguns

passos, parou junto de um reposteiro.

--Agora faça o que lhe dictar o coração--disse ella para Henrique.

Este correu o reposteiro com precaução, e achou-se na capella.

Christina rezava ainda, e como a porta por onde Henrique entrára ficava

por detraz d'ella, não o viu chegar.

Henrique ficou a contemplal-a todo o tempo que ainda durou a oração.

Ao levantar-se, Christina, voltando a cabeça, descobriu-o, e soltou um

grito de susto. A obscuridade que havia na capella não lhe deixou

perceber logo quem fôsse, o que mais lhe augmentou o terror.

Henrique caminhou para ella, dizendo-lhe:

--Não tenha receio, Christina. Sou eu.

Reconhecendo-o, a timida rapariga ficou espantada. Como se explicava a

presença de Henrique n'aquelle logar? Nem tempo teve de imaginar

explicações. Henrique accrescentou:

--Sou eu, Christina: eu a quem a menina salvou e por quem com tanto

fervor veio rezar aqui. Obrigado, mais uma vez lhe digo, obrigado,

Christina. Quiz fazer-me comprehender todos os castos e abençoados

prazeres da familia; depois de me dedicar as suas vigilias, dedicou-me

as suas orações. Deixe-me beijar-lhe a mão com todo o affecto, com toda

a paixão que pode haver na minha alma.

E dizendo isto, levou aos labios a mão, que ella, de enleiada, nem

ousára retirar das suas.

--Agora peço-lhe, Christina, que, já que me fez antever as delicias do

viver da familia, não me condemne para sempre ao supplicio de não as vêr

realisadas. Lembre-se de que não conheci mãe, de que não tenho irmãs, de

que tenho vivido só, e de que cêdo voltarei a essa vida solitaria e

gelada, que me será agora uma tortura. Compadeça-se de mim. Quer vir

occupar no meu coração o logar vago que ha n'elle para as affeições de

mãe, de irmã, e de...

--Henrique!...--murmurou quasi inintelligivelmente a sobresaltada

creança.

--É deante d'esta Virgem, a quem orava com tanto fervor, é pousando a

mão sobre os Evangelhos d'esse altar, que eu lhe prometto mais do que

uma paixão ephemera de rapaz, prometto-lhe a constante adoração, rodeada

de respeito, do homem que as suas virtudes reconciliaram com o mundo.

Acceite, Christina, acceite o offerecimento do meu coração.

Christina tremia sem poder responder.

Magdalena entrou por sua vez na capella.

--Não se pode exigir assim uma resposta directa, primo Henrique--disse

ella.

Christina, cada vez mais surprehendida por estas successivas e

inesperadas apparições, correu para a prima.

--Tu, Lena! Tu tambem aqui?!

--Então não me competia receber em minha casa as visitas? Mas vamos,

dize-me aqui ao ouvido a resposta que queres que eu dê por ti ao sr.

Henrique de Souzellas, que me parece acaba de te pedir, muito

terminantemente, a tua mão.

Christina não respondeu, senão cingindo-a mais intimamente ao seio.

--Não responderam os labios, primo,--continuou a morgadinha--mas falou o

coração ao meu na linguagem das pulsações. Estou-o sentindo.

--E disse?...

--Que havia de dizer? Que sim.

E Magdalena, que tinha a mão de Christina na sua, extendeu-a a Henrique,

que a apertou apaixonadamente e a beijou de novo.

Parece-me poder affirmar que d'esta vez já houve correspondencia.

O velho Torquato, farto de esperar de fóra da capella, e achando que as

rezas se prolongavam de mais, resolveu chamar Christina.

Ao entrar divisou porém tres pessoas em logar de uma só, que esperava, e

recuou estupefacto e aterrado.

Suppôz que almas penadas andavam na capella.

O bom do homem não ousava approximar-se.

Magdalena, que o ouvira entrar, animou-o, dizendo:

--Não tenha mêdo, Torquato. A alma de minha madrinha encarregou-me de

fazer esta noite as suas vezes. Sou eu.

O espanto do feitor não era agora menor. Esfregava os olhos, como se

receiasse estar dormindo, e não passava de olhar para Magdalena, para

Henrique e para Christina, sem entrar na explicação do que via.

Custou a fazel-o voltar da sua estupefacção.

Momentos depois entravam todos quatro na sala onde Henrique fôra

recebido por Magdalena, e ahi a velha Brizida lhes serviu o chá.

A antiga criada da morgada fez muita festa a Christina, e, como já

percebera a casta de sentimentos que havia entre esta e Henrique, soltou

algumas insinuações, que a obrigaram a córar, e a rir Magdalena.

Passou-se uma bella noite, conversando-se e rindo-se em perfeita

intimidade.

--Que longe estava eu hoje de pensar n'este delicioso serão!--disse

Henrique.--Decididamente é de maravilhas esta casa; o povo tem razão. A

morgada defuncta foi decerto quem se encarregou de fazer os convites.

--É verdade, como foi que vieram aqui?--perguntou Christina, já mais

desenleiada.--Já sei, foi este Torquato que me não guardou segredo. O

que merecia!...

--Eu, menina?! Ora essa! Eu até...

--N'este Torquato ha alguma coisa mais para receiar do que a

indiscreção--disse Magdalena.

--Que é?--tornou a prima.

--É a discreção.

--Então por quê?

--Torquato é discreto, com umas meias palavras, que exprimem mais do que

a verdade.

--Eu...--ia a dizer o velho, justificando-se, quando Henrique o

interrompeu.

--Mas emfim, expliquemos mutuamente a nossa presença aqui.

--N'esse caso é justo que fale primeiro Christina.

--Que hei de eu dizer?

--Explica a tua presença aqui. Então não ouviste o primo Henrique?

--Ora, já o sabem.

--Mas talvez não lhe seja desagradavel ouvil-o outra vez da tua bôca.

--Não, não, a minha vinda, essa não tem que explicar.

--Que diz, primo Henrique?

--Não tenho coragem para pedir mais do que tenho pedido já.

--Pedido e obtido, pode accrescentar. Bem, Christina veio aqui trazida

por um sentimento de piedade e de...

--Lena!

--Assim mesmo sempre seria curioso ouvir a narração dos sustos que ella

sentiu por o caminho desde o Mosteiro até aqui. O Torquato não era

decerto bastante para lhe limpar a estrada de visões e malfeitores.

Christina poz-se a rir.

--Mas vamos ás explicações da presença dos mais. A Christina avisou o

Torquato, o Torquato avisou o primo Henrique...

--Eu?!

Christina olhou para o velho com um meigo gesto de reprehensão.

--Se eu o soubesse!...

--Eu... eu não disse... eu... só disse...

Henrique tomou a palavra.

--Torquato não é de todo o culpado. Pois acha que não haveria em mim

alguma coisa que me ajudasse a adivinhar? Torquato atraiçoou-se

involuntaria, inconscientemente. Mas quanto á prima...

--Eu? Soube-o tambem do Torquato.

--Pois tambem a ti o disse? Olhem que homem de segredo!

--Isso é que não. Eu não disse á sr.^a D. Magdalena... Ella é que...

--Foi o que eu disse ha pouco. A discreção do Torquato é que revelou o

segredo.

--Como?

--O Torquato falou com o seu velho amigo herbanario.

--Eu a esse não disse.

--Não, a esse quiz occultar, e d'ahi é que veio o mal.

--Ora, ora...

--O que eu sei é que Vicente veio procurar-me á porta do Mosteiro, e

ralhou-me com uma severidade e uma aspereza, como ainda lhe não tinha

merecido nunca. Estava o homem convencido de que eu era a heroina de

umas aventuras romanticas que se verificavam de noite n'esta minha

propriedade dos Cannaviaes. E tão irritado estava, que me não quiz

ouvir, quando eu procurava esclarecer o que para mim era um perfeito

enigma. Ao retirar-se, porém, disse-me que não lhe quizesse occultar a

verdade, porque do Torquato soubera tudo.

--Eu não disse...

--E depois a prima...

--Eu então chamei este senhor, armei-me de toda a minha gravidade, e

exigi que falasse e me dissesse tudo o que havia e tudo o que sabia a

respeito de uns passeios aos Cannaviaes; elle estava pêrro, mas a final

falou.

--Mas sabia tambem que eu vinha?--perguntou Henrique.

--Pois não se lembra de que pela manhã me tinha cançado com perguntas a

respeito do caminho para a casa dos Cannaviaes? Eu já extranhava a

insistencia; depois do que soube, tive uma suspeita. Perguntei ao

Torquato se lhe falára n'isto. A resposta d'elle, apesar da sua

hesitação e ambiguidade, habilitou-me a concluir que teria o gôsto de

receber o primo em minha casa.

--E que disseste no Mosteiro? Sabem que vieste?

--Não. Disse que ia visitar Brizida, onde passaria a noite. Bem me viste

sair. Viemos ambas para aqui ainda com dia para pôr a casa em arranjo.

--São mesmo coisas tuas--disse Christina, rindo.

--Mas eu não disse nada--insistiu Torquato.

--Porém, por que motivo se irritou tanto o herbanario?--perguntou

Henrique.--Que imaginava elle a final?

-Ah!... É porque este sr. Torquato teve a habilidade, com as suas meias

palavras, e reticencias indiscretamente discretas, de arranjar as coisas

de maneira que o velho Vicente chegou a persuadir-se de que havia aqui

um romance em que entrava eu... A discreção do Torquato é das que

respeita os nomes, de maneira que as honras da aventura fôram-me todas

attribuidas... N'este mesmo romance parece que entrava tambem o primo

Henrique...

--Ah! percebo agora--disse Henrique, rindo.--O velho é ciumento por

procuração.

Magdalena abanou a cabeça, sorrindo tambem.

Christina, que já estava habilitada para entender a allusão de Henrique,

sorriu com elles.

O Torquato foi o unico que nada percebeu.

Eram perto de duas horas, quando a morgadinha lembrou a necessidade de

voltarem a casa.

--Choverá?--perguntou Brizida.

--Julgo que não--respondeu Magdalena, e como para assegurar-se correu a

vidraça da janella e examinou o firmamento.

Henrique acompanhou-a.

--A noite está serena--disse ella.--São horas de voltarmos.

--Mal sabe a tia D. Victoria por onde lhe anda parte da familia a estas

horas--disse Henrique, debruçando-se á janella, e continuou:--Mas que

agradavel noite! Não poder prolongal-a por toda a eternidade!

--Vamos, vamos,--respondeu Magdalena--o dia d'ámanhã deve ser feliz

ainda, porque...

N'isto, como se alguma coisa tivesse observado na rua que lhe attrahisse

a attenção, calou-se, mal podendo reter um leve grito.

--Que foi?--perguntou Henrique, que o percebeu.

--Nada--respondeu ella, correndo a vidraça e afastando-se da janella.

--Viu a alma da morgada?--perguntou jovialmente Henrique, vendo-a

preoccupada.

--Não--respondeu Magdalena, meio a sorrir e meio séria.--Pode porém

haver apparições peores.

--Que é, Lena? Que viste tu?--perguntou Christina, assustada.

--Socega, filha, nada que possa transtornar o nosso regresso. Vamos.

E, passados poucos minutos, sairam todos os que até alli animavam

aquella habitação solitaria, e ella permanecia outra vez em trevas, em

silencio e na sua quasi desolação.

XXIX

No dia seguinte, pela manhã, recebeu-se na Alvapenha noticia da chegada

do conselheiro e de Angelo. A impressão profunda que a este ultimo

causára a morte de Ermelinda, tinha resolvido o pae a trazel-o comsigo

para a aldeia a distrahir e robustecer com ares livres do campo. D.

Dorothéa apressou-se, segundo o costume, a visitar o conselheiro;

Henrique acompanhou-a e de caminho pôl-a ao facto do estado do seu

coração, e encarregou-a de communicar isto mesmo a D. Victoria e de

fazer-lhe, em seu nome, um formal pedido da mão de Christina.

D. Dorothéa ficou a principio admirada. Ainda se não desacostumára de

considerar Christina como uma creanca. Havia tão pouco tempo que usava

ainda vestidos curtos!

Reflectindo porém, acabou por achar a coisa natural, vantajosa e

agradavel, e felicitou o sobrinho pela boa escolha que fizera.

Henrique, com o prazer pueril de um verdadeiro namorado, não se fartou

de fazer falar a tia nas qualidades de Christina, e d'esta vez as

habituaes prolixidades da boa senhora não conseguiram enfastial-o.

Estava devéras apaixonado!

Chegaram ao Mosteiro.

O conselheiro recebeu-os com ar de satisfação e apparente tranquillidade

de espirito; mas um exame attento conseguiria descobrir-lhe no sorriso o

que quer que era forçado a revelar certa preoccupação interior.

É que, desde que chegára, tinha sondado melhor o animo do publico da

terra, ou dos influentes que o representavam, e reconhecera que estava

muito arriscada d'esta vez a sua candidatura.

Não lhe sobrava muito tempo para trabalhos; porque d'ahi a dois dias

realisavam-se as eleições. Tudo estava por fazer, emquanto que os seus

adversarios havia muito que tinham tudo feito. Algumas das personagens

politicas, com que contava, falharam-lhe, e até nem o visitaram. As

auctoridades locaes eram-lhe manifestamente hostis, desde o

administrador até o cabo de policia.

Henrique percebeu a violencia que sobre si estava fazendo o conselheiro

para conversar em assumptos alheios á questão que o interessava, para

sorrir e prestar attenção ao que se dizia.

De quando em quando lia ou relia uma carta, tomava um apontamento,

escrevia um bilhete, retirava-se por momentos para receber algum agente

eleitoral que o procurava, despachava um emissario; finalmente não podia

socegar.

Foi na occasião em que elle consultava mais uma vez a lista dos

recenseados d'aquelle circulo eleitoral, emquanto Henrique e Magdalena

faziam por distrahir Angelo, conversando em varios assumptos, que entrou

D. Victoria, a quem acabava de ser formulado por D. Dorothéa, e em nome

de Henrique, o pedido da mão de Christina. D. Victoria trazia bem

visivel na physionomia todo o jubilo que a nova lhe causára. Era muito

amiga de Magdalena, mas desculpem-lhe esta vaidade maternal, o que mais

que tudo a lisonjeára, fôra a preferencia dada por Henrique a sua filha

sobre a morgadinha.

--Tenho muito que lhe ralhar, sr. Henrique--dizia ella.--Estou mesmo

muito arrenegada comsigo.

--Por quê, minha senhora?--perguntou Henrique, sorrindo.

--Pois então isso é coisa que se faça? Já precisa de embaixadores para

se dirigir a mim?

--Perdão, minha senhora! Era meu dever deixar completa liberdade a v.

ex.^a para fazer todas as reflexões que a proposta lhe suggerisse e

discutil-a á vontade, e, por delicadeza, podia v. ex.^a ás vezes, sendo

eu mesmo quem a fizesse, cohibir-se...

--Ai, eu havia de pôr muitas dúvidas! Na verdade um rapaz de tão má

nota! Ora sempre tem coisas!

--Visto isso, posso esperar?

--Da minha parte uma guerra de morte--disse D. Victoria, não resistindo

a dar um abraço a Henrique, já com familiaridade de mãe; abraço que

Henrique retribuiu com affecto.

O conselheiro não dava attenção á scena.

--Então, mano!--bradou-lhe D. Victoria.--Deixe lá essas politicas que

temos negocios sérios em casa.

--Sim?--disse o conselheiro, dobrando os papeis que lia, e simulando um

ar de interesse, que realmente estava muito longe de sentir.--Então de

que se trata?

--De um negocio importante, em que é preciso que seja ouvido.

--Ah! Então é um caso de consciencia?

--E não o diga a rir, que é. Aqui o sr. Henrique de Souzellas acaba de

me fazer um pedido... Isto é, a prima Dorothéa foi que m'o fez.

--Mas por ordem d'elle--acudiu esta.

--Pois sim, o que era escusado.

--Mas então que pede de nós este caro sr. Henrique?

--Nem mais nem menos do que uma das nossas pequenas.

O conselheiro relanceou um olhar para Magdalena. Já, por mais de uma

vez, a hypothese do casamento da filha com Henrique lhe tinha passado

pela ideia, e de modo algum lhe era antipathica. Henrique tinha um bom

nome, rendimentos sufficientes, e, se quizesse, um futuro na sociedade,

e o conselheiro tudo isto invejava para seus filhos.

Magdalena, que percebeu no gesto do pae a ideia que elle tivera, quiz

tiral-o quanto antes da illusão e disse:

--Quem mais razão tinha para protestar era eu. Ha de fazer-me falta a

amizade de Christina.

--Ah!--disse o conselheiro, com um sorriso um tanto contrafeito.--Então

quer-nos roubar a nossa Christina, sr. Henrique?

--É apenas uma restituição que peço, sr. conselheiro, porque não me

posso resignar a viver sem coração.

--Faz madrigal? Está então apaixonado devéras, já vejo--disse o

conselheiro.--Pela minha parte folgo de o vêr assim associado á minha

familia, por tão bom caminho. Mas onde está a thaumaturga, que fez o

milagre de converter este celibatario emerito, que eu conheci em Lisboa

a rir-se do casamento?

--Por piedade, não me recorde esses peccados deante da prima Magdalena,

que é tão rigorosa nos castigos!

--Diga antes, que sou tão excessiva nas recompensas.

--Mas o mano tem razão--disse D. Victoria.--Onde está a Christe?

Admira-me não a vêr aqui!

--Admirar, não me admiro eu--tornou o conselheiro.--É provavel que

soubesse do que se tratava, e eclipsou-se discretamente. Porque isto foi

decerto discutido por as partes interessadas, antes de subir ao nosso

tribunal.

Henrique e Magdalena sorriram.

--Ora se foi! E parece-me que tu, Lena, fizeste d'esta vez de S.

Gonçalo. Deus queira que te não queimes ainda no fogo ao ateares d'estes

fachos.

--Eu vou buscar a Christe--disse a morgadinha, rindo das palavras do

pae; e saiu da sala como para evitar que a conversa seguisse a direcção

que elle lhe deu.

O conselheiro voltou n'este intervallo a consultar papeis e cartas,

emquanto D. Victoria falava com Henrique, e D. Dorothéa tentava

distrahir Angelo, contando-lhe várias historias de creanças, que elle

mal escutava, e que ella tinha a candura de julgar alimento accommodado

á intelligencia d'elle.

Passados momentos voltava Magdalena, trazendo Christina comsigo, a qual

já vinha com o rubor nas faces e com os olhos no chão.

--Aqui está a accusada--disse a morgadinha ao entrar.

O conselheiro tornou a guardar os papeis e disse jovialmente para a

sobrinha:

--Ora venha cá, venha cá, que temos muito que falar.

E passando-lhe a mão por baixo do queixo, para a obrigar a fital-o,

continuou:

--Então assim se trama uma conspiração ás caladas? Surprehender a gente

com uma noticia de tal ordem! Ainda ha pouco demittido um ministerio de

bonecas, e já um golpe d'estado d'esta natureza! Sim, senhora, é

energia. Nunca o esperei. Ora dê cá um beijo, emquanto não tenho quem me

peça explicações por os que lhe roubar.

E o conselheiro, com perfeita galanteria e affecto, beijou-a nas faces

tingidas pelo pejo e pela alegria.

Depois, voltando-se para Henrique, accrescentou, sorrindo:

--São os penultimos.

--Os penultimos?--disse D. Victoria, rindo.--Ora essa! Então para quando

ficam os ultimos?

--Para quando a vir com a grinalda de noiva.

--O que eu nunca esperei é que fôsse a nossa Christe que désse o exemplo

á prima. Não tens vergonha, Lena--disse D. Dorothéa para a morgadinha,

em quem esta reflexão fez nascer um gesto de contrariedade, que trouxe

aos labios d'Angelo o primeiro sorriso d'aquella manhã.

O conselheiro e Henrique sorriram tambem.

--Eu prometto casar-lhe a prima Magdalena, dentro em pouco, tia--disse

Henrique com intenção.

--Não prometta. Esses negocios deixe-os ao meu cuidado. Bem sabe que sou

teimosa e tenho a ingenuidade de acreditar que ainda ha coisas no mundo

que se devem decidir pelo coração sómente.

--E Deus me livre de o não consultar. Seria abjurar os meus proprios

actos.

--O \_sómente\_ é que veio de mais, filha--disse o

conselheiro.--Attende-se ao coração, embora. Mas só ao coração? Isso era

bom se vivessemos em um mundo de corações.

A chegada de novas personagens desviou a direcção da conversa e

modificou a scena.

Eram influentes politicos, que obrigaram as senhoras a retirarem-se.

Henrique ficou, a pedido do conselheiro. O mestre Bento Pertunhas

entrava no numero dos recemchegados. O papel que alli desempenhava o

latinista era de suspeitosa natureza.

Vinha tambem a alma politica do partido do conselheiro, o Tapadas, que

n'estas épocas não comia, não dormia, não respirava, por assim dizer,

senão eleições, e desenvolvia uma miraculosa actividade, correndo a

todos os pontos perigosos, conquistando votos, um a um, e lidando por

desenredar as meadas politicas dos adversarios e enredar as suas.

--Então que novas temos da campanha, meus senhores?--perguntou o

conselheiro, puxando cadeiras para os seus constituintes, e affectando

um tom de confiança que não sentia.

--Más, sr. conselheiro,--respondeu o Tapadas--muito más. Vejo isto muito

feio.

--Ora a coisa ainda não ha de ser tão má como diz.

--Nada, nada; não me agrada. V. ex.^a descuidou-se. Tenha paciencia, mas

eu bem lh'o disse. Eu sei como estas coisas são. É preciso não as

desacompanhar. V. ex.^a devia vir ha mais tempo.

O Pertunhas acudiu:

--Deixe lá, sr. Tapadas, o sr. conselheiro tem amigos decididos, e os

serviços que fez á terra...

--Ora com o que vmc.^ê vem!--replicou o Tapadas, com modo azedo.--Então

não sabe como é esta gente? Então não os ouve ahi berrar já contra as

estradas, quando até agora berravam por não as terem?

--Meia duzia de garotos--tornou o Pertunhas.

--Não, senhor, não é assim; não estejamos a enganar-nos. Os que não

dizem mal das estradas, sabem muito bem dizer que ao ministerio as

devem, e estamos na mesma. A coisa vae mal.

--Então decididamente o Seabra?...--perguntou o conselheiro.

--Esse é o chefe de todos elles--disse um merceeiro.--Á porta da minha

loja o ouvi eu estar a dizer ao cunhado do administrador que o traçado

da estrada era o peor que podia ser, que se gastava alli um dinheiro

louco, sem utilidade para o povo.

O conselheiro olhou para Henrique, dizendo:

--Lembra-se do que eu lhe disse na noite do Natal, a respeito d'este

traçado e dos pedidos do brazileiro para elle se adoptar? Admire agora o

velhaco.

Henrique sorriu, encolhendo os hombros.

--Arremedos do que se faz em terras maiores--disse elle.--Não extranho.

--E tem razão--respondeu o conselheiro.

--Mas, a final--continuou o conselheiro--o homem não tinha na freguezia

grande influencia. Como é que...?

--Tem-se popularisado ultimamente um pouco mais. Deu em franquear vinho

por ahi a toda a gente, e depois os padres estão bem com elle e de mal

com v. ex.^a.

--Mas como se lhe desenfreou tão de repente esse odio contra mim?

Deixámo-nos em janeiro nas melhores disposições um para com outro...

--Pelos modos que ahi se falou de uma carta do ministro ou ao

ministro...--disse o Tapadas, com maneiras de quem não dera grande

importancia ao objecto a que se referia.

O conselheiro mudou logo de assumpto.

--E os padres? os padres? Que heresia disse eu, que peccado grande

commetti, para me terem esse odio?

--Dizem que v. ex.^a é mação--respondeu um lavrador.

--O diacho da questão do cemiterio...--acudiu o Tapadas.

--Isso acalmou já.

--Não acalmou, não senhor. O povo não está contente. É certo que lhe

passou a furia do principio, depois d'aquella historia com o Cancella,

mas...

--Quando me lembro de que aquella canalha se atreveu a insultar minha

filha!

--É melhor não falar n'isso--aconselhou prudentemente o Tapadas.--O que

lá vae, lá vae. Os homens estão meio arrependidos, e até o missionario

perdeu um pouco entre o povo, porque o Herodes tem por ahi berrado que

foi elle quem lhe matou a filha, e o pobre homem mette pena. Até me

dizem que por causa d'isso o padre já se retirou da aldeia. O que era

bom era vêr até se se falava ao Herodes; porque talvez elle possa agora

ainda arranjar alguns votos--accrescentou o Tapadas, disposto a

servir-se da dôr de um pae como arma eleitoral.

E continuou-se fervorosamente na edificante obra de combinar tramas

politicos. Discutiram-se os diversos processos de angariar as potencias

eleitoraes do circulo. Estudaram-se as ambições de cada uma;

ponderaram-se as exigencias feitas por uns, os desejos adivinhados em

outros, para este o emprego de um afilhado, áquelle o bom exito de uma

demanda, a outro o pagamento de uma divida, ou o resgate de uma

hypotheca, e a alguns até nua e descaradamente o dinheiro. N'esta

empresa de subornar consciencias e sophismar a urna entreteve-se o

conciliabulo, sem que nenhum dos membros d'elle sentisse remorsos por o

que estava fazendo alli.

Entre os discutidos foi o sr. Joãozinho das Perdizes um dos principaes.

--Então sempre é certo que me roeu a corda esse basbaque?--perguntou, ao

falar-se n'elle, o conselheiro.

--É dos mais assanhados--responderam-lhe.

--Mas quem diabo lhe virou a cabeça? Um velhaco a quem tantas vezes

tenho tirado de apuros!

--Tanto lhe atordoaram os ouvidos com a historia dos

cemiterios...--disse o Pertunhas.

--Deixe lá, alli andou tambem um presente que lhe fez o brazileiro. O

morgado está muitas vezes com a corda na garganta--explicou malignamente

o Tapadas, cujo scepticismo, robustecido no uso das demandas e da

politica, não achava explicações tão plausiveis como a corrupção.

--E depois o homem tomou as dores pelo Vicente herbanario--insistiu o

tendeiro.

--Ora adeus!--disse o Tapadas.--Bem me fio eu n'essas compaixões. Quem

não os conhecer...

--E que tem o tôlo com os negocios do herbanario?--insistiu o

conselheiro, de mau humor.

--Então? Deu-lhe para alli.

--Qual historia! Para mim é que vem com isso?!--teimava o sceptico

Tapadas.

--Tambem uma coisa que buliu com elle foi aquillo no outro dia na

taberna com este senhor--disse o Pertunhas, designando Henrique.

--Sinto, sr. conselheiro--disse este--se de alguma maneira concorri...

--De modo nenhum. Aquelle selvagem vae para onde o empurram. Á ultima

hora é capaz de mudar de tenção. E por causa d'elle é que ficou

despachado professor um pateta em vez de Augusto.

Depois de dizer estas palavras, o conselheiro accrescentou, com

despeito:

--Mas até certo ponto foi bom para me desenganar a respeito do caracter

de certos homens. Ha vinganças tão torpes e mesquinhas, que nenhum

aggravo as justifica.

Henrique procurou defender Augusto; achou porém o conselheiro obstinado

na sua crença.

Henrique alludiu ao brazileiro Seabra, como o mais plausivel promotor da

intriga.

--Embora o fôsse--respondeu o conselheiro--mas que tem isso? O Seabra

não veio a minha casa, não suspeitava da existencia de tal carta. Alguem

houve que a leu primeiro e que lh'a foi entregar depois, e já é ser

muito indulgente suppôr que fôram só cegueiras de vingança e não a

sordidez da cubiça quem o moveu a essa infamia.

Henrique viu que perdia o seu tempo em defender Augusto; comtudo jurou

pela innocencia d'elle.

O conselheiro ia a responder-lhe, quando o distrahiu uma altercação

travada entre Pertunhas e o Tapadas.

Aquelle estava sendo fertilissimo em alvitres para vencer resistencias

eleitoraes. O Tapadas, que desconfiou d'elle, disse-lhe subitamente:

--Olá, ó sr. Pertunhas, é melhor parolar menos e fazer coisa que se

veja; ou deixa só as obras para o seu amigo Seabra?

D'aqui protestos energicos do Pertunhas, e a altercação virulenta, que o

conselheiro teve de apaziguar.

A conferencia durou até ás horas do jantar.

XXX

Chegára o prazo e dia assignalado de se dar perante a urna a batalha

eleitoral.

A azáfama politica activára-se n'estes ultimos dias consideravelmente.

De parte a parte tinham-se posto em campo todos os influentes e em

exercicio todas as armas. Promessas, alliciações, pressão de

auctoridades, exigencias a dependentes, subornos, ameaças mais ou menos

declaradas; de tudo se lançava mão.

Ás vezes até o calor das discussões degenerava em pugnas menos

pacificas; os argumentos physicos, que figuram no catalogo das razões

mais convincentes, haviam já sido invocados a pleitear ambas as causas,

berrando-se depois, de um lado contra a violencia e o despotismo do

governo, do outro, contra os manejos sediciosos e anarchicos da

opposição.

Em algumas freguezias que entravam n'este circulo eleitoral, eram os

padres que arvorando a cruz e o estandarte, prégavam a cruzada contra o

conselheiro e instavam com o povo para que não elegesse para

representante um atheu e um pedreiro-livre; em outras eram os agentes do

brazileiro e os da auctoridade, fazendo promessas aos caudilhos

populares, resgatando penhores, levantando hypothecas, remindo dividas,

empregando afilhados, e conquistando assim para o seu partido.

O conselheiro e os seus parciaes não desprezavam tambem nenhum d'estes

mesmos meios, e grossas quantias circulavam a combater as do brazileiro

Seabra.

Os periodicos do Porto e de Lisboa recebiam os echos d'esta batalha.

Havia muito que em longas e diffusas correspondencias os gladiadores dos

dois campos se mimoseavam com as mais descabelladas verrinas,

assignando-se: o \_Amigo da verdade\_; o \_Epaminondas\_; o \_Vígilante\_; a

\_Sentinella\_; o \_Alerta\_, etc., e pondo ao soalheiro as máculas da vida

privada uns dos outros, e todas as bisbilhotices da terra,

correspondencias que, felizmente para crédito da humanidade, por ninguem

mais, além dos interessados e dos que já os conheciam, eram lidas.

O brazileiro era um dos mais activos e fecundos collaboradores d'esta

secção periodistica. Os seus communicados eram estirados, compactos,

obscuros e enrevezados tanto ou mais do que os seus discursos. Perdia-se

em minuciosos incidentes; em labyrinthos de orações secundarias, d'onde

a grammatica da principal saía frequentemente maltratada, deixando ficar

por lá o sujeito, o verbo ou qualquer complemento necessario. Mas o

brazileiro imaginava que o paiz inteiro aguardava com ancia os seus

escriptos. Era frequente abrir uma resposta a alguma zargunchada de um

seu adversario, por estas palavras: «Os leitores hão de ter notado o meu

silencio, depois das calumniosas asserções...» Os leitores não tinham

notado nada.

Finalmente a aldeia achava-se em plena fermentação politica.

Eu tenho a fraqueza de a não amar debaixo d'aquelle aspecto.

A vida politica tem isso comsigo. Quanto mais estreito e mais apertado é

o circulo social onde se manifesta, quanto mais vizinhos e conhecidos

são os que vivem d'ella, tanto mais acanhada, mexeriqueira e antipathica

se torna. Se a politica do nosso paiz é já pequena, como elle, e

degenera em desavença de senhoras vizinhas, que fará das terras pequenas

d'este paiz, em que muito acima dos principios e dos partidos estão os

mexericos e as vaidadesinhas que brotam como tortulhos á sombra das

arvores do campanario?!

Que desconsoladora distancia da realidade ao ideal da vida dos povos!

Henrique de Souzellas não ficára indifferente ao movimento politico da

aldeia. Pegára-se-lhe a febre eleitoral. Impedido de votar, auxiliava,

porém, os parciaes do conselheiro com os avisos da sua experiencia. Um

dia lembrou um \_meeting\_. O conselheiro poz-se a rir.

--Que utopia! Com que especie de eleitores imagina que está tratando? Um

\_meeting\_, para quê? Não se esqueça de ir domingo á igreja e lá se

desenganará por os seus olhos. O espectaculo não é muito para alegrar,

porque mostra como em geral o nosso paiz está ainda pouco educado no

regimen constitucional. Mas em todo o caso é instructivo.

Os manejos dos amigos do conselheiro e principalmente do infatigavel

Tapadas, conseguiram ainda resultados importantes em relação ao tempo em

que principiaram a operar com mais energia. Algumas freguezias havia com

que já se podia contar.

A eleição, porém, estava muito arriscada ainda. O sr. Joãozinho das

Perdizes devia decidir a contenda. Para onde se inclinasse o morgado,

com todo o peso dos seus comparochianos, desceria o prato da balança.

Contra elle assestou, pois, o conselheiro toda a artilharia; mas sem o

menor resultado. O homem evitava subtilmente encontrar-se com elle, e

aos seus emissarios respondia com insolencia. O Seabra pela sua parte

nunca o largava, vigiava-o como um precioso thesouro, não se descuidava

de o manter nas disposições hostis contra o conselheiro. A todo o

momento fazia-lhe sentir o insulto que recebera na taberna, e a

necessidade que tinha, para se desaffrontar, de infligir uma lição ao

conselheiro, com quem Henrique estava ligado. Depois disse-lhe que o

conselheiro se gabava de ter dinheiro para comprar o morgado e toda a

freguezia.

O morgado, sob estas e analogas instigações, praguejava e jurava

despejar na urna ministerial o suffragio da sua freguezia.

Assim, pois, todas as probabilidades eram a favor do candidato do

governo, homem desconhecido d'este povo, o qual tambem era desconhecido

para elle, um empregado de secretaria, que nunca saira de Lisboa e que

era o primeiro a rir-se do campanario obscuro de que se propunha a ser

representante; creatura dos ministros, que o desejavam eleger a todo o

custo, por terem n'elle um voto complacente e um parlamentar de boa

feição.

Logo pela manhã do domingo, marcado para a grande solemnidade civil, o

adro da igreja parochial apresentava uma animação fóra do costume.

Grupos formados aqui e alli conferenciavam, entreolhando-se com

desconfiança, ou correspondendo-se por signaes de intelligencia,

conforme pertenciam á mesma ou a opposta parcialidade. Os agentes

eleitoraes, os influentes dos dois campos acercavam-se d'este, apertavam

a mão áquelle, segredavam com um, batiam no hombro a outro, discutiam

com um terceiro, e, sempre que era possivel, distribuiam listas ao maior

numero.

O brazileiro era a alma do partido governamental. O Tapadas capitaneava

a phalange do conselheiro. Pertunhas falava com todos, esfregando as

mãos e sorrindo. O regedor passeiava com importancia por entre os

grupos, recommendava ordem e respeito ás auctoridades, e dava de olho

aos cabos, seus subordinados, para que se não esquecessem de cumprir as

instrucções recebidas, votando no candidato ministerial.

Approximava-se a hora, e principiavam os trabalhos para a constituição

da mesa. O parocho, o administrador e o regedor foram occupar o seu

logar. Ficou presidente o brazileiro, e o resto da mesa formou-se

d'entre as duas parcialidades.

Emquanto se organisavam assim os trabalhos, eram discutidas no adro as

probabilidades da victoria.

N'um dos grupos formados, junto da porta da igreja, por os partidarios

do brazileiro, dizia-se:

--Vencemos por uma maioria de mais de duzentos votos; verão!

--Só a freguezia de Pinchões enche-nos ahi a urna.

--E estará bem seguro o morgado?

--O sr. Joãozinho!? Ora! Está de ferro e fogo contra o conselheiro.

--Pois se te parece! Depois d'aquelles mimos que lhe fizeram na taberna,

e do que d'elle se tem dicto no Mosteiro!...

--Não é só por isso. Elle já estava do nosso lado, desde que soube

tinham deitado abaixo a casa do herbanario, e que o pobre homem estava

succumbido de todo.

--É verdade! ahi temos mais um a votar contra o conselheiro d'esta vez.

--Quem? O Vicente? Esse sim. Então não sabes que o pobre velho já se não

levanta da cama?

--Ai, não?

--Andava já muito fraco e doente; mas ha tres dias, sobretudo, tem ido

de peor a peor, e com uma pressa, que, segundo ouvi dizer, aquillo está

por pouco tempo: nem deita a semana fóra.

--Coitado!

--Ahi vem quem ainda hoje o viu. Não é verdade, sr. Pertunhas?

--O quê, meus amigos, o quê? o que é que é verdade? o que é que

dizem?--perguntou o mestre de latim, esfregando sempre as mãos.

--Não é verdade que o Vicente herbanario está a ajustar contas?

--Oh! pobre de Christo! Aquillo corta o coração! Sempre eu digo que uma

crueldade assim, como a do conselheiro!

--Muitos do povo d'aqui veem votar contra o conselheiro, só por causa do

mal que fez áquelle santo velho.

--E com razão.

--E então para quê? senhores, para quê?--continuava Pertunhas.--Para

fazer uma estrada em que se gastam rios de dinheiro, e que a final não

presta! Pois eu passei por a casa do herbanario ha pouco, quero dizer,

por a casa do Augusto, que é onde vive agora o Vicente. O rapaz estava á

porta. Então, sr. Augusto, disse-lhe eu, á urna! vamos á urna! Elle

encolheu os hombros como quem diz: «bem me importa a mim com isso.»

--Ahi está outro, que tambem não é pelo conselheiro.

--Por que não? Pois não é elle todo do Mosteiro?

--Foi, foi--replicou o Pertunhas.--Então vmc.^ê não sabe que o

conselheiro, depois de lhe fazer a fineza de lhe arranjar a demissão,

inda por cima o poz fóra de casa, porque pelos modos o rapaz... fez

publicar umas certas cartas... que compromettiam o homem? A falar

verdade, tambem não foi bonito.

--Fez elle muito bem.

--Mas, como eu dizia, puzemo-nos a falar, e eu estava-lhe dizendo que o

povo o vingaria da affronta que lhe fizera o conselheiro, porque ia dar

a este um cheque de que elle se havia de lembrar toda a vida; quando o

Vicente, que me ouvia de dentro, chamou-me e mandou-me entrar. Foi então

que eu o vi... Parecia-me outro!... Imaginem vossês, outro tanto de

magro e outro tanto de velho... Mettia dó! Poz-se a perguntar-me muitas

coisas, o que havia, o que não havia, por quem estava este, por quem

estava aquelle... Eu disse-lhe tudo; que o conselheiro, por mais que

fizesse, já não podia vencer; que não arranjaria os votos precisos para

cobrir a freguezia de Pinchões. O velho ficou admirado quando eu lhe

disse que o sr. Joãozinho era dos nossos. E lá o deixei a remoer a

noticia. Ao menos resta-me a consolação de lhe ter adoçado com ella os

ultimos momentos.

N'este ponto da conversa viram passar por elles Henrique, que ia ter com

um agente eleitoral, a suggerir-lhe uma ideia para vencer não sei que

eleitor recalcitrante.

--Ahi anda este--disse um dos do grupo, seguindo-o com a vista.--Era bem

feito que lhe dessem outra lição, como a da taberna do Canada.

--Ordem, ordem e prudencia!--disse o Pertunhas.--É preciso manter a

liberdade da urna, senhores, e as garantias constitucionaes!

--Mas que tem este senhor com as nossas eleições?

--Quem o manda metter-se cá n'estas coisas?

--Ora é boa! Então não sabem que elle casa no Mosteiro?--disse o

Pertunhas, que andava sempre informado das vidas alheias.

--Sim?!

--É verdade. Ha pouco, quando eu estava falando com o Augusto, veio a

nós o José Barbeiro, que nos deu essa novidade, que lh'a dissera o

Manoel da Quinta, que a ouvira á Gertrudes, criada do Mosteiro.

--Casa com a morgadinha, já se sabe?

--Pois vêdes! não que a bolada convida! A mim logo me farejou isso,

quando vi chegar esse figurão cá á terra. Mas querem vossês saber uma

coisa engraçada?... Pareceu-me que o Augustito do doutor não gostou da

novidade.

--Não? Então por quê?!

--Vi-o fazer-se de mil côres quando a ouviu... Pois ter-se-lhe-ha

mettido na cabeça... Hein?!

--Tinha graça. Mas olha o milagre!...

--Ah! ah!... Este mundo é muito divertido!

N'isto saiu a correr da igreja um influente politico, e principiou a

olhar para todos os lados, como procurando alguem.

--Que temos nós lá, ó sr. Luiz?--perguntou-lhe o Pertunhas.

--Onde diabo estão os de Pinchões?--perguntou o interpellado.

-Inda não vieram.

--Diabos os levem! Vae-se principiar a chamada, e elles não apparecem. O

morgado é homem para se esquecer a catar os cães.

--Mas vamos nós principiando, e no emtanto elles virão--disse o

Pertunhas, que fôra nomeado para revezador do secretario da mesa.

--Mas a primeira freguezia que vota é justamente a d'elle. O sr. Seabra

está como uma bicha!

E, dizendo isto, o homem voltou para dentro.

A mesa eleitoral, instituida no meio da igreja, com grande escandalo do

beaterio, que pela voz dos padres chamava áquillo artes do demonio, ia

principiar a funccionar. O conselheiro, que viera mais tarde, de

proposito para não formar parte da mesa, requereu, com o relogio na mão,

que se abrisse a urna aos eleitores, visto ser a hora marcada no edital.

Este requerimento, simples e justo como era, suscitou discussão.

O brazileiro allegou que, sendo os de Pinchões os primeiros a votar, em

virtude do artigo 62.^o do decreto eleitoral, que manda votar primeiro a

freguezia mais distante, e não estando na assembléa ninguem d'aquella

freguezia, convinha esperar.

O conselheiro insistiu, dizendo que a lei não mandava esperar por os

eleitores, mas apenas indicava a ordem da chamada, e que portanto

votassem os presentes, e que na segunda chamada, ou nas duas horas de

espera, votariam os ausentes que depois viessem.

Esta questão não se resolveu de prompto. Trocados alguns alvitres, lida

a lei, discutidos os artigos d'ella, consultados os recenseamentos e

mappas, pedidos esclarecimentos ao regedor, ao administrador, e ao

parocho, é que se approvou a proposta do conselheiro e principiou a

chamada.

A freguezia de Pinchões faltou em pêso.

O brazileiro estava perturbado; olhava para a porta, olhava para a lista

dos recenseados, olhava para os amigos, olhava para os adversarios, e

sobretudo para o conselheiro, em cuja insistencia em principiar a

votação julgou descobrir cavillação. Na urna não tinha entrado uma só

lista. Pregoou-se o ultimo nome dos eleitores de Pinchões. Ninguem

ainda!

Passou-se a outra freguezia.

O brazileiro já não estava em si.

Os primeiros votos recolhidos mal os pôde introduzir na urna, de trémulo

e sobresaltado que estava.

O homem suppunha que lhe tinha sido roubada á ultima hora uma freguezia

inteira. Não estava muito longe de acreditar que os agentes do

conselheiro a haviam arrasado completamente.

A freguezia que se seguia na votação era uma das que se conservavam

fieis ao conselheiro, circumstancia que augmentava a indisposição do

Seabra.

A votação ia, porém, correndo, interrompida apenas por algumas

questiunculas sobre a identidade de um ou de outro eleitor e sobre a

regularidade d'esta ou d'aquella lista, graças aos futeis pretextos de

que os contendores lançavam mão para disputarem, voto a voto, o

suffragio popular.

Ia adeantada a votação, quando correu na igreja uma voz, que veio

infundir alento no animo desfallecido do brazileiro.

-Veem ahi os de Pinchões!... Ahi estão os de Pinchões... Ahi vem o sr.

Joãozinho e toda a sua gente!--dizia-se de toda a parte.

Esta nova passou de bôca em bôca, a ponto de produzir um sussurro na

assembléa.

Muitos sairam para ir receber ao adro os annunciados.

Chegára de facto alli o sr. Joãozinho das Perdizes, á frente da sua

freguezia.

Leitor, se tens, como eu, esperança e sincera fé no systema

representativo, perdôa-me o obrigar-te a assistir a uma scena que faz

subir a côr ao rosto de quem, como nós, abençôa os sacrificios por cujo

preço nossos paes nos compraram a nobre regalia de intervir, como povo,

na governação do Estado, as franquias que nos emanciparam da caprichosa

tutela de um homem, revestido de direitos impiamente chamados divinos,

contra os quaes o instincto e a razão igualmente se revoltam. A scena,

porém, humilhante como é, não envolve a minima censura á excellencia do

systema; mas apenas aos que nos quarenta annos que elle quasi tem de

vida entre nós, não souberam ou não quizeram ainda fazer comprehender ao

povo toda a grandeza da augusta missão que lhe cabe executar.

Depois das nossas luctas civis, já muitas creanças se fizeram homens; se

a escola fôsse entre nós o que devia ser, já haveria sobra de eleitores

com perfeita consciencia dos seus direitos civis.

O atrazo e ignorancia d'elles, contristando, sómente devem impellir os

homens de intenções sinceras e puras a applicar os esforços de

intelligencia e de acção para ministrar com a educação a moralidade, e

para acordar a consciencia d'esta entidade social.

Era o sr. Joãozinho das Perdizes á frente da sua freguezia, disse eu.

E é justamente este o espectaculo humilhante de que falava.

Tendes visto um guardador de cabras á frente do seu rebanho, conduzindo

com acenos e assobios todas as barbudas cabeças d'aquelle regimento

quadrupede? Pois vistes o mais perfeito simile da scena que se

presenciava agora no adro da igreja matriz.

O povo, o povo soberano, que n'aquelle dia tinha nas mãos o sceptro da

sua soberania, não era menos docil do que os irracionaes que recordamos.

O dia em que devia mostrar-se orgulhoso, era quando mais se humilhava;

quando podia dispôr dos destinos dos seus senhores, era quando mais

vergava a cabeça sob o pêso que estes lhe assentavam.

Não é similhante esta fôrça inconsciente do povo á do boi robusto e

válido, que uma creança dirige e subjuga? Forte como elle, como elle

docil, como elle laborioso, como elle util, não vê que a mesma fôrça que

emprega no trabalho lhe poderia servir para repellir o jugo. Ou quando o

vê, é quando o desespero e a furia o cegam e o impellem a revoltas

tremendas.

Mas o povo de Pinchões, o povo do sr. Joãozinho, estava muito longe

d'esses excessos.

O morgado vinha, como já disse, á frente.

A barba por fazer, as melenas despenteadas, o lenço do pescoço sôlto,

sem botões o collarinho da camisa, com as mãos mettidas no cós das

ceroulas, o chicote no bolso da jaqueta de pelles, as botas enlameadas

até o joelho, a ponta do cigarro ao canto da bôca, o palito atraz da

orelha, o chapéo sobre o occiput, dois galgos adeante de si, e o

inseparavel Cosme quasi \_à latere\_. Entrou no adro com ares

triumphantes, sorrindo e piscando os olhos para os seus amigos e

partidarios, como para lhes fazer notar a numerosa procissão que o

seguia e a docilidade dos membros d'ella.

Atraz vinham os eleitores de Pinchões, velhos e moços, ricos e pobres,

mas todos com o olhar timido e estupido, todos com movimentos enleados,

todos com os olhos no caudilho, para saber o que deviam fazer. Se elle

parava a cumprimentar um amigo, paravam todos com elle; a direcção que

tomava, tomavam-n'a todos a um tempo; apressavam ou demoravam o passo,

segundo a velocidade que elle dava aos seus; se ria, sorriam; se

praguejava, tudo ficava sério. O cortejo parou á porta da igreja.

O morgado passou revista á sua tropa, á qual deu instrucções.

Os homens, com os cabellos para deante dos olhos, os braços estendidos e

a cabeça baixa, não ousavam fazer um movimento, e conservaram-se

enfileirados até nova ordem do sr. Joãozinho.

Pareciam envergonhados de serem precisos a alguem.

No bolso de cada um d'estes homens havia um oitavo de papel almaço

dobrado, no qual estava escripto um nome; o nome de um homem que elles

nem sabiam se existia no mundo. No momento devido, cada um d'elles,

chamado pela voz do escrutinador eleitoral, responderia: «presente»;

approximar-se-ia da urna, entregaria ao presidente da mesa aquelle

papel, e retirar-se-ia satisfeito, como se descarregado de um pêso que o

opprimia.

Se lhes perguntassem o que tinham feito, qual o alcance d'aquelle acto

que acabavam de executar, não saberiam dizel-o; se lhes perguntassem o

nome do eleito para advogado dos seus interesses e defensor das suas

liberdades, a mesma ignorancia; se lhes propuzessem a resignação do

direito de votar, acceitariam com jubilo; se, finalmente, lhes dissessem

que n'aquelle dia estavam nas suas mãos e dos seus pares os destinos do

paiz, abririam os olhos de espantados, ou sorririam com a desconfiança

propria dos ignorantes.

Innocente povo!

Querem-te assim os ambiciosos, a quem serves de cómmodo degrau.

Quando disseram ao sr. Joãozinho que já tinha passado a sua vez de

votar, o homem rompeu pela igreja dentro, berrando, bracejando,

ameaçando céos e terra, sem attender a quantos lhe clamavam que tinha de

se proceder a nova chamada, e que portanto socegasse.

O Cosme seguia-o, prompto a ser executor de suas justiças.

Custou a serenar o morgado, e não o fez senão depois de duas pragas

contra as pessoas dos senhores da mesa, pragas que razões politicas

fizeram engulir ao brazileiro, sem nem sequer lhe tirarem dos labios o

sorriso com que saudára a vinda do morgado.

Caindo em si, o sr. Joãozinho deu ordem á sua gente para que entrasse

para a igreja, e ahi a enfileirou a um dos lados d'ella, promptos á

primeira voz.

A chamada proseguia, e a votação não ia já muito favoravel ao

conselheiro, a julgar pelos indicios, que não escapam aos olhos

amestrados dos mirones.

O brazileiro exultava comsigo mesmo, principalmente quando, por sobre as

cabeças dos que se agrupavam em volta da urna, divisava as phalanges do

morgado, compactas e decididas.

O conselheiro ainda tentou uma investida com o sr. Joãozinho, indo

cumprimental-o affavelmente; este, porém, grunhiu-lhe um monosyllabo

sêcco, e voltou-lhe as costas, envolvido n'uma nuvem de parciaes do

brazileiro.

Era caso desesperado.

Passára já a votar a ultima freguezia, que era justamente aquella onde

estava constituida a unica assembléa de que se compunha o circulo

eleitoral, e onde o leitor tem passado commigo todo o tempo que dura a

nossa narração.

Foi então que votou o conselheiro e os outros conhecidos nossos, entre

os quaes o Zé P'reira.

Com este deu-se um episodio comico, que merece menção.

O brazileiro ao receber a lista que elle lhe offerecia, sabendo-o

parcial do conselheiro, recusou-a, allegando que estava marcada, o que

era contra a expressa determinação do artigo 61.^o, § unico, da lei

eleitoral.

Sabidas as contas, a supposta marca era de natureza de que seria quasi

impossivel isentar papel ou objecto qualquer saido das mãos do Zé

P'reira. Era uma nódoa de vinho.

Discutiu-se, ainda assim, se a nódoa era marca ou não era marca, e se

lhe deviam ser applicadas as disposições do § unico do artigo 61.^o.

A discussão intrincada foi cortada por o Zé P'reira, que disse com a

maior candura:

--Se essa está suja, sr. Tapadas, eu tenho aqui mais d'aquellas que

vocemecê me deu.

O proprio conselheiro desatou a rir.

O brazileiro resmungou:

--Então ha suborno aos eleitores? Como se entende isso?

-Ora, não bula na chaga, senão temos muito que ouvir--disse o Tapadas, e

accrescentou:--ande para deante; deite a sua lista, sr. Zé.

Os governamentaes, que iam de cima, mostraram-se tolerantes, e a lista

caiu na urna.

Estava a findar a primeira chamada.

Já se liam os ultimos nomes, segundo a ordem alphabetica.

A gente de Pinchões, á voz do sr. Joãozinho, apromptava-se para breve

entrar em acção na segunda chamada, que ia principiar.

Faltavam uns doze nomes, quando muito, e dos ultimos era o do

herbanario, cuja inicial era um V.

Até alli a victoria podia ainda talvez questionar-se, porque a

actividade do Tapadas tinha expremido as freguezias, que lhe eram

affectas, até deitarem o ultimo eleitor; velhos, doentes, mancos e

paralyticos fôram transportados em cadeiras e em padiolas até a urna

para votarem. Mas a freguezia de Pinchões ia abafar a eleição

inevitavelmente.

O conselheiro perdeu as esperanças, e o proprio Tapadas sentiu-se

desfallecer. O brazileiro estava vermelho e febril de contentamento.

O escrutinador chamou finalmente pelo herbanario.

--Vicente Rodrigues da Fragosa--disse elle, preparando-se já para voltar

o caderno.

--Adeante. Esse vae votar a uma assembléa mais longe--disseram alguns.

E ia-se proceder a segunda chamada, quando se ouviu do fundo da igreja

uma voz trémula, mas sonora ainda, responder:

--Presente.

Voltaram-se todos ao escutar aquella palavra.

Adeantava-se lentamente, pallido, curvado, acabrunhado como nunca, o

velho herbanario, a quem o braço de Augusto servia de apoio.

Dir-se-ia um cadaver resuscitado do tumulo.

Com as faces pallidas, o olhar amortecido, os passos incertos, o

herbanario adeantava-se e trazia já de longe o braço estendido,

segurando a lista que vinha lançar na urna.

Apoderou-se de todos os circumstantes um sentimento quasi de pavor,

perante aquella figura anciã e alquebrada, que se dissera erguida do

tumulo para responder á voz que a evocára. Todos se lhe afastavam do

caminho com respeito, senão com supersticioso terror.

Fez-se alli dentro o maior silencio, silencio só interrompido pelo som

dos passos arrastados do Vicente sobre o lagêdo da igreja.

O conselheiro não pôde mais desviar os olhos do vulto venerando do

herbanario; n'aquelle velho, que fôra seu companheiro de infancia,

parecia-lhe estar vendo agora um severo accusador da sua insensibilidade

politica, a personificação de um remorso pungente, a primeira apparição

de um espectro, que devia perseguil-o no futuro.

Todos os da mesa se levantaram instinctivamente, e, immoveis, viam

approximar-se o velho eleitor, que já suppunham á borda da sepultura.

Aquella assembléa, erguendo-se silenciosa e reverente, á chegada de um

pobre velho, trémulo e enfermo, que seguia apoiado ao braço de um

pallido mancebo, tinha uma apparencia profundamente solemne.

O morgado das Perdizes, devéras affeiçoado ao herbanario, não teve mão

em si, ao vêl-o assim doente e enfraquecido, que lhe não viesse ao

encontro, dizendo commovido:

--Ó tio Vicente! pois n'esse estado?!...

O velho fez um gesto energico para afastal-o de si.

--Arreda-te!--disse com severidade--deixa-me, serpente, que mordes a mão

do teu bemfeitor! Não me appareças, que não quero ter-te na ideia,

quando estiver a expirar!

O morgado ficou transido de espanto e de consternação ao ouvir estas

palavras.

--Ó tio Vicente!...--exclamou, ajuntando as mãos--pois eu que lhe fiz?

--Cala-te. Deixa-me passar, quero, como homem d'esta terra, protestar

contra a iniquidade que tu e os teus praticam hoje, apedrejando aquelle

a quem deveis tudo. Vendei-vos como cães, e ficae-vos com esse remorso:

eu não o quero para mim.

E, caminhando para a urna, parou defronte d'el-la, fitou o brazileiro,

que não pôde sustentar-lhe o olhar com firmeza, e disse-lhe:

--Ahi tem o voto do herbanario, sr. presidente.

O brazileiro recebeu-lhe a lista, e introduzia-a na urna.

Então o herbanario, cada vez mais anciado, correu os olhos pela

assembléa a procurar alguem. Viu o conselheiro que não ousava

approximar-se, olhou-o algum tempo com uma expressão singular e no fim

estendeu-lhe a mão. O conselheiro apertou-a nas suas, commovido.

--Manoel,--disse-lhe o velho em voz sumida--não me cegava tanto o

resentimento, que te negasse esta justiça. Eu era ainda teu amigo.

--E sel-o-has sempre, Vicente.

--Sempre que o seja... por pouco tempo será--respondeu o velho, sorrindo

tristemente.

--Que dizes?... Mas... que tens tu, Vicente? Que sentes?

--Tio Vicente!... exclamaram tambem Augusto, o morgado das Perdizes, e

outros mais.

A physionomia do herbanario transtornára-se assustadoramente; parecia

luctar energicamente para falar ainda, mas a voz embargava-se-lhe na

garganta.

--Já não posso...--murmurou elle.--Queria dizer-te...

E apontando para Augusto, e olhando para o conselheiro, disse-lhe ainda:

--Era... d'este... Elle é... elle está...

Os braços de Augusto, do conselheiro e do morgado das Perdizes,

ampararam-lhe o corpo que ia a cair por terra.

Foi nos braços dos tres que expirou o herbanario, porque estava devéras

morto, quando o fôram a erguer.

O alvoroço foi geral na igreja. Todos a abandonaram, correndo para o

adro, para onde foi levado o velho, a vêr se era possivel reanimal-o.

Todos, á excepção do brazileiro, que ficou a vigiar a urna, e de um

agente do Tapadas, que ficou a vigiar o brazileiro.

Os soccorros prestados ao herbanario fôram inuteis.

Todos se convenceram depressa de que era de facto um cadaver.

Os indifferentes voltaram a continuar a eleição.

Ia principiar a segunda chamada.

O morgado das Perdizes, impressionado devéras por a scena, andava

desconsolado por o adro, e só de má vontade entrou na igreja.

O conselheiro, Augusto e Henrique, e mais alguns homens do povo,

acharam-se sós junto do cadaver.

A commoção tirava a Augusto a frieza de animo para dar as ordens

precisas. Henrique tomou isso a seu cuidado. Houve assim um momento em

que o conselheiro esteve só com Augusto.

N'aquelle instante o coração do homem politico era superior ao

resentimento.

--Augusto--disse elle a meia voz--a morte não deixou este infeliz

completar a ultima recommendação, que parecia querer fazer-me. Eu

adivinhei-lhe porém o sentido, e para prova offereço-lhe a mão de amigo.

E, dizendo isto, estendia-lhe a mão.

Augusto não lhe correspondeu, e disse-lhe, ainda com a voz commovida:

--A mão que v. ex.^a me estende é a mão do homem que esquece e perdôa as

injurias, e eu não posso ser perdoado, porque me não julgo criminoso.

Desde que uma vez v. ex.^a formulou a accusação e se fez juiz, prefiro,

a ter de ser julgado sem provas, uma condemnação a uma absolvição. Fico

mais em paz com o meu orgulho.

A presença de alguns curiosos obrigou a interromper este curto dialogo.

Henrique voltou com os aprestes para a conducção do cadaver.

Augusto acompanhou a casa o herbanario.

O conselheiro, impressionado pelas ultimas scenas, sentia-se pouco

disposto a permanecer alli.

--Fique se quizer--disse elle para Henrique.--Não estou em estado de

receber á queima-roupa a noticia da minha derrota; haviam de attribuir a

mortificação que estou sentindo a essa causa, e eu não lhes quero dar

esse gôsto. Vou para casa; lá me levará a noticia, e não me dará grande

novidade. Adeus.

E, apertando a mão de Henrique, retirou-se para o Mosteiro.

Causou grande pesar alli a nova da morte do herbanario, e das varias

circumstancias que a acompanharam.

Não houve quem fôsse indifferente ao successo, que o conselheiro narrou

ainda sob a oppressiva influencia que elle lhe deixára.

A morgadinha absteve-se da menor allusão á causa que apressára o fim da

vida do herbanario, e evitou sempre que D. Victoria ou Christina

alludissem a ella tambem. Presentia que a consciencia do pae lh'o estava

exprobrando e por um delicado instincto abstinha-se de se applaudir das

suas previsões, infelizmente realisadas.

Passada a primeira commoção, que a lembrança d'aquella scena produzira,

o conselheiro principiou de novo a sentir pungente e vivo o despeito

pela derrota que se lhe preparava na urna.

Fazia o possivel por se mostrar indifferente a isso; mas a affectação

era demasiado transparente, para até nem D. Victoria se illudir.

Assim, por exemplo, dizia elle á filha:

--Ora vão realisar-se os teus votos, Lena; aqui me vaes ter a viver uma

vida patriarchal. Se queres que te diga a verdade, está-me a appetecer;

a vida politica ia-me cançando já.

Mas como dizia elle isto! Com que sorriso contrafeito, com que mal

simulada satisfação!

Pouco a pouco, porém, a impaciencia começou a apossar-se d'elle e nem

estas exterioridades lhe permittia já.

Áquella hora devia estar a proceder-se na assembléa ao apuramento de

votos.

Esta ideia lançava o conselheiro em um d'aquelles estados febris, que só

pode conceber quem já alguma vez soube o que é ter a sorte dependente de

uma votação, e aguardar a cada momento a noticia do resultado d'ella.

Devora-nos uma impaciencia insupportavel; tudo o que ouvimos nos

afflige; as conversas sobre assumptos indifferentes, irritam-nos; se nos

tentam alentar com esperanças, revoltamo-nos contra ellas; se procuram

preparar-nos para um desengano, prevenindo-o, repellimos com energia a

ideia d'elle. O silencio não nos é mais agradavel; as apprehensões

ganham corpo no meio d'elle; falam os presentimentos do mal. Tentamos

sorrir, gela-se-nos o sorriso nos labios. A quietação é-nos tão

intoleravel como o movimento. Anciamos sair da incerteza, e de cada

individuo que chega, trememos de saber a nova fatal. Vae mais longe o

effeito moral d'este estado do espirito; chegamos quasi a querer mal a

todos quantos estão assistindo n'aquelle momento á decisão lenta da

sorte. O nosso egoismo, exacerbado em taes momentos, irrita-se com a

ideia de que os nossos amigos tenham coração para assistir áquillo; e

comtudo não lhes perdoariamos se se retirassem. Sensações d'aquellas

exgotam mais vitalidade, em cada instante, do que annos de vida isenta

d'ellas.

O conselheiro luctava comsigo mesmo para dominar-se; procurava

preparar-se para receber o golpe, que bem podia dizer infallivel. Que

esperava elle! Não lhe era quasi possivel contar, um por um, os votos de

que dispunha? Não ficava, por mais alto que elevasse o cálculo, uma

grande maioria a esmagal-o? Tudo isto era assim, mas o convencimento

prévio recusava estabelecer-se-lhe no espirito, para lhe dar a

tranquillidade da certeza.

É um vivedouro sentimento o da esperança! Não succumbe senão perante um

desengano inevitavel. Por que lhe chamam verde, senão talvez por, como

as plantas exuberantes de seiva, resistir ás mutilações e renovar os

ramos cortados?

O conselheiro, dominado por todos estes tumultuosos pensamentos,

passeiava agitado na sala, olhando ás vezes para a janella, á espera de

vêr assomar ao portão do pateo um dos seus partidarios, cabisbaixo e

melancolico, e armando-se de coragem para lhe dar o desengano.

Apesar de todas as prevenções, o que é certo é que a nova, quando

viesse, feril-o-ia como imprevista.

Sempre assim succede.

No meio de um d'estes passeios agitados que dava em todas as direcções

por o meio da sala, ouviu-se a detonação de algumas duzias de foguetes.

O conselheiro parou e fez-se excessivamente pallido.

Os corações de Magdalena, de Christina, de D. Victoria e de Angelo

bateram precipitados.

A causa estava, emfim, decidida.

A girandola apregoava uma victoria, mas não proclamava o nome do

vencedor; porém, que dúvida podia haver a respeito d'elle?

O conselheiro sentiu fraquearem-lhe as pernas; sentou-se, e, com um

sorriso amargo, disse para a familia:

--Estou desautorado pelos meus antigos mandatarios!

--Quem sabe, mano? Ás vezes...

Isto principiava a dizer D. Victoria, para dizer alguma coisa, quando

Angelo que ficava mais proximo da janella, exclamou:

--Ahi vem um homem a correr a toda a pressa!

--A correr?!--disse o conselheiro, em quem esta simples noticia

infundira novo alento a todas as esperanças, e dissipára a sombra das

pesadas apprehensões; e caminhou pressuroso para a janella.

As senhoras seguiram-n'o alli.

O homem que Angelo vira de longe, divisava-se ainda por entre os

silvados de um atalho, que vinha dar á avenida da entrada do Mosteiro.

--Parece o Domingos, o criado do Tapadas...--disse o conselheiro,

affirmando-se.

--Mas que pressa elle traz!--notou D. Victoria.

--Já nos viu--disse Angelo.

--Lá acenou com o chapéo--exclamaram todos.

--Que quer elle dizer com aquelles signaes?--tornou o conselheiro,

nervoso.

--Querem vêr que é o que eu digo! Olhe que venceu, mano.

--Qual! É impossivel. Pois eu não sei como a votação correu? É

boa!--disse o conselheiro com certo tom irritado, como de quem não quer

que lhe descubram uma esperança.

Passou-se um pouco de tempo, em que o homem se perdeu de vista. Subia

n'aquelle momento a ladeira dos sovereiros.

Os olhos fitavam-se todos no portão do pateo á espera de o vêr surgir

alli. Mal se respirava.

--Eil-o--disseram instinctivamente todas as vozes, quando elle

appareceu.

--Viva! sr. conselheiro, viva!--bradou elle de lá, apesar de esfalfado.

O conselheiro teve quasi uma vertigem.

--Elle que diz?... Como pode...

Não o deixaram continuar as senhoras, que já o beijavam e abraçavam com

frenetico enthusiasmo.

Magdalena, a propria Magdalena, cujos mais ardentes votos eram vêr o pae

desistir da vida politica, deixava-se tomar pela febre do triumpho e

celebrava-o como se n'elle fundasse a sua felicidade. É que, na occasião

da lucta, não ha animo tão indifferente a estimulos, que não abrace um

partido; ao principio frouxamente talvez, mas a incerteza augmenta o

ardor com que se esposa a causa; os gêlos da indifferença fundem-se nos

momentos decisivos, e a anciedade que precede a victoria augmenta a

commoção que esta produz, se se realisa.

O conselheiro queria acalmar aquellas effusões, mas em vão bradava:

--Esperem! esperem! Deixem ouvir! Isto não pode ser... Ha engano...

Mas o animo feminino não entra facilmente na ordem, se chega alguma vez

a sair d'ella.

Só a entrada do mensageiro na sala, é que serenou o tumulto.

O conselheiro interrogou o.

--Então que dizes tu? Que vivas são esses?

--Digo que vencemos--respondeu o moço, usando ingenuamente o verbo na

primeira pessoa do plural.

--Estás a sonhar?

-O sr. Tapadas, o meu amo, foi quem me mandou aqui a toda a pressa para

lh'o dizer. Quando eu saí da igreja tinha vmc.^ê... tinha v. s.^a mais

cento e cinco votos do que o outro, e só havia na caixa uns trinta por

junto. No caminho ouvi a girandola...

--Mas é impossivel! Cem votos!... ahi ha engano. Não pode ser!

--Cento e cinco!

--Estás bem certo no que te disse teu amo?

--Ora se estou. E lá vi a cara do brazileiro. Mettia mêdo.

O conselheiro perdia-se em conjecturas. Agora parecia-lhe irrealisavel

aquillo que lhe annunciavam.

Não pôde mais tempo conter-se. Sobresaltado, ancioso, preparou-se para

ir por seus proprios olhos averiguar do facto.

Mas antes que o fizesse, uma onda popular, trazendo á frente a bandeira

nacional e a philarmonica da terra, invadia o pateo e atordoava os ares

com vivas, hymnos e foguetes. Á frente da musica estava radiante mestre

Pertunhas, embocando a trompa com mais arreganho que nunca!

O conselheiro chegou á janella, e então é que as acclamações fôram

estrondosas.

A desafinação da banda chegou a roçar pelo sublime.

O conselheiro agradeceu ao povo aquella manifestação.

Passados momentos entravam na sala Henrique, o Tapadas, e outros chefes

eleitoraes, e com elles o Pertunhas, sobraçando a trompa.

--Que quer dizer isto?--perguntou o conselheiro, abraçando-os.

--Cento e trinta e cinco votos a maior, sr. conselheiro, nem mais nem

menos--respondeu o Tapadas, rindo ás gargalhadas.

--Cento e trinta e cinco--repetiu o Pertunhas.

--Mas d'onde vieram!

--Ora essa é boa! De Pinchões.

--De Pinchões--repetiu o Pertunhas.

--Como?... Pois o morgado?...

--Votou comnosco como um homem. Ora pudéra!

--É verdade... votou... comnosco--dizia mestre Pertunhas.

--Mas não se viu ainda ha pouco...

--Que estavam com metralha inimiga?--concluiu o Tapadas.--Que tem lá

isso? Mas vão lá á igreja e verão as buxas que estão pelo chão. É um

destrôço! Parece a loja de um farrapeiro.

--Mas explica-me isso, Tapadas.

--Então não ouviu a rabecada que aquelle santo do herbanario, que inda

que não fôsse senão por isso deve estar assentadinho no Céo, deu ao

morgado? Pois aquillo lá resentiu o homem. E quando, depois do Vicente

expirar, elle voltou para a igreja, vinha a dizer: «Diabos me levem, que

se tivesse aqui listas á mão, havia de ensinar os tratantes que me

metteram n'esta dança». Vieram-me dizer isto, e eu que, para o que désse

e viesse, sempre levava um sortimento de listas, cheguei-me por a calada

ao morgado... Hein?... e metti-lh'as assim á cara. Hein!... Ora! Foi um

momento! Emquanto a mesa se senta e abre cadernos, sim, senhores, e se

põe tudo em ordem, estava armada a freguezia de Pinchões á nossa moda.

Agora se se queria rir, era vêr o brazileiro! Como elle encafuava para a

urna as listas que eu tinha trazido no bolso, e com que fogo! E eu a

vêl-o enterrar até ás orelhas e a fazer-me carrancudo! No fim então é

que fôram ellas, quando principiaram a apparecer as nossas listas ás

cargas cerradas. O homem enfiou! cuidei que lhe dava alguma coisa no

fim. Berrou, protestou... fez coisas do arco da velha. Agora chia contra

o morgado, e se o encontra é capaz de o comer... Para coroar a festa, á

girandola, que aqui o mestre Pertunhas tinha preparada para elles,

pegamos-lhe nós o fogo e, estourou que foi um gôsto!

E o Tapadas terminou com outra gargalhada.

O Pertunhas quiz protestar contra a accusação, mas o Tapadas voltou-lhe

as costas, dizendo:

--Ora adeus, meu amigo! O melhor é calar-se.

E elle seguiu o alvitre, limitando-se a dizer a meia voz para os que

estavam proximos:

--Este Tapadas tem cada graça!

Assim pois a victoria do conselheiro era devida ao herbanario.

Tinham-lhe falhado todos os seus cálculos politicos, transigira com

exigencias, nem sempre justas, o que de nada lhe servira, e salvára-o o

elemento que desprezava. Acontece ás vezes d'isto aos homens que muito

calculam.

As senhoras, que estavam sabendo de Henrique o succedido, renovaram as

suas demonstrações de alegria.

O conselheiro, porém, ficou preoccupado no meio das festas de familia e

das festas populares que se faziam no pateo.

XXXI

A morte do herbanario deu muito que falar na aldeia, não só pela

qualidade de homem que era aquelle, como pelas circumstancias, no meio

das quaes o facto succedêra.

O resultado da eleição, comquanto momentoso, não distraía do assumpto as

attenções; pois que, tendo sido successos simultaneos, associavam-se

naturalmente nas conversas e discussões, e um chamava o outro.

O herbanario não fôra colhido desprevenidamente pela morte; havia muito

tempo que fizera as suas disposições e por ellas legára a Augusto tudo

quanto possuia, isto é, alguns livros, entre os quaes a \_Polyanthea\_, e

o preço, quasi intacto, que recebêra pela casa expropriada.

Logo que estas disposições fôram sabidas, não faltou quem achasse

n'ellas a explicação da amizade desvelada com que Augusto sempre tratára

o velho, e do piedoso acatamento com que o recebêra em casa, assim que

da sua o expelliram.

Nós que, por um direito legitimo e inauferivel, podemos julgar a fundo

do caracter de Augusto, asseguramos que eram inexactos taes juizos.

É uma triste verdade esta da pouca ou nenhuma fé que se tem no

desinteresse dos outros!

Não ha explicação mais difficil de ser recebida do que a que se

fundamenta n'um sentimento nobre de abnegação ou de generosidade.

É preciso que duvidemos muito de nós mesmos, para assim desconfiarmos do

proximo. Porque a final o que é verdade é que a mais exacta e infallivel

sciencia do coração humano só se adquire pelo estudo do proprio coração:

esse é o unico que nos está bem patente. É por isso que as melhores

almas são de ordinario as mais crentes.

Um homem, a quem a desconfiança tenazmente escuda contra todas as

apparencias de virtude, ainda as mais insinuantes, tem já tão inquinado

o coração como suppõe o dos outros.

O enterro do herbanario verificou-se no dia seguinte ao da morte e foi

muito concorrido.

Fez-se no cemiterio, e, por expressa determinação do fallecido, em campa

rasa, e não no tumulo da familia do Mosteiro, como o conselheiro

desejára.

Tudo se passou sem o menor signal de opposição.

Não se explicam bem estas versatilidades da opinião publica. Uma medida

que hoje ateia uma revolução, ámanhã executa-se no meio do

indifferentismo geral, e sem apostolado prévio, sem providencias

repressivas, nem castigos. Mysterios das massas, que mais convem ao

legislador estudar, do que tentar destruil-os; offerecem a resistencia

das leis naturaes.

O conselheiro e toda a familia tomaram lucto como parentes do

herbanario, e receberam as visitas de pêsames, que em parte eram tambem

de parabens pelo exito do suffragio popular.

Ao fim da tarde em que se realisou a cerimonia funebre, quando soavam na

igreja matriz as badaladas das Avé-Marias, Augusto entrou no cemiterio,

já deserto, e approximou-se lentamente da sepultura, inda coberta de

pouco, como o denunciava a terra revolvida.

Elle, cujo coração era decerto o que a morte do herbanario mais

dolorosamente ferira, não recebêra pêsames de ninguem. Passára a tarde

só com o seu pensamento, o qual, como o leitor prevê, lhe não devia ser

muito jovial companheiro.

Quem observasse Augusto n'aquelle momento, seria decerto impressionado

pelo ar abatido, revelador de uma profunda prostração de animo, que lhe

quebrára as fôrças.

Que era feito d'aquella energia, com que se revoltára contra as

perseguições da sorte, e que lhe animára os primeiros passos para obter

a justificação devida ao bom credito do nome que lhe haviam legado sem

mancha? Vimol-o sair do Mosteiro resolvido a luctar, vimol-o repellir

nobremente as ironias de Henrique, vencel-o, obrigal-o a pedir-lhe

perdão; vimol-o recusar o auxilio que este já lhe offerecia, e

considerar-se moralmente obrigado a conquistar elle proprio as provas da

sua innocencia.

Que é feito d'essa energia?

O que é feito d'ella? leitor, talvez o teu coração te possa responder

por mim, se és uma d'essas victimas, para quem a sorte parece

personificada em um espirito malfazejo, que se compraz nos martyrios

lentos.

Quando, uns após outros, se repetem os golpes da adversidade, quando

todos os males parece cairem sobre uma existencia, como uma maldição de

Deus, é raro encontrar-se têmpera de alma tão rija que resista e não

ceda, quasi convencida, como o Jacob dos livros sagrados, de que lucta

com um poder superior.

A razão mais clara deixa-se tomar então da cegueira do fatalismo, e

eivado d'esta grave doença dissipa-se a fortaleza do espirito, como se

extinguem as fôrças do corpo, quando gira no sangue um veneno enervador.

Então encontra-se quasi um d'estes prazeres paradoxaes, a que é tão

sujeita a natureza humana; sente-se uma especie de gôso em succumbir sem

lucta. Experimenta-se, por assim dizer, o orgulho da extrema

infelicidade.

Em poucos dias Augusto conheceu as maiores provações da vida: a miseria

em perspectiva, a ingratidão, o insulto que avilta, a calumnia que

ennodôa, e o infortunio de um verdadeiro amigo. Repellira com dignidade

o insulto e a calumnia: sorrira á miseria e á ingratidão, e dera á

amizade as consolações que a amizade lhe inspirára.

Mas não desfallecêra com tudo isto.

Maior provação lhe estava reservada, porque ha maiores provações para a

alma humana, do que todas estas adversidades juntas. Apagae-lhe de

subito a estrella que a guiava; acordae-a do sonho em que se esquecia,

dormindo no meio de uma desencantada realidade; privae-a da ideia

querida, que havia muito concebêra, que comsigo vivia, que para si

guardava, ciosa dos olhares extranhos, e vêl-a-heis desnorteada,

perdida, louca, contorcer-se em desespero e succumbir.

Se resiste e sobrevive, se não desfallece, nem vacilla, é porque é de

essencia mais elevada do que a humana.

Ás vezes aquella ideia era tão irrealisavel, aquelle sonho tão

chimerico, que a pobre devia estar prevenida para o perder um dia, e

julgou que o estava.

Mas illudira-se. Se nos dermos de coração a uma chimera, se ella, nas

fórmas vagas e aereas que reveste, nos sorrir e namorar, em vão julgamos

têl-a por o que verdadeiramente é; ha sempre um ou outro momento em que

a acreditamos realisavel e até realisada.

E, ao convencermo-nos devéras da sua impossibilidade, sentimos a dor

profunda que nos causa a perda de um objecto querido.

Como certos deuses do paganismo, que nos seus amores com os mortaes

vestiam a fórma humana, assim o impossivel, quando nos apaixonamos

d'elle, apparece, para nos seduzir, sob a feição da realidade aos nossos

olhos namorados.

E ao revelar-se como impossivel, destróe o coração que o abraça, como

Jupiter sacrificou a imprudente Semele, ao apparecer-lhe em toda a sua

gloria de deus.

Qual fôsse a ideia constante, o pensamento recatado de Augusto,

sabem-n'o os leitores: era o amor de Magdalena. A natureza d'esta paixão

dizia elle conhecel-a. Não tinha outra aspiração além de existir, era

como o culto pela Virgem do Christianismo, era que se adora por adorar,

em que na mesma adoração se acha o premio do culto, em que o deixar-se

adorar é o mais que pode pedir-se ao objecto d'elle.

De tudo isto estava sinceramente convencido Augusto.

Mas por que foi que, desde os primeiros momentos em que viu Henrique,

sentiu quasi aversão para elle? por que foi que, amavel e bondoso para

com todos, só para com um desconhecido se mostrou frio e irritante? por

que foi emfim que, ao persuadir-se, por certos indicios, de que

Magdalena e Henrique se amavam, caiu no desalento, em que tantas causas

de infortunio o não tinham lançado ainda? Porque a verdade era que foi

este o golpe que o venceu.

Por quê? porque amava Magdalena, porque este amor não tinha nada

excepcional; era inconscientemente apprehensivo, ambicioso, devaneador e

ciumento, como todos os amores verdadeiros; porque era aquelle o seu

sonho mais querido, e desde que era obrigado a convencer-se de que não

passára de um sonho, não se sentia de animo para fitar a realidade;

porque era aquella a luz da sua alma, e ao vêl-a apagar, vacillou nas

trevas e parou. Desde que não avistava um alvo, não havia para elle

retrogradar nem progredir; era um movimento sem fim, que não valia mais

do que a quietação.

Esta fôra a causa do desalento de Augusto, que só então conheceu que se

illudira com o estado do seu coração, que o que em si se passava era o

verdadeiro amor.

Desde que teve de renunciar a elle, não fez mais um esforço para

justificar-se da calumnia que pesava sobre si. Sentia-se indifferente á

condemnação do mundo. Já nem lhe importava justificar-se para com

Magdalena; era quasi uma vingança, que tirava d'aquella por quem

soffria, obrigal-a a ser injusta.

E a sua consciencia quasi achava voluptuosidade n'isto!

O herbanario fôra victima da mesma illusão de Augusto, e concorrêra

involuntariamente para o levar a este estado moral.

Das explicações dadas por Magdalena na casa dos Cannaviaes, sabemos como

das meias palavras e meias revelações de Torquato, o herbanario

acreditára que a morgadinha combinára imprudentemente com Henrique uma

visita nocturna á quinta dos Cannaviaes. O velho, que suspeitára sempre

da natureza dos sentimentos de Henrique para com Magdalena, julgou vêr

n'aquillo a confirmação das suas suspeitas, e encontrando Magdalena,

reprehendeu-a, e, de irritado que estava, nem escutal-a quiz.

Voltando a casa, o velho lidou por muito tempo com a dúvida, se deveria

ou não revelar tudo a Augusto.

A noite cerrou de todo e deslizou com a lentidão de uma noite de

inverno, sem que elle tivesse resolvido o que faria. O dia seguinte

passou-o na mesma indecisão. Mas a inquietação do herbanario crescia;

desassocegava-o a ideia do perigo a que suppunha exposta Magdalena, cuja

confiança em Henrique a podia perder.

O herbanario continuava a desconfiar de Henrique.

Chegára a noite, aquella em que Torquato lhe dissera ter com uma das

meninas de visitar á meia noite, por causa de Henrique, a casa dos

Cannaviaes. O velho não pôde mais tempo conter-se e disse a Augusto,

depois de muito luctar comsigo:

--Não devo calar-me. É preciso coragem, meu filho. Arranca do coração a

loucura que lá tens ainda, embora o deixes em sangue, ou estás perdido.

Augusto estremeceu, olhando-o com sobresalto.

O velho proseguiu:

--Tu vaes sair para te desenganares por teus proprios olhos, e se o que

vires te não curar, se é sem remedio esse mal, ao menos sê generoso, e

acode e salva, se fôr possivel, quem, perdendo-te, se perde tambem.

E após estas palavras vagas, cujo mais claro sentido Augusto tremeu de

investigar, o velho mandou-o aos Cannaviaes, n'aquella mesma noite,

recommendando-lhe que fôsse preparado para receber uma grande dor.

Augusto seguiu as indicações do herbanario, e foi.

Era d'elle o vulto que fizera estremecer Magdalena, quando na noite da

piedosa devoção de Christina, a vimos chegar á janella dos Cannaviaes.

A morgadinha reconhecêra Augusto através das sombras nocturnas, e tivera

um presentimento do que significava a presença d'elle n'aquelle logar e

n'aquella occasião.

Por concentrada e discreta que fôsse a paixão de Augusto, não era um

mysterio para Magdalena.

A extranhar alguem esta penetração de vista não será decerto nenhuma das

minhas leitoras.

Magdalena adivinhára havia muito Augusto, e não lhe fôra difficil

explicar até a instinctiva hostilidade com que elle sempre acolhêra

Henrique.

Por isso, ao vêl-o alli, previu que pesava sôbre ella uma suspeita, que

era victima de uma illusão, e que as apparencias a podiam condemnar.

De feito Augusto chegára tarde aos Cannaviaes, porque só tarde o

herbanario vencêra a hesitação que experimentára ao dizer-lhe que fôsse.

Por isso só pôde reconhecer a voz e a figura da morgadinha e de Henrique

no curto dialogo, que entre os dois se trocára, quando vieram examinar á

janella o estado da noite.

As palavras que escutou prestavam-se a ser interpretadas de uma maneira

cruel para o seu coração. Assim as entendeu Augusto, e, sem mais querer

vêr nem ouvir, retirou-se como um louco.

Foi n'essa occasião que Magdalena o viu.

Quando voltou a casa, o herbanario que, ainda acordado, o esperava,

viu-o pallido, e com uma expressão singular no rosto.

--Então?--interrogou-o anciosamente o velho.

--Tinha razão, tio Vicente. Tem sido uma longa e má loucura a minha.

Verei se me curo d'ella.

E, sentando-se, encostou a cabeça ás mãos e permaneceu silencioso.

O velho não lhe perguntou o que se tinha passado.

D'ahi em deante foi em rapido progresso a prostração de animo em

Augusto.

A doença do herbanario que se exacerbou consideravelmente tambem, era o

unico motivo de uma fôrça ficticia que ainda o sustentava. Os seus

desvelos pelo enfermo tornavam-lhe todos os instantes.

A unica voz, echo da vida exterior que lhe chegava aos ouvidos, era a do

cirurgião que tratava do herbanario.

Falador por indole e por cálculo profissional, o facultativo contava á

cabeceira do leito as novidades do dia. Entre essas trouxe uma das que

mais vogavam, que era a de que Henrique casava no Mosteiro com a

morgadinha.

Um equivoco dizer do Torquato, na presença dos criados do mosteiro, uma

das meias discreções do velho, mais perigosas do que a propria

indiscreção originára esta versão.

Augusto escutou a nova sem que o gesto o trahisse: mas o herbanario, que

o fitou com olhos interrogadores, leu claro n'aquelle rosto impassivel.

No dia das eleições, o estado do velho Vicente era mais grave ainda. O

cirurgião prolongou a sua visita e falou da campanha eleitoral.

Assegurou que era certa a derrota do conselheiro, desde que contra elle

se manifestára o sr. Joãozinho das Perdizes.

O herbanario escutou-o com admiração e sobresalto.

Porque a verdade era que o herbanario sentia pelo conselheiro uma

predilecção que a tudo sobrevivia, que nada podia destruir. Similhava o

affecto que alguns paes sentem pelos filhos, de quem só teem recebido

desgostos, affecto que parece robustecer tanto mais, quantos mais

motivos ha para a esfriar.

Pouco depois mestre Pertunhas confirmou a noticia do facultativo.

Foi então que o herbanario, dominado por energia febril, quiz erguer-se

do leito, e, apoiado no braço de Augusto, que em vão tentou dissuadil-o,

se dirigiu á igreja para votar. O resultado sabem-n'o os leitores.

Todas estas causas, e a ultima, a morte do amigo, acabaram por quebrar o

alento a Augusto. Facil é, pois, de conceber qual o estado do seu

espirito ao entrar no cemiterio.

Oração ou meditação, por muito tempo durou aquelle tributo de saudade,

que o aspecto sombrio da tarde e a melancolia do logar e da hora mais

solemne faziam.

Passados alguns momentos, sentiu Augusto que alguem se approximava

d'elle. Voltou-se. Era o Cancella, que tambem viera rezar junto do

tumulo da filha.

Não era o Cancella já o mesmo robusto e alegre aldeão que vimos,

dominado pelo enthusiasmo, sobre o tablado rustico, representar com

applauso o tyranno perseguidor do Messias. Desde a morte da filha

parecia outro. Triste, avelhentado, emmagrecido, nem tinha fôrças para o

trabalho, nem coração para alegrias.

Dir-se-ia que a filha lhe partira com a alma, e que era um cadaver o que

se movia alli.

--Ah! logo vi que era o sr. Augusto--disse o pobre homem, estendendo a

mão, que Augusto apertou com affecto.--Só nós temos amigos aqui.

--É verdade, Cancella. Ou só nós, fóra d'aqui, não temos outros, pelos

quaes esqueçamos estes, que ahi dormem.

--Eu decerto que não! Está-me toda a alegria, está-me todo o coração

debaixo d'aquella pedra--disse o Herodes, apontando para o tumulo da

filha.--Com mais de quarenta annos, que nova vida se pode principiar?

--Ha quem aos vinte já não tenha coragem para principiar outra!

O Cancella olhou fixo para Augusto ao ouvir-lhe estas palavras.

--Fala de si, sr. Augusto?... Não tem razão. Que são as suas dores ao

lado da minha? Se ainda não experimentou o amor e as alegrias de pae,

como ha de imaginar a dor, que a morte de uma filha unica nos traz ao

coração?... A minha pobre Ermelinda!... Parece-me ainda impossivel o

têl-a perdido!... Queria a esse velho, sr. Augusto!... E com razão, que

era seu amigo e quasi um pae para si... mas não é sem remedio a sua

saudade, verá... A minha porém...

Augusto sorriu amargamente.

--Tu sabes lá, homem, o que eu tenho no coração?

N'isto chegou-lhes aos ouvidos um vozear distante, com um rumor de

acclamações e applausos. Eram os clamores dos grupos populares,

celebrando a victoria do conselheiro.

Os sons da trompa do mestre Pertunhas dominavam todos os mais.

--Uns riem, emquanto outros choram--disse o Cancella.--Ha alegria acolá.

E designou com o dedo o Mosteiro, cujos telhados se avistavam d'alli.

--Ha...--respondeu Augusto, pensativo.--Somos de mais n'esta terra, meu

pobre Cancella; nós, os infelizes.

--Por isso parto ámanhã.

--Partes?

--Se eu não posso viver aqui! Se tudo isto me está falando na filha!...

A cada passo estou á espera de vêl-a... É como se a todo o instante me

morresse. Vou para a cidade; dizem que estão engajando por lá

trabalhadores para o Brazil... Quero vêr se o trabalho me mata, antes

que o desgôsto me não tente a morrer de outra sorte.

--E dizes que partes ámanhã?

--De madrugada. Já tenho tudo prompto.

Augusto reflectiu por algum tempo.

--Far-te-hei companhia.

O Herodes olhou-o, admirado.

--O sr. Augusto?! Pois quer?...

--Quero que me batas á porta, quando passares.

--Mas que tenções são as suas, sr. Augusto?

--As mesmas talvez que as tuas. Não dizes,que queres vêr se o trabalho

te mata? Por que não hei de eu tentar o mesmo tambem?

--Mas... não lhe morreu uma filha.

--E cuidas tu que só um amor de filha nos pode prender á vida? que só a

morte de uma creança nos pode ferir no coração?...

O Herodes esteve algum tempo calado, com os olhos em Augusto; depois

disse, com hesitação ainda:

--Não é por certo a morte d'este santo velho que o faz falar assim, sr.

Augusto. Se quizesse desabafar commigo... talvez que lhe fizesse bem.

Bem vê que eu sou infeliz e... havia de entendel-o...

Augusto apertou-lhe a mão, commovido.

--Pobre amigo! Não, não me entenderias; porque não basta ser infeliz

para me entender. É necessario ter sido louco como eu fui.

--Louco?!...

--Sim, louco, meu bom Cancella, louco. Não te lembras d'aquelle

desgraçado do Pé do Monte, que se suppunha rei? Como ria n'aquelle

tempo! Um dia voltou-lhe o juizo, mas ficou tão triste até morrer, que

parece que tinha saudades da loucura! Talvez que lhe devesse os unicos

instantes de felicidade que sentiu na vida.

O Herodes já não comprehendia Augusto, o que lhe fez crêr que o não

entenderia se elle o tomasse por confidente.

Augusto mudou de tom, dizendo-lhe:

--Promettes passar por minha casa esta madrugada?

--Pois sempre quer?...

--Se não partir comtigo, partirei só.

--N'esse caso...

--Espero-te. Aonde vaes agora?

--Ao Mosteiro.

--Ah!... vaes ao Mosteiro?...

--Vou despedir-me d'aquella santa familia, que tão bem me tratou da

filha, e de Angelo, d'aquella alma de cherubim, que ainda se não

consolou tambem da morte da minha pobre Linda.

--Angelo?... É um nobre coração... Espera... Não quero partir sem lhe

dirigir algumas palavras... Devo-lh'as.

--Só a elle?

--Só elle m'as agradecerá.

E Augusto approximou-se do tumulo da mãe de Magdalena, e á frouxa

claridade d'aquella hora escreveu com um lapis em um quarto de papel

estas palavras:

«Angelo.--Escrevo-lhe sobre a pedra do tumulo, em que repousam sua

mãe e Ermelinda, duas imagens que serão sempre para o seu coração

rodeadas de todo o prestigio da saudade. Ouça-me, que em nome

d'ellas lhe falo. Dentro de algumas horas deixarei para sempre

estes sitios. Se as memorias da infancia me prendiam aqui, as

sombras de grandes soffrimentos as offuscaram. Parto quasi sem

custo. Não o tornando talvez a vêr, Angelo, tinha um dever a

cumprir para com a sua generosidade. Hão de ensinal-o a

desprezar-me, Angelo. O seu nobre instincto de creança

recusar-se-ha a isso ao principio talvez: mas a razão do

adolescente talvez venha a ser mais docil. Não podendo

justificar-me, deixe-me ao menos jurar-lhe que parto com a

consciencia tranquilla. Não é por mim que faço este protesto, é

para lhe evitar, se fôr possivel, a dúvida no caracter dos homens.

Para um coração, como eu lhe conheço, deve ser um martyrio. Os mais

que me condemnem; nem necessidade sinto já de me justificar. Parto

com um desalentado como eu. O que vou procurar não sei. Tudo

acceito com indifferença.--Seu amigo, \_Augusto\_.

Fechando a carta, entregou-a ao Cancella, e ajustando outra vez a hora a

que deviam encontrar-se, separaram-se.

O Cancella dirigiu-se para o Mosteiro e ainda a pensar nas palavras que

ouviu a Augusto, e sem que atinasse com os motivos d'aquelle desalento.

Não pôde, porém, chegar tão depressa ao Mosteiro como esperava;

distrahiu-o no caminho o seu compadre Zé P'reira.

A harmonia do par conjugal de que constituia a parte masculina o nosso

Zé P'reira, estava cada vez mais transtornada.

A beatice azedára o animo da sr.^a Catharina do Nascimento de S. João

Baptista.

A saida precipitada do missionario, que não se sentiu seguro na terra

depois da scena do cemiterio, e do desespero do Herodes, com quem elle

imaginava a cada passo esbarrar, rodeára aquelle santo varão do

prestigio dos martyres perseguidos; e as saudades por elle e devoção

pela sua memoria augmentaram consideravelmente na aldeia.

Se mal corria ha muito a casa e o governo domestico da familia Zé

P'reira, peor se tornou depois d'essa época.

A mulher passava todo o tempo em devoções na igreja. O marido,

desconsolado, procurava lenitivo na taberna.

Descuidou-se cada vez mais de trabalhar. A embriaguez era n'elle estado

habitual, e já menos inoffensiva e pacifica do que nos primeiros tempos.

A miseria ameaçava invadir aquelle lar, até alli remediado.

Tudo isto exacerbára a acrimonia das discussões conjugaes.

Marido e mulher fustigavam-se com os menos amaveis epithetos e

attribuiam-se reciprocamente as honras da ruina do casal.

De noite desencadeiava-se a tempestade domestica e cada vez mais

ameaçadora.

Um dia, o marido, excitado pelo vinho, foi mais além do que a sua

timidez habitual o permittira até alli, e a sr.^a Catharina soube, pela

primeira vez, que o osso de que ella era osso não tinha a brandura que

lhe suspeitava.

Deu-se uma scena escandalosa, em que interveio a vizinhança. D'ahi por

deante fôram frequentes iguaes espectaculos.

Na noite em que o Herodes o encontrou, o Zé P'reira, em completa

embriaguez, acabára de fazer sentir mais uma vez a sua mulher toda a

fôrça da auctoridade marital. Ella revoltou-se e abandonou os penates,

jurando que nunca mais voltaria a elles.

O pobre do homem andava agora perdido nas ruas á procura d'ella,

arrepellando-se, chorando, praguejando, que mettia dó. O Cancella

condoeu-se d'elle, e dando-lhe o braço, para lhe firmar os passos

cambaleantes, conduziu-o a casa, promettendo restituir-lhe a mulher

fugida.

E n'esta tarefa de reconciliação passou grande parte da noite,

conseguindo a final harmonisal-os, mas convencido de que não seria muito

duradoura a paz.

E tinha razão o Cancella em pensar assim. Ao lar domestico, onde uma vez

se passa uma scena d'aquellas, nunca mais volta o anjo da concordia.

O pobre do Zé P'reira estava condemnado a levar assim o resto da sua

vida de familia.

Esta occorrencia demorou o Herodes, que só tarde entrou no Mosteiro a

despedir-se da familia que tanto lhe estimára a filha.

XXXII

Augusto, ao voltar a casa, sentiu que estava inevitavelmente votada á

insomnia aquella noite, a ultima que devia passar na aldeia, não porque

os preparativos da jornada lhe impedissem o repouso, mas a lucta de

tantos pensamentos e paixões encontradas, decerto lhe disputaria o

espirito.

Partir é já uma palavra, que quasi nunca se pronuncia com indifferença;

partir para não voltar é uma ideia afflictiva, que mais violenta

commoção desafia; partir sem esperanças no futuro... poucas torturas de

alma se podem comparar a esta!

Experimentava-a Augusto.

Era quasi uma resolução de suicida a sua. Nenhuma ambição tivera poder

sobre elle para o arrancar d'alli; tivera-o o desespero.

A cada momento, elle proprio surprehendia-se immovel, abstracto, com os

olhos fitos na chamma da véla, com a cabeça entre as mãos, sem saber em

que pensava, sem consciencia de si.

A noite estava socegada, e apenas o som monótono de uma fonte proxima

interrompia o silencio d'aquellas horas adeantadas.

Augusto abria um livro, mas lia como por certo o leitor sabe que se

costuma ler em situações identicas.

Levantava-se para fazer os aprestes da jornada, mas havia em todos os

seus movimentos uma indecisão, uma falta de consciencia, que não deixava

dúvidas sobre o estado do animo que os regia.

Como que a todo o momento estava esquecendo a que fim convergiam as suas

acções; e no meio do cumprimento de uma tenção, perdia a consciencia

d'ella.

Parava defronte de um livro, como se irresoluto em saber se o levaria

comsigo; mas cêdo afastava-o de si com enfado.

Examinou depois os papeis e as cartas; queimou tudo. Vestigios de

passados devaneios, effusão de uma alma sensivel, fructos da juventude e

da solidão, a que a primeira inspirára o enthusiasmo, e a segunda a

melancolia, tudo consumiu; com certo prazer amargo via atear-se a

chamma, desapparecerem as lettras, reduzir-se tudo a cinzas.

Respeitou apenas as cartas de Angelo, que releu commovido. Falava-se em

algumas de Magdalena. O sobresalto do seu coração, ao ler aquelle nome,

era então mais violento que nunca.

N'estas pesquizas veio-lhe ás mãos um pequeno masso, que pertencêra ao

herbanario.

Ia para as queimar tambem, quando a inscripção, que viu por fóra da

cinta que as enfeixava, o fez hesitar.

Liam-se estas palavras:--\_Cartas de Magdalena\_.

Cartas de Magdalena! Este nome tinha no animo de Augusto o valor de uma

tentação.

Cartas de Magdalena! Era quasi ouvil-a falar, prazer a que já tinha

renunciado; era entrar em communhão de pensamentos com ella, e infeliz

de quem não concebe a casta voluptuosidade d'este gôso.

Mas ao mesmo tempo hesitava.

Pertencia-lhe tambem aquelle legado? Não seria um abuso lel-as? Devia

antes queimal-as, mas... eram cartas de Magdalena. E depois, que mal

poderia vir da indiscreção? Não tinha elle um coração que não devia

abrir-se mais a ninguem? Encerrar alli qualquer segredo era encerral-o

quasi em um tumulo.

E que segredos podiam ser os de Magdalena e Vicente?

De que se poderia tratar alli, a não ser de algum affectuoso cumprimento

da morgadinha ao velho, que sempre tratára com intima familiaridade, ou

algumas meigas reprehensões por a sua porfiada ausencia do Mosteiro?

Augusto recordava-se até do velho lhe ter falado na indole d'estas

cartas.

Nas vesperas de renunciar para sempre á felicidade, devia-se perdoar a

tentação.

Abriu-as.

Não ia muito adeantado na leitura, quando já todos os signaes de

hesitação cediam o logar aos da mais irreprimivel avidez. E terminada a

primeira, abriu, leu ou devorou outra, e após outra e outra, até a

ultima; da ultima voltava de novo á primeira, e cada vez mais profunda

commoção parecia dominal-o.

Transcreveremos algumas d'aquellas cartas, para o leitor julgar de

todas.

Dizia uma:

«Meu bom amigo.--Hontem, depois que nos separámos, recebi de Lisboa

a encommenda que esperava. O Angelo não se esqueceu. Mando-lh'a,

para que mais uma vez faça de feiticeiro, \_adivinhando\_ os gostos

do seu amigo.

«Afianço-lhe que vae acertar com os desejos d'elle. Ha tempos que o

vejo, emquanto espera na sala por os pequenos, procurar de

preferencia na estante os livros de historia franceza. Custa-me a

perdoar-lhe os attractivos que tem para elle a Revolução, mas emfim

seja feita a sua vontade. Escuso de lhe recommendar discreção. E,

quando nos virmos, peço-lhe que me não torne a falar nos laços em

que diz que eu estou a prender o coração. Mette-me mêdo.--Sua

amiga, \_Lena\_.»

Esta era uma das mais remotas em data. Outras diziam:

«Meu amigo.--Hontem separámo-nos de tão mau humor, que hoje acordei

com remorsos, e não pude socegar emquanto lhe não escrevi para lhe

pedir perdão. Espero que perdoará a este rebelde genio que tenho.

«Mas tambem para que me está sempre a ralhar? Não se assuste pelo

meu coração; o maior perigo que o tio Vicente receia para elle,

faz-me sorrir.--É o de me apaixonar?--Então que tinha? Não sonhe

com nuvens, e vá representando o seu papel de \_adivinho\_, que é uma

generosa acção que pratica.--Sua arrependida inimiga, \_Lena\_.»

«Meu bom tio.--Ahi vão uns livros, de que eu não entendo nada.

Augusto falou d'elles ao filho do administrador, que veio de

Coimbra. Conheci n'elle desejos de possuil-os. Tomei nota. O Angelo

remetteu-m'os hontem. Para Augusto não desconfiar, finja atraiçoar

um pouco o mysterio, e fale no filho do administrador. Do mais, já

nada digo.»

A de mais recente data dizia apenas:

«Tio Vicente.--Pensei no que me disse do estado do coração do

seu... do nosso amigo. Parece-me que exaggera. Mas, se fôsse

verdade, podia tranquillisar-se. Eu lhe afianço que d'ahi nunca

para elle virá a infelicidade. No entretanto, discreção por

ora.--Sua affeiçoada sobrinha, \_Magdalena\_.»

Por a amostra, que lhe damos, o leitor não deve estranhar que estas

cartas estivessem causando a Augusto o effeito que dissemos.

Cada uma era uma revelação.

Augusto vivera sem o saber, sob a influencia benefica da morgadinha;

d'ella lhe viera pois grande parte da instrucção que recebera, alli, na

solidão d'aquella aldeia!

O mysterio dos presentes do herbanario, a que tão diversas explicações

dera, esclarecia-se emfim. Havia-os attribuido a Angelo; suspeitára,

pelo menos, que era a elle que o herbanario se dirigia para escolher os

livros.

Nunca, porém, se lembrára de Magdalena; agora, que sabia de que origem

provinham, beijava-os, como sagradas reliquias, venerava-os com

expansões de verdadeira idolatria. Já não tinha coração para se separar

d'elles.

Nas cartas em que Magdalena se referia, mais ou menos jovialmente, aos

cuidados que parecia dar ao herbanario esta sympathia manifesta d'ella

por Augusto, não havia para elle menor encanto. Pelo que tantas vezes

lhe dissera o herbanario, conjecturava de que natureza deviam ser as

reflexões a que Magdalena alludia.

O velho Vicente estava, por assim dizer, no meio d'aquelles dois

corações, estudando-os a ambos, receiando por ambos, lidando por

extinguir n'um e n'outro a sympathia que via crescer e que ameaçava

degenerar em paixão. Toda a sua intervenção consistia em fazer com que

elles se não revelassem; era o meio isolador que impedia que se ateasse

o incendio. Nas suas mãos paravam os dois fios da corrente, só elle a

interrompia.

Esta situação do herbanario era para elle causa de grandes iuctas.

Amando Augusto com sentimento paterno, tinha ambições por o amigo; e, ás

vezes, movido d'ellas, sentia-se tentado a favorecer aquella paixão. Por

outro lado, não estimava menos Magdalena, e prevendo as resistencias e

repugnancias com que ella teria a luctar, e os tormentos a soffrer,

hesitava e desejava poder abafar no coração dos dois os germens de

pesares futuros.

Tivemos occasião de o vêr sob estas diversos impressões. Umas vezes

reprehendendo Augusto, outras quasi deixando-lhe entrever esperanças. A

chegada de Henrique de Souzellas e os successos subsequentes despertaram

no velho uma especie de ciume, e fizeram-n'o mais ardente partidario de

Augusto.

Tudo isto estava agora transparecendo ao espirito de Augusto.

Beijou as cartas da morgadinha, releu-as, apertou-as ao coração, e tão

enlevado estava pelo perfume do affecto que rescendia de todas, que nem

se lembrava já da hora proxima da partida do motivo que a originára.

Motivo que era o desmentido da sua illusão.

Mas esta ideia amarga acudiu a final, e a impressão que produziu foi

dolorosa. Pela primeira vez, n'aquella noite lhe vieram as lagrimas aos

olhos, a fronte pendeu-lhe, quasi desfallecida, sobre os braços, e assim

permaneceu por muito tempo.

Depois levantou a cabeça n'um impeto de desesperação, exclamando:

--Para que me haviam de vir á mão estas cartas? Que espirito diabolico

se compraz de martyrisar-me assim? Saber que um anjo me acompanhava com

a sua vista protectora só quando elle me vae deixar para sempre! E dizia

ella que me não podia vir o infortunio d'aqui!... Não contava com as

mudanças do proprio coração.

Na vidraça da sala terrea, em que se achava Augusto, soaram algumas

leves e rapidas pancadas que o fizeram estremecer.

--O Cancella já?... É pois certo que vou partir?

Levantou-se para abrir, e os passos vacillavam-lhe como os do condemnado

ao caminhar para o supplicio.

Chegára o momento de romper com todas as esperanças.

--Estou prompto--disse elle, abrindo a porta e voltando para dentro, sem

reparar em quem entrava; e poz-se a reunir e a ordenar os papeis que

tinha dispersos na mesa.

--Cuidei que era mais cêdo--continuou elle.--Distrahi-me a ler umas

cartas que estive a pôr em ordem, e o tempo correu. Vamos lá, meu pobre

amigo, deixemos esta terra para os venturosos.

E, dizendo isto, desviou o olhar para o sitio onde julgava que devia

estar o Herodes; mas, em vez d'elle, achou deante de si Angelo e

Magdalena, que, parados no meio da sala, o fitavam com melancolico

sorriso.

Augusto estremeceu, soltando um grito de surpresa, e com o olhar fito em

Magdalena, ficou por bastante tempo n'essa muda contemplação.

Magdalena foi a primeira que falou.

--Admira-se de nos vêr aqui?--disse ella.--Que ha de mais natural?

Angelo recebeu a sua carta e mostrou-m'a. Tivemos ambos o mesmo

pensamento; viemos para dizer-lhe... pelo menos o adeus que lhe

deviamos... visto que vae partir.

E havia n'estas palavras de Magdalena um mal pronunciado tom de

recriminação, que feriu Augusto.

--E é certo que quer partir?--perguntou Angelo.

--Sim... parto...--respondeu Augusto, perturbado.

--Mas por quê? Que significa essa resolução? Lena contou-me ha pouco

tudo. Eu nada sabia. Disse-me que o offenderam com uma suspeita infame,

e em nossa casa! Mas, já resolvemos; ámanhã, eu e Lena, havemos de

falar, havemos de conseguir...

--Não, Angelo. É inutil. Deixe-me com o meu destino. É a elle que eu

obedeço.

--Não fala verdade,--acudiu a morgadinha--diga que obedece á sua

phantasia, e commette uma ingratidão.

Á palavra «ingratidão», Augusto não pôde reprimir um sorriso de

amargura.

--Uma ingratidão, sim--repetiu Magdalena, respondendo com firmeza e

serenidade áquelle sorriso.--Ha dias, depois de uma scena dolorosa para

todos nós, quando saía do Mosteiro subjugado por uma mysteriosa e cruel

fatalidade, encontrou alguem no limiar da porta, que lhe pediu que não

partisse sem se despedir... de quem através de tudo, o acreditaria

innocente. E para esta pessoa não houve uma só palavra na carta de

despedida que mandou a meu irmão! E escreveu-a sobre o tumulo de minha

mãe!

Estas palavras fôram ditas com tão sentida commoção, que Augusto esteve

quasi a lançar-se-lhe aos pés, para pedir perdão; reteve-se, porém, e

respondeu turbamente:

--Porém, minha senhora, por essa occasião eu jurei tambem á pessoa de

quem fala, e a quem serei sempre grato, que não procuraria tornar a

vêl-a, nem falar-lhe antes de me poder mostrar aos olhos de todos digno

da sua generosa confiança.

--Foi isso que jurou, ou antes que não procuraria ser visto?--perguntou

Magdalena, sorrindo.--Veja qual d'esses juramentos será mais em harmonia

com os seus actos.

A lembrança da excursão nocturna aos Cannaviaes, para espiar Magdalena,

tirou a Augusto o animo de responder.

Magdalena comprehendeu aquelle embaraço, e não insistiu.

--Mas supponhamos que assim foi; visto isso, parte para buscar as provas

da sua justificação?

--Não, minha senhora, parto, porque desisto d'ella. Basta-me estar

justificado para com a consciencia.

--Não tem direito para o fazer. Uma alma, que é nobre, deve homenagem a

si propria. Resignar-se á suspeita, é como um suicidio moral.

--Justamente, minha senhora; e não concebe que haja casos em que o

suicidio seja natural?

--Meu Deus, Augusto--exclamou Angelo--como eu o estranho! o que o levou

a esse desespero?

A morgadinha sorria, ao responder ao irmão:

--É uma febre que passa, verás. Quer que lhe fale com franqueza, sr.

Augusto? Tenho um secreto presentimento a dizer-me que, apesar d'essa

descrença, apesar d'essa carta, e apesar de estar por minutos o momento

da partida, não só não partirá, mas até ha de tomar parte na nossa

primeira festa de familia, a do proximo casamento de Christina.

Estas ultimas palavras fizeram impressão em Augusto, que

instinctivamente repetiu:

--Do proximo casamento de Christina?!

--Pois não sabia que Christina vae casar?-perguntou Magdalena com a

maior naturalidade, mas fitando os olhos em Augusto.--É verdade, o sr.

Henrique de Souzellas teve pressa de legitimar o titulo de primos, com

que arbitrariamente nos tratavamos.

Augusto olhou para Magdalena, com indefinivel expressão, dizendo:

--Quê?... pois é com Christina... pois Henrique vae casar com...

Só depois de lhe romperem dos labios estas palavras, é que, reconhecendo

a indiscreção da sua surpresa, accrescentou com mal simulada

indifferença:

--Ah! não sabia!

--Devéras? Pois não tinha ouvido falar d'este casamento? Oh... querem

vêr que suppunha tambem que era eu a que me casava?... Digo isto, porque

o Cancella tambem estava na mesma crença. Parece que correu essa voz na

aldeia. Estes boatos!... E acham logo quem se fie n'elles!

E, mudando de inflexão, proseguiu:

--São dois noivos exemplares, Henrique e Christina, perdidos um por o

outro. Christina, com a sua timidez, exerce um forte imperio sobre

aquelle incorrigivel da capital. Mas para isso foi preciso encontral-o

doente. Tenho orgulho de ser eu a primeira a legitimar, de alguma

maneira, aquella sympathia. Fôram singulares as circumstancias em que

isto se effectuou. Eu lhe conto. Foi de noite, e noite de chuva, na

capella-mór da minha propriedade dos Cannaviaes, onde Christina fôra

rezar, pela saude de Henrique, as estações da meia noite; onde Henrique

foi para seguir e observar Christina, e onde eu fui, com a Brizida, para

os vigiar a ambos e preparar-lhes o futuro; intervenção algum tanto

perigosa, porque podia haver quem me seguisse a mim com menos generosas

intenções de que as de qualquer dos tres, e que, ao vêr-me em tão

extraordinario sitio, a taes horas, não me concedesse a confiança

precisa para acreditar, através de tudo, na minha innocencia.

A allusão era clara, e mais clara a fazia a inflexão com que foi

pronunciada.

Augusto curvou a cabeça e murmurou:

--Tem razão, algum miseravel.

--Ou algum infeliz--corrigiu delicadamente Magdalena.--Os infelizes são

tambem sujeitos a perderem a fé. Mas quem lhes pode levar a mal isso?

Houve alguns instantes de silencio, no fim dos quaes a morgadinha disse

mais jovialmente:

--Mas afiancei ha pouco que não partiria. Acaso me enganei?

Augusto, como o leitor concebe decerto, já não tinha animo nem razão

para dizer que partia. Calou-se.

Angelo, a cuja prompta intelligencia não tinha ficado latente o

verdadeiro sentido d'este dialogo, graças tambem ao conhecimento que

elle tinha, havia muito, do coração de sua irmã e do de Augusto,

respondeu por elle:

--Não te enganaste, não, Lena. Tambem eu já digo que Augusto não

partirá.

E Augusto sem protestar!

Magdalena tornou-se de subito mais séria e grave do que até alli, e a

mesma gravidade tinha na voz, quando de novo se dirigiu ao irmão,

dizendo:

--Para vir aqui, pedi o auxilio do teu braço de creanca, Angelo, como se

fôra o de um homem. Deixa-me considerar-te por mais algum tempo ainda da

mesma maneira, emquanto não termino a minha missão. Ha pouco, depois que

me leste a carta, que a ti tinha sido dirigida, perguntaste-me: «Que

tencionas fazer?» Não é assim?

--Foi, e tu respondeste-me o que eu esperava. Pediste-me que te

acompanhasse aqui.

--Has de já ter percebido que o pensamento que me obrigou a este passo,

que não sei se me deverão censurar, creio até que devem, que esse

pensamento não está cumprido ainda.

--Vejo que não.

--Pois é deante de ti, Angelo, que considero como um homem, como um bom

conselheiro, é deante de ti, como seria deante de quem quer que ahi

estivesse em teu logar a ouvir-me, que eu vou concluir o meu pensamento.

E voltando-se para Augusto, Magdalena accrescentou com firmeza, que só

um demasiado rubor trahiria, se a luz fôsse bastante para o denunciar:

--Augusto, está pobre, sem familia, sem amigos, e, para ultima provação,

até as traições e as suspeitas lhe não pouparam o nome honrado que

herdou. Essa posição dá-lhe direitos que eu sei comprehender, creia. É

uma especie de nobreza, de que se não pode exigir humilhação alguma. Por

isso, sem hesitar, com toda a lealdade, vim aqui em companhia de Angelo

para estender-lhe a mão e dizer-lhe que se, como tenho razão para crer,

as sympathias de uma alma que ha muito o comprehende, Augusto, se essas

sympathias podem bastar ás aspirações da sua, se, para ganhar coragem,

os meus affectos lhe podem servir, conte com o auxilio da minha alma...

e dos meus affectos. É deante de ti, que faço esta confissão, Angelo.

Terás que me ralhar por causa d'ella?

Ao ouvir aquellas palavras, Augusto esqueceu toda a hesitação, e tomando

entre as suas a mão que Magdalena lhe estendia, cobriu-a de beijos

apaixonados.

Magdalena não teve pressa de retiral-a.

Angelo veio tambem beijar as faces da irmã. Era assim que respondia á

pergunta d'ella.

Pobres creanças! Porque a final eram creanças todos tres, creanças a

quem ainda os romances namoram, sem que se lembrem de que, ao

transplantal-os para a vida real, todos os desconhecem e censuram, e só

regando-os de lagrimas é que as mais das vezes se consegue nutril-os.

O olhar de Augusto radiava já com o vivo fulgor da alegria.

--Obrigado, Magdalena, deu-me a vida com essas palavras generosas.

Deixe-me adoral-a, anjo, anjo libertador! Comprehendo os deveres que

tenho a cumprir. Hei de ter fôrça para conquistar as provas da minha

innocencia. Preciso agora d'ellas; hei de obtel-as, e depois...

Aqui reteve-se de subito, e uma nuvem de tristeza toldou-lhe de novo o

rosto.

Magdalena, como se o comprehendesse, concluiu:

--E depois sou eu quem tem o direito de exigir que não pare. Bem vê que,

depois do passo que dei, se algum escrupulo ou orgulho pesasse no seu

coração, Augusto, seria uma dolorosa offensa que me fazia. Acceitou a

mão, que eu com lealdade lhe offereci; a lealdade obriga-o agora a

seguir o caminho do Mosteiro.

Depois de alguns instantes de reflexão, Augusto respondeu outra vez com

firmeza:

--Tem razão, Magdalena. Terei coragem para cumprir o meu dever.

Escusado é dizer que o Herodes teve de partir só.

O bom homem ficou espantado ao encontrar em casa de Augusto tão

inesperada companhia, mas não lhe foi difficil, depois do que viu e

ouviu, conjecturar qual a natureza dos motivos que tinham feito mudar de

resolução o seu companheiro de jornada.

Partiu, desejando todas as felicidades aos seus amigos.

Estes não conseguiram dissuadil-o de partir.

Não havia já estimulo para arrancar aquelle coração ao desalento.

Magdalena e Angelo voltaram ao Mosteiro.

O resto da noite de Augusto passou sob a influencia de tão violentas

paixões, que desisto de descrevel-as.

XXXIII

Na manhã do dia seguinte estava toda a familia de Magdalena, na qual

incluimos já D. Dorothéa e Henrique, reunida em uma das salas do

Mosteiro.

As duas primas, Magdalena e Christina, trabalhavam em costura; Angelo e

Henrique jogavam o xadrez; D. Dorothéa e D. Victoria conversavam a

respeito do preço de umas meadas de linho, que esta tinha dado a córar,

e da pessima qualidade do fiado, effeito evidente, segundo D. Victoria,

das criadas que tinha, que nem para fiar serviam. O conselheiro

examinava distrahido varios memoriaes e cartas de empenho, que recebera,

já a pedir empregos e graças em paga dos serviços eleitoraes, ás vezes

hypotheticos.

A cada passo, porém, Magdalena suspendia o trabalho, para olhar para a

porta da sala, principalmente quando nos immediatos aposentos se

escutava algum rumor; ou trocava olhares com Angelo, que não com menor

frequencia os desviava das pedras do taboleiro para encontrar os da

irmã.

Henrique tambem, de quando em quando, tinha que perguntar a Christina, e

esta, para lhe responder, julgava-se obrigada tambem a afastar os olhos

da costura.

D. Victoria e D. Dorothéa não era raro metterem-se na conversa dos

outros, d'onde facil transição achavam logo para voltarem aos seus

assumptos favoritos: meadas e criados.

O conselheiro interrompia a cada momento a leitura com bocejos, ou fazia

notar alguma mais exorbitante pretensão de tantas que examinava.

Era evidente que todas aquellas cabeças estavam pouco preoccupadas com

os assumptos apparentes das suas cogitações.

--Ó Lena!--dizia Christina, que pela terceira vez chamava a prima, sem

conseguir ser ouvida--que tens tu esta manhã? Que distracções são essas,

que não respondes quando te chamam?

--Pois falaste-me?

--É o que eu digo! Ó menina, ha que seculos te estou eu a perguntar em

que tempo é que as laranjeiras teem flor?

--Ah! Christe!--acudiu o conselheiro do lado, sorrindo.--Esse pensamento

é linguareiro; ficamos todos sabendo aquillo em que tens estado a

scismar.

Christina córou intensamente, ao perceber o sentido das palavras do

conselheiro, e tentou defender-se, dizendo:

--Ora, não era isso, tio. Eu perguntava, porque...

--Socega, quando o véo estiver prompto, a laranjeira não nos faltará com

ramos e flores.

--Não, mano--disse D. Victoria--olhe que se não trata de vêr o que é que

está dando nas laranjeiras, dentro em pouco não ha uma só na quinta. Que

tambem para serem comidas as laranjas pelos criados... Porque quasi que

são só para elles. Não que não faz ideia!...

E continuou com D. Dorothéa a narração dos abusos de que os criados eram

culpados.

D'ahi a momentos foi o conselheiro o primeiro a falar.

--Esta é galante!--disse elle, examinando uns papeis e rindo.--Ora ouça

isto, Henrique. Aqui está um homem que deseja que eu lhe empregue nada

menos do que sete sobrinhos que tem. Sete! É uma geração como a de

Jacob; se estivessemos na côrte de Pharaó!...

--Se se satisfizessem cada um com uma pasta?... Era um ministerio

completo--disse Henrique.

--Oh! oh!--disse o conselheiro, passados alguns momentos.--Cá está o meu

amigo Pertunhas, teimando com o logar de recebedor.

--Pois o maroto ainda se atreve?

--E que despeza de estylo que faz! É uma ode congratulatoria em prosa.

N'estas entremeadas conversas e dialogos curtos e interrompidos

passou-se o tempo até a chegada do correio, successo que marca época

n'uma manhã passada na aldeia.

N'aquelle dia sobretudo eram esperadas com ancia as cartas e os

periodicos, que deviam trazer noticias do resultado das eleições dos

differentes circulos do paiz.

O conselheiro já por tres vezes consultára o relogio, extranhando que o

correio se demorasse.

Emfim, chegou. O conselheiro poz de lado os memoriaes e requerimentos;

Henrique deu subito desfecho ao jôgo com um lanço absurdo, e ambos se

precipitaram sobre os periodicos e cartas; Angelo veio encostar-se ao

espaldar da cadeira de Henrique.

O conselheiro principiou por ler uma carta.

Henrique rompeu a cinta do primeiro periodico.

--Oh! oh!--disse o conselheiro, logo ás primeiras linhas que leu.--Temos

crise ministerial. As eleições fôram pouco favoraveis ao governo;

perderam-se em quasi toda a parte!

--Assim tambem se deprehende do estylo em que vem escripto este artigo

de fundo--disse Henrique.

--Dizem-me n'esta carta que já se fala em que o ministerio vae pedir a

sua demissão.

--Este artigo allude apenas a uma reconstrucção do gabinete.

-«O governo--proseguiu o conselheiro, lendo,--nem espera pela

constituição da camara e cáe por estes dias, infallivelmente. Quando

vossê receber esta, já talvez elle pertença aos livros findos.»

--«Diz-se que ha para esta noite conselho de ministros para resolver

sobre qual o seu procedimento, visto a indole provavel na futura

camara»--lia Henrique no periodico, que logo em seguida pôz de lado,

para consultar outro.

--«Não imagina--continuava o conselheiro, lendo a carta--o movimento de

ambições que vae já por aqui». Ora se não imagino!

--Um numero do \_Suffragio Nacional\_!--exclamou Henrique, abrindo segundo

periodico.--Provavelmente é alguma amabilidade que lhe dirigem, sr.

conselheiro; elles que lh'o mandam!

--Sim, decerto. Como da outra vez. Veja lá,--disse o conselheiro,

sorrindo--aos moribundos tudo se perdôa.

Henrique correu a vista pela folha, para saber o que motivára a remessa

d'ella para o Mosteiro, onde não costumava vir.

--Ah! temos correspondencia cá da terra!--exclamou por fim.

--Deve ser isso. Já tardava. É communicado do Seabra. Leia, que são

curiosos. O homem a apreciar as eleições de domingo deve ser soberbo.

Isso não se pode perder. Leia, leia.

--Assigna-se \_um eleitor indignado\_.

--Justo. É o estylo do homem. Vamos lá a vêr isso.

Henrique principiou a ler em voz alta o communicado do brazileiro.

A peça litteraria, de precioso lavor, em que o sr. Seabra contava ao

mundo os factos eleitoraes da sua terra, muito desejaria eu

transcrevel-a aqui, se, pela sua extensão, não tomasse demasiado espaço,

e se, pela sua unidade e estreita ligação logica, se não subtrahisse á

menor tentativa de fragmentação.

Aquelle communicado era indivisivel.

Apesar d'esta forçada omissão, espero que os leitores farão a justiça de

suppôr o escripto digno do distincto economista, que ouvimos discursar

com tanta proficiencia na taberna do Canada.

O homem escrevia recheado de indignação pela serie de illegalidades,

escandalos, subornos e pressões de todo o genero, de que, dizia elle,

fôra theatro aquella pacifica aldeia do Minho.

Em \_linguagem chã e rude\_ ia tornar patente, accrescentava, aos olhos de

todos uma \_pestifera chaga do organismo social\_. \_Sophismára-se a urna e

calcára-se aos pés a Carta\_. As phrases em italico são d'elle. Depois de

um exordio por esta afinação, em que fazia a conveniente razão de ordem,

entrava o homem na materia. Era um modêlo de impertinente bisbilhotice o

escripto; desfiava-se alli a vida de todos os eleitores com uma

minuciosidade esmagadora.

Contava-se como o compadre de Fulano dissera isto e aquillo ao sobrinho

de Sicrano, e como tal individuo fizera e acontecera; e como tal disse

que havia de fazer, e não fez; e como aquelle nem disse nem fez; e como

aquell'outro dissera e fizera, e assim por deante. Um dos mais

maltratados era o sr. Joãozinho das Perdizes. Dizia o auctor da

correspondencia que o morgado se tinha vendido por vinho; que exercera

pressão sobre os eleitores da sua freguezia; que era homem de pessimos

costumes e moral depravada; jogador, bulhento, beberrão cheio de

dividas, amigo de malfeitores, \_et coetera\_.

O conselheiro e Henrique seguiam a leitura com gargalhadas.

O communicado passava depois a occupar-se com o mestre Pertunhas.

O brazileiro não lhe perdoára a pressa com que este celebrára a victoria

do conselheiro, á frente da philarmonica que regia.

Por vingança chamava-lhe todos os nomes injuriosos, que a raiva lhe

suggeria, inclusivé o de estafador de trompa, e fechava por estas

memoraveis palavras:

«Para levar á evidencia o caracter infame e intriguista d'este

sevandija, basta que diga que foi elle que, poucos dias antes, subtrahiu

de uma pasta aquella celebre carta politica, que tanto deu que falar no

paiz. E este homem exerce o cargo de administrador do correio. \_Proh

pudor!\_»

Como o leitor imagina, esta parte da correspondencia produziu sensação

no auditorio.

Logo que Henrique concluiu a leitura, saiu de quasi todas as bôcas uma

exclamação de surpresa ou de alegria.

--Como é?... como é?...--perguntou o conselheiro.--Diz que...?

--É o mysterio que se explica--respondeu Henrique.--A traição

encarrega-se de a si propria se desmascarar.

--Então foi o Pertunhas?!... Mas... diz-se que tirou a carta de uma

pasta!

--Era a de Augusto.

--Mas como estava ella ahi?

--Lá isso sei eu como foi,--disse D. Victoria--fui eu que, por engano,

lh'a tinha dado junta com outras para elle escolher alguma para a

leitura dos pequenos.

Christina celebrou a descoberta, beijando com effusão a morgadinha, e

dizia:

--Venceste, Lena! agora está bem provada a innocencia d'elle, até para

os que mais duvidavam!

--E quem não duvidaria?--acudiu o conselheiro, como para se desculpar da

desconfiança.

--Quem o conhecesse bem, meu pae--respondeu Magdalena, a quem a commoção

recebida dava animação ao olhar e ao semblante.--Eu e Angelo, por

exemplo.

--E então eu?--accrescentou Christina.--Eu não entro na conta?

Esta reclamação valeu-lhe da parte da prima a paga do beijo que

recebera.

--Olhem o pobre rapaz!--dizia D. Victoria, sinceramente consternada.--E

eu que o tratei tão mal! Bem me dizia elle: «Não tenha pressa de dizer

nada a seus filhos, minha senhora, não lhes ensine a duvidar de um homem

que elles se costumaram a amar e a respeitar.» E o caso é que eu, desde

que lhe ouvi dizer aquillo, de um modo tão sério e triste, fiquei

resentida, e não disse nada ás creanças, que todos os dias me

perguntavam ainda por elle.

--Mas...--dizia D. Dorothéa, deveras embaraçada--eu não sei ainda bem do

que se trata. Pois suspeitavam de Augusto?... Mas o quê?...

--Ó tia Dorothéa--atalhou Henrique--por quem é, não insista na pergunta.

Depois que se sabe que uma suspeita é falsa, não ha nada que mais

escalde os labios do que obrigal-a de novo a passar por elles.

--Tens razão, menino. E que precisão tenho eu de saber uma coisa que não

é verdadeira? Mas na verdade! Suspeitaram de Augusto! Ah! Henrique,

está-me a parecer que tambem tu tens esse peccado a pesar-te na

consciencia. Ora anda lá.

--Não, tia. Ha muito que lhe faço justiça. Ao principio não digo que

não. Mas durou pouco tempo e já estava arrependido. Augusto convenceu-me

pela maneira com que me falou, convenceu-me sem provas: e até se, em

expiação, me não puz em campo a auxilial-o a justificar-se, é porque

elle exigiu que me abstivesse d'isso, e depois, o meu desastre... quero

dizer--emendou, olhando para Christina--a felicidade que me procurou sob

a fórma de doença...

Christina pagou-lhe com um sorriso o galanteio.

O conselheiro, que ficára pensativo depois das primeiras reflexões que

lhe ouvimos fazer, disse, suspirando:

--Estou sentindo verdadeiros remorsos pelo mal que por certo causei

áquelle rapaz com as minhas suspeitas. Mas que havia eu de fazer? As

apparencias eram-lhe contrarias!... E depois, n'esta vida de politica,

apprende-se tanto e tão depressa a duvidar! É sorte minha! Homens, a

quem eu estimava devéras, fôram exactamente os que mais fiz padecer!

Senão, vejam: o herbanario, meu companheiro de infancia, e que sempre me

teve amizade, apesar das apparencias rudes de que a revestia,

dispuzeram-se as coisas de modo que o privei da casa em que nasceu e

talvez lhe apressasse com isso a morte... E elle, coitado, vingou-se

nobremente; mas vingou-se, porque nunca mais me sairá da ideia aquella

scena da igreja. Augusto, um rapaz que conheci pequeno, e já então de

viva intelligencia e de sentimentos nobres... pois tudo se conspirou

para o perder, e não só o privei do modesto logar que elle exercia, mas

até levantei contra elle uma accusação infamante, e quasi o expulsei de

minha casa... É triste que a vida politica me tenha obrigado a estas

crueldades! Preciso de compensar de alguma sorte o mal que fiz. De que

maneira lhes parece melhor?

--Eu se fôsse--disse D. Dorothéa--fazia como a morgada, e o rapaz, em

vez de vir a ser só padre havia de se formar em Coimbra, como o reitor

de Friande...

--Isso era se elle quizesse ser padre;--acudiu D. Victoria--mas

parece-me que não quer. Nada, nada, eu o que fazia era demittir aquelle

velhaco do Pertunhas, e dava a este o logar de mestre de latim, e

arranjava que ficasse tambem com o correio. Ora anda, já que o outro foi

tratante!...

O conselheiro sorriu ao expediente da cunhada, e não pôde deixar de

dizer:

--N'esse caso deixava só ao Pertunhas a regencia da philarmonica? E tu,

Lena, qual é a tua opinião?

Magdalena respondeu sem vacillar:

--A minha opinião é que o pae deve ir a casa de Augusto, pedir-lhe

humildemente perdão pela offensa que lhe fez.

--Mas involuntaria--ponderou o conselheiro, em tom de despeito, que não

pôde bem disfarçar.

--Mas offensa--repetiu Magdalena, sem que o sorriso dissipasse

totalmente a fôrça da expressão.

--É um pouco dura de cumprir a sentença, sobretudo esse adverbio

humildemente... Não lhe parece?--perguntou o conselheiro, voltando-se

para Henrique.

--Eu tinha vontade de dizer tambem a minha opinião--respondeu

Henrique;--mas receio certos melindres... Comtudo, parece-me que

encontraria uma recompensa, que poderia fazer esquecer a Augusto a

offensa e dores muito mais pungentes do que as que soffreu em virtude

d'esta desagradavel occorrencia.

--Qual é?--perguntou o conselheiro.

Henrique olhou para Magdalena, respondendo:

--Repito que tenho escrupulos em dizêl-o, porque talvez não seja eu o

mais competente para o fazer.

--Tem razão, primo--disse Magdalena.--Elle proprio o dirá. É mais

natural.

--Mas sábel-o tambem tu, Lena?

--Sei.

--Então dize-nol-o. Melhor para mim, se puder prevenir desejos.

Magdalena hesitou.

--Vamos, Henrique--disse Cristina, sorrindo--não esteja com tantos

escrupulos. Diga o que pensa.

--Pois quer? mas se sua prima me não perdôa?

--Eu o protegerei. Fale.

--Então, Christe?--tornou Magdalena.

--Bem; n'esse caso... Visto que m'o ordena quem pode.

--Fale, fale--disseram a um tempo o conselheiro, D. Victoria e D.

Dorothéa.

--Falarei. A recompensa a que Augusto aspira é a de fazer parte da

familia de... da nossa familia--respondeu Henrique, olhando para

Magdalena, que já não tentava retêl-o.

--De fazer parte da nossa familia?--repetiu o conselheiro.--Mas como?

--Como ha de ser? visto eu não estar resolvido a prescindir de

Christina, e Marianna ser ainda creança, facil é de conjecturar o unico

meio que ainda resta de realisar aquella pretensão.

O conselheiro comprehendeu a final, e fitando Magdalena poz-se a rir,

dizendo:

--Pobre rapaz! Pois metteu-se-lhe isso na cabeça?

--Mas que é a final? eu não entendo--dizia, embaraçada, D. Victoria.

--É uma coisa muito simples--respondeu Henrique.--Augusto sentiu o

effeito dos encantos da minha prima Magdalena, mas sentiu-os a ponto de

ligar a elles a sua felicidade, e de cair em adoração para com a

magnetisadora.

Esta explicação foi recebida com espanto por D. Victoria.

--Ora! está a brincar, primo Henrique? Não ouve aquillo, prima Dorothéa?

--Mas que é, que é?--perguntou esta.

-Diz que o Augusto aspirava...

--Perdão, eu disse que o Augusto adorava e não aspirava. Quem pode tomar

contas a um coração do culto que elle guarda religiosamente em si? A

prima Lena é adorada por aquelle rapaz, isso affirmo eu, porém...

--É possivel!--exclamou tambem D. Dorothéa, espantada.--Por essa não

esperava eu. Olhem para o que lhe havia de dar! Pobre Augusto!

O conselheiro ria ainda da noticia que recebera.

Magdalena córou ao ouvir todas aquellas exclamações de estranheza.

Cedendo ao impulso energico do seu caracter impetuoso e apaixonado,

disse com vivacidade:

--Não sei que haja no que diz o primo Henrique nada que mereça esses

espantos. Pois quem sou eu a final? Que distancia me separa da

humanidade, para que se tenha por um desacato uma affeição que inspire?

É verdade. Julgo que não se enganou o primo Henrique. Tambem eu descobri

esse affecto em Augusto. Nasceu-lhe no coração e não na cabeça, meu pae.

Ha muito que o sei, e nunca a descoberta me causou o espanto que vejo

nos outros. Digo mais, causou-me orgulho. Orgulho, sim, porque é natural

sentil-o por ter inspirado sentimentos d'aquella ordem a um caracter

generoso que, experimentado pelo infortunio, saiu sempre da prova mais

nobre e mais puro do que d'antes.

O conselheiro, que ouvira a filha com impaciencia, acudiu, em tom

profundamente irritado:

--Bem, bem, deixemo-nos de loucuras e de poesias, Lena. Vê lá se me

queres fazer acreditar que a vida da aldeia te estragou o natural bom

senso, até o ponto de tomares a sério phantasias e creancices.

--Não é phantasia nem creancice, é uma resolução de mulher--respondeu

Magdalena, com firmeza.

--Uma resolução de creança, que está na minha mão remediar--tornou o

conselheiro, como quem desejava cortar o incidente.

Porém para o génio de Magdalena já não era possivel recuar nem parar;

replicou:

--Talvez não. E deixe-me então dizer-lhe tudo, meu pae. Augusto nunca me

revelou esse segredo do seu coração. Adivinhei-lh'o eu. Longe de

procurar ser entendido, occultava-se e fugia; ainda hontem estava

resolvido a deixar a aldeia para sempre.

--Mas ficou--notou o conselheiro com ironia.

--Ficou--respondeu tranquillamente Magdalena--porque eu lhe pedi que

ficasse.

O conselheiro, ouvindo estas palavras, estremeceu de surpresa e fitou a

filha com olhar severo e interrogador.

A morgadinha proseguiu com uma serenidade, que occultava um esfôrço

interior:

--Ficou, porque eu lhe disse que o havia comprehendido e que acceitava a

affeição desinteressada e pura que elle guardava no coração; ficou,

porque eu, que só tarde soube do desespero que o obrigava a partir, e

que o sabia tão leal como pobre, tão innocente como perseguido pelo

infortunio, eu, que o vi quasi expulsar d'esta casa, sob o pêso de uma

accusação em cuja verdade nunca pude acreditar, julguei do meu dever ir

eu propria procural-o para lhe estender a mão e dizer-lhe: «fique, e

prometto-lhe que todos lhe farão justiça em breve.»

Quando Magdalena acabou de dizer estas palavras com firmeza e exaltação

crescentes, ninguem ousou falar na sala; e os olhos de todos

dirigiram-se quasi instinctivamente para o conselheiro.

Christina tremia; as outras senhoras pasmavam: Henrique e Angelo

sentiram-se profundamente inquietos.

Todos viram passar por differentes côres as faces do conselheiro, os

labios agitaram-se n'um tremor convulso, e com a voz evidentemente

alterada pela cólera, disse para a filha, passados alguns instantes:

--Pois, saiba, senhora, que para as leviandades de uma rapariga

estouvada, ha meios mais racionaes do que esses que parecem

naturalissimos á sua razão estragada pelos romances. Eu ainda não

prescindi da minha auctoridade paterna, e ella me servirá para corrigir

essas levezas, de que deveria envergonhar-se.

Esta scena de familia augmentava cada vez mais a difficuldade da posição

de todos os que estavam presentes. Ninguem ousava intervir, ou,

desejando-o, ninguem sabia a maneira de o fazer.

Entre as falsas situações, em que nos achamos ás vezes n'esta vida,

poucas se podem comparar no incómmodo que produzem, á de assistir a uma

questão domestica, por qualquer motivo que seja originada.

Quem se conservou d'aquella vez menos inactiva foi Christina, que

prendeu Lena nos braços, não sei se para instinctivamente a defender, se

para reprimir-lhe o impeto de reacção que receiava n'ella.

A morgadinha effectivamente repelliu-a com brandura de si e respondeu ao

pae:

--Ás vezes aos caracteres levianos estão confiadas tarefas generosas.

Cabe-lhes sanar muitas injustiças que por cálculo os mais reflectidos, e

por isso mais desconfiados, praticam sem piedade. Não me envergonho nem

arrependo do passo que dei. Não fiz mais do que salvar do desespêro uma

alma nobre e magnanima, que, se se perdesse, talvez um dia a sua

consciencia, senhor, o accusasse de não ser innocente n'essa perda. Quiz

evitar-lhe remorsos, meu pae. Se isto foi leviandade, que os annos m'a

não dissipem, como dizem que costumam fazer, porque prefiro ser leviana

assim, a ser cruel como...

O pae atalhou-a, e cada vez com mais vehemencia replicou:

--Pois siga, se quizer, a sua phantasia, senhora, mas terá de escolher

entre os seus caprichos e a minha approvação. Fique certa que, com o

consentimento meu, nunca um rapaz pobre, sem familia e sem posição,

especulará com o estouvamento de uma herdeira rica, que, tão esquecida

do que deve a si e aos seus, não hesitou em o procurar na propria casa,

sem reparar que estava sendo victima de uma comedia armada á sua credula

sensibilidade.

Antes do conselheiro concluir estas palavras estava alguem mais na sala.

Era Augusto.

Da sala proxima, onde chegára muito antes, ouvira elle o que o

conselheiro dizia em tom elevado, e o sentido das palavras que ouviu

venceu-lhe toda a hesitação e obrigou-o a entrar.

O conselheiro, reparando de subito n'elle, interrompeu-se e parou.

Augusto, respondeu-lhe então com dignidade e tristeza:

--Esse rapaz pobre, sem posição e sem familia, tem n'esse triplice

infortunio outros tantos titulos para ser respeitado dos felizes, como

v. ex.^a, e eu não prescindo d'esses direitos.

O conselheiro continuava silencioso, como hesitando no que devesse

responder a Augusto. A irritação dictava-lhe uma violenta resposta, mas

já lh'o não permittia a consciencia.

Augusto continuou:

--Sei que v. ex.^a está já convencido de que as suspeitas, que pesavam

sobre mim, eram injustas. N'esse periodico, que ainda tem na mão, veem

as provas da minha innocencia. Vi-o em casa do Seabra, d'onde venho

agora. Procurei-o, decidido a saber toda a verdade por qualquer preço

que fôsse; elle não m'a negou; contou-me tudo. Por isso, ao vir aqui,

sr. conselheiro, ao voltar a esta casa, onde era recebido como amigo,

antes que me expulsassem d'ella como infame, esperava encontrar a

receber-me a justiça e a amizade... Enganei-me; em vez d'ellas, foi o

insulto, mais pungente e menos justificado do que o primeiro, que eu

encontrei!

--Menos justificado?--repetiu o conselheiro, azedadamente.

--Menos justificado, sim, muito menos; porque v. ex.^a podia julgar-me

criminoso, pode julgar-se com direito de duvidar de mim, mas não tem o

de duvidar de sua filha; porque a sr.^a D. Magdalena pedindo a seu irmão

que a acompanhasse a casa de um pobre, que ella sabia ser victima de uma

immerecida accusação, e a quem o desalento e o desespêro faziam

succumbir, não se esqueceu do que devia a si e aos seus; pelo contrario,

aos seus devia aquelle acto de sublime generosidade, porque das mãos dos

seus viera o golpe que me ferira. Eu tinha sido expulso d'esta casa, sr.

conselheiro, como um miseravel e infame; os filhos de v. ex.^a, que

sempre fôram meus amigos, a quem v. ex.^a ensinára a sel-o, vieram á

minha dizer-me: «Não parta, deve á nossa confiança a justiça de ficar».

--É verdade--disse Angelo--eu acompanhei Magdalena. O pae diz-me muitas

vezes que não tenha pressa de principiar a duvidar; eu não podia

principiar por Augusto. Não duvidei.

O conselheiro respondeu a Augusto com reserva e mal disfarçado despeito,

ainda que em tom moderado:

--Sei que fui injusto comsigo, Augusto, e sinto-o do coração, creia.

Ainda que as apparencias o culpassem, arrependo-me de não ter tido mais

fôrça a minha confiança para não ceder. Peço-lhe por isso...

humildemente... perdão. Iria a sua casa pedir-lh'o se não viesse aqui.

Que mais quer? Acha-se com direitos a exigir mais? Será isso motivo para

antevêr realisadas loucuras de rapaz?...

Augusto não o deixou continuar.

--Ouça-me, sr. conselheiro--disse elle placidamente--deante de todas as

pessoas que me escutam, lealmente e sem hesitar, patentearei o meu

coração. É verdade que essas loucuras se apoderaram de mim, que desde

creança até hoje, tenho sido todo d'ellas; mas que importam aos outros,

se eu commigo as guardava? se nunca por ellas regulei os actos da minha

vida? Occorrencias imprevistas me arrancaram este segredo, que eu fiz

sempre por suffocar. Nem ambições me despertou, como meio de realisal-o,

porque nem eu realisal-o pensava. Resignar-me-hia a morrer com elle, sem

o revelar a ninguem; mas adivinhado por quem o fizera nascer, e,

deixe-se-me o orgulho de o dizer, adivinhado e correspondido, que muito

era que me tomasse a vertigem, e que eu por momentos me deixasse cegar

pelo fulgor de imprevistas esperanças? Perdôe-se-me a fraqueza. As

illusões duraram pouco; as palavras de v. ex.^a dissiparam-n'as... um

tanto cruelmente, mas em todo o caso acordei. Creia, sr. conselheiro,

que o ser pobre, sem familia e sem nome, impõe tambem uma certa ordem de

deveres, a que eu serei fiel. Não é o de humilhar-me, é o de manter a

unica dignidade que me resta, a dignidade moral. Já vê v. ex.^a que se

enganou de duas maneiras: nem da parte do rapaz pobre houve especulação,

nem da parte da herdeira rica estouvamento.

E, acabando de dizer estas palavras, Augusto inclinou-se respeitosamente

deante do conselheiro, e ia a sair, depois de lançar a Magdalena um

extremo olhar de despedida.

A morgadinha, porém, ergueu-se, e, apesar dos esforços de Christina para

a reter, veio collocar-se no caminho de Augusto, e estendendo-lhe a mão

disse:

--Não saia, Augusto. Em nome de meu pae lhe peço que não saia.

--Magdalena!--disse o conselheiro com severidade.

--Sim, em seu nome, senhor; porque quero livrar-lhe o futuro de

remorsos; sim, em seu nome, porque hei de fazer-lhe ouvir a voz do

coração, que tantas vezes desattende, arrependendo-se amargamente

depois.

--Magdalena!--repetiu o conselheiro com mais fôrça.

--Minha senhora! disse Augusto.

Porém a morgadinha obedecia agora inteiramente á vehemencia do caracter

apaixonado.

--Sinceramente revelei ha pouco os sentimentos do meu coração; todos me

ouviram; todos ouviram agora Augusto. Fale, senhor, com a mesma

franqueza e lealdade, com que nós o fazemos; poderá confessar a natureza

dos escrupulos que o obrigam a essa resistencia? Não se envergonharia

d'elles? E quer que lhe obedeça! mas obedecer-lhe seria offendel-o,

porque seria acreditar na constancia d'essa má paixão que o domina, e no

seu bom coração não pode ella durar muito tempo.

O conselheiro, no auge da irritação, ia talvez a responder

violentamente. Christina e Angelo tinham-se approximado de Magdalena; as

outras senhoras principiavam a ensaiar em surdina as primeiras

tentativas conciliadoras; Henrique meditava um plano de intervenção, que

elle suppunha já indispensavel, quando um incidente veio interromper

esta scena e modificar a feição critica do caso.

O incidente foi a chegada de um criado de farda, pertencente ao serviço

de um proprietario da villa proxima. Este criado era portador de uma

mensagem para o conselheiro.

O velho Torquato tinha adormecido na sala immediata; o lacaio

dispensou-se de o acordar, e guiou-se pelo som das vozes para chegar á

presença do conselheiro.

A chegada do lacaio acalmou a tempestade domestica, que principiava a

carregar-se.

O conselheiro, conhecendo-o, interrogou-o sobre o fim d'aquella visita.

O criado respondeu:

--Venho para entregar a v. ex.^a esta parte telegraphica, que chegou a

meu amo logo depois que tinham partido as malas do correio, de maneira

que não pôde mandal-a com ellas.

O conselheiro, agitado ainda, pegou no papel, que o mensageiro lhe deu,

e correu-o com a vista.

Immediatamente um raio de alegria lhe fuzilou nos olhos.

Acabando de ler, disse ao criado, que esperava resposta:

--Dize a teu amo que recebi, e que pode responder que sim.

O criado saiu.

N'este meio tempo as senhoras e Christina rodeavam Magdalena e

combinavam um projecto de harmonia domestica; Angelo e Henrique

desempenhavam-se junto de Augusto de quasi identica tarefa.

O conselheiro estendeu a Henrique a parte telegraphica, emquanto que uma

visivel satisfação se lhe desenhára no semblante.

--Leia e admire--disse elle.

Henrique leu, e não reteve uma exclamação de surpresa.

A parte dizia:

«Avise o conselheiro Manuel Bernardo para quanto antes se apresentar em

Lisboa. Estou encarregado de organisar ministerio e quero que elle

acceite uma das pastas.»

Assignava-a um dos mais notaveis vultos politicos do paiz.

Henrique, que sabia o valor de certas opportunidades, e a quem a

surpresa da noticia não fez esquecer a crise domestica a que assistira,

disse, logo que acabou de ler, e dirigindo-se a Magdalena:

--Prima Magdalena, compete-lhe ser a primeira a dar ao novo ministro os

emboras pela sua nomeação.

A palavra «ministro» produziu sensação na sala. D. Victoria exclamou:

--Ministro! Pois quem é que está ministro? O mano?... Ora, sim senhor!

acertou sua magestade!...

--Mas... valha-nos Deus! O ponto está que não façam por ahi alguma

revolução para o deitar abaixo--acudiu D. Dorothéa, em cujo animo os

factos das nossas dissenções civis tinham deixado sinistras ideias

ligadas á palavra ministro.

Magdalena, Angelo e Christina correram a abraçar o conselheiro; Henrique

reteve, porém, os dois ultimos dizendo:

--Primeiro Lena. Talvez tenha a pedir alguma mercê a s. ex.^a, e á

primeira não ha caracter de ministro que não ceda.

O conselheiro sorriu já.

Magdalena beijou-lhe a mão, e o pranto, provocado pela violencia das

scenas anteriores, e até alli a custo reprimido, rebentou agora

abundante, banhando as mãos do pae.

Henrique afastou-se a conversar com Augusto, para o não deixar sair da

sala.

O coração do conselheiro não era de pedra. Duas causas poderosissimas

conspiravam-se para abrandal-o. Como homem politico, havia a satisfação

da maxima ambição de todos, a noticia de ser chamado ao ministerio. Nos

momentos em que vemos satisfazer-se qualquer ardente desejo do nosso

coração, abrimo-nos ás sympathias para com os desejos dos outros; se de

nós depende realisal-os, cedemos de boa vontade. Como pae, havia as

lagrimas da filha a convencel-o, e a eloquencia d'este argumento das

lagrimas em olhos de mulher, é geralmente sabida: quanto mais se a

mulher é joven e bella! quanto mais se a mulher é filha!

Sem o menor vestigio da irritação anterior, o conselheiro ergueu

Magdalena, apertou-a ao seio e disse-lhe meigamente:

--Por que choras tu, Lena? Creança! Então promettes-me ser muito feliz,

se eu te deixar fazer as tuas loucuras?

Magdalena respondeu-lhe, abraçando-o affectuosamente, e beijando-o.

Ha argumento mais convincente do que este? Conhecem arma mais poderosa

contra as severidades de um pae?

O conselheiro beijou tambem paternalmente nas faces a filha, e

voltando-se depois para Augusto, disse-lhe, em tom de voz quasi

affectuoso:

--Augusto, vou confiar-lhe a minha felicidade, confiando-lhe a

felicidade da minha Lena. Vingue-se da injustiça e do mal que lhe fiz,

tornando-m'a venturosa. É a unica vingança á altura da sua alma.

Augusto não teve tempo para responder. Se uns restos de orgulho

tentassem luctar ainda com o amor, suffocal-os-hiam os esforços

combinados de Christina, de D. Victoria e de D. Dorothéa, que o

arrastaram quasi para junto do conselheiro.

E toda aquella familia, em que não havia n'aquelle momento um só coração

triste, confundiu-se por algum tempo no mais desordenado, pueril e

pathetico grupo, que pode desenhar um artista.

Para mais tocante confusão ainda, as creanças, que voltavam dos seus

brinquedos na quinta, entraram então na sala, e de boa vontade se

associaram áquella manifestação de alegria, sem querer saber o que a

motivára,

São assim as creanças. Alegres por instincto, saudam as scenas alegres

sempre que as vêem, sentem-as antes de as explicarem.

Fôram innumeraveis os beijos, os abraços, as palavras de affecto, os

sorrisos, as lagrimas, as exclamações pueris que se trocaram entre os

diversos actores d'esta scena de familia.

Chegado a este ponto da minha narração, nada melhor posso fazer do que

deixar á imaginação dos leitores concluil-a.

Haverá algum tão malfadado, que na sua vida não tenha visto representada

uma scena assim?

Esse mesmo, se existe, obriga-me a não proseguir.

O quadro que reproduzisse, exacerbar-lhe-hia o desconsolo da alma, de

que por certo é victima.

Paremos aqui, para que nos fique nos ouvidos este jovial rumor de

beijos, de risos e de vozes de alegria, porque, a prolongarmos mais a

narração, vêl-o-hiamos abafado pelos sons revolucionados e anarchicos da

philarmonica da terra, que não tardará a festejar a nomeação do

conselheiro, e sobretudo pelo estridor da tuba do mestre Pertunhas, tuba

verdadeiramente épica, e capaz de mudar a côr ao gesto, como a de que

fala o poeta.

Fechemos pois aqui a historia, dando apenas succinta conta dos

acontecimentos ulteriores.

CONCLUSÃO

O conselheiro partiu no dia seguinte para Lisboa, para tomar parte na

pilotagem da nau do Estado. Estive tentado a dizer, para satisfação de

animo dos meus leitores, que, sob a direcção dos talentos e aptidões do

novo estadista, se locupletou a fazenda publica, prosperou a agricultura

e a industria, refulgiram as artes e as lettras; e que Portugal, como a

Grecia, sob Pericles, causou o assombro das nações do mundo.

Mas receiei que, phantasiando no nosso paiz um governo fecundo e

prospero, a inverosimilhança do facto prejudicasse no espirito dos

leitores a dos outros episodios narrados, e, lhes entrasse com isto a

desconfiança no chronista. Resolvi pois ser franco, declarando que sob a

direcção do conselheiro e dos seus collegas, Portugal regeu-se, como se

tem regido sob as duzias de ministerios, que nós todos havemos já

conhecido.

O conselheiro, já ministro, voltou tempos depois á aldeia, para assistir

aos casamentos de Magdalena e de Christina, que se verificaram no mesmo

dia.

Christina e Henrique foram viver para Alvapenha, para condescender com

D. Dorothéa, que não podia resignar-se a viver só.

Sob a superintendencia do novo administrador, transformou-se

completamente a quinta, e é hoje uma das mais rendosas e bem geridas

propriedades d'aquelles sitios.

Henrique, o elegante do Chiado, o frequentador do Gremio e de S. Carlos,

está um rico e laborioso proprietario rural. Apaixonou-se pela

agricultura, e promette realisar o typo do antigo patriarcha.

Cumpriu-se a sua visão.

Das mil e uma molestias, com que saira de Lisboa, já nem memoria lhe

resta.

Christina, além de ser adorada pelo marido, vê-se rodeada pelo amor e

carinhos de D. Dorothéa e de Maria de Jesus, as quaes, sem o menor

despeito, a viram tomar o sceptro da realeza domestica, que usa com

adoravel brandura, desenvolvendo de dia para dia os seus talentos de

mulher.

No Mosteiro não correm peor as coisas, sob os cuidados de Augusto e de

Magdalena, que ahi ficaram, por exigencias de D. Victoria. Augusto, além

de se occupar de agricultura, alimenta a imaginação, já não a fazer

versos, mas em outra fórma de poesia: a organisar a escola sob bases

mais racionaes, e dotação mais fecunda; a generalisar e educar os

processos agricolas; a implantar industrias novas.

É assim que a sericultura, graças aos seus cuidados, é hoje alli

cultivada com bons resultados, e outras já principiam a ensaiar-se.

Magdalena é sempre a mulher que foi; se é que as nobres qualidades já

reveladas nos seus actos de juventude, não se vão caracterisando inda

melhor, á medida que de mais graves deveres se incumbe a sua missão de

mulher. Intelligencia temperada por um bom senso natural, que a educação

esmerada não estragou, como a tantas acontece, caracter apaixonado, mas

de trato affavel e insinuante, meiga sem indolencia, grave sem

severidade, acompanha-a o encanto que a todos prende, que não faz sentir

a ninguem o peso da obediencia.

É hoje quem tudo dirige no Mosteiro; querida pelos primos, querida por

D. Victoria, adorada pelo marido e abençoada pelo povo, que soccorre com

esmolas e conselhos, pode bem dizer-se que reina n'aquelles sitios.

D. Victoria resignou na sobrinha todos os encargos domesticos, salvo o

direito de ralhar com os criados, que ella sustenta serem os peores do

mundo; prompta sempre a intervir a favor de qualquer d'elles, quando

despedidos.

Em relação ás personagens secundarias d'esta historia pouco teremos a

dizer.

O brazileiro fez as pazes com o conselheiro, porque este, logo que

entrou para o ministerio, mandou lavrar o decreto em que se nomeava

visconde de não sei quê o seu antigo inimigo. Foi este o primeiro acto

politico do gabinete, que o paiz ingrato teve a sem-razão de não

applaudir.

O brazileiro, em paga, entrou com Augusto em competencia de

melhoramentos locaes, com grande proveito da aldeia.

O sr. Joãozinho, em vista d'esta fusão de partidos, achou-se encorporado

na liga, e em pouco tempo teve occasião de demonstrar de novo a sua

influencia eleitoral, trazendo compacta á urna a freguezia de Pinchões,

para reeleger o conselheiro que, pela sua nomeação, perdera o logar de

deputado. D'esta vez ninguem lh'o disputou, e era edificante vêr o

brazileiro ao lado do Tapadas, esquecidos antigos odios, votando de

commum accordo e de boa harmonia.

A reconciliação entre dois adversarios commove sempre a alma.

O sr. Joãozinho não mudou de habitos, e cada vez tem mais dividas, mais

cães e mais bebedeiras.

O Pertunhas foi perdoado, e continua imperturbavel nas suas funcções de

ensino e na commissão do correio, odiando os irmãos Virgilios e

desafogando as suas mágoas na embocadura da trompa.

O homem queixa-se de ter sido victima de uma vingança. Confessa que por

brincadeira tirára uma carta da pasta de Augusto, mas que a tornára a

collocar no seu logar e por isso...

A familia Zé P'reira vae em rapida decadencia; o homem já nem tem fôrça

para fazer resoar o zabumba. É esta uma das que mais deve á caridade de

Magdalena.

O conselheiro, ainda hoje no gôso imperturbado dos votos unanimes

d'aquelle circulo eleitoral, vem de quando em quando retemperar o animo

exhausto nas fadigas parlamentares e nas diversões da capital, no seio

da sua feliz familia, e volta melhor.

Angelo, logo que principiam as ferias dos seus estudos superiores, corre

com alvoroço de creança a gosar na aldeia os dias que elle já presente

terem de ser os mais felizes de toda a sua vida.

A quinta dos Cannaviaes, á qual andam ligadas suaves recordações dos

dois venturosos pares, que os incidentes d'esta historia reuniram, foi

transformada por Magdalena n'uma habitação de recreio, onde as duas

familias celebram, durante o anno, algumas festas em commum.

Estes melhoramentos vieram confirmar o titulo de que Magdalena havia

muito estava de posse.

E hoje é ella ainda entre a gente do povo conhecida pelo nome de

«Morgadinha dos Cannaviaes».

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

Lista de erros corrigidos

Aqui encontram-se listados todos os erros encontrados e corrigidos:

+----------+---------------------+----------------------+

| | Original | Correcção |

+----------+---------------------+----------------------+

| Volume I | | |

|#pág. 144| precipios | precipicios |

|#pág. 162| se se sentem | se sentem |

|#pág. 169| a seu seu vêr | a seu vêr |

|#pág. 264| uma uma explicação | uma explicação |

| | | |

| Volume II| | |

|#pág. 27| glo['r]ia | gloria |

|#pág. 68| examimal-a | examinal-a |

|#pág. 95| encontrassse | encontrasse |

|#pág. 148| coisapor | coisa por |

|#pág. 200| ovialmente | jovialmente |

|#pág. 215| fregrezia | freguezia |

|#pág. 218| principalte | principalmente |

|#pág. 248| saparámo-nos | separámo-nos |

+----------+---------------------+----------------------+

End of Project Gutenberg's A Morgadinha dos Cannaviaes, by Júlio Dinis

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK A MORGADINHA DOS CANNAVIAES \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 29120-8.txt or 29120-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

http://www.gutenberg.org/2/9/1/2/29120/

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was

produced from images generously made available by National

Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

Updated editions will replace the previous one--the old editions

will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no

one owns a United States copyright in these works, so the Foundation

(and you!) can copy and distribute it in the United States without

permission and without paying copyright royalties. Special rules,

set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to

copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to

protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you

charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you

do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose

such as creation of derivative works, reports, performances and

research. They may be modified and printed and given away--you may do

practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is

subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free

distribution of electronic works, by using or distributing this work

(or any other work associated in any way with the phrase "Project

Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License (available with this file or online at

http://gutenberg.net/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm

electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project

Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the

terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be

used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few

things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See

paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project

Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the

collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative

works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project

Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by

keeping this work in the same format with its attached full Project

Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or

creating derivative works based on this work or any other Project

Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United

States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project

Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.net

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is

posted with permission of the copyright holder), the work can be copied

and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the

work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this

electronic work, or any part of this electronic work, without

prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project

Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary,

compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.net),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a

copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm

License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing

access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from

the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method

you already use to calculate your applicable taxes. The fee is

owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he

has agreed to donate royalties under this paragraph to the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you

prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax

returns. Royalty payments should be clearly marked as such and

sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the

address specified in Section 4, "Information about donations to

the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he

does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or

destroy all copies of the works possessed in a physical medium

and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the

electronic work is discovered and reported to you within 90 days

of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set

forth in this agreement, you must obtain permission in writing from

both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael

Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the

Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm

collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic

works, and the medium on which they may be stored, may contain

"Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or

corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual

property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a

computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by

your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project

Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all

liability to you for damages, costs and expenses, including legal

fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can

receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you

received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity

providing it to you may choose to give you a second opportunity to

receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy

is also defective, you may demand a refund in writing without further

opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTIBILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied

warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the

law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be

interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any

provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone

providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works,

harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm

work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any

Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of

electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists

because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from

people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the

assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg-tm's

goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation web page at http://www.pglaf.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive

Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit

501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the

state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at

http://pglaf.org/fundraising. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent

permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S.

Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at

809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email

business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact

information can be found at the Foundation's web site and official

page at http://pglaf.org

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide

spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest

array of equipment including outdated equipment. Many small donations

($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt

status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating

charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a

considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations

where we have not received written confirmation of compliance. To

SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit http://pglaf.org

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition

against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make

any statements concerning tax treatment of donations received from

outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation

methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including including checks, online payments and credit card

donations. To donate, please visit: http://pglaf.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed

editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S.

unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily

keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

http://www.gutenberg.net

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm,

including how to make donations to the Project Gutenberg Literary

Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.